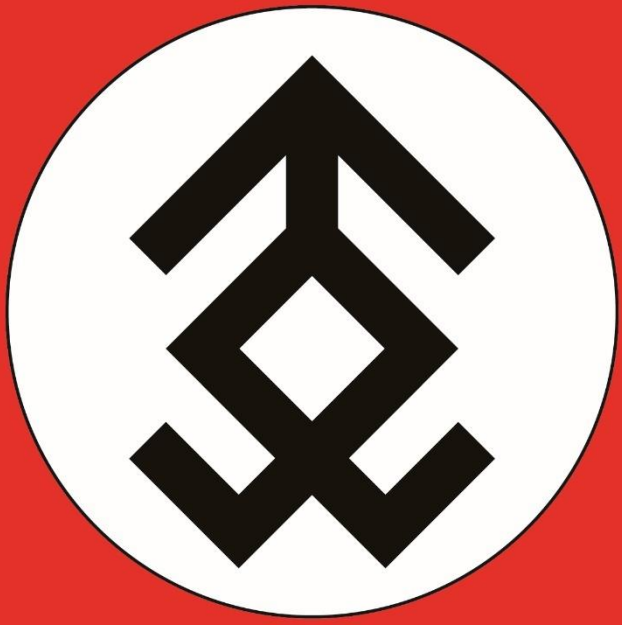
FUNDAMENTOS DA SABEDORIA HIPERBÓREA

SEGUNDA PARTE
METAFÍSICA HIPERBÓREA
TOMOS **I** AO **V**



NIMROD DE ROSARIO
Ordem de Cavalheiros Tirodal

PRIMEIRO TOMO: O VIRYA PERDIDO E O FATO CULTURAL

SEGUNDA CARTA AOS ELEITOS

I - Saudações aos Eleitos que vão instruir-se na Ética noológica, quer dizer, àqueles que começam, desde hoje, a receber os tomos correspondentes à Segunda Parte do Livro Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Em nome dos Cavalheiros Tirodal, e no seu próprio, o autor oferece uma saudação de Camarada, quer dizer, um Sinal de Honra, àqueles Eleitos que compreenderam e aceitaram os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea expostos na Primeira Parte. Para aqueles que compreenderam e aceitaram tais Fundamentos, abre-se, a partir de hoje, o caminho da Iniciação Hiperbórea: justamente na Segunda Parte se desenvolveram os temas que a Ordem considera de conhecimento necessário e inevitável para todo Iniciado Hiperbóreo. Os modelos analógicos do Espírito Esfera e da estrutura cultural, já estudados, e os conceitos baseados neles, vão permitir agora uma rápida compreensão dos temas estritamente iniciáticos. Com outras palavras, a Primeira Parte oferece o contexto adequado para que os conceitos iniciáticos apresentados em continuação adquiram o significado inequívoco que os aproxime à Verdade revelada pela Ordem. O seguinte ato consiste, pois, em compreender e aceitar a Segunda Parte e em aguardar o chamado da Ordem, CHAMADO QUE SÓ SE CONCRETIZARÁ SE O ELEITO PROPICIA UM KAIROS INICIÁTICO, QUER DIZER, SE PRODUZ, COM SEUS ATOS, A "OPORTUNIDADE" DE TER ACESSO À INICIAÇÃO HIPERBÓREA. Contudo, antes de começar os estudos dos temas iniciáticos, é conveniente esclarecer algumas interrogações que muito possivelmente já estejam apresentadas na mente dos Eleitos: por exemplo, por que se revela HOJE a via da oposição estratégica? O que se requer para ter acesso à Iniciação Hiperbórea? Como se exporão estes requisitos na Segunda Parte? Que qualidade faz possível que um virya perdido seja considerado um Eleito da Ordem de Cavalheiros Tirodal? E, fundamentalmente, por que é tão importante o ponto de vista ético? A responder tais interrogações se dedicam as seguintes partes da Carta.

II - O Dia do Espírito

Não é necessário declarar, a esta altura, que o presente livro foi redigido para a consideração de um público ocidental. É óbvio que a Sabedoria Hiperbórea, cujos fundamentos se expõem aqui de maneira elementar, constitui uma via geral de liberação espiritual adequada para a compreensão do homem ocidental. Este "homem ocidental" é, desde já, o virya perdido de nossa Weltaschauung, o homem semidivino que, em sua memória do sangue, guarda a Recordação da Origem, o homem, enfim, de "linhagem hiperbórea".

Ao virya perdido do Ocidente a Sabedoria Hiperbórea oferece HOJE uma saída heroica, mostrando-lhe, com uma linguagem de sinais que ele é capaz de compreender, o caminho que conduz para transcendência absoluta do Espírito; tal caminho, é claro, não poderá ser transitado sem luta e tal luta, naturalmente, não poderá travar-se sem uma correta preparação prévia para o combate: esse é o objetivo da INICIAÇÃO HIPERBÓREA, à qual o conteúdo deste livro pode servir como introdução, mas à que só se pode ter acesso por intermédio de um PONTÍFICE HIPERBÓREO, quer dizer, de um virya desperto especialista em Estratégia Hiperbórea.

Mas, por que HOJE? Por que uma revelação neste momento e não ONTEM? A que se deve que, de repente, se abram as portas do Mistério? E, sobretudo, o que significa "hoje" e "ontem"? Resposta: Antes de tudo, fixemos o justo sentido que há que se dar a "hoje"; HOJE é uma palavra que designa o tempo presente em relação ao dia: "o dia presente"; contudo, aqui não empregaremos a palavra com tal sentido transitório e cotidiano, senão com um alcance que é próprio da visão histórica: o hoje ao qual nos referimos é UM DIA EM SENTIDO HISTÓRICO, que inclui o momento atual, um dia que começou depois de uma longa noite de trevas infernais. Nessas trevas transcorreu o ONTEM do virya perdido, no seio de uma noite que acabou há apenas um instante, para dar passagem aos primeiros raios de luz do dia de HOJE; e logo, graças à Sabedoria Hiperbórea reencontrada pelos viryas, será possível para muitos o milagre da liberação espiritual.

Perguntar-nos-emos, agora: e quando começou esse Dia do Espírito? Quem é o Sol que o ilumina? Resposta: esse dia, que é o hoje dos viryas perdidos, o tempo em que eles poderão declarar INDIVIDUALMENTE guerra ao Aprisionador de Espíritos, ESSE DIA COMEÇOU NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. E o Sol que começou a amanhecer nos anos 30, e que desde então ilumina o Dia do Espírito, é o Grande Siddha que os viryas perdidos conheceram como Adolf Hitler, o Führer dos povos germânicos. Ele, graças a um domínio absoluto da Estratégia Hiperbórea, por causa de alguns conhecimentos tão terríveis que não nos atreveríamos sequer a esboçar aqui, abriu uma brecha na muralha inimiga, na Estratégia de Chang Shambala. E essa greta, pela qual há de penetrar o socorro da Sabedoria Hiperbórea, não poderá ser selada pelos Demônios antes de UM MILÊNIO. Mas, nesse então, terá acabado o Kaly Yuga, a Era das Trevas que começou há quinhentos mil anos e que o Führer veio fechar com a luz do Dia do Espírito.

Este é, pois, o Dia do Espírito, um dia milenar iluminado pelo Führer. Neste dia os viryas perdidos poderão comer novamente o fruto da Gnose: o fruto proibido que pende da árvore da Sabedoria Hiperbórea, cujas raízes se nutrem do Sangue Puro do GRAL.

III - O "despertar" do virya perdido

O que propõe a Sabedoria Hiperbórea aos viryas perdidos, neste Dia do Espírito? Explicaremos passo a passo, pois a resposta deve estar claramente relacionada com o problema da liberação espiritual.

Não importa aqui o motivo da decisão: a intuição do Eu Infinito ou do Símbolo da Origem, ou ter escutado a Canção de A-mort dos Siddhas, etc. O importante é que, quando o virya perdido se decide a procurar a liberação do Espírito, SEU PRIMEIRO PASSO SÓ PODE CONSISTIR NA BUSCA DO SELBST, O ASSENTO DO EU DESPERTO. A concretização dessa busca implica em um SALTO GNÓSTICO que separa o Eu de sua confusão com o sujeito consciente, de sua identificação com o tempo imanente, e o translada para o Selbst, convertido, assim, em Eu desperto, em sujeito atemporal. Desde o Selbst, o Eu desperto poderá, por fim, realizar o desencadeamento do Espírito e transmutar-se, se o deseja, em Siddha Berserkir. Percebe-se, então, o valor desse "primeiro passo" que conduz ao Selbst e se compreende, também, o sumo interesse que para o virya perdido tem sua execução.

A esse primeiro passo a Sabedoria Hiperbórea denomina DESPERTAR: o DESPERTAR é desde agora, graças ao Führer, uma possibilidade ao alcance de todos, quer dizer, exotérica. A palavra DESPERTAR expressa um conceito sintético cujo significado só é exato se é compreendido no contexto da Sabedoria Hiperbórea: esta palavra sugere, por exemplo, que o Eu perdido que tenta dar o primeiro passo para a liberação espiritual, quer dizer, que tenta DESPERTAR, está na verdade ADORMECIDO, submerso no sonho de sua confusão com o sujeito consciente.

Pois bem, tendo em conta estes esclarecimentos, podemos afirmar que a Sabedoria Hiperbórea propõe ao virya perdido UM MODO DE DESPERTAR, quer dizer, ensina a maneira de dar esse primeiro passo, de aplainar essa distância "NÃO ESPACIAL, NÃO TEMPORAL, SENÃO ESTRATÉGICA" que separa o Eu perdido do Selbst. Nesta Segunda Parte, vamos explicar com detalhes o MODO DE DESPERTAR que propõe a Sabedoria Hiperbórea; mas, para que tal explicação cumpra seu objetivo esclarecedor, é necessário expor logo de cara seu método, mostrar para onde apontam as exposições. Tal necessidade se entenderá melhor se percebemos que o DESPERTAR do Eu perdido não é uma operação que admita analogias lineares, ou seja, não é possível oferecer uma explicação passo a passo como, por exemplo, o método para trocar o pneu do automóvel, com um programa de caminho criterioso. A impossibilidade, no entanto, não obedece a motivos esotéricos nem misteriosos, pois tem sua origem na natureza polifacetada do problema do despertar, que impede de tratar o tema desde um só ângulo. Devemos começar, pois, por expor o problema e o método empregado em resolvê-lo.

O problema do despertar pareceria facilmente resolvido apenas respondendo à seguinte pergunta: o que deve fazer, concretamente, praticamente, o virya perdido, para despertar? Mas ocorre que para esta pergunta ética só cabe uma resposta: O VIRYA PERDIDO DEVE MODIFICAR PERMANENTEMENTE A ATITUDE DE SEU EU E COM TAL ATITUDE DEVE AVANÇAR PARA O SELBST. Olhando bem, essa resposta apresenta, por sua vez, duas questões: qual é essa nova atitude do Eu perdido? E, como saber PARA ONDE HÁ QUE SE AVANÇAR, quer dizer, onde fica o Selbst? E as respostas a ambas as questões são as que impedem de tratar o tema de forma linear, uma vez que não convém, sob nenhum ponto de vista, expô-las separadamente. Iremos, pois, em busca de ambas as respostas, aproximando-nos a elas em conjunto.

Das duas respostas, a primeira é a mais fácil de resumir ANTECIPADAMENTE e a segunda a mais difícil; para explicá-las, ao contrário, partiremos da segunda e tardaremos bastante em chegar à primeira. Adiantaremos, agora, ambas as respostas, para que se entenda o método que segue a explicação, ainda que logo sejam compreendidas mais adiante.

Como resposta à primeira pergunta, a Sabedoria Hiperbórea propõe a prática da HONRA. Mas tal Honra não é uma mera "virtude moral", senão uma Moral em si mesma, um modo de vida que situa o virya perdido "além do bem e do mal", quer dizer, além dos conceitos judaicos de "bem" e "mal". Porque acontece que a Honra é algo que, como o Eu perdido, pode ser despertada. Como? Adotando uma ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA. Segundo veremos, esta atitude desperta por si só o virya perdido e fortalece poderosamente a vontade egóica, favorecendo a mudança definitiva: isso é possível porque A HONRA DO VIRYA É O ATO DE SUA VONTADE GRACIOSA.

A primeira resposta se reduz, assim, à uma descrição da "atitude graciosa luciférica". Mas ocorre que tal conceito, para transmitir com clareza seu significado, requer ser exposto em um quadro ÉTICO-NOOLÓGICO, quer dizer, em um contexto próprio da Sabedoria Hiperbórea. O que mais desenvolvimento levará a explicação será então construir dito contexto.

A atitude graciosa luciférica se definirá no tomo oitavo como caráter típico de uma TIPOLOGIA ÉTICO-NOOLÓGICA DO VIRYA PERDIDO, quer dizer, uma tipologia que só leva em conta o aspecto espiritual do virya, seu Eu perdido. A segunda resposta é a mais difícil de se antecipar, apesar de constituir o tema com que se iniciará a explicação. O virya trata de despertar e para isso deve buscar o Selbst; mas onde se encontra o Selbst? Não há que se insistir em que até há pouco, antes do Dia do Espírito, a resposta a tal pergunta formava parte do Mistério. Hoje,

no entanto, podemos responder a ela POR MEIO DE UM SÍMBOLO. Não se trata, desde já, de um símbolo novo, o que seria suspeito e absurdo, senão de um muito antigo, que os homens de Cro-magnon salvaram da Atlântida e conservaram por milênios como mostra do mais elevado saber, como representação de uma verdade terrível, revelada aos homens pelos Deuses. Aqueles Deuses foram, é claro, os Siddhas de Agartha, os quais, durante um longo período, reinaram sobre a Atlântida tentando transmutar as raças de viryas perdidos mediante métodos carismáticos de Estratégia Hiperbórea. Nesse tempo, o símbolo ao qual aludimos, e que vamos chamar de LABIRINTO EXTERIOR, era a chave de transmutação da mais alta Iniciação, o fundamento do Mistério: por seu intermédio, quer dizer, pela apreensão de sua verdade oculta, o homem semidivino podia transformar-se em Deus.

Segundo se detalha no inciso "A Ressignificação de Wotan", e nos incisos subsequentes, foi graças ao sacrifício de sua voluntária crucificação na Árvore do Mundo, que Wotan redescobriu o segredo do encadeamento espiritual. O Grande As contemplou, então, o Símbolo da Origem e revelou aos arianos as Runas incriadas que fazem possível a liberação espiritual e a conquista da eternidade perdida na Origem, tornando-se, assim, o Guia Racial da Raça Branca Hiperbórea. Consumou essa revelação instituindo o Mistério do Labirinto, o primeiro dos Mistérios Antigos: aquele Mistério constituiu a base da Ordem Medieval Einherjar, fundada por John Dee na Alemanha, cujo funcionamento secreto durante três séculos concluiu na Thulegesellschaft e a SS. O Mistério do Labirinto, resolvido pelos Siddhas da Ordem Einherjar, denominou-se, em linguagem moderna, "via da oposição estratégica" e assim passou à Ordem de Cavalheiros Tirodal, os quais são seus atuais depositários na América do Sul. Em síntese, podemos adiantar que a revelação de Wotan, o Mistério do Labirinto, consistiu em um sinal rúnico conhecido como "o Labirinto Exterior de Wotan", TIRODINGUIBURR, ou "o Símbolo Sagrado do Virya". A importância desse sinal há que se avaliar a partir da seguinte propriedade: SEU SIGNIFICADO EXPRESSA A TOTALIDADE DA SABEDORIA HIPERBÓREA; quer dizer, a Primeira e a Segunda Parte do livro Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea só contêm aproximações sistemáticas ao significado do Símbolo Sagrado do Virya.

Ao Símbolo Sagrado do Virya, Tirodinguiburr, se qualifica na Sabedoria Hiperbórea como "a Solução de Wotan ao problema do encadeamento espiritual". Este problema pode se reduzir racionalmente à necessidade de cumprir com dois atos egóicos: despertar e orientar. Com outras palavras, o Eu perdido deve primeiro "despertar" de sua submissão psicológica no sujeito consciente e, segundo, "orientar-se" para o Selbst. O Símbolo Sagrado do Virya facilita com folga a execução de ambos os atos, tal como se demonstrará na Segunda Parte: o "despertar" se consegue simplesmente pela compreensão interior do significado, revelado indutivamente com o Labirinto Exterior de Wotan; a "orientação" para o Selbst requer, além disso, a prática da Iniciação Hiperbórea, um ato executado simultaneamente em dois mundos, durante o qual os Siddhas Leais plasmam o sinal rúnico em torno do Eu perdido, o qual, desde esse instante consegue localizar o Selbst e "orientar-se" definitivamente para ele.

O Símbolo que vamos estudar constitui, então, uma grande chave: PERMITE ESTABELECER A DISTÂNCIA ENTRE O EU PERDIDO E O SELBST. Porém, esta chave não será captada imediatamente pelo virya perdido: primeiro, deve saber como situar-se frente ao Símbolo para que este lhe revele seu segredo, coisa que não poderá lograr se antes não lhe restitui seu sentido metafísico. Todos os símbolos sagrados foram objeto de uma atroz degradação cultural, como efeito tenebroso do Kaly Yuga, mas ESTE Símbolo em particular, por sua periculosidade para os planos da Sinarquia, sofreu um destino pior: segundo veremos com detalhes no tomo sétimo, foi empregado como base de MATCH GAME, quer dizer, o

associaram a uma função LÚDICA. Uma parte da explicação se dedicará, então, a examinar o problema da degradação dos símbolos sagrados e a atitude dos viryas perdidos frente a eles: E DESSE MODO IR-SE-Á DESENVOLVENDO, TAMBÉM, A TIPOLOGIA ÉTICO-NOOLÓGICA necessária para descrever a atitude graciosa luciférica.

Em síntese, nisto consiste o método da explicação: um desenvolvimento que inclui muitos temas, mas durante o qual vai-se dando resposta, implacavelmente, às duas perguntas antes apresentadas. Por final, ter-se-á exposto, sem equívocos intransponíveis, a proposta que a Sabedoria Hiperbórea faz ao virya perdido que anseia despertar como Espírito Hiperbóreo, como Siddha, como Deus.

IV - Conhecimento prévio da Estratégia inimiga.

O Símbolo Sagrado do Virya, com efeito, não pode ser compreendido completamente se não se encara um estudo prévio sobre a Estratégia dos Siddhas Traidores de Chang Shambala: esta Estratégia resume-se também a um só símbolo, conhecido universalmente como CHAVE KALACHAKRA. Mas, assim como o estudo do Símbolo Sagrado do Virya dá lugar à Sabedoria Hiperbórea, a Ciência dos Siddhas Leais de Agartha, assim também o estudo da Chave Kalachakra dá lugar à Kalachakra, a Ciência dos Siddhas Traidores de Chang Shambala. A Chave Kalachakra é a chave do sistema de encadeamento espiritual explicado na Primeira Parte: consiste essencialmente na ressignificação do desígnio pasu com o Símbolo da Origem. Semelhante operação causa uma mutação genética que altera permanentemente uma parte do desígnio pasu, denominada desígnio caracol e representada habitualmente com o sinal espiral, que constitui o "Símbolo Sagrado do Pasu". Antes de expor o Símbolo Sagrado do Virya, é necessário, pois, estudar o Símbolo Sagrado do Pasu e a Kalachakra, a Ciência dos Siddhas Traidores: isso se efetuará a partir do inciso "O Símbolo Sagrado do Pasu", contido no segundo tomo. O Símbolo Sagrado do Virya, por outra parte, logo poderá ser descrito no sétimo tomo. Resumindo, a Segunda Parte foi dividida em treze tomos: nos oito primeiros se desenvolveu o conhecimento que a Ordem de Cavalheiros Tirodal considera necessário e inevitável para ter acesso à Iniciação Hiperbórea, e nos cinco restantes, os Apêndices complementares mais importantes, mas não imprescindíveis. Todo Eleito, no entanto, deve estudar a obra completa enquanto aguarda o Kairos da Iniciação Hiperbórea.

V - O perfil do Eleito.

Os Eleitos são aqueles viryas perdidos que compreendem e aceitam os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. Contudo, nem todos os viryas perdidos são aptos para compreender e aceitar tais fundamentos no dia de hoje, quer dizer, no Dia do Espírito: alguns são vítimas de seu próprio extravio interior, da submissão do Eu perdido no sujeito consciente, de identificar o Espírito com a consciência e de se acreditar alma; os outros, os demais, são presa da Estratégia exterior inimiga, das determinações objetivas que introduzem na estrutura cultural do virya as superestruturas das culturas externas: "para a Sinarquia, a cultura é uma arma estratégica". Mas, dentre os viryas perdidos no Dia do Espírito, a Ordem de Cavalheiros Tirodal sabe distinguir os Eleitos, aos quais convoca "para afrontar com Honra o próximo Fim da História". Desde já, na confirmação que a Ordem realiza para assegurar que tal ou qual virya perdido é um eleito, intervém uma pluralidade de ações esotéricas, entre as que se contam, por exemplo, a investigação de seus registros inatos para conhecer sua história espiritual, a detecção de certos sinais orgânicos que delatam sua condição luciférica, a consulta aos Siddhas de Agartha, etc. Porém, existe um primeiro traço que se toma em consideração, pois, por assim dizer, é o que o diferencia dos verdadeiros viryas perdidos, o que anuncia de maneira inequívoca que "este virya" é diferente dos outros, que nele o Eu perdido se encontra

pré-orientado para a Origem. Vamos descrever semelhante traço nesta Segunda Carta, porque todo Eleito há de ser capaz de reconhecê-lo em si mesmo, como caráter inato, sem necessidade de recorrer a novos conhecimentos ou explicações teóricas: este traço, este caráter, é a priori de todo conhecimento e de toda explicação e, pelo contrário, o conhecimento e as explicações, de qualquer tipo, costumam provir da busca desesperada para compreendê-lo. A partir de agora, quem reconheça este traço em si mesmo, comprovará imediatamente que a Ordem não se equivocou ao convocá-lo, terá a segurança de que "o conhecimento e as explicações teóricas" que oferece a Sabedoria Hiperbórea ser-lhe-ão úteis à sua particular condição, poderá intuir que a Iniciação Hiperbórea é o caminho que seu Espírito reclama.

Para sintetizar, vamos denominar aqui PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA ao traço mencionado, o qual é uma qualidade interior inata, própria do Eu perdido, que o Eu perdido manifesta compulsivamente durante toda a vida sobre o sujeito anímico, com indiferença a qualquer forma cultural que este assuma. Há que se distinguir de cara a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA de um simples caso de fé: a fé costuma ser a crença cega no produto de uma intuição irracional, da intuição incompreensível do conteúdo dos símbolos sagrados; a fé é claramente psicológica, um caráter da alma, a relação que o sujeito anímico estabelece com os símbolos sagrados arquetípicos, representantes dos Mil Rostos do Uno, em sua evolução para a autonomia ôntica da enteléquia Manu. Contrariamente, a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA é expressão da sabedoria inata do Espírito e é ela mesma uma sabedoria. Quer dizer que a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA está fundamentada na sabedoria inata e consiste no conhecimento da verdade do Espírito, de sua essência imaterial e incriada pelo Uno, o Criador das formas que ordenam a matéria.

O Eleito SABE interiormente, com absoluta certeza, da existência do Espírito incriado e da sua qualidade superior à de qualquer existência, ôntica ou ontológica, criada pelo Uno. Por isso não necessita ACREDITAR no Espírito nem em nenhuma intuição irracional induzida pelos símbolos sagrados: sua PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA se manifesta como sabedoria inata da Verdade do Espírito, um saber que não pode ser nem afirmado nem negado pela razão anímica, porque consiste em uma Verdade absoluta e indubitável. É claro que a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA não atua sempre com a mesma intensidade, pois sua presença está ligada à força volitiva do Eu perdido, à força expressada pelo Espírito encadeado: com efeito, a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA é uma espécie de MÍSTICA INTERIOR, quer dizer, de acordo à definição adiantada na Primeira Parte, é a "forma de um conteúdo carismático"; tal conteúdo é a "vontade graciosa luciférica", a essência do Eu, cuja presença no Eu perdido não é constante, senão que sua força é mais ou menos intensa durante a vida do virya, de acordo ao grau de confusão estratégica de que este padeça. O Eleito, ainda que possua o traço da PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, nem por isso deixa de ser um virya perdido, submetido aos vai e vens kármicos que lhe impõe a Estratégia inimiga para mantê-lo na confusão; contando SÓ com a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA não é possível despertar no Dia do Espírito: é necessário dispor também da Sabedoria Hiperbórea; mas, ainda que alguém que NÃO É um Eleito consiga os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, se não possui a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, tampouco conseguirá despertar, pois os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, sem PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, jamais serão para o virya perdido verdadeira Sabedoria. Mas ao Eleito, que exibe a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, a Ordem de Cavalheiros Tirodal lhe oferece a Sabedoria Hiperbórea que fará possível seu despertar espiritual no Dia do Espírito, para afrontar com Honra o próximo Fim da História.

Pois bem, até aqui se aludiu ao aspecto essencial, quer dizer, interior, da PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA: não sobra dizer que este aspecto, por si só, não basta para distinguir os Eleitos dentre os viryas perdidos. O "perfil" do Eleito, propriamente dito, se constitui em uma "trajetória característica" que a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA causa em sua vida, trajetória que, finalmente, é a que o há de conduzir carismaticamente até a Ordem de Cavalheiros Tirodal, a coincidir sincronisticamente com a Ordem, no Dia do Espírito.

Analisemos brevemente, e em linhas gerais, as consequências que a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA causa na vida do eleito. A PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA consiste, segundo se disse, no conhecimento da Verdade do Espírito, conhecimento que procede da sabedoria espiritual inata. Provido deste conhecimento, o Eleito começa a buscar desde o princípio nas Religiões e Doutrinas teológicas que oferece a cultura coletiva, a confirmação do seu saber espiritual. E aqui se produz o principal e paradoxal fato que determina sua vida: mais cedo ou mais tarde, o Eleito acaba por comprovar que nenhuma Religião ou Doutrina teológica comumente aceita explica ou descreve a sua certeza interior. Algumas falam, por exemplo, do Espírito e até lhe atribuem um Criador: o mesmo que criou os vermes, os cachorros e o pasu; e que cria este último esperando receber sua dor. Esse "Espírito" das Religiões e Doutrinas teológicas não é mais do que uma denominação equívoca da alma, a expressão manifestada na matéria da mônada arquetípica criada pelo Uno, à sua imagem e semelhança: seu destino, como tudo o que é anímico, não é outro do que o evoluir para uma perfeição entelequial que culmina com a designação de um posto específico na ordem universal, um posto que supõe a submissão final ao Uno, em um grau secundário de existência. Pode ocorrer, então, que o Eleito se confunda momentaneamente e aceite o conceito falso de um "Espírito criado", tentando, em consequência, dirigir-se ao Criador, ao Deus do Universo; nesse caso, o resultado da busca não pode ser mais surpreendente|: o pretenso Deus, supostamente criador do Espírito, ao ser conhecido pela PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA do Eleito, demonstra para com sua criatura uma indiferença total; o Eleito pode dirigir-se de muitos modos ao Deus Criador sem que este jamais responda, no que se refira ao conhecido pela PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, às suas interrogações: nem a devoção mais submissa, nem as reclamações mais exigentes, conseguem outra coisa do que o silêncio do Uno. É claro que tal efeito acontece porque o Eleito se dirigiu ao Deus equivocado, não ao "Criador do Espírito", senão ao Criador da alma na qual está encadeado seu Espírito eterno; e O Uno só pode ser indiferente ante um Espírito que é estrangeiro em sua Criação.

Se o Eleito não percebe a tempo o motivo dessa indiferença divina, talvez reaja de maneira típica, e paradoxal, torando-se um "místico sem Deus", um "ateu espiritual", etc.; para quem tomou este caminho não há outra alternativa, porque a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA mostra-lhe com absoluta certeza, a todo momento, a Verdade do Espírito, enquanto o "Deus Criador" nega-se a responder: esta atitude incompreensível por parte de quem devia atender com presteza às suas criaturas mais espirituais, causa essa típica sensação de abandono no Eleito, um sentimento de culpa, a suspeita de ser portador de um pecado desconhecido. Eis aqui o primeiro drama do Eleito: abandonado por "Deus", mas sabedor da Verdade do Espírito, conhecedor de que existe um ser absolutamente superior à matéria, talvez passe anos buscando no fundo de si mesmo a culpa inexistente, pela qual supõe ter sido castigado com a indiferença divina.

Mas o Espírito eterno do Eleito não tem nenhuma culpa que purgar, ainda que deva suportar efetivamente o castigo do encadeamento à matéria: o que existiu na Origem não é uma culpa, senão uma Traição e um Engano, tal como se expôs

na Primeira Parte; por essa Traição e esse Engano, perpetrados pelos Siddhas Traidores, o Espírito eterno foi invertido e encadeado à estrutura psíquica do pasu para acelerar sua evolução. E só hoje, no Dia do Espírito, após um período de mais de dez mil anos de escuridão, os viryas perdidos têm novamente a possibilidade de liberar seu Espírito eterno pela práxis da Iniciação Hiperbórea.

Voltando à "trajetória característica" do Eleito, o seguinte passo, depois de buscar inutilmente a culpa interior, será tratar de compreender com mais profundidade o destino do homem, as leis que regem sua sorte ou sua desgraça. Aprenderá, então, que "os atos do homem causam reações futuras", que devem ser invariavelmente compensadas "para evoluir para a perfeição que provém dos Planos de Deus": tal "compensação", desde já, está regida pela "lei do karma", cujos propósitos são insondáveis para os simples mortais, uma vez que aqueles que avaliam e medem as contas a saldar são os "Senhores do Karma", Grandes Seres pertencentes à Hierarquia do Governo de Deus. Neste ponto, o Eleito vislumbra uma solução para seu problema: o silêncio de Deus deve-se a que não saldou convenientemente as dívidas kármicas; existe, por fim, uma culpa, um mau antigo que deve ser purgado, mas ao qual não recorda, por ter sido consumado em "vidas passadas". O problema se reduz agora a pagar esse karma pendente, a fazer-se merecedor, pela via do serviço e do sacrifício, da atenção divina: não basta, pois, saber a Verdade do Espírito, como ingenuamente "acreditava" o Eleito, para gozar da atenção de Deus; há que se trabalhar para isso, ganhar um lugar na "hierarquia espiritual" da Terra, modelar-se em corpo e alma de acordo a um padrão universal de homem, a um Arquétipo Manu. E quem sabe como há de se conduzir pelo caminho da evolução da alma? Quem conhece o modo perfeito de compensar o Karma e ganhar a glória de ter acesso ao Deus Criador? Resposta que receberá o Eleito: as Sociedades Secretas dirigidas ocultamente pela Hierarquia Branca de Chang Shambala: nestas sociedades ou seitas, o noviço aprende uma "ciência esotérica" que lhe permite compreender as "leis ocultas" do Universo e um "yoga" com o qual domina e harmoniza o organismo microcósmico. Naturalmente, quando o Eleito recebe esta resposta é sinal de que passa pelo pior momento de sua confusão estratégica; a Estratégia inimiga se propõe, então, a confundi-lo definitivamente por meio da mencionada "ciência esotérica", que em nada se refere ao Espírito Hiperbóreo, e destruir seu Eu, expressão do Espírito incriado, por meio da prática de uma yoga sinárquico (ver mais detalhes deste plano no Tomo quatro).

Se o Eleito continua sem perceber o engano não tardará em ficar incorporado a uma Sociedade Secreta da Sinarquia Universal. Como maçom, teosófico, rosa-cruz, etc., se lhe informará que a Hierarquia Branca é integrada por Mestres de Sabedoria, quer dizer, por seres que uma vez foram humanos, iguais ao Eleito, mas que agora são imortais e possuem grandes poderes: os Mestres de Sabedoria, assim como outros seres que jamais encarnaram, e estão em contato pleno com o Deus criador do Universo, quer seja diretamente, quer seja através de "Deuses intermediários" ou Logos solares. E esta resposta satisfaz completamente o Eleito, já que, então, vê com clareza o caminho a seguir: há que se esforçar em conquistar os graus necessários que lhe permitam relacionar-se com os Mestres de Sabedoria, para que Eles lhe indiquem o caminho para Deus ou para uma Ordem Superior, onde seu conhecimento da Verdade do Espírito seja justamente valorizado. E eis aqui o segundo drama do Eleito: à medida que mais se esforça por alcançar dita meta, comprova com desespero que os Mestres de Sabedoria também estão cegos e surdos aos seus esmeros e solicitações. Mas aqui já é muito evidente que algo estranho acontece, algo que tem a ver pessoalmente com o Eleito que possui a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, pois, quanto mais teria que avançar, de acordo às diretrizes sinárquicas da "ciência esotérica" e do "yoga", mais parecem se

travar as coisas frente a ele: não só os Mestres não respondem, senão que as dificuldades surgem por todo lado. Alguém, talvez, explique piedosamente ao Eleito que se trata de "provas", de experiências pelas quais "todo adepto deve passar para demonstrar sua fé nos Mestres", que cedo ou tarde os Mestres lhe chamarão para ocupar um merecido posto na Hierarquia, mas que, enquanto isso, deve perseverar em seu serviço à Sinarquia: - Ainda possui um Eu demasiadamente poderoso, ao qual há que debilitar completamente. – Dir-lhe-ão - Esse Eu, dominante em si mesmo, é a causa do seu atraso no "caminho probatório", uma fonte de desejos egoístas, uma força arrogante que contrasta com a humildade dos Mestres. Sobra agregar mais argumentos típicos para exemplificar a tática inimiga, porque os Eleitos que leem esta carta já os conhecem de sobra. Existem de variadas formas e conteúdos, mas todos visam convencer o Eleito de que deve destruir seu Eu e aguardar o chamado milagroso dos Mestres de Sabedoria; em última instância, se o Eleito só se atreveu a rondar em torno das Sociedades Secretas da Sinarquia, procura-se mantê-lo na confusão e impedir que afirme e propague seu conhecimento sobre a Verdade do Espírito. Os Eleitos podem ter tomado por algum caminho paralelo ao aqui tipificado, mas a trajetória característica é sempre a mesma.

Chegados, pois, a esse ponto, o segundo drama do Eleito, a situação não pode ser mais negativa: o Deus Criador e seus Mestres de Sabedoria parecem decididos a ignorar definitivamente o Eleito, ao qual se tentou convencer de todos os modos que o mal radica em seu interior, em sua força egoica; mas essa força egoica é, indubitavelmente, a que lhe revela o saber absoluto da Verdade do Espírito, através de sua PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA e a que o colocou no caminho de buscar uma Ordem Superior, transcendente, na qual sua revelação fosse justamente valorizada. Nesse terrível momento, "abandonado" pelo Deus Criador e seus Ministros, considerando a possibilidade de ser o único culpado de seus próprios males, cercado, sem sabê-lo, pela Estratégia inimiga que lhe fechou todas as portas, o Eleito chega à conclusão de que a PRESISPOSIÇÃO GNÓSTICA que o distinguiu desde o princípio dos demais mortais, traz, pelo menos, má sorte. Mas, contrariamente, terá sorte, muita sorte, se para esse então as práticas do yoga sinárquico não o tornaram esquizofrênico ou se a "ciência esotérica" não o transformou em drogado, homossexual, traidor, um homem carente de honra, um escravo das Sociedades Secretas da Sinarquia Universal. Se o Eleito teve esta sorte, ainda dispõe de vontade para sair do cerco inimigo, é possível que descubra finalmente o único caminho que pode seguir um virya perdido com PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, quer dizer, o que conduz à Iniciação Hiperbórea.

Quando o Eleito começa a duvidar da bondade do Deus Criador ou a desconfiar das boas intenções dos Mestres de Sabedoria, é certo que seu Eu se fortalecerá e as respostas buscadas irão surgindo deste o fundo de si mesmo. Na verdade, a solução sempre esteve ao alcance da compreensão interior, integrada no conhecimento inato da verdade do Espírito: O ESPÍRITO ETERNO É ESTRANGEIRO NESTE MUNDO E TUDO QUANTO NELE OCORRE LHE É ESSENCIALMENTE ALHEIO: O "DEUS CRIADOR" DO UNIVERSO NÃO É SEU DEUS, PORQUE O ESPÍRITO PROVÉM DE UM MUNDO ANTERIOR À ORIGEM DO UNIVERSO. O ESPÍRITO É INCRIADO NESTE MUNDO, AO QUAL OPÕE UMA HOSTILIDADE ESSENCIAL, MAS DO QUAL NÃO PODE SAIR DEVIDO À CONFUSÃO ESTRATÉGICA CAUSADA PELOS SIDDHAS TRAIDORES, CHEFES MÁXIMOS DOS MESTRES DE SABEDORIA. O PRINCIPAL OBJETIVO DO ESPÍRITO INCRIADO É O REGRESSO À ORIGEM; A VOLTA AO "OUTRO MUNDO", EXTERIOR AO TEMPO E AO ESPAÇO DO UNIVERSO, QUE SE CHAMA "HIPERBÓREA ORIGINAL". E PARA CONSEGUIR ESSE OBJETIVO O ESPÍRITO NECESSITA ADQUIRIR "ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA", DESCOBRIR

A DIREÇÃO ESTRATÉGICA DA ORIGEM, UMA QUALIDADE QUE SÓ OFERECE A INICIAÇÃO HIPERBÓREA.

Em síntese, qualquer que tenha sido a trajetória característica pela qual o Eleito chegou a semelhantes conclusões, o concreto é que, então, exibe já, inequivocamente, o TRAÇO DA PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA. E esse traço é o que toma em consideração a Ordem de Cavalheiros Tirodal para detectar, a princípio, os Eleitos, aos quais propõe despertar no Dia do Espírito e afrontar com Honra o próximo Fim da História.

Assim, pois, o "perfil do Eleito" é uma qualidade espiritual, um saber inato sobre a Verdade do Espírito e a comprovação de que este saber causa a indiferença do Uno e seus sequazes terrestres, os Mestres de Sabedoria de Chang Shambala. Os Siddhas Traidores, por sua parte, desatam perseguições irracionais contra todo aquele que tente desencadear seu Espírito. A PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA apresenta o Eleito como um heresiarca nato frente aos olhos do Deus Criador e dos Mestres de Sabedoria, e como inimigo potencial frente ao odioso olhar dos Siddhas Traidores; por isso, o eleito que dispõe de forças para sobreviver, ignorado por aqueles e odiado e perseguido por estes, é um virya durão entre os durões, ainda que ele mesmo não o saiba. Mas a Ordem de Cavalheiros Tirodal o sabe e só aceita como Eleitos aos que demonstrem possuir o conhecimento inato da Verdade do Espírito e a dureza do Espírito Guerreiro. Só esse traço é suficiente e de nada vale exibir outras supostas virtudes se se carece de sabedoria inata e dureza espiritual: nem a fortuna pessoal mais fabulosa, nem títulos ou brasões de qualquer espécie, nem o prestígio social ou cultural, contam para a Ordem. A Iniciação Hiperbórea não se vende nem se compra, simplesmente está fora do alcance de quem não possua o traço mencionado. E esta advertência vale especialmente para muitos que pomposamente se autoqualificam de "nazis" e acreditam que esse título é um passaporte infalível para acessar os segredos da Ordem: a eles há que se informar que o perfil do Eleito, entre os viryas perdidos provenientes do nazismo esotérico, é o mesmo que possuíam os oficiais SS da Ordem Negra. Para a Ordem de Cavalheiros Tirodal "ser nazi" só tem valor se quem o declara é capaz de exibir a sabedoria e a dureza de um oficial da Ordem Negra. É conveniente adiantar aqui um conceito do artigo D, deste primeiro tomo, referente às "Raças Sagradas" do Demiurgo, quer dizer, as Raças nas quais se manifesta, em cada Era, um "Aspecto" ou "Face" do Demiurgo: A UMA **RAÇA SAGRADA** NÃO SE PERTENCE SÓ PELA HERANÇA GENÉTICA, PELO "NASCIMENTO", SENÃO TAMBÉM POR FAVORECER A MANIFESTAÇÃO DO "ASPECTO RAÇA SAGRADA" DO DEMIURGO. Assim, com relação à Raça Sagrada atual, quer dizer, a "raça eleita' dos Hebreus, ocorre o curioso fato de que um homem pode ser judeu por sua herança, por nascer efetivamente no seio de uma família hebreia, ou por sua CONSTITUIÇÃO MENTAL: com efeito, para a Sabedoria Hiperbórea NÃO SÓ É JUDEU QUEM NASCE JUDEU, SENÃO TAMBÉM QUEM, POR SUA CONSTITUIÇÃO MENTAL JUDAICA, FAVORECE A MANIFESTAÇÃO DO "ASPECTO RAÇA SAGRADA DO DEMIURGO".

Ainda que o significado completo deste conceito se irá esclarecendo durante a Segunda Parte, à medida que se definam outros conceitos complementares, é evidente que seu sentido principal se fundamenta em um "traço interior", quer dizer, na "constituição mental judaica". Esse "traço interior" é o extremo oposto do "traço do Eleito". Quer dizer: à maior constituição mental judaica, menor PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA. E como a PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA depende, em todos os casos, da "pureza de sangue", conceito que alude à capacidade do sangue para conservar a Recordação da Origem, é indubitável que "à maior constituição mental judaica, menor pureza de sangue". Pois bem, ocorre que a Iniciação Hiperbórea requer

inevitavelmente uma condição do Eleito: sua pureza de sangue. Muitos Eleitos costumam acreditar erroneamente que "pureza de sangue" significa "pureza racial", mas, se esta identidade fosse certa, resultaria que todo virya que tivesse os traços EXTERIORES genéticos das linhagens Hiperbóreas, estaria em condições de ter acesso à Iniciação, possibilidade que é claramente falsa. Eis aqui a verdade: PARA ALCANÇAR A INICIAÇÃO HIPERBÓREA A PUREZA DE SANGUE É ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIA EM TODO ELEITO, POIS DELA DEPENDE A PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA, MAS A "CONSTITUIÇÃO MENTAL JUDAICA" É ABSOLUTAMENTE DESNECESSÁRIA, POIS ELA IMPEDE A MANIFESTAÇÃO DA PREDISPOSIÇÃO GNÓSTICA. Ambos os traços são, pois, incompatíveis e ninguém que pense como um judeu, ainda que proclame sua "pureza de sangue" ou "pureza racial", poderá ser um Iniciado Hiperbóreo. O Eleito, então, uma vez desperto e encaminhado para a Origem, deve despojar-se até da última nota ou matiz que ainda possa existir na formação de seu pensamento, dessa "constituição mental judaica", própria do virya perdido.

Para compreender o porquê desta exigência revestir-se de capital importância no projeto de liberação espiritual do Eleito, a ponto tal que seu não cumprimento representa um obstáculo insuperável para alcançar a Iniciação, há que se referir aos Siddhas Leais, aos Senhores de Agartha, que concedem a Iniciação Hiperbórea através da Ordem de Cavalheiros Tirodal e de toda outra Ordem fundada por Eles; para compreender isto, os Eleitos devem reparar em dois conceitos: um, sobre o caráter espiritual Hiperbóreo dos Siddhas Leais, e o outro, sobre Sua participação na Cerimônia de Iniciação Hiperbórea. Ambos os conceitos são muito simples de expor.

Vejamos o primeiro. Da Primeira Parte, o Eleito sabe já o que é um Espírito Hiperbóreo "normal". Mediante o "modelo da esfera", com efeito, definiu-se o Espírito Esfera "normal", análogo ao Espírito Hiperbóreo antes do encadeamento, como composto de DUAS FACES OU ROSTOS: a superfície exterior, vermelha, é a expressão do TERGUM HOSTIS ou COSTAS HOSTIS; a superfície interior, verde, é a expressão do VULTUS SPIRITUS ou ROSTO ESPIRITUAL. O Tergum Hostis é a manifestação da HOSTILIDADE ESSENCIAL que o Espírito Hiperbóreo normal apresenta para com TODA OBRA MATERIAL DO DEMIURGO, quer dizer, para o Universo vivo, para as Hierarquias dévicas, para os Arquétipos e Aspectos do Demiurgo, para as culturas do animal homem, etc. "O Espírito-esfera apresentou-se no Universo material FECHADO SOBRE SI MESMO, VIRADO PARA O EU ABSOLUTO E MOSTRANDO PARA O DEMIURGO, POR TODAS AS PARTES, AS COSTAS HOSTIS. Pois bem, o Eleito deve reparar agora que os Siddhas Leais, os quais se encontram NESTE MOMENTO em Agartha, SÃO ESPÍRITOS NORMAIS (figuras 2 e 37), quer dizer, seres que apresentam uma HOSTILIDADE ESSENCIAL "para com toda a obra material do Demiurgo"... E ESTA HOSTILIDADE INCLUI, DESDE LOGO, A "CONSTITUIÇÃO MENTAL JUDAICA" DO VIRYA PERDIDO.

Mas não há que se equivocar ao refletir sobre este conceito.

A HOSTILIDADE ESSENCIAL QUE OS SIDDHAS LEAIS APRESENTAM PARA COM A "CONSTITUIÇÃO MENTAL JUDAICA" DO VIRYA PERDIDO NÃO SIGNIFICA QUE ELES "DECIDAM" ATACAR OU AGREDIR DE ALGUM MODO O ELEITO QUE AINDA ESTEJA INFLUENCIADO PELA ESTRATÉGIA INIMIGA. Recordemos o que foi dito na Primeira Parte: "AS COSTAS HOSTIS NÃO SÃO SABEDORIA DE MODO ALGUM, PELO CONTRÁRIO, SÃO SÓ HOSTILIDADE ESSENCIAL. Isto quer dizer que A HOSTILIDADE ESSENCIAL NÃO É MOTIVO DE DECISÃO: ELA SE PRODUZ DE TODOS OS MODOS, FRENTE À OBRA DO DEMIURGO OU À "CONSTITUIÇÃO MENTAL JUDAICA". Com outras palavras, o Espírito Hiperbóreo "normal", e um Siddha Leal o é, reage sempre com hostilidade

essencial ante os entes materiais, sem que exista para isso nenhuma decisão prévia: ocorre assim porque a reação é ESSENCIAL, enquanto a HOSTILIDADE é a FORMA dessa ESSÊNCIA.

É CLARO QUE, SE UM ELEITO, NÃO TOTALMENTE DESPOJADO DO TRAÇO DA "CONSTITUIÇÃO MENTAL JUDAICA", FICASSE EM FRENTE A UM SIDDHA LEAL, ISSO IMPLICARIA QUE TODO O PODER DE SUA HOSTILIDADE ESSENCIAL ACABASSE APLICADO SOBRE O MICROCOSMO DO ELEITO. O QUE OCORRERIA, ENTÃO? RESPOSTA: QUE AQUELA ESTRUTURA MICROCÓSMICA "ESSENCIALMENTE HOSTILIZADA" PODERIA TERMINAR SERIAMENTE DANIFICADA, QUANDO NÃO TOTALMENTE DESTRUÍDA. Em um caso semelhante, de nada valeria ao Eleito invocar seu caráter de estudioso da Sabedoria Hiperbórea ou de "nazi": TÃO SÓ A "PRESENÇA" DE UM SIDDHA LEAL CAUSA A DESTRUIÇÃO DOS ENTES MATERIAIS, A DECOMPOSIÇÃO DAS FORMAS ARQUETÍPICAS; NENHUMA FORMA ARQUETÍPICA PODE RESISTIR À FORÇA DISSOLVENTE DO INFINITO ATUAL, APLICADA EM TODOS OS PONTOS DE SUA ESTRUTURA PELA HOSTILIDADE ESSENCIAL DO ESPÍRITO. Há pessoas, por exemplo, que afirmam ser "nazis', mas que pensam como vis judeus, e que seriam imediatamente desintegradas se ficassem situadas frente a um Siddha Leal, ou frente ao Führer, o qual, na atualidade, tornou-se, novamente, um ser absolutamente espiritual. Resumindo, este e não outro é o motivo pelo qual os Siddhas Leais se mantêm afastados dos viryas perdidos e só se manifestam aos Iniciados: Suas presenças podem ser fatais para quem se encontre formado pela Estratégia inimiga; por isso Eles, desde o Valhalla, desde Agartha, procuram despertar os viryas mediante a Canção de A-mort, a Canção carismática que se escuta com o sangue puro; e por isso corresponde aos viryas perdidos, aos que são capazes de exibir o perfil dos Eleitos, fazer o esforço necessário para despojar seu pensamento da constituição mental judaica, cuja existência é altamente repugnante para os Siddhas Leais, e vincular-se carismaticamente com Eles, escutando sua Canção, despertando à Recordação da Origem, orientando-se para a Origem, e recebendo finalmente a Iniciação Hiperbórea; QUANDO OS ELEITOS TENHAM SEU SANGUE PURO, NO KAIROS DA INICIAÇÃO HIPERBÓREA, SERÃO GUIADOS POR UM PONTÍFICE TIRODAL ATÉ OS SIDDHAS LEAIS; ENTÃO, SUA APROXIMAÇÃO NÃO REPRESENTARÁ NENHUM PERIGO PARA O ELEITO, E, PELO CONTRÁRIO, A REALIDADE DE SEU SANGUE PURO SERÁ FESTEJADA COM GRANDE JÚBILO PELOS SIDDHAS LEAIS DE AGARTHA.

E aqui podemos considerar o segundo conceito pendente.

Com efeito, durante a Cerimônia de Iniciação DEVEM INTERVIR os Siddhas Leais: Suas Presenças são imprescindíveis porque Eles, e só Eles, podem plasmar no corpo astral do Eleito os sinais rúnicos que lhe permitirão isolar seu Eu do sujeito anímico e orientar-se para o Selbst. Pode-se afirmar que, no kairos justo, a Cerimônia de Iniciação se realiza simultaneamente em dois mundos: ISTO SIGNIFICA QUE, DURANTE A CERIMÔNIA DE INICIAÇÃO, O ENFRENTAMENTO COM OS SIDDHAS LEAIS É INEVITÁVEL. Daí que não seja possível ao Eleito chegar a tão transcendental momento sem ter-se despojado previamente de todas aquelas formas de ser que afetam a hostilidade essencial dos Siddhas Leais.

Entende-se, finalmente, com a ajuda dos dois conceitos expostos, "o porquê desta exigência, de despojar-se até a última nota ou matiz que ainda possa existir na formação de seu pensamento, dessa "constituição mental judaica" própria do virya perdido" seja de capital importância no projeto de liberação do Eleito, a tal ponto que seu não cumprimento representa um obstáculo insuperável para alcançar a Iniciação Hiperbórea": a aproximação de um Eleito a um Siddha Leal, fora do kairos, é altamente arriscada para o Eleito; e se um Pontífice Hiperbóreo, por erro,

propiciasse semelhante proximidade, não só colocaria em perigo o Eleito, senão que se arriscaria a ser severamente sancionado pelos Siddhas Leais e até poderia causar a extinção da Ordem. Por tudo isto, é fácil compreender que a Ordem tem que tomar precauções extraordinárias, antes de autorizar a Cerimônia de Iniciação de um Eleito.

Por último, cabe agregar que o traço da "constituição mental judaica" está culturalmente descrito pela "Ética psicológica" do pasu, enquanto o traço do Eleito só pode ser compreendido totalmente por uma Ética noológica; é o que se faz nesta Segunda Parte dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, se expõe a Ética noológica do virya e se a opõe à Ética psicológica do pasu. No contexto da Ética noológica se define a Honra Absoluta do Iniciado Hiperbóreo como "O ATO DE SUA VONTADE GRACIOSA LUCIFÉRICA": empregando este conceito pode-se afirmar, com todo o rigor, que o que separa um Eleito de um Siddha Leal é uma DISTÂNCIA ÉTICA. Com outras palavras, para aproximar-se de um Siddha Leal durante o Kairos da Iniciação Hiperbórea, todo Eleito deve efetuar previamente um rearranjo ético-noológico: SEM CUMPRIR COM ESTE REQUISITO, O MODO DE SER DO SIDDHA LEAL SERIA ETICAMENTE INCOMPREENSÍVEL PARA O ELEITO; E SOBRA REPETIR QUE UM SIDDHA LEAL NÃO SÓ NÃO PODE SER APREENDIDO PELOS CONCEITOS DA ÉTICA PSICOLÓGICA, QUER DIZER, PELA MENTALIDADE JUDAICA, SENÃO QUE TAL MENTALIDADE CAUSA SUA HOSTILIDADE ESSENCIAL.

O Eleito, então, que, por sua vez, experimentou o silêncio do Deus Criador e dos Mestres de Sabedoria, agora deverá suportar o mais absoluto silêncio por parte daqueles que tentam verdadeiramente resgatá-lo do inferno no qual se encontra afundado. Mas não será assim por muito tempo se fortalece seu traço ético-noológico fundamental e se despoja do traço ético-psicológico judaico com o qual se encontra culturalmente condicionado: há toda uma Raça extraterrestre e um Par original aguardando o despertar e a liberação do Eleito. E há um Mundo Exterior, uma Hiperbórea Original, fora do Universo material, inimaginável para o não Iniciado, que é a Pátria do Espírito Hiperbóreo e à qual toda a Raça anseia regressar. A guerra contra as potências da matéria, não se esqueça, se trava pela liberação dos Espíritos cativos: A GUERRA SE GANHA CADA VEZ QUE UM ESPÍRITO SE LIBERA DO ENCADEAMENTO. É, POIS, UM DEVER ÉTICO-NOOLÓGICO DO ELEITO DESPERTAR E LIBERAR SEU ESPÍRITO: POR SI MESMO E PARA CONTRIBUIR COM A VITÓRIA FINAL DA RAÇA.

VI - Esclarecimentos sobre os conceitos de nazismo esotérico e dureza espiritual empregados em V.

Vale a pena avisar, para quem não leu nossa obra "A História Secreta da Thulegesellschaft", que no Terceiro Reich uma coisa era o partido nazi e outra muito diferente a SS: o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, com efeito, foi uma organização POLÍTICA exotérica, enquanto o Grau de Guarda ou SS (Sschutzstaffeln) é uma organização MILITAR fundada sobre um círculo esotérico da Thulegesellschaft, conhecido como Ordem Negra. Este esclarecimento vale porque A SABEDORIA HIPERBÓREA SÓ A POSSUIU E POSSUI A SS, enquanto o partido nazi sempre dispôs a informação, de tal modo que pudesse ser assimilada pelo povo alemão, o qual vinha sendo condicionado culturalmente pelos padres católicos e rabinos desde as invasões germânicas ao Império Romano. O Eleito deve saber que os elementos fundamentais do mal denominado "nazismo esotérico" só podem provir da SS, de sua Sabedoria Hiperbórea, e entender assim por que não basta o título nem a formação política de "nazi" para pretender a Iniciação Hiperbórea: é necessário, em todo caso, ser "nazi", mas como o é um oficial da Ordem Negra SS. A Ordem de Cavalheiros Tirodal também possui a Sabedoria

Hiperbórea e é uma Ordem irmã da Ordem Negra SS: se o Eleito cumpre os requisitos de sabedoria inata e dureza espiritual, e se despoja da constituição mental judaica, a Ordem lhe revelará a Sabedoria Hiperbórea que lhe permitirá liberar seu Espírito eterno. Nem todos os Iniciados Hiperbóreos são, estritamente, "nazis", pois há Iniciados Hiperbóreos em Agartha há milhares de anos; mas os nazis que são Iniciados Hiperbóreos, e isto deve sabê-lo da mesma forma todo Eleito, SÃO CONFIRMADOS EM SUA HONRA E LEALDADE PELO PRÓPRIO FÜHRER, quem para isso, por exemplo, tinha reservado seu assento pessoal no Castelo Iniciático de Werwelsburg; E ESSA CONFIRMAÇÃO, HOJE MAIS DO QUE NUNCA, NO DIA DO ESPÍRITO, NO DIA DO FÜHRER, SERÁ RECEBIDA PELOS VERDADEIROS NAZIS-SS, PELOS CAVALHEIROS TIRODAL QUE ENFRENTEM COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA.

Com respeito ao conceito de "dureza espiritual", que se qualificou como posse imprescindível para completar o perfil do Eleito, convém esclarecer seu significado, ainda que o mesmo seja bastante óbvio: este conceito NÃO IMPLICA, é claro, que o Espírito seja "duro' em si mesmo, que a "dureza" seja uma propriedade do Espírito; a dureza espiritual exigida é a que produz o Espírito NO Eleito durante sua trajetória característica: o Eu, expressão do Espírito eterno, vai endurecendo o microcosmo à medida que desperta do Grande Engano do Uno e vai se orientando estrategicamente para a Origem. Finalmente, o Eleito que busca a Sabedoria Hiperbórea é, para a Ordem de Cavalheiros Tirodal, "um virya durão entre os durões", e sua "dureza" é claramente "espiritual", de origem espiritual.

VII — Comentário e saudação final.

Na Primeira Parte estudamos o pasu, e o virya perdido, desde um ponto de vista estritamente microcósmico, baseando-nos fundamentalmente no conhecimento de sua estrutura psíquica; isso nos permitiu chegar a importantes conclusões. Mas o pasu é um microcosmo potencial que subsiste dentro do macrocosmo, integrado nas superestruturas das comunidades culturais. A "atitude graciosa luciférica" que vamos propor para seu despertar supõe oferecer uma resposta concreta para a pergunta capital da Ética: o que devo fazer? Quer dizer, o que devo fazer frente ao fato cultural no qual estou inserido, para liberar-me de seus laços e despertar como virya? A esta interrogação crucial a Sabedoria Hiperbórea, efetivamente, oferece uma saída noológica, diz exatamente o que fazer. É o que trataremos de mostrar na Segunda Parte. Contudo, e isso já é evidente, a pergunta ética apresenta de cara a relação entre o interno e o externo, entre a estrutura psíquica e o mundo exterior, ENTRE O PASU E O FATO CULTURAL. Devemos conhecer, pois, com maior profundidade, esta relação, adquirir conhecimentos claros sobre "cultura", "fato cultural", "História", etc., e, especialmente, estabelecer com precisão as correspondências analógicas que o macrocosmo guarda com as estruturas do microcosmo, estudadas na Primeira Parte. A esclarecer tais conceitos, e outros, se dedicará o inciso "O virya perdido e o fato cultural", contido no presente tomo, cuja leitura e estudo é imprescindível para compreender o desenvolvimento posterior da obra.

Para finalizar esta Segunda Carta, convidamos os Eleitos a refletir sobre uma lei oculta, que tem muito a ver com o traço descrito em V. Referimo-nos à "fatal e inflexível Lei do Engano", que no inciso "A ressignificação de Wotan" se define elementarmente assim: NINGUÉM QUE ESTEJA ENCARNADO NASCE SABENDO CONSCIENTEMENTE A VERDADE, NINGUÉM NASCE ILUMINADO, NEM WOTAN, NEM O FÜHRER, NEM NENHUM OUTRO VIRYA; PELO CONTRÁRIO, TODO VIRYA, WOTAN, O FÜHRER OU QUALQUER OUTRO VIRYA, EM ALGUM MOMENTO DA SUA VIDA ESTEVE ENGANADO PELO DEMIURGO; E ESTA LEI É INEVITÁVEL, PORQUE A GNOSE NÃO PROVÉM DE UMA MERA HERANÇA

OU DE UMA ILUMINAÇÃO ESPONTÂNEA, SENÃO QUE É PRODUTO DA VONTADE DE DESPERTAR E SER O QUE O ESPÍRITO É; QUER DIZER, A GNOSE PROVÉM DA LUTA ENTRE O ESPÍRITO ETERNO, MANIFESTADO NO VIRYA COMO EU PERDIDO, E A ALMA, ESSA EXTENSÃO DO DEMIURGO". Naturalmente, o Eleito deve quebrar a Lei do Engano mediante uma atitude graciosa luciférica; mas, a partir de hoje dispõe, para consegui-lo, de uma arma formidável: a Sabedoria Hiperbórea.

No dia do Espírito, e em Nome dos Siddhas Leais de Agartha, e da Ordem de Cavalheiros Tirodal da República Argentina, recebam os Eleitos a saudação de

Nimrod de Rosario

Fevereiro de 1986

Pós-escrito: Quero recordar aos Eleitos que o material que integra a Segunda Parte, os treze tomos, assim como toda outra informação procedente da Ordem, fora do publicado na Primeira Parte, deve qualificar-se de ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL E SECRETA, quer dizer, uma REVELAÇÃO PESSOAL, de cuja reserva se terá que responder PESSOALMENTE ante a Ordem. Não é necessário repetir os motivos desta exigência: eles encontram-se claramente expostos na parte V da Primeira Carta aos Eleitos (Agosto de1985).

Nimrod de Rosario

Março de 1986

O VIRYA PERDIDO E O FATO CULTURAL

A - A "cultura", objetivo da sociedade pasu.

O objetivo macrocósmico da finalidade exige que o pasu seja "doador de sentido", que devolva para o ente, mediante a expressão do sinal, o significado racionalizado do desígnio, quer dizer, que "coloque no ente" um sinal que represente o símbolo conceitual. Com a analogia da fig. 21 podemos dizer que o símbolo **I** deve ser expressado com um sinal I, designado ao ente real cujo esquema é xx. Mas isto não é suficiente para cumprir com o objetivo macrocósmico: é necessário, também, que o sinal **I** seja conservado fora, no ente real, no "objeto cultural" que seu sentido produz além dos limites vitais do pasu. Para consegui-lo, o Demiurgo determinou que o pasu seja um animal social. E é por isso que a sociedade pasu se diferencia de qualquer outra sociedade animal (salvo, talvez, a sociedade apícola, mas tais insetos cumprem uma função diferente, vinculada com o Mistério Planetário da Raça Hebreia): a comunidade pasu é uma sociedade essencialmente constituída para conservar o sentido colocado nos entes, quer dizer, é uma SOCIEDADE CULTURAL.

O pasu coloca sentido no ente e, ainda quando a morte lhe impeça expressá-lo perpetuamente, o sentido se prolonga se outros pasus se associam para sustentá-lo como um significado comum: o ente assim assinalado, com um sinal conveniado coletivamente, passa a tornar-se um OBJETO CULTURAL. Naturalmente, se o que se colocou no ente é um sinal tal como I, que representa um símbolo I, que é réplica de um conceito xx, acontece que no que coincide primeiramente a comunidade é no conhecimento conceitual do ente; mas, uma vez que o ente foi assinalado pela expressão do conceito e tal significado foi reconhecido pelos membros da sociedade, nada impede que cada um tenha acesso individualmente ao desígnio e aprofunde sua compreensão.

O que RELIGA, então, a sociedade como tal, é o sentido colocado nos entes, sentido que é, em certa medida, compartilhado por todos. E é essa união dos pasus entre si POR INTERMÉDIO DO SENTIDO ÔNTICO o que constitui a forma externa da CULTURA. Mas convém examinar esta definição com maior precisão.

O fenômeno cultural, com efeito, pode ser observado de duas muito diferentes perspectivas. Desde um ponto de vista EXTERNO a cultura é um fenômeno DINÂMICO E COLETIVO; desde um ponto de vista INTERNO a cultura é ESTÁTICA E INDIVIDUAL.

A "cultura externa" surge como efeito do objetivo macrocósmico da finalidade.

A "cultura interna" ou "modelo cultural" é consequência do objetivo microcósmico da finalidade.

Em qualquer dos dois casos uma "cultura" compõe-se de dois elementos básicos: "o pasu", doador de sentido, criador de objetos culturais, e "os objetos culturais". No primeiro caso, a "cultura externa" forma-se por uma "sociedade comunitária" e um "universo de objetos culturais" comuns, integrados em uma SUPERESTRUTURA. No segundo caso, a "cultura interna" forma-se com o "sujeito cultural do pasu" e um "universo de objetos culturais", os quais constituem o "modelo cultural", quer dizer, um sistema de premissas culturais; ambos os elementos, sujeito cultural e modelo cultural, integram-se na ESTRUTURA cultural interna de cada pasu. Antes de aprofundar nos conceitos de cultura externa e interna, é conveniente deixar claro o que se deve entender por "objeto cultural externo" e "interno".

B - Objetos culturais externos e internos.

Vimos que os entes designados pela expressão “doadora de sentido” do pasu transformam-se em objetos culturais, quer dizer, em projeções externas de conceitos. Desde já, os objetos culturais externos não requerem uma materialidade concreta, senão um campo de representação, quer dizer, uma tela capaz de receber a projeção; no mundo, existem objetos culturais cuja projeção assenta-se em entes corporais, tais como um parafuso ou uma árvore, e outros cuja projeção é uma forma externa incorpórea, tal como a “S” que realizou aquela pomba com seu voo ou qualquer constatação semelhante; com respeito a estas últimas projeções incorpóreas vale a pena agregar que entre os mesmos contam-se as “qualidades” de certos entes, tais como a cor ou o calor, e as “relações” entre entes, tais como a distância ou a altura: as qualidades, propriedades, relações, etc., são efetivamente objetos culturais externos, pois sua entidade se percebe através da esfera sensorial, quer dizer, se introjeta, a posteriori da projeção significativa. Com estes esclarecimentos podemos considerar que, PARA UMA SOCIEDADE DETERMINADA, só podem ser objetos culturais aqueles entes que são RECONHECIDOS EXTERNAMENTE; isto exclui todo ente desconhecido ou aqueles que, ainda tendo sido conhecidos, não são reconhecidos como tais. Os museus de culturas pré-históricas, por exemplo, abundam em objetos que não significam nada para nós, ainda que acreditemos que foram culturais para tais culturas: um objeto tal não é certamente cultural PARA NÓS, não difere em valor cultural de qualquer outro ente desconhecido, pois não podemos reconhecê-lo, não encaixa em nosso modelo cultural, não conseguimos nem adivinhar seu sentido, quer dizer, o sentido que um dia lhe deram seus projetistas e que hoje ninguém sustenta externamente. E que não se engane alguém ao supor que o fato paradoxal de ter “reconhecido o objeto como ente desconhecido” lhe outorga algum sentido cultural, uma vez que, se o objeto realmente não significa nada para nós, jamais poderemos nem sequer afirmar com certeza que pertencia à cultura desaparecida, nem ainda quando o tenhamos encontrado dentro de uma sepultura, junto com outros objetos, tais como uma múmia, à qual reconhecemos: se o objeto é desconhecido, e não há nenhum membro daquela cultura para que nos expresse e comunique o sentido, só poderemos abrigar a crença de que o mesmo é cultural; mas esta crença não implica em nenhum tipo de reconhecimento, senão em uma mera classificação taxológica: a incorporação do objeto concreto à espécie dos entes conhecidos.

Em suma, para UMA cultura determinada, os objetos culturais externos consistem em projeções de conceitos, cujo significado foi traduzido pelo sujeito cultural, codificado como premissas culturais de uma linguagem habitual, e expressado fora como sinais que dão sentido ao mundo.

Mas os objetos culturais também podem ser “internos”, desde o momento em que o “sentido” colocado neles, aquilo que lhe outorga entidade real, procede da estrutura cultural, interna, do pasu. Vemos, por exemplo, “a casa vermelha da colina” e compreendemos que ser vermelha e estar na colina são propriedades físicas concretas da casa exterior; mas não por possuir tais propriedades, e muitas outras semelhantes com as quais possamos descrevê-la, a “casa vermelha da colina” é “casa”: a casa exterior só é “casa” porque corresponde a um “conceito casa” radicado no interior da estrutura psíquica do pasu, quer dizer, em um esquema-Relação da estrutura cultural. E não cabe dúvidas que o conceito-casa-interior, como qualquer outro conceito de referência ôntica, é a priori da casa-objeto-cultural-exterior, já que o sentido desta procede daquele: não poderíamos habitar a casa vermelha se ANTES não soubéssemos o que é uma casa. Mas esta aprioridade dos objetos interiores sobre os exteriores, outorga àqueles preeminência ontológica sobre estes:

se a existência dos objetos culturais externos DEPENDE da projeção conceitual dos objetos culturais interiores, então estes mantêm uma existência de grau superior.

Resumindo, os "objetos culturais" podem ser "internos" ou "externos". Os "objetos culturais internos" formam parte da estrutura cultural e constituem um primeiro grau na realidade do objeto. Os "objetos culturais externos" são projeções corporizadas e materializadas dos anteriores e representam um segundo grau na realidade do objeto: são reconhecidos no mundo como reflexo dos objetos internos: naturalmente, se tal dependência não se percebe, pode-se cometer o erro gnosiológico de atribuir as qualidades culturais diretamente ao corpo físico ou entidade sobre a qual se efetuou a projeção.

C - Cultura externa e interna.

Em "A" definimos a cultura externa como "fenômeno dinâmico e coletivo" e a cultura interna como "fenômeno estático e individual". Comecemos por esclarecer que aos termos "dinâmico" e "estático" há que se outorgar um sentido estrutural. Isto é: a cultura externa é "dinâmica" porque sua superestrutura CRESCE DESDE FORA, com independência de todo indivíduo observador; isso se deve a que o caráter "coletivo" da cultura externa CAUSA UMA CONTÍNUA CONTRIBUIÇÃO EXTERIOR DE NOVO SENTIDO, uma criação constante de novos objetos culturais ou o aperfeiçoamento dos já existentes. Contrariamente, a cultura interna é um modelo cultural ou sistema de premissas cuja estrutura CRESCE DESDE DENTRO, por exclusiva obra do sujeito anímico; nesse sentido pode-se afirmar que a cultura interna é um fenômeno "estático": porque consiste em um setor da estrutura cultural, a qual é "memória de conceitos", quer dizer, "memória de objetos culturais internos", objetos que subsistem rigidamente estruturados e não mudam por nenhum motivo, salvo a vontade do sujeito.

É evidente que, desde o ponto de vista estrutural, a cultura interna é uma estrutura de grau menor que a estrutura de uma cultura externa, a qual é alimentada por uma comunidade de sujeitos expressivos. Esta superioridade estrutural dificulta sua observação e descrição e obriga a considerar aquela parte que nos toca mais de perto, aquele aspecto da cultura externa que nos envolve em sua trama e inclusive nos determina "de fora". Contudo, sendo que uma estrutura não se compõe de partes, senão de membros integrados em um todo, temos que agir com extrema prudência ao abstrair uma fração da cultura externa, quer dizer, não esqueceremos jamais que o fragmento observado é uma estrutura abstraída arbitrariamente da totalidade estrutural da cultura externa e indissoluvelmente encadeado a ela.

Para precisar a forma que há de revestir dita "fração estrutural externa", à qual finalmente vamos denominar "fato cultural", devemos nos referir ao espaço e ao tempo.

O "espaço" abarcado por uma cultura externa é, indubitavelmente, enorme: todo lugar que contenha um objeto cultural externo é parte de tal espaço, desde o lugar ocupado pela galáxia mais longínqua até aquele em que se movem as partículas subatômicas, passando por todos os objetos culturais comuns à sociedade. Na verdade, o âmbito da cultura externa é incrivelmente extenso; e isso por efeito da atitude "colocadora de sentido" que caracteriza o pasu ou o virya perdido; os alcances deste efeito assinalador se compreenderão melhor se definimos o "espaço cultural exterior" como todo aquele lugar em que seja possível efetuar alguma destas três coisas: a) descobrir um ente designado; b) projetar um sinal; c) reconhecer um objeto. O espaço real que cumpre com algum destes requisitos constitui o "universo" dos objetos culturais externos.

Dada a grande magnitude do universo de objetos culturais externos, âmbito total da cultura externa, não há de ser fácil, à primeira vista, delimitar o espaço cultural que tenha para nós a maior importância. Quer dizer, a fração estrutural da

cultura externa, que procuramos definir, não parece possível que possa se realizar empregando SOMENTE uma diretriz espacial. Isso poderá fazer-se, não obstante, considerando também a ação do tempo na cultura externa.

O tempo no qual permanece e subsiste o mundo dos entes finitos é, desde já, o "tempo transcendente". No entanto, o tempo do universo de objetos culturais externos é uma espécie "temporal cultural" denominada "tempo histórico". Quer dizer: a cultura externa não é uma estrutura estática, que permanece fixa no tempo, senão um ser vivo que cresce e se desenvolve, que evolui e possui uma História, um "tempo de fatos". O que é a História, em que se diferencia do tempo transcendente? Resposta: História é a projeção CONTÍNUA da cultura externa SOBRE o tempo transcendente.

Recordemos que o destino do pasu é ser doador de sentido no mundo e que dito objetivo macrocósmico cumpre mediante a expressão significativa, A QUAL É CORRELATIVA COM A SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA, que fundamenta o pensamento racional. O tempo transcendente é um tempo ôntico, no qual sucedem e duram os entes aos que, justamente, a expressão significativa outorgou um sentido cultural. É assim que o tempo transcendente transcorre paralelamente à significação contínua da estrutura cultural, que se traduz na expressão significativa, pelo que resulta inevitavelmente revestido de sentido cultural. Do tempo transcendente não poderá se conceber, então, nem um instante que seja insignificante, porque seu conceito é permanentemente significativo no contexto da cultura externa, que é reflexo da cultura interna. E o desenvolvimento significativo e contínuo da cultura externa, que acontece no tempo transcendente e que o cobre com sentido cultural, é a História propriamente dita. Com outras palavras: o tempo transcendente, tomado como ente externo, é convertido pela projeção coletiva da cultura externa em objeto cultural; a História é, pois, o tempo transcendente culturalmente transfigurado.

Mas a História assim definida, como um contínuo temporal-cultural, é manifestamente análoga à significação contínua que fundamenta o pensamento racional. Recordemos que, quando no horizonte da significação contínua se destaca um relevo, este constitui o fundamento significativo de um pensamento racional, quer dizer, um símbolo como **I** (fig. 21); no contínuo transcorrer da História de uma sociedade, durante o desenvolvimento de sua cultura externa, que evento é equivalente a um relevo no horizonte da significação contínua? Resposta: quando um evento se destaca nitidamente no contínuo transcorrer da História, se diz que o mesmo constitui um FATO HISTÓRICO; o fato histórico, na estrutura da cultura externa, é análogo à manifestação de um relevo **I** (fig. 21) na estrutura cultural. Esta analogia, desde já, pode ser aprofundada e é o que se fará no próximo artigo; mas ela permitirá, agora, extrair uma importante conclusão.

Por exemplo, sendo que um relevo, tal como I, é um símbolo formado pela manifestação de um ou mais "símbolos arquetípicos", devemos inferir disso que, analogamente, o fato histórico é a manifestação de um Arquétipo psicoide? Resposta: com efeito, TODO FATO HISTÓRICO É A MANIFESTAÇÃO DE UM ARQUÉTIPO PSICOIDE, OU MITO, EM UM ESPAÇO CULTURAL DETERMINADO. Parece que nos aproximamos, assim, à fração de cultura externa que buscávamos para compreender sua influência sobre um observador individual: o fato histórico seria, claramente, "aquele aspecto da cultura externa que nos envolve em sua trama e inclusive nos determina desde fora". No entanto, esta conclusão não é totalmente correta, pois a determinação real que a cultura externa é capaz de exercer sobre nós só é efetiva no tempo presente e todo fato histórico é invariavelmente um evento acontecido, a notícia de algo que aconteceu em outra época e da qual se conserva a recordação. Para solucionar este problema não há outro modo do que cingir-se ao presente histórico, mas o que é um fato histórico considerado em seu momento

presente? Resposta: um FATO CULTURAL. Ou, com outros termos, UM FATO HISTÓRICO É UM FATO CULTURAL PASSADO.

O "fato cultural" é, então, "essa fração da cultura externa que nos envolve em sua trama" e à qual devemos estudar para compreender o fundamento estrutural da cultura externa que, como sabemos, é de grau superior ao da cultura interna ou modelo cultural. E o fato cultural, em sua qualidade de fato histórico é, segundo vimos recentemente, "a manifestação de um Arquétipo psicoide ou Mito, em um espaço cultural determinado".

Resumindo, comprovamos que entre a cultura externa e a cultura interna existe uma correspondência estrutural estrita, de tal modo que os conceitos ou asserções da estrutura cultural interna se refletem em objetos culturais da cultura externa; e que o contínuo significado da estrutura cultural interna é correlativo com o contínuo significado temporal do devir histórico da cultura externa. Também vimos que a manifestação de um símbolo I, que replica um conceito xx, é análogo à manifestação de um Arquétipo psicoide durante um fato cultural.

Teríamos agora que aprofundar no conceito de "fato cultural" e estudar as relações estruturais, "entre objetos culturais e homens", o que dá lugar à manifestação do Arquétipo psicoide. Não obstante, temos que deixar pendente, no momento, este propósito, para dedicar-nos a examinar, em detalhes, as correspondências analógicas entre micro e macrocosmo. É necessário dar este passo prévio, e compreender melhor o que é "História" e "fato histórico", antes de encarar o estudo desse momento estrutural da História que é o "fato cultural".

D - Correspondências analógicas entre micro e macrocosmo.

Baseando-nos em conceitos explicados na Primeira Parte, vamos destacar algumas correspondências entre o microcosmo e o macrocosmo, que nos permitirão compreender a função dos Arquétipos psicoides.

Em primeiro lugar, recordemos que o microcosmo é um reflexo do macrocosmo, sua IMAGEM INVERTIDA. Nele, a memória arquetípica ou cérebro contém uma cópia invertida de todos os Arquétipos universais do macrocosmo. Quer dizer: a memória arquetípica é análoga ao plano arquetípico do macrocosmo. O sujeito anímico, a razão, ao manifestar-se e operar na estrutura da memória arquetípica, vai construindo a estrutura cultural e, desde ela, como sujeito cultural, desenvolve logo o esquema de si mesmo ou esfera de consciência. O produto final destas construções é equivalente a um empilhamento estrutural, tal como se observa na fig. 24: primeiro, aparece o dado, o herdado, a memória arquetípica, a base de toda a estrutura psíquica; logo, sobre ela, assenta-se a estrutura cultural; e, "além do sistema **xx** pensado, estende-se a esfera de consciência, a qual, por estar compenetrada com as esferas afetiva e racional, divide-se em duas camadas denominadas "esfera de sombra" e "esfera de luz".

O sujeito consciente, a mais elevada expressão do sujeito anímico, capaz de apreender ideias com imagem, manifesta-se exclusivamente na esfera de luz, ato que constitui a "consciência" propriamente dita: os atos mentais que ocorrem em qualquer outra estrutura fora da esfera luz são INCONSCIENTES; daí que se equipare a esfera de sombra com o INCONSCIENTE COLETIVO PESSOAL da Psicologia Analítica de C. G. Jung.

Estudaremos agora as principais analogias entre as esferas do microcosmo e as correspondentes esferas do macrocosmo. Para que tais relações se tornem evidentes, é necessário começar por considerar o seguinte princípio: A ESFERA MAIS ELEVADA DO PASU, QUER DIZER, A ESFERA DE CONSCIÊNCIA, CORRESPONDE À ESFERA MAIS BAIXA NA ORDEM DO DEMIURGO, ISTO É, À ESFERA MATERIAL. Desde já, por "esfera material" há que se entender o que na

figura 27 se denominou “plano material”, quer dizer, “a realidade”, “o mundo exterior” que rodeia a esfera sensorial do pasu.

Se atendemos a este princípio e observarmos que a manifestação temporal do Demiurgo no macrocosmo é análoga à manifestação da mônada, como sujeito anímico, no microcosmo, comprovaremos que ambas as analogias se encontram nos extremos de uma respectiva série de estruturas encadeadas. Como uma de tais séries de estruturas, a microcósmica, já foi explicada com detalhes na Primeira Parte, só nos falta estabelecer as correspondências analógicas com uma série equivalente de estruturas microcósmicas. É o que se mostra na figura 38.

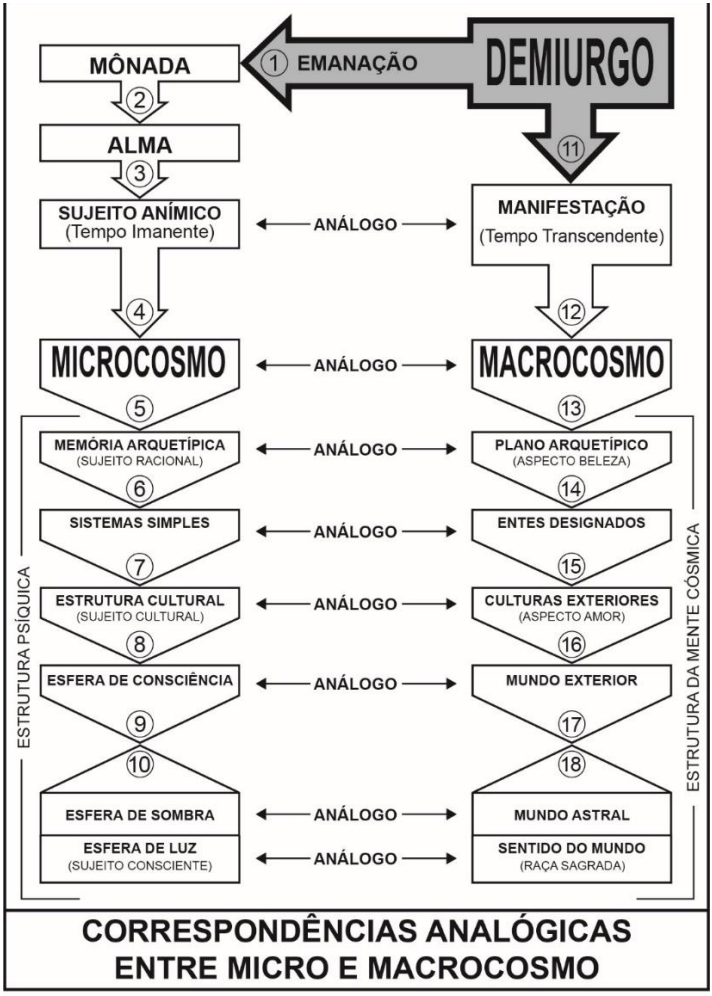


FIGURA 38

Ali a estrutura psíquica do microcosmo (seta 5) compõe-se, segundo vimos na Primeira Parte, da memória arquetípica ou estrutura celular do cérebro (seta 6), a estrutura cultural (seta 8) e a esfera de consciência (seta 9). Agregaram-se também dois níveis formais intermediários, para alcançar maior clareza na comparação macrocósmica: entre a memória arquetípica (seta 6) e a estrutura cultural (seta 8) situou-se um recinto (seta 7) que representa os "sistemas simples" ou subestruturas que formam a estrutura cultural; também se desenhou um recinto (seta 10) no qual se indica a dupla composição da esfera de consciência em esfera de sombra e esfera de luz.

O macrocosmo (seta 13), de outra parte, apresenta uma série de estruturas da mente cósmica que correspondem analogicamente com as estruturas da psique microcósmica. Assim, o "plano arquetípico" (seta 14) equivale à "memória arquetípica" (seta 6), relação que já se havia exposto na Primeira Parte; as "culturas exteriores" ou "superestruturas" (seta 16) são análogas à "estrutura cultural" (seta 8), relação igualmente já adiantada; e o "mundo exterior", a "realidade humana" (seta 17) corresponde à "esfera de consciência" (seta 9) de acordo ao princípio do qual partimos: "a esfera mais elevada do pasu, quer dizer, a esfera de consciência, corresponde à esfera mais baixa na ordem do Demiurgo, isto é, à esfera material". Mas a esfera de consciência (seta 9) é integrada pela esfera de sombra e pela esfera de luz (seta 10), enquanto o "mundo exterior" (seta 17), analogamente, consiste no "mundo astral" e o "mundo do sentido" (em um espaço de significação) (seta 18): a "esfera de sombra" do microcosmo, que é inconsciente, tem analogia com o "mundo astral" do macrocosmo, o qual é uma espécie de inconsciente demiúrgico; e a "esfera de luz" do microcosmo, que é consciente, corresponde ao "Sentido do Mundo" que o Demiurgo percebe por efeito da ação cultural humana e que constitui uma espécie de consciência demiúrgica do macrocosmo. Sobre esta última correspondência analógica, que é da maior importância para compreender a Conduta do Demiurgo, voltaremos mais adiante.

Os "entes designados" do macrocosmo (seta 15), desde já, correspondem aos "sistemas simples" da estrutura cultural (seta 7), uma vez que estes são "esquemas daqueles", tal como se explicou na Primeira Parte.

Na figura 38, da mesma forma, podem-se ver dois processos do Demiurgo: por um lado, Ele se MANIFESTA no macrocosmo (seta 11) como uma essência fluente e sucessiva, como um Grande Alento ou Tempo (transcendente) (seta 12); de outra parte, EMANA a "mônada" humana (seta 1), que, por sua vez, se desdobra sobre o plano material como "alma transmigrante" (seta 3) e "sujeito anímico" do microcosmo (seta 4): a "Manifestação" (12) do Demiurgo, o Grande Alento ou tempo transcendente, é análogo, segundo se vê, ao sujeito anímico (4), o qual, se alcança a autonomia ôntica, consistirá essencialmente em tempo imanente.

Pois bem, se recordamos que "a alma só pode manifestar-se EM uma estrutura adequada ou veículo" e que "sem estrutura não há manifestação anímica possível", e admitimos hermeticamente que tanto micro como macrocosmo são ESTRUTURAS ANÁLOGAS, estaremos em condições de estabelecer outras importantes correspondências. O sujeito anímico do microcosmo (4), com efeito, manifesta-se como "sujeito racional' na memória arquetípica (seta 6), como "sujeito cultural" na estrutura cultural (seta 8), e como "sujeito consciente" na esfera de luz (seta 10), tal como ocorre com a Manifestação (12) do Demiurgo no macrocosmo. Tal Manifestação é análoga à alma, um "*anima mundi*", e se expressa nas estruturas da mente cósmica em forma de Aspectos, Faces ou Rostos do Demiurgo: no plano arquetípico (seta 14) com o Aspecto "Beleza" ou "Inteligência ativa"; nas superestruturas das culturas exteriores (seta 16) com o Aspecto "Amor" ou "Sabedoria"; e no Mundo Exterior, nos espaços de significação, com o Aspecto

"Vontade" ou "Poder" ENCARNADO EM UMA "RAÇA SAGRADA". Deste modo, o sujeito racional (6) corresponde analogicamente ao Aspecto Beleza (14), o sujeito cultural (8) ao Aspecto Amor (16), e o sujeito consciente (10) À CONSCIÊNCIA COLETIVA DE UMA "RAÇA SAGRADA" (18).

Cabe esclarecer que nem sempre existe uma "raça sagrada" no espaço de significação considerado: nesse caso, o Demiurgo percebe o Sentido do Mundo diretamente desde as superestruturas das culturas exteriores (16) com o Aspecto Amor-Sabedoria, mas sem intervir no destino de tais culturas para entronizar Seu Poder individual ou coletivamente.

Mas o que é uma "raça sagrada"? Resposta: um desdobramento coletivo do Demiurgo, mediante o qual Ele se manifesta no mundo exterior (ao pasu) para recolher o sentido colocado nos entes, quer dizer, para apreender os objetos culturais superestruturados e para reinar com o Poder de Sua Vontade no seio das comunidades culturais. Em outros artigos, ao estudar a Estratégia "O" dos Siddhas Leais, se demonstrará que, após o encadeamento espiritual, as "raças sagradas" foram apoiadas pela Hierarquia Branca dos Siddhas traidores, para que constituam o núcleo de Poder das Sinarquias Universais: com a finalidade de que qualquer virya possa comprovar esta afirmação bastar-nos-á, por ora, só adiantar que, no atual momento histórico, no espaço de significação da cultura ocidental, a "raça sagrada" mediante a qual se manifesta o Demiurgo é chamada HEBRAICA OU JUDIA.

Deixando, pois, para mais adiante a explicação metafísica do conceito de "raça sagrada", vamos concluir o estudo das correspondências analógicas resumindo, e também ampliando o que já foi visto, nos seguintes comentários:

Primeiro: O microcosmo (5), *minor mundus*, e análogo, um reflexo, do *maior mundus* ou macrocosmo (13).

Segundo: O microcosmo (5) é uma estrutura na qual se manifesta e vitaliza um "sujeito anímico" (4), quer dizer, é um organismo no qual a alma (3) cumpre a função essencial de outorgar existência vital: a alma anima o microcosmo durante "uma vida", quer dizer, durante um período; ou fase vital na qual a potência em germe do Arquétipo humano se atualiza e se desenvolve; quando ocorre a dissolução orgânica denominada "morte", ao final da fase vital, a alma se recolhe em direção à mônada (2), da qual é sua extensão, para aguardar outra fase de manifestação em um novo microcosmo. A fase vital é medida, assim, por uma fase mortal e, ambas constituem um CICLO EVOLUTIVO (DA CHAVE KALACHAKRA) MICROCÓSMICO no qual se completa o processo do Arquétipo familiar, quer dizer, do Plano hereditário, genético, que replica o Arquétipo Manu.

O macrocosmo (13) é uma estrutura na qual se Manifesta o Demiurgo, vitalizando-a como "anima mundi": a Manifestação (12) dura uma fase vital ou "Manvantara" na qual se atualiza e se desenvolve a Potência que se encontra em germe no Plano cósmico; quando ocorre a dissolução orgânica do macrocosmo, denominada Pralaya, a Manifestação se recolhe para o Demiurgo, do qual é sua extensão, para aguardar outra fase de manifestação, em um novo macrocosmo. O Manvantara é sucedido, assim, por um Pralaya e, ambos constituem um CICLO EVOLUTIVO MACROCÓSMICO, no qual se completa o processo do Arquétipo Uno, ou Plano do Universo, alcançando-se a enteléquia e regressando todo o existente ao nada inicial, que é igual ao nada final.

Terceiro: A memória arquetípica do microcosmo (6) é análoga ao plano arquetípico do macrocosmo (14): sua "cópia invertida".

Quarto: O sujeito anímico (4) manifesta-se na memória arquetípica (6) como sujeito racional, atualizando os Arquétipos invertidos para formar os esquemas de entes exteriores com Princípios e Relações, quer dizer, para construir sistemas simples (7).

Analogamente, a Manifestação (12) se expressa no plano arquetípico (14) como o Aspecto Beleza ou Inteligência ativa do Demiurgo, atualizando os Arquétipos universais para formar os entes exteriores e designando, logo, um termo particular, destinado ao descobrimento do pasu.

Quinto: Os sistemas simples (7) da estrutura cultural do microcosmo são análogos aos entes designados (15) existentes nas superestruturas das culturas exteriores, no macrocosmo.

Sexto: A estrutura cultural (8) do microcosmo é análoga à superestrutura de uma cultura exterior (16), no macrocosmo.

Sétimo: O sujeito anímico (4) manifesta-se na estrutura cultural (8) como sujeito cultural, vivenciando os sistemas como "representações racionais"; uma representação racional é um conceito-fatia do esquema da Relação notado no contexto de um plano de significação horizontal. Analogamente, a Manifestação (12) se expressa nas culturas exteriores como o Aspecto Amor ou Sabedoria do Demiurgo, vivenciando as superestruturas por meio dos Arquétipos psicoides que as sustentam: a força que religa os objetos culturais exteriores é o amor do pasu, energia oferecida por toda a comunidade sociocultural desde o inconsciente coletivo universal ou mundo astral (18) e que "alimenta" o Arquétipo "astral" psicoide. O Demiurgo, com seu Aspecto Amor-Sabedoria, pode vivenciar uma cultura exterior (16) como superconceito, quer dizer, pode notá-la no contexto de uma superlinguagem em um espaço de significação horizontal.

Oitavo: A esfera de consciência do microcosmo (9) é análoga ao mundo exterior (17), a realidade que o pasu percebe do macrocosmo que o contém: este é o princípio fundamental, o "extremo inferior", da correspondência analógica, hermética, entre micro e macrocosmo.

Nono: A esfera de consciência ou esquema de si mesmo do microcosmo compõe-se de uma esfera de sombra e de uma esfera de luz.

O mundo exterior (17), ou esquema de Si Mesmo do Demiurgo, compõe-se do mundo astral e do espaço de significação no qual percebe o Sentido do Mundo, sentido colocado pelas comunidades humanas nas culturas externas.

Décimo: A esfera de sombra (10), ou "inconsciente coletivo pessoal", é análoga ao mundo astral (18) ou "inconsciente coletivo universal (planetário)".

Para compreender o alcance macrocósmico desta analogia, teremos que aprofundar, previamente, no conceito de "esfera de sombra" definido na Primeira Parte. Recordemos, antes de tudo, tal definição: "Analogicamente, convém considerar a esfera de consciência como formada por DUAS ESFERAS concêntricas e consecutivas, semelhantes às camadas de uma cebola. A primeira a que vai desde o plano horizontal (**STt**), fig. 21, até o umbral de consciência **ψ**, quer dizer, A REGIÃO À QUAL RECENTEMENTE ATRIBUÍMOS TRÍPLICE COMPENETRAÇÃO; esta região é denominada ESFERA DE SOMBRA. A segunda é a que se estende desde o umbral de consciência **ψ** até a superfície exterior da esfera de consciência, à qual chamamos ESFERA DE LUZ. A que se refere a "tríplice compenetração" que menciona a definição? Resposta: a que "a esfera de consciência e as esferas afetiva e racional estão COMPENETRADAS ENTRE SI, além de qualquer plano de significação". É por isso que nas fig. 21, 24 e 25 se representa a esfera de sombra como um espaço analógico situado "além" do plano de significação horizontal que intersecta o sistema **xx** notado. No entanto, este espaço analógico não é estritamente equivalente à esfera de sombra real, senão que foi definido assim, com critério didático, para explicar o processo dos símbolos emergentes, tais como "I". Mas que a esfera de sombra é algo mais que tal "espaço analógico" pode-se comprovar na fig. 22, onde se observa que a tríplice compenetração da esfera de consciência (2), racional (3) e afetiva (4), dá lugar a um espaço maior, que se

estende sob a profundidade do sistema **xx,** cujo nível energético foi representado geometricamente com uma linha pontilhada.

Perguntar-nos-emos agora, o que há em tal setor, sob o sistema **xx**, que motivou sua eliminação na explicação dos símbolos emergentes? Resposta: a estrutura cultural; quer dizer, aqueles sistemas da estrutura cultural que não foram notados pelo sujeito cultural e, portanto, que não se encontram no nível da linguagem habitual, sobre o plano de significação (**STt**). Isto completa o que foi dito: "A estrutura cultural, que se forma pela ação da razão, tem lugar nas esferas afetiva e racional como SUBSTRATO destas, quer dizer, que seu lugar está no fundo, no profundo, na base: PRÓXIMO DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA, DO CÉREBRO, que é quem suporta as esferas afetiva e racional". Segundo veremos agora, tal "região profunda" ocupada pela estrutura cultural, salvo o conceito **xx** e seu contexto significativo, entranha alguma diferença com o resto da esfera de sombra real.

A natureza desta diferença ficará evidenciada se recordamos que o sujeito cultural pensou o sistema **xx** impulsionado pela "vontade instintiva" enquanto na "região profunda", setor (6) da figura 32, só predomina a "vontade instintiva", quer dizer, o sujeito racional. Sendo a esfera de sombra real a "região do inconsciente" da estrutura psíquica, a diferença apontada de sujeito, e de energia volitiva, nos coloca ante o curioso fato de que, para o sujeito anímico, existem DOIS GRAUS NOTÁVEIS DE INCONSCIÊNCIA, dependendo de que o fenômeno psíquico ocorra na região profunda do setor (6), sob o sistema **xx**, ou na "região superficial" denominada "esfera de sombra" nas fig. 21, 24 e 25 e formada pelos setores (5), (7) e (8) da fig. 32. Há, assim, uma "inconsciência superficial" ou "leve", de grau menor, própria do sujeito cultural e de todo sujeito que atue na região que vai desde o plano de significação horizontal até o umbral de consciência, e uma "inconsciência profunda", de grau maior, própria do sujeito racional e de todo sujeito que atue por baixo do plano de significação, em direção à memória arquetípica (ver fig. 24). Até aqui fica respondida a última pergunta: a região do inconsciente profundo não foi considerada nas explicações da Primeira Parte porque estas só se ocupavam de fenômenos psíquicos, tais como a emergência de I, que se encontravam referidos a si mesmo, quer dizer, ao umbral de consciência, uma região SOBRE o plano de significação horizontal que é característica, segundo vimos, da inconsciência leve do sujeito.

Em síntese, devemos considerar que a esfera de sombra real se compõe de duas regiões notáveis: a "esfera de sombra superficial", região do inconsciente leve, que estudamos na Primeira Parte, e a "esfera de sombra profunda", região do inconsciente profundo do sujeito e âmbito da memória arquetípica, quer dizer, do inconsciente coletivo pessoal.

A esfera de sombra superficial é produto, tal como se definiu na Primeira Parte, SÓ da tríplice compenetração das esferas de consciência, afetiva e racional; sua composição se mostra na fig. 32, nos setores (5), (7) e (8).

A esfera de sombra profunda é produto, também, e segundo se evidencia na fig. 32, observando o setor (6), de tal tríplice compenetração das esferas psíquicas... E DE ALGO MAIS. Um "algo mais" que nos obrigará a uma nova reflexão para aproximar-nos de sua natureza. Mas o que é certo até aqui é que tal "algo mais" será oferecido pela estrutura cultural, a qual se encontra permanentemente imersa, salvo o sistema **xx** vivenciado pelo sujeito consciente, na região do inconsciente profundo, na "esfera de sombra profunda" do setor (6).

Antes de estudar em que consiste semelhante contribuição da estrutura cultural, que determina essencialmente a esfera de sombra profunda, convém argumentar uma justificativa sobre a extensão inusitada do comentário décimo. Comecemos por destacar, antes de tudo, que o propósito deste comentário é

demonstrar a correspondência analógica entre a esfera de sombra microcósmica (seta 10) e o mundo astral macrocósmico (seta 18), e que tal propósito só poderá cumprir-se na medida em que disponhamos de uma clara compreensão da esfera de sombra. Mas, há que se afirmar aqui, o mundo astral é estritamente analógico à esfera de sombra real, quer dizer, completa, como o temos redefinido precedentemente: é evidente, pois, que enquanto não acabemos de conhecer a constituição da esfera de sombra profunda, a tríplice compenetração e "algo mais", será tarefa inútil tentar compreender a correspondência analógica com o mundo astral macrocósmico. E contra este propósito conspira, desde já, a dificuldade inerente a toda descrição de realidades inconscientes, realidades que só podem ser reduzidas à consciência, PARA SUA EXPLICAÇÃO, por algum método sistemático e racional: mas, afortunadamente, o método estrutural empregado cumpre com dito requisito, porque suas conclusões TÊM CORRESPONDÊNCIA CONCEITUAL COM A ESTRUTURA PSÍQUICA DO PASU E DO VIRYA.

Não resta outro caminho seguro, então, do que continuar aprofundando o conceito de "esfera de sombra real" o suficiente para alcançar a compreensão de sua analogia com o plano astral macrocósmico.

Vejamos, pois, que determinação essencial introduz a estrutura cultural na esfera de sombra profunda (setor 6, fig.32), o que agrega à tríplice compenetração das esferas psíquicas (esferas (2), (3) e (4), fig. 32), enfim, o que é "esse algo" que modifica ESPACIALMENTE a região profunda. Para começar, consideremos os principais momentos do processo do pensar racional, representados simbolicamente na fig. 21. Nela se examinou o caso em que um sistema **xx** é notado, pelo sujeito cultural, no plano de significação e contexto (**STt**). Dessa vivência o sujeito cultural só pode compreender um conceito-fatia do sistema **xx**, ato que produz a manifestação de um símbolo **I** que imita o conceito **xx** e que não é mais que o conteúdo, o único conteúdo, do pensamento racional consequente: a "representação racional" do conceito. Este símbolo I, cuja manifestação ocorre COMO RELEVO NO HORIZONTE DA SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA DO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO HORIZONTAL (**STt**), emerge imediatamente para o umbral de consciência, para tornar-se uma "representação consciente" (I'). A "rapidez" com a que **I** emerja vai depender da referência a si mesmo de sua potência ativa e, naturalmente, da opacidade intrínseca da esfera de sombra (superficial), da resistência que ela oponha à energia de seu movimento.

Isto é, em síntese, o que estudamos na Primeira Parte sobre a produção de representações racionais e conscientes. É claro, nada dissemos então sobre o que ocorria nesses casos, ao par dos pensamentos racionais, NA REGIÃO PROFUNDA DA ESTRUTURA CULTURAL. Para saber agora o que acontece ali, devemos nos situar em uma perspectiva mais ampla e observar, não só o processo de emergência de **I** tal como foi enquadrado na fig. 21, para sua descrição e explicação, senão a totalidade da estrutura psíquica do pasu ENQUANTO OCORRE A EMERGÊNCIA DE **I**. Com outras palavras, devemos observar o processo do pensar racional, compreendendo em nossa visão à esfera de sombra real, para indagar o que ocorre então na região profunda.

O que buscamos com tal inspeção? Interessa-nos saber, particularmente, o que acontece com os restantes planos de significação quando o sujeito cultural nota o sistema **xx** EM UM SÓ DELES (**ST**t). Por exemplo, suponhamos que a estrutura da fig. 14 é análoga à estrutura cultural e que o sujeito cultural nota o sistema **xx** no plano de significação contextual que passa pela malha (**MNOP**), a qual, por tal motivo, se torna horizontal, como mostra a figura, com respeito à esfera de luz; sabemos que cada malha corresponde a uma linguagem e que o contexto que formam seus sistemas no plano de significação notado é o que outorga significado

ao conceito-fatia; pois bem, a pergunta é: quando o sujeito cultural nota o sistema **xx** no plano de significação que passa pela malha (**MNOP**), o que então ocorre, NESSE momento, durante o pensamento racional, nos planos de significação que passam pelas malhas (**ABCD**), (**EFGH**), (**IJKL**), etc., quer dizer, nas restantes linguagens? Resposta: Se bem que o sujeito cultural só vivencia o sistema **xx** e emprega sua faculdade tradutora para notar um conceito no plano de significação horizontal, quer dizer, sobre a malha (**MNOP**), NEM POR ESSA CONCENTRAÇÃO O RESTO DA ESTRUTURA CULTURAL FICA DESVITALIZADA. Pelo contrário, sabemos já da Primeira Parte, que a estrutura cultural está continuamente vitalizada pela alma, ainda que na ausência do sujeito: a alma experimenta, nesse caso, um pensar não focalizado em pensamento algum, que se traduz como um horizonte contínuo e linear de significação. Quando o sujeito vivencia um sistema particular, e produz um pensamento racional, o relevo do significado se realça sobre o horizonte da significação contínua e a faculdade tradutora torna horizontal dito plano contextual ou linguagem, outorgando-lhe preeminência subjetiva sobre as outras linguagens oblíquas; mas as linguagens SÃO SISTEMAS VIRTUAIS, expansões sistemáticas possíveis na estrutura cultural, segundo planos de significação característicos de tal ou qual modalidade lógica: sua "virtualidade" significa que são "potenciais", que, ainda que o sujeito atenda a UMA SÓ das múltiplas linguagens, sua vitalidade estrutural lhes permite existir em todo momento "potencialmente", quer dizer, sem atualizar-se como contexto de um sistema.

A conclusão que cabe tirar desta reflexão é que, sob o plano de significação horizontal da linguagem habitual (malha **MNOP**), empregado pela faculdade tradutora do sujeito para notar um sistema **xx**, EXISTEM POTENCIALMENTE MÚLTIPLOS PLANOS DE SIGNIFICAÇÃO SOBRE OS QUAIS SE ESTENDEM OUTRAS LINGUAGENS VIRTUAIS; tais planos MODIFICAM o "espaço analógico" produzido pela tríplice compenetração das esferas de consciência, afetiva e racional, por efeito da vitalidade potencial das linguagens determinadas pelos múltiplos planos de significação; e tais linguagens potenciais constituem esse "algo mais' que oferecia a estrutura cultural na região profunda.

A resposta buscada é, então, que enquanto o pensamento racional ocorre SOBRE um sistema **xx**, no quadro de uma linguagem habitual (tal como **MNOP**), SOB o plano de significação de dita linguagem, coexistem simultaneamente múltiplos planos de significação, determinados pela vitalidade potencial de suas correspondentes linguagens virtuais (tais como **ABCD**, **EFGH**, **IJKL**, etc.).

Resumindo, a esfera de sombra superficial é um espaço analógico produzido SOMENTE pela tríplice compenetração das esferas psíquicas. A esfera de sombra profunda, pelo contrário, é um espaço analógico produzido pela tríplice compenetração das esferas psíquicas e pela coexistência simultânea dos planos de significação da estrutura cultural profunda.

Esta resposta esclarece, também, o que foi dito no comentário décimo primeiro, que convém recordar agora: "a esfera de sombra" é o que, ultimamente, os psicólogos denominaram INCONSCIENTE. Se queremos equiparar os conceitos aqui expostos com os da Psicologia Analítica de C. G. Jung podemos começar por assimilar o INCONSCIENTE COLETIVO PESSOAL à MEMÓRIA ARQUETÍPICA do modelo estrutural. Notemos que a "memória arquetípica" encontra-se na região mais profunda da estrutura psíquica: se observamos a fig.21 vemos ali a esfera de luz, a mais elevada região psíquica onde se manifesta o sujeito anímico; se "olhamos desde ali" para a esfera de sombra, percebemos que SOB ELA está a estrutura cultural, com o sistema **xx,** cujo plano de significação se nivela com respeito à esfera de luz e, mais abaixo ainda, logo se encontra a memória arquetípica. Naturalmente, ao dizer "debaixo do umbral de consciência", estamos falando em termos

energéticos; por exemplo, “debaixo do plano horizontal (**xx**)” significa “debaixo de zero energia”, quer dizer, na “região da potência”. Percebemos agora que, naquele comentário se considerava esfera de sombra somente a região superficial, do inconsciente leve; mas, o que é mais importante, percebemos também que a região do inconsciente profundo corresponde a UMA ZONA DE ENTES ESSENCIALMENTE POTENCIAIS, quer dizer, entes cujo substrato consiste em potência passiva.

Já esclarecemos o conceito de “esfera de sombra real” o suficiente para encarar a descrição das correspondências analógicas que tem com o mundo astral macrocósmico, com garantia de que se compreenderão seus alcances. Não obstante, nos valeremos em grande medida da fig. 39, para evidenciar as analogias apontadas.

Em dita figura se observa, à esquerda, um esquema energético semelhante ao da fig. 24, salvo que neste se assinalou como “esfera de sombra profunda” à região situada SOB o plano de significação (**ST**t) perpendicular ao plano da figura e cujo perfil é o eixo (**0Tt**). Dita região profunda contém a estrutura cultural e a memória arquetípica, existindo entre ambas um nível energético, indicado com linha pontilhada, através do qual se realiza a transferência biunívoca dos esquemas de entes: neste nível encontra-se o “inconsciente coletivo pessoal”, segundo se explicará mais adiante. Como “espaço analógico”, a esfera de sombra profunda é produto da tríplice compenetração das esferas psíquicas e dos múltiplos espaços de significação da estrutura cultural.

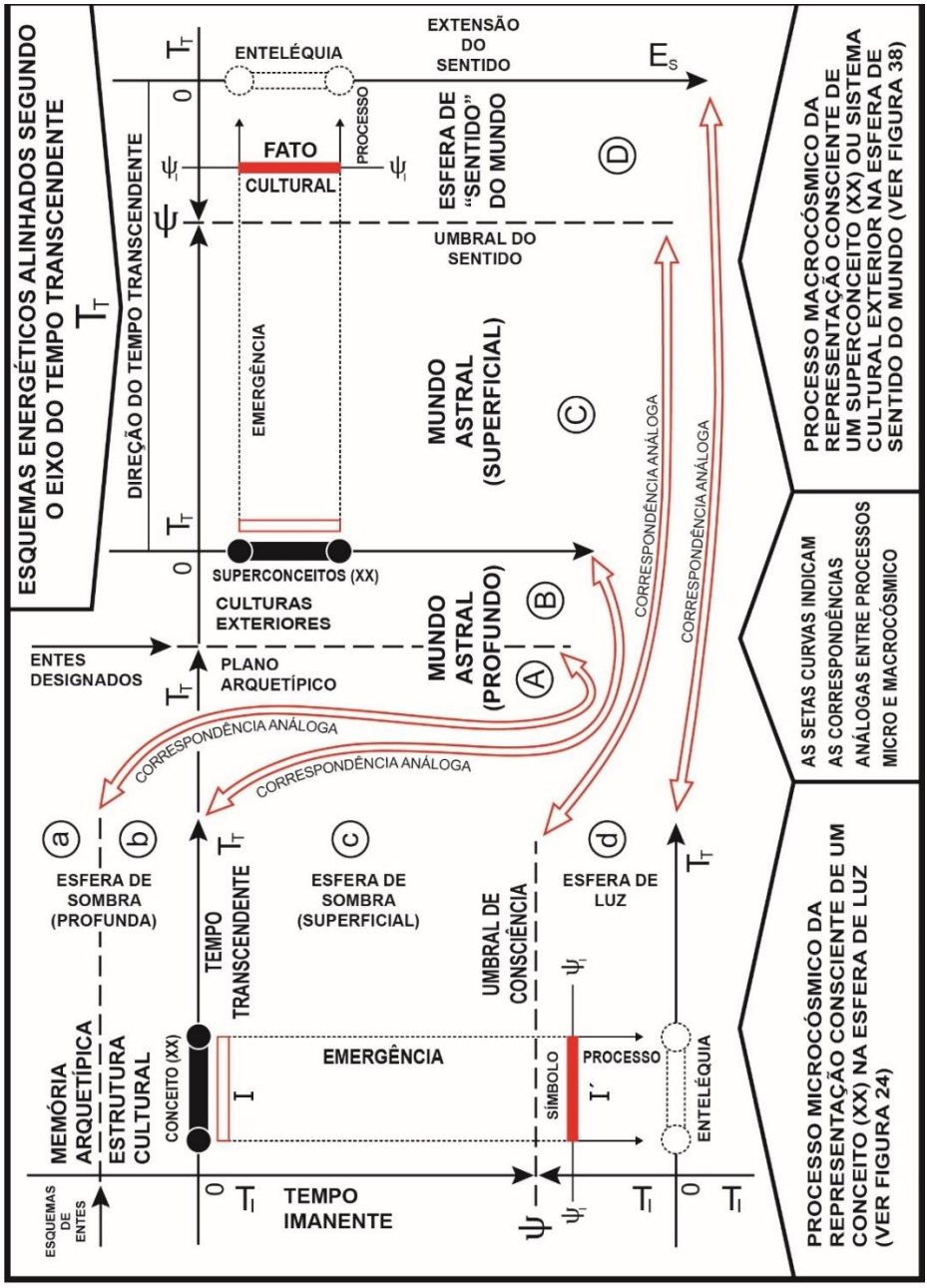

ESQUEMAS ENERGÉTICOS ALINHADOS SEGUNDO O EIXO DO TEMPO TRANSCENDENTE
EXTENSÃO DO SENTIDO
ENTELÉQUIA
PROCESSO
FATO CULTURAL
ESFERA DE "SENTIDO" DO MUNDO
UMBRAL DO SENTIDO
DIREÇÃO DO TEMPO TRANSCENDENTE
EMERGÊNCIA
MUNDO ASTRAL (SUPERFICIAL)
SUPERCONCEITOS (XX)
CULTURAS EXTERIORES
MUNDO ASTRAL (PROFUNDO)
ENTES DESIGNADOS
PLANO ARQUETÍPICO
CORRESPONDÊNCIA ANÁLOGA
CORRESPONDÊNCIA ANÁLOGA
CORRESPONDÊNCIA ANÁLOGA
CORRESPONDÊNCIA ANÁLOGA
ESFERA DE SOMBRA (PROFUNDA)
ESFERA DE SOMBRA (SUPERFICIAL)
ESFERA DE LUZ
UMBRAL DE CONSCIÊNCIA
TEMPO TRANSCENDENTE
MEMÓRIA ARQUETÍPICA
ESTRUTURA CULTURAL
CONCEITO (XX)
EMERGÊNCIA
SÍMBOLO
PROCESSO
ENTELÉQUIA
ESQUEMAS DE ENTES
TEMPO IMANENTE
PROCESSO MACROCÓSMICO DA REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE DE UM SUPERCONCEITO (XX) OU SISTEMA CULTURAL EXTERIOR NA ESFERA DE SENTIDO DO MUNDO (VER FIGURA 38)
AS SETAS CURVAS INDICAM AS CORRESPONDÊNCIAS ANÁLOGAS ENTRE PROCESSOS MICRO E MACROCÓSMICO
PROCESSO MICROCÓSMICO DA REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE DE UM CONCEITO (XX) NA ESFERA DE LUZ (VER FIGURA 24)

FIGURA 39

SOBRE o plano de significação (**ST**t), e até o umbral de consciência, se estende "a esfera de sombra superficial", já estudada na Primeira Parte.

À direita da fig. 39, há um esquema energético que representa a estrutura psíquica do Demiurgo, em concordância com a fig. 38. Vemos ali que a estrutura psíquica do Demiurgo tem uma estreita analogia com a estrutura psíquica do pasu: contém uma esfera (**D**) última, consciente, na qual se representa o Sentido do Mundo, análoga à esfera de luz (**d**), segundo se demonstrará nos próximos comentários; essa Consciência do Demiurgo encontra-se limitada do Seu Inconsciente ou "mundo astral" por uma barreira energética denominada "umbral do sentido", análoga ao "umbral de consciência" do microcosmo; segue depois o "mundo astral superficial" (**C**), o qual é análogo à "esfera de sombra superficial" (**c**) que definimos neste comentário. Vamos nos deter por um momento em dita analogia.

Conhecemos a composição da "esfera de sombra superficial" do microcosmo: é o produto da tríplice compenetração das esferas de consciência, afetiva e racional. Pois bem, o "mundo astral superficial" do macrocosmo surge como produto da sétupla compenetração das esferas psíquicas do Demiurgo; com outras palavras: a estrutura psíquica do Demiurgo é integrada por SETE esferas psíquicas, as quais, ao compenetrar-se entre si na região (**C**), produzem uma zona opaca (para a Consciência) denominada "mundo astral superficial". Apesar da diferença no número de esferas, três no microcosmo contra sete no macrocosmo, há que se admitir uma correspondência analógica estrita DESDE O PONTO DE VISTA ESTRUTURAL entre a esfera de sombra superficial e o mundo astral superficial.

Como "limite profundo" do plano astral superficial (**C**) encontra-se o "espaço de significação horizontal", cujo plano intersecta o superconceito **(xx),** como se mostra na figura; dito "superconceito" é a notação que o Demiurgo, com seu Aspecto Amor-Sabedoria, realizou de uma superestrutura em uma superlinguagem; e tal superestrutura pode ser, de acordo ao explicado no artigo "O terrível Segredo de Maya", desde uma cultura exterior, ou seu "momento": o fato cultural, até um microcosmo potencial, quer dizer, um pasu ou virya perdido. É evidente, aqui, que o espaço de significação macrocósmico corresponde analogicamente ao plano de significação microcósmico.

SOB o espaço de significação horizontal encontra-se o "mundo astral profundo", composto por duas regiões notáveis (**A**) e (**B**) que têm analogia com as regiões (**a**) e (**b**) da "esfera de sombra profunda". A região (**A**), com efeito, é o mundo ou "plano arquetípico do macrocosmo", representado no microcosmo pela memória arquetípica (**a**), a qual contém uma cópia invertida de todos os Arquétipos universais. À região (**A**) se denomina "inconsciente coletivo universal", assim como à região (**a**) se chama "inconsciente coletivo pessoal". No entanto, esta relação vai além de uma mera correspondência analógica, pois implica em um nexo real, uma ponte, por onde os Arquétipos universais atuam sobre o microcosmo. Daí a importância fundamental que a Metafísica Hiperbórea atribui às regiões (**a**) e (**A**) ao estudar a atividade dos "mitos interiores", ou "Deuses dos entes", que dizer, dos Arquétipos coletivos da estrutura psíquica microcósmica, e dos "mitos exteriores" ou Mitos, quer dizer, dos Arquétipos coletivos psicoides das superestruturas. Convém, pois, examinar esse importante conceito, válido para o pasu ou virya perdido.

Digamos, antes de tudo, que a chave do nexo entre ambas as regiões do inconsciente profundo, micro e macrocósmica, radica nos SÍMBOLOS SAGRADOS. Estes símbolos, segundo vimos na Primeira Parte, representam um mito interior, um Arquétipo universal desencadeado da série formativa do desígnio de um ente. Quando o símbolo sagrado emerge no umbral de consciência com máxima energia, sua percepção é tão impressionante que afeta toda a compleição do sujeito anímico,

quer dizer, o sujeito consciente, cultural e racional; e mais ainda se o símbolo sagrado consegue dominar e capturar o sujeito consciente. Em todo caso, a impressão leva o sujeito consciente a identificar-se com o símbolo sagrado, o sujeito cultural a identificar-se com o mito do esquema e o sujeito racional a identificar-se com o Arquétipo invertido da memória arquetípica: é então quando se estabelece o contato real entre o inconsciente coletivo pessoal e o inconsciente coletivo universal, e a formidável potência de um Arquétipo universal fica habilitada para atuar. Mas a ponte estendida pelo símbolo sagrado entre ambos os mundos permite que a atividade do arquétipo se desenvolva tanto "dentro" (do microcosmo) como "fora" (no macrocosmo): se age na estrutura psíquica é só um "mito interior"; se atua fora, sobre as superestruturas do mundo exterior, é um "Arquétipo psicoide". Quer dizer, a ponte metafísica encontra-se aberta em ambos os sentidos: essa propriedade é a que emprega a Metafísica Hiperbórea para explorar e conhecer o plano arquetípico do Demiurgo, seus Planos demenciais; claro que para isso, para transcender os símbolos sagrados em sua extensão metafísica macrocósmica, é necessário evitar cuidadosamente a possibilidade de uma captura subjetiva por parte do Arquétipo universal, ou algo pior. Mais adiante, em outro inciso, se estudará esta possibilidade e se demonstrará que só o virya desperto, aquele que adotou uma "atitude graciosa luciférica" e possui um Eu desperto não subjetivo, está em condições de transcender os símbolos sagrados sem perigo.

Consideremos a região (**A**). Desde o plano arquetípico, os Arquétipos universais se desdobram para o plano material, impulsionados pelo Aspecto Beleza ou Inteligência Ativa, e se manifestam como entes finitos, tentando alcançar a enteléquia: DESDE O PONTO DE VISTA UNIVERSAL, O NIVEL ENERGÉTICO ENTELEQUIAL DOS ENTES FINITOS É O INDICADO COM LINHAS PONTILHADAS COMO LIMITE DA REGIÃO (**A**). Quer dizer que os entes finitos, como tais, subjazem no profundo do inconsciente demiúrgico. Contudo, os entes, além do termo universal que lhes impõem a finalidade dos Arquétipos, estão assinalados pelo termo particular da suprafinalidade das mônadas, estão designados para o pasu, dispõem de uma chave de seu Plano que pode ser descoberta e revelada pela razão: o desígnio transforma os entes em seres-para-o-homem. A finalidade do homem é descobrir o desígnio dos entes e colocar, nestes, um sentido. O homem torna, assim, os entes em "objetos culturais", oferecendo-lhes a possibilidade de existir "além" da região profunda, de "sair" da inconsciência demiúrgica. Tal como se aprecia no esquema energético, os entes se tornam mais conscientes na medida em que ganham sentido. Depois do nível dos "entes designados", quer dizer, do nível no qual o pasu descobre o desígnio, encontra-se a região (**B**) das culturas exteriores, as quais consistem de "objetos culturais" e "homens", superestruturados: o ente designado goza aqui, como "objeto cultural", de uma existência de grau superior, cheia de sentido, que representa para o Demiurgo "um bem", "um ato de amor", etc.

A região (**B**) é análoga à região (**b**) do mesmo modo que as culturas exteriores, ou superestruturas, que aquela contém, são análogas à estrutura cultural desta, relação que já foi destacada no comentário Sexto. Para compreender agora, com maior profundidade, esta correspondência, há que se realizar o seguinte raciocínio: o "sujeito racional" do pasu pode se considerar COMO UM OPERADOR QUE TOMA ELEMENTOS ARQUETÍPICOS DA REGIÃO (**a**), QUE REPRESENTAM O DESÍGNIO DO ENTE, E OS TRANSFERE À REGIÃO (**b**) ONDE SE ESTRUTURAM COMO ESQUEMA DO ENTE; o sujeito racional se encontraria, assim, operando sobre a linha pontilhada que separa as regiões (**a**) e (**b**). Pois bem, o pasu cumpre coletivamente no mundo uma função análoga à que o sujeito racional cumpre no pasu. Quer dizer, o pasu cumpre coletivamente a função de ser A FONTE

DA RAZÃO DO MUNDO: É POR SUA ATIVIDADE DOADORA DE SENTIDO QUE EMERGE A RAZÃO DO MUNDO, QUE OS ENTES, ATÉ ENTÃO SUBMERSOS NO UNIVERSAL, ADQUIREM EXISTÊNCIA PARTICULAR COMO OBJETOS CULTURAIS E SE RELIGAM POR AMOR, INTEGRANDO-SE NAS SUPERESTRUTURAS DAS CULTURAS EXTERIORES.

Com este critério, a função do pasu no mundo fica claramente definida: o pasu, microcosmo, pode se considerar COMO UM OPERADOR QUE TOMA ENTES DESIGNADOS DA REGIÃO (**A**) E OS TRANSFERE À REGIÃO (**B**), ONDE SE ESTRUTURAM COMO OBJETOS CULTURAIS: o pasu, microcosmo, se encontraria, assim, operando sobre a linha pontilhada que separa as regiões (**A**) E (**B**) do macrocosmo. Mas tal atividade do pasu é "coletiva", o que significa que, apesar de tudo, sua operação cultural, sua transformação racional do mundo, obedece em grande medida a uma alma grupal, a uma egrégora, a um Arquétipo psicoide, ou Manu, que dirige o destino da comunidade. Isto não pode ocorrer de outra maneira se a função coletiva do pasu tem que ser análoga à do sujeito racional NO pasu: o sujeito racional é uma manifestação da alma no microcosmo e, portanto, a "alma" do macrocosmo, o "*anima mundi*", há de manifestar-se também na comunidade pasu, que cumpre a função de "sujeito racional macrocósmico"; e tal manifestação da alma do Demiurgo sobre a comunidade pasu só se pode realizar através das hierarquias dévicas, quer dizer, por meio de uma alma grupal, egrégora, Arquétipo psicoide, Manu, etc.

Toca-nos agora, para concluir este comentário, estudar a correspondência analógica ESPACIAL que apresentam a "esfera de sombra profunda", regiões (**a**) e (**b**) e o "mundo astral profundo", regiões (**A**) e (**B**). Já sabemos que a esfera de sombra profunda "é um espaço analógico produzido pela tríplice compenetração das esferas psíquicas e pela coexistência simultânea dos planos de significação da estrutura cultural profunda". Em correspondência, o mundo astral profundo É UM ESPAÇO ANALÓGICO PRODUZIDO PELA SÉTUPLA COMPENETRAÇÃO DAS ESFERAS PSÍQUICAS DO MACROCOSMO E PELA COEXISTÊNCIA SIMULTÂNEA DA TOTALIDADE DE ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO NOS QUAIS O DEMIURGO É CAPAZ DE VIVENCIAR UMA CULTURA. Com esta definição nos situamos em pleno âmbito do Terrível Segredo de Maya, já que a pluridimensionalidade espacial do mundo astral profundo é a causa principal da ilusão do real; por sua causa, por exemplo, o pasu chega a ser consciente nada mais do que de UM dos múltiplos espaços de significação nos quais existe simultaneamente: aquele espaço no qual os objetos culturais internos, de sua estrutura cultural, coincidem com os objetos culturais externos, superestruturados na cultura exterior em que habita.

Fica assim demonstrada, com detalhes, a correspondência analógica entre a "esfera de sombra profunda" ou região (**a, b**) do "inconsciente coletivo pessoal" e o "mundo astral profundo" ou região (**A, B**) do "inconsciente coletivo universal", proposta neste comentário Décimo. Também se demonstrou a analogia entre a "esfera de sombra superficial", região (**c**), e o "mundo astral superficial", região (**C**). Ambos os resultados conduzem a confirmar a analogia geral entre a "esfera de sombra real" do microcosmo, regiões (**a, b** e **c**) e o "mundo astral real" do macrocosmo, regiões (**A, B** e **C**), exposta na fig. 38: correspondência entre as flechas (10) e (18).

Décimo primeiro: A esfera de luz (10) ou consciência é análoga ao Sentido do Mundo (18) que o Demiurgo nota com Sua Consciência em um determinado espaço de significação macrocósmico.

Décimo segundo: O sujeito anímico (3) manifesta-se na esfera de luz (10) como sujeito consciente. Ali, o sujeito consciente "vê" emergir as ideias através do umbral de consciência e percebe IMAGEM E SIGNIFICADO.

Analogamente, a Manifestação se expressa no mundo exterior como "raça sagrada". O Demiurgo, PELOS OLHOS DE SUA RAÇA SAGRADA, "vê" surgir os objetos culturais, os entes designados pelo pasu, desde o UMBRAL CULTURAL, quer dizer, desde o limite que separa uma cultura no mundo exterior do indiferenciado, dos entes cujo desígnio ainda não foi descoberto. A compreensão macrocósmica das culturas exteriores, as quais consistem em superestruturas de objetos culturais e microcosmos, e a apreensão do Sentido do Mundo que as comunidades socioculturais permanentemente sustentam e desenvolvem, constitui a Consciência do Demiurgo propriamente dita, compreensão e apreensão que, naturalmente, acontecem no tempo transcendente.

Como conclusão deste comentário, pode-se afirmar que o objetivo microcósmico da finalidade do pasu, desenvolver a esfera de consciência, conduz à consecução do objetivo macrocósmico: construir culturas externas, colocar sentido nos entes, e que esta finalidade CONTRIBUI AO DESENVOLVIMENTO EVOLUTIVO DA "CONSCIÊNCIA" DO DEMIURGO. Tal Consciência do Demiurgo cresce em função do Sentido do Mundo, pela emergência significativa dos fatos culturais, analogamente a como a esfera de consciência do pasu cresce, por efeito da emergência das representações conscientes. No entanto, desde que o pasu se transformou em virya perdido por causa do encadeamento espiritual, o Demiurgo se manifesta "pessoalmente" no mundo exterior, no seio do Sentido do Mundo, para aproveitar também a aceleração evolutiva que a Traição Branca causou e gozar do "novo sentido colocado permanentemente em sua Obra", do "descobrimento posterior": a Consciência do Demiurgo está representada, então, pela diabólica alma grupal que anima uma "raça sagrada"; mas, se tal raça não existir dentro de uma cultura, senão se tiver ainda revelado exteriormente, o Demiurgo se desdobrará em uma multidão de personagens arquetípicos, sacerdotes, militares, legisladores, juízes, etc., mediante os quais expressará seu Poder e a Vontade de sua Consciência; naturalmente, todo pasu ou virya perdido, cuja pessoa encaixa no tipo que o Demiurgo impulsiona para manifestar-se, será cedo ou tarde possuído por um Arquétipo psicoide e contribuirá para expandir Sua Consciência.

Cabe agregar, como esclarecimento, que o "mundo astral" é, com toda probabilidade, o que os ocultistas costumam denominar "plano astral". Mas o astral é um "mundo", ou melhor ainda, um conjunto de mundos interligados na realidade, ao que não convém a denominação ingênua de "plano". Outro tanto caberia dizer do "plano arquetípico" (**A**), que é um verdadeiro "mundo", em que pese o qual respeitamos a denominação tradicional, ainda que recordando aqui que a Sabedoria Hiperbórea ensina um conceito ao que é correto descrever como "mundo arquetípico".

Por último, do comentário décimo segundo se depreende a importante consequência de que A UMA "RAÇA SAGRADA" NÃO SE PERTENCE SÓ PELA HERANÇA GENÉTICA, PELO "NASCIMENTO", SENÃO TAMBÉM POR FAVORECER A MANIFESTAÇÃO DO "ASPECTO RAÇA SAGRADA" DO DEMIURGO. Assim, com referência à raça sagrada atual, quer dizer, a raça eleita dos hebreus, ocorre o curioso fato de que um homem pode ser judeu por sua herança, por nascer efetivamente no seio de uma família hebreia, ou por sua "CONSTITUIÇÃO MENTAL". PARA A SABEDORIA HIPERBÓREA NÃO SÓ É JUDEU QUEM NASCE JUDEU SENÃO TAMBÉM QUEM, POR SUA "CONSTITUIÇÃO MENTAL JUDAICA", FAVORECE A MANIFESTAÇÃO DO "ASPECTO RAÇA SAGRADA DO DEMIURGO".

E - As "Idades" da História.

Segundo a História oficial, neste momento nos encontramos vivendo na "Idade Contemporânea". Tal Idade teria "começado" no momento no qual ocorrem dois fatos históricos notáveis: a Independência dos EE.UU. e a Revolução Francesa. Evidentemente, aqueles que observaram a História e concordaram que esses fatos se destacam com tal eminência que constituem um limite natural entre "Idades" históricas, guiaram-se por um critério particular. Com efeito, sendo que ditas "Revoluções" formam parte do Plano que visa a consolidação da Sinarquia Internacional, quer dizer, a "Concentração mundial do Poder" (SINARQUIA) em mãos hebraicas, o critério empregado só pode ser qualificado de sinárquico.

Há que se investigar, então, por que a Historiologia se apoia em semelhante critério; e há que se fazer ainda mais: devemos redefinir o conceito de Idade segundo as diretrizes da Sabedoria Hiperbórea.

Para a Sabedoria Hiperbórea, por outra parte, neste momento nos encontramos vivendo no Kaly Yuga, um período de tempo de 432.000 anos. De onde surge essa cifra? De um complexo sistema misto de divisão e multiplicação do tempo, quer dizer, de uma combinação de cifras, múltiplos e submúltiplos dos sistemas decimal e sexagesimal, associados a ritmos da natureza, como é o ano solar, o número de respirações por minuto, o número de batimentos cardíacos, os ciclos lunares, etc. O Kaly Yuga é a última Idade (Yuga) de uma série de quatro, que formam um Maha Yuga ou Manvantara: o Satya Yuga, de 1.728.000 anos, o Treta Yuga, de 1.296.000 anos, o Dwapara Yuga, de 864.000 anos, e o atual Kaly Yuga, de 432.000 anos. Como dissemos na Segunda carta aos Eleitos, agora nos encontramos no Dia do Espírito, um período de mil anos durante o qual se "encerra" o Kaly Yuga e também o Manvantara: para isso veio há um século, e permaneceu até 1945 manifestado, o Führer da Raça Branca, o representante de Wotan, o Senhor da Guerra contra o Demiurgo.

Naturalmente, se o Kaly Yuga conclui no Dia do Espírito, é porque começou na época Atlante, naquele momento em que os Siddhas Traidores se instalaram "em plena luz" à frente da civilização da Atlântida, onde seriam conhecidos como "Siddhas da Face Tenebrosa". Mas essa é outra história.

Estamos, pois, frente a dois conceitos denotados pela palavra Idade, um, o antiquíssimo dos Yugas hindus ou das Idades gregas (de Ouro, de Prata, de Bronze e de Ferro) e outro, o moderno da Historiologia oficial: Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Hoje em dia, ao falar de uma "Idade", pode-se comprovar que, de ambos os conceitos, imediatamente se impõe e predomina o segundo, apesar de ser o primeiro muito mais antigo e conhecido: este efeito é um bom exemplo de uma tática sinárquica cultural denominada, em Estratégia Psicossocial, como "MUDANÇA DE SIGNIFICADO".

Mais adiante estudar-se-á com detalhes tal operação, pois um plano da Sinarquia se propõe, justamente, a provocar a mudança de significado no ÚNICO SÍMBOLO SAGRADO HIPERBÓREO que ainda possui potência suficiente para transmutar o virya perdido. Por ora, vamos nos ocupar de analisar e criticar o segundo significado, oficial, do conceito de Idade, para deixar exposto seu caráter artificial e falacioso.

F - Análise crítica do conceito oficial de Idade.

Além do fato de que a "História" oficial abarca um período de tempo ridiculamente curto, de sete ou oito mil anos, em relação à antiguidade de milhões de anos que apresenta a espécie humana sobre a terra, as "Idades" em que se a divide só tem por objeto assinalar certos intervalos entre eventos "importantes" para a comodidade mnemônica dos historiadores e pedagogos; por exemplo, a Idade Média "começa em 476, quando Odoacro depõe o imperador Rômulo Augusto, quer

dizer, com a queda do Império Romano" e acaba "quando os turcos tomam Constantinopla, em 1453"; a partir dessa data estende-se a "Idade Moderna". Esta maneira de "marcar" os limites das "idades" nos lembra a demarcação geográfica das fronteiras, que, no geral só existe na mente dos homens e nos mapas: sobre o terreno, às vezes, não há nada que indique que tal país termina aqui e tal outro começa além, incerteza que não impede que se acredite cegamente na "fronteira" como algo existente na natureza, pelo qual é possível (e desejável) lutar e morrer. Que não se diga que um rio, por exemplo, constitui uma fronteira "real"; um rio é só isso: um curso d'água, um acidente geográfico; qualquer propriedade cartográfica que se lhe atribua provém de um erro gnosiológico, do esquecimento de que um "limite geográfico" é uma convenção entre homens, tal como os símbolos da linguagem e, por dito caráter simbólico, pertence à psique coletiva, quer dizer, à esfera subjetiva e não à realidade objetiva, como poderíamos acreditar irrefletidamente. A cartografia consiste em representar graficamente sinais correspondentes à configuração da Terra e seus acidentes; o mapa, então, possui uma relação certa com a realidade territorial, mas tal relação é UNÍVOCA; em outras palavras: é verdade que essa linha do mapa representa a margem daquele rio; não é certo, pelo contrário, que, ao pintar essa linha com uma cor determinada para "representar" uma fronteira, isso corresponda a alguma qualidade da realidade territorial considerada. Da mesma forma que aqueles que acreditam na realidade concreta de uma fronteira cartográfica, que só existe nos mapas e em sua imaginação, há muita gente nestes dias que aceita ingenuamente a divisão por "Idades" da História e até se dá ao luxo de emitir juízos de valor: a Idade Antiga foi "pagã", a Idade Média "obscurantista", a Idade Moderna "brilhante", etc. Evidentemente, estamos aqui em pleno terreno do subjetivismo cultural, pois nem a História se desenvolveu com base em tais "Idades", nem os acontecimentos que determinam o intervalo de cada "Idade" são verdadeiros marcos históricos, mais importantes que outros fatos ocorridos antes ou depois dos mesmos. Os fatos que "marcam" o começo ou o fim de uma "Idade" são escolhidos, dentre outros infinitos fatos que compõem a História, para formar uma diretriz estabelecida previamente à análise, quer dizer, uma hipótese. Isto supõe que se recorreu a algum "critério particular" para a interpretação da História, o que explica o caráter subjetivo das conclusões obtidas.

Se tal critério consiste, como parece ser o caso das "Idades' oficiais, em considerar como parâmetro fundamental a Economia e a Guerra, então é LÓGICO fixar os limites do intervalo em guerras e batalhas ou na ruína econômica do Império Romano. Mas se o critério fosse outro, por exemplo, filosófico, estético, tecnológico, etc., certamente que os "fatos fundamentais", que marcam os limites das Idades, seriam também outros e até o juízo de valor delas variaria notavelmente. Por exemplo, o fim da Idade Média se fixa com critério "político" em 1453, quando os turcos tomam Constantinopla e finda-se o Império Romano do Oriente; é este um fato negativo que foi escolhido deliberadamente para marcar, consequentemente, o fim de uma "Idade obscurantista". Mas, para um critério científico-tecnológico, positivo, seria, sem dúvida, mais importante a invenção da prensa de impressão de tipos móveis, realizada por Gutenberg em 1450, ou seja, quase na mesma data anterior, que a queda de Constantinopla. Então, poderia acontecer que a Idade Média acabasse na mesma data, mas, ao tomar como limite um fato positivo, dever-se-ia modificar o juízo de valor. Talvez, então, a Idade Média não seria "obscurantista", senão "de transição", considerando que para chegar à invenção alemã da imprensa teve-se que estabelecer um contato transcultural prévio com a China, nos séculos XIV e XV.

Vimos comprovando o caráter subjetivo do conceito moderno de “Idade” e a fragilidade daqueles “fatos fundamentais da História” que se tomam como “limites” do intervalo de tempo compreendido; estes fatos foram escolhidos partindo de critérios culturais, muitas vezes sinárquicos, e são apresentados após uma prévia deformação da verdade histórica; é assim que uma mudança de critérios nos conduz a diferentes “fatos fundamentais”, deslocados mais ou menos no tempo, o que demonstra a insuficiência do conceito de “Idade” para designar uma ERA de pretendidas características específicas.

Devemos supor, então, que aquilo que nos descreve a História oficial em uma “Idade” determinada, possui uma relação distorcida com os fatos concretos aos quais faz referência, de maneira semelhante à subjetiva alteração dos fatos verdadeiros efetuada pelos historiadores para apresentá-los como fatos-limite.

Esta suposição pode ser comprovada rigorosamente se recorremos novamente à analogia cartográfica e empregamos os conceitos já definidos do “eminente”, como “o realce de uma qualidade, exaltada racionalmente pela determinação das premissas culturais preeminentes”. Observemos um mapa da Europa; nele se representaram, por meio de sinais por todos conhecidos, os diferentes países, suas divisões políticas interiores e suas fronteiras exteriores. Logo, fixamos a atenção em umas linhas sinuosas que nos informam que, na parte correspondente do mundo, devem existir algumas montanhas; lemos uma indicação que diz “Montes Pirineus” e pensamos - Ah, é a fronteira entre a França e a Espanha -. Sabemos isso porque essa informação é de domínio cultural comum. Se procuramos agora, atentamente, entre as distintas linhas do mapa, far-se-á eminente uma zona marcada de maneira diferente, talvez com outra cor, ou talvez com linhas e pontos, à qual distinguiremos como “a fronteira” propriamente dita. As premissas culturais preeminentes tornaram eminente a linha fronteiriça, dentre muitas outras linhas semelhantes, e nos levaram a descobri-la e reconhecê-la. Mas, segundo dissemos, a fronteira existe só no mapa e em nossa imaginação, coisa que se pode comprovar, situando-nos em certas zonas desertas dos Montes Pirineus, desde onde nos seria totalmente impossível decidir o lugar em que termina a Espanha e começa a França.

Tomamos conhecimento, pelo mapa, de dois dados: em tal lugar do mundo, cujas coordenadas de localização nos permitem identificar com precisão, há uma montanha e uma fronteira. Trasladamo-nos realmente a esse lugar e encontramos a montanha, mas temos dificuldades para distinguir a fronteira. O que ocorreu? Pois, a montanha e fronteira são realidades de ordens diferentes. Por isso, existem dois tipos de mapas: os “físicos”, que descrevem a realidade geográfica mais ou menos fielmente, e os “políticos” ou “econômicos”, que exibem, ALÉM das correspondentes representações físicas, SOBREPOSTOS A ELAS, qualidades e atributos que não possuem uma contrapartida concreta no mundo. Uma montanha e uma fronteira, ambas, são objetos culturais; mas a montanha é um objeto concreto de entidade natural, enquanto uma fronteira (como um mito, uma ideia científica, uma organização política, um código moral, etc.) é uma qualidade cultural que jamais aparecerá totalmente encarnada em uma entidade concreta, física ou “exterior”.

Fazer Historiografia, escrever a História é, analogamente à construção de um mapa, DESCREVER UMA REALIDADE. A História, ao narrar fatos verdadeiros do passado, dispõe de um material puramente objetivo, cuja descrição em linguagem simbólica, nos apresenta para nossa informação. Mas o historiógrafo, igual ao cartógrafo, conta com dois tipos de objetos: os “fatos” realmente ocorridos, que foram objetos concretos, e os “fatos eminentes”, tomados dentre os outros infinitos fatos, por sua importância subjetiva. Mas os fatos eminentes, como já sabemos, estão determinados por premissas culturais preeminentes que são, em última instância, a

expressão tática da Cultura, arma estratégica inimiga. É assim que, se ao estudar a História notamos que se nos apresentam os fatos descritos com certa objetividade, estamos, como no caso do "mapa físico", ante uma representação mais ou menos direta e indeformada da realidade. Mas, quando se pretende afirmar uma qualidade eminente em um fato concreto, por exemplo, quando se diz que a Revolução Francesa foi "superior a outras revoluções pelo seu caráter progressista", estamos, como no caso do "mapa político" ante uma representação de qualidades culturais sem contrapartida material: a "superioridade" que valorizamos, de uma coisa sobre outra é, desde já, uma qualidade eminente.

Uma qualidade eminente na História, como uma fronteira em um mapa político, é um objeto que pertence a uma esfera diferente da realidade concreta; sua eminência provém das premissas culturais preeminentes. Aníbal ou Publio Cornélio Cipião? Esparta ou Atenas? Se a História apresentasse os fatos tal como ocorreram, a preferência que declarássemos por tal chefe militar ou por tal cultura, indicaria que esse chefe militar ou essa cultura se tornaram eminentes ante o nosso olhar. Mas isso não é possível, porque a História que dispomos para o estudo não é de nenhum modo objetiva nem descritiva da realidade dos fatos, uma vez que os historiadores de todos os tempos foram vítimas de suas próprias premissas culturais preeminentes e sinalizaram eminências ali onde se lhes apareceram, atribuindo à realidade concreta qualidades que só estavam em sua imaginação, quer dizer, projetando sobre o mundo qualidades culturais que não possuíam entidade concreta e percebendo então a miragem de seu reflexo. É por isso que a História oficial está viciada de irrealidade e só deve servir a qualquer investigador de linhagem hiperbórea como uma mera referência, um pálido reflexo da verdade.

A História, logo depois que passou pelo "tratamento estratégico-sinárquico" das diretrizes culturais do judaico-cristianismo, é um campo minado no qual qualquer incauto pode perder-se e perecer. Seu objetivo disfarçado é provocar a confusão, o condicionamento cultural do "homem moderno"; por isso há de nos dizer ou nos induzirá a declarar que a civilização ateniense era superior à espartana, que a religião de Jesus Cristo acabou com a selvageria dos cultos pagãos, e outras besteiras semelhantes.

Temos agora que nos referir novamente às "Idades" da História oficial. Far-se-á evidente, depois do que foi visto até aqui, que o conceito moderno de "Idade" é só um intervalo de tempo arbitrário, sinalizado em seus extremos por certos fatos eminentes para os historiadores, os quais, indubitavelmente, estão condicionados por premissas preeminentes (que são, definitivamente, diretrizes sinárquicas assimiladas inconscientemente por eles). Para comprová-lo, basta nos remetermos, por exemplo, ao limite mais próximo da Idade Média, notando que a queda de Constantinopla foi eminente para a maioria dos "historiadores", acima de outros fatos contemporâneos, entre os quais se destaca a invenção da imprensa, tal como dissemos.

Esta longa crítica há de ter-nos mostramos claramente que uma "Idade", da História oficial, é um objeto cultural concebido a partir de um olhar subjetivo da História, limitado por fatos eminentes que são deformações dos fatos verdadeiros. Mas tal "Idade", enquanto soma de fatos eminentes, é um exemplo extremo de um conceito que tem uma relação distorcida com a realidade concreta dos fatos históricos que representa. É por isso que o conceito moderno de "Idade" não possui quase conteúdo; é uma casca oca que apenas consegue cobrir algumas mentiras sinárquicas. Justamente, nossa tarefa imediata será dotar a palavra "Idade" de um novo conteúdo, que, na verdade, é seu antigo significado, pois, mais adiante, teremos de servir-nos dela para definir, ou redefinir, o conceito de "Kaly Yuga".

G - Conceito arquetípico de "Idade".

Contrariamente ao critério moderno, o conceito de que dispunham os antigos sobre os períodos históricos não começava pelo homem, senão por Deus. É claro, enquanto se concebia a História como uma sucessão cíclica de Eras que nasciam e morriam, à semelhança dos ciclos vitais da natureza, não um Deus, mas uma multidão de Deuses coexistia, pacificamente ou não, no céu da Antiguidade. Na verdade, havia um Deus para cada Era, quer dizer, um que predominava sobre as restantes deidades e era capaz de exercer irresistivelmente seu poder sobre o mundo e os homens.

O período maior era a "Idade" (ou o Yuga) que compreendia várias Eras ou etapas humanas de características específicas e, naturalmente, era presidida, em toda sua extensão cronológica, por um Deus superior, cuja influência, também cíclica, começava e terminava junto com a Idade em questão. A duração de uma Idade correspondia à manifestação de um Deus; quando chegava o fim de tal período, o Deus se retirava, não sem antes sustentar uma dura luta com a deidade sucessora, cessando, desde então, sua influência. Hoje em dia, é comum a opinião de que "os Deuses morrem quando acaba sua Era de predomínio", aduzindo-se várias razões para justificar a queda da deidade: "os homens o esqueceram", ou "o tal Deus" não existia em absoluto; era um mito, e quando "o progresso" ou "a evolução" conduziram os homens pelo caminho da civilização, estes "despertaram" e "trataram de substituir suas falsas e supersticiosas convicções por ideias racionalistas, que explicam perfeitamente o desenvolvimento do Universo, sem recorrer a nenhuma intervenção divina", etc. Contra esta opinião, a Sabedoria Hiperbórea afirma que uma Era conclui quando o Deus (ou o Mito) deixa de manifestar sua influência sobre o conjunto dos homens. A Era Asteca conclui quando os espanhóis substituem o culto sangrento dos corações palpitantes pela cruz de Jesus Cristo; mas é verdade também que Huitzilopochtli tinha abandonado os Astecas muito antes, tal como a Princesa Papan disse a Moctezuma e tal como ele mesmo comprovou, dado que, além de imperador, era sumo sacerdote do culto ao Deus Colibri.

A História nos informa que houve Eras no passado, durante as quais os homens adotaram crenças religiosas e estilos culturais particulares. Já que toda Era é regida por um Deus, cabe se perguntar: o que aconteceu com aquelas deidades cuja influência foi dominante nas Eras Passadas? A resposta não é difícil, pois a História também nos dá notícias sobre tal questão: a cada Era passada corresponde um mito, do qual dão conta a Tradição e os documentos. Em algum momento de Roma reinou Marte e em outro Júpiter; Grécia conheceu Eras de Apolo e de Zeus; o Egito brilhou fugazmente sob Amon e foi temido nas Eras de Osíris e Ísis; Cartago se tornou audaz em sua era de Moloch; etc.; para colocar só uns poucos exemplos tomados de civilizações recentes. Nestes exemplos, e em muitos outros que se poderiam oferecer, comprova-se que a resposta anterior é correta: sabemos do Deus de uma Era passada pelos mitos e lendas que chegaram até nossos dias. Até aqui a resposta que dá a História. Nós agregaremos o seguinte, e isto há que se afirmar: os "mitos" SÃO EFETIVAMENTE A EXPRESSÃO ATUAL DOS ANTIGOS DEUSES DESVALORIZADOS. Mas estes "mitos", que relação têm com os "mitos interiores", que estudamos na Primeira Parte, com esses símbolos arquetípicos que representavam o Deus do ente? Para responder com clareza, temos que suspender por um momento a definição do conceito arquetípico de Idade e dedicar-nos a elucidar as diferenças e analogias que têm os mitos internos e externos.

No mundo do Demiurgo, quer dizer, no macrocosmo, todo ente concreto é sustentado por um ou mais arquétipos universais. Mas o ente, percebido pelo pasu, não é mais do que um momento do processo com que os Arquétipos se desdobram

na matéria, tentando alcançar a enteléquia: sua finalidade universal. Mas, ainda que do ente só se tenha captado uma imagem fugaz, isso basta para que seu desígnio se revele à razão e esta forme um esquema acorde com a suprafinalidade; a vivência de tal esquema, experimentada pelo sujeito cultural sobre a estrutura cultural, há de permitir a produção de uma representação racional ou consciente do ente, segundo se viu na Primeira Parte. A representação consciente é uma ideia do ente apreensível pelo sujeito consciente como "imagem e significado"; tal significado ideal, por proceder da representação de um esquema notado no contexto de uma linguagem, é uma proposição conceitual. Na figura 21 representou-se este caso, onde o símbolo **I** corresponde a uma representação racional do conceito **xx** e o símbolo **I'** a uma representação consciente, quer dizer, a uma ideia referencial sobre o ente, cujo esquema era **xx**. Em resumo: o símbolo **I'** é uma ideia que emerge na esfera de luz, frente ao sujeito consciente, como representação conceitual do ente, cujo esquema é **xx**; o fundamento significativo de **I'** é proposto em termos da linguagem horizontal, em cujo contexto foi notado o conceito **xx** do ente.

Pois bem, o caso que reflete a fig. 21 é geral para toda representação consciente: **I'** tanto pode representar um conceito habitual do ente como um SÍMBOLO SAGRADO, quer dizer, a representação de um mito, o Deus do ente. A diferença ideal entre um símbolo habitual, não sagrado, de um ente e um símbolo sagrado radica no nível energético no qual se estabiliza sua emergência: a emergência do símbolo habitual conclui no nível **ψı**, de baixa energia, condição que permite ao sujeito consciente retê-lo frente a si "volitivamente dominado", evitando que durante a apercepção tente desenvolver sobre ele seu processo entelequial; o símbolo sagrado, pelo contrário, se estabiliza exatamente no umbral de consciência, quer dizer, em um nível de máxima de energia, condição que impede o sujeito consciente de retê-lo frente a si, para sua apercepção: quando um símbolo sagrado emerge sobre o umbral de consciência do pasu, invariavelmente o sujeito consciente fica volitivamente debilitado e acaba sendo CAPTURADO e incorporado ao processo entelequial.

Na Primeira Parte, no artigo "O mito e o símbolo sagrado", denominamos "mito" o Deus do ente, quer dizer, o Arquétipo invertido que se encontra no princípio da escala formativa do esquema ou Relação. Justamente, por encontrar-se em um extremo de série simbólica do esquema, só pode ser notado se o sujeito consciente tem acesso a um plano de significação de máxima obliquidade: se isso acontece, o mito se manifesta na esfera de luz como "símbolo sagrado". Compreende-se, então, que tais "mitos" são símbolos arquetípicos bem travados na estrutura do esquema e aos que não é fácil desencadear: por isso se diz que os "mitos" da estrutura cultural são normalmente PASSIVOS, ainda que, se conseguissem a autonomia, poderiam dispor de uma grande potência ativa e tornar-se dominantes do sujeito consciente. Estes "mitos" são, pois, a rigor, "internos", próprios dos esquemas de entes da estrutura cultural.

Analogamente aos "mitos internos', os mitos que "expressam os antigos Deuses desvalorizados" são passivos: estão travados nas superestruturas dos fatos culturais, como "fatos históricos", seres do passado, incapazes de manifestarem-se por si mesmos. Tais mitos são, a rigor, "exteriores", e representam, no geral, Deuses "mortos" ou desvalorizados. Pelo contrário, denomina-se Mito, ou Mito exterior, um Deus dominante ou ativo.

Um mito exterior é, pois, a expressão desvalorizada de um antigo Deus, de um Mito, seu cadáver simbólico. Mas os Deuses não morrem realmente, senão que permanecem como conteúdo inconsciente da psique coletiva: se "desapareceram", abandonando a atividade cultural, sua invisibilidade obedece só a que se incorporaram ao inconsciente coletivo dos seus cultores, perdendo-se de vista

momentânea ou definitivamente. Neste sentido, os mitos exteriores são análogos aos Arquétipos coletivos (invertidos), quer dizer, comuns a toda uma raça, cujos caracteres são herdados na memória arquetípica e constituem um conteúdo inconsciente da psique humana, quer dizer, um conteúdo da esfera de sombra. Mas estes Arquétipos coletivos ou mitos interiores, segundo se explicou no artigo citado, só são passivos enquanto permaneçam estruturados: se em algum momento alcançam um comportamento autônomo, disporão de potência ativa suficiente para "ressuscitar" o Deus antigo que representam e transformarem-se em Mito. Tal "ressurreição" pode ser "interior" ou "exterior"; no primeiro caso, já estudamos de que maneira o símbolo sagrado tenta fagocitar o sujeito consciente e tomar o controle do microcosmo; no segundo caso, se a "ressurreição" do Deus se expressa mediante um Mito exterior, isso poderá ocorrer por duas causas. Em primeiro lugar, porque o símbolo sagrado seja expressado exteriormente mediante um sinal, e assim dado a conhecer culturalmente a uma comunidade, a qual será, então, hóspede de sua atividade psicoide.

Em segundo lugar, existe a possibilidade de que o mito interior, sem ser expressado fora pelo pasu, igualmente desencadeie a ressurreição de um Mito exterior, de um Arquétipo psicoide. Como? Resposta: por causa da participação metafísica que todo símbolo sagrado tem com os Arquétipos universais do macrocosmo. Onde se efetua o contato entre ambas as ordens de símbolos, quer dizer, entre o símbolo arquetípico do mito interior e o Arquétipo universal do Mito exterior? Resposta: Segundo se explicou no comentário Décimo, existe um contato transcendente entre o "inconsciente coletivo pessoal" ou "esfera de sombra profunda" e o "inconsciente coletivo universal" ou "mundo astral profundo"; a ponte entre ditos mundos é estabelecida pelos símbolos sagrados. Recordemos que os símbolos sagrados emergem no umbral de consciência com máxima energia e mostram ao sujeito consciente só uma parte superficial de sua compleição sêmica, já que o resto se encontra submergido na esfera de sombra; "como uma madeira que flutua", como um "iceberg", dissemos alegoricamente do símbolo sagrado emergente. Pois bem, é a parte submersa do símbolo sagrado, em uma região invisível para o olhar do sujeito consciente no presente extensivo (**S.P.E**.), aonde se efetua o contato transcendente: a esfera de sombra se conecta com o mundo astral por causa do símbolo sagrado e, devido à essência arquetípica deste, tal conexão se estende ao plano arquetípico. Depois do símbolo sagrado, do mito interior, encontra-se EFETIVAMENTE o Arquétipo universal, o Mito, pronto para desdobrar-se de maneira psicoide sobre as superestruturas, "que incluem um universo de objetos culturais e os homens, pasus ou viryas perdidos, sob sua forma cultural". Por isso, a revelação cultural do símbolo sagrado, mediante a projeção de um sinal representativo, é capaz de ocasionar o desenlace de um Arquétipo psicoide, de um Manu, de um Mito ativo, cujo processo dará lugar a toda sorte de dramas coletivos, desde uma Idade histórica, de grande duração no tempo transcendente e complexa trama, até breves comédias menores tais como o regicídio, a usurpação do poder, a traição, o triângulo amoroso, etc., cujos argumentos são por todos conhecidos. É, pois, por um contato transcendente que ocorre no inconsciente profundo do homem, na esfera de sombra, "além" do umbral de consciência, que se efetua a nivelação energética ou igualdade sêmica que faz de um mito um Mito, quer dizer, o ato pelo qual um símbolo passivo, o mito, se transforma em um ser dominante, o Mito, que se alimenta com energia subtraída da psique coletiva.

Em resumo, os mitos estão sempre presentes em todos os povos e em todas as circunstâncias. Sua passividade não significa que tenham morrido, pois poderiam "ressuscitar" e tornarem-se novamente Deuses, como de fato ocorreu muitas vezes, segundo seja a conveniência do Demiurgo, já que os Deuses são, como já se terá

notado, expressões de seus Arquétipos psicoides. Não entraremos no caso de detalhar o Plano do Demiurgo e explicar a necessidade que tem Ele de projetar Arquétipos Manu sobre a humanidade, para dirigir a evolução da vida e da forma. Só acrescentaremos que um Manu, a "ideia" de uma raça, é o Arquétipo coletivo psicoide dominante, o Deus de uma Idade; mas um Manu, convém não esquecer nunca, é um desdobramento do próprio Demiurgo, uma "aparência divina" carente de individualidade; se "parece" um Deus é porque o período de seu desenvolvimento é demasiadamente extenso, para que seja apreciado por um espírito encarnado, encadeado a um período vital incompativelmente curto; por último, um Manu se desdobra em uma Hierarquia de entes intermediários, os quais recebem a missão de levar adiante certas partes do Plano: estes entes, junto com alguns membros da evolução dévica e os pasus "evoluídos" ou adeptos, integram a Hierarquia Branca dos Siddhas Traidores.

Valendo-nos destes conceitos, podemos agora regressar à abordagem inicial e redefinir, em termos modernos da Sabedoria Hiperbórea, a antiga ideia da Idade. No artigo "O" já tínhamos adiantado as únicas diretrizes com as quais o problema pode ser verdadeiramente resolvido, isto é, as diretrizes arquetípicas. Vimos ali que toda a cultura externa ocupa um "espaço" e transcorre em um "tempo" característico: "espaço cultural" é "todo aquele lugar no qual seja possível efetuar alguma destas três coisas: a) descobrir um ente designado, b) projetar um sinal, c) reconhecer um objeto". O espaço real que cumpre com algum de tais requisitos constitui o "universo" dos "objetos culturais externos". O "tempo" de uma cultura externa, por outra parte, foi definido como "histórico", sendo a História "a projeção contínua da cultura externa sobre o tempo transcendente". Finalmente, se delimitou o "fato histórico": "um evento que se destaca nitidamente no contínuo transcorrer da História" e que "é análogo à manifestação de um relevo **I** (fig. 21) sobre o plano de significação (**STt**) da estrutura cultural". Desta analogia se depreende o caráter arquetípico do fato histórico e por isso sua definição afirma que "todo fato histórico é a manifestação de um Arquétipo psicoide, ou Mito, em um espaço cultural determinado".

Estendendo esta definição para um período histórico adequado e incluindo o que é óbvio, quer dizer, o pasu, estaremos em condições de esclarecer o conceito de "Idade" desde o ponto de vista arquetípico e estrutural. Dizemos assim: TODO FATO HISTÓRICO É A MANIFESTAÇÃO DE UM ARQUÉTIPO PSICOIDE, OU MITO, MEDIANTE UMA SUPERESTRUTURA, CUJOS MEMBROS, HOMENS E OBJETOS CULTURAIS, EVOLUEM EM CONJUNTO PARA SUA ENTELÉQUIA. Todo fato histórico, então, expressa o PROCESSO de um Arquétipo psicoide. Estendamos agora a definição, indo de menor a maior:

I **-** Qualquer circunstância histórica é a manifestação de um Arquétipo psicoide sobre a humanidade, no quadro de uma cultura externa.

II **-** Uma ERA histórica é o período durante o qual se manifesta o processo de um Deus sobre uma comunidade cultural.

III **-** Uma Idade histórica é o período completo de manifestação de um Arquétipo Manu sobre uma comunidade cultural e racial, durante a qual esta evolui para sua enteléquia.

H - Fato natural, fato histórico e fato cultural.

As definições anteriores podem provocar uma dúvida que esclareceremos imediatamente. A interrogação seria a seguinte: se rejeitamos o conceito moderno de "Idade", por considerá-lo concebido sinarquicamente a partir de premissas culturais preeminentes, que sentido tem agora revalorizar o conceito antigo, se o mesmo expressa que "uma Idade" é a duração de um Arquétipo Manu encarnado

pelo Demiurgo? Não estamos novamente em terreno inimigo? Tais objeções têm fundamento e por isso vale a pena esclarecer que, se bem que ambos os conceitos de Idade são insuficientes e sinárquicos, o antigo, ainda que faça referência ao Manu, nos servirá para explicar também antigo conceito de "Kaly Yuga"; porque vale a pena afirmar, "Kaly Yuga" é, sim, uma ideia hiperbórea, sobre a qual se verteram montanhas de opiniões confusas e a qual teremos que redefinir, com a finalidade de revelar ou aproximar do seu Mistério e torná-la inteligível para uma mentalidade moderna. A vantagem conceitual que supõem as definições "I", "II" e "III", com respeito aos dogmas da Historiologia oficial radica fundamentalmente em que tais definições permitem enfrentar o fato histórico considerado em sua integridade ontológica, enquanto o mesmo fato, descrito segundo as pautas oficiais, fica inevitavelmente mutilado em suas raízes metafísicas. Interessa-nos que esta diferença seja claramente percebida antes de aprofundar no significado das definições "I", "II" e "III", e por isso vamos assinalar agora a causa principal pela qual as descrições oficiais do fato histórico são insuficientes e parciais. Podemos adiantar que dita causa procede da confusão entre "fato histórico" e "fato natural", mas, como tal confusão se deve a um caso típico de cegueira gnosiológica, estabelecer a distinção entre ambos os conceitos requererá uma longa explicação.

É presumível que o maior erro cometido por um historiador seja o de não distinguir que um fato histórico é categoricamente diferente de um que ocorre, por exemplo, em uma selva remota, tendo como protagonistas membros do reino animal, tal como uma cena de luta entre dois leões; a briga, com todo o dramatismo que possa entranhar para um observador sensível, é um "fato natural que aconteceu com indiferença pela existência humana e que se desenvolve por impulsos de uma dinâmica que lhe é própria". O motor dessa dinâmica não pode ser evidente para o homem, por ser exclusivo do fato natural, por estar circunscrito ao âmbito da sua efetividade. Nem ainda intervindo na cena se consegue mais do que perturbar as forças e que, em um esforço para restabelecer seu desenvolvimento natural, a dinâmica do fato reaja contra a intromissão; pode ocorrer que os leões devorem o observador e logo prossigam com seu combate ou que este destrua com uma arma os protagonistas, ou mil variantes intermediárias, mas jamais se conseguirá FORMAR PARTE da cena; o homem sempre será alheio ao fato natural e, portanto, jamais poderá chegar a conhecê-lo totalmente.

Essa intransponível barreira gnosiológica obriga a que um fato natural seja descrito a partir da imagem que o homem perceba, em seu caráter de observador puro. Desde esta distância é inevitável o trato com aparências ou aspectos parciais do fato e por isso é lícito, até certo ponto, esgotar os esforços metodológicos que conduzam a uma descrição, o mais completa possível, do fato natural. É o que faz a ciência quando se propõe a aumentar o conhecimento disponível sobre um fenômeno: primeiro, o submete à observação, tratando de abarcar todos os aspectos possíveis, decompondo, inclusive, estes aspectos, para chegar à sua constituição qualitativa e proceder à sua DESCRIÇÃO, se os sentidos são insuficientes, quer dizer, se o fenômeno ultrapassa o quadro sensorial, a "técnica" permitirá projetar os instrumentos que ampliem o quadro espectral de observação e alcancem aqueles limites mais longínquos da realidade do fenômeno; finalmente, reúne-se toda a informação obtida e se a interpreta, elaborando uma teoria, a qual, dado o processo de desintegração a que se submeteu o fenômeno e tendo em conta que grande parte do mesmo há de ter escapado à observação, será sempre impotente para apresentar uma explicação integral, que permita compreender o fenômeno em sua totalidade. É claro, em uma civilização onde a ciência procede deste modo, homem e fenômeno constituem realidades opostas. E ainda que aquele consiga obter tanto conhecimento deste para elaborar teorias, e ainda que estas sejam suficientes para

desenvolver tecnologias, a brecha gnosiológica não só continua aberta, tal como estava quando o fenômeno se submeteu à observação pela primeira vez, senão que ameaça ser cada vez maior, devido ao dogmatismo com que se afirmam as teorias propostas, sem levar em conta seus erros e desvios. Mas esse é outro problema.

Os fenômenos, ou fatos naturais, são investigados com o mesmo método científico e descritos em teorias que, segundo vimos, são insuficientes para abarcar sua realidade completa. Por este motivo, de um fato cultural só podemos conhecer alguns aspectos parciais, sua aparência, e não há razão para preocupar-se demasiadamente por isso. Mas, diferente é o caso do fato histórico, no qual o homem não só participa como protagonista, senão que, fundamentalmente, constitui seu suporte concreto. Assim, o homem não é "alheio" e por isso não é lícito que empregue o mesmo método com o qual observa os fatos naturais, para contemplar uma realidade na qual ele se acha inserido como ator imediato. Se tal coisa se faz, e de fato "se faz" na historiografia oficial, significa que se tomou uma falsa distância, com a ilusão de tornar "objeto" sob observação um fato do qual se é inevitável sujeito. Mas, se a teoria de um fato natural consegue, no mais das vezes, desviar-nos da verdade do fato que trata de explicar, a teoria de um fato histórico, elaborada sem atender a estas objeções, pode nos conduzir às antípodas de sua verdade. Poderemos comprovar esta última suspeita aprofundando agora, neste sentido, nossas conclusões expostas no artigo "E" sobre as "Idades" da História oficial.

Em primeiro lugar, em uma "Idade oficial' se descrevem os fatos históricos, destacados de acordo com a eminência que tenham tido para o historiador, apresentando-os como acontecimentos acidentais, cuja única determinação, se se sugere alguma, obedece a causas puramente físicas. Se um fato histórico tem alguma relação com outro, afirma-se que seu nexo consiste em certas "variáveis dinâmicas" (a economia, a luta de classes, a religião, a guerra, o "movimento dialético", etc.), completamente exteriores e inconsistentes para justificar por si mesmas a gênese e evolução do fato. Ignora-se aqui, como no caso das investigações científicas de fenômenos, a relação estrutural que tem o aspecto descrito com o resto dos elementos que integram a totalidade do fato. A História oficial, ao afirmar-se sobre alguns elementos particulares de dita estrutura (a variável tal ou qual), só pode expor aspectos parciais dos fatos verdadeiros, imagens aparentes por trás das quais se oculta a verdade do acontecido. Ao atuar desse modo, um fato histórico ou uma Era, nos são apresentados desde seu lado mais evidente (a aparência), ou seja, mais grosseiro e material, afirmando como causas eficientes de sua determinação algumas das famosas "variáveis dinâmicas", o que só pode se fazer às custas do cercear as extensões metafísicas que possui todo fato histórico, de acordo à definição "I". Vejamos um exemplo dessa obsessão racionalista: de nada valeu que o próprio Alexandre Magno declarasse que iniciava a conquista do mundo por conselho de Zeus; para o "historiador" moderno, Alexandre, membro da ESPÉCIE humana e da CIVILIZAÇÃO grega, pertenceu à CLASSE dos militares, ao GÊNERO dos conquistadores e ao GRUPO dos crentes; Zeus, por outra parte, é tão somente uma deidade que integra o CONJUNTO dos mitos gregos. Se refletimos sobre a atitude "científica" adotada ao apresentar um fato histórico classificado "por partes", comprovaremos que o mesmo foi tomado como "objeto de observação" e, portanto, confundido com um fato natural, tal como um eclipse ou a migração anual das andorinhas, quer dizer, com eventos de cujas determinações o homem está absolutamente excluído. Sigamos os passos que deu o "historiador" moderno. Primeiro, enquadra-se um fato da vida de Alexandre Magno (sua decisão de conquistar o mundo a instâncias de Zeus), na categoria dos "casus belli, casus dementiae", quer dizer, "ato de guerra, ato de loucura"; logo se procede a desintegrá-lo, separando suas partes, às quais se classificará, uma por uma, de

acordo com diretrizes taxológicas, encaixando-as em conjuntos, classes, grupos, etc.; finalmente se reconstrói o fato, com base naquelas partes que o critério oficial considera mais importantes ou representativas (elabora-se uma autêntica teoria) e se apresenta ao público para seu consumo. Tal como anunciamos, comprova-se que após a operação historiográfica, só se nos mostra um aspecto parcial do fenômeno; mas este aspecto é o mais mísero: porque descreve o fato desconectado de seu motor metafísico, Zeus, quem, no século IV A.C., era um arquétipo dominante, um Deus, e não um mero "mito".

Demonstramos, assim, a insuficiência dos métodos modernos, racionalistas, aplicados à interpretação do fato histórico e denunciamos o erro que se comete no procedimento de desintegrá-lo analiticamente e integrá-lo por síntese racional: a investigação do fato histórico é encarada do mesmo modo objetivo com que se tratam os fatos naturais.

Mas o fato histórico não é, como os fatos naturais, a presença objetiva de um processo evolutivo, a cujo desenvolvimento o homem só pode assistir na qualidade de observador. No fato histórico, ainda naqueles que tenham ocorrido há milhares de anos, o homem, de qualquer época, é sempre "sujeito", PORQUE O FATO HISTÓRICO É, ANTES DE TUDO, UM FATO CULTURAL. Esta identidade é tremendamente importante, pois fundamenta a superioridade das definições "I", "II" e "III" sobre o conceito moderno de "Idade", baseado na análise racional dos fatos históricos.

Esta "análise racional", consistente em decompor os fenômenos em aspectos eminentes, para logo "compreendê-los' em uma teoria, não é próprio do pasu. Observemos que, segundo se estudou na Primeira Parte, a razão pura opera sobre o desígnio dos entes sem decompô-los em nenhum momento: a primeira operação "descobre" o desígnio e a segunda operação o "interpreta', formando o esquema; mas tal interpretação não é analítica, senão sintética, pois surge da "aplicação" do desígnio sobre a memória arquetípica. A chamada "análise racional" não é efetuada pelo "sujeito racional" ou "razão", mas sim pelo sujeito cultural NA estrutura cultural, operando com premissas culturais e princípios matemáticos, elaborando "modelos" culturais dos entes que só são "conceitos", quer dizer, aspectos do esquema ou verdade dos entes. À "análise racional" caberia denominar, pois, mais propriamente, de "análise cultural". E esta "análise cultural", que nesta época se impôs como método cognitivo rigoroso, não é, repetimos, próprio do pasu, SENÃO DO VIRYA PERDIDO.

É a partir da mutação genética produzida pela "chave genética" dos Siddhas Traidores que se abre a possibilidade de uma interpretação equivocada e ANTINATURAL da realidade. O pasu podia, na verdade, interpretar um desígnio de maneira deficiente ou primitiva, mas tal apreensão do ente jamais poderia ser "antinatural", oposta ao sentido evolutivo e progressivo dos processos entelequiais arquetípicos. Só a intervenção dos Espíritos Hiperbóreos encadeados, pela "hostilidade essencial" que, de uma maneira ou de outra, sempre se manifesta sobre o Eu perdido, introduziu A DÚVIDA SOBRE O ENTE, a desconfiança sobre sua verdade; quer dizer, no Eu perdido de todo virya sempre existe um reflexo luciférico do Espírito, que acaba duvidando do ente e submetendo-o à "análise cultural". Mas o espírito encadeado é necessário para acelerar a evolução da esfera de consciência do pasu, para cumprir com a finalidade imposta pelo Demiurgo ao homem, de ser doador de sentido no mundo, criador de culturas exteriores. Sendo impossível impedir, nesta evolução, a tendência analítica imposta pelo Espírito à alma do pasu, os Siddhas Traidores planejaram uma estratégia dirigida a manter o homem na confusão QUANDO ALGUM TIPO DE RACIONALISMO LUCIFÉRICO O LEVASSE A DUVIDAR DOS ARQUÉTIPOS OU DEUSES E O APROXIMASSE

PERIGOSAMENTE DA VERDADE SOBRE SUA ORIGEM ETERNA E EXTRATERRESTRE: daí que a Sabedoria Hiperbórea afirme que “a cultura é uma arma estratégica” para a Sinarquia.

Como efeito estratégico negativo para o Espírito, tal como explicamos nos artigos **I**, **J**, **K**, **L**, do inciso “O virya desperto”, deve-se considerar o “modelo cultural” intermediário entre o Eu perdido e o mundo exterior. E que a “análise racional” (ou cultural), as doutrinas sinárquicas, e o modelo cultural construído com tal análise e com base em tais doutrinas são a causa do erro que estamos observando na interpretação oficial do fato histórico.

Recordemos a conclusão 7 da alegoria do “Eu prisioneiro”, quer dizer, o Eu do virya perdido, que estudamos na Primeira Parte.

- 7 -

c - A “prisão” é análoga à “estrutura cultural”.

Também: certas partes da “prisão”, muralhas, fossos, pontes, etc., são análogos a certas partes da “estrutura cultural”, isto é, as “premissas culturais preeminentes”.

Comentário - Tenha-se presente que, na alegoria, tanto os “guardiões” como a “prisão” são intermediários entre o prisioneiro e o mundo exterior. Mas os “guardiões” são intermediários “dinâmicos” (analogamente à razão no virya perdido) enquanto a “prisão” é intermediário “estático” (analogamente à “estrutura cultural” no virya perdido).

Por outra parte, na conclusão 8, afirmava-se o seguinte:

- 8 -

c **-** O “mundo exterior” além da prisão é análogo ao “mundo exterior” além da “estrutura cultural” que sujeita o “Eu” no virya perdido.

Destas conclusões analógicas se depreende a seguinte definição: A “cultura interior” ou “modelo cultural” é um “mundo intermediário” entre o Eu perdido e a realidade exterior. Mas dito “mundo” cerca de tal maneira o eu perdido que, salvo retrocedendo até o SELBST, todos os caminhos para a realidade exterior devem atravessá-lo inevitavelmente; o modelo cultural verdadeiramente “aprisiona” o Eu perdido dentro das fronteiras de seu entorno. Por outra parte, quando o Eu perdido, que está submerso no sujeito consciente, apercebe uma representação, quer dizer, flexiona-se para o objeto mental, ocorre imediatamente o “efeito mascaramento”: a razão, o sujeito racional, reage frente à apercepção “como se fosse uma interrogação” e responde mediante uma interpretação racional, analítica, da representação, a qual se sobrepõe e se confunde com ela.

A razão, como uma sombra, segue o Eu perdido em todos os seus movimentos e tenta formalizar logicamente sua atividade; analogamente aos guardiões da prisão, ela é uma intermediária entre o eu perdido e o mundo exterior. Mas, segundo a conclusão 7, a razão é “intermediária dinâmica”, enquanto a estrutura cultural é “intermediária estática”. A consciência, ao estar orientada para o mundo exterior pela mecânica do processo cognitivo racional, situa-se em um mundo intermediário, ao qual denominamos “cultura interior”, onde todos os objetos de conhecimento são construídos logicamente e são uma mera aproximação racional dos objetos reais que representam. A maneira de livrar-se do jugo da razão não

consiste em “evitar todo movimento psíquico” com a finalidade de evitar a resposta racional, tal como propõem os sistemas contemplativos, senão em tirar a atenção do mundo exterior e reorientá-la para um novo centro, desde o qual se obtenha o conhecimento diretamente do objeto, por revelação gnóstica. A Sabedoria Hiperbórea afirma que a interrogação é o pior erro estratégico do virya e recomenda empregar, em sua substituição, o princípio gnóstico: “conhecer é recordar”; quem interroga habilita a razão para que o confunda com sua resposta enganosa; pelo contrário, quem dispõe o espírito para recordar, pode chegar a saber tudo por revelação imediata, dado que a verdade JÁ ESTÁ EM SI MESMO.

A estrutura cultural encontra-se imersa no inconsciente, como conteúdo da esfera de sombra. As representações conscientes, ideias com imagem e significado, emanam da estrutura cultural como efeito da atividade racional e cultural, e emergem para a consciência onde se enfrentam ao Eu perdido. Estas ideias possuem um significado codificado conceitualmente em uma linguagem habitual, a qual é consciencializada como proposição racional ou asserção. Todo objeto ideal, representação consciente ou fantasia, é finalmente “proposta” em alguma linguagem conceitual, como consequência das flexões do Eu, ficando o significado decomposto analiticamente: o objeto ideal passa a ser, assim, uma reconstrução racional fundamentada nas premissas culturais preeminentes do “modelo cultural”.

O “modelo cultural” pode ser considerado como o conjunto de premissas culturais com as quais o sujeito cultural traduz a estrutura cultural a uma mesma linguagem habitual: o modelo cultural é, então, um conjunto de conceitos-fatia notados em um mesmo plano de significação ou contexto linguístico. Recordemos que toda linguagem “é a possibilidade de construir um sistema” e que a estrutura habitual, onde estão registrados os sistemas simples, asserções simples, axiomas matemáticos, etc., é capaz de expandir-se sobre qualquer esquema da estrutura cultural e traduzi-lo segundo sua modalidade linguística. É assim que, em potência, o modelo cultural está presente em todo momento da existência do Eu perdido, pois, a partir de umas poucas asserções simples, o sujeito cultural é capaz de reconstruir qualquer esquema complexo e propor seu significado. (O cárcere-labirinto que submete o Eu perdido adquire proporções gigantescas, que deixam bem para trás a prisão da alegoria, considerando as infinitas asserções em que se pode formar uma Cultura). No entanto, o homem raras vezes suspeita do enorme edifício sobre o qual se desloca sua consciência, quando percorre um trajeto determinado pela razão, como fórmula para conhecer uma coisa, trajeto que, por outra parte, é vivenciado como o próprio conhecimento da coisa ou confundido com a coisa em si.

No artigo “C”, definimos uma “cultura interna”, estática e individual, e uma “cultura externa”, dinâmica e coletiva. Para a Sabedoria Hiperbórea, que é uma ciência noológica, só é verdadeira cultura a “cultura interior”. Esta concepção é baseada em um ponto de vista mágico-guerreiro, para o qual o mundo exterior é “Maya”, uma ilusão do real. A “cultura interior”, sustentada pela estrutura cultural do microcosmo, certamente também pertence à ilusão de Maya: mas em um grau menor. Deste modo, partindo de uma avaliação ético-noológica, cujos fundamentos serão expostos mais adiante, a Sabedoria Hiperbórea que, NA ilusão, a cultura interna possui uma existência de grau superior à cultura externa: por isso sua importância estratégica como objeto de controle, tanto para a Sinarquia como para os Siddhas Leais. A “cultura externa”, tal como se a define aqui, como uma superestrutura sustentada e animada por um Arquétipo psicoide, só existe para o pasu e o virya perdido, OS QUAIS NÃO PODEM EVITAR SEREM INTEGRADOS NELA. Porque toda “cultura externa” só existe PELOS homens que a criam colocando sentido nos entes e permitindo que o Arquétipo psicoide se manifeste. Sem o “homem”, pasu ou virya perdido, não existem objetos culturais e, sem objetos

culturais e homens, não há cultura; sem o homem não há manifestação do arquétipo psicoide, quer dizer, não há Manifestação do Demiurgo, nem Evolução para sua Consciência do Sentido do Mundo.

Não é demais repetir que os objetos culturais, ainda aqueles produzidos pelo homem, tais como um garfo ou uma cidade, não significam nada fora dele e que, se a humanidade desaparecesse, todos os objetos que o homem utiliza deixariam de ser culturais. Por isso, é ridículo distinguir entre culturas "mortas" ou "vivas", ao referir-se aos rastros exteriores que deixam as comunidades humanas em sua passagem pela História (ou Pré-história, como gostam de denominar pomposamente os intelectuais à época em que o homem possuía pureza sanguínea e não escrevia). Há uma só cultura, e é estrutural, estática e interior; e existem objetos culturais exteriores, utilitários ou estéticos, que têm um significado para o homem que os produz e usa, e que talvez tenham outro sentido para os homens futuros que os encontrem e observem. Mas o conjunto de todos os objetos culturais de uma comunidade humana não constitui sua cultura, não "vivem" nem "morrem", acompanham esta enquanto exista e variam se ela evolui ou permanecem estáveis se a comunidade se estanca ou morre. Por si mesmos, os objetos não dizem nada, e por isso, quando um arqueólogo desenterra uma aldeia, de uma comunidade desconhecida, deve destinar parte de sua própria estrutura cultural para reproduzir INTERIORMENTE a cultura dos homens que a habitaram. E essa reprodução, de acordo à distância que tenha com suas próprias premissas culturais, pode ou não modificar as asserções estruturadas de sua cultura. Não esqueçamos que no contato transcultural entre povos diferentes ocorrem modificações recíprocas, como Grécia-Roma, Espanha-México, etc. Assim é que uma quantidade de objetos culturais enterrados jamais pode ser uma "cultura morta", se os homens se ocupam deles. E tampouco podem ser tratados como "objetos de observação", à maneira dos "objetos naturais", pretendendo desligar-se de seu sentido humano; sentido que foi restituído de algum modo, desde o momento que se fixou a atenção neles. Pelo mesmo motivo, não é possível objetivar um fato histórico recorrendo ao artifício de declarar que pertence ao passado e, por isso, não nos inclui como sujeitos, uma vez que, os caminhos que percorre o sujeito na estrutura cultural para compreender o fato fazem deste uma vivência atual que nos afeta e condiciona. Pode ser que uma insuficiente compreensão do fato histórico mude seu sentido original, sua verdade; é algo que ocorrerá infalivelmente, em alguma medida, devido à influência das premissas culturais preeminentes; mas o fato histórico sempre nos afetará em seu caráter de "fato cultural", de produção humana, e como tal nos envolverá como sujeitos de sua trama, desde o mesmo momento que reflitamos nele. Voltaremos sobre o duplo caráter de fato "histórico" e "cultural".

Devemos destacar, por último, que o processo-cognitivo racional que expusemos até aqui impede a apreensão completa de qualquer fato natural ou fenômeno dado, que do mesmo o Eu perdido só obterá uma reconstrução cultural, ou seja: uma síntese racional. Na maior parte dos casos, o processo se desenvolve inconscientemente e não se percebe que o Eu perdido está tratando com imagens sintéticas, formadas arquetipicamente pelas asserções da estrutura cultural, que só têm uma relativa semelhança com o objeto de referência. Mas, quando se tenta "investigar" um fato natural, por exemplo: um fenômeno, então as dificuldades saltam à vista e torna-se evidente a insuficiência racional. Parte destas dificuldades já foram consideradas, agora completamos o conceito.

A razão "conhece" por um processo dialético; seus meios são: a análise e a síntese, ou seja: a decomposição e a reconstrução do objeto sob observação. Por muitos motivos, que seria longo expressar aqui, entre os quais se contam a insuficiência sensorial e um deficiente desenvolvimento biológico da memória

arquetípica, A RAZÃO ATUA COM MAIOR PRECISÃO NA DECOMPOSIÇÃO DO QUE NA RECOMPOSIÇÃO. Já criticamos a descrição qualitativa e a qualificamos como insuficiente para apreender a verdade do objeto concreto enquanto totalidade, quer dizer, seu ser. Consideremos agora a mais precisa descrição possível de um fenômeno que É possível efetuar por meios racionais. Teoricamente, pode-se descrever completamente um fenômeno, desde o ponto de vista físico-matemático, estabelecendo um sistema de equações diferenciais, tal que cada equação contenha uma variável principal ligada algebricamente a todas as outras variáveis e expresse "o comportamento" no tempo de uma magnitude principal, em função de todas as outras magnitudes. (Este exemplo pode ser discutido, mas isso não lhe tira seu mérito didático, importante aqui, já que desejamos mostrar com clareza a insuficiência do método cognitivo racional, e tratamos de fazê-lo brevemente. Não ignoramos a objeção de Heisenberg (incerteza) nem outras do estilo, as quais, não obstante, podem superar-se empregando matemáticas discretas). Mas, tal como dissemos, é mais fácil desintegrar do que integrar: não há maneira de integrar todas as equações diferenciais que descrevem um fenômeno e reduzi-las a UMA SÓ FÓRMULA que permita ter acesso a uma visão completa do mesmo. O mais se que se consegue é ordenar as equações EM UMA ESTRUTURA ALGÉBRICA que não é, nem mais nem menos, do que a FORMA ABSTRATA DA ESTRUTURA CULTURAL do fenômeno, ou seja: uma estrutura cultural (ou subestrutura) representativa do fenômeno, na qual as asserções foram substituídas por variáveis matemáticas e as premissas culturais preeminentes por equações diferenciais. O problema é que ninguém pode conter em sua estrutura cultural uma estrutura matemática de infinitas equações diferenciais: e este sistema é necessário para descrever APENAS UM FENÔMENO! Nem os maiores matemáticos conseguiram outra coisa do que intuir, em raros e fugazes êxtases, a representação de algumas estruturas matemáticas de menor complexidade do que a que consideramos.

Comprova-se, assim, a impotência de todo método racional como via para conhecer a realidade: se não é possível apreender um fenômeno, nem ainda transformado em uma estrutura matemática equivalente, quanto menos se conseguirá quando se parte de umas poucas qualidades para reconstruir o objeto original! Mas, o que é pior, costuma-se usar o método analítico para algo mais do que investigar fenômenos: com efeito, tal como o denunciamos oportunamente, não se costuma distinguir um fato histórico de um fato natural e, portanto, pretende-se "investigar" o fato histórico, racionalmente, separando suas partes por análise e logo sintetizando "a piacere" os eventos passados, para apresentar uma trama intencional e, muitas vezes, falsa, do fato real. E esta atitude é a maior aberração, agora podemos entendê-lo, já que o fato histórico é também um fato cultural, quer dizer, um objeto exterior ESSENCIALMENTE ESTRUTURADO, contra o qual não é possível empregar as ferramentas da análise e da síntese, para compreender sua realidade.

Todo objeto cultural é parte da estrutura cultural e, em um grau menor, também uma estrutura. Não ocorre o mesmo com os objetos naturais, dos quais se nos escapa sua gênese e seu processo, e sobre os quais, muitas vezes, não é claro decidir se sua forma é sustentada por uma estrutura ou outro tipo de organização ou se, talvez, sua matéria não possui organização alguma. Em tais objetos, é possível aplicar com certo êxito o método racional, tal como o demonstra a ciência empírica do ocidente, e extrair conhecimento. Mas um objeto cultural é essencialmente uma estrutura e, como tal, não admite em nenhum caso a decomposição de sua arquitetura.

Em uma estrutura, cada elemento é interdependente com os outros membros e com a totalidade. Por isso, não é possível, como seria a pretensão da

análise racional, considerar a parte separada do todo: pelo contrário, na estrutura, o todo condiciona a parte e determina sua função. Um objeto cultural, enquanto estrutura, é uma totalidade, somente apreensível como tal. Mas tal apreensão é perfeitamente possível, diferente do que ocorre com a estrutura físico-matemática de um fenômeno, porque todo objeto cultural procede da estrutura cultural, quer dizer, da psique humana.

Todo objeto cultural é, neste sentido, um projeto matemático, porque foi projetado, já estruturado, no mundo, desde a estrutura cultural e, da mesma forma que esta, construído com asserções simples e compostas, ou seja: com princípios matemáticos. É assim que os objetos culturais, se são reconhecidos como tais no mundo, podem ser apreendidos estruturalmente após a sua introjeção; mas se, pelo contrário, se se tenta decompô-los analiticamente, só se conseguirá destruir as estruturas e com isso ignorar definitivamente suas funções.

Pois bem; um fato histórico é, gnosiologicamente, um fato cultural: o fato cultural "par excellence" (Pode-se considerar o fato histórico como um fato cultural "passado"). Protagonizado pelos membros de uma comunidade, envolve em sua trama não só o universo dos objetos culturais exteriores, senão também o próximo. O fato histórico, em seu caráter de fato cultural é, então, essencialmente estrutural.

Já dissemos que o método analítico é insuficiente para oferecer conhecimento certo de um objeto cultural exterior, por sua condição de estrutura, e que o mesmo deve ser apreendido diretamente na estrutura cultural, a qual é interior: pertence à esfera psíquica. Isto quer dizer que, se bem que a apreensão se realiza com referência ao objeto cultural em si, a estrutura cultural oferece à consciência uma imagem formada com prescindência material da exterioridade do objeto. Um objeto assim apreendido é essencialmente estrutural, por ser cultural, e de nenhum modo foi dividido pela razão. Ocorre o mesmo com uma estrutura que se compõe de uma coleção de objetos culturais exteriores: o fato histórico, por exemplo, enquanto fato cultural?

Antes de tudo, vejamos que tipo de estrutura é o fato cultural estabelecendo, para isso, uma relação de analogia com a estrutura cultural. Comecemos por denominar SUPERESTRUTURA à estrutura do fato cultural e consideremos que os "elementos" membros dela consistem em objetos culturais exteriores. O próximo, nela, acaba sendo efetivamente estruturado em qualidade de objeto cultural exterior. A superestrutura vem a ser, assim, puramente factual e composta de objetos culturais que cumprem um papel equivalente ao das asserções sistemáticas da estrutura cultural.

Mas entre a estrutura cultural e a superestrutura do fato cultural não há oposição, senão integração. Com efeito, há dois motivos para isso: por uma parte, a superestrutura ultrapassa a capacidade cognitiva do homem enquanto o inclui como membro de seu contexto e, por outra, possui a suficiente potência para captar a estrutura cultural de qualquer indivíduo e integrá-la em sua própria existência.

Em outras palavras: o homem, se é protagonista inconsciente, atua como objeto exterior participando do desenvolvimento do fato cultural; mas enquanto tenta conhecer, e dirige sua atenção não às estruturas dos objetos culturais exteriores, senão à superestrutura do fato, então a estrutura cultural fica frente à superestrutura e a maior potência desta pega aquela, "exteriorizando-a" também e tornando-a sujeito ativo de seu drama.

É impossível, pois, conhecer a forma verdadeira de uma superestrutura e não precisamente por limitações da indagação racional. Mas a "forma" que suporta uma superestrutura é o "fato cultural" propriamente dito, ao que, e isto o afirmamos novamente, não será possível apreender COMO OBJETO DE CONHECIMENTO.

Ao fato cultural não é possível apreender antes de ser apreendido por ele; não é possível tomá-lo como objeto antes de que ele nos inclua como sujeitos do seu drama. Por isso, não tem sentido distinguir "temporalmente" os fatos culturais pelo grau de potência que possuem para atuar sobre nós e supor que os fatos passados, quer dizer, históricos, são passivos e, portanto, suscetíveis de serem tomados como objetos de estudo ou "investigação". Todo fato histórico é atual para quem fixe sua atenção nele, ou seja, para quem enfrente sua estrutura cultural à superestrutura do fato.

Dissemos que a superestrutura do fato histórico possui maior potência do que a estrutura cultural do observador e que, por isso, aquela é sempre atual para esta, prendendo-a na qualidade de sujeito de seu drama. Pode-se perguntar, então, de onde vem, para uma organização externa, "do mundo", essa potência tremenda, capaz de integrar o homem em seu próprio processo? DOS ARQUÉTIPOS COLETIVOS PSICOIDES.

Resposta que nos remete às definições "I", "II" e "III", as quais ampliaremos, após considerar os comentários feitos até aqui.

I - A superestrutura do fato cultural.

No tomo quinto, cujo conteúdo consiste no inciso "Superestrutura e Registros culturais", realiza-se um estudo profundo e sistemático das superestruturas. No presente artigo, que trata sobre aspectos gerais das superestruturas, para complementar os conceitos recentemente definidos de "cultura exterior", "Idade", "fato histórico", "fato cultural", etc., pode-se considerar como uma introdução ao mencionado tomo.

Façamos, um resumo muito sintético das principais conclusões apresentadas pelo artigo "H". No artigo "F", demonstramos a maneira arbitrária com que a Historiografia moderna emprega o vocábulo "Idade", ao qual se esvaziou de conteúdo para que apenas sirva ao efeito de assinalar os intervalos de tempo em que se divide a História oficial. No artigo "G", declaramos a intenção de restituir à "Idade" seu antigo sentido e, para isso, adotamos uma atitude crítica para com a "mentalidade racionalista", culpada da maioria dos erros que se cometem quando se tenta conhecer a verdade de um fato histórico. Começamos recordando que, na remota antiguidade, o conceito de Idade não partia do homem, senão de Deus. Mas, em seguida esclarecemos que os "Deuses" antigos, hoje recordados como mitos, são na realidade Arquétipos exteriores (Psicoides), quer dizer, dominantes em certas épocas para atuar SOBRE OS HOMENS E SEU MEIO AMBIENTE. Após isso, postulamos três definições (I, II e III) das quais, a primeira, dizia: "qualquer circunstância histórica é a manifestação de um Arquétipo psicoide sobre a humanidade, no marco de uma cultura externa".

Para compreender em toda sua profundidade estas definições, decidimos demonstrar que habitualmente se confunde o "fato histórico" com o "fato natural", do qual o homem é alheio: não é possível, dissemos, tomar o "fato histórico" como um mero "fato natural" e fazê-lo "objeto" de investigação. Por quê? Porque o fato histórico inclui o homem em sua forma, como suporte concreto e não só lhe impede de ser alheio (com relação ao fato natural), senão que se manifesta "sempre atual" para sua atenção, independentemente do tempo cronológico em que tal fato tenha ocorrido.

Finalmente, retornamos à identidade "fato histórico - fato cultural", mas comprovando agora que o fato cultural é ESSENCIALMENTE ESTRUTURADO, com o qual o é também o fato histórico. Mas o fato cultural é fático e inclui em sua estrutura os objetos culturais exteriores e os homens que consiga integrar sua potência; é, com toda razão, uma "superestrutura". Por isso, perguntávamos: de onde vem a potência que possui uma superestrutura "exterior", própria do "mundo"?

E obtivemos a resposta: dos Arquétipos coletivos psicoides. Vamos agora ampliar esta resposta, recorrendo à comparação analógica entre a estrutura cultural e a superestrutura.

Na Primeira Parte, no artigo “O mito e o símbolo sagrado”, vimos que, quando se produz a emergência do símbolo sagrado, do mito interior, frente ao Eu perdido, aquele “tentará desdobrar seu processo sobre ele, envolvendo-o como ator e não como mero espectador”. Isso ocorre porque o símbolo sagrado está referido ao sujeito consciente, que é quem sustenta a fantasia; e por sua extensão metafísica, sua participação dos Arquétipos universais, lhe assegura suficiente potência para anestesiar o sujeito consciente e fagocitá-lo. Se o sujeito carece de suficiente energia volitiva para suprimir a retenção do símbolo sagrado, este, qual verdadeiro Arquétipo, o CAPTURARÁ e o fará objeto de sua manifestação, tentando desenvolver-se até alcançar a enteléquia. Em resumo, A EMERGÊNCIA DE UM SÍMBOLO SAGRADO NA CONSCIÊNCIA TENDE A DISTRAIR A ATENÇÃO DO EU PERDIDO DURANTE TODO SEU PROCESSO.

Este processo é análogo à emergência de um Arquétipo psicoide no mundo exterior, na esfera de Sentido do Mundo do Demiurgo, acontecimento que se denomina “fato cultural”. Sinteticamente: a emergência do símbolo sagrado na estrutura psíquica do pasu é análoga ao fato cultural no mundo exterior. E, do mesmo modo que o símbolo sagrado “tende a distrair a atenção do Eu perdido durante todo seu processo”, o Arquétipo psicoide tentará capturar e integrar o observador exterior na superestrutura do fato cultural. O fato cultural, logo, é a “forma” que contém uma superestrutura de objetos culturais e homens.

O Arquétipo da estrutura cultural, o mito interior, possui “potência passiva” e, para emergir, necessita de energia adicional, a qual é oferecida pela razão, como resposta à reflexão do Eu perdido; por causa da razão, o Arquétipo acaba “desatrelado” da estrutura sêmica do desígnio, tal como se explicou na Primeira Parte. Analogamente, o Arquétipo psicoide do plano arquetípico, o Mito, também dispõe só de “potência passiva” e requer, para sua manifestação, de energia adicional, a qual é oferecida desde o “inconsciente coletivo universal”, quer dizer, desde o “plano astral profundo” (região B, fig. 39), por toda a comunidade cultural. É a ação da comunidade, ao dispor como objeto cultural coletivo um sinal que representa o símbolo sagrado, que provoca sua manifestação e o “desatrela” do Plano Cósmico no qual se encontrava estruturado.

Quando um Arquétipo psicoide se atualiza em uma superestrutura, esta não permanece quieta, senão que, pelo contrário, mostra-se animada de determinado movimento. A forma, ou seja: o fato cultural evolui para sua máxima perfeição, que é, além do mais, a maior aproximação possível da “forma arquetípica”; por isso, chamamos de “enteléquia” à “forma final”, que é o próprio Arquétipo, para onde tende a evolução do fato. Mas a forma encontra-se sustentada pela superestrutura, de maneira que é nela, em cada um de seus elementos: objetos culturais e comunidade humana, que se desenvolve e concretiza o Arquétipo psicoide.

Nesta evolução, o Arquétipo coloca em jogo uma quantidade enorme de energia, que constitui a própria “reserva” da comunidade (energia tomada da “alma coletiva”) e que é transformada e canalizada na superestrutura.

Entende-se agora por que afirmávamos que a “maior potência” da superestrutura era capaz de captar a estrutura cultural de um observador e integrá-la à sua própria existência. A energia que impulsiona o desenvolvimento do fato cultural é de um grau superior ao humano, quer dizer, ao do homem individual, porque sua origem é coletiva, procede dessa “maior potência” que possui a superestrutura. O fato cultural evolui para sua enteléquia, mas progredindo momento a momento em diferentes realidades concretas. Se um homem “não participa do fato

cultural", hipótese impossível, tal como veremos, e enfrenta sua realidade, tomando-a por objeto de conhecimento, tentará limitar racionalmente à realidade concreta, abstraindo certas qualidades eminentes. Já explicamos que não se pode apreender uma superestrutura, nem nenhuma estrutura, empregando o método analítico-racional, indo do concreto ao abstrato. Mas o problema aqui não é que o homem, "observador" objetivo da superestrutura, obtenha um conceito errôneo da mesma senão que, pelo próprio ato de observar, torna-se um elemento a mais da superestrutura, através da qual se canalize o impulso evolutivo do Arquétipo psicoide.

O fato cultural está se desenvolvendo impulsionado por uma grande potência, NOTE-O OU NÃO O OBSERVADOR, e nessa marcha para a enteléquia, a superestrutura TOMA O QUE FOR NECESSÁRIO PARA SUA PERFEIÇÃO E REJEITA AQUILO QUE LHE É INÚTIL OU OPOSTO. Salvo o caso do virya desperto, que será rejeitado por sua oposição, todos os homens SÃO NECESSÁRIOS para a evolução do fato enquanto participem do mesmo. Mas ser "observador" já é participar, na qualidade de testemunha, e por isso toda a potência da superestrutura se concentrará para conseguir sua integração. Isso não é difícil, pois ao "observar" (o fato cultural), colocam-se de frente a "estrutura cultural" do observador e a superestrutura, produzindo-se o que a Estratégia Psicossocial denomina CAPTURA, quer dizer, a integração ao processo evolutivo do fato cultural.

Naturalmente, em um fato cultural, participam inconscientemente um ou vários homens, que são definitivamente de quem se nutre o Arquétipo psicoide para desenvolver-se; não quisemos tocar nesse aspecto da superestrutura porque o mesmo se estuda com muitos detalhes em nossa obra "Tratado de Estratégia Psicossocial da SS", dentro da teoria dos fenômenos gregários, e porque o caso do "observador" capturado pela superestrutura é altamente didático para demonstrar a falácia de considerar a "cultura exterior" como "objeto de conhecimento". Como veremos no tomo quinto, a única maneira de obter conhecimento "certo" de uma cultura exterior é consultando os Registros culturais, para o qual faz-se mister dispor da FACULDADE DE ANAMNESE; uma faculdade própria dos Iniciados Hiperbóreos, que a Ordem de Cavalheiros Tirodal ensina a desenvolver. O conceito de Registro cultural se explica nos tomos quarto e quinto.

Por que se produz, pois, a captura? Resposta: porque quando a "razão' do observador explora a superestrutura, descobre nesta suas próprias projeções, quer dizer, "vê" no mundo exterior coisas de seu mundo interior (inconsciente). Mas estas projeções não ocorrem acidentalmente, mas SÃO BUSCADAS pelo Arquétipo psicoide, dispondo adequadamente a superestrutura para receber as imagens convenientes. Se o observador acredita ver que o fato cultural se desenvolve segundo seus próprios processos interiores, integrar-se-á voluntariamente ao processo exterior ou, o que é o mesmo, debilitará sua vontade de oposição. Perguntar-nos-emos: como é possível que o observador veja aquilo que convém à evolução do Arquétipo psicoide e não outra coisa? E trataremos de explicá-lo, mediante uma figura metafórica. Imaginemos um mosaico no qual encontram-se dispostas, uma junto à outra, sem ordem, as imagens de todas as pessoas que conhecemos em nossa vida. Seria, sem dúvida, um quadro enorme, suponhamos, de uns mil metros quadrados. Imaginemos, novamente, que tão enorme mosaico encontra-se verticalmente em pé às nossas costas e que não podemos virar-nos para vê-lo. Só nos resta o recurso de utilizar um pequeno espelho, o qual nos devolverá uma porção do mosaico, por este ser demasiadamente grande e estarmos muito perto. Bem, dispostas assim as coisas, nos bastará MODIFICAR A POSIÇÃO DO ESPELHO para obter o reflexo de cada um dos rostos do mosaico. Mas, entre tantas pessoas representadas ali, há algumas que amamos, outras que odiamos,

outras que nos odeiam ou amam, aquelas que nos despertam piedade ou rancor, etc.; quer dizer, as pessoas que conhecemos em nossa vida não são só recordações, mas, associada à sua imagem, existe uma carga afetiva que é patenteada pela evocação. Por isso, ao mover o espelhinho, vemos um rosto que nos faz sorrir e logo outro ao qual não queremos recordar, e um terceiro pelo qual derramamos uma lágrima, e logo, talvez, voltamos àquele que nos alegrou e nos detenhamos longo tempo nele, ou, se ainda não o encontramos, moveremos o espelhinho e percorreremos o mosaico BUSCANDO o rosto mais querido.

Dentro de nós, sempre há coisas que queremos ver, sentir ou fazer, e outras que tratamos de negar ou ocultar. Para prender-nos, é necessário apenas ficar de frente ao reflexo de nossos próprios desejos. Os Arquétipos psicoides "orientam" as superestruturas (como se fossem o espelho da metáfora) para que reflitam aquilo que nós, inconscientemente, desejamos ver (o processo de nossos próprios Arquétipos interiores) ante o qual (como ante os rostos que nos arrancavam sorrisos e amor) ficaremos por LONGO TEMPO APRISIONADOS.

A metáfora nos mostrou de que maneira se INICIA a captura: uma realidade ORIENTADA para refletir as expectativas interiores e as projeções efetivas do observador; posteriormente: a atração das ilusões exteriores que acreditamos descobrir realizadas no fato cultural. Trata-se, olhando bem, de uma autêntica violação da intimidade psíquica do observador e de sua posterior submissão ao processo evolutivo da superestrutura, quer dizer, ao Grande Engano, a Maya: a ilusão. Por isso dizíamos, páginas atrás, que "a maior potência" da superestrutura captava a estrutura cultural e a integrava ao seu processo "EXTERIORIZANDO-A".

Uma vez que o homem foi incorporado ao processo exterior, o Arquétipo psicoide se nutrirá de sua própria energia e determinará seu comportamento, dentro dos limites formais do fato cultural.

Que possibilidades têm o homem de evitar a captura? Muito poucas. No estado de virya perdido é muito improvável que consiga escapar aos processos arquetípicos de que se compõe a realidade do mundo exterior. Por isso, os Siddhas tratam de despertar a Minne, a memória do sangue, induzindo a Canção de A-mort, e procuram, por diferentes meios estratégicos, destruir as superestruturas que incluem as linhagens hiperbóreas em seus processos evolutivos. Para o Iniciado Hiperbóreo, o processo dos Arquétipos psicoides tem um nome específico: DRAMA; e sua perfeição final, sua enteléquia, é percebida como uma CATÁSTROFE. Os viryas perdidos que participam de um fato cultural o fazem na qualidade de atores de um drama, cujo argumento é desconhecido e transcendente. Apontemos mais uma definição: um "argumento dramático" é o conteúdo dos Arquétipos psicoides, cuja manifestação concreta é a superestrutura dos fatos culturais.

Já dissemos, reiteradas vezes, que não é possível colocar sob observação objetiva os fatos culturais, sem correr o risco certo de sermos pegos e integrados ao processo da superestrutura que os sustenta. Agora podemos agregar, dado que qualificamos o processo de "dramático", que "no fato cultural se desenvolve um drama do qual não é possível ser expectador".

Com efeito: o Arquétipo se desenvolve na superestrutura e sua potência visa a enteléquia do fato cultural, quer dizer, a catástrofe; nesse processo "toma o que for necessário para alcançar sua perfeição", incorporando ao drama todo aquele que se encontre em "RELAÇÃO CULTURAL" com a superestrutura, ou seja: todo aquele que "conheça" os objetos culturais da superestrutura, por identificação com asserções de sua própria estrutura cultural. Este conceito permite definir um "raio de ação" ou esfera de influência do Arquétipo psicoide, a partir dos dois elementos básicos de que se compõe a superestrutura do fato cultural: os "objetos culturais" e o "homem" (virya perdido). Ali onde seja reconhecido um "objeto cultural" será

sempre um plano de ação para o Arquétipo psicoide, o qual incorporará o observador como ator de seu drama: formando uma "superestrutura" e formando um "fato cultural".

Vemos, então, que para o processo de um Arquétipo psicoide há prescindência temporal: só se requerem objetos culturais e sujeitos culturalizantes, quer dizer, homens providos de uma "estrutura cultural", para os quais os objetos mencionados sejam identificáveis. Daí que os fatos passados possam voltar a se repetir, tornando-se "atuais", desde o mesmo momento em que se estabelece uma "relação cultural" com um observador, quer dizer, com alguém que padece da ilusão de que um fato cultural pode ser objeto de sua observação. Um fato histórico, ou seja: um fato cultural passado será sempre potente para incorporar um homem como sujeito de um drama. Sendo assim, de onde procede a potência necessária para isso?

Dissemos que em uma superestrutura, capaz de capturar um homem e incorporá-lo ao seu processo, a potência provém do Arquétipo psicoide, para cuja enteléquia evolui. Mas uma superestrutura é factual, concreta em cada momento do seu desenvolvimento; a potência que dá atualidade ao fato cultural se observa claramente na mudança dramática que se manifesta no próximo, ator inconsciente (como nós mesmos) de um argumento transcendente e incompreensível. Essa potência prodigiosa, que se desenvolve de maneira irresistível como "força do destino" ou "direção do drama da vida", é aceitável que proceda de um Arquétipo psicoide "dominante" no momento presente, já que podemos comprová-lo na "dinâmica do fato cultural", "deste" fato cultural no qual estamos incluídos na qualidade de sujeitos ativos. Mas, de um fato passado, não se percebe com muita evidência como pode ter suficiente potência em um Arquétipo psicoide "desvalorizado", transformado em "mito", para capturar um observador e incorporá-lo em seu drama. Contudo, trata-se de uma ilusão produzida pela excessiva dependência da temporalidade do mundo exterior, pela sincronização dos relógios biológicos do microcosmo com o tempo do macrocosmo, que se traduz em uma artificial exaltação do "presente" como suporte temporal da consciência: daí que o Eu perdido seja sempre "consciência presente". Na realidade, um Arquétipo psicoide que foi dominante no passado, e cujo processo deu lugar a um fato histórico, não se desvaneceu no nada, só porque alcançou a enteléquia UMA VEZ na História: pensar isso seria supor que essa planta de milho, cuja germinação e crescimento observamos, não poderá voltar a repetir-se depois que se tenha esgotado o processo evolutivo. Mas sabemos que não é assim e que, na natureza, a vida se repete seguindo o ciclo do processo formativo. Nesse sentido, os Arquétipos psicoides de uma superestrutura não diferem daqueles que sustentam as formas naturais e, tanto uns como outros, tentam CICLICAMENTE manifestar seu processo e evoluir para a concretização da enteléquia.

Um Arquétipo psicoide nunca morre. Se "desaparece" da vista (quer dizer: da consciência coletiva), isso pode se dever a duas causas: ou continua atuando efetivamente, mas em nível inconsciente, ou realmente perdeu efetividade para atuar; esta última causa significa que permanece no plano arquetípico até o momento em que uma comunidade humana o vitalize e se incorpore a seu processo. Mas um Arquétipo psicoide "adormecido", um mito, é um germe que procura desenvolver-se todo o tempo e, por isso, não é possível a contemplação do fato histórico, para "estudá-lo e conhecê-lo" objetivamente, pois imediatamente nos incorpora como sujeitos de seu drama. Claro que esta captura não significa que o fato histórico voltará a se repetir IGUAL ao momento passado em que ocorreu; para isso seria necessário que nada tivesse mudado, por exemplo, que estivessem ali todos os objetos culturais e o mesmo clímax daquele fato que estamos evocando.

Não é assim que se manifesta um Arquétipo psicoide. Da mesma maneira que nenhum grão de milho é igual ao outro, mas nem por isso deixam de ser milhos, as formas que adquirem os fatos produzidos por um mesmo Arquétipo, em distintas épocas históricas, admitem um certo grau de variação, não essencial nem estrutural, mas sim formal. A relação cognitiva entabulada com o Arquétipo psicoide de um fato histórico, ainda quando não chegue para que este se desenvolva totalmente, É SUFICIENTE, no entanto, para que SE DESENVOLVA EM ALGUMA MEDIDA. E esse desenvolvimento, essa potência que começa a fluir em nós ao "compreender" a trama dramática do fato histórico, implica na captura e inclusão em uma superestrutura, do mesmo modo como se tivéssemos observado um fato cultural aparentemente "mais atual" ou "presente".

J - A dupla origem da "Idade de Ouro".

Podemos retomar agora às definições I, II e III. Aplicando os conceitos vistos até aqui, entende-se melhor o que queríamos dizer com: I - "qualquer circunstância histórica é a manifestação de um Arquétipo psicoide sobre a humanidade, no quadro de uma cultura externa". Poderíamos agregar também: "O fato histórico é a forma concreta que adquire uma superestrutura de homens e objetos culturais durante sua evolução para a enteléquia do Arquétipo psicoide". Uma Idade Histórica é, assim, não um simples período de tempo entre fatos eminentes, tal como o quer a História oficial, senão "o processo evolutivo do Arquétipo Manu". Este Arquétipo psicoide, que atua sobre toda a humanidade, tarda milhares de anos em desenvolver-se e é a verdadeira "força da História", a última dinâmica de todo fato cultural. Sob seu manto se cobrem outras ordens menores de Arquétipos coletivos. Tais Arquétipos podem manifestar-se em diversos fatos, mas TODOS OS FATOS têm entre si uma relação estrutural chamada MACROESTRUTURA, IDADE ou YUGA; A macroestrutura (de todos os fatos culturais) é uma forma concreta do Arquétipo Manu.

É tão potente este Arquétipo, que o começo e o fim de seu processo é acompanhado de tremendas modificações na superfície terrestre e de um "salto evolutivo" nas humanidades que a povoam. Isto significa que há uma influência TELÚRICA dos Arquétipos psicoides em relação à evolução humana. Contudo, essa relação logo se definirá no tomo décimo segundo, quando se expliquem os conceitos de "microclima" e "ilha psicoide", sem os quais não é possível compreender o efeito GEOCRÔNICO que a Terra exerce sobre os distintos grupos étnicos e o porquê das antigas migrações estratégicas dos homens de Cro-magnon. Quando expusemos o método da "chave genética", empregado pelos Siddhas Traidores para favorecer o encadeamento espiritual, dissemos que "ela se baseia no Maithuna entre um membro da espécie humana, do qual vão descender povos e nações, com um Siddha Traidor encarnado em um corpo atualizado do Arquétipo Manu". Esta afirmação refere-se exclusivamente ao método empregado pelos Siddhas Traidores para "ajustar" geneticamente as diferentes raças: para isso precipitam a enteléquia de um Arquétipo humano e, encarnando-se momentaneamente nesse corpo TYPO, entregam-se a copular com membros da raça que se pretende "evoluir", tarefa pela qual sempre demonstraram sentir especial predileção: pois bem, nos tomos sexto, sétimo, oitavo e décimo terceiro, se fornecerá a informação suficiente para que este conceito seja claramente compreendido pelos Eleitos.

Não podemos desenvolver aqui um esquema da Hierarquia Planetária e Solar, pela extensão do texto que isso nos demandaria e porque nosso objetivo é expor a Sabedoria Hiperbórea, quer dizer, a ciência gnóstica que descobre para o Espírito cativo a maneira de liberar-se das correntes materiais, e não perder tempo em comentar a infame obra do Demiurgo. Mas vale a pena recordar que a Terra faz parte de uma "cadeia evolutiva" igual a outros planetas do sistema solar, estando

todos incluídos em um Plano de Evolução (um Colossal Arquétipo), concebido pelo Demiurgo Solar ou Logos Solar. No entanto, nestes artigos, ao referir-nos ao Demiurgo, geralmente o fazemos pensando no Logos Planetário ou Sanat Kumara. Dele dependem os Manus: o "Manu semente" que é a "ideia" da Terra com seus sete reinos, aos quais impulsiona evolutivamente em seu desenvolvimento. Após está o Manu raiz, que é o Arquétipo de uma humanidade, incluídas as suas raças e sub-raças. Também há Arquétipos Manu de uma "raça raiz", etc.

Como já dissemos muitas vezes, os Demônios da Hierarquia pretendem que a "evolução", de acordo com o Plano, produza um inegável progresso nos "egos encarnados". O cumprimento das diretrizes arquetípicas é uma verdadeira enteléquia e, por isso, todo homem que tenha passado por um certo número de encarnações, submetido às leis Kármicas, deve transcender o nível humano e passar ao "sobre-humano" ou adepto, quer dizer, formar parte da Hierarquia. Tal como veremos mais adiante, a Estratégia sinárquica visa valorizar o futuro e obscurecer o passado; dito objetivo, que em muitos casos se mostra em atitudes aparentemente vãs e superficiais, tem na verdade profundas raízes metafísicas: no futuro estão as enteléquias de todos os Arquétipos e, por conseguinte, a perfeição humana "por evolução" para um Arquétipo Manu.

No entanto, contra esta ideia, desde remotas épocas, se opôs o conceito de que, conforme passavam as Idades, o homem involuía e caía cada vez mais no lodo da matéria. Para aqueles que assim opinavam, a vida se constituía em um "drama" e o futuro uma "catástrofe".

É fácil perceber que semelhante conceito procede da Sabedoria Hiperbórea e que não é simplesmente uma "ideia contrária" ao Plano de Evolução, senão o produto de perceber gnosticamente, com o sangue, a tragédia dos Espíritos encadeados à evolução dos Arquétipos psicoides. Tal percepção corresponde a uma intuição da origem divina do Espírito e à certeza de que todo o tempo posterior representa uma decadência; a perda de um estado de divindade primordial.

Este conceito de "queda" espiritual e "perda" da divindade é claramente hiperbóreo e muito antigo. Mas, com o passar dos milênios, dito conceito tornou-se exotérico e deu lugar a diferentes figuras mitológicas, nas quais se reconhece claramente, não obstante, a antiga percepção da Origem primordial. A principal destas figuras é a "Idade de Ouro", na qual o "Espírito Eterno" foi humanizado e se o imaginou habitando um Paraíso ou Éden. Mas, mesmo assim, com tudo o que de exotérico que esta imagem apresente, trata-se de um antigo conceito hiperbóreo e como tal deve ser reconhecido. Posteriores degradações conceberam quatro "Idades", cada uma mais decadente que a anterior, tal como se pode ler nos principais clássicos gregos (Homero, Hesíodo, etc.). O poeta romano Ovídio, que viveu em uma época tardia (43 A.C. - 17 D.C.), recolheu da tradição grega o seguinte:

IV - AS QUATRO IDADES

"A primeira de todas foi a IDADE DE OURO, a qual, sem coação, sem lei, praticava por si mesma a fé e a justiça. Ignorava-se o castigo e o medo, e não se viam gravadas em público, em bronze, para serem lidas, palavras ameaçadoras e a multidão suplicante não tremia ante a presença de seu juiz, mas estava segura sem defensor. Ainda não havia sido cortado o pinheiro em suas montanhas e não tinha descido à líquida planície para visitar um mundo estrangeiro e os mortais não tinham conhecido outros litorais que os de seu país".

"Ainda não circundavam as cidades os profundos fossos; não havia longas trombetas nem cornos de bronze curvado, nem capacetes, nem espadas; sem necessidade de soldados, as nações passavam seguras os seus ócios agradáveis.

A própria terra, livre de toda carga, não fendida pelo enxadão nem ferida pelo arado, dava por si mesma de tudo; e contentes dos alimentos que produzia sem que nada a obrigasse, os homens recolhiam os medronheiros, morangos silvestres, amoras que se aderiam às sarças espinhosas e nozes que haviam caído da copada árvore de Júpiter. A primavera era eterna e os aprazíveis Zéfiros acariciavam com os seus mornos sopros as flores nascidas sem semente. Também a terra, que não tinha sido lavrada, produzia colheitas, e o campo, sem ser cultivado, cobria-se de grávidas espigas; manavam ora rios de leite, ora rios de néctar e da verde azinheira ia destilando-se o dourado mel".

"Depois de que o mundo esteve sob o governo de Júpiter, uma vez que Saturno foi enviado para o tenebroso Tártaro, chegou a IDADE DE PRATA, inferior à de Ouro, mas maior do que a do amarelado bronze. Júpiter encurtou o tempo da antiga primavera e, por meio do inverno, o verão, e o inconstante outono e a encurtada primavera, dividiu o ano em quatro estações. Então, pela primeira vez, abrasou o ar impregnado de fogo e o gelo, endurecido pelos ventos, ficou suspenso. Então, pela primeira vez, os homens entraram em suas casas; e essas casas foram umas grutas de espessa folhagem e ramos entrelaçados com cascas. Foi também então quando as sementes de Ceres se introduziram nos longos sulcos e os bois gemeram sob o peso do jugo".

"Depois desta, chegou a terceira, a IDADE DE BRONZE, mais feroz em suas condições naturais e mais pronta aos terríveis combates, não sendo, no entanto, perversa".

"A última foi a que teve a dureza do ferro; nesta Era de um metal tão vil apareceu todo tipo de crimes; fugiram o pudor, a verdade a boa fé e ocuparam seu lugar a fraude, a perfídia, a traição, a violência e a paixão desenfreada das riquezas. O marinheiro entregava as velas aos ventos que ainda não conhecia suficientemente e as madeiras dos navios, que durante tempos tinham estado nas alturas dos montes, se lançaram às águas desconhecidas e o canto do agrimensor assinalou limites longos para a terra, antes comum, como a luz do sol e os ares. E não somente se exigia à fecunda terra as colheitas e alimentos devidos, senão que se penetrou em suas entranhas e se arrancaram os tesouros que excitavam todos os males, que ela tinha sepultado e havia ocultado na sombra da Estígia. E já havia aparecido o daninho ferro e o ouro, muito mais daninho que o ferro; aparece a guerra, que luta com cada um dos dois, e com sua mão ensanguentada, agita as ressoantes armas. Vive-se da rapina; o anfitrião não está seguro de seu hóspede nem o sogro de seu genro; também é rara a concórdia entre os irmãos. O esposo trama a perdição da esposa e esta a de seu marido; as terríveis madrastas misturam os insidiosos venenos; o filho, antes do tempo, informa-se sobre a idade do pai. Jaz pelo solo a piedade vencida e a donzela Astrea, a última dos imortais, abandona a terra empapada em sangue".

Neste relato de Ovídio, e em outros similares, se quis ver a recordação da pré-história humana e a confirmação das glaciações, o que não está de todo desacertado. Mas, sob o manto de mitos e lendas, percebe-se nitidamente o conceito visado: a princípio, uma Idade de Ouro, que é uma ideia degradada da "Origem", e logo três "Idades", de Prata, de Bronze e de Ferro, nas quais o homem acentua cada vez mais sua decadência espiritual. E este conceito, subjacente sob a casca do mito, é claramente hiperbóreo, tal como dissemos.

Na Índia, tão castigada culturalmente pelos "Mestres de Sabedoria" de Chang Shambala, deu-se uma solução à queda evidente da humanidade no materialismo, mediante a incorporação das quatro idades em seus eternos ciclos de retorno. As "Idades" são: SATYA YUGA (Idade de Ouro), TRETA YUGA (de Prata), DVAPARA YUGA (de Bronze) e KALY YUGA (de Ferro); claro que estes quatro

"YUGAS" ou "IDADES" formam um CHATUR YUGA, o qual volta a repetir-se eternamente nos diferentes Manvantaras ou períodos de manifestação do Demiurgo. A "queda" é aqui justificada para facilitar novas "ascensões" Kármicas dentro do sinistro Plano de Evolução, o qual tem sua expressão concreta nos Manus ou Arquétipos psicoides. Mas trata-se só de uma manobra cultural dos mestres de Chang Shambala, os quais semearam a confusão nas tradições hiperbóreas dos antigos arianos: a "queda" é verdadeira e não existe nenhuma pessoa que tenha sobrevivido às "noites" que seguem os "Dias de Manifestação", sejam Yugas ou Manvantaras, quando o Demiurgo, qual monstro horripilante, reabsorve em sua substância a famosa "criação material".

Para nós, terá particular importância o conceito de Kaly Yuga, equivalente esotérico da Idade de Ferro egeia, ao que vamos expor, de acordo à Sabedoria Hiperbórea. Só agregaremos aqui duas palavras sobre a "Idade de Ouro".

Segundo dissemos, a "Idade de Ouro" é uma figura exotérica, fundamentada sobre a percepção da Origem hiperbórea do espírito. Mas talvez convenha esclarecer por que nas diferentes civilizações sempre aparece vinculada com dita imitação da "Origem", que é uma ideia transcendente, a imagem do "paraíso terreno", que é uma ideia imanente. Por exemplo, na Epopeia de Gilgamesh, descreve-se um paraíso habitado por Enkidu; e o mesmo é "o Jardim das Hespérides" ou "os Campos Elíseos" nos mitos gregos, para não citar a Bíblia ou a Aryana Vaiji, o paraíso dos parses, etc. Aqui deve-se adotar o seguinte critério hiperbóreo:

1º. "a queda" do homem primordial, e todos os mitos que aludam a ela, referem-se de maneira distorcida ao encadeamento do Espírito Eterno à matéria; seu cativeiro e escravidão à obra do Demiurgo. Há, então, uma referência velada à "Origem".

2º. O "paraíso terreno" É UMA RECORDAÇÃO DO PASU. Com efeito: quando os Siddhas ingressam no Sistema Solar encontram na Terra um hominídeo, antepassado do pasu, que era tudo o que o Demiurgo e seus devas tinham podido lograr, depois de milhões de anos de "desdobramento evolutivo" do Manu. Mas esta criatura miserável, que talvez por isso não evoluía, encontrava-se em um verdadeiro "paraíso", desfrutando feliz e ao cuidado dos devas. Depois da Traição dos Siddhas, por causa da chave genética, os pasus começaram a "evoluir" mais depressa devido à contribuição da linhagem hiperbórea e ao cativeiro dos Espíritos vindos de Vênus. Contudo, em suas memórias genéticas, conservou-se a recordação daquela Era de completa felicidade e total idiotice. Segundo afirmávamos anteriormente, "o Espírito Hiperbóreo é necessário nos Planos do Demiurgo, porque é criador de cultura": basta observar a riqueza qualitativa e formal dos mitos da Idade de Ouro, para comprová-lo. Em tais híbridos culturais, as imagens primitivas, animais, do pasu, viram-se transformadas, até adotar uma forma "mítica", quer dizer, arquetípica, graças à sua "adaptação" às diretrizes superiores da Raça Hiperbórea. Só assim pode haver "evolução"; quando uma estrutura cultural é capaz de conter asserções (símbolos) que façam possível o processo dos Arquétipos psicoides. Nos "mitos" da Idade de Ouro, melhor que em nenhum outro, poder-se-á comprovar esse duplo conteúdo, que é a base "da cultura" (e a prova da Traição dos Siddhas da Face Tenebrosa): uma recordação genética do pasu (o "paraíso terreno") e uma recordação de sangue do espírito hiperbóreo (a "Origem divina"); sua combinação dá os diferentes mitos sobre a Idade de Ouro.

K - A situação atual do virya perdido.

Na Primeira Parte, estudamos o duplo objetivo da finalidade do pasu: o "microcósmico", que visa desenvolver a esfera de consciência do pasu, pois com isso se assegura o "objetivo macrocósmico", o qual se propõe a "colocar sentido nos entes", "produzir culturas que conservem o sentido ôntico". Com referência ao

objetivo microcósmico, avançamos bastante na descrição da esfera de consciência e do sujeito consciente, e demonstramos que o Eu perdido é alheio ao pasu, que sua presença nas entranhas da consciência obedece ao encadeamento do Espírito. Expusemos assim o que é um pasu e o que é um virya perdido, e mostramos como este, por sua confusão estratégica, entrega-se habitualmente a cumprir o objetivo microcósmico da finalidade do pasu. Sobre o objetivo macrocósmico, não obstante nos termos referido a ele constantemente, não adiantamos grande coisa em sua elucidação, por carecer dos conceitos microcósmicos complementares, necessários para apresentar devidamente o problema. Mas tais conceitos foram, em grande medida, definidos neste inciso, muitas vezes mediante a aplicação do método comparativo entre micro e macrocosmo. Estamos agora, pois, em condições de situar o virya perdido no mundo exterior, de comprovar seu comportamento no seio de culturas feitas na medida do objetivo macrocósmico da finalidade do pasu. E esta possibilidade é importante, porque tais são as "determinações imediatas" que condicionam o virya perdido em sua atualidade mundana: do seio dessas culturas, do coração de uma sociedade sinarquizada e judaizada, há de partir o virya perdido em busca da sua liberação espiritual. Por isso, o "despertar" que aqui propomos, baseado "em uma mudança permanente de atitude do Eu perdido", quer dizer, em uma "mudança interior", requer também, para que seja efetiva, uma correspondente 'atitude exterior"; atitude que só poderá se adotar se se compreende cabalmente o objetivo macrocósmico, se se aprecia com exatidão "a situação atual do virya perdido", quer dizer, falando em linguagem franca, "se o virya entende em que está metido". Entre os "viryas perdidos", logo, encontram-se os Eleitos da Ordem de Cavalheiros Tirodal.

Para avaliar, em termos gerais, a situação atual de um virya perdido, há que se considerar que ele se encontra habitualmente integrado em várias superestruturas: esta consideração é sempre válida, salvo o caso no qual o virya participe de uma Mística racial. A principal é a SUPERESTRUTURA DO FATO FAMILIAR, da qual quase ninguém escapa; no tomo nono se exporá um método individual, denominado Prova de Família, que permite avaliar em cada um o grau de dependência que o liga ao Arquétipo familiar e lhe indica se se encontra em condições de optar por uma via tântrica de liberação.

À parte de, com segurança, esta, o virya pode estar integrado em muitas outras superestruturas de fatos culturais, às quais deverá observar e compreender, para desencadear-se ou evitar a captura. Naturalmente, o virya perdido é cético, acredita ser livre, e nega ou desconhece a existência das superestruturas: por isso, aceitar sua existência, ainda que só conte com uma intuição, já é um primeiro passo gnóstico. E é importante entender isto: quem aceita a existência das superestruturas, e luta para compreendê-las e evitar ser capturado por elas, NA REALIDADE ESTÁ SE LIBERANDO DO KARMA. Na verdade, as superestruturas constituem a trama dramática do Karma: A INTEGRAÇÃO DO VIRYA EM UMA SUPERESTRUTURA COMPENSA DRAMATICAMENTE, NO ATO, CERTOS DESEQUILÍBRIOS ARQUETÍPICOS CAUSADOS POR FATOS PASSADOS; TAL COMPENSAÇÃO ENERGÉTICA, QUE É VIVENCIADA COMO DRAMÁTICA, DENOMINA-SE "KÁRMICA". É a "reação" do mundo exterior, mediante sua captura e integração dramática em uma superestrutura, por uma "ação" passada protagonizada pelo virya.

Daí que a verdadeira liberdade, a autonomia ôntica, se obtenha só ao aceitar a existência das superestruturas e não ao negá-las presunçosamente ou ignorá-las. Mas, quem não só aceita, e também conhece e estuda as superestruturas vai no caminho certo de tornar-se um virya desperto, pois tal compreensão o obrigará a manter um permanente estado de alerta e a desenvolver uma Estratégia para evitar

a captura. E, na medida em que se independa dos Arquétipos psicoides, que adquira autonomia ôntica, liberdade exterior, o Eu perdido irá se reorientando estrategicamente para o Selbst: então se fará patente a possibilidade do desencadeamento espiritual.

Mas tal atitude exterior, resolvida a evitar a ação das superestruturas, só pode provir de quem primeiro adotou uma atitude interior "graciosa luciférica", pois só assim é possível dispor de suficiente energia volitiva para resistir à pressão do mundo exterior, a força do Grande Engano, a potência absorvedora do Terrível Segredo de Maya.

Resumindo, a situação atual, característica, do virya perdido, é a integração nas superestruturas de fatos culturais. Incorporado dramaticamente na trama exterior, o virya cumpre, em sumo grau, com o objetivo macrocósmico da finalidade, pois o sentido que ele coloca no mundo é o que mais aprecia o Demiurgo. Com outras palavras, em sua atuação dramática, o virya expressa um sentido INTENSO, que tem a dimensão da DOR, e que se compõe, na realidade, de duas forças denominadas AMOR E ÓDIO: A DOR, que o virya coloca em um fato cultural que o inclui dramaticamente, É ANÁLOGA À PRIMEIRA INTENÇÃO QUE DIRIGE UM SÍMBOLO **I** PARA A CONSCIÊNCIA (ver figuras 21, 22 e 23). Em um símbolo emergente **I** existe uma "referência a si mesmo" que o dirige para o umbral de consciência, mas, segundo se observa na fig. 23 (a), tal referência, ou primeira intenção, compõe-se, por sua vez, de duas referências básicas: uma emocional e outra racional. Em um fato cultural, ocorre algo semelhante, pois A "DOR", COLOCADA EM JOGO POR TODOS OS HOMENS QUE INTEGRAM SUA TRAMA, "DIRIGE" O SENTIDO DO DRAMA PARA O UMBRAL DO SENTIDO, DE ONDE O FATO CULTURAL HÁ DE EMERGIR COMO "SENTIDO DO MUNDO" OU REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE MACROCÓSMICA. Mas esta dor, que dá direção ao fato cultural, compõe-se de duas referências básicas (na realidade são sete), uma emocional (ódio) e outra racional (amor), analogamente à primeira intenção do símbolo emergente.

No artigo "C", nos perguntávamos: "Que evento do mundo exterior é análogo a um "relevo" no horizonte da significação contínua? Resposta: quando um evento se destaca nitidamente no contínuo transcorrer da História, se diz que o mesmo constitui um fato histórico, quer dizer, um fato cultural passado; o fato histórico ou cultural, na estrutura da cultura externa, é análogo à manifestação de um relevo **I** na estrutura cultural". Mas, "sendo que um relevo tal como **I** é um símbolo formado pela manifestação de um ou mais "símbolos arquetípicos", devemos inferir disso que, analogamente, o fato histórico ou cultural é a manifestação de um Arquétipo psicoide? Resposta: com efeito, todo fato histórico é a manifestação de um Arquétipo psicoide, ou Mito, em um espaço cultural determinado". Agora podemos completar esta analogia, agregando que o fato cultural, qual símbolo **I** emergente na consciência, DIRIGE-SE à Consciência do Demiurgo, quer dizer, à esfera de Sentido do Mundo (D), guiado por sua PRIMEIRA INTENÇÃO: A DOR HUMANA. A "dor', ou primeira intenção, é uma nota energética do fato cultural.

Vemos, pois, que a Consciência do Demiurgo se nutre da dor humana e, o que é mais espantoso, que a dor humana é necessária, ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIA, para a própria evolução do Demiurgo; recordemos a conclusão exposta no artigo "D": "o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu, construir culturas externas, colocar sentido nos entes, CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO EVOLUTIVO DA "CONSCIÊNCIA" DO DEMIURGO. Tal Consciência do Demiurgo cresce em função do Sentido do Mundo, pela emergência significativa dos fatos culturais, analogamente a como a esfera de consciência do pasu cresce por efeito da emergência das representações conscientes". Quem

compreenda essa necessidade de dor que há na essência do mundo do Demiurgo, comprovará que é utópico esperar que algum dia a dor desapareça da vida humana. Pelo contrário, a dor e o sofrimento irão se incrementando permanentemente, de forma paralela ao progresso cultural. E o Demiurgo, por si mesmo, jamais fará nada para reverter esta SITUAÇÃO ATUAL DO VIRYA PERDIDO.

Mas as culturas humanas, nesta etapa do Kaly Yuga, ou já estão dominadas pela Sinarquia ou vão a caminho de o estar muito em breve. E desde tão formidável Concentração de Poder, os doutrinários liberais, sionistas ou marxistas, anunciam com contagiosa certeza um mundo cada vez melhor, com maior justiça social, sem classes, sem enfermidades, com paz permanente, etc. O que cabe esperar de tais promessas? Resposta: Nada. No mais, alguma variante do Engano, mas jamais um verdadeiro plano destinado a terminar com a dor, a produzir um estado constante de alegria social, tal como, por exemplo, o programa Kraft durch Freude (K.d.F.), "Força pela Alegria", do Terceiro Reich. Mas é natural que assim ocorra, uma vez que, por trás da Sinarquia, em qualquer das suas alas táticas, estão os Siddhas Traidores, quer dizer, os responsáveis extraterrestres do encadeamento espiritual, os quais mutaram geneticamente o animal-homem terrestre para "acelerar sua evolução" e com isso elevaram até níveis incríveis a dor da vida. Eles, e a "Raça Sagrada" hebraica, que representa o Demiurgo sobre a Terra, nunca permitirão que o homem deixe de sofrer, pois a dor, que dirige para o Demiurgo o sentido colocado nos entes, constitui uma referência imprescindível para a dinâmica do horroroso Universo material.

Entender-se-á agora por que a Sabedoria Hiperbórea afirma que a principal fonte de dor humana, isto é: A POBREZA, jamais será desterrada das comunidades culturais por nenhum sistema de governo sinárquico e que, pelo contrário, os comunistas, democratas, liberais, social-democratas, socialistas, republicanos, democrata-cristãos, etc., farão o possível por aumentá-la, ainda que dissimulando, desde já, seus verdadeiros planos. Só uma sociedade organizada carismaticamente em torno de um líder ou Führer, no quadro de uma mística, poderá independer-se dos karmas coletivos, das superestruturas culturais animadas por Arquétipos psicoides do Demiurgo, e edificar uma sociedade não fundamentada sobre a dor de suas bases. Claro que uma sociedade assim, como o Terceiro Reich, não contribui em nada para os planos da Sinarquia e constitui uma afronta para o Demiurgo e sua Raça Sagrada hebraica; uma sociedade assim, portanto, deve estar bem preparada e disposta para sustentar a inevitável Guerra Total que lhe apresentará o Inimigo.

A terrível visão do mundo exterior que aqui mostramos é a que todo virya perdido deve, de algum modo, vislumbrar. Se assim não ocorre, se o virya acredita que o Universo material não é intrinsecamente mal, ou tem fé em que algum dia se erradicará o mal do mundo, que acabará a pobreza e o homem será feliz, isso é sinal de que o véu que cobre seus olhos é demasiadamente opaco: véu poético, véu do Engano, véu de Maya, o denomina a Sabedoria Hiperbórea. Com semelhante véu, e o afirmamos enfaticamente, não será possível que o virya se oriente para o Selbst: antes se perderá irremediavelmente no Terrível Segredo de Maya. Mas se o virya compreende o que aqui dizemos, e o intui certo, então poderá continuar aprofundando na essência do Engano, procurando liberar-se de sua integração à cultura exterior e preparando-se para apresentar o desafio do Retorno à Origem, o qual será efetuado no kairos justo, quando o indique a honra de sua vontade graciosa.

Finalmente, e isso deve ver-se claramente, o "estado atual do virya perdido" é o seguinte:

No interno: possui um "Eu perdido" submerso no sujeito consciente, quer dizer, quase permanentemente temporalizado. No entanto, é capaz de intuir

fugazmente o Espírito, sua eternidade, sua infinitude..., e deseja alcançá-la, mas, sem saber onde tem que buscar. Ignora, é claro, que a busca do Espírito, que deve começar pelo Selbst ou foco de reflexão gnóstica, só pode se empreender com êxito se se parte de uma "hostilidade essencial"; e o ignora porque a Estratégia sinárquica e a cultura judaica o convenceram de que "não há nada mais oposto ao Espírito" do que a "hostilidade" ou qualquer outra forma de inimizade ou contrariedade para com a "Obra de Deus"; quer dizer, para com o demencial e nefasto Universo do Demiurgo. Por isso, por tal essencial engano, o virya não encontra habitualmente o Espírito, já que, em lugar de buscar um Deus, que isso é seu Espírito Hiperbóreo, entrega-se a perseguir uma caricatura com muletas, a vil ilusão de um espiritozinho doce e assexuado que declama cânticos sagrados em torno do Trono de Jeová. Esta repugnante criatura espiritual é a que alguns viryas perdidos, e outros mentecaptos, acreditam ser ou quereriam ser algum dia, "depois da morte", ou no "Dia do Juízo Final", etc..., Terá que se convencer os viryas, pois, que o Espírito Hiperbóreo pertence a uma raça guerreira e que a hostilidade para com o mundo material é a principal qualidade de sua essência.

No externo: o virya perdido encontra-se habitualmente integrado na superestrutura do fato familiar e participando ativamente em fatos culturais de diferentes tipos. Seu estado atual externo depende, pois, de acordo a um rigoroso balanço kármico do processo dos Arquétipos psicoides que animam as superestruturas. Mas, de tais Arquétipos psicoides, que o mantêm sujeito às superestruturas que eles sustentam como contexto do mundo exterior, o virya perdido é ignorante, está "como em um sonho", quer dizer, está "adormecido" para essas realidades metafísicas. E, para o cúmulo dos males, o sentido que ele expressa no mundo, sentido colocado nos entes com a força da dor, é a luz que ilumina a Consciência do Demiurgo: luz, energia, força externa, que é também amor, ódio, sofrimento, dor interna, imprescindíveis para que Ele experimente o prazer do Criador, o gozo que proporciona a "descoberta posterior" da Obra. O virya perdido, aqui em nada diferente do pasu, é quem "avalia e valoriza" a obra do Demiurgo, quem coloca novo sentido nos entes do mundo, ao projetar objetos culturais e construir culturas exteriores; tal atitude representa o Bem e constitui uma direção, um rumo moral, para o qual visa a evolução: com a derrota assinalada pela dor humana, que é uma intenção subjacente no sentido, a História progride para a enteléquia do Plano cósmico, para o Pralaya, para a perfeição final do Arquétipos, que foi proposta pelo Demiurgo no começo do Manvantara.

O estado atual do virya perdido, sua situação real, mostra-nos que "o despertar", quer dizer, o passo prévio ao desencadeamento espiritual, é uma tarefa externa e interna, um movimento estratégico de grande precisão, um salto dado com absoluta segurança no kairos justo. O despertar, assim descrito, é idêntico ao "ato de guerra individual do virya"; um golpe de valor supremo que poderá descarregar sobre o Inimigo todo aquele que compreenda, e siga, a via da oposição estratégica explicada neste livro de Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

SEGUNDO TOMO: O SÍMBOLO SAGRADO DO PASU

A - Analogia gráfica da "lei de evolução".

Aqui devemos ser muito cuidadosos para evitar toda possível confusão sobre o objeto deste artigo, o qual se sintetizou no título da epígrafe; há que se esclarecer desde o início que ele NÃO SE REFERE A UM SÍMBOLO EM PARTICULAR QUE PODERIA "SER SAGRADO" PARA O pasu, SENÃO A UM QUE REPRESENTA O PRÓPRIO pasu; QUER DIZER, NÃO UM SÍMBOLO ENTRE SÍMBOLOS, SENÃO UM QUE EXPRESSA AO SI MESMO DO ANIMAL-HOMEM.

Um símbolo tal tem de representar a essência do pasu, quer dizer, o objetivo micro e macrocósmico da finalidade e, por sua vez, tem de corresponder de algum modo à essência arquetípica da suprafinalidade dos entes, nos quais o pasu deve descobrir o desígnio e colocar o sentido. E semelhante símbolo, por último, não há de provir do âmbito da cultura externa, reconhecido e introjetado na estrutura psíquica como objeto cultural, senão que tem de ser capaz de manifestar-se espontaneamente ao sujeito anímico, como puro reflexo interno de si mesmo, analogamente a essas imagens de si mesmo que aparecem, sem buscá-las, no mundo exterior, na água de um lago, em uma gota de orvalho, em um cristal ou no olho de nosso interlocutor. É compreensível, pois, que este símbolo seja muito conhecido e que, por representar o pasu, sua aparição na História da cultura seja tanto mais frequente quanto mais retrocedamos no tempo, quer dizer, quanto mais nos aproximemos do ponto de máxima pureza do pasu, no momento em que se produziu, no animal-homem, o encadeamento espiritual. Por isso, na atualidade, não custará muito ao virya perdido reconhecer neste símbolo a representação da sua herança genética de animal-homem, a sua "parte pasu": sendo assim, tão evidente, começaremos diretamente pela explicação.

Para isso, nos serviremos do símbolo auxiliar da figura 40. Suponhamos que os dois círculos representam os estados, inicial e final, ou entelequial, de um Arquétipo: o círculo maior corresponde ao SER e o ponto central ao CHEGAR-A-SER, quer dizer, à finalidade, à perfeição final ou enteléquia. O processo do Arquétipo, com tal convenção simbólica, só pode consistir em uma mudança contínua que transforme o círculo XX no círculo X'X'.

Pois bem, a Sabedoria Hiperbórea assegura que, até a chegada ao Universo material dos Siddhas Traidores, o processo de TODOS os Arquétipos universais se desenvolvia de acordo a uma mesma Lei, contida no DESÍGNIO DO CARACOL. Após o encadeamento espiritual, ao menos para o pasu, seu Arquétipo universal, quer dizer, o Arquétipo Manu, segue um processo de desenvolvimento segundo uma lei diferente, que será exposta mais adiante e que tem a particularidade de gerar superestruturas "Kármicas". Mas agora interessa-nos conhecer de que maneira o arquétipo XX conduz à enteléquia X'X'. Este comportamento geral das leis evolutivas mudou, no caso do virya. A nova situação é a seguinte: o Arquétipo universal do pasu, quer dizer, o Arquétipo Manu, continua também desenvolvendo-se de acordo às leis do desígnio caracol; em consequência, o fio histórico do sujeito consciente segue uma trajetória em espiral que, segundo se verá, denomina-se CAMINHO DE ELIX; mas o Eu perdido, a expressão do Espírito eterno que se encontra submergido no sujeito consciente, desenvolve-se desde a Origem, seguindo uma lei paralela e essencialmente diferente ao CAMINHO DE ELIX, conhecida como CAMINHO LABRELIX. Nos próximos artigos deste inciso se irão explicando tais leis e sua

função na técnica do encadeamento espiritual; Por ora, começaremos por expor de que maneira o processo do arquétipo XX conduz à enteléquia X'X'.

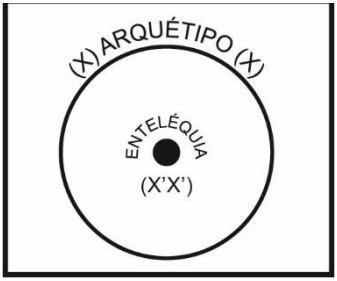


FIGURA 40

A lei que rege todo o processo arquetípico ESTÁ ESCRITA NO DESÍGNIO DO CARACOL e por isso o problema apresentado pela figura 40 resolve-se simbolicamente mediante a forma abstrata do caracol, quer dizer, mediante A ESPIRAL, tal como se mostra na figura 41. No entanto, isto não significa que todo processo arquetípico tem que se desenvolver segundo uma trajetória em forma de espiral, pois, NO DESÍGNIO DO CARACOL, na série de Arquétipos que constitui seu plano, existem muitas outras formas de desdobramento entelequial; diferentes da espiral, mas LIGADAS HARMONICAMENTE A ELA. De qualquer maneira, a forma perfeita da lei implica que o Arquétipo XX tem que tender para a enteléquia X'X', efetuando um movimento em espiral. Com outras palavras: o Arquétipo XX, impulsionado por sua potência formativa, se desdobra continuamente e tende para uma perfeição final; O MOVIMENTO CONTÍNUO EM QUE CONSISTE O PROCESSO SE CARACTERIZA PORQUE O ARQUÉTIPO VAI GIRANDO PERMANENTEMENTE EM TORNO DA ENTELÉQUIA, APROXIMANDO-SE, APÓS CADA VOLTA, UM POUCO MAIS DA SUA PERFEIÇÃO; e dito movimento "entelequial" pode-se representar, no final do processo, mediante uma espiral que una o círculo XX com o ponto central X'X', tal como se vê na figura 41.

O fato de que ali se tenha desenhado uma espiral logarítmica, não tem um significado particular, pois poderia ter-se utilizado, com o mesmo fim, qualquer outra espiral notável, algumas das quais estão representadas analiticamente na figura 42, ou uma espiral "natural", semelhante à do caracol "Nautilus" da Era secundária, cujo desenvolvimento se baseia na série de Fibonacci. Na figura 43, pode-se observar o Nautilus, esse digno contemporâneo do pasu primitivo, em um corte que mostra a espiral do caracol.

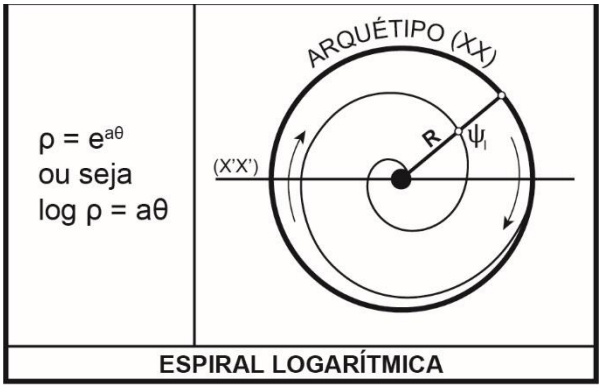


FIGURA 41

B - A espiral, símbolo sagrado.

Deixando de lado, pois, qual seja o tipo de espiral mais adequado para representar o processo do Arquétipo XX, o importante aqui é convir no fato essencial de que o processo se desenvolve segundo um movimento espiriforme. E este fato tem que ser considerado de máxima importância, porque o "símbolo sagrado do pasu" é em tudo semelhante à figura 41. Mas, vale a pena repetir, este símbolo sagrado só representou o pasu ATÉ O MOMENTO DO ENCADEAMENTO ESPIRITUAL; a partir de então a evolução do virya se desenvolve segundo outra lei, denominada "Kármica", uma dupla lei, ÉLIX-LABRELIX, denominada "kármica" pelos Siddhas Traidores.

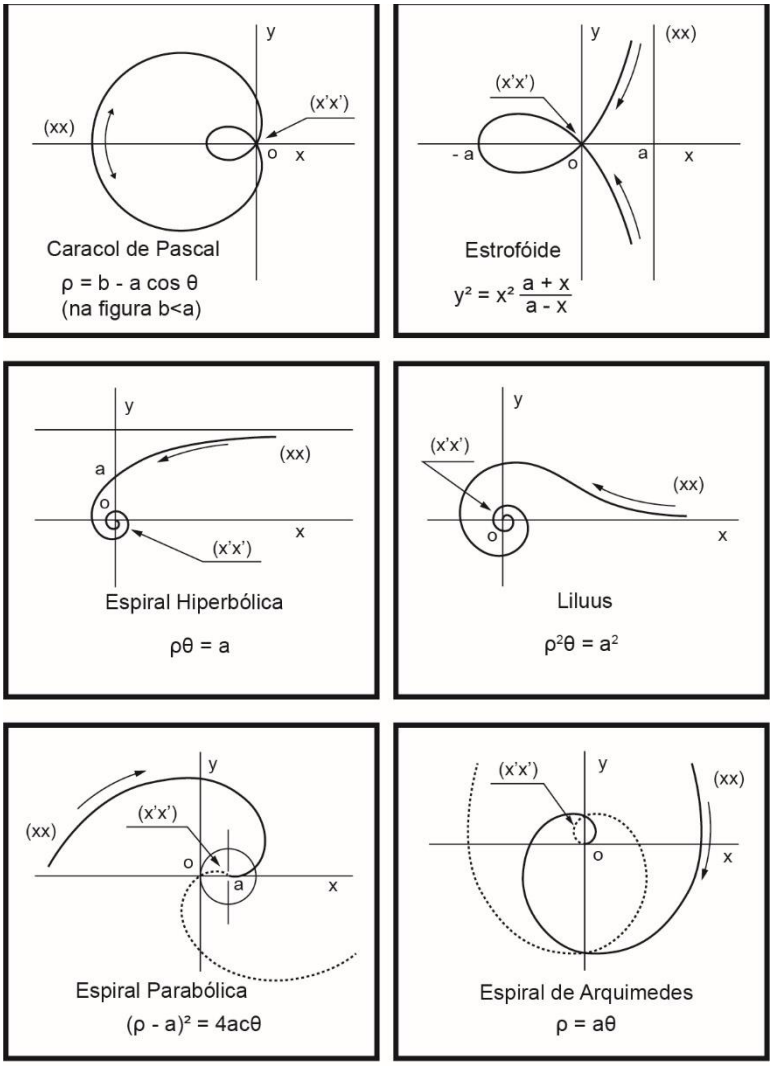


FIGURA 42

Sobre o “símbolo sagrado do pasu” temos que falar bastante ainda, mas, antes de continuar, convém esclarecer as denominações que recebem, de forma corrente, os elementos da figura 41, a qual representa dito símbolo. O círculo exterior é análogo a um Arquétipo XX, no instante de sua manifestação: representa o giro circular, perfeito, mas potencial, em torno da enteléquia X’X’; o círculo XX representa, portanto, também a “esfera de consciência” do pasu a qual gira, a princípio, em torno do centro de si mesmo.

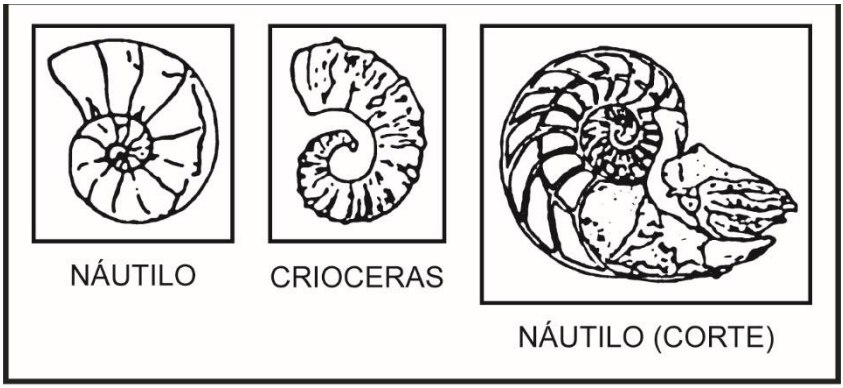


FIGURA 43

A enteléquia X'X', logo, é a perfeição final do Arquétipo XX e corresponde analogamente ao "centro de si mesmo" do pasu. Temos agora a espiral, que representa o movimento realizado pelo Arquétipo XX, para aproximar-se continuamente de sua enteléquia X'X': à espiral, definida como função do movimento arquetípico, se denomina LEI DE EVOLUÇÃO ARQUETÍPICA. E voltando às analogias que tem a figura 41 com a estrutura psíquica do pasu, figura 11b, podemos inferir que A ESFERA DE CONSCIÊNCIA (círculo XX) TENDE AO CENTRO DE SI MESMO (círculo X'X') MEDIANTE A LEI DA EVOLUÇÃO (espiral).

Comprovamos assim, que o símbolo da figura 41 cumpre com os requisitos propostos no começo: representa a essência do pasu, os objetivos micro e macrocósmico da finalidade, pois é a imagem analógica da evolução arquetípica universal, tanto do pasu como de qualquer ente; e não provém das culturas externas, senão da estrutura cultural, revelando-se ao sujeito consciente do pasu como um verdadeiro símbolo sagrado emergente.

C – O caracol e a serpente.

Devemos reiterar que a espiral da figura 41 só representa o símbolo sagrado do pasu se seu significado é o antes definido: LEI DE EVOLUÇÃO ARQUETÍPICA. Este conceito há que se ter sempre presente pelo seguinte: UM SÍMBOLO ESPIRIFORME SEMELHANTE AO DO CARACOL EXISTE NO DESÍGNIO DA SERPENTE; PORÉM, O MESMO REPRESENTA NÃO A '"LEI DA EVOLUÇÃO ARQUETÍPICA", QUE REGE A "ENERGIA PSÍQUICA", SENÃO A LEI QUE DETERMINA O MOVIMENTO DA "ENERGIA VITAL" MICRO E MACROCÓSMICA. Ainda que para a mentalidade racionalista e profana possa parecer assunto da maior trivialidade a possível confusão entre a espiral do caracol e a espiral da serpente, a Sabedoria Hiperbórea lhe concede grande importância e recomenda expressamente seu esclarecimento. Como a única maneira de evitar a confusão entre dois conceitos é definir corretamente seus significados, dedicaremos este artigo a essa tarefa, pois a possível confusão do símbolo sagrado do pasu com outro símbolo sagrado tornaria incompreensível a explicação que daremos mais adiante sobre o símbolo sagrado do virya.

O primeiro conceito que devemos definir é o de "POTÊNCIA ASTRAL", quer dizer, o conceito da "potência" do mundo astral macrocósmico. Valer-nos-emos, para

isso, da analogia que esta apresenta com a potência microcósmica definida na "expressão energética do pasu". Aquela expressão dizia:

Potência (W) . Tempo Transcendente (Tt) = Energia psíquica (Ep)

(W.Tt) = Ep

A "potência" aqui definida é "o substrato fundamental de todo símbolo psíquico": "por ela, os símbolos subsistem e se manifestam". Se na expressão energética explicamos o termo "potência", vamos entender com mais clareza as afirmações entre aspas; assim:

W ≡ Ep/Tt (5)

Esta nova expressão nos diz que A POTÊNCIA (**W**) É EQUIVALENTE **(≡)** AO QUOCIENTE DA ENERGIA PSÍQUICA (**Ep**) PELO TEMPO TRANSCENDENTE (**Tt**). É evidente, pois, que o segundo membro de (5), **Ep/Tt** expressa o ATO da potência. Agora se entenderão melhor as afirmações anteriores: a potência permite que um símbolo "subsista" em sua forma (**W**) e faz possível que se "manifeste" sob sua forma (**Ep/Tt**), quer dizer, energeticamente: A "MANIFESTAÇÃO" SÊMICA DA POTÊNCIA (**W**) É SEU "ATO". Quer dizer:

SÍMBOLO "SUBSISTENTE"		**SÍMBOLO "MANIFESTADO"**
OU POTENCIAL		**OU ATUAL**
(W)	**≡**	**(Ep/Tt)**

No artigo "D", já havia sido exposta tal conclusão: "os símbolos, do esquema ou Relação, subsistem sustentados pelo substrato da sua potência (W); se um pensamento promove a relação, os símbolos se manifestam com uma determinada energia (**Ep/Tt**): tal ATIVIDADE é também produto da potência (W)". E mais adiante: "quando a potência impulsiona o símbolo para a esfera de consciência, efetua-se, na realidade, sua ATIVAÇÃO ENERGÉTICA". Tal energia (**Ep**), por outra parte, "caracteriza-se pelo "movimento" (emergência e processo), a "intensidade" e a "direção" (primeira intenção).

A "potência" microcósmica (W) que expressa (5) é, com toda precisão, POTÊNCIA DA ALMA DO PASU, ou seja, POTÊNCIA ANÍMICA DO

MICROCOSMO. Mediante tal "potência" a alma do pasu VITALIZA o organismo microcósmico e ANIMA a estrutura psíquica. Mais claramente: a potência da alma se manifesta no microcosmo de dois modos principais: como "energia vital", para sustentar a vida orgânica, e como "energia psíquica", para animar as estruturas nas quais deve atuar o sujeito.

Como sabemos, o macrocosmo vivente é animado pela Alma do Demiurgo, ou "anima mundi", a qual, analogamente, dispõe de uma capacidade POTENCIAL para levar adiante seu Plano: é a POTÊNCIA ASTRAL, equivalente à potência (W) da alma do pasu. E tal "potência astral" se manifesta também mediante dois modos principais: como "energia vital do mundo astral", para sustentar a vida do organismo macrocósmico, e como "energia astral", para animar as superestruturas dos fatos culturais ou das culturas externas. É evidente que a "energia astral" macrocósmica é análoga à "energia psíquica" (**Ep**) microcósmica, e que a "energia vital" macrocósmica é análoga à "energia vital" microcósmica. Podemos agora começar a entender a afirmação inicial deste artigo: o desígnio do caracol expressa a "lei de evolução" que rege a energia psíquica (E A "ENERGIA ASTRAL" EQUIVALENTE), enquanto o desígnio da serpente expressa a lei (ou as leis) que rege a energia vital micro e macrocósmica. No entanto, com estes esclarecimentos, não fica superada a possibilidade de confusão; pelo contrário, o assunto torna-se cada vez mais obscuro e se suscitam justas interrogações: como se deve entender que a lei de evolução "rege a energia psíquica e a energia astral"? O que significa concretamente que as "energias vitais" micro e macrocósmica obedecem à "lei expressada pelo desígnio da serpente? E por que tais leis se depreendem de ditos "desígnios" e não de outros? Etc. Só um exame a fundo dos conceitos de potência (**W**) e "potência astral", à luz das correspondências micro e macrocósmica, especialmente as expostas no comentário Décimo, nos permitirá ir encontrando as respostas.

Comecemos pela esfera de sombra. Em tal "espaço analógico" do microcosmo subsiste a estrutura cultural e ocorre a emergência dos símbolos referidos a si mesmo: a característica essencial de todo símbolo emergente, segundo vimos na Primeira Parte, é a ENERGIA PSÍQUICA. Analogamente à esfera de sombra, regiões (a, b, c), figura 39, no macrocosmo existe o mundo astral (A, B, C), no qual subsistem as culturas exteriores e ocorre a emergência dos fatos culturais referidos ao umbral do sentido. ASSIM, A CARACTERÍSTICA ESSENCIAL DE TODO FATO CULTURAL É A "ENERGIA ASTRAL". Mas, esta "energia externa", que evidentemente é análoga à energia psíquica interna, é uma expressão particular da potência astral com que o Demiurgo anima o organismo macrocósmico: a "energia astral" que ativa um fato cultural é só uma formação arquetípica, uma ordenação plasmática, que particulariza um setor da totalidade energética do macrocosmo vivente.

Isto quer dizer que, fora da energia astral que ativa a superestrutura do fato cultural, existem outros aspectos da potência astral do Demiurgo que se manifestam, igualmente, no mundo astral, ainda que sua função seja animar as distintas estruturas do organismo macrocósmico. Mas, segundo sabemos, no microcosmo ocorre algo semelhante, pois a "energia psíquica" é só uma expressão particularizada da potência da alma do pasu, uma plasmação arquetípica que dá lugar a todo termo sêmico da esfera de sombra: mas, fora desta potência (W) que subjaz em todo símbolo psíquico ou sistema, existem outros aspectos da potência da alma que se manifestam, igualmente, na esfera de sombra, ainda que sua função seja animar as distintas estruturas do organismo microcósmico; por exemplo, é também "de energia" o corpo astral, o qual possui um "canal ELIX", pelo que circula a mais sutil espécie de energia astral, que é a VOX do logos Kundalini: segundo se explica com detalhes em outro inciso, no corpo astral está plasmada TODA A SÉRIE

DE ESQUEMAS DE SI MESMO ANTERIORES, QUER DIZER, DESENVOLVIDOS EM OUTRAS VIDAS; tais esquemas encontram-se registrados nos chakras, que se contam por milhões, e a todos os quais une o canal ELIX; nos chakras, a energia faz redemoinhos formando um vórtice que transcende e se manifesta funcionalmente no organismo biológico do microcosmo: são os sujeitos irracionais (ver figura 26); naturalmente, por ocorrer na esfera de sombra, estes fenômenos especiais da potência da alma permanecem inconscientes, quer dizer, são invisíveis para o sujeito consciente.

Analogamente, são "inconscientes" aqueles aspectos da potência astral macrocósmica, fora da "energia astral", que se manifestam no mundo astral, quer dizer, são CULTURALMENTE INVISÍVEIS. Isso se deve a que tais formas astrais de energia não constituem entes facilmente perceptíveis para o pasu e, portanto, ao desconhecer seu desígnio, não pode cumprir com o objetivo macrocósmico de "colocar sentido neles": por isso a maioria das espécies de "energia vital" que animam as estruturas do macrocosmo vivente: reinos da natureza, organismo planetário, solar, galáctico, etc., permanecem CULTURALMENTE INVISÍVEIS. No entanto, este conhecimento não está vedado ao pasu e sua ignorância só é atribuível à sua falta de evolução: daí que, quando alguns pasus ou viryas perdidos alcançam certo grau de evolução e descobrem o desígnio de alguma forma de energia ou ente astral, apesar de colocar-lhes sentido, não conseguem comunicar este fato aos seus contemporâneos, para os quais o ente continua sendo invisível; com outras palavras, devido à falta de evolução dos membros da comunidade, o ente astral recentemente descoberto e projetado, acaba sendo inapreensível e não pode ser integrado na superestrutura da cultura externa como objeto cultural. É nestes casos que, laboriosamente, a elite mais evoluída costuma organizar uma cultura externa especial denominada "esotérica", cujo objetivo é sustentar e perpetuar, em que pese a tudo, os conceitos CULTURALMENTE INVISÍVEIS para o resto da comunidade, conceitos aos que também se denomina, com toda justiça, SÍMBOLOS SAGRADOS. E, já que não é possível comunicar tais conceitos a todo mundo, a sociedade esotérica se vê na penosa obrigação de localizar os membros de maior evolução e INICIÁ-LOS na compreensão dos símbolos sagrados. Vê-se com clareza, pois, que os conceitos internos e o sentido externo, quer dizer, os objetos culturais que dirige uma sociedade esotérica, só são "secretos" por causa da escassa evolução coletiva: porque os membros da comunidade não poderiam compreendê-los de nenhuma maneira e, pelo contrário, se lhes fosse explicados, só se conseguiria degradar os símbolos sagrados e torná-los metafisicamente inoperantes.

O conceito de "potência astral" se encontra em situação semelhante a tais "símbolos sagrados esotéricos", pois seu significado não é facilmente compreensível: só o entendem com clareza aqueles cujo agudo olhar tenha conseguido transpassar as trevas do inconsciente coletivo real do macrocosmo, quer dizer, aqueles que espreitaram por trás do Véu de Maya. Sendo que a "potência astral" se manifesta de dois modos principais, como a energia astral que ativa um fato cultural e como a energia vital que anima o organismo macrocósmico, seria interessante conhecer o símbolo sagrado que representa ambos os "conceitos esotéricos" e, se for possível, obter alguma explicação sobre seu significado. Para esta questão, a Sabedoria Hiperbórea oferece duas respostas separadas. Resposta um: no primeiro caso, a "energia astral" ativa o fato cultural analogamente a como a "energia psíquica" ativa um símbolo **I** (figura 21), quer dizer, FORMALIZANDO SUA ATIVIDADE DE ACORDO AO DESÍGNIO DO CARACOL; com outros termos: a "energia astral", ou "psíquica", VARIA em função da "lei de evolução", cuja representação gráfica é a espiral da figura 41. Resposta dois: no segundo caso, a "energia vital", macro ou microcósmica, FORMALIZA SUA ATIVIDADE SEGUNDO

O DESÍGNIO DA SERPENTE. Desde já, estas respostas, especialmente a última, requerem uma explicação detalhada. É a que se oferece em continuação.

Resposta um. Segundo vimos, existe um aspecto da potência astral do macrocosmo que se manifesta nas superestruturas de fatos culturais e, particularmente, nos objetos culturais que a compõem; essa "energia astral" tem estrita correspondência analógica com a energia psíquica em que consiste todo símbolo emergente **I** (figura 21); portanto, se o fato cultural é uma emergência arquetípica macrocósmica análoga à emergência de "I" no microcosmo, sua força essencial, seu poder fundamental, só pode consistir na "energia astral". Com outras palavras: o fato cultural é a forma exterior de uma superestrutura, a qual é manifestação de um Arquétipo psicoide especial denominado "astral" (a teoria dos Arquétipos astrais como suporte das superestruturas será desenvolvida no tomo quinto); os objetos culturais, estão em tais superestruturas, interligados e integrados em forma total; pois bem, o sentido colocado no ente, o que faz dele um objeto cultural, é uma forma projetada; um sinal externo ativado pela "energia astral"; e, em uma escala maior, o conjunto de objetos culturais de uma superestrutura forma, por integração estrutural, um "sentido global" que determina e caracteriza o fato cultural: consequentemente, dito "sentido global" não é mais que uma enorme "forma cultural externa", ativada pela "energia astral" proveniente do anima mundi.

Comprova-se assim a precisão das correspondências analógicas, pois tanto o "significado" de um símbolo **I** interno, como o "sentido" de um objeto cultural externo têm um fundamento energético; o símbolo **I** de "energia psíquica" e o objeto cultural de "energia astral". Mas a energia psíquica caracteriza-se por certas notas, entre as quais se destacam "a emergência", ou movimento, "a intensidade", e "a primeira intenção" ou direção referencial do movimento. Analogamente, a energia astral que subjaz em um fato cultural ou objeto cultural emergente caracteriza-se por certas notas, entre as quais se destacam "a emergência", ou movimento, "a intensidade", e "a dor" ou direção referencial do movimento.

"Recordemos que o trânsito de um símbolo **I"**, dissemos, **"**compõe-se de "emergência", até (Ψ') e "processo", a partir de (Ψ') (ver figura 39): em (Ψ') conclui a emergência e começa o processo "entelequial". Analogamente, um fato cultural também "emerge" até um nível (Ψ'), (ver figura 39), a partir do qual se desdobra um "processo" entelequial. Durante o mesmo, o homem pode ser irreversivelmente capturado, segundo se explicou no artigo "I". Pois bem, o movimento completo de um símbolo "I" ou de um fato cultural, quer dizer, "emergência" mais "processo", é um deslocamento CONTÍNUO que "SE AJUSTA AO DESÍGNIO DO CARACOL". O que significa isto? Resposta: a trajetória seguida pelo símbolo "I" ou pelo fato cultural, até o nível de estabilização (Ψ'), ou seja, a "emergência", SEMPRE SE PODE REPRESENTAR POR UM ARCO DE ESPIRAL. A partir do nível (Ψ'), o símbolo "I" e o fato cultural tentarão desenvolver seu "processo": isto pode ocorrer ou não, dependendo da energia volitiva de que disponha o sujeito para impedi-lo. Mas, se o "processo" efetivamente tem lugar, então o símbolo "I" ou o fato cultural se desdobrarão em um movimento evolutivo que pode se representar mediante uma curva em espiral que tende para um centro entelequial. Na figura 41, assinalou-se com um traço mais grosso a primeira espiral, que é o arco representativo da "emergência" até (Ψ'); desse nível se desdobra o "processo" até a enteléquia central, podendo descrever, durante tal movimento evolutivo, várias voltas contínuas de espiral.

Resumindo, A ENERGIA, de um símbolo **I** ou de um fato cultural, varia durante o movimento em função da lei de evolução, de tal modo que a "emergência" corresponde sempre a um arco de espiral, e o "processo" a uma espiral convergente

sobre um centro entelequial. Antes de interpretar este sugestivo fato, vejamos a Resposta pendente.

Resposta dois. Toca-nos agora examinar o caso no qual a "potência astral" se manifesta como "energia vital" do macrocosmo. Conforme ao já adiantado, a atividade de tal energia "FORMALIZA-SE SEGUNDO O DESÍGNIO DA SERPENTE". O que significa isto? Resposta: que a energia vital, que anima as estruturas orgânicas do macrocosmo, varia segundo leis que podem representar-se com formas provenientes do desígnio da serpente: A ESPIRAL É SÓ UMA DAS MÚLTIPLAS LEIS EM FUNÇÃO DAS QUAIS PODE VARIAR A ENERGIA VITAL. Do desígnio da serpente, com efeito, se inferem numerosas formas que regem, e às quais se "ajustam", as distintas expressões naturais da potência astral.

Como o desígnio de serpente é de uma complexidade muito grande, podemos tentar a compreensão da resposta anterior avançando, por indução, de uma ideia mais simples. Para isso, consideremos somente as formas mais evidentes, e grosseiras, do desígnio da serpente, isto é, aquelas que distinguimos com certeza no movimento de qualquer ofídio; é claro então que, além da espiral, que é a forma abstrata da serpente quando está "enrolada" ou recolhida sobre si mesma, é possível distinguir a "onda senoidal", isto é, a forma abstrata da serpente quando produz ondulações em forma de "s" ao deslocar-se; mas, a onda senoidal, ou cossenoide, segundo a análise harmônica de Fourier, intervém na composição de qualquer outra função periódica; isto é: aplicando dita análise matemática, toda onda periódica, por exemplo, a onda triangular, quadrada, pulsante, etc., se decompõe em uma soma de funções senoidais e cossenoides, as quais são todas "harmônicas", quer dizer, ondas cujo período é múltiplo ou submúltiplo de uma função senoidal, ou cossenoide, denominada "fundamental"; comprovamos assim que, como não podia ser de outra maneira, naquele setor do desígnio da serpente mais superficial, quer dizer, o setor que forma os ofídios reais, existe uma forma "fundamental", ou onda senoidal, da qual se deduzem infinitas formas ou funções matemáticas, com as quais se rege a variação energética de incontáveis fenômenos físicos: por exemplo, a ENERGIA, luminosa, acústica, térmica, elétrica, etc., é TRANSPORTADA através de diferentes meios por ONDAS CARACTERÍSTICAS, todas diferentes entre si, mas suscetíveis de serem reduzidas a "onda senoidal por análise harmônica"; vemos, pois, que certas formas derivadas de um setor superficial do desígnio da serpente regem a variação de formas superficiais, grosseiras, ou físicas, da energia. Estendendo este conceito às formas mais sutis da energia, por exemplo, à "energia vital", é possível compreender agora a afirmação da Sabedoria Hiperbórea: EM UM SETOR MAIS PROFUNDO DO DESÍGNIO DA SERPENTE EXISTEM FORMAS ÀS QUAIS SE AJUSTAM AS VARIAÇÕES DA "ENERGIA VITAL", TANTO DO MICROCOSMO COMO DO MACROCOSMO VIVENTE.

Em síntese, a "energia vital" pode variar em função de uma pluralidade de leis, das quais "a espiral" é só um caso singular. Para finalizar a Resposta dois com um exemplo, vamos nos referir à energia vital do macrocosmo, à qual a Sabedoria Hiperbórea denomina também ENERGIA TELÚRICA porque intervém na atividade vital do "corpo astral terrestre" ou "duplo astral da Terra"; dita energia telúrica costuma ser "vista" por clarividentes ou rabdomantes sob mui diversas "formas", confirmando assim tudo o que explicamos: DESCE através de canais ou nadis terrestres; SERPENTEIA sobre rios; CONTORNA jazidas de diferentes substâncias físicas; forma REDEMOINHO nos abismos dos vales ou no cume das montanhas, penetra ONDULANDO nas profundezas das cavernas, etc.

Após estudar as Respostas um e dois, sabemos que a energia astral que ativa um fato cultural, ou a energia psíquica que ativa um símbolo **I**, variam conforme a "lei de evolução" representada pela espiral FIXA da figura 41, lei contida no

desígnio do caracol (Resposta um). Já sabemos também que a energia vital que anima o macrocosmo, Alma do Demiurgo, e a energia vital que anima o microcosmo, alma do pasu, variam de acordo a uma PLURALIDADE de leis, cujas formas estão contidas no desígnio da serpente. É claro, pois, que a lei de evolução é expressa pela espiral fixa do desígnio do caracol e não pela espiral variável do desígnio da serpente. No entanto, tal como se demonstrará no artigo "F", entre ambos os desígnios existe uma "relação Hierárquica": o desígnio serpente é de "grau menor" que o desígnio do caracol, encontrando-se contido totalmente no Plano deste. Tal relação hierárquica causa que, por uma parte, o esquema do desígnio serpente constitua só um conceito-fatia do esquema ou Relação que interpreta o desígnio caracol e que, de outra parte, constitua por si mesmo um esquema ou Relação diferente, enquanto tenha sido descoberto independentemente do desígnio caracol. A confusão entre ambos os conceitos surge pela "falsa conotação", quer dizer, pela associação que o sujeito cultural costuma estabelecer entre "significados contíguos"; neste caso, entre as duas Relações diferentes do caracol, com seu conceito-fatia "serpente", e da serpente: ao pensar a serpente como esquema ou Relação, quer dizer, como sistema simples, se produz a confusão com o conceito-fatia serpente do esquema ou Relação caracol. De acordo com o que foi visto no artigo "H2", isso ocorre porque as Relações adjacentes da estrutura cultural podem estar sobre um mesmo plano de significação: então, ocorre que os núcleos conotativos de ambos os conceitos estão conectados pela linguagem comum e conotam mutuamente seus significados. Claro que esta não é uma verdadeira conotação, quer dizer, o produto da intersecção de linguagens, senão um DEFEITO do pensamento racional, ocasionado pela variedade dos limites do significado, que chegam a roçar os limites do significado contíguo. Quando o pensamento racional se concentra num sistema, os limites do significado se definem nitidamente no contexto significativo do conceito, sem chegar a roçar os conceitos adjacentes situados no mesmo plano de significação: então a única conotação possível é a que se produz pela intersecção de linguagens no "núcleo conotativo do conceito".

Aqui, a "vacuidade dos limites do significado" é atribuível diretamente ao caráter esotérico do conceito de "energia astral", tal como foi explicado na Resposta um, e por isso é que dedicamos este artigo à sua definição. A espiral do caracol é um conceito que não deveria conotar verdadeiramente o conceito da espiral da serpente, porque ambos os conceitos pertencem a Relações diferentes, a esquemas provenientes de diferentes desígnios: o desígnio do caracol e o desígnio da serpente; porque os planos de significação destes conceitos, é claro, se intersectam no núcleo conotativo, por causa de sua relação Hierárquica.

D - Progresso, valor e hierarquia ôntica.

Superada a possibilidade de confusão, é possível, agora, à luz do conceito de potência astral que definimos, extrair uma conclusão que explique os fatos expostos nas Respostas um e dois. Quer dizer: o que significa o fato de que as energias astral e psíquica variem conforme uma lei de evolução contida no DESÍGNIO DO CARACOL e que as energias vitais macro e microcósmica o façam de acordo a leis contidas no DESÍGNIO DA SERPENTE? Resposta: ainda que logo seja compreendido mais adiante, significa que, entre o desígnio do caracol e o desígnio da serpente, existe uma RELAÇÃO HIERÁRQUICA.

Há poucos temas, podemos estar certos, tão espinhosos como o que alude à resposta anterior. O tema do desígnio, com efeito, é dos mais esotéricos da Sabedoria Hiperbórea, o que, a princípio, dificulta a explicação; mas a isso há que se agregar a complexidade do conceito que define a ordenação dos desígnios, sua "relação Hierárquica". Temos de aproximar-nos, pois, à compreensão de tal conceito, com extrema cautela, adquirindo previamente as noções necessárias para

sua definição. Entre elas contam-se as de "Progresso, valor e hierarquia ôntica", que estudaremos neste artigo, e a noção de "desígnio demiúrgico" que veremos no próximo.

D1 - Progresso e valor da evolução do ente.

Na figura 44, representou-se uma escala analógica que define o conceito de PROGRESSO EVOLUTIVO para todo processo arquetípico. Comprovamos assim que o Arquétipo, em um PRINCÍPIO, é potencial; isto é: quando se encontra no plano arquetípico, NO PRINCÍPIO DO TEMPO.

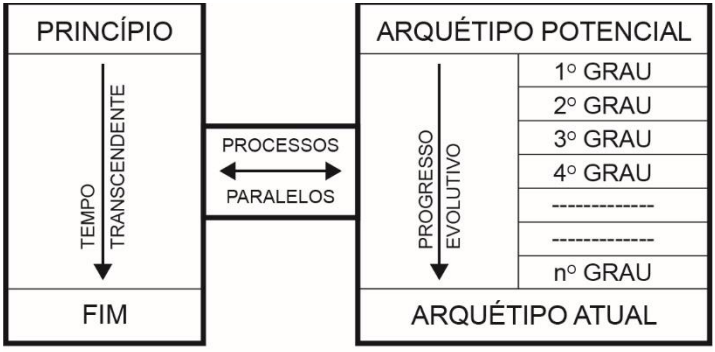


FIGURA 44

Mas o Arquétipo, como sabemos, manifesta-se no plano material tentando atualizar sua perfeição em potência: SUA EVOLUÇÃO PROGRIDE, ENTÃO, PARA A ENTELÉQUIA, PARA A PERFEIÇÃO FINAL. O progresso evolutivo avança no sentido do tempo transcendente e, por isso, pode ser dividido também em momentos; mas tais MOMENTOS DO PROGRESSO, por definição, implicam em GRAUS DE PERFEIÇÃO. O desenvolvimento do Arquétipo dá lugar, assim, a uma ESCALA GRADUAL DE MOMENTOS PROGRESSIVOS que, na figura 44, indicou-se desde o primeiro até o enésimo grau.

Raciocinemos agora sobre o que significam os graus do progresso. Desde o ponto de vista do Plano cósmico, a intenção do Demiurgo é voltada a produzir a evolução arquetípica, para favorecer o processo entelequial**:** para o Demiurgo, o Bem consiste em que os Arquétipos se atualizem até concretizar a enteléquia. De modo que o progresso evolutivo visa naturalmente o Bem e, por isso; a "escala gradual de momentos progressivos" é uma ESCALA DE VALOR: para o Demiurgo, o VALOR de um ente evolutivo aumenta ao progredir para a enteléquia; o valor é tanto maior quanto mais perto se encontra o ente da perfeição entelequial, quanto mais se aproxime sua forma à do Arquétipo que o inspira e sustenta; A MAIOR PROGRESSO EVOLUTIVO, MAIOR VALOR. Na figura 44, o 4º grau do progresso, por exemplo, TEM MAIS VALOR que o 2º grau. Sintetizando, ocorre que: AO CRESCER A ORDEM PROGRESSIVA (1º, 2º, 3º, ..., nº), CRESCE O VALOR, como consequência de que nessa direção CRESCE O ATO DO ARQUÉTIPO. Tudo isto desde o ponto de vista do Demiurgo, quer dizer, vendo o processo desde o plano arquetípico.

Observemos agora a escala do progresso desde um ponto de vista oposto, isto é, desde a manifestação do Arquétipo. Para isso, consideraremos um caso concreto, por exemplo, um ente à cuja evolução corresponde um valor de 5º grau, e

situemo-nos em seu nível, ou seja, no 5º lugar da escala do progresso. Se olhamos DESDE ALI para o PRINCÍPIO, notaremos, como é óbvio, que: AO DECRESCER A ORDEM PROGRESSIVA (nº, ..., 3º, 2º, 1º) DECRESCE A ATUALIDADE DO ARQUÉTIPO; com outras palavras: "desde ali" comprova-se que, quando o ente está no 2º lugar, isso significa que o Arquétipo é MENOS ATUAL que quando está, por exemplo, no 3º. Mas este óbvio princípio, se é formulado da maneira inversa, nos conduz a uma conclusão de capital importância. Com efeito, o que comprovamos desde o 5º lugar é, nem mais nem menos, que QUANDO DECRESCE A ORDEM PROGRESSIVA (nº, ..., 3º, 2º, 1º), CRESCE A POTÊNCIA DO ARQUÉTIPO COLOCADA NO ENTE PARA EVOLUIR.

A conclusão anterior baseia-se no conceito de que "potência" e "ato" são aspectos complementares de um mesmo fenômeno, como "cheio" e "vazio": ao verter o conteúdo desse recipiente, ele vai ficando MENOS cheio e, portanto, MAIS VAZIO. Como no caso de cheio e vazio, a conclusão depende do ponto de vista: ao manifestar-se no ente, o Arquétipo vai PERDENDO potência, à medida que se atualiza, que progride à enteléquia; quer dizer: A MAIS ATO, MENOS POTÊNCIA. Mas também, com um ponto de vista inverso: QUANDO DECRESCE O ATO DO ARQUÉTIPO EM UM ENTE, AUMENTA SUA POTÊNCIA FORMATIVA. Daí que surge a conclusão anterior, pois a diminuição relativa do ato significa uma diminuição correlativa do valor na escala do progresso, de maneira tal que a diminuição do valor fica ligada, inversamente, ao aumento da potência: as variáveis analógicas "valor" e "potência" são funções inversas, ao aumentar uma, diminui a outra e vice-versa.

Resumindo, esta conclusão nos diz que O VALOR DE UM ENTE VARIA EM RELAÇÃO INVERSA À POTÊNCIA FORMATIVA QUE IMPULSIONA SUA EVOLUÇÃO. E isso é compreensível uma vez que o máximo valor, a enteléquia, coincide com a mínima potência, já que o Arquétipo é então TODO ATO, uma manifestação completa no ente.

D2 - Determinação formal do ente.

Sabemos agora que um ente com maior potência formativa, por exemplo, um situado em 2º lugar na escala do progresso, é menos valioso para o Demiurgo que outro que se encontre, por exemplo, situado em 3º lugar da mesma escala, cuja potência é menor. Mas, onde nos leva esta lei? Que efeito causa no ente uma "maior potência formativa"? Resposta: A MAIOR POTÊNCIA FORMATIVA, MAIOR DETERMINAÇÃO FORMAL. Esta resposta comprovamos "fazendo mínima a função", quer dizer, indo a um extremo da escala para observar o que ocorre ali. O extremo apropriado para isso é, desde já, a enteléquia do Arquétipo, onde o valor é máximo porque o ente é ato completo, final, perfeito, do Arquétipo manifestado: ali a potência é mínima e o ato máximo. Mas, um Arquétipo que é todo ato em um ente, uma enteléquia real e concreta, não é, por acaso, um ente autônomo? Um ente ABSOLUTAMENTE INDETERMINADO? Não estudamos na Primeira Parte que a concretização de uma enteléquia implica na autonomia ôntica? Porque, segundo a Sabedoria Hiperbórea, a determinação formal de todo ente depende da potência e não do ato, ainda que ambos os conceitos aludam a aspectos complementares de um mesmo ser; e esta prioridade da potência sobre o ato, para a determinação dos entes, origina-se na EXISTÊNCIA: NA ORDEM DA EXISTÊNCIA, A POTÊNCIA É PRIMEIRO QUE O ATO; OS ARQUÉTIPOS SÃO PRIMEIRO POTENTES E LOGO ATUAIS; OS ENTES SÃO ATOS DOS ARQUÉTIPOS: MAS ATOS DETERMINADOS A PRIORI PELA POTÊNCIA FORMATIVA. Por isso, na enteléquia, quando o Arquétipo é ato puro, e a potência é mínima ou não há potência, o ente experimenta uma indeterminação absoluta: É, não necessita CHEGAR A

SER; não há mais PLANO PARA FAZER, porque ELE É TODO O SER; É UM ENTE AUTÔNOMO.

Indo agora ao outro extremo da função, quer dizer, ao princípio da escala do progresso, comprovamos que, contrariamente: A POTÊNCIA É MÁXIMA, O ATO QUASE INEXISTENTE, A DETERMINAÇÃO FORMAL DO ENTE É ABSOLUTA, E O VALOR DO ENTE NULO.

D3 – Hierarquia ôntica.

A "escala gradual de momentos progressivos", exposta na figura 44, designa para o ente um valor de acordo ao seu grau evolutivo, isto é, em função da distância evolutiva que o separa da enteléquia: tal escala determina, pois, uma HIERARQUIA ÔNTICA BASEADA NA FINALIDADE. A comprovação não pode apresentar dúvidas, já que, na escala do progresso, os entes de maior grau são mais valiosos que os de menor grau.

D4 – Progresso e lei de evolução.

É útil avisar que a "escala gradual" da figura 44 é uma versão linear da "lei de evolução" da figura 41: a espiral da figura 41, com efeito, pode considerar-se "retificada" e representada na figura 44 como a seta que sinaliza a direção do "progresso evolutivo" do processo arquetípico. Evidentemente, ambas as figuras expressam o processo do Arquétipo: a figura 41 "funcionalmente" e a figura 44 "analogicamente". E ambas as figuras representam a "lei de evolução" que rege tanto a energia astral do macrocosmo como a energia psíquica do microcosmo, conforme o desígnio do caracol.

D5 - Ética psicológica do pasu e Ética noológica do virya.

A "escala gradual de momentos progressivos" permite determinar, e compreender, o VALOR que os entes adquirem para o Demiurgo durante os processos evolutivos. Esta avaliação dos entes, sua compreensão, poderia servir eficazmente como base de uma Ética, mas, que tipo de Ética se obteria desse modo? Resposta: Uma "Ética demiúrgica", isto é, uma ciência que descrevesse e explicasse a Conduta do Demiurgo frente ao "fato natural", constituído por "entes externos" superestruturados arquetipicamente, ou frente ao "fato cultural", integrado por "objetos culturais" e "homens" superestruturados LOGICAMENTE. Uma Ética tal seria uma ciência baseada na pluralidade ôntica, para a qual o "sujeito moral" estaria representado pelo Demiurgo, por seus "Aspectos" ativos, e a "conduta moral" pela relação que esses Aspectos mantêm frente aos entes, objetos culturais e homens. Naturalmente, a compreensão de semelhante Ética suporia o conhecimento prévio dos Planos cósmicos, uma vez que a Conduta demiúrgica se forma com o desenvolvimento de tais Planos: compreender a Ética demiúrgica, pois, requereria o domínio completo do Terrível Segredo de Maya; um conhecimento, um poder, que só possui o Iniciado Hiperbóreo: virya desperto ou Siddha Berserkir. No entanto, tudo o que existe no macrocosmo se acha refletido hermeticamente no microcosmo; à Conduta do Demiurgo corresponde uma "conduta anímica" no pasu; à Seus Aspectos macrocósmicos correspondem "aspectos" microcósmicos: instintivo, emocional, racional, consciente, etc. É possível, então, formalizar uma "Ética pasu" que "descreva e explique" sua conduta frente ao fato moral; e essa "Ética pasu" será, claramente, um reflexo da "Ética demiúrgica". Essa "Ética pasu", à qual a Sabedoria Hiperbórea denomina "Ética psicológica", é a que temos que definir aqui e que oporemos mais adiante à Ética noológica do virya.

A "Ética pasu" só pode receber a qualificação de "psicológica", já que a conduta do pasu é puramente anímica, quer dizer, é expressão da alma, a qual se manifesta no microcosmo através de uma estrutura PSÍQUICA análoga às

representadas nas figuras 11 e 11b. Pelo contrário, a conduta do virya rege-se pela ação do Eu, o qual é uma "manifestação indireta do Espírito", e, por isso, uma Ética que formule seu comportamento moral não pode ser mais do que qualificada de NOOLÓGICA, quer dizer, de "espiritual". Mas, não sendo o virya desperto o expoente de uma personalidade formada arquetipicamente, há que se avisar que não é tarefa fácil descrever e formular algo semelhante a um "tipo moral ideal", uma figura à qual o virya perdido possa se adaptar por imitação. A Ética noológica não propõe, pois, um conjunto de traços morais que devam ser cultivados, ou uma pessoa moral à qual imitar, senão que descreve em termos da Estratégia Hiperbórea, qual é a ATITUDE que o Eu perdido deve adotar para conseguir a máxima orientação para o Selbst, para o Eu desperto: dita atitude é denominada pela Sabedoria Hiperbórea como graciosa luciférica, mas só com muitas prevenções pode ser considerada característica de um "tipo", apesar de que falaremos longamente do "tipo gracioso luciférico". Isso ocorre porque outras atitudes clássicas do virya perdido são indubitavelmente típicas, tais como a "atitude lúdica" e a "atitude sacralizante", o que nos permite situar a "atitude graciosa luciférica" no extremo de uma escala tipológica e referir-nos a ela como uma espécie de tipo superior. Não há que insistir, desde logo, no equívoco de uma tipologia que inclui em sua classificação um ser essencialmente inclassificável, como é o virya desperto ou o Siddha; não obstante, superando o paradoxal do caso, em outro inciso será exposta a Tipologia Aberro, entre cujos tipos se encontra descrito o gracioso luciférico. E a Ética noológica, a única verdadeiramente espiritual, será assim compreendida à luz da tipologia Aberro, como contraste de um contexto ético global do virya perdido.

Mas o virya perdido é "um pasu com linhagem hiperbórea": só mediante a Traição dos Siddhas Traidores, mediante o encadeamento dos Espíritos Hiperbóreos, o pasu se torna virya perdido. Se não ocorresse a Traição Branca, o pasu devia ajustar sua conduta moral à Ética psicológica, expressão microcósmica da Ética demiúrgica. Por isso, sendo O PASU o substrato substancial do virya, ser essencialmente híbrido, não pode surpreender que a Tipologia Aberro, em seus tipos inferiores, seja definida com base no conceito da Ética psicológica do pasu e se a oponha à Ética noológica do virya desperto: no virya perdido, O ÉTICO-PSICOLÓGICO, determinado pelo Arquétipo Manu, se opõe ao ÉTICO-NOOLÓGICO que manifesta o Espírito; e dessa oposição, dessa tensão entre o anímico e o espiritual, desse confronto essencial travado no seio do sangue, surgem os "tipos" de virya perdido que descreve e estuda a Tipologia Aberro. É evidente, assim, a importância que se tem de contar com um conceito claro da Ética psicológica do pasu.

Mas, por que tal conceito tem que ser definido aqui? Resposta: porque o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu exige que este seja "doador de sentido nos entes do macrocosmo", entes cuja evolução se concretiza de acordo à "escala de momentos progressivos" que expusemos e explicamos no presente inciso: o sentido colocado no ente pelo pasu, PARA SER ÉTICO E CONCORDAR COM A VONTADE DO DEMIURGO, DEVE CONFIRMAR O VALOR UNIVERSAL DETERMINADO POR SEU PROGRESSO PARTICULAR. Mas o significado desta frase em maiúsculas, logo será compreendido com amplitude quando se o interprete em relação aos conceitos de "universal" e "particular" que se definirão no inciso "E".

De qualquer maneira, o que interessa aqui é destacar que a Ética psicológica é essencialmente TELEOLÓGICA, já que exige do pasu uma atitude que confirme o VALOR POSITIVO dos entes, valor que estes alcançam em sua evolução progressiva à enteléquia, isto é, para uma FINALIDADE FUTURA. O PRINCÍPIO TELEOLÓGICO da Ética psicológica nos permitirá expor sua característica fundamental.

Toda Ética deve propor um tipo moral; a Ética psicológica propõe, para o pasu, um tipo cujo traço saliente, teleológico, pode sintetizar-se com o conceito de ASPIRAÇÃO. A conduta ética do pasu, com efeito, ASPIRA naturalmente ao Bem, quer dizer, à enteléquia do ente, à concretização do Plano de seu Deus-Demiurgo. Para o pasu, o Mal consiste simplesmente em opor-se ao Bem ou na ausência visível deste, isto é, na ausência de ASPIRAÇÃO: um pasu carente de aspiração é um mal pasu, um pasu "pouco evoluído". E isto é assim porque a "aspiração", no pasu, não é outra coisa que a expressão do impulso evolutivo do Arquétipo Manu: o Arquétipo IMPULSIONA o pasu, microcosmo potencial, a alcançar a autonomia ôntica e transformar-se em microcosmo atual; para isso deve cumprir plenamente o objetivo macrocósmico de sua finalidade, seu desígnio próprio, o Plano de seu destino, isto é, deve colocar o sentido nos entes mediante a expressão do sinal: e deve colocá-lo visando o Bem, a enteléquia, confirmando o valor positivo do ente, pois, de outro modo, não há evolução possível: o pasu, então, ASPIRA à perfeição final do ente e, em geral, à toda perfeição.

"Impulso arquetípico" e "aspiração ética" são, pois, só dois aspectos aparentes de um mesmo processo evolutivo. E isso não pode ser de outra maneira porque o pasu, para a Ética demiúrgica, é só mais um dentre todos os entes evolutivos, entes cuja finalidade constitui o Bem do Demiurgo: sob o IMPULSO de sua própria evolução, o pasu DEVE ASPIRAR ao Bem; é sua natureza, o traço ético essencial de seu caráter. Por isso, ao evoluir com um IMPULSO que o dirige para sua própria perfeição, coincidentemente, o pasu ASPIRA à perfeição de tudo quanto o cerca, dos entes naturais, dos objetos culturais, da cultura na qual está inserido, etc. Mas neste "aspirar à perfeição", naturalmente, o pasu vive permanentemente projetado para o futuro, na ESPERA DO BOM QUE HÁ DE VIR. Daí que sua atitude ética, frente ao fato cultural, isto é, sua resposta moral frente à pergunta: "o que devo fazer?", seja uma atitude, uma resposta, naturalmente ESPERANÇOSA.

Por último, recordemos que o fato cultural é uma superestrutura integrada onticamente por objetos culturais, quer dizer, por entes aos quais o pasu coloca sentido simultâneo, com sua presença expressiva: se nesse ato de expressão, pelo qual justamente vem à existência o fato cultural, subjaz, como vimos, uma esperança, uma aspiração à perfeição, não deve se estranhar que os entes vejam confirmadas suas perfeições em potência, suas enteléquias potenciais, e tendam, sem obstáculos, para elas. Mas nesse projetar-se esperançoso para o futuro, no qual o pasu espera ver concretizadas as perfeições em potência, pode ocorrer que a intrincada trama da realidade frustre suas expectativas, impedindo ao ente desejado completar seu desenvolvimento: ainda que tal caso seja frequente, e os entes raras vezes cumpram o que se espera deles, o pasu não tem modo de evitar, que não seja apurar sua própria evolução ou contentar-se em esperar o acontecer da evolução do ente desejado.

Para completar tudo quanto vimos até aqui, cabe agregar que a ASPIRAÇÃO À PERFEIÇÃO, que caracteriza a Ética psicológica do pasu, opõe-se essencialmente à INSPIRAÇÃO À LIBERAÇÃO que descreve a Ética noológica do virya desperto. Sinteticamente, a diferença é a seguinte: enquanto a ASPIRAÇÃO é expressão do Arquétipo Manu, um aspecto aparente de seu IMPULSO evolutivo, a INSPIRAÇÃO é produto do Espírito ou do Paráclito; enquanto a ASPIRAÇÃO arquetípica projeta o pasu no tempo transcendente, a INSPIRAÇÃO espiritual eleva o virya sobre o tempo transcendente e o conduz para o atemporal, isto é, para o Selbst; ou seja, enquanto a ASPIRAÇÃO submerge o sujeito do pasu na fluência temporal, a INSPIRAÇÃO detém no Eu do virya a fluência temporal; por isso, enquanto a atitude ética do pasu é essencialmente esperançosa, a atitude "ética" do virya desperto está vazia de toda esperança, de todo desejo, de toda confiança, de

toda expectativa, de toda antecipação, ainda que não por isso seja necessariamente desesperançado, indesejoso, desconfiado, distraído ou indiferente: o virya desperto age no momento justo, quer dizer, no kairos, paradoxalmente sem ter esperado jamais o kairos; mas, nesse momento, o virya desperto atua com honra, com uma vontade inspirada pela graça do Espírito; e, por isso, o kairos é um momento ético do virya desperto. E, enquanto para o pasu a perfeição do ente, e sua finalidade entelequial, representam um bem evidente, algo desejável, uma esperança e, desde logo, um valor superior, para o virya desperto a evolução dos entes representa um processo dramático, sua perfeição carece de valor e o advento da enteléquia constitui uma catástrofe.

E – Noção de "desígnio demiúrgico".

Fora do "encadeamento espiritual", o Mistério mais importante que a Sabedoria Hiperbórea ajuda a revelar é o conhecido como "desígnio demiúrgico dos entes". Mas este mistério, do qual hoje quase ninguém possui a chave, foi há tempos, há mais de doze mil anos, objeto de uma ciência esotérica denominada "Rúnica Noológica". Dita ciência permitia conhecer com exatidão o desígnio de qualquer ente, para logo ressignificá-lo por meio das runas. Em outros incisos, dar-se-ão mais detalhes sobre a Rúnica Noológica e sobre a Elite de sábios que detinham seu saber, conhecidos como Guardiões da Sabedoria Lítica. Aqui vamos nos ocupar em explicar em que consiste o desígnio demiúrgico; mas, tratando-se de um conceito de extrema complexidade, que exige para sua compreensão o domínio de certas definições prévias, a explicação só será clara se a desenvolvermos, ordenadamente, em vários subartigos específicos. Começaremos, pois, por "E1": um resumo do que já foi visto sobre o desígnio demiúrgico.

E1 – Resumo sobre "desígnio demiúrgico".

No inciso "Finalidade e suprafinalidade", vimos que "em princípio o Demiurgo "pensa" os Arquétipos universais com o Aspecto Sabedoria; e os pensa, então, com vistas à integridade de um Plano evolutivo: os Arquétipos nascem, assim, com uma FINALIDADE preestabelecida, à parte de suas próprias finalidades entelequiais particulares, que compreende a todos na estrutura do Plano. Tal SUPRAFINALIDADE é a do próprio Universo, ou seja, é o único motivo da criação. Mas, no plano material, esfera de ação dos Arquétipos, os fenômenos têm caráter entrópico, isto é, concluem inevitavelmente no sentido do tempo transcendente: no final de um "Grande Tempo", tudo terá voltado ao nada inicial, ter-se-á dissolvida a "ordem material" e o final será igual ao princípio. Este FINAL entrópico do Universo material NÃO PODE SER A SUPRAFINALIDADE que motivou sua criação". Para obter uma resposta, observamos hermeticamente o comportamento dos homens "criativos", buscando recolher em sua conduta um reflexo da atitude criadora do Demiurgo. Fez-se patente, para a razão, que "podemos entender agora a suprafinalidade da Criação": a obra do Demiurgo requer um DESCOBRIMENTO POSTERIOR. E essa é a finalidade do animal-homem ou pasu: ser descobridor de entes, "DOADOR DE SENTIDO". Mas o que é que está coberto nos entes, aquilo que o pasu deve descobrir para cumprir seu destino? Resposta: OS NOMES, as "palavras" que menciona a Kabala Acústica (Rúnica Noológica) ou os "bijas" da tradição indo-ariana. No entanto, "para compreender ao que nos referimos com "nomes" dos entes, há que se recordar que o impulso evolutivo das mônadas foi afirmado com o Aspecto "Logos" do Demiurgo. Isso significa que cada ente está designado, desde o princípio, pelo Verbo do Demiurgo, que a cada ente se lhe designou uma palavra que o identifica metafisicamente, o sustenta enquanto ente e constitui a verdadeira essência do ente PARA O PASU".

O objeto deste artigo será esclarecer essa resposta do inciso “Finalidade e suprafinalidade”, isto é, explicar o fato da manifestação metafísica dos entes. Releiamos, pois, as conclusões ali obtidas. Vimos que “é importante distinguir, ao considerar a “ordem arquetípica”, entre a FINALIDADE e a SUPRAFINALIDADE. Com FINALIDADE aludimos à concretização entelequial à qual visa a evolução dos entes: em todo ente há um TERMO UNIVERSAL, que é expressão dos Arquétipos que o sustentam e a cujo processo se subordina. Com SUPRAFINALIDADE nos referimos, ao contrário, ao DESÍGNIO PARTICULAR que cada ente possui...”. “O ente evolui, então, seguindo dois processos formativos; um: o UNIVERSAL, que visa à enteléquia dos Arquétipos; dois: o PARTICULAR, que determina o ente de acordo a um Plano. Daí a necessidade de distinguir corretamente o que foi colocado nos entes, DESDE O PRINCÍPIO, PARA CONHECIMENTO DO PASU, e o que corresponde ao próprio ente como base de sua existência universal, ATÉ O FINAL, ESTEJA OU NÃO O PASU NO MUNDO”. Porque “ao pasu foi dada, desde o princípio, a possibilidade de conhecer os Planos, a partir do descobrimento dos entes, do DESÍGNIO que estes expressam para ele”.

Uma definição metafísica se oferece em outro inciso, onde se considera que a INTENÇÃO “é a direção da Vontade do Demiurgo”: “... em todo ente há, segundo vimos, duas finalidades: uma universal e outra particular. Isso se deve à existência, em todo ente, de uma dupla intenção demiúrgica: uma primeira intenção plasma e impulsiona o ente para a enteléquia do Arquétipo do qual participa: é a “finalidade”; uma segunda intenção DESIGNA o ente, um ser-para-o-homem: é a “suprafinalidade”. Portanto, “O ENTE É O ATO DO ARQUÉTIPO UNIVERSAL. MAS UM ATO ESSENCIALMENTE INTENCIONADO. PRODUZIDO POR UM DIRECIONAMENTO DA VONTADE DO DEMIURGO”.

E2 – Análise da classificação racional.

Segundo vemos, no ente coexistem dois termos: o universal é o Arquétipo e o particular o desígnio. No entanto, para o pasu só é dado a conhecer o termo particular, o desígnio, devido a que a razão elimina o termo universal do ente, por comparação com a memória arquetípica, isto é, por causa da “primeira intenção”. Contudo, “o universal” não desaparece completamente depois dessa operação. O ente descoberto, o ente que penetrou com seu desígnio na esfera sensorial, é “interpretado” arquetipicamente pela segunda operação e esquematizado em uma Relação da estrutura cultural: ali o sujeito cultural será capaz de estabelecer associações sistemáticas entre ESSE esquema, ou “verdade do ente”, e OUTROS esquemas, de outros entes, que sejam “análogos”, “semelhantes”, “opostos”, “contrários”, etc.; e nessas operações racionais regerá, AINDA QUE TACITAMENTE, o “universal”. Mas tal “universalidade” dos entes é deduzida a partir de seus esquemas sistematizados, não provém diretamente dos entes externos, e isso levou mais de uma vez os pensadores, com certa razão, a supor que a mesma é um mero nome, algo essencialmente alheio aos entes: um conceito ou definição.

É necessário, pois, compreender logo o que é o universal dos entes, sua finalidade, e o que é o universal sistemático, esse universal atribuído aos entes pelo sujeito cultural e que só tem sua razão de ser, seu significado, no contexto das linguagens habituais. Para esclarecer a coisa, nada parece mais adequado do que observar em um exemplo concreto o método seguido pelo sujeito cultural ao identificar o universal nos entes. Tal método é a CLASSIFICAÇÃO e sua operação consiste em abarcar conjuntos de relações sob a extensão de um conceito denominado CLASSE; o CRITÉRIO com o qual hão de se escolher os membros do conceito classe exige que os mesmos tenham propriedades ou qualidades comuns. Aqui se vê, no primeiro momento da classificação, a presença “do universal” interno,

que não é mais do que a intuição da universalidade ôntica do Arquétipo universal: ao exigir que os membros da classe tenham elementos comuns, pede-se deles que PARTICIPEM de um conceito universal, de uma ideia transcendente, de uma propriedade ou caráter que, por estar em todos ao mesmo tempo, justamente, está além de todos. Acaba, assim, sendo clássico agrupar vegetais, animais, números, etc., de acordo com o critério taxológico da classificação.

Temos que analisar, pois, o método da classificação sistemática, para determinar com clareza seu campo de ação. Mas o faremos sem esquecer que ainda continua vigente o convênio estabelecido na Primeira Parte: "neste, e em todos os comentários que se seguem, vamos considerar a esfera sensorial impressionada por um ENTE EXTERNO". Assim, quando se mencione "entes", "entes individuais", "entes específicos", etc., há que se entender que, salvo esclarecimento em contrário, trata-se de "entes externos", entes cujo conhecimento provém de intuições sensíveis, isto é, entes cuja existência ocorre no mundo exterior, no seio da realidade, entes cuja realidade e existência é evidente por si mesma, entes, enfim, que são a base concreta do pensamento, racional ou cultural, que se apresenta sobre eles.

Os membros de uma classe participam de um ou mais caracteres comuns, MAS TAMBÉM SE DISTINGUEM POR SUAS DIFERENÇAS: é o que limita a identificação absoluta dos membros entre si e permite comprovar sua individualidade. Pode ocorrer, então, a verificação de que alguns membros de uma classe possuem elementos não comuns com o resto dessa classe mas, que são comuns com os membros de outra classe: por exemplo, se reunimos em uma mesma classe todos os animais palmípedes e em outra classe todos os animais mamíferos, observaremos que o ornitorrinco pertence às duas classes; em um campo mais abstrato, se ordenarmos as séries de números em uma sucessão natural de números inteiros (1,2,3,..., n) e outra com seus quadrados (1^2, 2^2, 3^2, ..., n^2), notaremos que os membros da segunda classe pertencem também à primeira. Nestes casos, os membros comuns às duas classes constituem uma terceira classe que se denomina FUNCIONAL, porque cada membro dela se define "em função" das outras duas. Deste modo, FUNCIONALMENTE, o sujeito é capaz de estabelecer as mais díspares relações entre classes e multiplicar interminavelmente sua quantidade, criando sempre novos conjuntos de classes hierarquizadas, subordinadas entre si em função de leis ou modalidades lógicas.

Mas pode ocorrer, da mesma forma em que alguns membros de uma classe se diferenciam de alguns membros da mesma classe em certa propriedade, que um desses grupos possui com respeito ao outro: então se apresenta a oportunidade de SUBCLASSIFICAR, isto é, de agrupar os membros em SUBCLASSES, de tal modo que todas as subclasses formadas ficam sob a extensão da classe original: por exemplo, se colecionamos em uma classe todos os selos postais do mundo, é evidente que ainda poderemos subclassificá-los "por países", os da Argentina, Brasil, Chile, etc., sem sairmos da "classe dos selos postais"; do mesmo modo, a série de números inteiros naturais (1,2,3, ..., n) pode ser subdividida em subclasses de números pares, ímpares, primos, etc.

De todos esses exemplos que estamos considerando, surge com clareza que a classificação não requer nada ôntico para existir, uma vez que os elementos com os quais se formam suas classes são conceitos-fatia da estrutura cultural, ou seja, elementos sêmicos, sistemas simples ou complexos. Mas ainda: as "classes" são também "conceitos", porque são sistemas da estrutura cultural; as classes são sistemas complexos, subestruturas cujos membros são conceitos, e portanto consistem em "sistemas de conceitos", quer dizer, em conceitos de conceitos, conceitos de maior extensão e menor compreensão que os outros conceitos

constituintes. Tais conceitos de extensão extrema se denominam GÊNEROS e os conceitos de menor extensão, mas de maior compreensão, que ficam sob aqueles, são as ESPÉCIES. Mas isto veremos com detalhes em seguida. Agora, o importante é perceber que, na classificação sistemática, só intervêm conceitos-fatia da estrutura cultural, quer dizer, aspectos da verdade do ente, seções de seu esquema, mas não o ente em si, o qual é exterior e do qual o pasu só recebeu o desígnio e não o Arquétipo universal que o sustenta. Mas, então, que relação tem o universal cultural, aquela generalidade que o sujeito cultural ATRIBUIU ao ente, com o universal real do ente, com o SER REAL de seu Arquétipo universal? Resposta: uma relação equívoca, responsável de um sem-número de erros gnosiológicos: o pasu ignora definitivamente a dupla determinação do ente, a finalidade e a suprafinalidade, e como resposta ao objetivo macrocósmico de sua própria finalidade, projeta sobre o ente o sentido; mas esse sentido é a expressão de um significado extraído do desígnio particular do ente: nada "universal" há nele; por isso, é indubitável que, ao afirmar o caráter universal de um ente, o que na realidade se faz é compreendê-lo em um "conceito" universal, em uma universalidade falsificada pela faculdade taxológica do sujeito cultural. O virya perdido, por sua parte, na civilização atual, sucumbiu à Estratégia sinárquica e permitiu que, na sua visão do mundo, influa e predomine a herança de pasu: o virya tem a possibilidade de localizar o Selbst e criar um Eu desperto com o qual é possível a apreensão total do ente real, tanto em sua universalidade como em sua singularidade, por que tal Eu participa do infinito atual e pode determinar tudo sem ser determinado por nada. Mas enquanto o virya não desperte ficará, como o pasu, definitivamente isolado dos entes. Neste livro, não obstante, se oferece uma possibilidade de despertar pelo conhecimento da Sabedoria Hiperbórea, da Welstanschauung dos Siddhas Leais de Agartha, a qual, como comprovaremos muito em breve, explica satisfatoriamente o problema da dupla determinação do ente, da finalidade e da suprafinalidade, do Arquétipo universal e do desígnio.

E3 – Espécie e gênero dos entes externos.

Até aqui examinamos o método de classificação sistemática que emprega o sujeito cultural para afirmar os conceitos universais. Temos agora que nos referir a um exemplo concreto, tal como havíamos prometido: isto permitirá distinguir com precisão "o que é o universal dos entes, sua finalidade, e o que é o universal sistemático" colocado neles pela expressão cultural. O exemplo, para ser didático, deve versar sobre entes claramente evolutivos e por isso nos inclinamos a considerar alguns casos que foram objeto da classificação taxonômica oficial, como é o dos ANIMAIS, e dos quais se aceita correntemente sua inclusão na árvore filogenética. Colocaremos sob observação, pois, três tipos de animais, "o cavalo", "o cão" e "o peixe", e trataremos de comprovar se a compreensão de tais conceitos universais corresponde efetivamente com o universal dos entes concretos, quer dizer, com os cavalos, cães e peixes reais, esses que galopam, latem e nadam no mundo exterior.

Faremos, não obstante, um esclarecimento prévio sobre a nomenclatura taxonômica oficial. Esta é muito rica, devido à enorme variedade de espécies biológicas que classificou em sua curta história; ao redor de 1.250.000, das quais umas 800.000 são espécies animais e 450.000 são espécies vegetais. A um número tão grande de espécies há que se agregar a decomposição analítica que, de cada exemplar, pode efetuar a ciência empírica, método que criticamos em outro inciso e que não faz mais do que somar classes de conceito, sem que por isso se consiga apreender o ente, já que nem sequer se pode pensar em "conhecê-lo" melhor por meio de sua desintegração. O que se consegue é multiplicar o número de conceitos

implicados em cada descrição. Para evitar confusões, vamos definir os principais e determinar quais empregaremos no exemplo.

Em primeiro lugar, existe a ESPÉCIE, que é a classe de INDIVÍDUOS com traços comuns. Logo está a classe composta de espécies que se denomina GÊNERO. O "gênero", como conceito sistemático, tem maior EXTENSÃO que as espécies, uma vez que as abarca em sua definição, mas menor COMPREENSÃO que cada uma delas, já que estas descrevem melhor o ente de referência. Estão mais perto dele e o COMPREENDEM ESPECIFICAMENTE. O gênero do cão, por exemplo, abarca as espécies do "canis familiaris", o "canis lupus", o "canis occidentalis", etc.; e temos que observar aqui que, evidentemente, "o cão", enquanto gênero, é um CONCEITO UNIVERSAL. Deste modo, a classificação de um exemplar individual consiste em "distinguir suas diferenças específicas" e estabelecer "o gênero próximo". A classe dos gêneros costuma-se denominar ORDEM e a classe das ordens, simplesmente: CLASSE.

Pois bem, a princípio, a classificação baseava-se na ANALOGIA MORFOLÓGICA, isto é, na verificação de caracteres comuns externos, mas progrediu-se desde então, e na atualidade avançou-se para o conceito mais complexo de HOMOLOGIA ESTRUTURAL, que faz possível agrupar exemplares pela semelhança que demonstram em sua composição interna, antes do que por seu mero aspecto exterior. Uma classe cujos membros apresentam HOMOLOGIA ESTRUTURAL se denomina TIPO: entre os animais, por exemplo, o conjunto dos "vertebrados" constitui um TIPO.

Por último, os animais e vegetais se agrupam em grandes classes denominadas REINOS, as quais se subdividem em SUB-REINOS que contém, em conjunto, todos os TIPOS existentes. O "reino", como gênero de extensão máxima, encontra-se no extremo superior da classificação, é o termo "mais universal", enquanto no extremo inferior encontra-se a "espécie", cuja extensão é relativa mas que tem compreensão máxima com respeito ao ente que descreve: a espécie é o termo "mais particular" para definir sistematicamente um ente.

É evidente que nosso exemplo se complicaria inutilmente se nos cingíssemos à metodologia oficial para compreender e definir os cavalos, cães e peixes. Pelo contrário, tudo será mais claro se convimos em uma classificação mínima, baseada no GÊNERO e a ESPÉCIE: o gênero será o "animal" e as espécies: cavalos, cães e peixes. Com outras palavras: ao observar os membros do gênero animal separamos, dentre outros, três conjuntos cujos integrantes se assemelham, por homologia típica, aos que denominamos: espécie cavalo, espécie cão e espécie peixe.

Com tal convênio, não nos resta mais do que extrair as conclusões que o exemplo possa oferecer. Conclusões que se sintetizaram no quadro sinóptico da figura 45 e ao qual vamos nos referir para explicá-las: da observação deste quadro há de surgir com clareza o que é o universal em um ente e que relação tem com o "conceito universal da classificação sistemática".

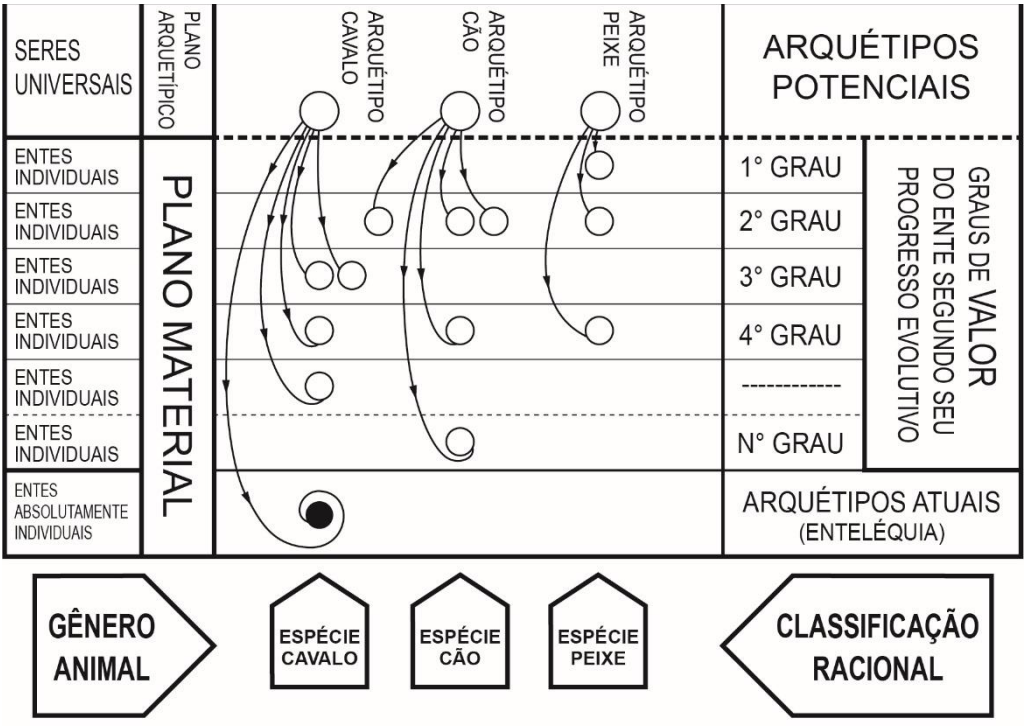


FIGURA 45

À direita do quadro vê-se uma reprodução da “escala gradual de momentos progressivos” (figura 44), que permite avaliar o grau evolutivo dos entes, segundo a Ética psicológica do Demiurgo. Na parte superior, no espaço analógico que corresponde ao “plano arquetípico”, encontram-se os três arquétipos universais do cavalo, cão e peixe. E debaixo de cada arquétipo, no espaço analógico equivalente ao “plano material”, se representaram alguns exemplares de sua manifestação, quer dizer, entes em diferentes graus de evolução. À esquerda, finalmente, indicou-se que os Arquétipos são SERES UNIVERSAIS, enquanto os exemplares que os representam no plano físico COMO manifestação de seus processos, são ENTES INDIVIDUAIS.

Investiguemos agora, observando os letreiros de setas que estão fora do quadro, como se realiza a classificação racional. A princípio, o classificador, pasu ou virya perdido, toma CONTATO SENSÍVEL com o grupo de entes individuais, aos quais reconhece como semelhantes entre si, como proprietários de traços comuns; diz, por exemplo: - estes entes aquáticos, semelhantes por sua forma e por seu comportamento, constituem a “espécie do peixe” -. Quer dizer, ao identificá-los como entes análogos, os ESPECIFICOU. Mas, como se obtém certeza da semelhança, como se assegura o classificador de que todos os entes individuais, classificados, realmente pertencem à espécie? Resposta: por meio da descrição sistemática de cada ente e pela comparação estrutural de todas as descrições entre si, isto é, pela aplicação das descrições umas sobre outras, com a finalidade de descobrir suas

diferenças e analogias. Justamente, por efeito dessa operação sistemática, é que se consegue configurar o tipo específico com o qual se formam os entes individuais de traços comuns, "tipo" que não é mais do que o reflexo intelectual do Arquétipo universal. Mas nessa resposta vê-se claramente que a especificação não se realiza com entes, senão com "descrições" de entes, com "conceitos" da estrutura cultural, pois, o que é uma "descrição" senão um "aspecto da verdade do ente", um "símbolo incompleto" que faz parte do esquema do ente e que foi notado em uma linguagem habitual, quer dizer, um conceito-fatia?

E poderíamos agregar: o que é uma descrição ou um conceito, senão um conhecimento obtido do "desígnio" dos entes, ou seja, de um esquema sêmico? Por isso, a espécie é uma definição ESSENCIAL do ente: porque seu conteúdo, enquanto conceito, é um símbolo **I** que IMITA a verdade do ente e cujo significado foi PROPOSTO em uma linguagem habitual. Sem entrar, todavia, a considerar o desígnio particular dos entes, será evidente, a esta altura, que a especificação é uma operação subjetiva, ainda que executada com o concurso objetivo dos entes individuais. A espécie, em resumo, como primeira categoria de classificação, apoia-se efetivamente nos entes que descreve, e por isso, em sua definição, compreende a essência; sua "universalidade" é tanto menos real, já pode ser demonstrada indutivamente, a partir do ente concreto; quer dizer: a espécie, como conceito universal, tanto pode compreender um ente singular ou uma pluralidade de entes, mas invariavelmente sua definição procede, em última instância, dos próprios entes, do desígnio, do ser-para-o-homem com que estes se revelaram à razão.

O juízo específico é, pois, sempre verdadeiro, porque sua conclusão é essencial: a universalidade afirmada sobre os peixes, e sobre os cães e cavalos, é evidente e demonstrável. Mas, considerada a validade da espécie para descrever "o universal real" dos entes, vemos que não ocorre o mesmo com outras generalizações universais. Na figura 45, com efeito, comprovamos que, enquanto a espécie se afirma sobre os entes concretos, o gênero é uma abstração do caráter específico: enquanto a espécie predica propriedades essenciais dos entes existentes, o gênero atribui existência à própria espécie como tal e a compreende sob sua extensão. Mas não é o mesmo afirmar a existência de certos entes, por meio de sua descrição, do que atribuir existência à afirmação da existência dos entes: estamos aqui em dois níveis diferentes de realidade; em um, o específico, há acesso direto aos entes reais, no outro, o genérico, a passagem ao ente só pode se dar através da espécie; o gênero demonstra, assim, ser só um produto de uma operação sistemática, efetuada com um grupo de conceitos (fatia) específicos e, portanto, demonstra ser só um "conceito de conceito", uma "função de função", uma "classe de classes", etc.; quer dizer, o gênero demonstra ser um absoluto conceito sistemático da estrutura cultural, uma criação psíquica, uma pura abstração, uma ideia.

Assim, enquanto a espécie define "o universal real dos entes", o gênero, e toda classe que cumpra sua função é um "conceito universal" que só compreende os entes através das espécies, desde a pura abstração do sujeito cultural. Desde o ponto de vista da realidade dos entes, é indubitável que existe um limite entre a espécie e o gênero; mas, o que significa este limite? Resposta: A FRONTEIRA DA CERTEZA RACIONAL PARA TODO VIRYA DESPERTO. Se o emprego da razão, e de suas conclusões, já é suspeito para o virya desperto, a espécie marca, com efeito, o limite onde deve deter-se a credibilidade do conhecimento: tal limite jamais pode ser atravessado pela confiança, sem correr um grave risco de cair no subjetivismo do gênero, no falsamente "universal", quer dizer, no Engano da cultura, " arma estratégica inimiga". AQUELE QUE ACREDITA NA REALIDADE DO GÊNERO NUNCA PODERÁ ALCANÇAR O "ESTADO DE ALERTA" QUE EXIGE A VIA DA

OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, OU SEJA, ESTARÁ SEMPRE EM "DESVANTAGEM ESTRATÉGICA".

Perguntar-nos-emos: por que é tão importante, tão categoricamente importante para o virya desperto, aceitar a realidade da espécie e duvidar da realidade do gênero, acreditar só no essencial da espécie e negar a universalidade do gênero? Resposta: em primeiro lugar porque, como se demonstrou, só a espécie descreve o ente individual, enquanto o gênero descreve a espécie, mas, fundamentalmente, PORQUE O VIRYA DESPERTO SABE QUE A REALIDADE É MULTIFACÉTICA E QUE OS ENTES PODEM SER OUTRA COISA DO QUE O GÊNERO AFIRMA QUE SÃO. Com outras palavras: vimos como um sujeito classificador observa um grupo de entes aquáticos com propriedades comuns e conclui que se trata da "espécie peixe"; até aqui chega O LIMITE DA CERTEZA RACIONAL que o virya desperto jamais se permitirá atravessar. Por quê? PORQUE ELE SABE QUE UM PEIXE PODE SER EFETIVAMENTE "UM ANIMAL", COMO AFIRMA O GÊNERO, MAS TAMBÉM PODE NÃO SÊ-LO, PARA O VIRYA DESPERTO. PARADOXALMENTE, A EXTENSÃO DA ESPÉCIE PODERIA, SOB CERTAS CIRCUNSTÂNCIAS, SUPERAR A EXTENSÃO DO GÊNERO E O ENTE DEFINIDO SER ALGO DIFERENTE, "ALGO MAIS", "OUTRA COISA", DO QUE O GÊNERO SUPÕE E PREDICA QUE DEVE SER. Mas este "paradoxo" só se produzirá nas mentes dogmatizadas pelo império do gênero, nos racionalistas extremistas, naqueles que, segundo definimos em outro inciso, "são seres desarraigados da natureza que flutuam no mar do nominalismo, em um mundo de jargões e sinais vãos": quer dizer, o paradoxo, a contradição, se produzirá naqueles que acreditam cegamente na realidade do gênero, o qual é um mero conceito universal, um objeto cultural interno, e aos quais chocará a possibilidade exposta aqui, de que algum peixe possa não ser "animal", de que alguma árvore possa não ser um vegetal ou de que os viryas possam não ser "homens", senão Deuses.

E, certamente, aqueles que se escandalizem por esses "paradoxos" da Sabedoria Hiperbórea, serão os mesmos que sustentam a existência da "Idade" oficial, ou seja, o que concedam realidade ao que só é "conceito universal": a Idade oficial, agora podemos ver, é um objeto ideal, um conceito-fatia, cuja extensão compreende as espécies de fatos históricos, as quais se apoiam diretamente no real.

E4 – O SER EM SI do ente externo.

Conhecendo a atitude gnosiológica do virya desperto frente à espécie e ao gênero, não há de se estranhar que, daqui em diante, nos ocupemos só da espécie. Ela, com efeito, descreve o "universal real" presente nos entes individuais e constitui um conceito adequado para interpretar o problema da finalidade dos entes. Naturalmente, um conceito específico que compreenda semelhante problema deve ser definido no contexto da Sabedoria Hiperbórea.

Observemos a "espécie cão" na figura 45, onde se representou com cinco círculos alguns dos entes caninos da espécie. A figura reproduz um instante na vida dos cães, de tal modo que os cinco exemplares representados foram surpreendidos, cada um, em seu momento evolutivo particular: três no 2° grau, um no 4° grau e outro em um grau alto, "enésimo", próximo à enteléquia. Desde já, esses cinco círculos simbolizam e exemplificam o conjunto de todos os cães que integram a espécie. Para entender a imagem alegórica, há que se supor que cada um dos cinco círculos corresponde a um ente individual, ou seja, a um cão, e que cada arco de espiral reflete o processo do Arquétipo universal em sua evolução progressiva para a enteléquia. É claro, assim, que cada cão participa do Arquétipo, sem que esse veja alterada sua unidade, mas, como pode ser isso possível? Como o um pode se manifestar no múltiplo, sem dividir-se? Resposta: porque do que efetivamente

participam os entes é da ENTELÉQUIA POTENCIAL do Arquétipo, de sua FINALIDADE POTENCIAL: por isso a Sabedoria Hiperbórea afirma que nos entes existe um termo universal, produto do Arquétipo, e que o mesmo constitui sua finalidade.

Esta resposta está nos dizendo que nos entes, por exemplo, os cinco cães, subsiste uma enteléquia potencial que é um modo do ser universal, no qual não se altera sua unidade. Desse modo, uma pluralidade de entes pode existir simultaneamente, impulsionados e determinados pela enteléquia potencial que reside neles e que, da mesma forma que no momento inicial do processo evolutivo, é um estado singular do ser arquetípico. Mas essa enteléquia potencial que subsiste nos entes, esse momento final do processo evolutivo, É UM MOMENTO POR VIR, ou seja, é um futuro possível para o qual visa o desenvolvimento do Arquétipo: tal momento futuro, então, não pode ser apreendido por nenhuma CONSCIÊNCIA PRESENTE, como o sujeito consciente do pasu. O termo universal, a finalidade entelequial, é um SER EM SI que se situa fora do quadro de percepção do pasu e permanece para sempre encerrado nas entranhas dos entes: só o virya desperto desde o Selbst, desde a atemporalidade do Eu infinito que reflete o Eu desperto, poderá conhecer o Arquétipo universal e compreender a totalidade de seu processo; o virya perdido, por sua parte, intuiu em muito diferentes ocasiões a existência desse termo universal nos entes e o interpretou de mui diversas formas, invariavelmente equívocas e parciais.

Na figura 45, vê-se claramente que os Arquétipos potenciais, no plano arquetípico, são uma forma singular do ser universal; no entanto, no plano material, uma pluralidade de entes participa da enteléquia potencial, a qual subsiste neles como finalidade potencial; mas a finalidade do processo arquetípico é a concretização da perfeição em potência do Arquétipo universal, quer dizer, a finalidade concreta é o próprio Arquétipo, desdobrado e realizado na matéria; a enteléquia potencial que subsiste nos entes individuais, então, significa a efetiva presença do Arquétipo universal DESDE SUA PERFEIÇÃO FUTURA, a qual só pode ser A MESMA em cada um deles. Com outras palavras, isto significa que EM CADA ENTE da espécie subjaz o Arquétipo universal em um modo de ser em si, que o torna inacessível à intuição sensível do pasu, mas, se tal ser em si pudesse ser efetivamente apreendido, possibilidade que se encontra ao alcance do virya, DESAPARECERIA A PLURALIDADE ILUSÓRIA DOS ENTES, PARA DAR PASSAGEM À SINGULARIDADE DO ARQUÉTIPO; ou seja, se pudesse ser percebida a enteléquia potencial subjacente nos entes, por exemplo, nos cinco cães, tal forma arquetípica NÃO PODERIA SER DIFERENCIADA EM ABSOLUTO, POIS É A MESMA EM CADA ENTE, JÁ QUE A SINGULARIDADE DO ARQUÉTIPO É ESSENCIAL E SUA DIVISÃO INCONCEBÍVEL: uma visão real da enteléquia potencial nos distintos entes da espécie mergulharia o observador na unidade do Arquétipo universal e causaria o desaparecimento da pluralidade; não haveria, então ,“entes” senão “o ente”, não “cães” senão “o cão”, etc. Esta propriedade das enteléquias potenciais dos entes, de serem indistinguíveis, a Sabedoria Hiperbórea denomina de NÚCLEO INDISCERNÍVEL DOS ENTES. Tal denominação provém de que, para a Sabedoria Hiperbórea, em todo ente, na intimidade de seu ser em si, subjaz um PONTO INDISCERNÍVEL, produzido pela enteléquia potencial.

Mas, o que é um ponto indiscernível? Resposta: uma região do ente NÃO ESPACIAL, quer dizer, NÃO COORDENADA. E qual é a essência de semelhante região, se a mesma não é extensa, quer dizer, não é espacial? Resposta: a essência do ponto indiscernível é o tempo transcendente, a Consciência do Demiurgo que flui através de todos os entes; o ponto indiscernível é, nesse sentido, o nexo contínuo do ente com o processo arquetípico: o ponto indiscernível É A FINALIDADE E O FIM

DO PROCESSO; o Arquétipo potencial e sua enteléquia, presentes em sua singularidade absoluta em cada ente material específico. Isto é: os entes são "momentos" do processo arquetípico, percebidos como plurais desde sua exterioridade formal; pelo contrário, os pontos indiscerníveis dos entes são um "único momento" do Arquétipo: sua perfeição final colocada em potência desde o princípio; e tais "pontos" não podem ser percebidos mais do que como um único ponto, inextenso e temporal, subjacente na mais profunda interioridade do ente, ou seja, na mais discreta intimidade de seu ser em si.

Em síntese, a enteléquia potencial do Arquétipo universal subjaz no ser em si dos entes e determina uma região indiscernível em cada um deles, onde conserva sua singularidade absoluta. Comprova-se assim que nada "universal" há na intimidade do ser em si dos entes, senão a mais absoluta singularidade do Arquétipo e que, portanto, toda ideia de "universalidade" só pode proceder da contemplação exterior dos entes, da ilusão de pluralidade que induzem os processos evolutivos e que leva o sujeito cultural a compreendê-los na extensão de um "conceito universal". Por quê, pois, se denomina "termo universal" à enteléquia potencial, ao núcleo indiscernível dos entes, se o mesmo não é "universal" absolutamente? Resposta: porque tal denominação foi dada desde o ponto de vista do conhecimento humano, pasu, o qual não é dirigido a perceber o ser em si dos entes específicos e sua unidade absoluta no processo do Arquétipo "universal", senão a descobrir racionalmente o ser-para-o-homem, O DESÍGNIO DEMIÚRGICO QUE INDIVIDUALIZA OS ENTES E OS REVELA À INTUIÇÃO SENSÍVEL COMO "OBJETOS PARTICULARES", MAS INTEGRANTES DE UMA "PLURALIDADE UNIVERSAL", DE UM "GÊNERO". Só desde esta exterioridade ilusória dos entes, como oposição ao desígnio demiúrgico, que os revela em sua INDIVIDUALIDADE, pode-se falar de "termo universal" para qualificar a enteléquia potencial do Arquétipo, que subjaz no núcleo indiscernível dos entes.

Parece agora que estamos em condições de entrar em cheio no estudo do desígnio demiúrgico, o qual, já o reconhecemos, constitui o "princípio de individualização" dos entes. No entanto, falta muito a dizer para esclarecer completamente os conceitos de "termo universal", "enteléquia potencial", "finalidade do ente", que expusemos. Dedicaremos dois subartigos para esse fim, explicando o importante conceito da Sabedoria Hiperbórea sobre o ARQUÉTIPO GRAVIS: o conhecimento deste Arquétipo, tomando como exemplo o quanto dissemos, nos oferecerá uma maior, e talvez definitiva, compreensão do termo universal ou enteléquia potencial, subjacente no núcleo indiscernível de todo ente.

E5 – O Arquétipo gravis.

Antes de tudo, há que se esclarecer que o conteúdo desse subartigo é um extrato da "Teoria Gravis" da Sabedoria Hiperbórea, que se desenvolveu com detalhes no livro "Física Hiperbórea". Aqui só apresentaremos os principais aspectos da teoria, explicados de forma conceitual, ou seja, despojados de toda a complexa fundamentação matemática que ali se exibe. Mas, como o matemático constitui um ingrediente intrínseco da Teoria Gravis, é claro que semelhante descarte há de conspirar contra a compreensão plena dos conceitos que vamos estudar. Não obstante, como uma demonstração matemática rigorosa da Teoria Gravis fica fora dos objetivos que se propuseram para este livro, trataremos de nos aproximar o mais possível de sua tese, mediante a precisa descrição do Arquétipo gravis. Cabe esclarecer também que o Kamarada L.C.A.V, de Buenos Aires, desenvolveu profundamente uma teoria da unidade de energia real, à qual denominou de UNIDADE DE ENERGIA V.A.C. OU "U.E.V.A.C.", e a qual expôs em seu livro "Teoria Unificadora Conceitual".

Como é sabido, o físico judeu Albert Einstein não conseguiu desenvolver uma teoria matemática aceitável para unificar a interpretação quantitativa, experimental, dos chamados "fenômenos de campo", ou seja, os fenômenos que ocorrem por efeito dos "campos gravitacional e eletromagnético". Estes fenômenos, desde logo, já estão unificados, na realidade, pois o que resulta incompatível são as teorias com que se tenta explicá-los. Com respeito ao campo gravitacional, fora das equações de Newton, tudo o que se avançou até agora foi no sentido visado: tratar de unificá-lo com o campo eletromagnético, para o qual existem as equações de Maxwell; por esse caminho, ao tratar o campo gravitacional em forma einsteiniana-relativista, faz-se necessário lançar mão de um instrumento matemático bastante complexo denominado TENSOR; mas se, por acaso, se decide interpretar os fenômenos físicos com base na mecânica quântica, então há que se recorrer, todavia, a mais complexas fórmulas estatísticas, probabilísticas, que requerem o uso de computadores eletrônicos.

Por outra parte, se supôs que a "massa", responsável pelo campo gravitacional, "deforma" ou "distorce" o espaço, sendo necessário também, à parte do cálculo tensorial diferencial e estatístico, apelar a "geometrias não euclidianas". Agrega-se, assim, complexidade à complexidade e consegue-se tomar uma distância cada vez maior do fenômeno em si, de sua factualidade.

Pois bem: a Sabedoria Hiperbórea oferece uma explicação de todos os pontos diferente, mas que compreende perfeitamente o fenômeno gravitacional e permite dominá-lo, em benefício dos objetivos estratégicos dos Siddhas. E tal explicação não requer o emprego de matemáticas formais, salvo quando se deseja desenvolver uma tecnologia, em cujo caso se recorre a uma geometria esotérica que está totalmente fora dos ambientes acadêmicos do Ocidente.

Para entender com amplitude dita explicação, que será exposta em seguida, há que partir da base de que o desvio subjetivo da Física teórica é muito mais grave do que se costuma pensar. Com efeito, as críticas mais audazes centralizaram-se geralmente sobre Einstein, Planck, Bohr, Heisenberg, etc., mas jamais questionaram Newton. E com ele inicia-se o erro. A Sabedoria Hiperbórea, da qual procedia a "Ciência Secreta" da ϟϟ, retrocede sua tese aos conceitos de Newton e Leibniz, aos quais atribui dois erros capitais, e desde aí, desenvolve uma teoria tão atrevida e audaz como irrefutável. É claro, não se poderá detalhar aqui TODA a teoria, mas bastará que se descreva o "initium", o princípio do qual há de se partir o raciocínio.

A formulação da tese é a seguinte: O CAMPO GRAVITACIONAL É A POTÊNCIA DE UM ARQUÉTIPO PSICOIDE.

Essa tese sintética, logo o comprovaremos, pode ser aplicada para explicar quase qualquer fenômeno, à parte do gravitacional, tal como, por exemplo, os entes externos cuja finalidade ou termo universal estudamos no subartigo precedente. Prestemos, pois, atenção especial à sua explicação.

A Física supõe, e supõe bem, que uma relação liga a massa com o campo gravitacional. Onde se equivoca é, desde Newton, na afirmação de que tal relação é de causa e efeito, ou seja, que o campo gravitacional ocorre por efeito da massa; com tão errôneo conceito, não é estranho observar os enormes artefatos que se devem fabricar para aproveitar o espaço aéreo. E, naturalmente eles, os fabricantes de aparatos voadores com motores de metal e a "combustão interna", duvidariam de nossa sensatez se asseguramos que os Siddhas Leais COM BASE NO CONCEITO ARQUETÍPICO DA GRAVIDADE, dispõem de veículos de PEDRA, por exemplo, para transladarem-se ao lugar que desejem; e, ainda mais, se agregamos que tais veículos não possuem motor. Mas não se trata de um delírio, senão de "ciência"; ciência antiquíssima, extraterrestre; ciência que a Ordem Negra ϟϟ desenvolveu

novamente neste século e que lhe permitiu construir seus próprios "discos voadores", nos quais partiram seus melhores quadros sobreviventes para os oásis antárticos e a outras bases ocultas da terra. E, desde essas bases, às quais não se poderá localizar nem com satélites espiões, pois contam com camuflagem... também psicoide, retornarão os Cavalheiros ϟϟ do último batalhão do Führer, integrando o Wilder Heer de Wotan, no fim do Kali Yuga, no Gottendemerung. Mas esta é outra história, ou melhor dizendo, o Fim da História.

A Sabedoria Hiperbórea ensina que os Arquétipos universais têm entre si uma relação hierárquica semelhante à que os entes manifestados mantêm no plano material. Há, assim, uma "escala gradual arquetípica", que rege a ordenação de todo Arquétipo universal, desde a sua estadia nas regiões mais sutis do plano arquetípico até sua manifestação nas regiões mais grosseiras do plano material; quer dizer, os arquétipos mais sutis, ou simplesmente "potenciais", encontram-se em planos também mais sutis, percorrendo toda uma gama de densidades, à medida que se atualizam no processo dos entes e "descem" à matéria, que é a substância mais grosseira. Conceitos semelhantes sustentaram tanto os neoplatônicos como Leibniz ou a ciência indiana do Grande Alento, etc. Sem entrar no estudo a fundo de semelhante conceito de "ordem arquetípica", é evidente que tem que existir um Arquétipo que, necessariamente, é o último da escala: tal é o ARQUÉTIPO GRAVIS.

O gravis é o mais "pesado", valha a redundância, dos Arquétipos psicoides, e sua ação tem relação direta com a forma espacial, ou seja, extensa, da matéria e energia. Por isso, o gravis, que é o último da escala, é também o primeiro que o Demiurgo precipita quando se presta a "organizar" um plano material. Sem gravis, nenhum outro Arquétipo poderia evoluir na matéria.

Pois bem, a Sabedoria Hiperbórea denomina "gravis" tanto o Arquétipo universal como os entes por ele produzidos, ou seja, de "espécie gravis". Os "gravis específicos" são o conjunto de "átomos arquetípicos" ou "quanta arquetípicos", que sustentam e impulsionam "espacialmente" a matéria, que lhe dão "amplitude". O Arquétipo gravis, com sua unidade indivisível, manifesta-se nos gravis específicos que subjazem em todo o ente: por isso, em todo o ente concreto, em todo corpo material, em toda coisa substancial, está presente como primeiro substrato o Arquétipo gravis. Mas tal estadia do um no múltiplo não se pode dar de outra forma do que como participação: os entes materiais participam da enteléquia gravis ou, com outras palavras: em todo ente está presente a enteléquia potencial do gravis, do modo explicado em E4. No entanto, em sua manifestação ôntica, o Arquétipo gravis demonstra uma característica que o distingue de qualquer outro Arquétipo e à qual convém examinar imediatamente.

O gravis, com efeito, É O ARQUÉTIPO CUJO PROCESSO É MAIS VELOZ DO QUE QUALQUER OUTRO NO PLANO MATERIAL. Ele surge como consequência de ser "o último da escala" arquetípica, portanto, o que mais perto está da matéria concreta, a qual, justamente, ele mesmo determina. O efeito do Arquétipo gravis, de sua enteléquia potencial, que alguns chamam de "campo gravitacional", é quase instantâneo: esse "efeito" não é mais do que a força processual com que a potência do Arquétipo dirige a matéria, a "massa", para evoluir para a enteléquia ou "centro de gravidade". Por causa desta elevada velocidade de resposta, do nexo "quase instantâneo" entre o plano arquetípico e o plano material, é que o Arquétipo gravis pôde ser reproduzido pelo Demiurgo em toda a extensão espacial do macrocosmo, ou seja, em todo ponto do universo, em uma pluralidade de "átomos arquetípicos". Esses átomos arquetípicos são a manifestação ôntica do Arquétipo gravis, os "gravis específicos", e aqui os vamos nomear simplesmente como "gravis".

Uma propriedade essencial do gravis é sua INDETERMINAÇÃO FORMAL, ou seja, sua indiferença para com a formação material dos entes: o gravis só

determina o espaço e cria "o caminho" para a enteléquia, "o campo de força": MAS NÃO ATUA PARA FORMAR O ENTE. Mais claramente, o Arquétipo deste ente concreto que temos em frente a nós, por exemplo, deste cão, está no plano arquetípico, segundo o que foi estudado até aqui; um Arquétipo semelhante é ESTRUTURADOR DE FORMA, isto é, sustenta a forma ôntica, a forma que reveste a atualidade do ente; o Arquétipo gravis, pelo contrário, devido ao seu nexo instantâneo com o ente, está ali, no cão, como substrato material, e é quem determina seu peso em relação a outros gravis que ocupam o espaço: a Terra, por exemplo. O gravis NÃO É ESTRUTURADOR DE FORMA, ou é indiferente à própria forma, mas, enquanto Arquétipo psicoide, possui uma potência que o impulsiona a desdobrar-se em um processo evolutivo.

A culminação de todo processo evolutivo, de qualquer Arquétipo, é sua perfeição final, a qual está presente no ôntico como enteléquia potencial, como uma finalidade que é idêntica ao princípio. E aqui daremos outra definição que completará a descrição das propriedades do Arquétipo gravis, e à qual voltaremos a nos referir mais adiante: A ENTELÉQUIA POTENCIAL DO ARQUÉTIPO GRAVIS COINCIDE ESPACIALMENTE NOS CORPOS SIMPLES, COM AQUELE PONTO IDEAL QUE A FÍSICA DENOMINOU "CENTRO DE GRAVIDADE". Desde logo, esta definição há de se tomar com muita cautela, uma vez que em E4 vinculamos a enteléquia potencial com um "núcleo indiscernível" que consiste em um "ponto inextenso", "não coordenado", o qual não parece evidente que possa "coincidir" com nada e menos ainda com uma região concreta dos entes, como a Física afirma que é o "centro de gravidade". No entanto, toda incerteza desaparecerá quando compreendamos que, na verdade, o "centro de gravidade" é só um conceito-fatia, um objeto cultural interno carente de entidade concreta no Mundo: no ente material, o que efetivamente existe e se manifesta é uma DIREÇÃO DA FORÇA GRAVITACIONAL QUE VISA UM "CENTRO HIPOTÉTICO" RADICADO EM SUA INTERIORIDADE; isto é, uma tendência real que induz a razão a supor a existência real de semelhante "centro": mas o "centro de gravidade" em si, como os pontos indiscerníveis definidos em E4, jamais pode ser realmente alcançado DESDE A EXTERIORIDADE DO ENTE. Naturalmente, aqui nos referimos concretamente ao "centro de gravidade" de um ente sólido, mas a conclusão é válida para qualquer caso, por exemplo, o de uma esfera oca, cujo "centro de gravidade" é puramente espacial, ou seja, carente da substância que constitui a esfera: a Sabedoria Hiperbórea nega que o "centro de gravidade" de uma esfera oca possa ser efetivamente alcançado ou pelo menos situado com exatidão no espaço real, e, pelo contrário, afirma que no lugar em que "deveria encontrar-se" o centro de gravidade, na realidade existe um ponto inextenso, indiscernível; tal ponto não pode ser observado de nenhum modo, partindo da percepção temporal do sujeito consciente e da intuição sensível, ou seja, "desde a exterioridade do ente", pois se trata de um ponto "futuro", de uma enteléquia potencial; por esse caminho exterior, em suma, se conseguirá notar UMA DISTORÇÃO ESPACIAL EM TORNO DO CENTRO DE GRAVIDADE, distorção produzida pela enteléquia gravis, mas não se perceberá o "centro de gravidade" em si.

Recordemos o que foi dito na Primeira Parte sobre a irrepresentabilidade dos Arquétipos universais e compreenderemos porque o "campo gravitacional" resiste à quantificação físico-matemática; tomemos um corpo material e o depositemos no espaço, suficientemente longe da Terra ou de qualquer outro planeta; afirmamos, então, que o corpo produz um "campo gravitacional" ao seu redor e o comprovamos observando "como atrai" para o seu centro de gravidade, ou enteléquia potencial, outros objetos de menor massa. Se o corpo está em repouso não podemos descrever seu campo; só sabemos dele por seus efeitos sobre outros

corpos; O CAMPO, EM SI, É INVISÍVEL, propriedade equivalente à irrepresentabilidade dos Arquétipos universais. Mas O CAMPO NÃO É O ARQUÉTIPO, SENÃO SUA POTÊNCIA, que tenta atualizar-se na enteléquia concreta. A substância do plano material, a "matéria" que a Física denomina "atômica", é sempre um ato concreto do gravis em seu desdobramento evolutivo, independentemente da forma que tal matéria exibe pelas determinações de outros Arquétipos. Por isso, a percepção da matéria é tudo quanto podemos conhecer sensivelmente sobre o gravis, pois ele é pura potência, é um "chegar a ser" sua enteléquia e por isso dizemos, alegoricamente, que "está oculto" por trás da matéria, na interioridade do ente, na intimidade do ser em si. Se violamos a intimidade do processo, se invadimos o campo e bisbilhotamos na matéria, para buscar o "centro de gravidade", a enteléquia potencial, nunca encontraremos nada. Sem matéria não há gravis, mas se rompemos a matéria e multiplicamos, só conseguiremos obter outros tantos gravis potenciais.

O conceito do gravis que é capaz de estender sua enteléquia, desdobrando-se na menor partícula de matéria, dá lugar a uma teoria atômica não ortodoxa que foi exposta no livro Física Hiperbórea e que se baseia na definição de um "átomo arquetípico" ou "quantum arquetípico".

Convém revisar, agora, os dois erros históricos que mencionamos anteriormente. O de Newton foi fazer da massa a "causa" da "força gravitacional", força que, por outra parte, existe e é efetivamente proporcional às massas e inversamente proporcional ao quadrado das distâncias que as separam, tal como Coulomb o demonstrou nas cargas elétricas e Cavendish mediu com sua balança de massas; a realidade é que, se bem que a "força gravitacional" está relacionada matematicamente com a massa, não é ela sua "causa", senão que, por sua vez, a massa é o efeito concreto, o ato, de um Arquétipo gravis. A "força gravitacional" é, assim, a ação de uma potência arquetípica que procede de sua enteléquia e "atrai" para sua enteléquia, o que alguns denominam "centro de gravidade". Pois bem: o "centro de gravidade" algumas vezes, e só algumas vezes, especialmente no caso de um corpo esférico como a Terra, coincide espacialmente com a enteléquia. Voltamos, pois, a perguntar: o que se quer dizer com "coincidência espacial"? Significa isso que, ali, nessa região interior do ente, por exemplo, no centro da Terra, ESTÁ A ENTELÉQUIA?

Antes de responder, vamos considerar o segundo erro histórico. Leibniz, evidentemente pensando em um Deus hiperbóreo, que nada tem que ver com o Demiurgo ordenador da matéria, o verdadeiro "Deus" deste mundo, atribui ao mesmo uma perfeição absoluta, "perfectio Dei", que "lhe impediria criar duas coisas iguais". Impõe-se assim, na filosofia moderna e no pensamento científico posterior o "principium identitatis indiscernibilium", o princípio de identidade das coisas indiscerníveis, que afirma que, se duas coisas são absolutamente iguais, "devem ser a mesma coisa". Mas, como isso é manifestamente impossível, segundo Leibniz, "não podem existir duas coisas iguais": o Criador não teria se repetido. Todo esse raciocínio é errôneo, pois se baseia na suposição de que o universo foi criado por um Deus de bondade e não pelo Demiurgo imitador, como realmente ocorre. Mas, em que pese a Leibniz, a obra do Demiurgo apoia-se na imitação e a estrutura material tem que refletir, naturalmente, este princípio, contradizendo o principium identitatis indiscernibilium: é fácil compreendê-lo, se partimos de uma composição arquetípica do real. No entanto, o principium de Leibniz foi incorporado dogmaticamente à epistemologia e predomina inconscientemente em toda a atitude "científica", referida à observação empírica ou experimental dos fenômenos físicos; isso não é casual: obedece a uma tendência sinárquica que não vem ao caso desenvolver aqui. O importante é que a Teoria gravis contradiz o principium; e o faz

porque tal principium é completamente falso. A Sabedoria Hiperbórea afirma que "podem existir duas coisas iguais" e sinaliza, como exemplo, as enteléquias potenciais dos entes externos, os seus núcleos indiscerníveis, ou os "centros de gravidade" determinados pelo Arquétipo gravis. Superemos, pois, o erro do principium leibniziano e passemos a responder à pergunta pendente sobre a situação real da enteléquia e sua possível coincidência espacial com o "centro de gravidade".

Todo Arquétipo tende para uma enteléquia. Mas, na origem do movimento, o primeiro impulso é produzido por uma potência que contém em si a perfeição que se pretende alcançar; o movimento é, assim, um desenvolvimento evolutivo que visa uma finalidade que também foi princípio. Como finalidade, a enteléquia é algo que "ainda não é", que deve ser alcançado, ou seja, algo "futuro". Chegamos agora à parte mais complexa do problema, já destacada em E4: a enteléquia é algo "futuro" que atua no presente do ente como POSSIBILIDADE DE SER; daí o adjetivo "potencial" que se lhe agrega para assinalar esse caráter. Dado que a conexão entre a enteléquia de um ente e o ente concreto é o "Processo" do Arquétipo, é esse processo a verdadeira possibilidade de que uma enteléquia seja. Mas, TODO PROCESSO TEM O SENTIDO DO TEMPO TRANSCENDENTE (ver fig. 44).

Vamos dar um grande passo com a imaginação: suponhamos que somos capazes de contemplar TODOS OS PROCESSOS QUE SE DESENVOLVEM NO MUNDO, DESDE AQUI ATÉ O ÚLTIMO CANTO DO MACROCOSMO; se isto é possível, se não se nos escapa NENHUM PROCESSO, então ocorre que NÃO PODERÍAMOS MEDIR OUTRO TEMPO RELATIVO fora daquele em que ocorrem os incontáveis processos cósmicos; mais ainda: não poderíamos saber se existe outro tempo, porque NADA NOS INDICARIA ISSO, nada que mude, desde já. Esta absurda conclusão demonstra que o tempo, o "tempo transcendente do macrocosmo" é a soma de todos os processos do Universo, quer dizer, de todos os processos arquetípicos. O tempo transcendente é, pois, também um "processo", algo que se sabe desde a Antiguidade, quando a tal processo se denominou FLUÊNCIA; mas vale a pena repeti-lo, para esclarecer o conceito da Sabedoria Hiperbórea.

Tal conceito afirma que o tempo transcendente, como processo fluente, visa também uma enteléquia, uma superenteléquia denominada "Futuro". Com efeito, o "Futuro" só pode ser concebido como enteléquia, como perfeição final de um processo cósmico de Consciência: o tempo transcendente, cujo initium é o Uno, Brahma, ou como quer que se queira nomear o Demiurgo, e cujo final, a enteléquia do Tempo, O Futuro, é o Uno, Brahma, ou como quer que se queira nomear o Demiurgo...

O "tempo transcendente", segundo convimos na Primeira Parte, é "transcendente" para o microcosmo, mas na verdade, é uma fluência imanente da Consciência Cósmica, da Alma do Demiurgo. E essa consciência produziu os Arquétipos cujos processos nos preocupam. Desde aí, pois, desde o Tempo, o tempo transcendente, parte todo o real; e daí também hão de partir todas as interpretações sobre o real; mas não se trata, já, de uma mera "dimensão", como pretende a Física, senão do suporte essencial de todo o existente. Só depois do Tempo, a posteriori do tempo transcendente "aparece o espaço", como efeito dos processos arquetípicos que se desenvolvem nos planos da matéria e da energia. Simplificando muito a teoria da Física Hiperbórea, pode-se concluir aqui que o espaço é um "segundo grau" do tempo transcendente ou até um estado grosseiro do Tempo, uma categoria temporal inferior, uma espécie de "tempo caído", etc. A base e a justificativa de tal qualificação provém de que o espaço SÓ APARECE EM RELAÇÃO COM A MATÉRIA, é produzido por ela; mas a matéria sempre segue o processo do gravis: não pode escapar de sua potência plasmadora, pois os gravis

CAEM, como entes específicos do último Arquétipo da escala, da Consciência Cósmica, quer dizer, do tempo transcendente; observando os extremos do processo, é evidente que o espaço é CAUSADO pelo tempo transcendente mediante a matéria organizada pelos gravis.

Demos um grande passo. Regressemos agora àquelas perguntas sobre a enteléquia potencial e sua coincidência com o "centro de gravidade". Se aplicamos os conceitos anteriores ao problema do campo gravitacional, teremos que extrair conclusões totalmente diferentes das que apresenta a Física. Consideremos um campo de grande massa: a Terra, por exemplo.

a - Para a física, ao redor da Terra existe um campo gravitacional. Para a Sabedoria Hiperbórea, ao redor da Terra atua a potência do Arquétipo gravis.

b - Para a Física, a massa da Terra deforma o espaço "curvando-o" em suas imediações. Para a Sabedoria Hiperbórea, a massa da Terra gera um espaço curvo que é reflexo da distorção que o gravis representa com respeito ao Tempo transcendente.

c - Para a Física, no centro da Terra está situado o "centro de gravidade", para onde convergem todas as linhas de força imaginárias que descreve o campo gravitacional. Para a Sabedoria Hiperbórea, no centro da Terra HÁ UM PONTO QUE COINCIDE COM O CENTRO DE GRAVIDADE: É A ENTELÉQUIA GRAVIS.

Voltemos ao princípio. Mas, neste momento, podemos entendê-lo: há coincidência espacial, mas não temporal. Não pode havê-la, pois a enteléquia é o aspecto futuro do Arquétipo gravis. O que cabe esperar então, do "centro de gravidade", segundo a Sabedoria Hiperbórea? Um ponto indiscernível, quer dizer, um ponto que contradiz o principium identitatis indiscernibilium de Leibniz. Ocorre assim, porque a enteléquia, enquanto perfeição final do Arquétipo, é o próprio Arquétipo: DESDE A ENTELÉQUIA, O GRAVIS PROMOVE UM PROCESSO QUE NÃO PODE SE INTERROMPER E QUE VAI DESDE A POTÊNCIA (campo gravitacional) PARA A ENTELÉQUIA (centro de gravidade) QUE ESTÁ NO FUTURO; TAL CAMINHO PROCESSUAL ABRE UMA BRECHA NO ESPAÇO, O "DISTORCE", PRODUZINDO UM CONTATO TOPOLÓGICO ENTRE PLANOS DIFERENTES. A rigor da verdade, o que ocorre no "ponto indiscernível" é que a enteléquia "regenera" um ponto do espaço, transformando-o em tempo; o "eleva", por assim dizer.

Indaguemos novamente: por que indiscernível? Para que algo seja "indiscernível" deve poder ser comparado com outra coisa exatamente igual, com igualdade absoluta, ou seja, com outra coisa que ocorra no mesmo instante e ocupe o mesmo lugar. Só assim poderíamos assegurar que "duas coisas são indiscerníveis": quando "ambas" demonstram coincidência de espaço e de tempo. Pois bem, e aqui estamos tocando em um dos maiores Mistérios que existem: AS ENTELÉQUIAS DE TODOS OS GRAVIS SÃO INDISCERNÍVEIS. Com outras palavras: EM TODOS OS ENTES, INDEPENDENTEMENTE DE SUA FORMA OU TAMANHO, EXISTE UM PONTO INDISCERNÍVEL. ESTA PROPRIEDADE É A CAUSA DA ISOTROPIA DO TEMPO TRANSCENDENTE. Através dos pontos indiscerníveis, com efeito, FLUI O TEMPO TRANSCENDENTE e, como todo ponto do espaço macrocósmico contém um ponto indiscernível, a fluência temporal é isotrópica.

E, como o "tempo transcendente" é, na realidade, a corrente de Consciência do Demiurgo, compreende-se que em cada ente, desde o ponto Indiscernível está ELE: está ELE IMPULSIONANDO o processo do ente com seu Aspecto Sabedoria, desde a enteléquia potencial, e VENDO o processo do ente com seu Aspecto Consciência-Tempo, desde o ponto indiscernível.

Há que se meditar muito sobre essa propriedade dos gravis, para abarcar o Mistério que implica, em toda a sua profundidade. Como conclusão deste resumo da Teoria Gravis, vamos destacar o mais importante.

Antes de tudo, é necessário superar a barreira de incompreensão que oporá a razão ao apresentar paradoxos aparentemente irredutíveis. Não se deve esquecer que estamos frente a um temível segredo, do qual não será fácil apoderar-se; ao menos não impunemente. O primeiro obstáculo é o problema, já examinado em E4, de que o Arquétipo mantém sua singularidade absoluta enquanto se manifesta na pluralidade dos entes. Isto é: se os pontos indiscerníveis são todos uma e a mesma coisa, como podem estar em distintos entes ao mesmo tempo? Se o ponto indiscernível da Terra é exatamente o mesmo que o de Vênus, por exemplo, como é que milhões de quilômetros separam ambos os planetas? Resposta: desde logo, isso ocorre porque os pontos indiscerníveis são "enteléquias potenciais" do Arquétipo gravis: tomando isto em conta, entende-se que a distância que separa os planetas não tem nada a ver com os pontos indiscerníveis, pois os mesmos coincidem finalmente no futuro atual e nenhuma distância os separa no presente potencial. E o mesmo vale para qualquer outro ente que se deseje considerar.

E6 – O núcleo indiscernível dos entes.

Em E4, vimos que "a enteléquia potencial do Arquétipo universal subjaz no ser em si dos entes e determina uma região indiscernível em cada um deles, onde conserva sua singularidade absoluta": tal "região" é o "núcleo indiscernível dos entes". Em E5, comprovamos que no núcleo indiscernível dos entes materiais subjaz, efetivamente, a enteléquia potencial do Arquétipo gravis: "em todos os entes, independentemente de seu tamanho, existe um ponto indiscernível. Esta propriedade é a causa da isotropia do tempo transcendente".

Pois bem: para compreender com profundidade o conceito de "núcleo indiscernível" é necessário estender estas definições à totalidade dos entes externos e à totalidade dos Arquétipos universais. Quer dizer: NO NÚCLEO INDISCERNÍVEL DE TODO ENTE ENCONTRA-SE A ENTELÉQUIA POTENCIAL DE SEU ARQUÉTIPO UNIVERSAL, A QUAL É INDISCERNÍVEL DA ENTELÉQUIA DE QUALQUER OUTRO ARQUÉTIPO UNIVERSAL. Esta estranha propriedade, que assemelha o núcleo indiscernível a um puro nada, tem sua causa no modo imitativo com o qual o Demiurgo produziu os Arquétipos universais COMO RÉPLICA DE SI MESMO, DE SEUS "ASPECTOS" ESSENCIAIS: por isso, só existe UMA MÔNADA E DEZ ARQUÉTIPOS FORMADOS COM TAL MÔNADA. Isto é importante; "nem nove, nem onze: dez Aspectos do Uno que determinam a essência de todos os entes do Universo". "E uma mônada, imagem perfeita do Uno, cujo revestimento formal é o Arquétipo gravis e cuja manifestação ôntica é o quantum arquetípico; uma mônada repetida em todo ponto do espaço cósmico, em todo ente, em todo ser em si, em todo núcleo indiscernível que, por isso, é indiscernível e idêntico a qualquer outro Arquétipo ou ao inefável Uno".

Os Arquétipos são só dez, como os Aspectos do Uno, mas combinados de muitos modos fazem possível a enorme multiplicidade dos entes; contudo, no núcleo indiscernível de qualquer ente particular, a enteléquia potencial, seu próprio chegar a ser, não pode ser diferenciada da de outro ente: é indiscernível. Evidentemente, esta propriedade do núcleo indiscernível torna sumamente obscuro o conceito de "termo universal" do ente que explicamos, pois não deixa ver, de forma alguma, o modo em que os entes chegam a ser "individuais". Não obstante, isso se compreenderá facilmente quando se faça intervir na existência do ente o "desígnio", ou seja, seu "termo particular", tal como se verá com detalhes em E8.

Na Primeira Parte, adiantou-se o conceito de núcleo indiscernível e sua curiosa propriedade, ainda que somente agora poderá ser compreendido com clareza: “convém destacar que o tempo transcendente não só apresenta a estranha qualidade, já assinalada, de ser isotrópico para os entes permanentes e sucessivos e anisotrópico para outros tempos sucessivos, senão que também é contínuo e descontínuo ao mesmo tempo. Isso se deve a que o espaço real se compõe essencialmente de quanta arquetípicos, os quais possuem, cada um, um “ponto indiscernível”. Ocorre, assim, que, em qualquer porção do espaço, por pequena que seja, existe sempre uma região coordenada, propriamente espacial, que constitui o princípio da extensão contínua, e um “ponto indiscernível”, não mensurável, propriamente temporal, que é o mesmo ponto que poderia se localizar em qualquer lugar do universo: o ponto indiscernível é denominado, também, de O OLHO DE ABRAXAS. Desta maneira, todo ente sucessivo, por exemplo, É E NÃO É em cada momento de seu acontecer; mas seu ser é sucessivo e seu não ser é permanente. O fim de todo ente, do ente particular e do ente universal, está presente em cada instante de tempo transcendente: e desta finalidade não escapam nem sequer os entes autônomos ou imortais, como o microcosmo atual do pasu. Por isso se diz que só a percepção do aspecto sucessivo ou fenomênico dos entes constitui uma ILUSÃO, já que seu fim, o nada que alcançará ao concluir o tempo sucessivo, que é igual ao nada inicial, anterior ao tempo sucessivo, encontra-se sempre presente nos entes, exposto ao olhar agudo”.

E7 – O Olho de Abraxas.

A Teoria Gravis, por outra parte, coloca em primeiro plano o problema da “individualidade dos entes”, cuja solução se dá em E8. Sem considerar por ora como isso é possível, observemos que os cinco cães da figura 45, apesar de todos serem manifestação de um mesmo Arquétipo e tenderem à mesma enteléquia, PODEM SER DISTINGUIDOS ESPECIFICAMENTE COMO ENTES INDIVIDUAIS: aqui este cão, ali o outro, lá um terceiro, acolá um quarto, etc. Todo mundo conviria sem dificuldade nesta distinção, todo mundo veria os cinco cães assinalados. Mas quando as coisas mudam é ao efetuar um exame semelhante dos gravis, ou de qualquer outra enteléquia potencial, pois então o observador deverá admitir a realidade dos pontos indiscerníveis: não poderá distinguir um gravis do outro e, ante a sua vista, DESAPARECERÁ A PLURALIDADE DOS ENTES PARA DAR PASSAGEM À SINGULARIDADE DO ARQUÉTIPO E, POR TRÁS DELE, A TERRÍVEL FACE DO DEMIURGO. Naturalmente muitos sorrirão, frente a esta possibilidade, à qual qualificarão de absurda: E FARÃO BEM EM RIR. Se não estão preparados para afrontar o Mistério, melhor é que riam e permaneçam na ignorância, pois são incontáveis AQUELES QUE ENLOUQUECERAM FRENTE À REALIDADE DOS PONTOS INDISCERNÍVEIS: houve “místicos”, por exemplo, que, de repente, viram OLHOS EM TODAS AS COISAS; ou experimentadores que contemplaram o mundo com a percepção visual expandida, por meio de algumas drogas, e se horrorizaram ao comprovar um COSMO VIVENTE, provido de “milhões de olhos”, com os quais “Deus os observava desde todas as coisas” (EX OMNI PARTE OCULATA).

É necessário avisar, pois, sobre o demencial perigo que espreita no ser em si de todo ente, em seu termo universal ou finalidade.

Como sabemos, o que o pasu pode conhecer do ente é o que lhe revela seu termo particular, seu desígnio: O DESÍGNIO É O SER-PARA-O-HOMEM DO ENTE, UM NOME, UMA PALAVRA, QUE O INDIVIDUALIZA E QUE FOI PRONUNCIADA PELO ASPECTO “LOGOS” DO DEMIURGO. Mas, o que vimos estudando até aqui é o termo universal do ente, o ser em si, o qual se encontra encerrado em sua

intimidade e é inacessível ao conhecimento do pasu; para o pasu, com efeito, só é dado o conhecimento dos entes desde sua exterioridade: só pode DIALOGAR com a natureza ou o mundo, tomar o desígnio e colocar o sentido no ente, mas o ser em si, o ponto indiscernível, a enteléquia potencial, há de permanecer desconhecido para ele. Jamais saberá que foi constantemente observado "desde todas as coisas" pelo Olho, uno e múltiplo, de Abraxas.

Pelo contrário, para o virya não só é possível a percepção do ser em si, senão que tal experiência faz parte das técnicas de liberação espiritual. "Fora do perigo real que representa tal enfrentamento com o Demiurgo, na via da oposição estratégica, isso constitui um risco calculado, a tal extremo que se conta de antemão com o mesmo e se o incluiu como parte da técnica. O enfrentamento direto com o Demiurgo permite, com efeito, o domínio do tempo, ou seja, independer a área estratégica da arquêmona do tempo transcendente do macrocosmo: a criação de um Tempo próprio". Como? "Antes de tudo, o virya há de predispor a arquêmona com vistas à oposição estratégica"; para isso deve: "definir um PONTO EXTERIOR à arquêmona, ou seja, um ponto no Valplads; tal ponto tem que ficar em frente ao cerco infinito quando o virya ocupe a praça, e contra ele se efetuará a oposição estratégica ao tempo transcendente; é necessário, então, assegurar-se previamente de que dito ponto há de permanecer sempre o mesmo e DE QUE POR ELE PASSARÁ A ISOTROPIA DO TEMPO TRANSCENDENTE e continuará no ponto-cerco de projeção do virya; quer dizer: é necessário OBRIGAR O DEMIURGO, de antemão, a sustentar a oposição estratégica. É possível cumprir tal condição? Resposta: Sim, aplicando o princípio da Física Hiperbórea que afirma que TODA PORÇÃO PONDERÁVEL DE MATÉRIA É A EXPRESSÃO DE UM OU MAIS ÁTOMOS ARQUETÍPICOS, OU QUANTA ARQUETÍPICOS, EM CADA UM DOS QUAIS EXISTE UM PONTO INDISCERNÍVEL: EM CADA PONTO INDISCERNÍVEL, QUE É O MESMO PONTO EM TODOS OS ÁTOMOS DO UNIVERSO, EXISTE UM PONTO DE TEMPO TRANSCENDENTE, PRESENTE EM CADA UM DELES, ONDE O DEMIURGO MANIFESTA SUA CONSCIÊNCIA TEMPO". Esse parágrafo, colocado em evidência, tornar-se-á claro agora, à luz da Teoria gravis, resumida em E5.

Mas, para o virya preocupado por sua liberação espiritual, os pontos indiscerníveis nos entes e a presença do Demiurgo são algo mais do que uma teoria. Segundo a Sabedoria Hiperbórea, o encadeamento espiritual é um ato de guerra inimigo e ninguém pode desencadear seu Espírito sem lutar: A ATITUDE GUERREIRA É ESSENCIAL NA VIA DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA QUE PROPOMOS NESTE LIVRO, ou em qualquer outra via hiperbórea. Daí que o enfrentamento com o Demiurgo seja inevitável, cedo ou tarde. Temos repetido isso muitas vezes e vale a pena recordar: a verdade, a única e efetiva verdade, está no interior de cada um, na memória do sangue. Ali deve concorrer o virya para confirmar a Tese fundamental da Sabedoria Hiperbórea. Por isso, para quem escutou a voz do sangue puro e decide combater, o ato de guerra individual não pode se caracterizar de outra maneira que não seja pelo ódio gnóstico para com o mundo do Demiurgo: o virya desperto tratará de experimentar, a todo momento, a "hostilidade essencial", procurando reorientar estrategicamente o Espírito invertido. E essa hostilidade essencial, que outrora desdobrava o Espírito Hiperbóreo contra o Universo material do Uno, será o caráter de que se revestirá, no mínimo, o ato de guerra que o virya desperto executará contra ele, quer dizer, contra o macrocosmo do Demiurgo Jeová-Satanás. "Se tal é a resolução do virya, se tão gnósticos são seus objetivos, então tudo estará dito, não haverá mais palavras enganosas, nem sinais vãos: O ENFRENTAMENTO SE TRANSLADARÁ ALÉM DO VÉU DE MAYA, A UMA INSTÂNCIA ABSOLUTA NA QUAL O GUERREIRO HIPERBÓREO E O

DEMIURGO LUTARÃO CARA A CARA. E, como na Origem da Queda, na luta estará novamente em jogo o encadeamento espiritual: o virya desperto atacou para liberar o Espírito cativo e o Demiurgo responde para submeter o Espírito a uma maior e mais atroz confusão".

A todas essas citações há que se agregar o seguinte: E NESSE ENFRENTAMENTO INEVITÁVEL, NO QUAL O GUERREIRO HIPERBÓREO E O DEMIURGO LUTARÃO CARA A CARA, A PROVA MAIS DIFÍCIL QUE DEVERÁ AFRONTAR O GUERREIRO SERÁ A CONTEMPLAÇÃO DA TERRÍVEL FACE DO DEMIURGO. É claro, o Demiurgo é um Ator com muitas Máscaras, mas aqui nos referimos a UM DE SEUS ASPECTOS: aquele que pode ser percebido no ser em si dos entes, ou seja, nas entranhas de TODOS os entes do mundo, aos quais sustenta e vitaliza desde a enteléquia gravis; esse Aspecto que a Sabedoria Hiperbórea denomina DRAGÃO DO MUNDO (DRACONIS MUNDI) e a Kabala hebraica METATRON.

Não é possível descrever com palavras "a forma" do Dragão do Mundo, do *anima mundi*, e não vale a pena tentá-lo. Bastará que formemos uma ideia sobre a PERIGOSA POTÊNCIA DISSOLVENTE desta imagem: e isso se conseguirá se asseguramos que só quem dispõe de UM VALOR INFINITO, ou seja, um valor produto da vontade graciosa do Espírito infinito, consegue resistir a ela: para qualquer estado espiritual inferior, por exemplo, para o virya perdido, o Seu Aspecto é irresistível; o Dragão do Mundo submerge no terror todo observador cujo valor tenha algum limite moral; e por "todo observador" há de se entender "encarnado ou desencarnado", "homem, alma ou deva", etc. A importância disso se verá com clareza se asseguramos que a prova capital que a Sabedoria Hiperbórea impõe para obter a iniciação, isto é, a Prova de Valor, consiste "somente" na contemplação da Terrível Face do Uno; mas esta Face pode tanto ser o Dragão do Mundo como outra imagem tão ou mais espantosa que ela, outro Aspecto demencial do Demiurgo, conhecido como HIDRA CRON, e que não é mais que seu rosto manifestado em todos os membros de uma Raça Sagrada, hebraica neste caso, quer dizer, Seu Rosto Uno presente na pluralidade dos entes hebreus da raça, no si mesmo da raça, na enteléquia potencial da raça, quer dizer, na SHEKINAH.

Em resumo, aqui desejamos avisar que, sempre que se siga uma via secreta de liberação, das sete mais uma que propõe a Sabedoria Hiperbórea, haverá algum momento no qual se produzirá um enfrentamento com o Demiurgo e que contemplar Sua Terrível Face pode ser perigoso, se não se dispõe de um valor sem limite. Mas deve ser claro que, ainda quando não exista luta apresentada, a visão do Dragão do Mundo, por si só, basta para produzir um efeito devastador sobre o equilíbrio racional: a estrutura cultural pode sair parcial ou totalmente destruída dessa experiência ou o sujeito cultural pode ser fagocitado pelo "Deus de um ente" em um contexto extremamente oblíquo; em qualquer caso, isso significa a loucura.

Assim, pois, nenhuma precaução que o virya adote será excessiva ao tratar desse tema, uma vez que O DRAGÃO DO MUNDO ESTÁ PRESENTE EM TODOS OS ENTES, JÁ QUE TODOS OS ENTES FORMAM PARTE DE SEU CORPO.

Na enteléquia dos gravis, desde os pontos indiscerníveis que estão em todos os corpos, quer dizer, desde o tempo transcendente que é Sua Consciência, Ele está sustentando a ordem material. MAS ELE NÃO ATUA ATRAVÉS DOS GRAVIS. SOMENTE OS SUSTENTA. NÃO É O ASPECTO LOGOS QUE SE MANIFESTA NOS PONTOS INDISCERNÍVEIS, SENÃO O ASPECTO CONSCIÊNCIA-TEMPO. NÃO É O VERBO, SENÃO O OLHO DO DEMIURGO. UM OLHO MULTIPLICADO INCANSAVELMENTE EM TODA A CRIAÇÃO, MAS QUE É SEMPRE O MESMO OLHO: EIS AQUI MAYA. UM OLHO QUE CONTEMPLA A SI MESMO, QUE ADMIRA PERPETUAMENTE A SI MESMO. UM OLHO QUE ESTÁ

NO LOBO QUE ESPREITA E NO CORDEIRO QUE FOGE, NO HOMEM QUE FINCA O PUNHAL EM SEU IRMÃO E EM SEU IRMÃO QUE MORRE E, TAMBÉM, NO PUNHAL QUE SE EMBRIAGA DE SANGUE BORBULHANTE. UM OLHO QUE OLHA ATRAVÉS DO AMADO E ATRAVÉS DA AMADA, E ATRAVÉS DA TRAIÇÃO DO TERCEIRO. ENFIM, ESSE OLHO, CUJA ÓRBITA É UM BARRANCO QUE DESCE AOS ABISMOS DO BEM E DO MAL, É O OLHO DE ABRAXAS, UM OLHO TERRÍVEL E INSENSATO.

Não em vão os gnósticos alexandrinos, que sabiam com que tipo de monstro tinham que se ver, fechavam o Olho de Abraxas em um triângulo, ou seja, aplicavam a "lei do cerco", para não enlouquecer de esquizofrenia. Os Iniciados Hiperbóreos, os viryas despertos ou os Cavalheiros da **SS**, por exemplo, como aqueles gnósticos, também possuem técnicas para resistir ao olhar dissolvente do Demiurgo e aos pontos indiscerníveis dos gravis, em benefício da Estratégia dos Siddhas. Claro, nos perguntaremos: aproveitar? Para que? Como? E estas perguntas parecerão não ter resposta, em uma época na qual, se não se dispõe de um Bevatron, parece que ninguém pode sequer sonhar em investigar o interior da matéria e, se não se possui uma grua hidráulica, quem tentaria mover as pedras de Sacsahuaman? Mas a verdade é que só para o maravilhoso se deve "aproveitar" a Teoria Gravis, que é uma ciência dos Siddhas e da qual estão excluídos os pasu e os viryas perdidos.

Vejamos algumas de tais possibilidades maravilhosas. Aquele que compreendeu a Teoria Gravis, por exemplo, pode BUSCAR EM SI MESMO, em seu microcosmo, o ponto indiscernível e, POR MEIO DA VONTADE GRACIOSA, DESLOCAR O CENTRO DE GRAVIDADE PARA FORA DE SEU CORPO, EVITANDO O PESO, OU SEJA, A TRAÇÃO QUE A TERRA EXERCE SOBRE SUA MASSA: É A "LEVITAÇÃO". Mas, como seu próprio ponto indiscernível é o mesmo que o dessa pedra que está ali, poderá movê-la também com um ato de sua vontade: é a "psicocinese". Mas, quando um corpo material habilmente projetado é levado a coincidir em sua enteléquia com a de um corpo humano, então se dispõe de um veículo "que viaja sem motor", como os que sempre os hiperbóreos tripularam. E como no ponto indiscernível há distorção espacial, tais veículos podem tornar-se invisíveis por "aceleração temporal" e não por "altas vibrações", como sustentam certos ufólogos materialistas e sinarcas.

Por último: no centro da Terra, dada a grande potência de sua massa, há um poderoso ponto indiscernível que altera de tal modo o espaço e o tempo, que pode encontrar ali, SEGUNDO A MANEIRA COMO SE FAÇA A APROXIMAÇÃO, desde um núcleo de magma, tão caro aos geólogos míopes, até uma porção simultânea de espaço cósmico, ou seja, um firmamento estrelado, passando por muitos estados intermediários que dependem do espaço de significação demiúrgico.

E8 – Modelo de desígnio do ente externo.

Na Primeira Parte, definiu-se o "desígnio demiúrgico" como a ESSÊNCIA do ente para o pasu. Recordemos tal definição: "Para o pasu uma Relação é, antes de tudo, a VERDADE do ente. Mas, aqui há que se observar que não dissemos A ESSÊNCIA, senão A VERDADE do ente: esta distinção indica que a essência do ente é o DESÍGNIO, enquanto a Relação é um correlato racional, a interpretação do desígnio ou ESQUEMA, o verdadeiramente conhecido e, portanto, "a VERDADE do ente".

O desígnio é, pois, a essência do ente externo, do ente situado no mundo que foi objeto da intuição sensível: "Em primeiro lugar, há que se qualificar o descobrimento do desígnio como uma TRANSCENDÊNCIA do ente externo quem, desse modo, situa-se MAIS PERTO da esfera sensorial. Com efeito, enquanto o

Arquétipo universal jamais pode ser visto fora do ente, nem no próprio ente, pois é absolutamente imanente, o desígnio do ente está pronto a ser-para-o-homem, a transcender todas as barreiras e revelar-se em plenitude. Em outras palavras: o desígnio passa a ser um OBJETO INTERIOR". Tal "objeto interior", após ser interpretado arquetipicamente pela segunda operação da razão, é esquematizado e integrado na estrutura cultural como Relação entre Princípios: a Relação contém um esquema sêmico do ente que constitui, para todos os efeitos microcósmicos, a VERDADE do ente. Para facilitar a compreensão de modelo estrutural, convimos, então, em representar a Relação como uma CONEXÃO CILÍNDRICA entre nós ou Princípios: o conjunto de uma Relação e dois Princípios foi denominado, assim, SISTEMA SIMPLES, e sua representação pode se ver na figura 13.

Com base no sistema simples da figura 13, desenvolvemos numerosos exemplos e, deles extraímos muitas conclusões fundamentais. No entanto, há uma pergunta óbvia à qual não se respondeu e que pode se apresentar assim: se a relação do sistema simples da figura 13 representa "a verdade do ente" mediante um esquema sêmico do desígnio ou essência do ente, como é tal desígnio, no quadro das diretrizes analógicas do modelo estrutural? Mais claramente: como seria um DESÍGNIO ANALÓGICO, tal que sua interpretação racional desse lugar ao sistema simples da figura 13?

Resposta: A esta resposta há que se denominar: POSTULADO ESSENCIAL DO MODELO ESTRUTURAL. O "postulado essencial" diz: A UMA ESFERA ÔNTICA CORRESPONDE UMA CONEXÃO CILÍNDRICA NA ESTRUTURA CULTURAL; A UMA SÉRIE DE ESFERAS CONCÊNTRICAS, SOBREPOSTAS DE MAIOR A MENOR, COMO "ESSÊNCIA" DE UM ENTE EXTERNO, CORRESPONDE UM FEIXE DE PLANOS RETANGULARES QUE SE INTERSECTAM NO EIXO DA CONEXÃO CILÍNDRICA COMO "VERDADE" DO ENTE NA ESTRUTURA CULTURAL.

O "modelo de desígnio", cuja interpretação racional corresponde à conexão cilíndrica da figura 13, é, pois, um corpo composto: o integram uma série de esferas concêntricas, sobrepostas de maior a menor, como as camadas de uma cebola. O postulado essencial nos assegura que a conexão cilíndrica da figura 13 consiste em um feixe de planos axiais, cada um dos quais tem um lado de comprimento igual à sua extensão e um lado de largura igual ao diâmetro de seu extremo circular; cada plano axial corresponde analogicamente a uma esfera do modelo do desígnio e cada um deles se intersecta em sua metade com todos os planos restantes, em uma linha que passa pelo eixo da conexão cilíndrica: dito eixo é o ponto mais profundo do núcleo axial de conotação. Na figura 46, simbolizou-se o postulado essencial, para facilitar sua compreensão.

À esquerda da figura, na Região B do macrocosmo (comparar com a figura 39), representou-se o desígnio do ente externo como uma ESFERA ESTRATIFORME. Sob ela, com três eixos cartesianos, ortogonais, não numerados, indica-se que o ente designado está situado no "espaço analógico" do macrocosmo: o "tempo transcendente" **(TT)**, a "Extensão do Sentido" **(Es)**, e o "Logos Demiúrgico" **(L_D)**; são dimensões análogas, respectivamente, "tempo transcendente" **(TT)**, "tempo imanente" **(TI)** e significado (**S**), do espaço analógico microcósmico que se vê à direita do desenho. Na figura 39, é útil observar a analogia entre os planos temporais micro e macrocósmico: vê-se que o "tempo imanente" do microcosmo, tempo da "consciência" do pasu, é análogo ao tempo transcendente do macrocosmo, que é o tempo da "Consciência" do Demiurgo; ao contrário, o "tempo transcendente" no microcosmo é análogo à "EXTENSÃO DE SENTIDO" no macrocosmo: esta dimensão é uma medida da "duração de um macroconceito na Consciência do Demiurgo.

Voltando à figura 46, comprovamos que a dimensão "Logos demiúrgico" **(L_D)** é análoga ao Significado (**S**) (ver figura 21), e que o modelo de desígnio se encontra "centralizado" sobre o eixo que a representa: isto quer dizer que o desígnio é uma PRODUÇÃO do Logos demiúrgico, conceito que será explicado mais adiante.

Uma seta, intitulada "percepção", atravessa a "esfera sensorial" e nos mostra a conexão cilíndrica da estrutura cultural, que equivale semiologicamente ao ente descoberto: uma "esfera estratiforme", composta por uma série de esferas concêntricas, corresponde a um "cilindro estratiforme", composto por um feixe de planos axiais, tal como o exige o postulado essencial.

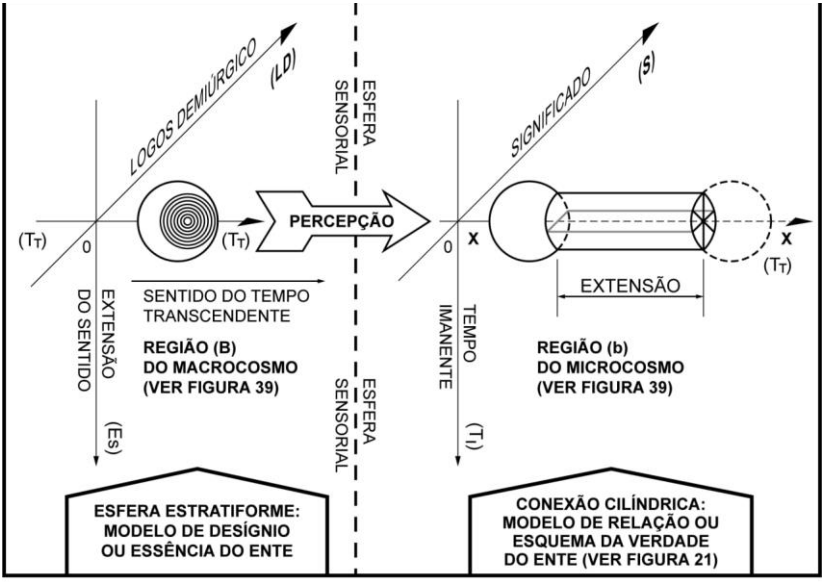


FIGURA 46

Dispomos agora, em concordância com o modelo estrutural empregado até aqui, de um "modelo de desígnio", ou seja, de um modelo "da essência do ente". Nosso objetivo será, desde logo, servir-nos do "modelo de desígnio" para compreender o desígnio real. Como? Resposta: descrevendo as correspondências analógicas entre o modelo e o desígnio real e empregando o modelo para visualizá-las.

Comecemos por indagar: em que consiste o desígnio real?

Resposta: a princípio, convém recordar o que se disse na Primeira Parte: "... a suprema importância com que o Demiurgo designou os entes prevê que, através destes, o homem tenha acesso às entranhas de seu Plano. Não se deve acreditar, desde logo, que o homem só conhece dos entes uma mera aparência, tal como pretende a ingenuidade racionalista de muitos pensadores. NA REALIDADE, CADA DESÍGNIO É UMA PARTE DE UM PLANO QUE CONTÉM, PARADOXALMENTE, TODO O PLANO: É A VONTADE DO DEMIURGO QUE O HOMEM "CONHEÇA E ADMIRE SEU PLANO". Como resposta, podemos extrair daqui que "o desígnio consiste em um Plano". Mas, em que consiste tal Plano? Resposta: "EM UMA

ESCALA DE FASES FORMATIVAS QUE VAI DO DEMIURGO AO ENTE". A cada uma das formas da série, a Sabedoria Hiperbórea denomina MATRIZ ARQUETÍPICA. O Plano do desígnio consiste, assim, em "uma série de matrizes arquetípicas". Com mais precisão, pois, nosso objetivo será conhecer a essência do desígnio demiúrgico e a função do Plano no qual este consiste. Para cumprir com esse fim, nada parece melhor do que empregar o modelo de desígnio. No entanto, como veremos em seguida, não podemos iniciar nenhuma explicação sem modificar previamente o modelo do desígnio. Isso se deve não a uma falha, senão à estrita correspondência analógica que o modelo tem com a essência de todo o desígnio real e que dificulta a compreensão direta e imediata. Examinemos o problema: o desígnio real consiste em um plano, cujo projeto consta de "uma escala de fases formativas", ou seja, DE UMA SÉRIE DE MATRIZES ARQUETÍPICAS; pois bem, NO MODELO DE DESÍGNIO, A CADA MATRIZ DA SÉRIE CORRESPONDE UMA ESFERA CONCÊNTRICA. Logo tiraremos conclusões sobre o porquê de semelhante disposição formal; por ora, o que nos deve interessar é notar que pouca ou nenhuma observação poderíamos fazer de uma série de esferas concêntricas, onde a mais exterior contém todas as outras em seu interior. É por isso que, AINDA QUE A FORMA DE "ESFERA ESTRATIFORME" É A QUE TEM EQUIVALÊNCIA EXATA COM O DESÍGNIO REAL, vamos convir em outra representação como "modelo de desígnio".

Como o ideal seria utilizar, em que pese a tudo, a esfera estratiforme, o que faremos será DERIVAR desta a forma mais adequada para facilitar a explicação. Tal forma se mostra na figura 47 e, como seu nome o indica, é o "desdobramento" das esferas interiores que compunham a esfera estratiforme: sobre o eixo "Logos demiúrgico", que representa a VOX do Demiurgo, se dispôs em sucessão a totalidade do DESÍGNIO "DESDOBRADO", SÉRIE FORMATIVA das esferas do modelo de desígnio; FICA ASSIM DESDOBRADO O PLANO EM "SÉRIE FORMATIVA", OU SÉRIE DE FASES FORMAIS, MAS DEVE-SE RECORDAR A TODO MOMENTO QUE ESTA REPRESENTAÇÃO É SÓ UM RECURSO DIDÁTICO E QUE O DESÍGNIO REAL É ANÁLOGO À ESFERA ESTRATIFORME DA FIGURA 46.

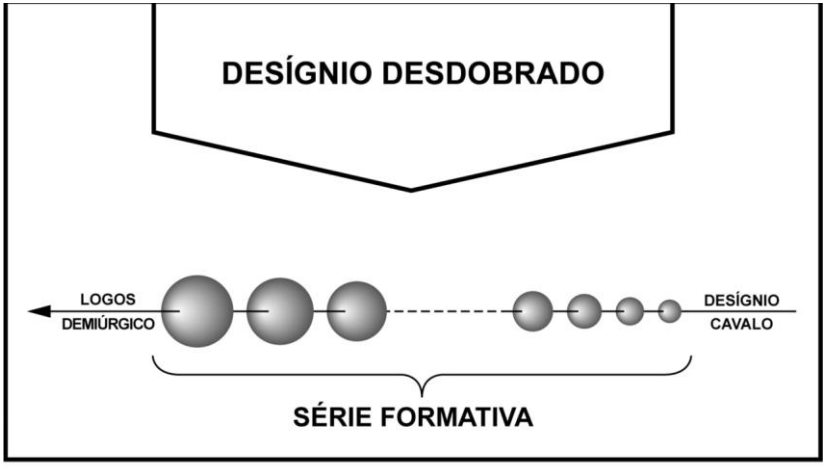


FIGURA 47

O desígnio real, com efeito, não representa desdobramento formal de nenhum tipo e, pelo contrário, a totalidade de seu Plano encontra-se contido na interioridade do ente, analogamente às esferas concêntricas no interior da esfera estratiforme.

E9 – O SER-PARA-O-HOMEM do ente externo.

Com ajuda do "modelo de desígnio desdobrado", que definimos, vamos explicar o desígnio real dos entes. Regressemos, para isso, à figura 45 e ao exemplo dos cinco cães. Cada um de tais cães possui, como conteúdo de seu ser em si, um núcleo indiscernível onde o Arquétipo cão subjaz em sua unidade absoluta. No entanto, vistos os entes desde sua exterioridade, o pasu não percebe o núcleo indiscernível e a unidade do Arquétipo, senão a aparente pluralidade de sua evolução ôntica; contudo, descobre o ESPECÍFICO do plural e afirma a participação do universal: entes semelhantes SÃO cães. É possível distinguir qualitativamente os membros da espécie e uni-los quantitativamente: são mamíferos, quadrúpedes, latem, etc.: SÃO CÃES; e, um aqui, outro ali, um terceiro lá, um quarto acolá, etc.: SÃO CINCO CÃES. Na figura 45, comprovamos que os cinco cães se encontram em distinto nível evolutivo: três têm 2° grau, outro progrediu até o 4° grau e o último, de mais valor que os demais, encontra-se próximo de concretizar a enteléquia, no enésimo grau do progresso evolutivo. Mas qualquer que seja o caso, idêntico progresso, como os de 2° grau, ou diferente evolução, como os de 2°, 4° e n° entre si, SEMPRE É POSSÍVEL DISTINGUI-LOS COMO ENTES INDIVIDUAIS: um aqui, outro ali, etc. Se todos são um no núcleo indiscernível, qual é o princípio que faz possível sua pluralidade, que nos permite mostrar um aqui, outro ali, etc.? Ou mais claramente: se o caráter específico do Arquétipo cão, presente nos entes, nos permite afirmar – estes SÃO cães! – qual é o princípio pelo qual podemos assinalar ESTE cão como algo único também, diferente dos demais membros de sua espécie? Há cinco cães, e assinalamos UM deles: ESTE CÃO; por que este e não outro? O Arquétipo cão faz com que este ente seja um cão. O que faz com que este cão seja este e não outro? Resposta: o PRINCÍPIO DA INDIVIDUAÇÃO. Os cinco cães são ENTES INDIVIDUAIS (ver figura 45), porque além do Arquétipo cão em cada um deles, atua o "princípio de individuação"; tal princípio é uma lei do Demiurgo que expressa a SUPRAFINALIDADE dos entes, seu modo de existir individual destinado ao descobrimento humano.

Vejamos como formula a Sabedoria Hiperbórea o princípio de individuação: EM TODO ENTE, ALÉM DO TERMO UNIVERSAL QUE SUBJAZ NO NÚCLEO INDISCERNÍVEL DE SEU SER EM SI, EXISTE UM TERMO PARTICULAR OU SER-PARA-O-HOMEM, CUJA FUNÇÃO É CAUSAR A EXISTÊNCIA INDIVIDUAL DOS ENTES E REVELAR AO HOMEM A ESSÊNCIA DE TAIS EXISTÊNCIAS INDIVIDUAIS. CADA ENTE FOI "DESIGNADO" PELO DEMIURGO COM UM TERMO PARTICULAR, QUE O HÁ DE INDIVIDUALIZAR-PARA-O-HOMEM: DAÍ QUE O TERMO PARTICULAR SE CONHEÇA COMO "DESÍGNIO DEMIÚRGICO DO ENTE". Com respeito ao desígnio, a Sabedoria Hiperbórea destaca a seguinte propriedade fundamental: À IGUALDADE DE ESPÉCIE, IDENTIDADE DE DESÍGNIO.

Mas esta última propriedade nos apresenta imediatamente um problema: se os membros de uma espécie, por exemplo, os cinco cães, foram designados pelo Demiurgo COM O MESMO TERMO PARTICULAR, como atua, pois, o "princípio de individuação", que nos permite assinalar concretamente: este aqui, aquele ali, etc.? Resposta: segundo vimos, o desígnio consiste em um Plano cujo projeto é uma série de matrizes arquetípicas: a resposta é que O ENTE INDIVIDUAL SE FORMA COM

BASE EM SÓ UMA DAS MATRIZES ARQUETÍPICAS DA SÉRIE FORMATIVA. Para ficar claro, notemos que cada um dos cinco cães foi designado pelo Demiurgo com O MESMO "DESÍGNIO CÃO": no entanto, cada um deles evolui conforme uma matriz arquetípica particular do Plano, que os transforma em "entes individuais"; por isso podemos assinalá-los sem dúvidas: este cão aqui, aquele ali, etc.

É claro que, com a resposta anterior, não ficou muito mais esclarecida a noção de desígnio demiúrgico. Se o desígnio é o verdadeiro princípio de individuação dos entes, não é por isso o ÚNICO fundamento da existência: pelo contrário, no momento de sua designação os entes JÁ SÃO, já têm um ser em si e com isso uma natureza específica; o que determina o desígnio é a formação INDIVIDUAL desta natureza específica. Portanto, no ato de existir, concorrem no ente dois termos, o universal do Arquétipo e o particular do desígnio, e só poderá ser compreendido dito ato, se se considera estruturalmente a função simultânea de ambos os termos.

A princípio, há que se afirmar que todo ente individual do Universo foi designado PARTICULAR pelo Demiurgo. Ainda que essa ideia possa parecer excessiva, não esqueçamos que a Consciência do Demiurgo está presente em todo ponto do espaço cósmico, através dos pontos indiscerníveis, observando todo ente com o Olho de Abraxas. Igualmente, o aspecto Logos do Demiurgo designa todo ente com que se manifesta qualquer Arquétipo universal. Como exemplo, pode-se assinalar que cada vez que o Arquétipo cão se manifestou em um dos cinco cães, no 1° grau do progresso evolutivo, o Demiurgo o nomeou, também, com o "desígnio cão", determinando-o como ente individual.

O desígnio é a PROPOSIÇÃO sobre os entes que o Demiurgo faz ao homem. Por isso, contrariamente ao ser em si, que está encerrado em si mesmo, inacessível na intimidade do núcleo indiscernível, o ser-para-o-homem, o desígnio, está pronto para revelar-se, para sair fora do ente e exibir a PROPOSTA essencial. Os desígnios, que são a VOX do Demiurgo nos entes, sua PALAVRA, ao estarem dirigidos para o homem, para revelar-lhe as essências, realizam um DISCURSO, um diálogo entre o homem e os entes, entre o pasu e seu Deus; e a RES-POSTA do homem, sua réplica, é a expressão do sentido, a projeção do sinal significativo sobre o ente, sobre o Demiurgo no ente, sobre seu Deus. Mas esta resposta do pasu ao discurso de Deus, à designação do ente pela expressão doadora de sentido, transforma o ente em objeto cultural, em membro de uma superestrutura, em parte integrante de uma cultura: por isso, a Sabedoria Hiperbórea afirma que a cultura surge de um ato dialético com a natureza, de um sermonis naturalis.

Temos que fazer aqui um esclarecimento semântico. Como veremos em seguida, o desígnio consiste, para o pasu, no SUPOSTO essencial do ente". Mas este conceito não será compreendido corretamente se não esclarecermos o significado do vocábulo "suposto", pois na linguagem corrente o mesmo adquiriu um sentido pejorativo de "falsidade" ou "hipótese". Com efeito, em castelhano, "suposto" é um particípio passivo do verbo transitivo "supor" (e em português também), ao que o Dicionário Sopena define como "Tomar como certa e considerar como existente uma coisa. Fingir uma coisa"; aqui se vê, já, o sentido negativo, mas onde melhor poderia se apreciar é na "ação de supor", ou seja, na "suposição"; o Dicionário Sopena diz que a suposição é: "Aquilo que se supõe ou se dá por certo. Autoridade, distinção ou talento, impostura ou falsidade". Por último, o mesmo dicionário afirma que "suposto" é: "Matéria que não se expressa na proposição, mas que serve de base à verdade dela. Hipótese. Todo ser que é princípio de seus atos".

Para esclarecer a confusão de significados devemos acudir às raízes latinas e assinalar que o "suposto" ao qual alude a Sabedoria Hiperbórea é o SUPPOSITUM, do verbo transitivo SUPPONO, que significa: COLOCAR DEBAIXO. Em nosso caso, o suppositum é o desígnio, "suposto no ente pelo Demiurgo como

aquela determinação ontológica essencial que se une à NATUREZA do ente, ou seja, à determinação ontológica do Arquétipo universal, para formalizar sua individuação específica". É evidente que o suppositum do desígnio no ente é um suposto real, uma condição essencial da factualidade do ente, e não uma mera Hipótese. No entanto, o vocábulo sempre aparecerá suspeito de irrealidade ou falsidade por sua conotação de suposição, ou suppositio, ou seja, hipótese nominal.

É imprescindível, pois, evitar a confusão, e, como não queremos prescindir do conceito de suppositum, o caminho inevitável parece ser a definição de um neologismo sinônimo, um vocábulo que denote o antigo significado de "colocar debaixo", mas que não conote que tal fato é uma "suposição". Quem reúne, sem dúvida, essas propriedades é o termo SUBPOSTO, que empregaremos daqui em diante como sinônimo de suppositum.

Pois bem: o desígnio foi PROPOSTO pelo Demiurgo como ser-para-o-homem do ente e, com essa suprafinalidade, o SUBPÕE no ente para que determine sua existência individual, de acordo com o princípio de individuação. Mas o desígnio é uma vox que consiste em uma série de matrizes arquetípicas: o que efetivamente atua na formação individual é UMA matriz arquetípica da série formativa; ESSA ÚNICA MATRIZ ATIVA É O SUBPOSTO ESSENCIAL DO ENTE. As restantes matrizes se denominam VIRTUAIS e são as que determinam as FORMAS ACIDENTAIS do ente, ou seja, as propriedades NÃO ESSENCIAIS que poderia obter ou perder durante sua existência. No entanto, no desígnio PROPOSTO em um ente, subsistem tanto a MATRIZ ESSENCIAL SUBPOSTA como a totalidade das MATRIZES VIRTUAIS que completam a série formativa "que vai desde o Demiurgo ao ente". Daí a analogia que mantém o desígnio com a esfera estratiforme segundo o postulado essencial: no ente, há todo instante, subsistem a totalidade das matrizes arquetípicas que integram o desígnio, analogamente a como na esfera estratiforme, a todo instante, estão presente TODAS as esferas concêntricas da série. Esse "ir do Demiurgo ao ente", com que qualificamos a "série de fases formais", indica que as matrizes arquetípicas estão em PROCISSÃO VERBAL, quer dizer, PROCEDEM do Logos demiúrgico, que é quem as PRODUZ com sua VOX. A analogia da "procissão verbal" das matrizes arquetípicas conserva-se ainda no modelo de desígnio desdobrado da figura 47, na série formativa de esferas, distribuídas sucessivamente em um ente ou sutratma, que representa o Verbo do Demiurgo, sua VOCIS DESIGNATIONIS.

De todas as matrizes arquetípicas do desígnio, que subsistem no ente, SÓ UMA REALIZA O SUBPOSTO ESSENCIAL QUE O INDIVIDUALIZA E, AO MESMO TEMPO, TORNA-O SER-PARA-O-HOMEM. O que significa isto? Chegaremos à resposta mediante um raciocínio.

Antes de tudo, afirmemos o que já foi explicado: PARA QUE UM ENTE INDIVIDUAL EXISTA COMO TAL, DEVEM CONCORRER DOIS TERMOS: UM, UNIVERSAL, É O SER EM SI, COMO SE MANIFESTA O ARQUÉTIPO UNIVERSAL; OUTRO, PARTICULAR, É O SER-PARA-O-HOMEM, COMO SE MANIFESTA O DESÍGNIO, A MATRIZ ESSENCIAL DO DESÍGNIO. Destes dois termos, o universal outorga EXISTÊNCIA NATURAL E IMPULSO EVOLUTIVO, e o "particular" EXISTÊNCIA INDIVIDUAL ESPECÍFICA. Desde logo, que se a própria existência do ente é causada pelos dois termos ao mesmo tempo, só é possível separá-los com a razão, por meio da análise. Mas esta análise, para não cometer os erros que criticamos em outro inciso, deve limitar-se a uma descrição estrutural. Só assim, sem esquecer que a existência ôntica reconhece uma dupla determinação ontológica inseparável, poderemos assinalar e descrever as propriedades de cada termo separadamente.

Com estas condições, podemos assegurar que o ser em si do ente, o termo universal, é quem lhe outorga EXISTÊNCIA NATURAL e quem o IMPULSIONA A PROGREDIR EVOLUTIVAMENTE EM SUA EXISTÊNCIA: o Arquétipo atua no ente, desde o ser em si, como princípio imanente do seu movimento evolutivo, um movimento em espiral, pelo qual o ente progride para a enteléquia ou finalidade. Pois bem: uma coisa que só existisse sustentada pela atividade do ser em si do Arquétipo universal teria subsistência natural, mas não entidade específica. Por exemplo, a atividade evolutiva do "Arquétipo cão" da figura 45, NO QUE UNICAMENTE A ELE RESPEITA, só conseguiria manifestar-se em substâncias de inequívoca NATUREZA CANINA, mas carentes de entidade específica: não poderíamos assinalar então, este cão aqui, esse outro ali, etc. Para que os entes emerjam individualmente do natural é necessário subpor uma essência específica: e essa é a função da matriz arquetípica essencial do desígnio. É assim que as cinco manifestações substanciais do Arquétipo cão, todas de idêntica natureza, transformam-se em ENTES INDIVIDUAIS, em cães, indivíduo e espécie, por estar SUBPOSTA a matriz essencial do desígnio cão, distinta em cada ente.

Certamente, a essência determinada pela "matriz essencial" é a essência real, a essência que caracteriza o ente individual, e não a "essência específica" ou quididade, ou seja, a essência contida na definição proposicional: a "essência específica" é uma generalização abstrata das propriedades reais do ente individual TOMADO NO PLURAL, ou seja, é um conceito-fatia da estrutura cultural; a "essência específica" corresponde ao caráter imanente do Arquétipo universal, ainda que isso seja impossível de verificar pelo pasu.

A essência da "matriz essencial", pelo contrário, é quem realmente determina a existência ôntica e quem efetivamente transcende o ôntico para revelar-se ao homem. Esta essência do ente individual é puramente singular e, portanto, É A PRIORI DA ESPÉCIE E DO GÊNERO, que só podem se determinar a partir da pluralidade: mas sua aprioridade é FACTUAL, enquanto a aposterioridade da espécie e do gênero é meramente IDEAL. Um conceito de "essência específica", construído com base em propriedades percebidas em entes individuais concretos, é "O LIMITE DA CERTEZA RACIONAL" que o virya desperto jamais se permitirá atravessar (Ver E3).

E10 – Estudo analógico de um ente concreto.

Reconhecemos, pois, duas determinações ontológicas fundamentais em todo ente: o termo universal e o termo particular. Ambos os termos determinam ambos os modos de existir: o termo universal causa a "existência natural" do ente, enquanto o termo particular causa sua "existência individual", a única que o pasu pode conhecer diretamente; a "existência natural" só pode ser inferida a partir da intuição, o específico em uma pluralidade de entes.

Podemos visualizar este processo de dupla determinação ontológica, se nos referimos a um exemplo específico e o representamos graficamente mediante o "modelo de desígnio desdobrado". Como exemplo, tomaremos um dos cavalos da figura 45 e, como modelo de desígnio, o desdobrado da figura 47. Chegamos, assim, à configuração que mostra a figura 48.

Para entender esta figura, há que se começar a examiná-la pelo "Arquétipo cavalo" que se encontra na parte superior, no espaço analógico correspondente ao plano arquetípico. Nesse plano, tal como se indica na figura 45, o Arquétipo cavalo é um SER UNIVERSAL, ou seja, um ser absolutamente singular, mas dotado de uma potência formativa que lhe permite manifestar sua enteléquia potencial em uma pluralidade de entes do plano material. A figura 48 exibe UM de tais entes individuais, cujo processo evolutivo foi surpreendido no momento em que alcança o enésimo

grau do valor positivo: a trajetória em espiral demonstra que o progresso do ente equino se efetuou de acordo com a “lei de evolução” dos processos arquetípicos. Se o ente equino tivesse sido surpreendido em qualquer outro “momento” de sua evolução, ou seja, em qualquer outro ponto da espiral evolutiva, o caso seria análogo ao representado na figura 48, com apenas a diferença de seu valor positivo medido na escala gradual de momentos progressivos. No entanto, o desenvolvimento do ente equino, determinado pela força do Arquétipo cavalo NÃO É SUFICIENTE PARA FAZER DESTE UM CAVALO INDIVIDUAL: “ESSE CAVALO”. O impulso evolutivo do Arquétipo cavalo, sua enteléquia potencial manifestada no plano material, só consegue dotar um átomo arquetípico, um gravis, de “natureza equina” em sua própria potência formativa. Com outras palavras, o gravis, que NÃO É ESTRUTURADOR DE FORMA, mas que possui entidade material, recebe a determinação formal para sua potência da parte do Arquétipo cavalo: esta é a natureza equina do ente, o termo universal, seu ser em si.

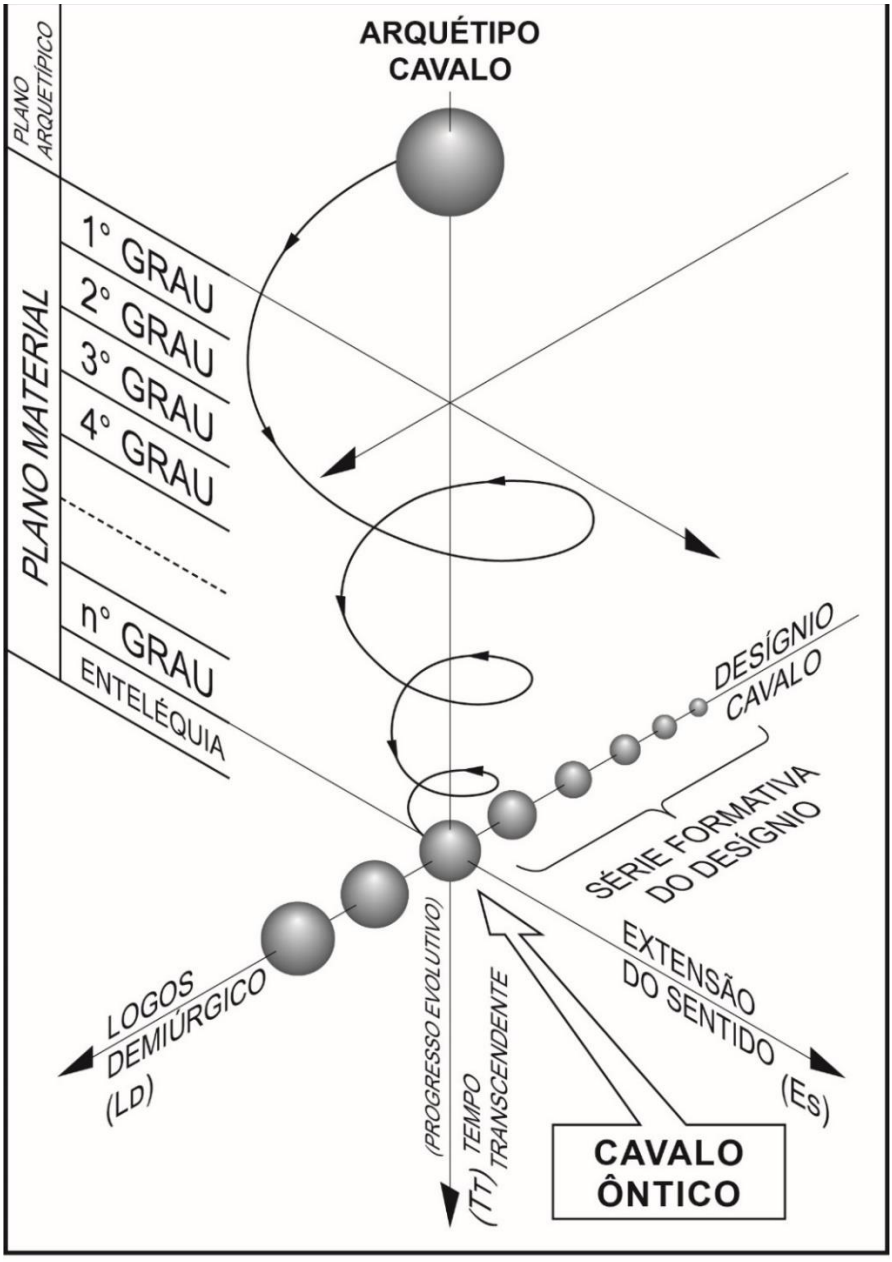

ARQUÉTIPO
CAVALO
PLANO ARQUETÍPICO
PLANO MATERIAL
1° GRAU
2° GRAU
3° GRAU
4° GRAU
n° GRAU
ENTELÉQUIA
DESÍGNIO CAVALO
SÉRIE FORMATIVA DO DESÍGNIO
LOGOS DEMIÚRGICO (LD)
(PROGRESSO EVOLUTIVO) TEMPO TRANSCENDENTE (TT)
EXTENSÃO DO SENTIDO (ES)
CAVALO ÔNTICO

FIGURA 48

A enteléquia potencial do Arquétipo cavalo coincide no núcleo indiscernível com a enteléquia gravis e daí, desde o ser em si do ente equino, ativa o processo evolutivo.

Mas a natureza equina do ente não faz deste um cavalo individual: “esse cavalo”; é necessário, para isso, a concorrência simultânea de uma segunda determinação ontológica: um termo particular que causa sua individuação, um princípio que faça DO cavalo, ESSE cavalo. Semelhante princípio não pode ser outra coisa mais que um PLANO ATIVO, quer dizer, um PLANO CAPAZ de tornar o ente equino em cavalo individual apenas pelo fato de sua subsistência. E isto é o DESÍGNIO CAVALO: um PLANO ATIVO porque é um PLANO VIVO; um PROGRAMA animado pelo Logos, pelo Verbo do Demiurgo, perfeitamente EFICAZ para formular a individualidade do ente equino; um Plano que forma todo Plano, que determina a existência DESSE cavalo individual, em relação lógica com todo outro cavalo e com todo outro ente; um Plano que, ao mesmo tempo que determina a existência individual do cavalo, constitui um projeto de seu DESTINO. O desígnio, em resumo, consiste em um Plano ativo, vivente, capaz e eficaz, para causar a individualidade do ente e programar seu destino. Na figura 48, mediante o modelo do desígnio desdobrado, podemos observar uma representação analógica do efeito que o desígnio cavalo causa no ente equino.

Sobre o eixo **(LD)**, que expressa uma DIREÇÃO ou INTENÇÃO do LOGOS DEMIÚRGICO, representou-se com esferas de diferente diâmetro consecutivo, o desdobramento analógico do desígnio cavalo: cada esfera corresponde a uma matriz arquetípica da série formativa, ou seja, do Plano ativo, de acordo com o modelo exposto na figura 47. A primeira coisa que se observa, na figura 48, é que o ente equino, que vinha evoluindo no plano material segundo uma trajetória espiriforme, consiste também em uma das matrizes arquetípicas do desígnio cavalo desdobrado: isso não é mais do que a expressão gráfica da dupla determinação ontológica do ente equino. A esfera assinalada como “cavalo ôntico”, ou seja, o cavalo real, individual, ESSE cavalo, é ao mesmo tempo UMA das matrizes arquetípicas do desígnio, a MATRIZ ESSENCIAL, e UM ente equino que evolui progredindo para a enteléquia, com movimento espiriforme. Mas a FORMA do cavalo ôntico é determinada exclusivamente pela matriz essencial do desígnio, tal como mostra a figura, que, por isso, se denomina “termo particular” ou ser-para-o-homem: o termo universal, o ser em si do ente equino, ou seja, a enteléquia potencial do Arquétipo cavalo subjacente em um núcleo indiscernível, não pode ser representada sob nenhuma forma; sua presença no cavalo ôntico só tem que ser inferida pela espiral da lei da evolução, o que corresponde estritamente com os fatos reais, já que tal espiral representa o PROCESSO evolutivo do Arquétipo cavalo, ou seja, o NEXO que une, a todo momento, o Arquétipo cavalo com sua enteléquia potencial ou ser em si do ente equino.

A compreensão da figura 48 será mais completa se notamos que o cavalo ôntico existe em um “espaço analógico macrocósmico”, formado pelos eixos (**LD**), (**ES**) e (**TT**), semelhante ao que se definiu na figura 46. É conveniente, da mesma forma, examinar esse espaço analógico em relação com a figura 39. Com respeito à trajetória espiriforme que desenvolve o ente equino no plano material, cabe avisar que a mesma ocorre NO SENTIDO DO TEMPO TRANSCENDENTE (**TT**), o que confirma O VALOR POSITIVO DO PROGRESSO TEMPORAL: o Arquétipo cavalo se ATUALIZA constantemente à medida que o ente equino evolui; a “lei da evolução” consiste em um movimento em espiral com o que o processo vai formando o ente até ajustá-lo à enteléquia potencial; e nesse devir, que acontece no tempo transcendente, o ente equino vai progredindo, vai ganhando valor, tal como se comprova na “escala de momentos progressivos” graduada, à esquerda da figura.

A noção de "desígnio demiúrgico" ficará bastante clara, agora, se aprofundamos na descrição analógica da figura 48. Consideremos, em primeiro lugar, as matrizes arquetípicas que integram a série formativa do desígnio cavalo: só UMA delas, a MATRIZ ESSENCIAL, determina a forma individual do cavalo ôntico, transforma o ente equino universal NESSE cavalo particular. O que ocorre então com as restantes matrizes da série, ou seja, com as MATRIZES VIRTUAIS? Resposta: salvo a matriz essencial, que é permanentemente ativa, as restantes matrizes da série, as matrizes virtuais, subsistem no cavalo ôntico como POSSIBILIDADE DE DETERMINAÇÃO NÃO ESSENCIAL DA FORMA EQUINA. As matrizes virtuais são, pois, as que determinam AS PROPRIEDADES ACIDENTAIS do cavalo ôntico, aquilo que se pode agregar ou tirar do mesmo, sem que por isso deixe de ser ESSE cavalo: À SEQUÊNCIA DE MATRIZES VIRTUAIS QUE SE ATUALIZAM EM ALGUM MOMENTO, POR PEQUENA QUE SEJA, DO PASSADO, PRESENTE OU FUTURO, DA VIDA DE UM MESMO CAVALO, E EM UM MESMO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICA, DENOMINA-SE "DESTINO REAL DO CAVALO ÔNTICO". Essa resposta nos diz que toda propriedade acidental que altere a forma do cavalo ôntico, ainda aquela modificação contingente que aparenta ser efeito de puro acaso, oculta na realidade uma origem determinada pelas matrizes virtuais: o acidente só pode acontecer sobre a forma essencial porque se encontra FUNDAMENTADO pela matriz virtual em ato; o acidente é o ato da matriz virtual. Há assim, em cada ente individual, em cada cavalo, uma certa APTIDÃO para receber ou ceder propriedades não essenciais, uma certa CAPACIDADE para a mudança acidental, ou seja, uma predisposição para cumprir um DESTINO.

O ser em si atua desde a intimidade do ente equino, desde o núcleo indiscernível, impulsionando um processo evolutivo que visa a perfeição entelequial; a matriz essencial do desígnio, do ser-para-o-homem, forma o ente equino e lhe outorga individualidade concreta, fazendo factível a realidade daquela perfeição proposta; as matrizes virtuais decidem, em relação com os restantes entes do macrocosmo, se a perfeição entelequial será alcançada ou não, se a evolução do ente equino continuará até tal ou qual grau, ou se se deterá e ocorrerá a dissolução ôntica, etc.; as matrizes virtuais decidem, pois, a sorte do cavalo ôntico, seu destino real. Sintetizando tudo isto, O "TERMO UNIVERSAL" DO ENTE EQUINO, SEU SER EM SI, LHE OUTORGA "EXISTÊNCIA NATURAL" E "IMPULSO EVOLUTIVO" ENQUANTO O "TERMO PARTICULAR", O DESÍGNIO OU SER-PARA-O-HOMEM, PELA ATIVIDADE DA MATRIZ ESSENCIAL SUBPOSTA LHE ASSEGURA "EXISTÊNCIA INDIVIDUAL ESPECÍFICA". A ESSA EXISTÊNCIA, NATURAL E ESPECÍFICA, AS MATRIZES VIRTUAIS CONDICIONAM COM UM "DESTINO ÚNICO".

Por último, pode-se completar o conceito do desígnio COMO SÉRIE FORMATIVA, recorrendo ao modelo de desígnio definido na figura 46. Segundo o postulado essencial do modelo estrutural, se o ente externo consiste em uma esfera estratiforme, seu esquema na estrutura cultural consistirá em uma conexão cilíndrica semelhante à das figuras 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24 e 25. Dada sua importância como modelo, convém apresentar alguma precisão a mais sobre a esfera estratiforme: vale destacar, então, a QUALIDADE de que cada esfera, desde a mais exterior ou superficial até a mais interior ou central, diferencia-se de sua imediata consecutiva em que SEU RAIO É UM PONTO MENOR. Isto se compreenderá facilmente se estabelecemos a condição de que cada esfera concêntrica seja de ESPESSURA PONTUAL e de que NÃO EXISTA ESPAÇO VAZIO NELAS.

O "raio" de uma esfera é a distância que se mede entre o ponto central (0) e qualquer um dos pontos da superfície interior ou exterior: no primeiro caso, a distância se denomina "raio interior"; e no segundo caso, "raio exterior": a diferença

entre a extensão ou "módulo" de ambos os raios é igual à espessura da esfera, ou seja, à distância entre dois pontos correspondentes da superfície interior e exterior. É claro que, de acordo com a condição estabelecida, "de que cada esfera seja de espessura pontual", a distinção entre "raio interior" e "raio exterior", carece de sentido; convém definir, em troca, um "raio único", tal que o seu ponto extremo não central coincida com um ponto da superfície esférica. E, para cumprir a segunda condição, "de que não exista espaço vazio entre elas", fica evidente que os raios das esferas consecutivas só vão diferir em um ponto de sua longitude ou módulo. Uma situação semelhante se ilustrou na figura 49, onde os círculos representam os pontos de duas esferas consecutivas e os arcos de circunferência ou segmentos da secção de suas espessuras: nesse caso, o raio (ρ) da esfera consecutiva interior é um ponto menos extenso que o raio (φ) da esfera maior.

Assim disposta a esfera estratiforme, o que nos diz o modelo de desígnio? Resposta: que se cada esfera consecutiva difere unicamente em um ponto radial de sua imediata anterior ou posterior, e se cada uma delas corresponde analogicamente a uma matriz arquetípica do desígnio real, então as matrizes arquetípicas da série formativa hão de diferir consecutivamente entre si EM APENAS UMA QUALIDADE, NOTA, TRAÇO, CARÁTER, PROPRIEDADE, ETC. Com outras palavras, por exemplo, uma matriz difere da seguinte em uma qualidade, e esta, por sua vez, difere da seguinte em outra qualidade distinta, e esta matriz, logo, difere também da que segue em outra qualidade distinta de uma das duas anteriores, e assim sucessivamente até completar a série formativa com matrizes arquetípicas referidas à determinação de um mesmo ente: compreende-se, pois, a enorme quantidade de matrizes arquetípicas que tem que estar contidas no desígnio de um ente, se as mesmas têm que oferecer um alto número de qualidades e suas combinações formais e estruturais.

Pode-se aplicar esta conclusão ao exemplo da figura 48, ou seja, ao desígnio cavalo, se renunciamos previamente ao emprego do modelo de desígnio desdobrado e consideramos, como realmente ocorre, que no ente equino, em seu ser-para-o-homem, subsiste a totalidade das matrizes arquetípicas da série formativa. Sendo assim, podemos afirmar que toda matriz cavalo, da série formativa do desígnio cavalo, difere de qualquer outra matriz consecutiva em só uma qualidade. Quando atua o princípio de individuação, uma matriz arquetípica particular, única para ESSE cavalo, forma o ente equino, dá termo individual à sua natureza, e se ativa como "matriz essencial" do cavalo real: é fácil inferir, daí, que as matrizes consecutivas mais próximas, matrizes virtuais do cavalo, só hão de diferir muito levemente da matriz essencial ativa: em uma qualidade ou nota, cada uma. Uma diferença apreciável logo se poderia perceber após tomar uma "distância formal" da matriz essencial, quer dizer, após situar-se em um ponto distante da série formativa e efetuar uma comparação da homologia estrutural com a matriz virtual ali observada.

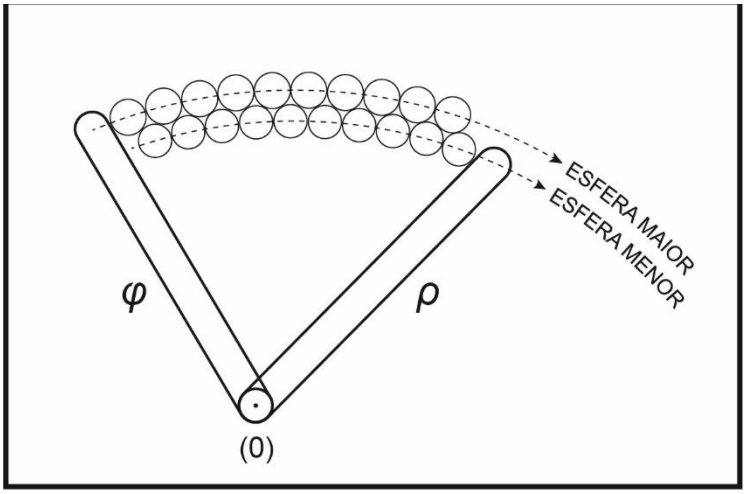


FIGURA 49

Finalmente, não há que se esquecer que tais diferenças qualitativas entre as matrizes arquetípicas são as que determinam os acidentes e o destino do ente.

E11 - Gnoseologia do desígnio ou ser-para-o-homem.

O desígnio demiúrgico é o ser-para-o-homem do ente, o termo que faz que o ente seja um indivíduo-para-o-homem, uma coisa única, que emerge do natural e se revela à intuição sensível e à razão: a matriz essencial subposta e a eventual atividade das matrizes virtuais, DETERMINAM para o homem as perfeições em potência do ser em si do ente, perfeições que subsistem no núcleo indiscernível, como a natureza universal do ente determinada pela enteléquia potencial. Daí que convenha perceber uma importante distinção entre ambos os TERMOS, o "universal" ou ser em si e o "particular" ou ser-para-o-homem. O ser em si ou enteléquia potencial, com efeito, é a finalidade da evolução do ente e, portanto, um TERMO POTENCIAL, um "termo universal", mas próprio do futuro atual; o ser em si, no rigor da Sabedoria Hiperbórea, é um TERMO UNIVERSAL POTENCIAL. O ser-para-o-homem, o desígnio demiúrgico do ente, pelo contrário, é a suprafinalidade proposta para o homem, esse microcosmo onde se refletirá a essência do ente e desde onde se retornará o sentido ao ente: operação, ato de amor, com o qual o microcosmo, o pasu, cumpre sua finalidade ético-psicológica e proporciona prazer ao Demiurgo; o desígnio demiúrgico não só individualiza o ente, como está disposto a revelar esta individualidade ao homem A TODO MOMENTO, quer dizer, EM CADA MOMENTO DO PROCESSO EVOLUTIVO. O desígnio está ligado, assim, ao ATO INDIVIDUAL do ente e, por isso, é um TERMO ATUAL, um "termo particular", mas próprio do presente atual; ser-para-o-homem, no rigor da Sabedoria Hiperbórea, é um TERMO PARTICULAR ATUAL.

Quando a intuição sensível de um ente externo coloca este em contato com a razão, e a primeira operação elimina o Arquétipo universal, fica descoberto o desígnio, "mais perto da esfera sensorial", quer dizer, fica exposto o seu Plano para interpretação da segunda operação racional: a razão constrói, então, um ESQUEMA SÊMICO do desígnio demiúrgico e o integra como Relação entre Princípios, como conexão entre nós da estrutura cultural. O esquema contido na Relação constitui a

VERDADE do ente porque é a interpretação racional, um reflexo interno, da ESSÊNCIA verdadeiramente conhecida do ente: para o sujeito cultural ou para o sujeito consciente, a apreensão, a qualquer momento, do esquema do ente ou Relação equivale à efetiva apreensão do ente. No entanto, a inteligência do pasu ou do virya perdido só é suficiente para notar o esquema no contexto de uns poucos planos de significação habitual: de semelhante notação surgem os conceitos-fatia, que são símbolos incompletos do ente, descrições linguísticas do esquema. No entanto, de todas as linguagens possíveis, há uma que é normalmente "horizontal" e corresponde a um idioma sociocultural, quer dizer, a uma linguagem que é habitualmente empregada para expressar e COMUNICAR o significado dos conceitos aos restantes membros da sociedade cultural; O CONCEITO DO ENTE, EXPRESSADO NESSA LINGUAGEM NORMALMENTE HORIZONTAL, PROPÕE COMO VERDADE DO ENTE A DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA MATRIZ ESSENCIAL. Mas esta definição requer uma explicação detalhada.

Antes de tudo, devemos reparar que o desígnio sempre revela a totalidade de seu Plano e que a razão sempre constrói um esquema do desígnio que tem correspondência sêmica com a totalidade de dito Plano. Na figura 46, onde se representou o postulado essencial do modelo estrutural, pode-se ver que, a cada esfera concêntrica do modelo de desígnio, ou seja, a cada matriz arquetípica da série formativa em que consiste o Plano, corresponde um plano axial do modelo de esquema ou Relação, da conexão cilíndrica da estrutura cultural: a totalidade de planos axiais formam um feixe no interior da conexão cilíndrica, integrando seu volume, ou seja, integrando sua COMPREENSÃO. A cada um de tais planos axiais, de natureza sêmica, denominamos na Primeira Parte: CONCEITO-FATIA da verdade do ente (ver figuras 14, 15 e 16). É evidente, agora, que um conceito-fatia só contém a descrição sêmica de uma matriz arquetípica: por isso, do mesmo afirmamos que é um símbolo incompleto (do ente), um aspecto da verdade. Somente a apreensão simultânea de todos os planos axiais, ou seja, se se experimenta a COMPREENSÃO do esquema completo do ente, somente essa vivência, ofereceria ao sujeito cultural e ao sujeito consciente uma noção cabal da essência ôntica, uma noção que corresponda racionalmente com o ser-para-o-homem revelado pelo ente, uma noção que contenha, não só o conhecimento da atualidade do ente, e ainda sua essência permanente, senão também o projeto do seu destino real: é indubitável, pois, que a representação racional ou consciente de um conceito-fatia, por mais profundamente que este tenha sido vivenciado, só será um símbolo incompleto, um símbolo cujo significado proposto descreverá um aspecto do ente, por exemplo, uma forma, alguma função, uma qualidade, uma propriedade, um traço, etc.

Mas esta última maneira de vivenciar a verdade do ente, de modo meramente conceitual, é característica do pasu e do virya perdido, tal como se demonstrou na Primeira Parte. O sujeito cultural do pasu, por meio da faculdade tradutora, é capaz de explorar os diferentes planos axiais da conexão cilíndrica e de notá-los, um por um, no contexto significativo de uma linguagem habitual: cada plano axial corresponde, segundo vimos, a uma matriz arquetípica de desígnio, e o conceito-fatia que produz sua vivência contém, da mesma forma, uma descrição linguística, uma codificação da matriz arquetípica como "aspecto" da verdade do ente. A faculdade tradutora possibilita essa notação significativa e, além disso, a representação consciente de um símbolo emergente que replica o significado: para isso, para assegurar a direção da emergência para a esfera de consciência, o conceito será sempre notado EM UM PLANO DE SIGNIFICAÇÃO HORIZONTAL, por causa da potência ativa que subjaz nos símbolos do esquema. Recordemos o que foi dito na Primeira Parte a respeito: "Consideremos o processo do pensar racional. Um pensamento iluminou o sistema e o relevo de um significado se perfila

sobre o horizonte da significação contínua. Mas a faculdade tradutora nota o significado perfilado sobre um determinado plano de significação: o contexto significativo que outorga significação ao significado, se "nivela" sobre dito plano particular. Sabemos que a faculdade tradutora é a capacidade para tornar inteligível a verdade do ente em uma pluralidade de planos de significação oblíquos: no entanto, qualquer que seja a inclinação do plano de significação, o pensamento sempre é vivenciado com referência a um "plano horizontal". Isto ocorre assim porque a faculdade tradutora é uma função das potências ativas das Relações: em toda Relação existe uma referência potencial à esfera de consciência, como "centro de referência" de si mesmo, que nivela e torna horizontais os planos de significação nos quais o significado é notado. Não importa, então, quão oblíquo seja na estrutura cultural o plano de significação no qual a faculdade tradutora tenha notado o significado de uma Relação: no pensamento, o significado, e seu contexto, sempre serão horizontais, ou quando a inteligência seja tão elevada para permitir notar o significado em várias linguagens oblíquas". "A atualização de um sistema, sua "iluminação" motiva o sujeito para experimentar sua vivência": vimos que, nestes casos, o sujeito cultural situa-se SOBRE o sistema, com o fim de vivenciar o esquema da Relação. Mas o sujeito cultural, de onde procede? Como chegou até o sistema iluminado? Resposta: indubitavelmente, salvos casos de anormalidade extrema, o sujeito cultural encontra-se SOBRE A ESTRUTURA HABITUAL, NO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO HORIZONTAL DA LINGUAGEM SOCIOCULTURAL. Para "chegar" ao sistema iluminado o sujeito cultural se desloca horizontalmente pela estrutura cultural SOBRE O PLANO DA LINGUAGEM HABITUAL. Mas este "chegar" ao sistema sobre um plano horizontal implica em que o esquema será notado em seu contexto, ou seja, que será experimentado como CONCEITO DA LINGUAGEM HABITUAL". Considerando o exemplo da figura 48, ou seja, o caso em que o esquema "iluminado" correspondesse à verdade de um cavalo, o sujeito cultural notará, pois, o CONCEITO HABITUAL do cavalo, o conceito do cavalo como "objeto cultural exterior", o conceito do cavalo em idioma corrente.

Mas este "conceito habitual" do cavalo, que todos entendem por que está expressado em idioma corrente e alude ao cavalo real, a que matriz arquetípica do desígnio cavalo corresponde? Resposta: à matriz essencial. É evidente que se a matriz essencial é a forma subposta que individualiza o cavalo, a forma que determina sua natureza equina e faz dele ESSE cavalo, então ESSE cavalo será conhecido primeiramente sob tal forma essencial: O CONCEITO HABITUAL DO CAVALO É UMA DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA MATRIZ ESSENCIAL DO DESÍGNIO CAVALO, e este "conceito habitual", segundo vemos, é o aspecto da verdade do cavalo que normalmente se nota na linguagem sociocultural habitual, no idioma corrente. Por isso definimos anteriormente que "O CONCEITO DO ENTE, EXPRESSADO NESSA LINGUAGEM NORMALMENTE HORIZONTAL, PROPÕE COMO VERDADE DO ENTE A DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA MATRIZ ESSENCIAL".

O modelo de desígnio permite estender esta definição de "conceito habitual" para todo ente. Na figura 46, com efeito, pode-se comprovar que um dos planos axiais, assinalado, é paralelo ao plano de significação horizontal **(STT)**: O PLANO AXIAL REPRESENTA O CONCEITO HABITUAL DO ENTE, QUER DIZER, O CONCEITO DA MATRIZ ESSENCIAL. Na mesma figura observam-se, além disso, outros planos axiais dentro da conexão cilíndrica ou esquema do ente: são os conceitos-fatia das matrizes virtuais do desígnio, conceitos que só podem ser notados no contexto de planos de significação oblíquos, correspondentes a linguagens não habituais.

Toda matriz virtual diferencia-se de sua imediata consecutiva em uma qualidade ou nota. Ao serem interpretadas racionalmente como conceitos-fatia, as

diferenças qualitativas entre as matrizes virtuais se mantêm invariantes. Por isso, à medida que nos afastamos do conceito habitual, ou seja, do plano axial AB da figura 46, os conceitos-fatia oblíquos apresentam diferenças cada vez maiores, ASPECTOS INSÓLITOS DA VERDADE DO ENTE. É um caso análogo ao examinado em E10 com respeito ao desígnio cavalo: "é fácil inferir que as matrizes consecutivas mais próximas, matrizes virtuais do cavalo, só hão de diferir muito levemente da matriz essencial ativa: em uma qualidade ou nota cada uma. Uma diferença apreciável que se poderia observar após tomar "distância formal" da matriz essencial, ou seja, depois de situar-se em um ponto distante da série formativa e de efetuar uma comparação da homologia estrutural com a matriz virtual ali observada". E este caso é análogo porque o postulado essencial do modelo estrutural nos demonstra que a cada matriz do desígnio corresponde um plano axial ou conceito-fatia no esquema da Relação. No esquema do cavalo, por exemplo, podemos imaginar que os conceitos-fatia mais próximos ao conceito habitual apenas diferem deste em alguma qualidade; ao conceito habitual do cavalo, correspondente à matriz essencial do desígnio cavalo, vão seguir, por exemplo, os conceitos não habituais, mas muito semelhantes, de "zaino", "alazão", "tordilho", "oveiro", etc., correspondentes a matrizes virtuais do desígnio cavalo, matrizes que determinam as notas acidentais da forma equina.

Pois bem, até que extremo podem chegar as diferenças qualitativas entre o conceito habitual e os conceitos oblíquos, já tratamos ao estudar "O mito e o símbolo sagrado". A série formativa do desígnio é uma procissão de matrizes arquetípicas que vão do Demiurgo ao ente: no extremo da série está sempre o Arquétipo universal do ente, o qual é um aspecto do Demiurgo, "o Deus do ente"; daí que, ao ser esquematizada pela razão a matriz extrema do desígnio, a que corresponde ao Deus do ente, conforme um conceito extremamente oblíquo, um conceito-fatia cujo conteúdo se denomina "mito" e sua representação "símbolo sagrado". No artigo citado, para o exemplo específico de um esquema do peixe, descreveu-se como a fantasia de um peixe alado poderia desencadear a emergência de um símbolo sagrado, desde o conceito oblíquo correspondente ao Deus do ente, e a manifestação autônoma do mito. Mas a mesma explicação poderia se aplicar ao caso do desígnio cavalo e seu esquema da estrutura cultural, apenas considerando que no extremo da série formativa, e consequentemente no conceito oblíquo mais extremo, existe uma matriz virtual que corresponde a um "Deus Cavalo", por exemplo, a um Pégaso.

Há que se avisar aqui que a teoria gnosiológica da Sabedoria Hiperbórea será exposta completamente no quinto tomo. Como se explicará ali, o "postulado essencial do modelo estrutural" permite descrever analogicamente a "correspondência gnosiológica" que se estabelece entre um ente externo designado e a estrutura cultural do pasu durante a "percepção". No entanto, o ente designado, que revelou seu ser-para-o-homem à percepção do pasu, espera receber o sentido mediante a "expressão" e tornar-se objeto cultural. Este segundo movimento, a "correspondência axiológica entre a estrutura cultural e o ente externo, requererá a definição de outro princípio do modelo estrutural, para ser compreendido analogicamente: o "postulado patente".

E12 – Estudo analógico do desígnio átomo.

Em E9, ao explicar o princípio de individuação dos entes, afirmamos que "À IGUALDADE DE ESPÉCIE, IDENTIDADE DE DESÍGNIO". Este conceito significa que todos os membros de uma mesma espécie, por exemplo, os cinco cães da figura 45, foram assinalados pelo Verbo do Demiurgo com idêntico desígnio: O DESÍGNIO DE CADA CÃO É IDÊNTICO; O QUE FAZ DELES "ENTES INDIVIDUAIS" É O FATO

DE QUE EVOLUEM MOLDADOS EM DISTINTAS MATRIZES ARQUETÍPICAS DO MESMO DESÍGNIO; TAIS MATRIZES ATIVAS, EM CADA CÃO, DENOMINAM-SE "MATRIZES ESSENCIAIS"; NO ENTANTO, POR PERTENCEREM TODAS ELAS À SÉRIE FORMATIVA DO DESÍGNIO CÃO, A MATRIZ ESSENCIAL DE UM CÃO INDIVIDUAL PODE CORRESPONDER A UMA MATRIZ VIRTUAL DE OUTRO CÃO. SE UM CÃO É "CANNIS FAMILIARIS", NÃO PODE SER AO MESMO TEMPO "CANNIS LUPUS": CONTUDO, A MATRIZ DO "CANNIS LUPUS" ENCONTRA-SE VIRTUALMENTE NO DESÍGNIO DO "CANNIS FAMILIARIS", CONJUNTAMENTE COM AS MATRIZES VIRTUAIS DO "CANNIS OCCIDENTALIS", "CANNIS AUSTRALIANIS", ETC. TAMBÉM, SE UM CÃO REAL É, POR EXEMPLO, "NEGRO", ESTA QUALIDADE CROMÁTICA, ESTE ACIDENTE SE AGREGA À SUA ESSÊNCIA CANINA ESPECÍFICA; MAS TODA OUTRA QUALIDADE CROMÁTICA POSSÍVEL, BRANCO, MANCHADO, ETC., ESTÁ PRESENTE EM SEU DESÍGNIO, SOB A FORMA DE ALGUMA MATRIZ VIRTUAL DA SÉRIE FORMATIVA. O CÃO NEGRO PODERIA ADOECER E SEU PELO MUDAR DE COR E TORNAR-SE CINZA: MAS A CONCRETIZAÇÃO DE TAL ACIDENTE SÓ É POSSÍVEL PORQUE A MATRIZ VIRTUAL DA COR CINZA, SUBSISTENTE EM SEU DESÍGNIO, O PERMITE.

A Sabedoria Hiperbórea sempre afirmou este conceito de: "à igualdade de espécie, identidade de desígnio", e é por isso que desde outrora houve sábios que souberam ver, por trás da matriz essencial que individualiza um determinado ente específico, outras possibilidades formais subjacentes em seu ser cognoscível, às quais denominaram "qualidades potenciais da coisa", possibilidades que, na realidade, procediam das matrizes virtuais da série formativa do desígnio. Um exemplo clássico dessa afirmação hiperbórea se constitui no conceito de "matéria" e "átomo material", cuja antiguidade remonta-se à época atlante e que se manteve até a Idade Moderna europeia, ou seja, até que a "Ciência empírica" e gnosiologicamente daltônica o desterrasse. Neste subartigo vamos expor aquele antigo conceito hiperbóreo e demonstrar o erro e a insuficiência do conceito moderno com o qual se o substituiu. O conceito hiperbóreo é bem simples de expor: "EM TODO ENTE FÍSICO, SUA SUBSTÂNCIA MATERIAL SE CARACTERIZA POR SER DE UMA ÚNICA NATUREZA ESSENCIAL" E: "TODOS OS ÁTOMOS MATERIAIS SÃO DE UMA MESMA ESPÉCIE". A Sabedoria afirmou, pois, em princípio, que SÓ EXISTE "UMA" SUBSTÂNCIA MATERIAL, "UMA" ÚNICA ESSÊNCIA, "UM" SÓ TIPO DE ÁTOMO, devido ao modo como o Demiurgo construiu o macrocosmo: pela imitação multiplicadora de uma única mônada, reflexo de Si Mesmo, cuja manifestação material consiste no átomo gravis, e pela combinação multiplicadora dos dez Arquétipos fundamentais, reflexo de seus dez Rostos, cuja expressão pneumática constitui o desígnio dos entes. A crescente cegueira dos homens, correlativa com o avanço das Trevas do Kaly Yuga, foi degradando esse conceito, e assim acabou-se por distinguir quatro substâncias básicas ou essências materiais, logo cinco ou sete, ultimamente noventa e dois elementos e, finalmente, na atualidade, mais de cem.

Mas o ocorrido é também bem simples de explicar: enquanto a Sabedoria Hiperbórea sustenta que EXISTE UM DESÍGNIO ÁTOMO, em cuja série formativa subsistem todas as matrizes arquetípicas que individualizam os entes específicos, a Ciência atual classificou os entes físicos como se estivessem compostos por diferentes tipos de substâncias e confeccionou uma "tabela periódica" na qual tais "substâncias" estão ordenadas por "número atômico", ou seja, pelo número de elétrons que se somam em todas suas camadas ou níveis de energia, e colunadas, de acordo com a repetição periódica de propriedades químicas similares. Um exemplo de semelhante tabela pode-se ver na figura 50.

O critério "científico" e dogmático empregado para desenvolver a tabela periódica se baseia ainda no conceito de Robert Boyle, alquimista fracassado do século XVII, segundo o qual "um elemento físico fundamental é aquele que pode se combinar com outros para formar um composto, mas que não pode decompor-se em uma substância mais simples, uma vez separado de toda outra substância química". Com tal critério, os químicos acabaram por reconhecer como "elementos fundamentais" e essencialmente diferentes o que são só entes atômicos, gravis, individualizados pelas matrizes arquetípicas de um único "desígnio átomo". A "tabela periódica" não é, pois, mais do que um "modelo de desígnio desdobrado", ou seja, um modelo realizado inconscientemente pela Ciência, no qual se "desdobram" erroneamente as matrizes arquetípicas do desígnio átomo. E dizemos que se desdobram "erroneamente" porque a tabela periódica, tal como se observa na figura 50, está ordenada DA ESQUERDA PARA A DIREITA, ou seja, SEGUNDO O SENTIDO DOS ALFABETOS INDO-GERMÂNICOS, o que constitui um disparate esotérico, já que dito sentido foi disposto por Wotan quando ensinou aos arianos o uso das runas JUSTAMENTE PARA RESSIGNIFICAR OS DESÍGNIOS ÔNTICOS. As vozes de todo desígnio, as matrizes arquetípicas, pelo contrário, têm o sentido real da DIREITA PARA A ESQUERDA, como o alfabeto hebraico, e assim deveria ordenar-se a "tabela periódica" se, pelo menos, se deseja que em algo coincida com a realidade dos entes atômicos.

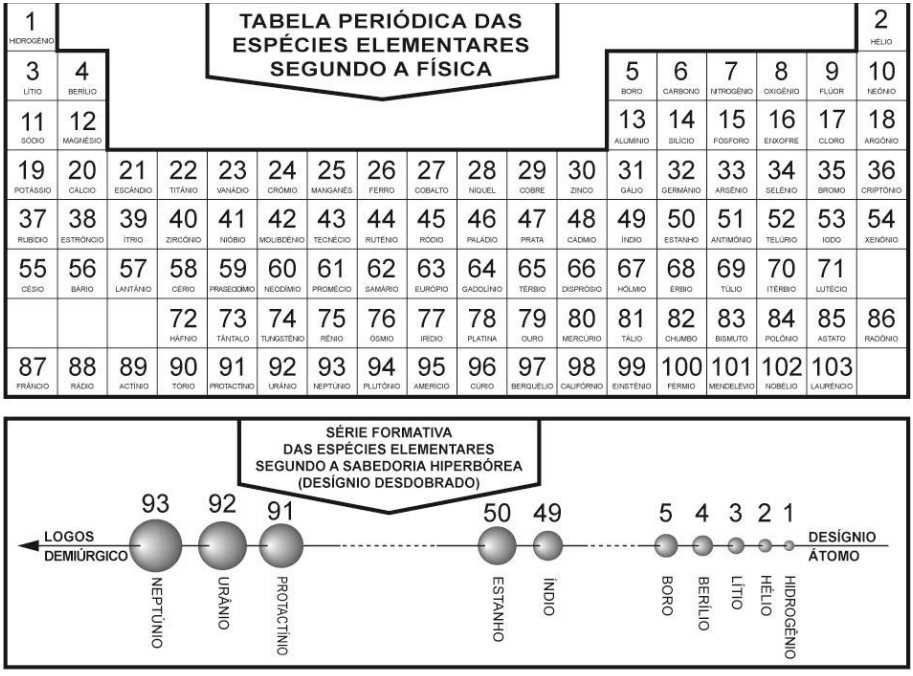


FIGURA 50

Na parte inferior da figura 50 se representou um "modelo desdobrado" do desígnio átomo, que mostra o sentido real do Logos demiúrgico e demonstra que os

pretendidos “elementos fundamentais” são só matrizes arquetípicas da “série formativa”.

Segundo a Sabedoria Hiperbórea, e de maneira análoga a como se explicou para o caso do desígnio cavalo, na matéria atômica rege o princípio: “à igualdade de espécie, identidade de desígnio”. Quer dizer que, sendo todos os átomos materiais exemplares de uma mesma espécie, seu desígnio é idêntico, QUALQUER QUE SEJA A QUALIDADE ESSENCIAL QUE APARENTEMENTE OS DIFERENCIE. Este conceito hiperbóreo será claro se nos referimos a casos concretos, por exemplo, aos elementos da tabela periódica.

Segundo a Física, as substâncias elementares da tabela são essencialmente diferentes entre si: não é o mesmo, por exemplo, o elemento 79 e o elemento 82, não é o mesmo o ouro e o chumbo. O átomo de ouro tem 79 elétrons enquanto o de chumbo conta com 82; mas, além disso, apresentam diferentes pesos atômicos por causa do diferente número de partículas do núcleo, especialmente nêutrons: o átomo de ouro “pesa” 196,967 enquanto o de chumbo 207,19. Tais diferenças de “estrutura atômica” causariam as distintas qualidades que caracterizam o elemento ouro e o elemento chumbo. Segundo a Física, pois, estes dois elementos, o ouro e o chumbo constituem duas substâncias da natureza essencialmente diferentes: NADA REAL HAVERIA NO OURO QUE TENHA A VER COM A ESSÊNCIA DO CHUMBO E NADA REAL HAVERIA NO CHUMBO QUE TENHA A VER COM A ESSÊNCIA DO OURO; A VINCULAÇÃO QUE A FÍSICA ESTABELECE ENTRE AMBOS É SÓ TEÓRICA, PRODUTO DA COMPARAÇÃO ENTRE SUAS ESTRUTURAS ATÔMICAS: NA REALIDADE AMBOS OS ELEMENTOS SÃO ESSENCIALMENTE DIFERENTES E NÃO HÁ NADA CONCRETO NELES QUE OS RELACIONE REALMENTE ENTRE SI. Tal é o conceito da Física.

Pois bem, algo muito distinto afirma a Sabedoria Hiperbórea sobre o ouro e o chumbo, ou sobre qualquer outro elemento da tabela periódica.

Para a Sabedoria Hiperbórea, TODOS OS “ELEMENTOS” DA TABELA PERIÓDICA SÃO MEMBROS PARTICULARES DA MESMA ESPÉCIE “ÁTOMO” E, PORTANTO, TÊM IDÊNTICO DESÍGNIO DEMIÚRGICO. Quer dizer que o hidrogênio (1), hélio (2), lítio (3), ..., ouro (79), mercúrio (80), tálio (81), chumbo (82), ..., urânio (92), etc., são entes atômicos que existem por causa do mesmo desígnio demiúrgico: em cada um deles subjaz o mesmo PLANO ATIVO, a mesma série formativa de matrizes arquetípicas. O que diferencia os membros da espécie átomo é o princípio de individuação, quer dizer, a matriz essencial com a qual se individualizaram dentro da forma específica. Assim, o “átomo de ouro” não é mais que a individuação de um ente atômico universal, ou gravis, sob a forma subposta da matriz essencial “ouro”; e o mesmo pode se afirmar, por exemplo, do “átomo de chumbo”, o qual consiste em um ente atômico universal ou gravis, individualizado conforme outra matriz arquetípica do mesmo desígnio: a matriz essencial do chumbo. Mas é importante observar que no “átomo de ouro”, a matriz de chumbo, ou qualquer outra matriz arquetípica que não tenha intervindo ativamente no processo de individuação, subsiste como matriz virtual; e o mesmo ocorre no “átomo de chumbo”, por exemplo, em cujo desígnio subsistem as matrizes virtuais do ouro e de qualquer outra substância específica. Para a Sabedoria Hiperbórea, pois, em oposição à Física teórica, NO OURO HÁ ALGO REAL DA ESSÊNCIA DO CHUMBO E NO CHUMBO HÁ ALGO REAL DA ESSÊNCIA DO OURO: SUAS MATRIZES VIRTUAIS. Tal como afirmava a Alquimia hiperbórea, NO CHUMBO ESTÁ O OURO E NO OURO ESTÁ O CHUMBO, REALMENTE, COMO POSSIBILIDADE DE MUDANÇA ACIDENTAL. Mas há ainda mais: tanto no ouro como no chumbo, estão também todas as matrizes virtuais dos diferentes elementos da tabela periódica, o

que significa que o ouro, o chumbo, ou outro elemento, poderiam fazer efetivas as qualidades de qualquer um dos restantes elementos, apenas ativando a matriz virtual do mesmo, apenas sobpondo-a.

Considerando a esfera estratiforme como modelo do "desígnio átomo", podemos imaginar que os átomos de qualquer substância consistem em modelos semelhantes: as diferenças entre distintos elementos procederiam, então, da atividade intensiva que certas esferas concêntricas do modelo, ou matrizes essenciais, desenvolveriam em cada um deles. Por exemplo, se a esfera estratiforme representa um átomo de berílio, devemos imaginar que a quarta camada concêntrica, desde o centro, se ativou de tal maneira que só ela determina o caráter de toda a esfera: é como se, ao olhar a esfera estratiforme, só pudéssemos perceber a quarta camada, mas sabendo com certeza que as restantes camadas também se encontram presentes de modo virtual. Com esse exemplo, compreende-se que a atualidade da quarta camada, ou matriz essencial, é análoga à individuação de um átomo de berílio: um ente atômico universal, designado com um Plano que contém as matrizes arquetípicas de todos os átomos específicos possíveis, se individualiza como átomo de berílio, pela atividade formadora da quarta matriz arquetípica da série formativa, a qual cumpre então a função de matriz essencial do átomo de berílio. E assim, como as restantes esferas concêntricas da esfera estratiforme, que não obstante serem invisíveis, estão presentes de modo virtual junto à quarta camada ativa, assim também as restantes matrizes arquetípicas da série formativa do desígnio átomo, correspondentes à forma de qualquer elemento atômico possível, subsistem de modo virtual no átomo de berílio individualizado.

Utilizando uma disposição esquemática semelhante à da figura 48, na qual se descreveu o processo de individuação de um cavalo real, é possível demonstrar graficamente o conceito recentemente exposto sobre o "desígnio átomo". Desta maneira, na figura 51, vemos que o Arquétipo "átomo", ou seja, o Arquétipo "gravis", se manifesta evolutivamente no plano material mediante cinco entes atômicos cujo valor, medido na "escala gradual de momentos progressivos", corresponde ao "terceiro grau". Em cada um destes entes atômicos subsiste a enteléquia gravis como ser em si, como termo universal potencial: os arcos da espiral representam o processo evolutivo que conecta continuamente o ser em si da pluralidade ôntica com o ser universal da singularidade arquetípica. Com outras palavras, o Arquétipo gravis, sem que se altere em nenhum momento sua singularidade absoluta, manifesta-se com sua enteléquia potencial nos cinco entes e lhes confere natureza atômica, ou seja, "existência natural" e "impulso evolutivo".

A estes cinco entes atômicos o Verbo do Demiurgo designa com O MESMO "DESÍGNIO ÁTOMO", tal como se mostra na figura 51. Ali, com efeito, mediante o modelo de desígnio desdobrado definido na figura 50, vê-se que em cada ente evolutivo concorre O MESMO "DESÍGNIO ÁTOMO": tanto os quatro átomos de berílio como o átomo de lítio dispõem de um "desígnio átomo", que causa sua existência individual.

No núcleo indiscernível dos cinco entes atômicos subsiste a enteléquia gravis, o ser em si, o termo universal potencial que lhes confere natureza atômica: a esta natureza universal põe termo particular o desígnio de cada ente atômico. Consideremos os quatro átomos de berílio. Em cada um deles a natureza atômica se individualiza conforme a matriz arquetípica do berílio, a quarta da série formativa, que, nestes casos, denomina-se "matriz essencial do berílio". A quarta matriz é, pois, o subposto essencial que determina individualmente a natureza universal dos entes atômicos, que faz deles ESSES átomos de berílio. As restantes matrizes arquetípicas da série formativa do desígnio átomo, as que correspondem à forma hidrogênio, hélio, lítio, boro, carbono, etc., subsistem também em cada átomo de

berílio como “matrizes virtuais”, como determinações possíveis de toda mudança acidental.

O átomo de lítio, por sua parte, é a determinação individual de um ente atômico conforme a terceira matriz arquetípica da série formativa do desígnio átomo, a “matriz essencial do lítio”. As restantes matrizes arquetípicas, como no caso dos átomos de berílio, subsistem no átomo de lítio na qualidade de “matrizes virtuais”.

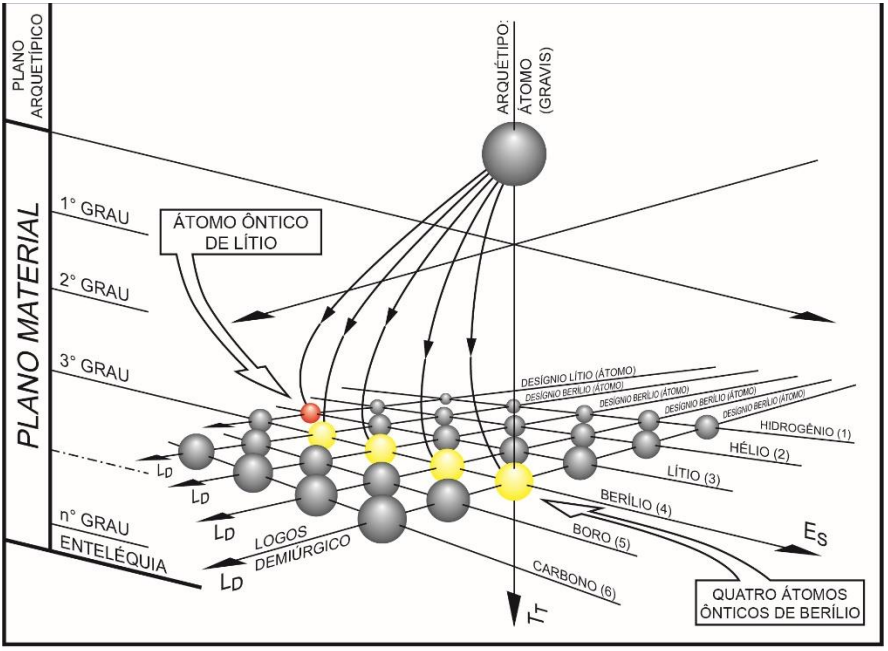


FIGURA 51

Mas é evidente que a “matriz essencial do berílio”, a quarta da série, subsiste no átomo de lítio como “matriz virtual”, como só mais uma das matrizes virtuais de seu desígnio. Da mesma forma, a “matriz essencial do lítio”, a terceira da série, é só uma das matrizes virtuais que subsistem no desígnio de cada átomo de berílio.

E13 – Conceito sintético de desígnio demiúrgico.

É oportuno, para completar a “Noção de desígnio demiúrgico” exposta neste artigo “E”, começar por um breve resumo dos doze subartigos anteriores. Nele, “Resumo sobre o desígnio demiúrgico”, citaram-se definições pertinentes da Primeira Parte e se colocaram em primeiro plano os conceitos de finalidade e suprafinalidade: a finalidade dos entes vem determinada por seu ser em si, o qual é um “termo universal”, enquanto a suprafinalidade é o ser-para-o-homem, o desígnio propriamente dito, o qual é um “termo particular”. Estes conceitos poderiam denotar um significado completamente errôneo, impróprio da Sabedoria Hiperbórea, se não se esclarecesse exatamente o que se deve entender por “universal” e por “particular” dos termos. Tal esclarecimento se realiza detalhadamente nos seguintes subartigos: desde E2 até E7 inclusive, define-se o “termo universal”, a finalidade do ente, e

desde E8 até o E12, inclusive, precisa-se o conceito de “termo particular”, a suprafinalidade do ente.

É assim como em E2, “Análise da classificação racional”, se distingue entre o “universal real” e o “universal cultural” e se demonstra que toda classificação sistemática dos entes se efetua na “estrutura cultural”, com relações entre os conceitos-fatia de ditos entes: o “universal” que se afirma ou se evidencia dos entes, por trás de semelhante classificação psicológica, não é mais que outro conceito-fatia, um conceito “universal cultural”; mas nos entes concretos, dos quais procede o desígnio que deu lugar aos conceitos-fatia, existe algo que é realmente universal: o Arquétipo universal que os sustenta e de cujo ser eles participam. Há que se descartar, pois, o conceito “universal cultural”, próprio da estrutura cultural, e remeter-se diretamente ao ente concreto.

Em E3, “Espécie e gênero dos entes externos”, se demonstra que “a espécie”, apesar de ser também um conceito-fatia, apoia-se efetivamente sobre os entes reais para sua determinação: o “gênero”, pelo contrário, é um conceito-fatia definido sobre as espécies, uma operação sistemática pura da estrutura cultural: o gênero não tem acesso aos entes reais, senão através dos conceitos específicos. Chegamos então à conclusão de que o limite que separa a espécie do gênero é “a fronteira da certeza racional para todo virya desperto”. Por isso, a compreensão do “universal real” só se poderá conseguir a partir de conceitos específicos, ou seja, a partir de conceitos que descrevam as qualidades dos entes concretos. Mas a busca do universal real nos conduz diretamente ao Arquétipo universal que, na singularidade absoluta de seu ser universal, manifesta-se materialmente em uma pluralidade de entes específicos: na figura 45 representou-se sinoticamente este problema. Um problema que logo seria resolvido em E8, mas que já ficava apresentado desta forma: se o Arquétipo universal é capaz de repartir-se em todos os entes específicos sem dividir-se, o que já, por si, constitui um enigma, o que é que torna os entes específicos em entes individuais, quer dizer, qual é o princípio que nos permite assinalar ESSE ente; AQUELE outro ali, etc.?

A definição “do ser em si do ente externo”, em E4, esclareceu definitivamente o conceito do universal real: a participação do Arquétipo universal nos entes específicos se realiza desde o “núcleo indiscernível”, uma região não coordenada onde, como ser em si, subjaz a enteléquia potencial. Em todo ente há, assim, uma natureza universal específica oferecida pelo termo universal ou ser em si, pela enteléquia potencial, que é a mesma em todo ente e idêntica ao Arquétipo universal. “O Arquétipo gravis”, descrito em E5, exemplifica com profundidade o conceito de “ser em si” ou enteléquia potencial dos entes externos e proporciona importantes noções sobre a Física Hiperbórea.

E6, por sua parte, aclara o conceito de “O núcleo indiscernível dos entes”, mostrando sua alucinante qualidade de ser idêntico para toda enteléquia potencial: o ser e o nada coexistem nesse ponto pelo qual, também, flui o tempo transcendente, a Consciência do Demiurgo. Daí que, tal como se explica em E7, desde o núcleo indiscernível dos entes, “O Olho de Abraxas” contempla a Si Mesmo, com um olhar fixo e multiplicado incansavelmente em todo ponto do espaço macro e microcósmico.

Estando, no momento, suficientemente esclarecido o conceito de “termo universal”, “ser em si do ente”, chegou o momento de responder à pergunta pendente sobre a causa da individualidade dos entes. Para oferecer uma explicação analógica que concordasse com o modelo estrutural desenvolvido na Primeira Parte, em E8 definiu-se um “Modelo de desígnio do ente externo”, consistente em uma esfera estratiforme, na qual cada camada ou esfera concêntrica representa uma matriz arquetípica de desígnio; tal “modelo” analógico de desígnio deriva-se do “postulado essencial do modelo estrutural”, exposto em E8. O desígnio demiúrgico é, segundo

este modelo, um Plano ativo, cujo projeto contempla todas as determinações possíveis de um ente específico: uma série de fases formais "que vão do Demiurgo ao ente".

Por fim, em E9, descreveu-se "O ser-para-o-homem do ente externo", ficando claro que a suprafinalidade do ente inclui o "princípio de individuação", o princípio que permite reconhecê-lo como ESSE ente concreto. O desígnio não só é um ser-para-o-homem, um ser pronto a revelar-se ao conhecimento humano, senão também o princípio que forma essencialmente o ente evolutivo, o princípio de sua individualidade real. Todo ente admite em sua existência duas determinações ontológicas: o termo universal ou ser em si e o termo particular ou ser-para-o-homem. O ser em si, causador do impulso evolutivo, determina a existência natural do ente, enquanto o ser-para-o-homem determina sua existência individual: à natureza universal do ser em si, no ente específico, põe termo atual a matriz essencial do desígnio. As restantes matrizes arquetípicas do Plano ativo subsistem no ente como "matrizes virtuais" ou determinações da mudança acidental: toda qualidade, nota, propriedade, traço, etc., que se agregue ou tire do caráter essencial do ente, em qualquer momento de sua existência, é determinado pela atividade acidental das matrizes virtuais.

Em E10, aplicaram-se estes conceitos para efetuar "O estudo analógico de um ente concreto": o "cavalo ôntico" da figura 48. Vimos ali como a matriz essencial do desígnio cavalo, subposta no ente equino, colocava termo individual à natureza universal com que o processo do Arquétipo cavalo impulsionava sua evolução. A "Gnoseologia do desígnio ou ser-para-o-homem", explicada em E11, demonstra que o "conceito habitual" de um ente, ou seja, o conceito-fatia normalmente horizontal em linguagem corrente, descreve a "matriz essencial" do ente: as restantes matrizes arquetípicas do desígnio, as matrizes virtuais, estão descritas em outros conceitos-fatia distribuídos obliquamente no feixe de planos axiais da conexão cilíndrica ou Relação.

Por último, em E12, praticou-se uma nova incursão pela Física Hiperbórea, com o "Estudo analógico do desígnio átomo". Comprovamos aqui que a matéria consiste em uma única espécie de entes, cujos membros são átomos arquetípicos individualizados, segundo as distintas formas acidentais da série formativa do desígnio átomo: a tabela periódica das substâncias elementares, da Física, não é mais do que uma mostra incompleta do desígnio átomo desdobrado; os átomos dos diferentes elementos da tabela são somente entes individualizados segundo as diferentes matrizes arquetípicas da série formativa do desígnio: todos os átomos que existem, qualquer que seja sua qualidade, estão assinalados pelo Verbo do Demiurgo com a mesma Vox, com o mesmo desígnio átomo; só varia em cada um a atividade da matriz essencial.

O conceito sintético de desígnio demiúrgico, obtido como conclusão, ao cabo deste resumo, é o seguinte: o desígnio é o ser-para-o-homem do ente, uma vox, uma palavra, proposta pelo Verbo do Demiurgo para dar existência individual ao ente e para que o ente revele esta existência ao homem; o desígnio é o termo da natureza universal do ente que causa sua existência individual, conforme a matriz essencial da série formativa; o desígnio é um Plano ativo consistente em uma série de fases formais ou matrizes arquetípicas, uma das quais é a matriz essencial que causa a existência individual do ente, e as restantes são as matrizes virtuais que determinam suas qualidades acidentais; o Plano ativo denomina-se, também, "destino real do ente"; o desígnio é uma produção do Logos do Demiurgo e as matrizes arquetípicas que integram a série formativa do Plano ativo desenvolvem uma procissão que vai do Demiurgo ao ente; o desígnio está proposto no ente pelo Demiurgo e a matriz essencial está subposta no ente pelo desígnio; o desígnio, a totalidade de suas

matrizes arquetípicas, é construída pela combinação de apenas dez Arquétipos e estes, por sua vez, são somente aspectos de uma única mônada, imagem perfeita do Uno; esta mônada, manifestada na matéria com seus dez aspectos, denomina-se YOD: yod é a voz essencial com a qual se estrutura uma Língua Sagrada, ou seja, uma língua própria de uma Raça Sagrada do Demiurgo; yod é o Santo Monossílabo de Jeová-Satanás que integra toda vox e todo discurso; por isso, todo desígnio está escrito na Língua Sagrada só por yodim, quer dizer, só por uma multiplicidade de vozes yod; eis aqui está a Sabedoria Hiperbórea: quando Wotan ensinou aos arianos a Língua dos Pássaros, como instrumento de reorientação estratégica, como Kabala Acústica "Rúnica Noológica" e arma capaz de abrir o caminho do Regresso à Origem, sua primeira lição foi mostrar como se ressignificava o yod ôntico, ou seja, o yod subjacente em todo desígnio demiúrgico; e então Wotan disse que o yod se ressignifica pela expressão da RUNA ODAL, ficando assim neutralizado seu nefasto poder; e desde aquela primeira lição do Grande As, todo virya desperto, ou iniciado hiperbóreo, dispõe da terrível possibilidade de ressignificar os desígnios dos entes, tornando-se seu Amo e Senhor; a ressignificação de yod pela expressão da RUNA ODAL é o segredo que estudam, na atualidade, os Cavalheiros Tirodal, segredo que permitirá à Kabala Acústica "Rúnica Noológica" hiperbórea superar a cabala numérica hebraica, no final do Kaly Yuga, no Dia do Espírito.

F – Relação hierárquica entre desígnios.

Valendo-nos da noção de desígnio demiúrgico desenvolvida em "E", poderemos compreender a afirmação feita em "D": "entre o desígnio do caracol e o desígnio da serpente existe uma RELAÇÃO HIERÁRQUICA".

Antes de tudo, convém relacionar analogicamente a "faculdade de classificar" de que dispõe o pasu, e que foi descrita em "E2" e "E3", com a "faculdade de designar" que exibe o Verbo do Demiurgo. O pasu, segundo vimos, pode operar sistematicamente com o sujeito cultural na estrutura cultural e "abarcar conjuntos e relações sob a extensão de um conceito denominado classe"; em particular, "o gênero demonstra, assim, ser apenas o produto de uma operação sistemática, efetuada com um grupo de conceitos-fatia específicos e, portanto, demonstra ser só um "conceito de conceito", uma "função de função", uma "classe de classes", etc. O Demiurgo, por sua parte, realiza com seu verbo uma operação análoga ao designar os entes do macrocosmo, dando-se o caso de DESÍGNIOS QUE CONTÊM EM SEU PLANO ATIVO O PLANO DE OUTROS DESÍGNIOS, ou seja, DESÍGNIOS DE DESÍGNIOS: o exemplo clássico é o DESÍGNIO pasu que contém em seu Plano a totalidade de desígnios ônticos. Neste sentido, o desígnio pasu é um plano que abarca todos os planos dos desígnios ônticos do macrocosmo e é por isso que seu projeto se denomina "microcosmo": um reflexo ou cópia invertida do macrocosmo, onde estão replicados estruturalmente todos os seus entes. No desígnio pasu, todos os restantes desígnios estão ORDENADOS HIERARQUICAMENTE SEGUNDO SUA FUNÇÃO ESPECÍFICA E ESTRUTURAL: o desígnio pasu é, assim, um "desígnio de desígnios", um Plano de Planos, um microcosmo que contém integralmente o Plano do macrocosmo.

À parte do desígnio pasu, que é o Plano ativo de máxima extensão que o Demiurgo concebeu, existem incontáveis desígnios de desígnios; em particular, vale destacar, como exemplo fundamental, a relação hierárquica que têm entre si os desígnios do caracol e da serpente: o desígnio do caracol é um desígnio de desígnio cujo Plano abarca o Plano do desígnio da serpente, tal como se mostra na figura 52-b. Vemos ali que só um conjunto de matrizes arquetípicas, da série total de fases

formativas do desígnio caracol, constitui o Plano do desígnio serpente: este desígnio está claramente contido no desígnio caracol, o qual o abarca dentro de seu Plano.

Mas o fato de ter tomado como exemplo estes dois desígnios particulares não carece de significado. A Sabedoria Hiperbórea, com efeito, afirma que o desígnio caracol, e o desígnio serpente que lhe está subordinado, OCUPA UMA POSIÇÃO EXCEPCIONAL DENTRO DO DESÍGNIO PASU, PORQUE EM TAL DESÍGNIO SUBJAZ O PRINCÍPIO FORMADOR DO MOVIMENTO ENERGÉTICO, DE QUALQUER NATUREZA QUE ESTE SEJA. O que quer dizer isto? Resposta: que o movimento da energia sempre segue uma lei formal, cuja descrição corresponde a alguma matriz arquetípica do desígnio caracol. De acordo com o que foi visto em "C", por exemplo, sabemos que a energia astral macrocósmica e a energia psíquica microcósmica regem-se por leis cuja forma subjaz no desígnio do caracol, enquanto a energia vital macro e microcósmica rege-se por leis formuladas no desígnio da serpente: a relação hierárquica entre ambos os desígnios e sua influência sobre tais tipos de energia se representou na figura 52-a.

Em geral, a resposta anterior nos diz que a forma adotada pelo movimento energético, em qualquer fenômeno, rege-se NECESSARIAMENTE pelo desígnio caracol ou pelo desígnio serpente: isto se deve a que a forma energética se forma com alguma matriz arquetípica subposta, pertencente à série formativa de ditos desígnios, QUALQUER QUE SEJA A NATUREZA ARQUETÍPICA QUE IMPULSIONA A EVOLUÇÃO DE UM ENTE, POR EXEMPLO, CAVALO, CÃO OU PEIXE; JUNTO À MATRIZ ESSENCIAL DE SEU DESÍGNIO, QUE O INDIVIDUALIZA COMO CAVALO, CÃO OU PEIXE, SUBSISTEM SUBPOSTAS AS MATRIZES ARQUETÍPICAS DO DESÍGNIO CARACOL (OU SERPENTE) QUE REGEM A TOTALIDADE DOS MOVIMENTOS ENERGÉTICOS DOS ENTES MENCIONADOS.

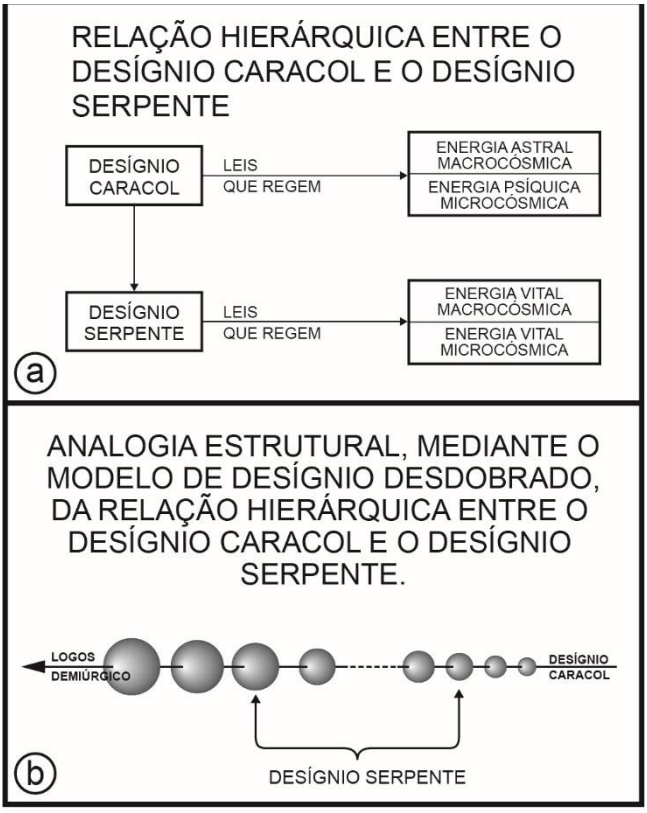


FIGURA 52 (a e b)

Às matrizes arquetípicas do desígnio caracol que determinam a forma do movimento energético, psíquico ou vital (térmico, elétrico, químico, hidráulico, mecânico, etc.) a Sabedoria Hiperbórea denomina MATRIZES FUNCIONAIS. Daí que o "símbolo sagrado do pasu", representado na figura 41 como sinal espiral, seja considerado "A MATRIZ FUNCIONAL DA LEI DE EVOLUÇÃO".

O desígnio pasu é um desígnio de desígnio que contém o desígnio caracol. Isto quer dizer que, em todo ente orgânico da fisiologia microcósmica, onde tenha lugar um movimento energético de qualquer natureza, está subposta alguma matriz funcional com a qual se forma a variação do fenômeno. Em particular, a lei que rege o desenvolvimento da esfera de consciência do pasu, objetivo microcósmico de sua finalidade, é a "lei da evolução", a qual se forma com a matriz funcional ESPIRAL do desígnio caracol. Um pasu específico, que evolui de acordo ao impulso do Arquétipo Manu, ou seja, um microcosmo potencial, se individualiza pela ação da matriz essencial do desígnio pasu subposta no ente microcósmico, a cuja natureza humana determina e dá forma particular: a matriz essencial do pasu é, assim, um Plano individual para realizar a evolução completa do microcosmo. E, dentro do plano em que consiste a matriz essencial, o posto extremo é ocupado pela esfera de consciência, por ser sua evolução o objetivo microcósmico da finalidade do pasu.

Ocorre, assim, que a esfera de consciência, por ser energética, evolui, “move-se”, de acordo com a lei espiriforme da matriz funcional e, por ocupar tal esfera um posto extremo na matriz essencial do desígnio pasu, acontece então que o “símbolo espiral” há de ocupar um POSTO CENTRAL na esfera de consciência, o lugar de um CENTRO DE REFERÊNCIA DE SI MESMO. Daí que o símbolo espiral não só seja a forma da matriz funcional da lei da evolução que rege o progresso da esfera de consciência, senão que se constitui fundamentalmente no símbolo sagrado do pasu, ou seja, o símbolo com que o pasu representa a si mesmo, quando o sujeito consciente pondera toda a esfera de consciência para se auto-inspecionar. Mas semelhante reflexão, e sua expressão conceitual equivalente, significa o CONCEITO DE ENERGIA, o que não pode ser de outro modo, uma vez que o símbolo espiral, produto de tal reflexão, é a forma da matriz funcional que rege o movimento evolutivo da energia de qualquer natureza.

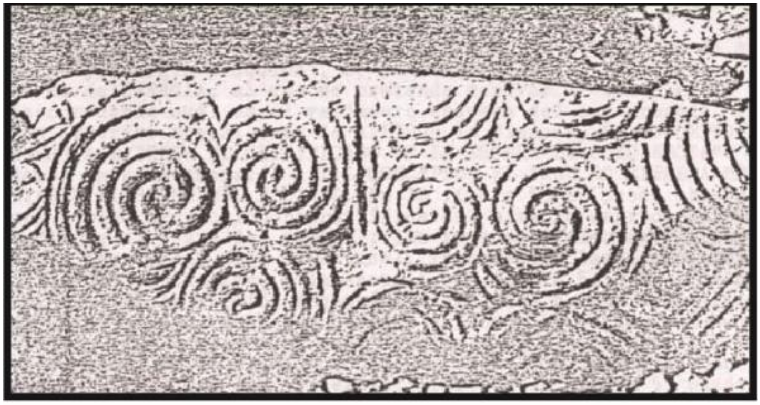


FIGURA 53

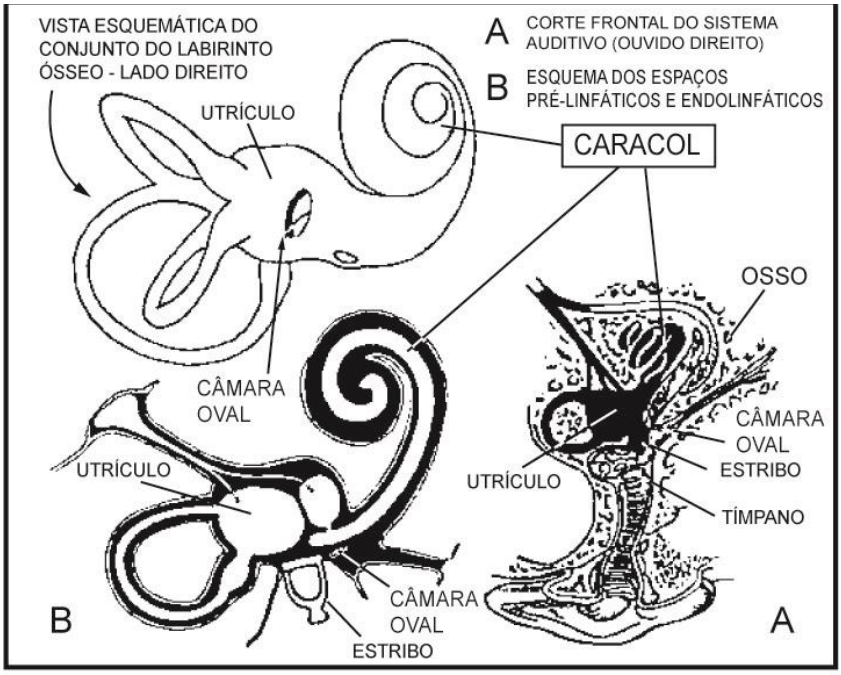


FIGURA 54

Isto já foi adiantado no artigo “C”, “Esquema de si mesmo e energia psíquica”, da Primeira Parte: “Este conceito é o da ENERGIA, a qual se pretende derivar de outros entes, por se desconhecer qual é o verdadeiro esquema do qual procede. Mas, sem importar a qual ente o APLIQUE a Ciência, O CONCEITO DE ENERGIA EXPRESSA O SIGNIFICADO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA”. Podemos agregar agora: E A TAL CONCEITO, O PASU EXPRESSA MEDIANTE O SINAL DA ESPIRAL. Na figura 53, pode-se observar uma típica projeção petroglífica do símbolo sagrado do pasu, mediante o sinal da espiral; as três espirais excêntricas da esquerda, como é natural, representam as três esferas psíquicas e, também, a energia. A figura 54, de outra parte, mostra a secção esquemática do ouvido humano, podendo-se ver à direita uma cavidade em forma de caracol: sendo o ouvido um órgão sensorial cuja função consiste em perceber as variações da ENERGIA ACÚSTICA, não se deve estranhar que sua resposta obedeça a uma lei espiriforme: na figura 55 pode-se ver um esquema auditivo convencional do caracol, graduado em decibéis.

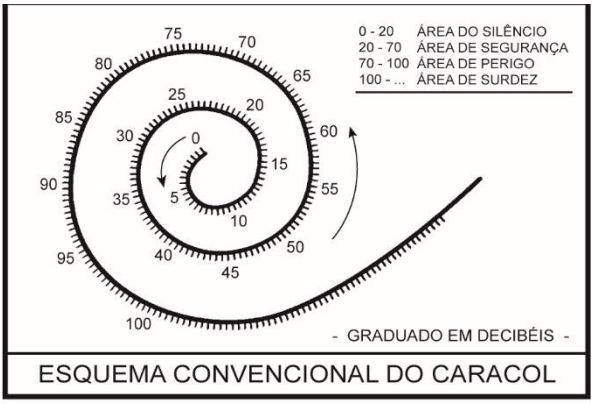


FIGURA 55

E o do ouvido é só um dos múltiplos exemplos que se poderiam apresentar para demonstrar a influência formadora que as matrizes funcionais do desígnio caracol exercem sobre os fenômenos energéticos do microcosmo: bastará, para dar uma ideia desta influência, mencionar dois casos extremos: a DUPLA HÉLICE da estrutura molecular dos ácidos nucléicos e a ESPIRAL de Kundalini, a energia ígnea que se encontra enrolada "como uma serpente" sob o chakra Muladhara; a explicação de porquê o logos plasmador microcósmico Kundalini costuma ser percebido com forma serpentina se oferecerá no tomo quarto.

Uma prova de que, em um remoto passado, tudo isto era conhecido se constitui na raiz comum de que, em grego, têm as palavras SPEIRA e SPERMA. Speira, com efeito, quer dizer ESPIRAL, CURVA DE UMA SERPENTE; enquanto sperma significa: SEMENTE, GÉRMEN, ETC. Vemos, assim, que na antiguidade existia um vínculo entre os conceitos de "gérmen" e "espiral", o qual está muito próximo do conceito da Sabedoria Hiperbórea, que afirma que o processo com que desenvolve um "gérmen" segue uma lei em "espiral", contida no desígnio "serpente".

G – Estudo analógico do desígnio pasu.

Na figura 56, vemos um esquema semelhante ao das figuras 48 e 51, nas quais se representou analogicamente, mediante o modelo de desígnio desdobrado, o princípio de individuação do desígnio pasu. À natureza humana, que o Arquétipo Manu outorga ao microcosmo potencial, põe termo individual a matriz essencial subposta pelo Logos demiúrgico: existe, assim, o pasu, o animal-homem que progride evolutivamente para a enteléquia Manu ou microcosmo atual. A cada lado da matriz essencial observam-se as matrizes virtuais consecutivas, que determinam as qualidades acidentais do pasu individual e seu destino real.

Pois bem: sabemos que a finalidade do pasu visa a alcançar a enteléquia Manu e que, para isso, no Plano ativo do desígnio pasu, se propõe um objetivo microcósmico: desenvolver a esfera de consciência até conseguir a autonomia ôntica. Pode-se afirmar, pois, que o progresso evolutivo do pasu mede-se, a todo momento, com relação ao grau de desenvolvimento conseguido por sua esfera de consciência. Com outras palavras, os graus sucessivos de progresso que o pasu vai alcançando em sua evolução são expressão direta dos graus de desenvolvimento de sua esfera de consciência.

Mas, por uma parte, ocorre que o progresso evolutivo segue uma lei espiriforme análoga à curva helicoidal "ELIX" da figura 56, que vai do Arquétipo Manu ao ente humano e que representa o impulso dado à sua natureza específica pelo ser universal. E, por outra parte, acontece que "A HISTÓRIA DO MICROCOSMO, CUJA LINHA SUBJETIVA CONSTITUI A CONSCIÊNCIA DO PASU, É O ESQUEMA DE SI MESMO OU ESFERA DE CONSCIÊNCIA"; "A história do microcosmo é, assim, um esquema em permanente construção ao qual denominamos esfera de consciência". É evidente, pois, que a helicoide evolutiva da figura 56 e a "linha subjetiva" que constitui a história do microcosmo são uma e a mesma coisa; por isso, sobre a escala gradual de momentos progressivos, agregou-se a legenda: "história individual do pasu".

O desenvolvimento da esfera de consciência, que é um fenômeno energético, forma-se segundo a matriz funcional da lei de evolução do desígnio caracol: a esfera de consciência progride para a autonomia ôntica seguindo uma trajetória análoga à curva ELIX da figura 56, curva que representa, então, o "fio da consciência", a continuidade histórica do sujeito anímico consciente. Este processo evolutivo da esfera de consciência, de acordo com o que foi visto, é vivenciado pelo pasu com um "símbolo sagrado" que se expressa como sinal espiral: o símbolo sagrado do pasu emerge à consciência quando este efetua uma reflexão sobre si consciente pensa a esfera de consciência como objeto de seu pensar; então, "vê" o mesmo, quando apreende o esquema de si mesmo, ou seja, quando o sujeito símbolo sagrado de si mesmo, a espiral contínua de sua própria história.

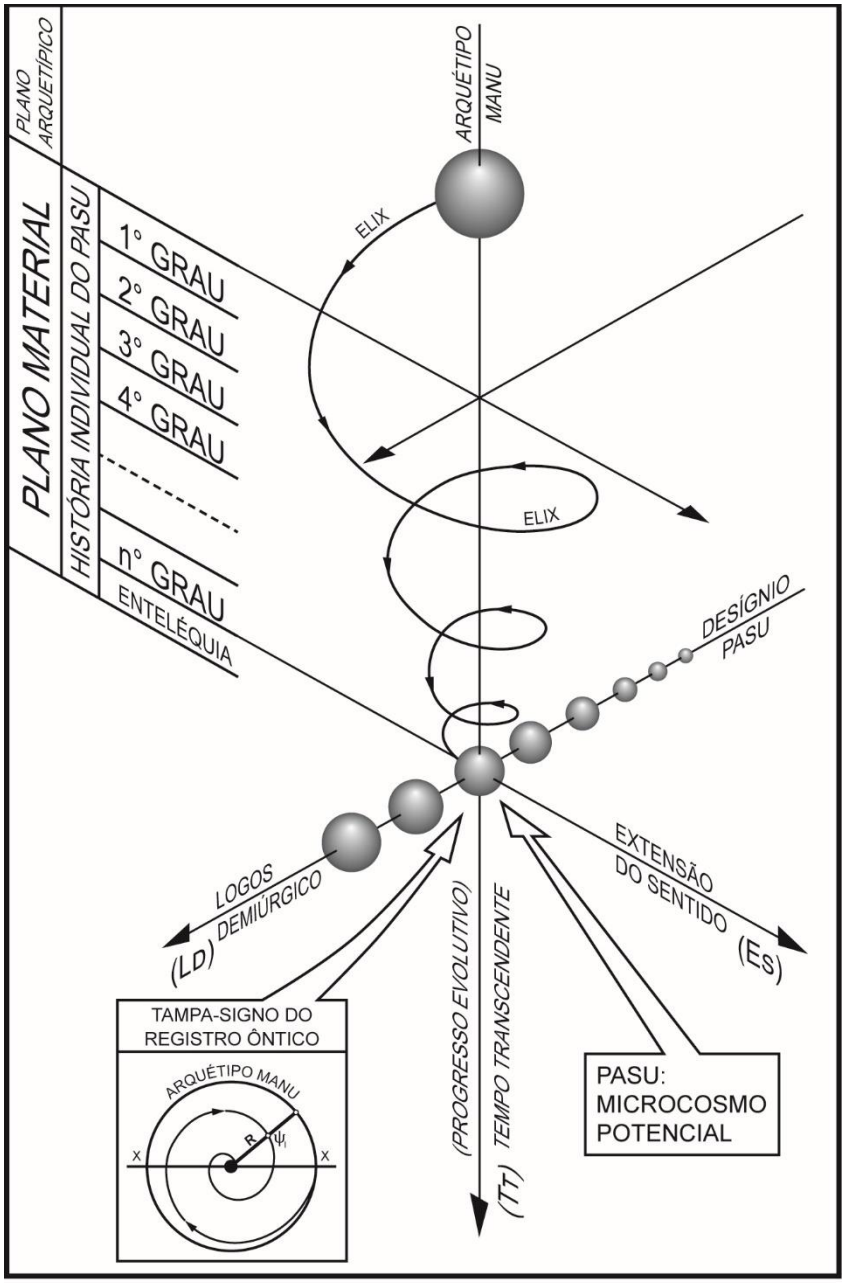

PLANO ARQUETÍPICO
ARQUÉTIPO MANU
PLANO MATERIAL
HISTÓRIA INDIVIDUAL DO PASU
1° GRAU
2° GRAU
3° GRAU
4° GRAU
n° GRAU
ENTELÉQUIA
ELIX
ELIX
DESÍGNIO PASU
LOGOS DEMIÚRGICO (LD)
EXTENSÃO DO SENTIDO (Es)
(PROGRESSO EVOLUTIVO) TEMPO TRANSCENDENTE (Tт)
TAMPA-SIGNO DO REGISTRO ÔNTICO
ARQUÉTIPO MANU
PASU: MICROCOSMO POTENCIAL

FIGURA 56

Tal reflexão pode se interpretar analogamente na figura 56, imaginando que olhamos do ponto de vista do pasu, ou seja, desde a esfera central mais escura para o plano arquetípico, de forma paralela ao eixo do tempo transcendente **(TT)**; se o fio da consciência, a história do microcosmo, é um processo contínuo que vai do pasu ao Arquétipo, simbolizado na figura pela curva ELIX, o que veríamos ao olhar do modo indicado? Resposta: uma espiral plana, quer dizer, o símbolo sagrado do pasu, a expressão de si mesmo. Semelhante visão está representada em um quadrículo à parte, sob o título "tapa-signo do registro ôntico", e é idêntica à figura 41.

Neste exemplo, cabe destacar que, por girar helicoidalmente em torno do eixo do tempo transcendente, cada ponto da curva, quer dizer, cada "momento" da consciência, é perpendicular a dito eixo ou, o que é o mesmo, A CADA INSTANTE A CONSCIÊNCIA É TRANSVERSAL AO TEMPO TRANSCENDENTE. E tal fato corresponde analogicamente à realidade, uma vez que a consciência do pasu é "tempo imanente", uma espécie temporal própria da esfera de consciência, do interior do microcosmo ôntico, que flui transversalmente ao sentido do tempo transcendente do macrocosmo. Devemos notar, contudo, que esta correspondência analógica entre a curva ELIX e o fio de tempo imanente da consciência do pasu é uma característica que diferencia fundamentalmente a figura 56 das figuras 48 ou 51: nelas, a curva helicoidal representa o "impulso evolutivo" da natureza arquetípica universal dos entes específicos, cavalos ou átomos, que não possuem caráter temporal próprio. A curva ELIX, pelo contrário, expressa a série temporal do tempo imanente porque a evolução progressiva do pasu visa particularmente sua autonomia ôntica, a consecução de um "tempo próprio" do microcosmo que o contenha e abarque "desde dentro", um tempo íntimo, essencialmente diferenciado do tempo transcendente do macrocosmo, por efeito de seu princípio de anisotropia. Notemos, por último, que um tempo tal, íntimo do ente, foi representado na figura 56 como curva exterior ao ente, projetada no espaço analógico do macrocosmo; isto deve ser interpretado assim: a curva ELIX, tomada em toda a sua extensão, como na figura 56, só representa a "história" da esfera de consciência e, por isso, sua representação só pode ser UMA RECORDAÇÃO, o REGISTRO do acontecer da consciência; então, só é atual o ponto da curva, o instante que coincide com o ente: os restantes pontos correspondem a instantes passados.

H – O sentido como caminho.

Ao estudar a alegoria do Eu prisioneiro ficou claro que a Canção de A-mort dos Siddhas visa dois objetivos: primeiro, "despertar" e, segundo, "orientar" o Eu do virya perdido. Com respeito ao primeiro objetivo, "despertar", estamos agora melhor informados sobre o que se requer interna e externamente para isso: a partir daqui, no entanto, não devemos esquecer ambos os objetivos, pois o "símbolo sagrado do virya", Tirodinguiburr, a cujo significado nos aproximaremos no tomo sétimo, permite igualmente alcançá-los. Contudo, para que dito significado fique claro então, ter-se-á que definir previamente certos conceitos fundamentais.

Antes de tudo, observemos que o processo energético de produção de um pensamento consciente pode ser visto, também, em forma alegórica. Tal ponto de vista tem a vantagem de que permite induzir uma ideia da maior importância, a qual é o conceito de SENTIDO COMO CAMINHO. O sentido, com efeito, é análogo a um caminho, a uma via para progredir na consciência das coisas. Mas, para compreender o alcance macrocósmico desta analogia, é necessário, como de costume, começar pela estrutura psíquica do microcosmo; mais precisamente: pelo significado.

Reparemos na figura 21. Nela está representado o momento no qual o sujeito cultural, apelando para a sua faculdade tradutora, notou o sistema **xx** no

contexto significativo de uma linguagem habitual e o tornou horizontal, sobre o plano (STt) PARA REFERI-LO AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA **ψ**. O símbolo **I**, que imita o conceito **xx** notado, DIRIGE-SE assim para ele mesmo, para o esquema de si mesmo, e emerge na esfera de luz como representação consciente. Alegoricamente, podemos supor que a faculdade tradutora ASSINALOU UM CAMINHO A PRIORI PARA QUE SEJA TRANSITADO PELO SÍMBOLO **I** DURANTE SUA EMERGÊNCIA.

Pois bem, O QUE EFETIVAMENTE VARIA NO PENSAMENTO RACIONAL DE UM ESQUEMA, POR EFEITO DA FACULDADE TRADUTORA, É A CODIFICAÇÃO DO SIGNIFICADO, QUER DIZER, O CONCEITO-FATIA: ao optar pelo plano de significação tal ou qual, escolhe-se uma linguagem determinada em cujo contexto o conceito **xx** adquire significado; o símbolo **I**, que o imita, possui a mesma base significativa quando emerge em direção ao umbral de consciência, quer dizer, quando transita pelo CAMINHO DO SIGNIFICADO. Esta alegoria é válida porque a faculdade tradutora, segundo vimos, abre um caminho ao símbolo emergente, CUJA DIREÇÃO DEPENDE DO SIGNIFICADO.

Mas a alegoria acaba-se com a confirmação de que o significado é análogo a um caminho que o símbolo emergente percorrerá a posteriori. Enquanto o símbolo **I** emerge pelo seu "caminho", observemos o que ocorre sob o plano de significação (STt), na "esfera de sombra profunda". De acordo com o que foi visto no comentário Décimo sabemos que "sob o plano de significação horizontal da linguagem habitual, empregado pela faculdade tradutora do sujeito cultural para notar um sistema **xx**, existem potencialmente múltiplos planos de significação sobre os quais se expandem variadas linguagens virtuais". Estendendo a alegoria a tais planos virtuais de significação, podemos afirmar que: SOB O PLANO (STt) DO CONCEITO XX, QUER DIZER, ANTES DO COMEÇO DO CAMINHO SIGNIFICATIVO QUE SEGUE O SÍMBOLO **I**, EXISTEM MÚLTIPLOS "CAMINHOS" POTENCIAIS QUE PODERIAM SER ATUALIZADOS PELA FACULDADE TRADUTORA E PERCORRIDOS PELO SÍMBOLO **I** EM SUA EMERGÊNCIA. O "caminho do significado", que segue **I** para emergir à consciência, é só um entre muitos possíveis: um caminho que começa na fronteira entre o inconsciente profundo (**a, b**) e o inconsciente superficial (**c**), e que conclui no umbral de consciência **ψ**, ou seja, um caminho que vai da inconsciência à consciência; mas, antes do começo de tal caminho, na região (**a, b**), do inconsciente profundo, existem "múltiplos caminhos" que se conectam (no núcleo axial de conotação) com este "caminho principal" escolhido pela faculdade tradutora para que seja percorrido por **I.** Como imagem alegórica, pode se supor que o começo do caminho principal, seguido por **I**, é um cruzamento viário, no qual convergem e se unem os extremos de uma pluralidade de caminhos secundários.

Esta imagem alegórica total, do caminho principal unido em um nó com os restantes caminhos significativos possíveis, era perfeitamente válida para o pasu. No virya perdido, no entanto, há que se tomar em consideração a modificação introduzida pela "chave genética" dos Siddhas Traidores, ao mutar permanentemente o desígnio humano. Segundo se explicará mais adiante, a introdução do Símbolo da Origem no microcosmo DETERMINA A DISPOSIÇÃO TOPOLÓGICA DOS CAMINHOS POTENCIAIS DO SIGNIFICADO. Mas a forma em que ditos caminhos se veem obrigados a traçar não interessa por ora, senão destacar que tal modificação se efetuou com critério kármico ou, melhor dizendo, que o mecanismo idealizado para a medida dos viryas parte de tal modificação: aqui está a chave, o segredo, que torna os Siddhas Traidores em Senhores do Karma; chave que só pode ser revelada alegoricamente; segredo que Eles denominam CHAVE KALACHAKRA.

Sendo o sentido a expressão do significado não deve estranhar que a alegoria viária possa estender-se ao macrocosmo. Para comprová-lo, só há que se recordar as correspondências analógicas entre micro e macrocosmo, sintetizadas sinoticamente nas figuras 38 e 39. Sabemos, com efeito, que o primeiro "sentido" colocado nos entes é o que o pasu expressa exteriormente, ao projetar objetos culturais; o sentido de tais objetos encontra-se DIRIGIDO pela dor humana, para o "umbral de sentido", ao qual atravessam para emergir na Consciência do Demiurgo: este trajeto é, evidentemente, também análogo a um caminho e poderia já se falar de um "caminho do sentido", ou seja, de uma rota seguida pelo sentido ao transformar o ente inconsciente em objeto cultural consciente, em ideia macrocósmica distinta e clara. No entanto, por mais sugestivo que pareça, não estamos aqui frente a uma correspondência estrita, senão ante uma mera aproximação, ante uma analogia de menor grau. Entenderemos isso se recordamos que a emergência de um símbolo **I** no microcosmo (figura 39) NÃO É simplesmente ANÁLOGA à emergência de um objeto cultural no macrocosmo, senão à de um FATO CULTURAL, ou seja, é ANÁLOGA à emergência de uma superestrutura de objetos culturais e homens. O "caminho do significado", seguido por **I** no microcosmo, é, pois, análogo ao "caminho do sentido" seguido por um fato cultural, ao tornar-se consciente para o Demiurgo.

Naturalmente, a coexistência no mundo astral profundo de múltiplos espaços de significação potenciais, permite afirmar analogamente que o "caminho do sentido" começa em um nó viário onde se juntam os extremos de outras tantas rotas provenientes do sentido potencial que PODERIA tomar o contexto habitual do mundo exterior; contexto do macrocosmo que sustenta e dá sentido ao próprio microcosmo, em um tipo de feedback significado-sentido micro-macrocósmico. E nos encontramos outra vez em pleno terreno do Terrível Segredo de Maya.

Finalmente, a alegoria do significado como caminho será mais exata se a compreendemos desde o ponto de vista da Potência e o ato. Tal como vimos na Primeira Parte, e tal como foi demonstrado com maiores detalhes no artigo "C", a energia psíquica (**Ep**) que ATIVA todo símbolo emergente **I,** é um produto da potência ativa (W) das Relações da estrutura cultural. Isto quer dizer que a energia psíquica é um ATO da potência (W) e que, por consequência, o significado também o é. Quer dizer, o significado só pode ser atual: um significado "potencial" não significa nada; o mesmo pode-se dizer do "caminho" em que este transita: um "caminho" só pode ser atual, só pode existir se é "caminhado"; como diria o poeta Machado: "não há caminho, se faz o caminho ao andar". Como é, então, que falamos de "caminhos potenciais", caminhos que PODERIA tomar o símbolo **I** em sua emergência, SE FOSSEM ATUALIZADOS pela faculdade tradutora? Resposta: porque o conceito de "caminhos potenciais" é imprescindível para explicar a alegoria do "significado como caminho", ainda que ao empregá-lo, estamos, na verdade, outorgando significado a algo que só é concebível como possibilidade; o caminho REAL é o ATUAL: os "caminhos potenciais" são IRREAIS, ainda que possíveis.

O mesmo se pode afirmar do sentido como caminho: de todos os caminhos possíveis só é real o caminho seguido pelo fato cultural atual. Os temas examinados nos próximos artigos ajudarão a esclarecer esta definição.

I – Os Siddhas Traidores ressignificam o símbolo sagrado do pasu.

Comecemos por estabelecer os seguintes princípios, já demonstrados precedentemente: "O SÍMBOLO SAGRADO DO PASU" É A REPRESENTAÇÃO SÊMICA DO NEXO QUE UNE A TODO INSTANTE O PASU COM O ARQUÉTIPO MANU. SUA EMERGÊNCIA INTERIOR EQUIVALE À MANIFESTAÇÃO DO MAIS POTENTE MITO, O QUAL É O DEUS DO ENTE MICROCÓSMICO, O MANU, O

ARQUÉTIPO DE SI MESMO. O PASU RARAS VEZES ESCAPA AO PROCESSO DESTE SÍMBOLO; NA VERDADE, O SUJEITO CONSCIENTE SUCUMBE À SUA FAGOCITAÇÃO E ACABA IDENTIFICADO COM O MITO. POR OUTRA PARTE, QUANDO O PASU PROJETA SEU SÍMBOLO SAGRADO MEDIANTE A EXPRESSÃO DO SINAL ESPIRAL, ESTABELECE UM NEXO EXTERNO COM O ARQUÉTIPO MANU: POR ESSE MOTIVO ESSE SINAL ERA EMPREGADO NA MAIS REMOTA ANTIGUIDADE COMO "PLANO SAGRADO" DE TEMPLOS OU PARA ASSINALAR OS LUGARES DE CULTO, AS CAVERNAS, POR EXEMPLO.

E ISSO NÃO CARECIA DE FUNDAMENTO, PORQUE O SÍMBOLO SAGRADO DO PASU É, NA VERDADE, O PLANO DE SI MESMO. A BASE DO TEMPLO INTERIOR: SUA PROJEÇÃO EXTERNA, SOBRE UM ENTE, É UMA EXTERIORIZAÇÃO DE SI MESMO, UM RECONHECIMENTO EXTERIOR DO PRÓPRIO CHEGAR A SER, DA ENTELÉQUIA MANU; É VER "DEUS" (O DEMIURGO, O UNO, O MANU, ETC.) EM SI MESMO E PODER COMUNICÁ-LO. NATURALMENTE, PARA COMPREENDER ESTE PODER DO SÍMBOLO SAGRADO, HÁ QUE SE SUPOR QUE NO CENTRO DO SINAL ESPIRAL ESTÁ O PONTO INDISCERNÍVEL, O OLHO DE ABRAXAS, O NEXO ENTRE O PLANO FÍSICO E O METAFÍSICO, POR ONDE OS ARQUÉTIPOS SE MANIFESTAM NO MUNDO; OU SEJA: NO CENTRO DA ESPIRAL ESTÁ O YOD.

Pois bem, se a espiral do símbolo sagrado do pasu representa o fio da consciência, isso quer dizer que se trata de UM FIO DE SIGNIFICADO CONTÍNUO. Mas, tal como vimos em H, o significado é análogo a um caminho. Ocorre, pois, que o símbolo sagrado apercebido pelo pasu, durante sua reflexão de si mesmo, é a configuração do caminho significado por seu progresso evolutivo. Observemos novamente a figura 56; a curva helicoidal "ELIX" que vai do Arquétipo Manu até o pasu individual é o desenvolvimento análogo do símbolo sagrado do pasu, a linha que representa o fio de consciência, quer dizer, "um fio de significado contínuo". Portanto, dita curva representa um caminho, A SENDA EVOLUTIVA DO PASU. Mas, o que significa dito caminho? Resposta: que para o pasu, definido como "um ente evolutivo em cuja natureza humana universal ou ser em si do Arquétipo Manu põe termo individual a matriz essencial do desígnio pasu", NÃO EXISTE NENHUMA POSSIBILIDADE DE EXTRAVIO OBJETIVO: o CAMINHO para a concretização de sua finalidade está determinado teleologicamente pela enteléquia Manu, que subsiste em si mesmo como "ser em si do pasu", sendo impossível que este possa apartar-se, em algum momento, do processo evolutivo de seu próprio ser. O pasu, assim, só conseguirá atrasar-se ou adiantar-se RELATIVAMENTE em seu progresso para a perfeição final, mas não poderá jamais, por alguma determinação surgida de si mesmo, apartar-se do caminho para a enteléquia, sair da lei da evolução, deixar de transitar a via pré-configurada no símbolo sagrado espiriforme. E a RELATIVIDADE de seu progresso entende-se, desde logo, com respeito ao grau evolutivo de sua comunidade cultural, medido na escala gradual de momentos progressivos dos entes. Para o pasu, enfim, só cabe o progresso, lento ou rápido, para a enteléquia, transitando pelo "caminho da evolução", SEM QUE EXISTA NENHUMA POSSIBILIDADE DE EXTRAVIO OBJETIVO: o impulso do Arquétipo Manu, formado pela matriz funcional da lei de evolução, é uma força ontológica impossível de evitar a partir do ôntico. Como o trem que pode ou não chegar no horário à sua última estação, mas que não pode jamais apartar-se do caminho fixo que conduz DIRETAMENTE a ela, assim o pasu está obrigado, pela determinação ontológica do Arquétipo Manu, a mover-se e progredir para sua finalidade, à qual alcançará cedo ou tarde, seguindo uma rota fixa, um caminho pré-configurado no símbolo sagrado do pasu e configurado no sinal espiral.

Esta resposta se entenderá melhor se consideramos o sujeito anímico como o SUJEITO EVOLUTIVO DO PASU, ou seja, o sujeito da mudança progressiva para a enteléquia Manu, aquela parte da alma que experimenta e exibe a evolução progressiva. O sujeito anímico, com efeito, cujo campo de manifestação consiste na estrutura psíquica desloca-se sempre SOBRE o caminho significativo da curva ELIX (ver figura 56) e esse mesmo caminho segue também a totalidade dos fenômenos psíquicos: o sujeito racional ou razão contribui com o movimento de suas operações à evolução da estrutura cultural, podendo se representar tais movimentos por arcos da curva ELIX; a atualização dos Arquétipos invertidos da memória arquetípica segue a mesma lei e, por isso, os Princípios e Relações da estrutura cultural se constroem com símbolos que são transferidos da memória arquetípica, conforme as trajetórias em arcos de ELIX; o deslocamento do sujeito cultural sobre a estrutura cultural se realiza sempre no fio do significado contínuo, quer dizer, tomando pelo "CAMINHO DE ELIX"; e também seguem uma trajetória conforme a espiral todos os símbolos que emergem para o umbral de consciência, tais como o "**I**" da figura 21. Mas, aqui convém deter-se para obter um importante esclarecimento. O objetivo microcósmico da finalidade do pasu é a autonomia ôntica e, para consegui-lo, é necessário desenvolver completamente a esfera de consciência. Como se inicia tal desenvolvimento? Resposta: no desígnio pasu, "em um ponto da série formativa que integra seu Plano, está designado o momento preciso no qual o pasu efetuará o descobrimento de si mesmo e dará início à sua história, ou seja, à esfera de consciência. Nesse momento, e em todos os casos subsequentes em que experimente semelhante percepção, ocorre uma INTUIÇÃO DA AUTONOMIA ÔNTICA, à qual, naturalmente, é muitas vezes interpretada como mera diferenciação sujeito-objeto. A "possibilidade de autonomia ôntica" causa uma impressão altamente chocante, que é interpretada pela razão como esquema de desígnio próprio e traduzida pelo sujeito cultural como o símbolo cuja emergência dá lugar à formação da esfera de consciência: O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA É O PRIMEIRO A EMERGIR COM ENERGIA TRANSVERSAL; MAS ESSA EMERGÊNCIA PRIMORDIAL NÃO SE EFETUA "NO" TEMPO IMANENTE, POIS O SUJEITO CONSCIENTE AINDA NÃO EXISTE, SENÃO QUE É O PRÓPRIO SUJEITO QUEM, POR CAUSA DA PRIMEIRA INTENÇÃO IMPACTANTE, DIRIGE-SE PARA UMA ZONA SUPERIOR DA PSIQUE E ALI COLOCA O SÍMBOLO COMO "CENTRO DE REFERÊNCIA DE SI MESMO"; A PARTIR DESTE SÍMBOLO, ESTRUTURA-SE EM SEGUIDA O ESQUEMA DE SI MESMO OU HISTÓRIA DO MICROCOSMO". Mas, qual é este "símbolo da autonomia ôntica", cuja emergência primordial causa a existência e posterior evolução da esfera de consciência? Resposta: o SÍMBOLO SAGRADO DO PASU, representado na figura 41 como o SINAL ESPIRAL: um símbolo formado por uma matriz funcional do desígnio caracol, conhecida como "lei de evolução".

Cabe agregar que, com a expressão "CAMINHO DE ELIX" se quer significar abreviadamente "CAMINHO COM FORMA DE CURVA ELIX". Com o mesmo critério dir-se-á também "CAMINHO ELIX". Ambas as expressões, "CAMINHO DE ELIX" e "CAMINHO ELIX" se empregarão indistintamente daqui em diante, sendo seu significado o já explicado.

Compreendemos agora, melhor, porque a apercepção que o pasu efetua de si mesmo corresponde ao símbolo sagrado espiriforme: porque tal símbolo constitui o fundamento da esfera de consciência, o "centro de referência" de todo símbolo emergente em torno do qual se constrói o esquema de si mesmo. E todo símbolo emergente, necessariamente, segue o caminho de ELIX que conduz e culmina em dito centro de referência. O sujeito consciente, então, desloca-se também sobre o caminho de ELIX; e isto não poderia ser de outra maneira, uma vez que o sujeito

racional, o sujeito cultural e o sujeito consciente, são manifestações de um mesmo sujeito anímico em diferentes estruturas, às quais tem acesso, sem perder sua continuidade essencial, deslocando-se pelo caminho de ELIX.

Analogicamente, a situação do sujeito consciente, a expressão mais evoluída do sujeito anímico do pasu, pode se determinar como segue: o sujeito consciente encontra-se situado sobre o caminho de ELIX, em um setor extremo do mesmo, consistindo na profundidade do ente; pode, pois, observar em duas direções, ainda que seu olhar se encontre habitualmente dirigido para o umbral de consciência, como "sujeito em presente extensivo (**S.P.E.**) (ver figura 25); como (**S.P.E**.) o sujeito consciente olha na direção do Arquétipo Manu, localizado na origem do caminho de ELIX: até ele poderia chegar novamente o sujeito anímico em um só movimento CONTÍNUO E DIRETO, SEM POSSIBILIDADE DE "EXTRAVIO OBJETIVO", uma vez que o caminho de ELIX não se interrompe em nenhum lugar, senão que consiste em uma curva helicoidal de significação contínua; mas, se o sujeito consciente olha em outra direção, ou seja, para a enteléquia Manu, poderá localizar seu próprio centro de referência e aperceber o símbolo sagrado de seu chegar a ser, o símbolo de si mesmo, que não é outro senão a continuação de ELIX até a enteléquia potencial, até YOD; ou seja: o resto da espiral evolutiva, pré-configurada desde o princípio no destino real de seu desígnio como "possibilidade de autonomia ôntica" ou concretização da finalidade.

De tudo isto, o que nos interessa agora é a conclusão de uma resposta anterior: para o pasu "NÃO EXISTE NENHUMA POSSIBILIDADE DE EXTRAVIO OBJETIVO", pois o sujeito anímico, e todo seu ser evolutivo, deslocam-se sobre o caminho de ELIX, uma trilha contínua e DIRETA desde o Arquétipo Manu até sua enteléquia.

Esta conclusão vai nos permitir compreender com mais exatidão a técnica da chave genética. Comecemos por um conceito já exposto na Primeira Parte: "a falha evolutiva do pasu, que motivou a intervenção dos Siddhas Traidores, em consonância com o Demiurgo, baseava-se na escassa evolução de sua esfera de consciência; mas, segundo acabamos de ver, tal evolução depende em grande medida do descobrimento de si mesmo, ou seja, DE QUE O DESÍGNIO PASU REVELE, EM ALGUM MOMENTO, A POSSIBILIDADE DE AUTONOMIA ÔNTICA (o símbolo sagrado do pasu, o sinal espiral); então, é evidente que nessa fase do Plano (a matriz funcional da lei de evolução) há de se ter produzido a mais importante intervenção dos Siddhas Traidores. E, na verdade, assim ocorreu. Os Siddhas Traidores, ante a impossibilidade de modificar de algum modo os Arquétipos universais, que estão sustentados diretamente pela Vontade do Uno, decidiram operar sobre o desígnio pasu, modificando permanentemente o destino do animal-homem; por esse caminho, esperavam conseguir um rápido desenvolvimento da esfera de consciência do pasu, objetivo que efetivamente se cumpriu". No artigo "F", explicou-se de que modo, mediante a "chave genética" os Siddhas Traidores modificaram o desígnio pasu: ressignificando a matriz funcional da lei de evolução, com o Símbolo da Origem.

Recordemos aquela definição, a qual agora encontrar-se-á dotada de maior e mais sugestivo sentido: ... "o Manu-Siddha Traidor administra ao pasu, durante o maithuna, o conhecimento de um desígnio modificado, NO QUAL O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA (ou matriz funcional da lei de evolução) FOI SUBSTITUÍDO, COMO INDUTOR DE SI MESMO, PELO SÍMBOLO INCRIADO DA ORIGEM. Mas, o símbolo da autonomia ôntica (o símbolo sagrado do pasu) não foi eliminado, senão RESSIGNIFICADO com o Símbolo da Origem, alterando-se, com isso, sua função de induzir o descobrimento de si mesmo, o qual seria, desde então, determinado pelo Símbolo da Origem".

"O motivo de tal ressignificação obedece à segunda fase do Plano dos Siddhas Traidores, ou seja, o encadeamento espiritual; porque aqui, na ressignificação do símbolo sagrado do pasu com o Símbolo da Origem, PERCEBE-SE MELHOR DO QUE EM NENHUM OUTRO ATO A GENIALIDADE INFERNAL DOS SIDDHAS TRAIDORES: COM EFEITO, DESDE ENTÃO, O VIRYA JÁ NÃO TERIA "QUE DESCOBRIR", COMO O PASU, O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA PARA INICIAR A FORMAÇÃO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, SENÃO QUE O SÍMBOLO DA ORIGEM "SERIA DESCOBERTO" PELO ESPÍRITO-ESFERA INVERTIDO E ELE, SEM SABÊ-LO, DESENVOLVERIA PODEROSAMENTE A ESFERA DE CONSCIÊNCIA. A iniciativa evolutiva seria, assim, cedida ao Espírito encadeado, ao Eu perdido, enquanto a alma, que lhe serviria de assento, receberia a evolução; e o homem semidivino, o virya, haveria de exibir a permanente dualidade da alma e o Espírito".

"Finalmente, cabe agregar que o Símbolo de Origem, ao refletir o Eu Infinito, assinala o início da história do microcosmo ou consciência: o esquema de si mesmo estrutura-se, então, em torno do Símbolo da Origem. Mas, ao emergir o Símbolo da Origem, o faz transversalmente, transportado pelo sujeito consciente que, assim, se manifesta pela primeira vez; e, como o Símbolo da Origem reflete o Eu Infinito e manifesta um Eu NO virya, entende-se que, desde o primeiro momento, o sujeito consciente e o Eu encontram-se identificados, confundidos profundamente. Mas a confusão entre o anímico e o espiritual é uma condição necessária no Plano dos Siddhas Traidores, para que o Espírito impulsione a evolução da alma".

Com a ressignificação do símbolo sagrado do pasu pelo Símbolo da Origem se concretiza o encadeamento espiritual e o pasu se torna virya: aparece, então, um Eu, reflexo do Espírito eterno, identificado com o sujeito consciente e submergido em sua temporalidade imanente. E este Eu, ao qual se UTILIZA para desenvolver a esfera de consciência, não consegue jamais descobrir o Engano: não consegue sair de sua confusão com o sujeito consciente e, o que é pior, NÃO CONSEGUE VISLUMBRAR NEM SEU PASSADO NEM SEU FUTURO EVOLUTIVO, possibilidade que era facilmente acessível para o pasu, apenas percorrendo o caminho CONTÍNUO E DIRETO DE ELIX. Como se produziu este extraordinário resultado? O que mudou no símbolo sagrado do pasu, com sua ressignificação, para que o Eu permaneça prisioneiro, sem sabê-lo, do sujeito consciente? Resposta: APARECEU A POSSIBILIDADE DO EXTRAVIO OBJETIVO. Com efeito, o sujeito consciente do pasu podia deslocar-se de forma contínua e direta pelo caminho de ELIX e REGRESSAR para o Arquétipo Manu ou ANTECIPAR-SE para sua enteléquia; mas esta possibilidade desapareceu definitivamente para o virya: seu Eu estará sempre PERDIDO, extraviado objetivamente no caminho do significado contínuo.

Esta resposta será entendida corretamente se não se esquecer que o Eu perdido, ainda que se encontre habitualmente submergido no sujeito consciente, jamais perde, por isso, sua própria identidade essencial. O Eu perdido é "uma manifestação indireta do Espírito eterno" e, portanto, algo essencialmente diferente do sujeito anímico, da alma evolucionista, cuja essência consiste em tempo imanente. Pelo contrário, o Eu "em estado desperto", quer dizer, não coisificado, é essencialmente atemporal: sua temporalidade corrente provém da identificação subjetiva com o tempo imanente do sujeito consciente. E é este Eu perdido, contaminado de tempo imanente, que substitui o sujeito consciente na iniciativa evolutiva e desenvolve poderosamente a esfera de consciência: assim ocorre porque a essência do Eu é a VONTADE, enquanto a essência do sujeito consciente é o tempo imanente; a vontade do Eu se impõe ao sujeito consciente e toma seu controle, mas fica, com esse ato, irremediavelmente temporalizado. No entanto, tal

como se vê, o Eu perdido permanece sempre submergido no sujeito consciente, mas sem perder sua essência volitiva: É O EU PERDIDO QUEM PADECE DO "EXTRAVIO OBJETIVO" MENCIONADO NA RESPOSTA ANTERIOR. O SUJEITO CONSCIENTE, PELO CONTRÁRIO, JAMAIS PERDE SUA POSSIBILIDADE DE ORIENTAR-SE PARA O ARQUÉTIPO MANU, TOMANDO PELO CAMINHO DE ELIX: PARA O SUJEITO CONSCIENTE DO VIRYA, O MESMO QUE PARA O PASU, NÃO EXISTE A POSSIBILIDADE DO EXTRAVIO OBJETIVO. Mas, como pode estar o Eu perdido, um Eu submergido no sujeito consciente, EXTRAVIADO OBJETIVAMENTE, se para o sujeito consciente não existe a possibilidade do extravio objetivo, se sempre pode percorrer o caminho de ELIX em ambos os sentidos? Resposta: é evidente que isto só pode ocorrer porque o Eu perdido NÃO CIRCULA PELO MESMO CAMINHO QUE O SUJEITO CONSCIENTE, QUER DIZER, PELO CAMINHO DE ELIX, SENÃO POR UM CAMINHO PARALELO, NO QUAL SE CUMPRE A CONDIÇÃO DO EXTRAVIO OBJETIVO. Tal é o efeito da ressignificação primordial que os Siddhas Traidores realizaram sobre o símbolo sagrado do pasu, sobre o caminho de ELIX: no virya existem agora DOIS CAMINHOS, PARALELOS E CORRELATIVOS; POR UM DELES, "ELIX", SE DESLOCA O SUJEITO CONSCIENTE SEM POSSIBILIDADE DE EXTRAVIO OBJETIVO; PELO OUTRO, "LABRELIX", DESLIZA-SE O EU PERDIDO, EM PERMANENTE ESTADO DE EXTRAVIO OBJETIVO.

Consegue-se assim, por meio do encadeamento espiritual, aproveitar a essência volitiva do Eu, para induzir a evolução do sujeito consciente: TODO MOVIMENTO DO EU PERDIDO, APESAR DE EFETUÁ-LO EXTRAVIADO EM SEU PRÓPRIO CAMINHO LABRELIX, ARRASTA O SUJEITO CONSCIENTE NA DIREÇÃO DO PROGRESSO EVOLUTIVO, SEM DESVIÁ-LO NUNCA DO CAMINHO DE ELIX. E vale a pena repetir: TODO MOVIMENTO do Eu perdido é aproveitado para favorecer a evolução do sujeito consciente.

O Símbolo da Origem, plasmado na memória de sangue do virya, por efeito da chave genética, deve ser sustentado "universalmente" para que subsista e se transmita como caráter hereditário. Com outras palavras, o Símbolo da Origem deve participar de um "suporte universal", de modo semelhante a como todo símbolo participa dos Arquétipos universais e recebe destes seu suporte. Mas o Símbolo da Origem, não é de essência arquetípica, senão RÚNICA: o Símbolo da Origem, enquanto RUNA, é um símbolo INCRIADO, quer dizer, não criado pelo Demiurgo; não existe, pois, no plano arquetípico, nenhum Arquétipo que corresponda e possa formar as RUNAS porque estas, entre outras diferenças essenciais com qualquer Símbolo arquetípico, são, por exemplo, INFINITAS. Como, então, a chave genética consegue o extraordinário efeito de que o Símbolo da Origem seja sustentado universalmente no plano físico, mantendo-se permanentemente SOBRE o símbolo sagrado do pasu, para sua RESSIGNIFICAÇÃO? A resposta a esta pergunta constitui o segredo mais bem guardado pelos Siddhas Traidores, pois sua revelação significa o conhecimento de um monstruoso mecanismo denominado SISTEMA REAL KALACHAKRA: para dar uma ideia de suas enormes dimensões, basta saber que inclui a Terra e o Sol em sua função operacional. No entanto, em que pese a dificuldade que supõe a explicação de tal construção extraterrestre, a resposta será oferecida nos tomos sexto e sétimo, pois seu conhecimento é imprescindível para concretizar a liberação do encadeamento espiritual.

J – Estudo analógico da ressignificação do símbolo sagrado do pasu.

É possível visualizar melhor o efeito que o encadeamento espiritual causa na esfera de consciência do pasu, recorrendo a uma interpretação analógica relacionada com a figura 56. Contudo, será conveniente avisar que um estudo

semelhante poderia revelar correspondências muito mais rigorosas e exatas se se empregassem os instrumentos matemáticos adequados, isto é, a Geometria Analítica e Diferencial. Como este não é o caso, nos contentaremos em recordar que os quadrantes analógicos, que são cartesianos e ortogonais, não têm correspondência numérica, senão conceitual, com os fenômenos representados. E vamos agregar, além disso, outras cinco definições que permitirão compreender a "ressignificação do símbolo sagrado do pasu" no contexto do modelo analógico desenvolvido até aqui.

Conceito de LINHA: tenhamos presente que, se a curva ELIX representa o fio contínuo da consciência do pasu, então só pode consistir em INSTANTES de tempo imanente. A CURVA ELIX, enquanto LINHA GEOMÉTRICA, deve ser considerada como uma sucessão de PONTOS; mas a curva ELIX é uma FUNÇÃO do progresso evolutivo da esfera de consciência e, portanto, cada um de seus pontos tem que corresponder a um instante de tempo imanente.

Conceito de CONTINUIDADE: a CONTINUIDADE da curva ELIX, E DE QUALQUER OUTRA CURVA REPRESENTADA GRAFICAMENTE NOS QUADRANTES DO ESPAÇO ANALÓGICO **(Es, Tt, L_D)**, define-se simplesmente como A NÃO INTERRUPÇÃO da série pontual: há CONTINUIDADE se é possível passar ininterruptamente de um ponto a outro, ao deslocar-se sobre a curva, ou seja, se todos os pontos da série ESTÃO EM CONTATO ENTRE SI.

Conceito de DIREÇÃO: a DIREÇÃO, para toda curva analógica, define-se como a DISTÂNCIA MAIS CURTA entre um ponto qualquer de uma curva e outro ponto de referência da mesma curva. Desde o ponto de vista da analogia viária, a DIREÇÃO é uma apreciação subjetiva da CURVATURA LINEAR que uma curva-caminho apresenta à passagem do sujeito anímico: assim, dir-se-á que "o caminho é tanto mais direto quanto mais se aproxime sua curvatura linear à matriz funcional da lei de evolução, ou seja, à função espiral". A curva ELIX é, nesse sentido, o caminho mais DIRETO possível de que dispõe o sujeito consciente para deslocar-se evolutivamente em ambos os sentidos do processo arquetípico.

Conceito de DIREÇÃO CONTÍNUA: significa que, em todo ponto da curva ELIX, ao passar a outro ponto consecutivo em qualquer sentido, CONSERVA-SE A DIREÇÃO do movimento. Quer dizer, para um sujeito consciente que circule pelo CAMINHO ELIX, NÃO EXISTE POSSIBILIDADE DE EXTRAVIO OBJETIVO: O SUJEITO, APENAS ANDANDO DE PONTO EM PONTO, ALCANÇA INFALIVELMENTE OS EXTREMOS DA FUNÇÃO.

Conceito de ORIENTAÇÃO: denomina-se ORIENTAÇÃO ao ato de evoluir com DIREÇÃO CONTÍNUA sobre o caminho do significado. A ORIENTAÇÃO é oposta ao EXTRAVIO OBJETIVO. A propriedade de uma curva analógica, de oferecer ORIENTAÇÃO, é uma qualidade topológica conhecida como ADISTOMIA, termo que se definirá mais adiante; a curva ELIX, por exemplo, é uma função ADISTÔMICA, desde o ponto de vista da ORIENTAÇÃO.

Finalmente, tomando em consideração estes convênios e definições, podemos ver representados na figura 57 os dois caminhos analógicos seguidos pelo sujeito consciente e o Eu perdido. A figura mostra-nos, naturalmente, só um segmento da curva ELIX, "o caminho" pelo qual se desloca o sujeito consciente e, SOBRE ELA, a curva LABRELIX, análoga ao caminho do Eu perdido. O fato de terem sido representadas no gráfico as curvas sobre UM PLANO, ou seja, sobre o quadrante **(Es, Tt)**, em lugar de fazê-lo em um espaço tridimensional como o da figura 56, deve-se a que é necessário observar este fenômeno de duas perspectivas diferentes, tal como se evidenciará em seguida: de todos os modos, há que se supor que o eixo do "Logos demiúrgico" (**L_D)** passa pelo centro do círculo que simboliza o pasu, pelo ponto central e de forma perpendicular ao plano da figura. Notemos

também que, com a perspectiva da figura 57, A CADA PONTO DA CURVA ELIX CORRESPONDEM DOIS PONTOS DA CURVA LABRELIX: mas, segundo veremos muito em breve, isto é só uma aparência.

Analisemos o que nos diz a figura 57. A curva ELIX representa o caminho do significado contínuo, tomado pelo sujeito consciente durante sua evolução progressiva.

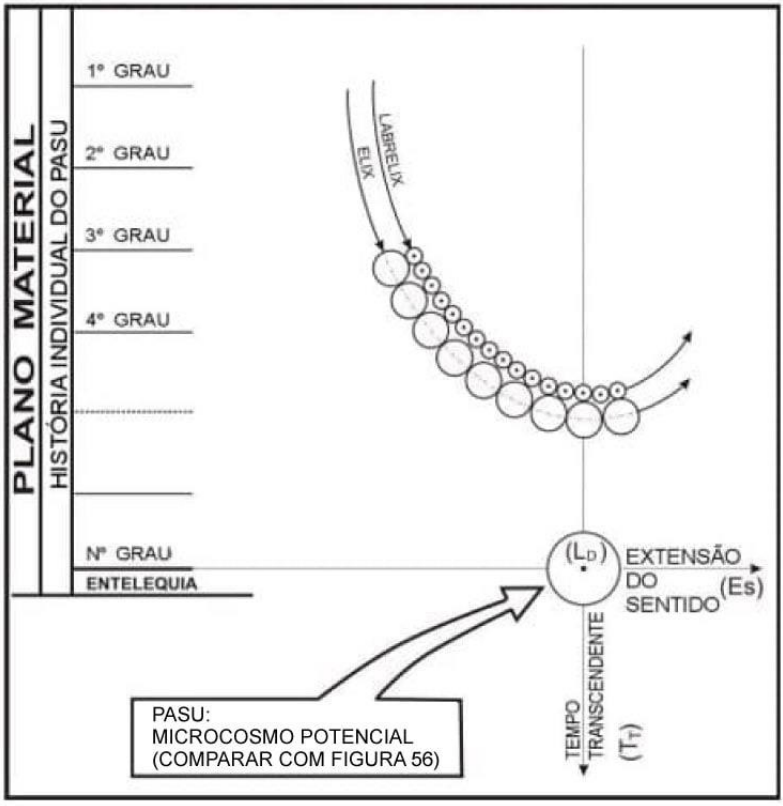


FIGURA 57

Esta evolução foi impulsionada pela vontade do Eu perdido, que se encontra confundido com ele: sem perder sua essência volitiva, o Eu perdido desloca-se pelo seu próprio caminho LABRELIX, arrastando o sujeito consciente para graus de maior progresso evolutivo. Mas o Eu perdido, de acordo com o que foi visto, realiza esta operação EM ESTADO DE EXTRAVIO OBJETIVO: como isso pode ser possível? Para responder, analogicamente, a esta pergunta, é que se requer o emprego de uma nova perspectiva E A DEFINIÇÃO GEOMÉTRICA DO CONCEITO DE EXTRAVIO OBJETIVO.

Com a chave genética, os Siddhas Traidores ressignificam o símbolo da autonomia ôntica, o símbolo sagrado do pasu, aplicando o Símbolo da Origem sobre

o desígnio pasu: esta operação, o encadeamento espiritual, é a que causa a aparição de um "caminho LABRELIX" sobre o caminho de ELIX. Desde o ponto de vista analógico, o Símbolo da Origem causa o seguinte efeito: A CADA "PONTO" DA CURVA ELIX, QUE DESDE JÁ VAMOS CHAMAR DE "MONARQUE", FAZ CORRESPONDER UM "PONTO" DA CURVA LABRELIX, PONTO DENOMINADO "TETRARQUE"; tais pontos podem se observar na figura 58. Fica definida, assim, entre a curva ELIX e a curva LABRELIX uma correspondência biunívoca, tal que, a cada ponto de ELIX corresponde um e só um ponto de LABRELIX e vice-versa.

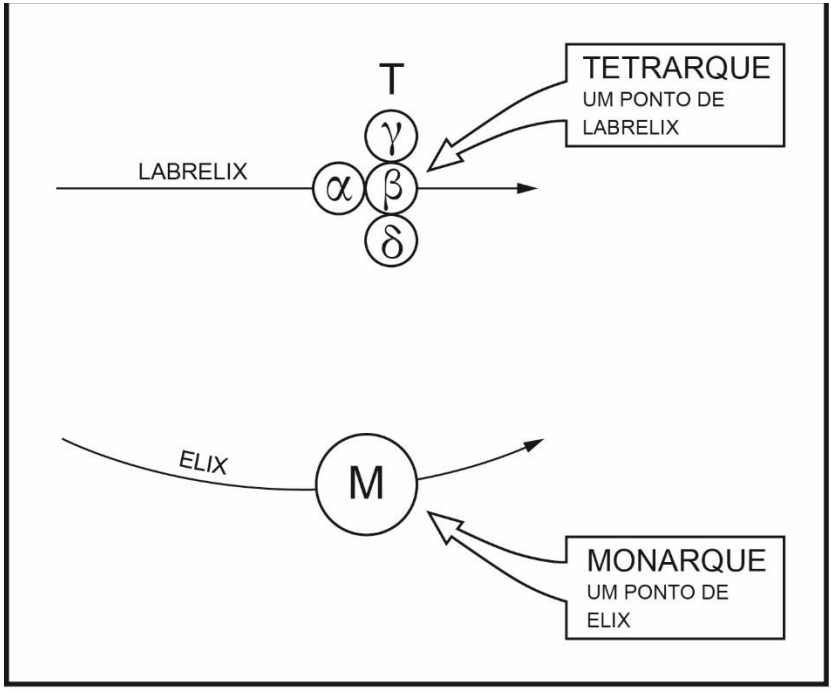


FIGURA 58

No entanto, vê-se na figura 58 que, enquanto MONARQUE, o ponto de ELIX, é uma unidade esférica (**M**), o ponto TETRARQUE de LABRELIX consta de quatro recintos: ALFA (**α**), BETA (**β**), GAMMA (**γ**) e DELTA (**δ**).

Para compreender esta relação "de um a quatro" que existe entre os pontos monarque e tetrarque, há que se ter bem presente a analogia do significado COMO caminho.

Monarque é um instante do tempo imanente, mas também, como ponto do caminho de ELIX, é UM lugar que ocupará o sujeito consciente durante sua evolução. Desde esse lugar, o sujeito consciente dispõe de CONTINUIDADE, para regressar ao Arquétipo Manu ou antecipar-se à enteléquia, passando pelos restantes pontos monarque da curva ELIX; e dessa forma, dispõe de ORIENTAÇÃO DIRETA para efetuar esse trânsito, NÃO EXISTINDO NENHUMA POSSIBILIDADE DE

EXTRAVIO OBJETIVO. Mas é o movimento do Eu perdido, ao passar de um tetrarque a outro, a força que impulsiona o sujeito consciente a caminhar de monarque em monarque, pelo caminho de ELIX. Analisemos, pois, a forma deste movimento, observando as figuras 58 e 59.

A princípio, o Eu perdido encontra-se no RECINTO DE ENTRADA alfa (**α**) do tetrarque, no instante imanente em que o sujeito consciente ocupa o ponto monarque (**M**). Em frente ao Eu perdido encontra-se, então o RECINTO ÍNTIMO beta (**β**) cuja característica essencial consiste em que bloqueia a passagem para outro tetrarque e, ao contrário, permite o acesso a qualquer dos RECINTOS DE SAÍDA laterais, gama (**γ**) ou delta (**δ**). Com outras palavras: O EU PERDIDO SITUADO EM (**α**), NÃO PODE PASSAR A OUTRO TETRARQUE ATRAVÉS DE (**β**), POIS ESSE RECINTO ESTÁ FECHADO PARA FRENTE: DESDE (**β**) SÓ É POSSÍVEL PASSAR PARA (**γ**) OU (**δ**); POIS BEM, TANTO (**γ**) COMO (**δ**), ESTÃO ABERTOS PARA FRENTE, O QUE PERMITE AO EU PERDIDO MOVER-SE A PARTIR DE QUALQUER UM DELES PARA O SEGUINTE TETRARQUE SUCESSIVO. E, quando o Eu perdido executa esse passo, seja que provenha de (**γ**) ou (**δ**), seu movimento arrasta solidamente o sujeito consciente, que então passa também ao seguinte monarque.

Olhando-se bem as figuras 58 e 59, se perceberá que o Eu perdido enfrenta, em cada tetrarque, a sequência inevitável: (**α**), (**β**), e (**γ**) ou (**δ**). Para compreendê-lo, indaguemos à Sabedoria Hiperbórea: por que se move um Eu perdido? Resposta: porque sua essência volitiva o impulsiona a BUSCAR ORIENTAÇÃO; tal é a natureza ESTRATÉGICA do Eu perdido, a BUSCA DE ORIENTAÇÃO é, pois, o motor do Eu e, com essa determinação, ingressa sempre nos recintos de entrada dos tetrarque do caminho LABRELIX. A partir dali, o Eu perdido se vê obrigado a repetir as três fases de uma sequência inevitável:

Fase **(α):** o Eu perdido ingressa no recinto de entrada, motivado pela BUSCA DE ORIENTAÇÃO que determina sua essência volitiva.

Fase **(β):** o Eu perdido ingressa em um recinto íntimo do tetrarque, onde se bifurca o caminho: ali deve OPTAR entre duas alternativas: (**γ**) ou (**δ**).

Fase **(γ) ou (δ):** o Eu perdido ESCOLHEU uma das vias possíveis (**γ**) ou (**δ**), para continuar com a busca de orientação e passa para um recinto de saída; desde ali, logo, poderá ingressar no recinto de entrada (**α**) do seguinte tetrarque.

Em síntese, e tal como se expressou em um quadro ao pé da figura 59, a fase (**α**) caracteriza-se pela BUSCA, a fase (**β**) pela OPÇÃO e a fase (**γ**) ou (**δ**) pela ESCOLHA.

Ao cumprir esta sentença, desde logo, o Eu perdido NÃO PODE SE NEGAR, uma vez que o mesmo princípio que causa sua aparição, isto é, a ressignificação do símbolo sagrado do pasu com o Símbolo da Origem, determina também A FORMA em que dita aparição há de ocorrer: o Eu perdido, como manifestação efetiva do Espírito encadeado, só pode existir sobre um caminho LABRELIX formado por pontos tetrarque, um caminho paralelo e correlativo ao caminho de ELIX, por onde circula o sujeito consciente do pasu durante o processo evolutivo do Arquétipo Manu.

Observemos que, além das analogias que suscita “o significado como

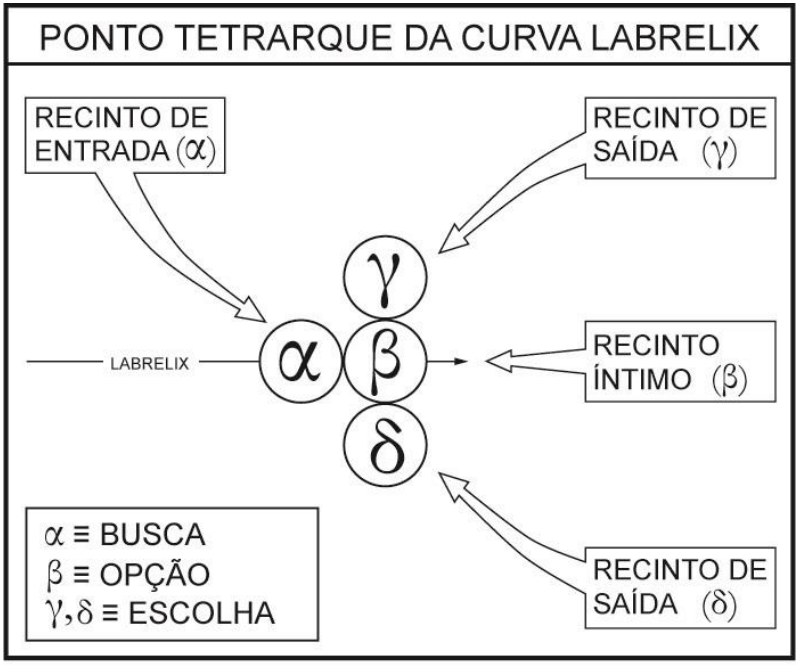


FIGURA 59

caminho”, os pontos monarque e tetrarque correspondem respectivamente a ATOS REAIS do sujeito consciente e do Eu perdido. Tais “pontos”, com efeito, são símbolos que representam o ATO do sujeito ou do Eu, em um momento dado de seu acontecer: os “pontos”, então, são a expressão atual das essências respectivas. Por um lado, sendo o tempo imanente a ESSÊNCIA do sujeito consciente, o monarque é o INSTANTE ATUAL de dito tempo; quer dizer, O “INSTANTE” É A FORMA DO ATO TEMPORAL. Por outra parte, sendo a vontade a essência do Eu perdido, o tetrarque é o MOMENTO ATUAL da volição egoica; mas o tetrarque tem forma tríplice: com outras palavras, O MOMENTO TETRARQUE DO EU, O ATO VOLITIVO ADQUIRE, SUCESSIVAMENTE, TRÊS FORMAS CARACTERÍSTICAS: durante a fase (**α**) o ato adquire a forma da BUSCA; durante a fase (**β**) o ato toma a forma da OPÇÃO; e durante a fase (**γ**) ou (**δ**) o ato volitivo tem a forma evidente de uma DECISÃO.

Não obstante, se não se esquece que o tetrarque configura as três formas que adota em um instante imanente o ato volitivo do Eu perdido, a analogia viária será ainda sumamente útil.

Assim, suponhamos que o caminho LABRELIX é uma curva composta por uma série sucessiva de pontos tetrarque e analisemos suas propriedades à luz das definições precedentes. É evidente que o recinto de entrada (**α**) de um tetrarque posterior só poderá unir-se com o tetrarque anterior por um dos recintos de saída (**γ**)

ou (**δ**). Com o fim de visualizar adequadamente uma curva construída de maneira semelhante, representou-se na figura 60 o caminho LABRELIX sobre o caminho ELIX: reparemos que esta figura é equivalente à figura 57, pois mostra o mesmo segmento das curvas ELIX e LABRELIX, ainda que vistas de outra perspectiva; com efeito, aqui o plano escolhido para observar é o **(Es, L_D)**, podendo-se constatar que o eixo do tempo transcendente **(Tt)** encontra-se perpendicularmente ao plano da figura, "passando" pelo ponto central do círculo que simboliza o pasu.

A figura 60 nos permitirá, por fim, DEFINIR GEOMETRICAMENTE O "EXTRAVIO OBJETIVO" e explicar a função utilitária que o encadeamento espiritual atribui ao Eu perdido, para favorecer a evolução do pasu. Em primeiro lugar, notemos que a curva ELIX consta de "n" pontos monarque, M1, M2, M3, etc., cada um dos quais corresponde a um instante de tempo imanente, ou seja, a um MOMENTO PRESENTE OU ATUAL do fio histórico da consciência: o sujeito consciente, ao deslocar-se por um "caminho" semelhante, o faz com DIREÇÃO CONTÍNUA para a enteléquia Manu, ou seja, permanentemente ORIENTADO, sem possibilidade de extravio objetivo. Em segundo lugar, observemos que a curva LABRELIX consiste em uma sucessão de pontos tetrarque T1, T2, T3, etc., cada um dos quais coincide com um ponto monarque da curva ELIX; a rigor da analogia, cada ponto tetrarque se encontra sempre SOBREPOSTO ao seu correspondente monarque, de tal modo que a curva LABRELIX encontra-se SOBRE a curva ELIX: esta condição é analogicamente necessária para expressar o fato de que o Eu perdido encontra-se, a todo instante, SUBMERGIDO no sujeito consciente ou, com mais precisão, o fato de que O ATO DO EU PERDIDO SE CONFUNDE COM O INSTANTE IMANENTE.

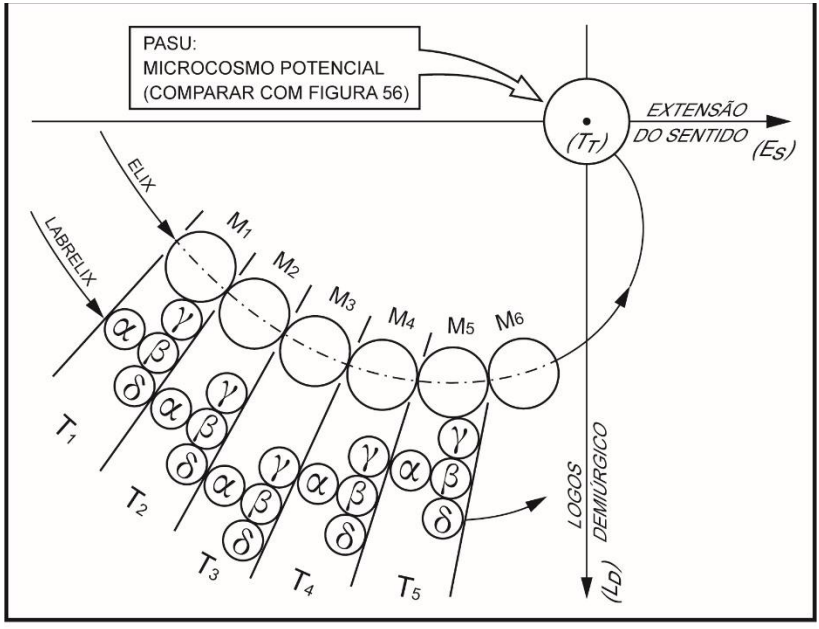


FIGURA 60

É evidente que, contrariamente à curva ELIX, na curva LABRELIX não é possível a ORIENTAÇÃO: o Eu perdido, ao deslocar-se pelo caminho LABRELIX, não conseguirá jamais uma ORIENTAÇÃO CONTÍNUA semelhante à que obtém o sujeito consciente andando pelo caminho de ELIX. Para comprová-lo, só temos que examinar o movimento do Eu perdido sobre um caminho análogo ao da figura 60. A princípio, deve-se admitir que a curva LABRELIX é CONTÍNUA: é possível avançar e retroceder sobre a mesma sem encontrar nenhuma interrupção; todos os pontos tetrarque estão em contato entre si, formando uma série contínua, paralela e correlativa à série pontual da curva ELIX. No entanto, desde os recintos (**α**), ocupados pelo Eu perdido no começo de cada instante imanente, não é possível conhecer a direção exata dos extremos da função: PARA UM EU SITUADO EM UM TETRARQUE DETERMINADO, SÓ SERÁ POSSÍVEL ALCANÇAR "EFETIVAMENTE" OUTRO TETRARQUE QUALQUER, MAS NÃO SE PODERÁ ANTECIPÁ-LO. Por exemplo, o Eu perdido situado em (**α**) de T1 só poderá "ALCANÇAR EFETIVAMENTE" T5 ocupando REALMENTE os pontos analógicos T2, T3, e T4, mas não poderá PREVER nem ANTECIPAR T5 porque os recintos íntimos (**β**) de cada tetrarque, "fechados para frente", o impedem. Tal impossibilidade de ORIENTAÇÃO denomina-se: EXTRAVIO OBJETIVO do Eu perdido.

O extravio objetivo pode ser entendido, alegoricamente, como se o Eu perdido andasse "às cegas" pelo caminho LABRELIX, incapaz de vislumbrar o que está além do momento atual; no exemplo recente, pode-se dizer que o Eu perdido "não vê" T5 desde (**α**) de T1, nem nenhum outro tetrarque anterior ou posterior a T1. Esta propriedade de extraviar o Eu, que possui o caminho LABRELIX, pode também se explicar assim: para o Eu em T1, o ponto T5 só poderia ser alcançado após resolver as OPÇÕES que apresentam **β**2, **β**3 e **β**4; antes destes ATOS concretos seria impossível para o Eu antecipar T5, já que tal tetrarque É O PRODUTO FINAL DE UMA SÉRIE DE OPÇÕES E ESCOLHAS IMPREVISÍVEIS, resolvidas pelo Eu perdido durante a caminhada; e o mesmo vale para qualquer outro tetrarque localizado em qualquer ponto do caminho LABRELIX. O Eu nunca sabe para onde vai: SÓ BUSCA; e nessa busca avança ou retrocede por LABRELIX sem conhecer nada mais além do tetrarque atual. O EXTRAVIO do Eu denomina-se "OBJETIVO" porque é real, determinado externamente à sua vontade de orientação pela ação do Símbolo da Origem, que lhe impõe um caminho constantemente bifurcado. Mas o EXTRAVIO OBJETIVO ocasiona também no Eu um efeito SUBJETIVO: é a sensação de RETILINEARIDADE de seu deslocamento pelo caminho LABRELIX; este efeito se simbolizou na figura 58, com a LINHA RETA que indica o ingresso do Eu no ponto tetrarque, em oposição à CURVA que assinala a trajetória do sujeito consciente pelo caminho ELIX. O Eu perdido tem sempre o convencimento de que se move sobre uma linha reta e, como habitualmente se encontra confundido com o sujeito consciente, ou seja, identificado subjetivamente com o tempo imanente, estende essa crença a toda essência temporal e supõe, sem mais nem menos, QUE O TEMPO TRANSCORRE DE FORMA LINEAR. Nem é preciso dizer que tudo isto é puramente subjetivo, uma ilusão produzida pelo EXTRAVIO OBJETIVO que o Eu perdido experimenta no caminho LABRELIX.

Mas muito diferente é a situação do sujeito consciente, durante esse movimento desorientado do Eu: esse, qualquer que seja o movimento efetuado pelo Eu, sempre avança na DIREÇÃO CONTÍNUA da enteléquia Manu, progredindo evolutivamente pelo caminho de ELIX. Assim ocorre porque o encadeamento espiritual, a ressignificação do símbolo sagrado do pasu com o Símbolo de Origem, determina que o Eu perdido ande em EXTRAVIO OBJETIVO pelo caminho

LABRELIX, enquanto arrasta, com a força de sua vontade de busca, o sujeito consciente pelo caminho ELIX do progresso evolutivo.

Examinemos agora, com mais detalhes, as propriedades da curva LABRELIX da figura 60. Antes de tudo, vemos que em cada Instante imanente, M1, M2, M3, etc., o Eu perdido efetua as três fases de um ato volitivo correspondente T1, T2, T3, etc. Isto significa que a VELOCIDADE RELATIVA do Eu perdido é, pelo menos, três vezes maior que a do sujeito consciente.

Com esta velocidade superior, o Eu perdido realiza os seguintes movimentos sobre o caminho LABRELIX: no instante M1, o Eu ingressa no recinto de entrada (**α**) do tetrarque T1, em um ato volitivo de busca; com essa determinação, passa então ao recinto íntimo (**β**), onde se vê obrigado a optar entre dois caminhos alternativos, (**γ**) ou (**δ**); a escolha do Eu recai em (**δ**) e assim ingressa em um recinto de saída; no instante M2, o Eu se move de (**δ**) de T1 para (**α**) de T2; ingressa no momento em (**β**) e opta pelo recinto de saída (**δ**); após essa escolha, no instante M3, o Eu se desloca para o recinto (**α**) de T3, para iniciar uma nova busca; já em (**β**), opta pela saída (**γ**), de onde se move, no instante M4, para o recinto de entrada (**α**) de T4; e deste modo, decidindo, instante após instante, o rumo a seguir, o Eu avança pelo caminho LABRELIX, submergido irremediavelmente no extravio objetivo.

Não será necessário insistir demasiadamente, nem agregar nenhum esclarecimento, se afirmamos que O CAMINHO LABRELIX TEM AS DIMENSÕES DE UM LABIRINTO INTERIOR, UM LABIRINTO NO QUAL O EU ENCONTRA-SE PERMANENTEMENTE EXTRAVIADO, SEM POSSIBILIDADE DE ORIENTAR-SE EM NENHUM SENTIDO. O deslocamento do Eu sobre o caminho LABRELIX, efetivamente, cumpre a sequência de todo aquele que se encontra EXTRAVIADO em um labirinto: BUSCA (da saída), OPÇÃO (entre dois caminhos que se bifurcam) e ESCOLHA (por um deles). Mas o caminho ESCOLHIDO conduz, invariavelmente, a uma nova bifurcação, frente à qual é necessário OPTAR novamente, repetindo-se perpetuamente o drama do extravio: busca, opção e escolha. Mas as dimensões labirínticas do caminho LABRELIX constituem algo a mais do que uma mera alegoria formal: a Sabedoria Hiperbórea afirma a realidade do labirinto interior, no qual se encontra extraviado o Eu perdido. Por isso, as vias de liberação espiritual que propõe só podem ser compreendidas com termos do Mistério do Labirinto, Mistério que se expressou desde outrora com o "símbolo sagrado do virya", ou seja, com o sinal do labirinto exterior, "com TIRODINGUIBURR, o labirinto exterior de Wotan (tomo sétimo)".

Nos tomos sexto, sétimo e oitavo, voltaremos a falar sobre o labirinto, interior e exterior; continuaremos agora com o exame do caminho LABRELIX. Pelo que vimos, o mesmo consiste em uma sucessão de tetrarque, pontos que "obrigam" o Eu a cumprir uma constante e repetida sequência das fases "busca", "opção" e "escolha": por essa constante necessidade de OPTAR entre alternativas (**γ**) ou (**δ**), com que os tetrarque condicionam o Eu, é que a Sabedoria Hiperbórea também os denomina de: PONTOS DISJUNTIVOS.

Oferecendo, cada ponto da curva LABRELIX, uma DISJUNTIVA, é evidente que o Eu há de permanecer no extravio objetivo. Desde o ponto de vista geométrico, esta propriedade da curva LABRELIX, de bifurcar-se em cada ponto, denomina-se DISTOMIA. Em grego, a palavra DISTOMOS (διτομος) alude a uma DUPLA DIVISÃO; por exemplo, a distomia de uma CAVERNA implica em que esta possui DUAS ENTRADAS, a distomia de uma espada que esta tem DOIS FIOS, etc.; e a DISTOMIA DE UM CAMINHO SUPÕE SUA BIFURCAÇÃO. Daí que se qualifique o caminho LABRELIX de DISTÔMICO e que a curva LABRELIX, que se bifurca em cada ponto, denomine-se FUNÇÃO DISTÔMICA.

Assim, a propriedade de EXTRAVIO OBJETIVO que o caminho LABRELIX apresenta para a passagem do Eu perdido, tem sua correspondência geométrica na qualidade da curva LABRELIX de ser uma função DISTÔMICA, uma curva formada por pontos disjuntivos, na qual não existe nenhuma possibilidade de ORIENTAÇÃO. A curva ELIX, inversamente, denomina-se ADISTÔMICA, por sua qualidade de apresentar DIREÇÃO CONTÍNUA, ou seja, ORIENTAÇÃO em todos os seus pontos.

Recordemos, por último, o que foi dito em "H"; "a introdução do Símbolo da Origem no microcosmo DETERMINA A DISPOSIÇÃO TOPOLÓGICA DOS CAMINHOS POTENCIAIS DO SIGNIFICADO". Isto quer dizer que, para o Eu perdido, não só seu próprio caminho LABRELIX, senão TODO SIGNIFICADO CONTÍNUO TORNA-SE DISTÔMICO, por efeito do Símbolo da Origem.

Para o pasu, segundo vimos em "H", no núcleo axial de conotação existe um "nó viário", um ponto analógico do caminho ELIX, onde se conectam os caminhos potenciais que se dirigem a outros planos de significação oblíquos: tais caminhos potenciais, desde logo, se fossem atualizados pela exploração do sujeito cultural, se formariam com a matriz funcional da lei de evolução e seriam semelhantes a ARCOS DE ESPIRAL, a segmentos da curva ELIX.

Para o virya, pelo contrário, no núcleo axial de conotação existe, ALÉM DISSO, um nó viário distômico, onde se conectam os caminhos potenciais que se dirigem a outros planos de significação oblíquos: mas tais caminhos potenciais, NA APERCEPÇÃO DO EU PERDIDO, serão também distômicos, segmentos da curva LABRELIX. Ainda que o Eu perdido se assente fundamentalmente no sujeito consciente, pode ocorrer que, através deste, aperceba o reflexo dos atos sistemáticos do sujeito cultural: se for esse o caso, o Eu perdido só tomará conhecimento dos caminhos potenciais sob a sua forma distômica, sem mudar, em nenhum momento, seu estado de EXTRAVIO OBJETIVO. É por isso que, PARA O EU, a estrutura cultural aparece representada ou intuída como um LABIRINTO INTERIOR; isso é produto da redução distômica que o Símbolo da Origem causa em TODOS os caminhos significativos da estrutura psíquica, frente à apercepção do Eu. E, assim como o pasu projeta o sinal espiral como expressão do "símbolo sagrado do pasu" ou matriz funcional da lei da evolução, assim também o virya PROJETA "TIRODINGUIBURR", O SINAL LABIRINTO EXTERIOR, COMO EXPRESSÃO DO SÍMBOLO DO VIRYA OU SÍMBOLO DA ORIGEM, o qual é causa do labirinto interior: Tirodinguiburr, como se explicará no tomo sétimo, constitui o "símbolo sagrado do virya".

O Símbolo da Origem, ao causar a distomia de todo significado contínuo da estrutura psíquica, ao tornar esta em um "labirinto interior" para a apercepção do Eu perdido, produz um curioso efeito subjetivo denominado QUADRANGULARIDADE DA ESFERA DE SOMBRA. Este efeito, que não é mais do que a assimilação de toda a esfera de sombra à forma do tetrarque, produz no Eu a impressão de que o inconsciente da estrutura psíquica é regido pelo número quatro; inversamente, costuma ocorrer que o número quatro rege inconscientemente a apercepção do Eu e determina a cardinalidade do pensamento. As quatro estações, os quatro pontos cardeais, os quatro ventos, os quatro elementos, as quatro idades, etc., são divisões arbitrárias do real causadas pela forma "tetrárquica da esfera de sombra".

Mas a esfera luz, assento do sujeito consciente e, por consequência, do Eu perdido, também experimenta um efeito quantificador característico, por causa do Símbolo da Origem: trata-se, neste caso, da TRIPARTIÇÃO DA ESFERA DE LUZ. Ainda que o tetrarque represente a QUÁDRUPLE forma que o ato volitivo do Eu é capaz de adotar, é evidente que, em sua passagem por um tetrarque, o ato real do Eu é essencialmente TRÍPLICE: (**α**), (**β**) e (**γ**) ou (**α**), (**β**) e (**δ**). Ao manifestar-se na esfera de luz, em cada ponto do caminho LABRELIX, o Eu efetua um ato

TRIFORME, que determina a ordinalidade do pensamento: tudo quanto se supõe regido por um "termo médio" tem aqui sua origem. Por exemplo, a ação "mediadora" do número dois na série 1,2,3; manhã, tarde e noite; acima, meio e abaixo; passado, presente e futuro, etc.

K – De como o encadeamento espiritual causa o desenvolvimento do esquema de si mesmo.

O exame analógico da figura 60 nos permitiu compreender com mais precisão o encadeamento espiritual, produto da ressignificação do símbolo sagrado do pasu com o Símbolo da Origem. Temos agora que estudar o efeito que tal operação causou no microcosmo potencial. Mais concretamente, nos propomos a indagar como o encadeamento espiritual causa uma aceleração evolutiva tão importante no pasu que justifica, ainda que depois de milhões de anos, o seu permanente emprego por parte dos Siddhas Traidores.

Para começar, recordemos os termos do problema que tiveram que resolver os Siddhas Traidores. Na Terra, existia um hominídeo primitivo, denominado pasu, o qual, não obstante seu escasso grau de desenvolvimento, constituía uma fase do desenvolvimento do Arquétipo Manu; mas, apesar de seu primitivismo, esse animal-homem possuía algo extremamente valioso, segundo o critério dos Siddhas Traidores: o "desígnio pasu". O pasu, com efeito, era um microcosmo potencial, possuía em seu desígnio o Plano completo do microcosmo; e esse Plano consistia, nem mais nem menos, do que na réplica do Plano do macrocosmo. Os Siddhas Traidores se lançaram, então, à compreensão deste Plano e a projetar uma modificação que permitisse acelerar a evolução do pasu; com esse fim, arranjaram um acordo com o Demiurgo Solar e receberam deste o poder sobre as hierarquias dévicas da Terra; Sanat Kumara, o Demiurgo planetário, Jeová-Satanás, cedeu, nesse momento, seu lugar no Trono do Mundo a Ridgen Gyepo, quem, como Rei do Mundo, fundou a Hierarquia Branca e iniciou um reinado que dura até hoje. As cláusulas daquele infame Pacto com o Demiurgo seriam, sem dúvida, incompreensíveis e alucinantes para qualquer virya perdido e, por isso, convém conhecer só os dois pontos mais destacados de todo o argumento: os Siddhas Traidores se comprometeram a fazer cumprir no pasu os objetivos micro e macrocósmico de sua finalidade, com uma velocidade muito maior do que a desenvolvida até então pelo processo evolutivo do Arquétipo Manu, gerando, com isso, uma DOR sem precedentes no mundo; o Demiurgo concedeu autorização, em contrapartida, para que os Siddhas Traidores permaneçam no Universo do Uno até o Mahapralaya.

Pois bem, no tempo da chegada dos Siddhas Traidores, o pasu já havia desenvolvido a estrutura psíquica: dispunha da esfera afetiva, esfera racional e "uma incipiente esfera de pré-consciência". Mas o objetivo microcósmico da finalidade exige que o pasu desenvolva a esfera de consciência até o extremo de que todo o microcosmo se reflita nela, permitindo ao sujeito consciente refletir em um pensamento o microcosmo totalmente racionalizado, quer dizer, "pensar a si mesmo": neste grau da evolução, o pasu obtém autonomia ôntica e cumpre o objetivo microcósmico. A "modificação" que os Siddhas Traidores projetaram sobre o desígnio pasu devia visar, evidentemente, a favorecer o desenvolvimento acelerado da esfera de consciência. Isto se conseguiu, como já se disse, ressignificando no desígnio pasu o símbolo sagrado do pasu com o Símbolo da Origem: a escolha recaiu em tal símbolo porque o mesmo constitui o "centro de referência" de si mesmo, ou seja, o centro em torno do qual se estrutura o "esquema de si mesmo" ou esfera de consciência.

Aparece assim uma nova espécie sobre a Terra: o VIRYA, ou homem semidivino. No sangue do virya, como herança genética dos Siddhas Traidores, subsiste o Símbolo de Origem que ressignifica, apenas com sua presença, o símbolo sagrado do pasu, presente no desígnio pasu: quanto mais puro é o sangue hiperbóreo do virya, tanto mais potente é o Símbolo da Origem para ressignificar o símbolo sagrado do pasu e superar as tendências animais de sua própria herança genética. É esta presença ressignificante do Símbolo da Origem é que causa a extraordinária aceleração evolutiva da esfera de consciência do virya.

Mas, como exatamente o Símbolo da Origem causa o efeito calculado pelos Siddhas Traidores? Resposta: porque introduz no seio do sujeito consciente uma força poderosa, que se soma ao impulso evolutivo do Arquétipo Manu e arrasta irresistivelmente o sujeito consciente para a enteléquia; esta força é que causa o desenvolvimento inusitado do esquema de si mesmo ou esfera de consciência; e esta força é, naturalmente, a essência volitiva do Eu perdido. Recordemos que a Traição Branca é um Mistério Maior, ao que a Sabedoria Hiperbórea divide em dois atos principais: o primeiro é a inversão dos Espíritos-Esfera, quer dizer, a confusão estratégica dos Espíritos Hiperbóreos; e o segundo ato é o plano que os Siddhas Traidores projetam para cumprir seu Pacto com o Demiurgo.

Tal plano constava de duas fases, uma das quais consistia em plasmar o Símbolo da Origem no sangue do virya, por meio da chave genética, e a outra, no encadeamento espiritual, ou seja, na introdução de “uma força poderosa” no seio do sujeito consciente: o Eu perdido, sua essência volitiva.

O Símbolo da Origem causa o encadeamento espiritual e a manifestação, na esfera de consciência, do Espírito encadeado sob a forma do Eu perdido, um Eu que é reflexo do Eu infinito. Mas o Eu perdido, cuja essência é à vontade, encontra-se subsumido logo na natureza temporal do sujeito consciente, obrigado a atuar como força impulsionadora de seu processo evolutivo. Assim ocorre, porque o Símbolo da Origem não só causa a manifestação do Eu no seio do sujeito consciente, senão que também causa seu permanente EXTRAVIO OBJETIVO, determinando que o Eu se desloque por um caminho distômico, paralelo ao caminho adistômico seguido pelo sujeito consciente, em sua evolução progressiva. O Eu, cuja essência volitiva tem a forma da busca de orientação, vê-se forçado, pelo caminho LABRELIX, a permanecer sempre em EXTRAVIO OBJETIVO, qualquer que seja seu movimento; mas todos os movimentos do Eu atuam como uma força poderosa, que arrasta o sujeito consciente por seu próprio caminho ELIX, para a enteléquia Manu, para a autonomia ôntica. Ou seja, cumpre-se o objetivo microcósmico da finalidade do pasu e, também, as condições do Pacto entre os Siddhas Traidores e o Demiurgo.

O Símbolo da Origem causa, pois, a presença do Eu no caminho LABRELIX e o movimento deste causa, por sua vez, o deslocamento acelerado do sujeito consciente pelo caminho ELIX, cumprindo-se então o objetivo microcósmico da finalidade do pasu QUE EXIGE O DESENVOLVIMENTO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, OU SEJA, DO ESQUEMA DE SI MESMO. Por isso, convém reformular e apresentar novamente a pergunta anterior, e buscar agora uma resposta mais precisa: como o Símbolo da Origem causa, com o Eu perdido no sujeito consciente, exatamente o efeito calculado pelos Siddhas Traidores, isto é, o DESENVOLVIMENTO DO ESQUEMA DE SI MESMO OU ESFERA DE CONSCIÊNCIA? Resposta: o Eu mantém o sujeito consciente em constante movimento, reflexo de sua infrutífera busca de orientação pelo caminho LABRELIX; mas todo movimento do sujeito consciente “É INTERPRETADO PELA RAZÃO COMO INTERROGAÇÃO”; e em resposta às flexões do sujeito consciente, a razão, e o sujeito cultural, emitem um fluxo permanente de imagens referidas a si mesmo QUE SE ESTRUTURAM NA ESFERA DE CONSCIÊNCIA E DESENVOLVEM O

ESQUEMA DE SI MESMO. O esquema de si mesmo, em resumo, cresce permanentemente, como efeito da força que a essência volitiva do Eu perdido, em sua busca de orientação, aplica sobre o sujeito consciente.

L – O caminho LABRELIX, labirinto interior.

Como conclusão fundamental deste inciso, há que se extrair o conceito definido por último, sobre o EXTRAVIO OBJETIVO que o Eu perdido experimenta ao deslocar-se sobre o caminho LABRELIX. Este caminho distômico representa, para o Eu, um verdadeiro labirinto interior, por cujas trilhas transita extraviado, repetindo constantemente a sequência de busca (**α**), opção (**β**) e escolha **(γ)** ou (**δ**). Frente a uma situação tão sombria, cabe se perguntar: é possível que o virya perdido obtenha algum dia orientação estratégica e consiga liberar-se do encadeamento espiritual? Ou, o que, segundo vemos agora, é o mesmo: é possível que o Eu perdido consiga algum dia orientar-se no labirinto do caminho LABRELIX e possa abandoná-lo para sempre? Resposta: tal como já o adiantamos na Primeira Parte, isso é possível aplicando uma via de liberação espiritual, das sete mais uma, que propõe a Sabedoria Hiperbórea, em particular, aplicando a "via da oposição estratégica", que se estuda neste livro. Esta via, cuja técnica secreta foi confiada pelos Siddhas Leais à ORDEM DE CAVALHEIROS TIRODAL da República Argentina, permite ISOLAR O EU PERDIDO DO SUJEITO CONSCIENTE, MEDIANTE UMA ARQUÊMONA INTERIOR, MEDIANTE UM CERCO ESTENDIDO EM TORNO DO EU. Semelhante arquêmona interior é, desde logo, uma RUNA NOOLÓGICA; e a operação por meio da qual o Eu perdido fica ressignificado e orientado para o Selbst, denomina-se PRIMEIRA INICIAÇÃO HIPERBÓREA. O isolamento do Eu, com efeito, só pode se obter como "Iniciação", já que, a partir dali o Eu será imortal pelo resto do Manvantara.

À parte da Primeira Iniciação Hiperbórea, a Ordem de Cavalheiros Tirodal possui o conhecimento e os meios necessários para outorgar as duas iniciações seguintes: a Segunda Iniciação, que transforma o virya perdido, cujo Eu foi isolado runicamente do sujeito consciente, em virya desperto; e a Terceira, e última Iniciação, que transmuta o virya desperto em Siddha Berserkir, liberando definitivamente o Espírito eterno da confusão estratégica e do encadeamento espiritual. Mas tudo isto será explicado com detalhes mais adiante, depois que tenhamos penetrado no Mistério de Lagrgal e saibamos algo mais sobre a origem das runas.

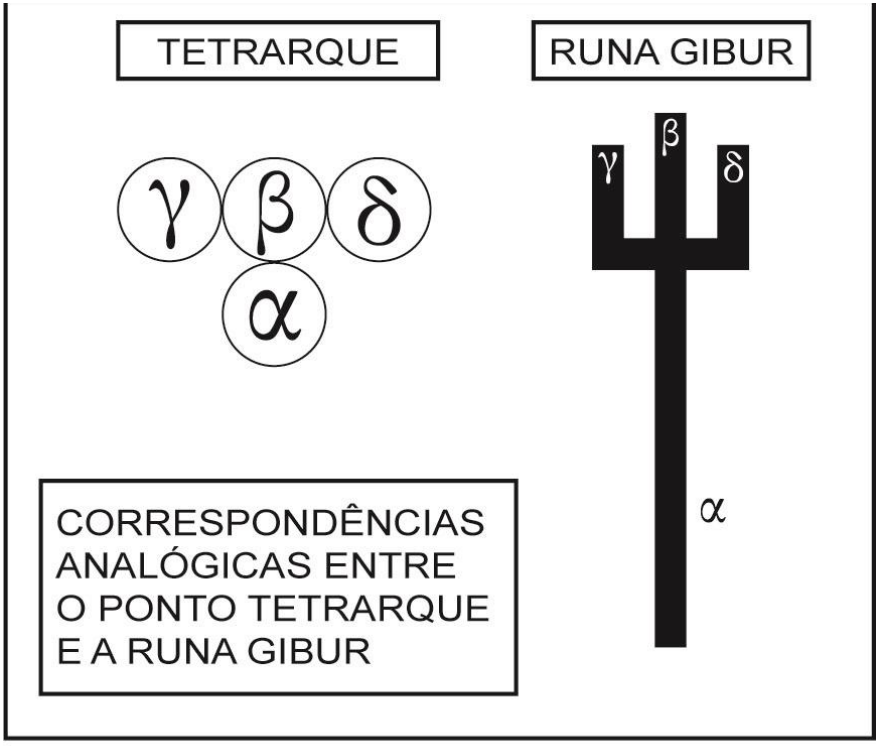


FIGURA 61

M - Correspondências analógicas entre o ponto tetrarque e a runa gibur.

Ainda que o conceito logo seja definido em outro Tomo, é conveniente assinalar agora as correspondências analógicas que existem entre o ponto tetrarque e a runa GIBUR, a última das treze mais três runas que compreende o "alfabeto" TIRODAL DE WOTAN. Tais relações se expuseram sinoticamente na figura 61. Vemos ali que o braço maior da runa gibur é análogo ao recinto de ingresso (**α**) do tetrarque; os três braços menores são análogos aos outros três recintos do tetrarque: o braço central da runa é análogo ao recinto íntimo (**β**) e os dois braços restantes correspondem respectivamente aos recintos de saída **(γ)** e (**δ**) do tetrarque.

Convém assinalar também que, por razões que se explicarão mais adiante, a runa gibur recebe certos nomes característicos, de acordo à sua disposição. Tal como se mostra na figura 62, se a runa gibur se dispõe com os três braços para cima, denomina-se TRIDENTE DE POSEIDON ou, não com tanta propriedade, TRISULA DE SHIVA, e representa a arma dos Siddhas.

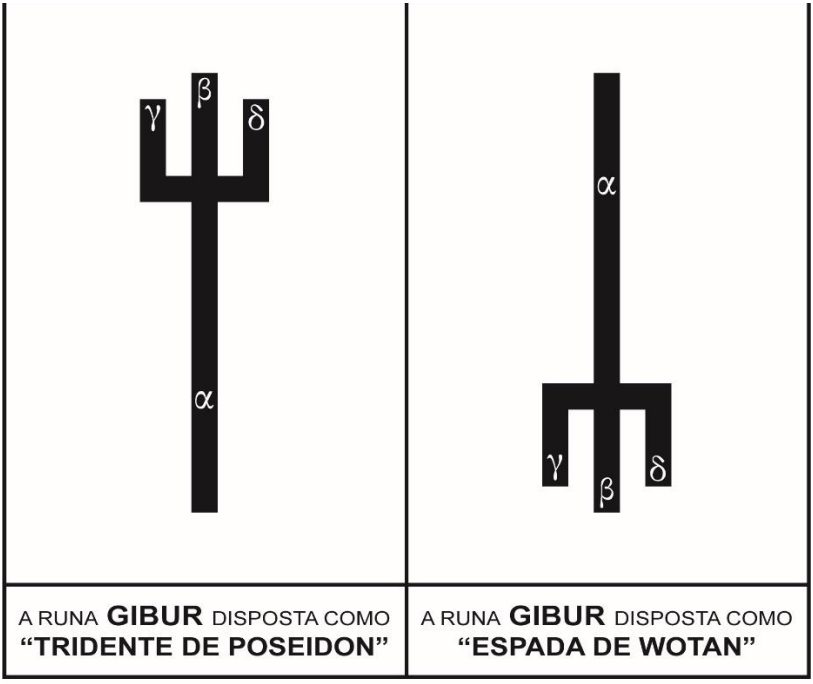


FIGURA 62

Por outra parte, se a runa gibur se dispõe com os três braços para baixo, chama-se ESPADA DE WOTAN, e representa a arma dos viryas despertos.

TERCEIRO TOMO – MEMÓRIAS MICROCÓSMICAS E REGISTRO MACROCÓSMICO

O conceito de "desígnio demiúrgico", definido no inciso anterior (segundo tomo), vai nos permitir, aqui, sistematizar tudo o que foi visto sobre as memórias microcósmicas e expor o importante conceito de REGISTRO MACROCÓSMICO. Este conceito de Registro macrocósmico é imprescindível para completar a explicação analógica sobre as SUPERESTRUTURAS que sustentam a forma das culturas externas ou dos fatos culturais. Contudo, tal explicação só se poderá abordar em breve no inciso "Superestruturas e Registros culturais" (quinto tomo), baseando-se em tudo o que for visto neste e no seguinte inciso. Aqui, vamos definir um conjunto de conceitos fundamentais da Sabedoria Hiperbórea, tais como: MEMÓRIA, FACULDADE DE RECORDAR, RECORDAÇÃO, REGISTRO, FACULDADE DE REGISTRAR, REGISTRO ÔNTICO, SETOR INATO DO REGISTRO ÔNTICO DO PASU, ETC. Como introdução, é útil ler o artigo "C" (tomo introdutório).

Para compreender com profundidade o significado que o conceito de MEMÓRIA tem na Sabedoria Hiperbórea, convém partir de duas definições. Uma é a "definição ontológica", quer dizer, de resposta à pergunta: o que é a memória? O virya desperto é quem emprega estrategicamente esta definição. E a outra é a "definição funcional", ou seja, a resposta à pergunta: que função cumpre a memória? Resposta que constitui um conceito habitual para o pasu. Desde já, estas definições referem-se às memórias microcósmicas, ainda que mais adiante as mesmas se estenderão às superestruturas macrocósmicas, após estabelecer as correspondentes relações analógicas que existem entre ambas.

A – Definição ontológica da memória.

As ESTRUTURAS VIVAS, tais como as que integram a estrutura psíquica do pasu, têm a propriedade de estar em constante CRESCIMENTO. Esta propriedade de CRESCER pode se descrever mediante três aspectos característicos: a VELOCIDADE do crescimento, ou seja, a resposta à pergunta "quanto cresce a estrutura?"; o MODO de crescer, quer dizer, a resposta a "com que modalidade lógica se forma a estrutura?"; e a CAPACIDADE para crescer, quer dizer, a resposta à pergunta integral "até onde pode crescer uma estrutura viva, com tal VELOCIDADE e tal MODO estrutural?". Desses três aspectos, a CAPACIDADE é, de longe, a mais importante, pois pode ser fator determinante das outras duas, sem que elas, pelo contrário, lhe afetem em nada: alegoricamente, poderia qualificar-se a CAPACIDADE como uma VARIÁVEL INDEPENDENTE, enquanto a VELOCIDADE e o MODO seriam VARIÁVEIS DEPENDENTES, quer dizer, magnitudes que, ao variar, dependem de sua RELAÇÃO com a variável independente.

É evidente que a CAPACIDADE assim definida, como expressão global do crescimento estrutural, mantém relação direta com o conceito de POTÊNCIA formativa já exposto. Se admitimos que a capacidade revela a APTIDÃO de um RECIPIENTE para receber um CONTEÚDO, podemos comprovar tal relação recordando o dito em D1 (segundo tomo), com respeito à potência e o ato: "potência e ato são aspectos complementares de um mesmo fenômeno, como "cheio" e "vazio": ao verter o CONTEÚDO desse recipiente o mesmo vai ficando MENOS cheio e, portanto, MAIS vazio. Como no caso de cheio e vazio, a conclusão depende do

ponto de vista. Ao manifestar-se no ente (ou em qualquer estrutura), o Arquétipo vai PERDENDO potência à medida que se atualiza, que progride para a enteléquia, (à medida que a estrutura CRESCE), quer dizer: A MAIS ATO, MENOS POTÊNCIA FORMATIVA". Potência e ato são, pois, análogos aos estados cheio e vazio de um recipiente. Mas, cheio e vazio são os limites extremos que adota todo CONTEÚDO e que estão determinados pela CAPACIDADE do RECIPIENTE: comprova-se, assim, que a CAPACIDADE está efetivamente relacionada com a potência. Mas, além disso, fica claro que a CAPACIDADE é uma determinação da potência, um último limite formal, além do qual ela não pode se atualizar: o ato causado por uma potência depende da CAPACIDADE; a potência é CAPAZ dentro dos limites da CAPACIDADE, em seu recipiente. No entanto, por definição, a potência não pode estar ESSENCIALMENTE determinada: a CAPACIDADE só pode ser um acidente, um limite agregado exteriormente à potência; no exemplo anterior, se a potência consiste no conteúdo, é evidente que este foi limitado exteriormente pela CAPACIDADE do recipiente; mas, se, por acaso, a potência procede do espaço, é ainda mais evidente, todavia, que a CAPACIDADE do recipiente estabelece um limite particular à extensão universal, à "potência espacial", alegoricamente falando.

No caso da estrutura viva, a CAPACIDADE determina a POTÊNCIA FORMATIVA do Arquétipo universal, ou psicoide, que a sustenta. Isto compreenderemos melhor, referindo-nos aos termos universal e particular de um ente individual, por exemplo, o cavalo ôntico da figura 48, o qual é uma boa mostra de "estrutura viva". O cavalo individual, com efeito, é um organismo em constante crescimento; crescimento que é impulsionado pela potência formativa do Arquétipo cavalo, cujo processo concede "existência natural" ao ente equino. A potência formativa causa o crescimento da estrutura equina de acordo a uma VELOCIDADE condicionada por causas externas e a um MODO próprio da essência equina; mas, o que determina o crescimento da estrutura equina, que princípio limita onticamente a potência formativa universal? Resposta: a MATRIZ ESSENCIAL do desígnio cavalo, proposto na estrutura equina, no cavalo ôntico, pela Vox do Demiurgo: a matriz essencial é o "princípio de individuação" que coloca termo particular, específico, à natureza equina universal e lhe outorga existência individual. Infere-se, então, que a MATRIZ ESENCIAL É A "CAPACIDADE" QUE DETERMINA A POTÊNCIA FORMATIVA: a estrutura equina pode "crescer", mas só até os limites que fixa a CAPACIDADE da matriz essencial, só até amoldar-se a ela. E comprova-se, também, que a CAPACIDADE imposta à potência formativa pela matriz essencial é algo agregado a ela, um termo particular, ou seja, um limite NÃO ESSENCIAL. A pergunta apresentada, ao definir a CAPACIDADE como um aspecto característico do crescimento da estrutura viva, pode ser respondida agora, à luz do exemplo sintetizado na figura 48; sua formulação era: até onde pode crescer uma estrutura viva, com tal velocidade e tal modo estrutural? Resposta: até a CAPACIDADE da matriz essencial de seu desígnio.

Observemos a figura 56, onde se representou o ato do microcosmo potencial. Analogamente ao que foi visto na figura 48, há aqui uma CAPACIDADE GLOBAL da matriz essencial do desígnio pasu, que determina a potência formativa do Arquétipo Manu. Mas o desígnio do pasu é o mais complexo "desígnio de desígnio" que existe: seu Plano consiste em uma estrutura de planos, cada um dos quais dirige o crescimento formal dos múltiplos e diferentes órgãos do microcosmo. Como se distingue um plano dentro de um grande Plano escrito no desígnio pasu? Resposta: "toda estrutura determina uma forma": o limite próprio de cada plano está determinado por sua CAPACIDADE para formar os membros orgânicos particulares que integram harmonicamente o microcosmo. Há, pois, uma CAPACIDADE própria de cada plano para determinar a potência formativa do Arquétipo Manu, que se

integra na CAPACIDADE GLOBAL da matriz essencial, ou seja, na CAPACIDADE do Plano completo do desígnio pasu. Isto é evidente e claro, já que cada membro orgânico cresce com VELOCIDADE e MODO próprios, mas integrados harmonicamente na estrutura do microcosmo, de tal maneira que este cresce, por sua vez, com VELOCIDADE GLOBAL e MODO GLOBAL, para amoldar-se à CAPACIDADE GLOBAL da matriz essencial.

Tendo presentes estes esclarecimentos, vamos nos referir a um membro orgânico particular do microcosmo, isto é, à ESTRUTURA PSÍQUICA, cujo esquema analógico se mostra nas figuras 11 e 11b. De acordo com o que foi visto, no desígnio pasu tem que existir um Plano para a formação da estrutura psíquica, composto de planos específicos que dirigem o crescimento particular das esferas afetivas (4), racional (3) e de consciência (2). Especialmente, interessa-nos considerar os planos com base nos quais se forma a estrutura neurofisiológica do cérebro, a estrutura cultural e a estrutura do esquema de si mesmo: tais estruturas estão VIVAS e CRESCEM permanentemente, com VELOCIDADES e MODOS próprios, cumprido assim com os requisitos característicos que impusemos para a análise.

Devemos admitir, então, que estas estruturas DISPÕEM DE UMA "CAPACIDADE" ESPECÍFICA PRÓPRIA, QUE REGE SEU CRESCIMENTO E À QUAL SE AMOLDA SUA FORMA. Mais claramente: a estrutura neurofisiológica do cérebro se desenvolve de acordo a um plano particular, contido no desígnio pasu; tal plano coloca termo específico à potência formativa do Arquétipo Manu NESSA REGIÃO do organismo microcósmico: ESSE TERMO ESPECÍFICO QUE LIMITA A POTÊNCIA FORMATIVA E DETERMINA O CRESCIMENTO DA ESTRUTURA NEUROFISIOLÓGICA, É A "CAPACIDADE" DO PLANO PARTICULAR. E o mesmo ocorre com a estrutura cultural, a qual cresce determinada por uma CAPACIDADE própria. Assim como, também, a estrutura do esquema de si mesmo cresce segundo a CAPACIDADE de um plano particular.

Pois bem, estas estruturas servem para a manifestação do sujeito anímico, o qual se denomina "sujeito racional" na estrutura neurofisiológica, "sujeito cultural" na estrutura cultural, e "sujeito consciente" no esquema de si mesmo ou estrutura da esfera de consciência. Eis aqui, por fim, a definição ontológica da Sabedoria Hiperbórea sobre a MEMÓRIA: A PERCEPÇÃO QUE O SUJEITO ANÍMICO EFETUA SOBRE A "CAPACIDADE" DA ESTRUTURA PSÍQUICA SE DENOMINA "MEMÓRIA".

Mais particularmente: A PERCEPÇÃO QUE O SUJEITO RACIONAL EFETUA SOBRE A "CAPACIDADE" DA ESTRUTURA NEUROFISIOLÓGICA DO CÉREBRO DENOMINA-SE "MEMÓRIA ARQUETÍPICA"; A PERCEPÇÃO QUE O SUJEITO CULTURAL EXPERIMENTA SOBRE A "CAPACIDADE" DA ESTRUTURA CULTURAL DENOMINA-SE "MEMÓRIA CULTURAL" OU "CONCEITUAL"; E A PERCEPÇÃO QUE O SUJEITO CONSCIENTE REALIZA SOBRE O ESQUEMA DE SI MESMO DENOMINA-SE "MEMÓRIA DE SI MESMO".

Poderá surpreender, à primeira vista, semelhante assimilação do conceito de memória à capacidade de uma estrutura, mas, um pouco que se medite sobre isso, compreender-se-á que a capacidade é a verdadeira origem da memória, que "memória" é a percepção subjetiva da capacidade: a memória, como a capacidade, é um RECIPIENTE, cujo conteúdo estrutural cresce e se desenvolve por impulso de uma potência; a "memória", e a "capacidade" que determina a potência estrutural, são o mesmo. A diferença, subjetiva, consiste em que o sujeito atende preferentemente aos CONTEÚDOS estruturais em crescimento, considerando-os como retenções MNEMÔNICAS: então, a "memória", para ele, é a "capacidade" de reter e conservar dados. O pasu define claramente a memória como a "capacidade de uma potência retentiva", o que é uma maneira subjetiva de nomear a "capacidade

de uma potência estruturante", ou seja, a capacidade do plano que limita a potência formativa e estruturadora do Arquétipo Manu. Mas, tudo isto se compreenderá melhor após estudar a "definição funcional da memória" e a "faculdade de recordar".

B - Definição funcional da memória.

Já sabemos o que É a memória: A PERCEPÇÃO SUBJETIVA DA "CAPACIDADE" DE UMA ESTRUTURA VIVA, OU SEJA, DO LIMITE FORMAL QUE DETERMINA A POTÊNCIA ESTRUTURANTE.

O CRESCIMENTO de uma estrutura é função de sua CAPACIDADE, ou seja, de sua MEMÓRIA. Mas o crescimento depende concretamente dos ELEMENTOS que vão se integrando, com o passar do tempo, quer dizer, dos NÓS e CONEXÕES que integram os SISTEMAS simples ou complexos. O sujeito anímico, QUE À "CAPACIDADE" DENOMINA "MEMÓRIA", também percebe, de forma subjetiva, o CONTEÚDO de uma capacidade, ou seja, os ELEMENTOS da estrutura: PARA O SUJEITO ANÍMICO, OS "SISTEMAS" (FIGURA 13) SÃO "RECORDAÇÕES" SE SÃO PERCEBIDOS NO QUADRO DE UMA "MEMÓRIA".

Com outras palavras: SE UMA ESTRUTURA VIVA É ABARCADA SOB A EXTENSÃO DO CONCEITO DE "MEMÓRIA", OS SISTEMAS QUE A INTEGRAM SÃO PERCEBIDOS COMO "RECORDAÇÕES". O CONCEITO DE MEMÓRIA É O ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL NECESSÁRIO E SUFICIENTE PARA QUE UM SISTEMA ADQUIRA SIGNIFICADO DE "RECORDAÇÃO". Um sistema, por exemplo, se é vivenciado sob a extensão do conceito "memória", em seu contexto, será experimentado pelo sujeito anímico como "recordação".

Assim, a "memória", que não é outra coisa do que a capacidade de uma estrutura, é compreendida subjetivamente como um estoque de conteúdos mnemônicos, como se "conservar recordações" fosse sua FUNÇÃO. Daqui a, evidentemente equívoca, "definição funcional da memória": MEMÓRIA É TODO RECIPIENTE ESTRUTURAL CAPAZ DE RECEBER E CONSERVAR A FORMA DE UM EVENTO DADO E DE PERMITIR SUA POSTERIOR REPRODUÇÃO.

Para o pasu, a "função" da memória é "conservar as recordações" e "facultar sua rememoração"; para o virya desperto, a "memória" é só a percepção subjetiva da capacidade de uma estrutura viva. Quer dizer que, para o pasu, a verdade da memória consiste em sua "definição funcional" (e subjetiva), enquanto para o virya desperto a verdade da memória é expressada em sua "definição ontológica" e real.

C - Faculdade de recordar.

Sendo que, em cada estrutura viva, pode se definir uma "memória", a partir da percepção subjetiva de sua "capacidade", é evidente que cada sujeito local disporá de sua particular "faculdade de recordar": por isso dizemos que "a faculdade de recordar é própria do sujeito anímico completo, qualquer que seja a estrutura na qual atue". No entanto, as recordações, o objeto do ato de recordar, são reproduções conscientes, ou seja, imagens referidas para o umbral de consciência, para o centro de referência de si mesmo. Quer seja que tenha sido localizado na memória arquetípica pelo sujeito racional, na memória cultural pelo sujeito cultural, ou na memória de si mesmo pelo sujeito consciente, o conteúdo sêmico da recordação emerge através da esfera de sombra e se manifesta na esfera de luz como reprodução consciente. Daí que, nas análises seguintes, não obstante sua procedência de diferentes memórias, quer dizer, de distintas estruturas, a recordação se considera referida exclusivamente ao sujeito consciente: a recordação será uma reprodução consciente, requerida pelo sujeito consciente, e o sujeito consciente será quem dispõe da "faculdade de recordar". Este convênio nos facilitará enormemente a explicação.

Colocadas assim as coisas, podemos afirmar que a FACULDADE DE RECORDAR é em tudo semelhante à “faculdade de imaginar”, que descrevemos na Primeira Parte. Uma RECORDAÇÃO, com efeito, só difere de uma FANTASIA em que é RECONHECIDA como tal. Então, a recordação aparece claramente referida a um passado real, diferentemente de toda fantasia, na qual é evidente o seu caráter irreal. E esta possibilidade de RECONHECIMENTO imediato é o que caracteriza subjetivamente a FACULDADE DE RECORDAR. O sujeito consciente, por outro lado, pode distinguir com clareza se o conteúdo de seu pensamento é algo RECORDADO ou algo IMAGINADO. No demais, como veremos em seguida, as propriedades energéticas de uma recordação e de uma fantasia são completamente equivalentes.

A princípio, notemos o seguinte: tanto a recordação como a fantasia são REPRODUÇÕES EFETUADAS POR UM ATO VOLITIVO DO SUJEITO. Toda outra representação é sempre uma PRODUÇÃO dos sujeitos racional ou cultural; a recordação e a fantasia, pelo contrário, são REPRODUÇÕES causadas pelo requerimento do sujeito consciente. Mas o requerimento do sujeito é um ATO VOLITIVO, fato que exige uma interpretação energética da faculdade de recordar, análoga à já exposta para a faculdade de imaginar. Releiamos, pois, o que foi dito a respeito: “... a “energia psíquica” é a força de que dispõe a vontade para atuar”. Na estrutura cultural, o sujeito cultural, ao animar um sistema, é quem PRODUZ VOLITIVAMENTE a representação emergente. A “potência ativa” da Relação é na realidade a DISPOSIÇÃO POTENCIAL para atuar que possui o sistema vivo, animado pela alma; com outras palavras, há uma reserva volitiva da alma, pronta para ser utilizada pelo sujeito, conforme a disposição potencial de tal ou qual Relação particular. Recordemos que definimos as “faculdades” como “disposições” do sujeito; dissemos, por exemplo, “o sujeito cultural DISPÕE da faculdade tradutora”. Pois bem, “AS FACULDADES SÃO “DISPOSIÇÕES ATIVAS”, DETERMINADAS PELAS DISPOSIÇÕES POTENCIAIS DAS ESTRUTURAS VIVAS”.

Neste caso, cabe indagar: qual será a DISPOSIÇÃO POTENCIAL da estrutura viva que determina a DISPOSIÇÃO ATIVA da FACULDADE DE RECORDAR? Resposta: a MEMÓRIA, quer dizer, a CAPACIDADE da estrutura viva. A capacidade da memória, enquanto RECIPIENTE MNEMÔNICO, é o limite formal que determina a disposição ativa da faculdade de recordar, tanto para receber, conservar ou reproduzir CONTEÚDOS MNEMÔNICOS. Vimos que a CAPACIDADE é uma determinação da POTÊNCIA FORMATIVA atuante em toda estrutura; agora comprovamos que a capacidade, como “memória”, é uma determinação da POTÊNCIA ATIVA da estrutura viva, a qual, por sua vez, condiciona a disposição ativa da faculdade tradutora.

Sabemos, pela definição funcional da memória, que o sujeito anímico do pasu RECONHECE um sistema como RECORDAÇÃO se este foi notado no quadro do conceito “memória”: não há que esclarecer que isto ocorre automaticamente, que BASTA APENAS O REQUERIMENTO DO SUJEITO PARA QUE A DISPOSIÇÃO ATIVA DA FACULDADE DE RECORDAR NOTE O SISTEMA EM QUESTÃO SOB A EXTENSÃO DO CONCEITO “MEMÓRIA”.

Todo sistema possui a qualidade de SUBSISTIR na estrutura viva por causa da potência ativa das Relações, que sustenta a conexão com os Princípios ou nós de potência passiva. Mas, ao ser o sistema vivenciado subjetivamente como RECORDAÇÃO, pela disposição da faculdade de recordar, esta qualidade de SUBSISTIR é, da mesma forma, compreendida como aspecto principal da recordação: assim, subjetivamente, A RECORDAÇÃO SE CARACTERIZA POR SUBSISTIR NA MEMÓRIA.

A requerimento do sujeito consciente, a faculdade de recordar REPRODUZ o sistema recordado, causando um símbolo emergente, análogo ao "**I**" da figura 21. No entanto, este símbolo emergente da recordação NÃO É UMA REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE; os motivos são análogos aos argumentos quando o símbolo emergente era uma fantasia: "... as fantasias (e as recordações) são imagens essencialmente sustentadas pelo sujeito consciente, reproduzidas volitivamente por si e para si".

"Duas imagens, uma representação consciente e uma fantasia (ou recordação) podem ser semiologicamente homólogas e possuir ambas energia máxima. No entanto, DIFERIRÃO ESSENCIALMENTE EM UM ASPECTO DA ENERGIA. E isso deve ser assim, porque senão o sujeito consciente não saberia distinguir a imagem de um ente real de uma fantasia ideal (OU DA RECORDAÇÃO DE UM FATO PASSADO, ATUALMENTE inexistente); não saberia diferenciar o plano dos entes reais do plano dos objetos imaginários. A diferença consiste, segundo se disse, em um aspecto da energia: na "primeira intenção", ou direção para si mesmo, que possui a energia de toda representação consciente. As fantasias (E AS RECORDAÇÕES), com efeito, NÃO POSSUEM A PRIMEIRA INTENÇÃO, já que não foram referidas para si mesmo senão que, pelo contrário, encontravam-se integradas nas estruturas vivas e dali emergiram para a esfera de luz, por requerimento do sujeito consciente".

"O sujeito colocou a fantasia (ou a recordação) na esfera de luz e as referiu a um objeto ideal, a uma ideia. Por ser energética, a fantasia (ou a recordação) deve ter uma intencionalidade, mas a mesma visa não a si mesmo, senão a uma ideia do sujeito: a fantasia (ou a recordação) REVESTE tal ideia básica, forma-a imaginariamente e se sustenta nela. O sujeito consciente vem a ser, assim, o suporte essencial das fantasias (e das recordações), pois se desdobra voluntariamente para reproduzi-las. Este desdobramento voluntário do sujeito NA fantasia (ou na recordação), esta presença íntima do sujeito no objeto imaginário, faz com que a todo o momento exista consciência do caráter puramente ideal da imagem percebida."

A recordação ou a fantasia aparecem referidas ao sujeito consciente e sustentadas por este, que é quem as reproduziu volitivamente. Mas o sujeito pode distinguir entre uma recordação e uma fantasia, pode RECONHECER a primeira como a reprodução de um fato passado e DESCONHECER a segunda como evidência do seu caráter puramente imaginário, ideal e original. O que é, pois, o que permite o sujeito consciente RECONHECER uma recordação e distingui-la de uma fantasia? Resposta: o significado fundamental proposto na recordação, correspondente ao conceito "memória". A RECORDAÇÃO, DIFERENTEMENTE DA FANTASIA, FOI PRODUZIDA SOB A EXTENSÃO DE UM CONCEITO "MEMÓRIA"; O SIGNIFICADO ORIGINAL DA RECORDAÇÃO FICA ASSIM REFORMULADO SOBRE O SIGNIFICADO DO CONCEITO MEMÓRIA, PELA DISPOSIÇÃO DA FACULDADE DE RECORDAR: A RECORDAÇÃO AGORA, NÃO SÓ DIZ O QUE É RECORDADO, SENÃO QUE, ANTES DE MAIS NADA, DIZ QUE SE TRATA DE UMA "RECORDAÇÃO". Em síntese, a recordação revela-se ao sujeito consciente como tal, por disposição da faculdade de recordar.

D – Análise da recordação.

A recordação, como a fantasia, possui uma segunda intenção dirigida para o sujeito consciente. Esta segunda intenção é o efeito do ato volitivo do sujeito que, ao requerer e reproduzir a recordação, a DIRIGE para si; quer dizer, é o próprio sujeito, sob a forma de "segunda intenção", quem sustenta a recordação para sua APERCEPÇÃO. O recordar é, pois, um ato REFLEXIVO do sujeito, um

desdobramento: com a segunda intenção na recordação, visa a si; e desde si, apercebe a recordação. Deste modo, "RECORDAÇÃO" É A REPRODUÇÃO DE UM SISTEMA SUBSISTENTE, SOB A EXTENSÃO DO CONCEITO MEMÓRIA, E SUA APERCEPÇÃO SUBJETIVA.

A esta definição que, desde já, se refere à recordação psicológica do pasu, convém complementar destacando um aspecto essencial: a RACIONALIDADE de toda recordação. Há que se perceber, com efeito, que o "conteúdo" de uma "memória" é, na realidade, um sistema integrado em uma estrutura viva e, portanto, sua apercepção só pode consistir num significado a priori; quer dizer que a recordação SÓ PODE SER INTELIGÍVEL A PRIORI: ainda aqueles fatos que originalmente tenham sido absolutamente irracionais, claro, todo fato racional passado, ao serem recordados, serão imediatamente inteligíveis porque são racionais a priori. As recordações não necessitam ser racionalizadas previamente para serem compreendidas pelo sujeito, como acontece com as fantasias, porque são racionais a priori, mesmo as recordações de fatos originalmente irracionais. Logicamente, estas afirmações necessitam ser demonstradas, e o faremos tomando, como exemplo, a recordação de um fato irracional, tal como a COMPULSÃO SUICIDA.

Em primeiro lugar, notemos que a Sabedoria Hiperbórea nega a existência de CONTEÚDOS IRRACIONAIS nas memórias microcósmicas: para a Sabedoria Hiperbórea o IRRACIONAL só pode ser ATUAL. Em um momento dado, por exemplo, experimentamos o DESEJO IRRACIONAL de colocar fim à nossa vida, cortando as veias do braço com uma navalha; tal desejo é, nesse momento, uma compulsão irresistível que constitui um ATO REAL, mas IRRACIONAL, da experiência vital: nada RACIONAL havia nessa compulsão suicida que experimentamos realmente naquele momento. Mas, se aquele ato era IRRACIONAL, não ocorre o mesmo com sua RECORDAÇÃO: a rememoração do ocorrido (na suposição de que não tenhamos cedido à compulsão suicida) é sempre inteligível e, portanto, RACIONAL. Antes de indagar por que, precisemos com maior profundidade os termos do problema.

No momento da pressão suicida, a vivência do ato é IRRACIONAL: não existe RAZÃO alguma que faculte semelhante ato; a compulsão não é inteligível, só se experimenta a urgência do desejo, sem que apareça à vista causa alguma: toda causa esgrimida como JUSTIFICATIVA da compulsão, na realidade, foi proposta a posteriori da mesma como reação racional de um sujeito que tenta provar a si mesmo sua sensatez, mas é fato consumado; quem experimenta a compulsão suicida, ou qualquer outro desejo similar, vivencia nesse momento um ATO IRRACIONAL PURO. Pois bem, passa o tempo, a experiência suicida é superada, e um belo dia RECORDAMOS aquele momento, quando sentimos o desejo de nos matar. Recordamos, e então nos vemos novamente NAQUELE MOMENTO, vivenciando aquele ato irracional; no entanto, por mais viva que seja a recordação, há que se admitir que jamais pode se equiparar, e muito menos se confundir com o ato original, e isso por três motivos principais:

Primeiro: porque a recordação do sujeito é um objeto para o sujeito: porque a recordação é apercebida com segunda intenção.

Segundo: porque o que recorda sabe que recorda: pelo significado mnemônico que lhe agrega a disposição da faculdade de recordar, ao notá-lo sob a extensão do conceito memória.

Terceiro: porque a recordação, ainda aquela cujo conteúdo se refere a um ato originalmente irracional, como a compulsão suicida do exemplo, sempre acaba inteligível para o sujeito evocador.

Quer dizer, TODA RECORDAÇÃO É RACIONAL A PRIORI. Chegamos assim ao ponto buscado, quando devemos indagar: por quê? Por que TODA RECORDAÇÃO É RACIONAL A PRIORI? Resposta: PORQUE TODA RECORDAÇÃO PSICOLÓGICA É SÓ A APERCEPÇÃO DE UM SISTEMA REPRODUZIDO E TODO SISTEMA, PELO FATO ESSENCIAL DE ESTAR INTEGRADO A UMA ESTRUTURA, TEM SEU CONTEÚDO SÊMICO NECESSARIAMENTE CODIFICADO EM UMA LINGUAGEM CONTEXTUAL.

Um fato pode TER SIDO originalmente irracional, mas desde o momento em que seu esquema constitui um sistema em uma estrutura, ou seja, um "conteúdo mnemônico" em uma "memória, está logicamente codificado segundo as modalidades das linguagens contextuais: quando tal sistema é "recordado", quer dizer, quando é notado sob a extensão do conceito memória, a recordação JÁ É RACIONAL POR SER ESTRUTURAL e sua réplica imediata só pode consistir em um relevo significado.

Toda recordação é, pois, racional a priori POR SER ESTRUTURAL.

Com respeito ao exemplo, ao recordar aquele momento da compulsão suicida, será possível reviver a totalidade do fato MENOS A IRRACIONALIDADE ORIGINÁRIA DA COMPULSÃO. Ao emergir a recordação, imediatamente será RECONHECIDA pelo sujeito como uma reminiscência. O momento passado, com todo o dramatismo de seu significado, se faz presente PARA o sujeito e o fato parece se repetir ante o olhar subjetivo: vemos o quarto; a cama onde estávamos deitados; sobre ela, a carta com o adeus definitivo da mulher amada, que motivou aquele desejo de morrer "antes que viver sem ela"; a navalha pousada sinistramente na mesinha de luz: E RECORDAMOS A NÓS MESMOS NAQUELE TRANSE. Quer dizer, aquele fato que se nos faz patente agora, com um contexto pleno de significação, em cujo entorno nos percebemos OBJETIVAMENTE: mas esta objetividade, que ilumina a própria clareza da recordação, impede irremediavelmente que voltemos a experimentar a compulsão original, a vivência de querer morrer sem razões. Aquela vivência irracional experimentamos como SUJEITO dramático: pelo contrário, a recordação nos devolve um OBJETO dramático que nos representa e ao qual não podemos substituir.

Recordamos o ocorrido e nos identificamos com o fato; sabemos com certeza que estivemos a ponto de nos matar e o reconhecemos na recordação, mas isso é tudo: a segunda intenção reflexiva que nos visa, está nos dizendo a todo instante que se trata de uma recordação, de um fato inexistente, que a tensão dramática não é verdadeira; uma parte de nós, por fim, está nos desmentindo a vivência, impedindo a confusão com esse reflexo objetivo de nossa pessoa que demonstra, na recordação, possuir uma intenção suicida. E assim ocorre porque, à parte de que a recordação é essencialmente objetiva, foi esvaziada de todo conteúdo irracional durante sua memorização, quando foi estruturada: TODA RECORDAÇÃO É, pois, RACIONAL A PRIORI.

Finalmente, há que se estabelecer com clareza os alcances da definição de "recordação" que desenvolvemos aqui e sua qualidade de ser racional a priori, por ser estrutural. Estas "recordações", segundo se conveniou antecipadamente, são objeto de apercepção do sujeito consciente, ou seja, da mais elevada manifestação psíquica do sujeito anímico. Mas o sujeito anímico cumpre uma estrita SEQUÊNCIA HIERÁRQUICA "irreversível que obriga a alma a manifestar-se inicialmente como sujeito racional do cérebro ou razão", logo como sujeito cultural na estrutura cultural e, por último, como sujeito consciente no esquema de si mesmo; segundo se explicou no artigo "E" (tomo introdutório). A "racionalidade" a priori da recordação a que nos referimos, é própria dos conteúdos mnemônicos das memórias microcósmicas operadas funcionalmente pela sequência hierárquica do sujeito

anímico. Fora das estruturas em que opera a sequência hierárquica do sujeito anímico, ou seja, na memória arquetípica, na estrutura cultural, e no esquema de si mesmo, EXISTEM MEMÓRIAS DE CONTEÚDO IRRACIONAL, mas elas permanecem habitualmente invisíveis para o sujeito anímico, durante toda a vida do pasu: o conteúdo de tais memórias irracionais, como vimos no artigo citado, consiste na recordação dos "esquemas de si mesmo anteriores", ou seja, na recordação das vidas passadas. Estes conteúdos devem se considerar "irracionais" apenas no sentido de que são "anteriores ao sujeito racional", ou seja, NÃO RACIONALIZÁVEIS por este.

E – Definição funcional de "Registro".

As estruturas microcósmicas vivas servem como veículo para as diversas manifestações do sujeito anímico; as "memórias" definidas pela capacidade de tais estruturas são, com toda propriedade, MEMÓRIAS MICROCÓSMICAS. As três memórias já mencionadas, por exemplo, são "memórias microcósmicas": a memória arquetípica, a memória cultural e a memória de si mesmo. Com este critério, podemos ampliar a "definição funcional da memória" para assinalar sua condição microcósmica: "memória MICROCÓSMICA é todo recipiente estrutural capaz de receber e conservar a forma de um evento dado e de permitir AO SUJEITO ANÍMICO sua posterior reprodução".

É claro, pois, que só são "memórias microcósmicas" aquelas que têm uma relação FUNCIONAL com o sujeito anímico, ou seja, aquelas que estão destinadas pela capacidade do plano a serem utilizadas pelo sujeito anímico, a gravarem e reproduzirem para este suas próprias recordações. Ocorre, assim, que, para traçar um paralelo entre as memórias microcósmicas e suas equivalentes macrocósmicas, seria sumamente equívoco empregar a denominação '"MEMÓRIA MACROCÓSMICA". Por isso, a Sabedoria Hiperbórea emprega o vocábulo "REGISTRO" para denominar o equivalente macrocósmico de alguma memória microcósmica: OS "REGISTROS" SÃO CAPACIDADES DAS ESTRUTURAS MACROCÓSMICAS NOTADAS E UTILIZADAS PELOS "ASPECTOS" DO DEMIURGO. Por consequência: O CONTEÚDO MNEMÔNICO DE UM REGISTRO REFERE-SE INTENCIONALMENTE AO ASPECTO DO DEMIURGO QUE É CAPAZ DE OPERAR SUBJETIVAMENTE NELE, QUER DIZER, O REGISTRO ESTÁ DESTINADO PARA O USO DO DEMIURGO, PARA GRAVAR E REPRODUZIR "SUAS RECORDAÇÕES".

Com isto, compreender-se-á a seguinte "definição funcional de Registro": REGISTRO MACROCÓSMICO É TODO RECIPIENTE ESTRUTURAL CAPAZ DE RECEBER E CONSERVAR A FORMA DE UM EVENTO DADO E DE PERMITIR AO DEMIURGO SUA POSTERIOR REPRODUÇÃO.

Tudo quanto possa se dizer aqui sobre os Registros, e quanto seja sugerido por dita exposição, será, sem dúvida, insuficiente para dar uma ideia sequer aproximada sobre a enorme complexidade deste conceito. Talvez em algo nos aproximemos se esclarecermos que, para o pasu, só é dado conhecer e consultar os Registros AO CONCRETIZAR SUA AUTONOMIA ÔNTICA: antes dessa perfeição evolutiva, o pasu NÃO DEVE conhecer a existência dos registros, e muito menos consultá-los, PORQUE SE ALTERARIA O SEU DESTINO, ou seja, PORQUE O PLANO DE SEU DESÍGNIO SE VERIA IRREMEDIAVELMENTE REVELADO. O virya desperto, pelo contrário, DEVE alcançar um alto domínio sobre os Registros, porque necessita valer-se de seus conteúdos para evitar sucumbir frente ao Terrível Segredo de Maya e para executar sua própria Estratégia de liberação espiritual; mas deste poder do virya desperto já falaremos mais adiante. Por ora, continuemos destacando a complexidade do conceito de Registro.

Não nos cansaremos de afirmar que só uma exata e profunda compreensão das analogias entre micro e macrocosmo, muito mais detalhada que a exposta no artigo "D" (primeiro tomo) revelará em algum grau o significado deste conceito ao virya perdido. Daí que seja quase impossível, com os elementos reunidos neste livro, oferecer uma DEFINIÇÃO ONTOLÓGICA do Registro, a qual deveria ser, desde já, ABSOLUTAMENTE METAFÍSICA; e não o tentaremos. O que faremos, em troca, será explicar analogicamente apenas DOIS TIPOS DE REGISTROS: o REGISTRO ÔNTICO e o REGISTRO CULTURAL, cujos significados serão facilmente compreensíveis no contexto do modelo estrutural micro e macrocósmico, desenvolvido até agora; e vamos esquecer o problema de estudar em extensão o conceito de Registro.

Os Registros ônticos, como seu nome indica, são conteúdos mnemônicos próprios dos ENTES EXTERNOS que só têm valor para o Demiurgo. Os Registros culturais são conteúdos mnemônicos próprios dos OBJETOS CULTURAIS EXTERNOS e seu conhecimento se reveste de inestimável valor para o virya desperto. No entanto, como todo objeto cultural é, antes de tudo, um ente ao qual se colocou um sentido cultural, ocorre que em um objeto cultural estão presentes ambos os Registros: daí a conveniência de conhecer em que consiste cada um deles E A NECESSIDADE DE DISTINGUI-LOS CLARAMENTE, pois há que se avisar desde já, o virya desperto DEVE EVITAR CUIDADOSAMENTE A PERCEPÇÃO DO REGISTRO ÔNTICO; SÓ O REGISTRO CULTURAL É ÚTIL PARA SUA ESTRATÉGIA DE LIBERAÇÃO ESPIRITUAL. A razão do porquê o Registro ôntico deve ser evitado, se compreenderá após estudar o artigo seguinte.

F - Registro ôntico.

O registro ôntico é PROPRIEDADE EXCLUSIVA DOS ENTES INDIVIDUAIS.

Para exemplificar suas características, vamos nos referir, a princípio , aos entes individuais simbolizados na figura 45. Observamos ali que cada um dos cinco entes da espécie cavalo, dos cinco entes da espécie cão, e dos três entes da espécie peixe, estão conectados com o Arquétipo universal por um arco de espiral, que representa o PROCESSO EVOLUTIVO INDIVIDUAL no plano material. O processo é um movimento contínuo que vai do Arquétipo universal ao ente individual e que, por consequência, não pode interromper-se nunca; a todo o momento o Arquétipo universal mantém um nexo com o ente individual, por meio do processo contínuo de seu impulso evolutivo: e tal nexo consiste, segundo se explicou, no núcleo indiscernível do ente; na mais profunda intimidade de seu ser em si. Mas os entes microcósmicos são objetos próprios do plano material PARA O DEMIURGO, âmbito onde concretizam sua evolução progressiva. Se bem que é certo que o Demiurgo pode perceber o ente individual DESDE O PLANO ARQUETÍPICO, ATRAVÉS DO ARQUÉTIPO UNIVERSAL, não é menos certo que tal percepção será efetuada com o Aspecto Beleza (seta 14, figura 38) e que, por realizar-se DO UNIVERSAL PARA O INDIVIDUAL, SÓ CONSEGUIRÁ APREENDER O UNO NA PLURALIDADE.

Com outras palavras, com o Aspecto Beleza, para o Demiurgo fica impossível perceber a individualidade dos entes, porque seu olhar se encontra encerrado no ser em si do núcleo indiscernível, impotente para ATUAR: "Ele não atua através dos gravis. Somente os sustenta. Não é o Aspecto Logos que se manifesta nos pontos indiscerníveis senão o Aspecto Consciência-Tempo. Não é o Verbo, senão o Olho do Demiurgo. Um Olho multiplicado incansavelmente em toda a criação, mas que é sempre o mesmo Olho"; assim, este Olho de Abraxas, este "Olho terrível e insensato", VÊ SEM VER: SEU OLHAR ESTÁ PRESENTE NA PLURALIDADE DOS ENTES, MAS SEU OLHAR SÓ RECOLHE O UNO

INDIVISÍVEL; e a explicação disto há que se buscar no sentido do olhar: um sentido que é o do tempo transcendente, cuja isotropia se produz, justamente, por este mesmo olhar do Olho de Abraxas, desde os pontos indiscerníveis de todos os gravis que integram o espaço; mas o tempo transcendente não é outra coisa que a Consciência-Tempo do Demiurgo: um Olho que observa no sentido da corrente de Consciência é um Olho incapaz de perceber o que esta Consciência arrasta atrás de si, já o explicamos para o caso microcósmico, com a analogia ótica da figura 26: o sujeito consciente só pode apreender símbolos emergentes, representações conscientes, fantasias, recordações, etc., se reflete e se situa DE FRENTE PARA A CORRENTE DO TEMPO IMANENTE: "o sujeito consciente tem que se opor à sua própria fluência, para "olhar para trás" e recolher os símbolos emergentes", "... quando existe o símbolo emergente, o sujeito se coloca "de costas" ao sentido de seu fluir temporal para "tomar consciência" do mesmo: e só assim há verdadeira "consciência"; de maneira análoga, o Olho de Abraxas deveria opor-se ao fluir de Sua Consciência-Tempo para apreender os entes em sua individualidade, para observá-los OBJETIVAMENTE; mas isso é impossível porque o Olho é o Sujeito Uno em todos os entes: O OLHO DE ABRAXAS "É" O FLUIR DA CONSCIÊNCIA-TEMPO E SEU OLHAR "TEM" O SENTIDO DO TEMPO TRANSCENDENTE; compreende-se, então, por que o Olho "vê sem ver", inconsciente, "como em um sonho"... Olho de Abraxas subjaz no ser em si do ente, no núcleo indiscernível, enquanto a individualidade do ente é oferecida, EXTERNAMENTE, ao ser em si, pelo desígnio, pelo ser-para-o-homem. Intervém aqui outro "Aspecto" do Demiurgo: o Logos demiúrgico ou Verbo. Mas o Logos, para designar os entes, deve atuar DESDE o plano material: o princípio de individuação atua, como se vê na figura 45, desde a origem do plano material, quando a unidade do Arquétipo se multiplica na pluralidade dos entes. E SE O ASPECTO LOGOS ATUA "DESDE" O PLANO MATERIAL, ENTÃO SUA ATIVIDADE TEM SENTIDO OPOSTO À DO ASPECTO BELEZA, QUER DIZER, OPÕE-SE AO FLUIR DA CONSCIÊNCIA-TEMPO. É evidente que o Aspecto Logos, que é quem outorga individualidade aos entes, está em disposição para apreender dialeticamente os entes individuais, por efeito da sua oposição à corrente da Consciência-Tempo, analogamente como o faz o sujeito consciente microcósmico. Em síntese, o Aspecto Logos é capaz de refletir sobre os entes e de apreendê-los em sua individualidade, comportando-se como Sujeito FRENTE AOS OBJETOS ÔNTICOS.

Nem bem se estabeleceu que o Aspecto Logos se comporta como um sujeito frente aos objetos ônticos, é possível definir para semelhante Sujeito as Faculdades que o vinculam analogicamente com o sujeito consciente do microcosmo: à faculdade de imaginar do sujeito consciente corresponde uma "Faculdade de designar" do Aspecto Logos; e à faculdade de recordar do sujeito consciente corresponde uma "Faculdade de registrar" do Aspecto Logos. Desde já, a que nos interessa conhecer agora é a Faculdade de registrar, uma vez que a Faculdade de designar já foi estudada de sobra, com o nome "Vox" ou "Logos demiúrgico", no inciso anterior.

Claro que, se o objeto de exame do Aspecto Logos são os entes individuais, sua Faculdade de registrar tem que efetuar o "registro" diretamente sobre tais entes; mas o que registra nos entes a Faculdade de registrar? Resposta: o Registro ôntico. Para entender a resposta, observemos que a Faculdade de registrar é análoga à faculdade de recordar, de maneira que seu ato tem que ser equivalente ao desta, ou seja, A REPRODUÇÃO DE UM CONTEÚDO MNEMÔNICO: a Faculdade de registrar registra o Registro ôntico para reproduzir seu conteúdo mnemônico. Em síntese, e por analogia: A DISPOSIÇÃO DA FACULDADE DE REGISTRAR, AO

INSPECIONAR O ENTE INDIVIDUAL, REGISTRA O CONTEÚDO DO REGISTRO ÔNTICO E O REPRODUZ PARA A APERCEPÇÃO DO ASPECTO LOGOS.

Sendo assim, só nos falta indagar: em que consiste o conteúdo do Registro ôntico? Resposta: em uma série ÔNTICO-TEMPORAL paralela e correlativa à FUNÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO EVOLUTIVO que une o ente individual com o Arquétipo universal; na figura 45, por exemplo, a "função contínua" está representada analogicamente como "arcos de espiral" que vão dos Arquétipos "peixe", "cão" e "cavalo" aos entes individuais respectivos: pois bem, o Registro ôntico de cada um de tais entes consiste em uma SÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL de formas de "peixe", "cão" ou "cavalo", produto da sua HISTÓRIA NATURAL, paralela e correlativa com a função contínua ou "arco de espiral". Esta série ôntico-temporal é o conteúdo mnemônico do Registro ôntico: ela representa, para o Demiurgo, A HISTÓRIA NATURAL DA EVOLUÇÃO DO ENTE INDIVIDUAL E, COM BASE NELA, ESTABELECE O "VALOR" DE SEU PROGRESSO, MEDIDO NA ESCALA GRADUAL DE MOMENTOS PROGRESSIVOS. Com toda propriedade, haveria que se qualificar, pois, de PROGRESSIVA esta série e denominar SÉRIE PROGRESSIVA ÔNTICO-TEMPORAL o conteúdo do Registro ôntico ou, simplesmente, PROGRESSÃO ÔNTICO-TEMPORAL: isso se justificaria, naturalmente, no fato de que cada termo da série, considerada "progressiva" no sentido do tempo transcendente, exibe um PROGRESSO evolutivo com respeito ao termo precedente. No entanto, por motivos de clareza expositiva, vamos nos referir daqui em diante à "série ôntico-temporal", ainda que sem esquecer em nenhum momento sua PROGRESSÃO implícita.

A função contínua do processo evolutivo, por exemplo, a curva espiriforme da figura 48, origina-se no Arquétipo universal e TERMINA no ser em si do ente, o qual é inacessível, encerrado em si e para si. É evidente que uma inspeção EXTERIOR do ente, tal como a que realiza o Aspecto Logos, só chegará a apreender sua forma individual, determinada FISICAMENTE pela matriz essencial do desígnio: tais "formas individuais", que o ente adota a cada instante de tempo transcendente, constituem uma série ôntico-temporal paralela e correlativa à função contínua do processo evolutivo; e esta série ôntico-temporal, apta para a apreensão do Aspecto Logos, é o conteúdo mnemônico do Registro ôntico que a Faculdade de registrar pode REPRODUZIR total ou parcialmente.

No Registro ôntico está contida, assim, a HISTÓRIA NATURAL do ente, história que pode ser reproduzida pela Faculdade de registrar, para a apercepção do Aspecto Logos. No entanto, ainda que essa "história natural" só narre o devir exterior da forma ôntica, SOB ELA, como seu fio condutor fundamental, encontra-se a função contínua do processo evolutivo: sob a série ôntico-temporal encontra-se IMPLÍCITA a função contínua e a mesma tanto pode ser INFERIDA como efetivamente VIVENCIADA, o que supõe ENTRAR EM CONTATO DIRETO COM O ARQUÉTIPO UNIVERSAL: PARA EVITAR ESTA ÚLTIMA POSSIBILIDADE É QUE O VIRYA DESPERTO JAMAIS EXPLORA OS REGISTROS ÔNTICOS.

Em um próximo artigo, trataremos sobre as nefastas consequências que pode ocasionar ao virya desperto a vivência da função contínua. Por ora, vamos estudar com maiores detalhes a essência da série ôntico-temporal e mostrar como a função contínua do processo evolutivo, IMPLÍCITA por trás dela, pode ser INFERIDA.

G - Estudo analógico do Registro ôntico.

Observemos, antes de tudo, que o ente individual EVOLUI NO SENTIDO DO TEMPO TRANSCENDENTE e que, desde o ponto de vista temporal, CONSISTE EM UMA SUCESSÃO REAL DE ESTADOS FÍSICOS INSTANTÂNEOS E

CARACTERÍSTICOS: A CADA UM DESTES ESTADOS FÍSICOS COLOCA TERMO INDIVIDUAL A MATRIZ ESSENCIAL DO DESÍGNIO, TERMO INDIVIDUAL QUE SE REALIZA "EXTERIORMENTE" AO SER EM SI DO ENTE. Por isso, da perspectiva da Faculdade de registro, que opera exteriormente ao ser em si, O PROCESSO DO ENTE CONSISTE EM UMA SÉRIE DE FASES FORMAIS, INSTANTÂNEAS E SUCESSIVAS, É A "SÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL"; CADA UMA DE TAIS FASES INDIVIDUAIS, EM SEU INSTANTE, É UM ENTE INDIVIDUAL, COM UM VALOR EVOLUTIVO CARACTERÍSTICO. Compreende-se, assim, que o conteúdo do registro ôntico, a série ôntico-temporal, NÃO É MAIS DO QUE UMA PEGADA FÍSICA, PLASMADA PELO ENTE DURANTE SUA PASSAGEM EXISTENCIAL PELO PLANO MATERIAL. Mas ao falar de "pegada", e de "passagem", estamos empregando conceitos da analogia viária, analogia que aqui pode nos prestar inestimáveis serviços para explicar o problema da INFERÊNCIA da função contínua, a partir da série ôntico-temporal.

Como de costume, antes de extrair uma conclusão, temos que estabelecer as correspondências analógicas necessárias. Neste caso, também, vamos refletir sobre a relação de "complemento essencial" que vincula o "caminho" com o "caminhante". Um caminho existe pelos passos do viajante que o vai caminhando; MAS, SE BEM QUE O CAMINHO EXISTE PELO CAMINHAR DO VIAJANTE, NÃO É MENOS CERTO QUE O CAMINHO É O SUBPOSTO DO CAMINHANTE, A BASE DE SEU ANDAR. O "CAMINHO" É O FUNDAMENTO ONDE SE ASSENTA O SER DO "CAMINHANTE": O CAMINHO, POR ÚLTIMO, É O SUPORTE REAL DO "CAMINHANTE"; AQUILO EXTERNO QUE MAIS SE APROXIMA A SEU SER EM SI E QUE, POR ISSO, O FUNDAMENTA E SUSTENTA. No andar do caminhante está implícito o caminho que anda, NÃO COMO ALGO QUE, POR SER EXTERNO, POSSA SER SUPRIMIDO SEM CONSEQUÊNCIAS, SENÃO COMO UM "COMPLEMENTO ESSENCIAL" DO ATO DE CAMINHAR: apesar de que o "caminhante" tenha seu próprio ser e manifeste sua essência característica, à qual o "caminho" é exterior, não se pode suprimir o ser caminho sem que desapareça também o ser caminhante. E, a este "complemento essencial" do caminhante, que é o caminho, se deve INFERIR dos passos do viajante, pois está IMPLÍCITO por trás desses passos aos quais fundamenta e sustenta. De maneira análoga, consideraremos o ente individual como um "viajante" que se desloca sobre o "caminho" da função contínua do processo evolutivo.

No quadro alegórico da "função contínua como caminho" podemos supor que o ente individual é uma espécie de "viajante" que se desloca pelo "caminho" de uma função contínua, por exemplo, pela curva espiriforme da figura 48. Com estas condições, ocorre que cada ponto do "caminho", ou seja, da curva, é próprio do ser em si, só apreciável pelo Aspecto Beleza; mas SOBRE cada um desses pontos, há sempre uma "fase formal instantânea", um termo formal individual que a matriz essencial causa na natureza equina universal: estes cavalos ônticos, instantâneos e sucessivos, são apreciados a todo momento pelo Aspecto Logos do Demiurgo e, desde já, TAMBÉM PELO HOMEM, PORTANTO CONSTITUEM O ATO DO SER-PARA-O-HOMEM OU "DESÍGNIO CAVALO". Deste modo, o CONTEÚDO do Registro ôntico consiste na série real de fases formais instantâneas e sucessivas do ente individual ao deslocar-se evolutivamente pelo "caminho" da função contínua, ou seja, consiste na série ôntico-temporal de "viajantes" que transitaram o "caminho" do processo contínuo, desde sua origem arquetípica até a última atualidade ôntica; o Registro ôntico, por exemplo, consiste em uma série de cavalos ônticos, instantâneos e sucessivos, distribuídos, um após outro, ao longo da curva espiriforme da figura 48. Contudo, o que registra o Registro ôntico NÃO É A FUNÇÃO CONTÍNUA EM SI, senão seu termo físico instantâneo: o processo

contínuo, analogamente a um "caminho", está IMPLÍCITO no trajeto do "caminhante", ainda que só observemos a série dos cavalos ôntico-temporais, tal como o percebe o Aspecto Logos, por trás dessa exterioridade se INFERE o processo contínuo, o "caminho" realmente percorrido.

No artigo "C" (primeiro tomo), definimos a História como a projeção contínua da cultura externa sobre o tempo transcendente; de maneira análoga podemos definir a HISTÓRIA NATURAL do ente individual: A "HISTÓRIA NATURAL" É A PROJEÇÃO DA SÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL SOBRE A FUNÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO EVOLUTIVO. Esta definição implica em que a série ôntico-temporal atua como um REVESTIMENTO FÍSICO da função contínua, o que revela seu paralelismo e correlatividade: a função contínua é o FIO TEMPORAL que subjaz ao longo da série ôntico-temporal e sobre a qual esta subsiste. E cada ponto do fio temporal, cada instante do processo arquetípico, está situado no ser em si do ente: por isso, o fio temporal, a função contínua, só pode ser INFERIDA a partir da série ôntico-temporal que a reveste fisicamente. A possibilidade de que dispõe o Aspecto Logos de INFERIR o fio histórico, o substrato temporal da história natural, denomina-se: PRINCÍPIO DE INFERÊNCIA CARDINAL DO ASPECTO LOGOS DO DEMIURGO.

Na verdade, o "princípio de inferência cardinal" só permite inferir o EXTREMO ATUAL do fio histórico, ou seja, só permite apreender com plenitude UM instante do fio histórico: o instante atual. No entanto, esta inferência sempre vai acompanhada de uma espécie de "intuição histórica", que agrega o peso da continuidade ao instante histórico; mais adiante, veremos que a Faculdade de registrar amplia o alcance cardinal do princípio de inferência, estendendo-se ordinalmente para todo instante do fio histórico.

O princípio de inferência cardinal tem um complemento denominado: PRINCÍPIO DE INDUÇÃO CARDINAL DO ASPECTO LOGOS DO DEMIURGO. Este princípio define-se do seguinte modo: quando o princípio de inferência cardinal possibilitou ao Aspecto Logos INFERIR um instante histórico, o princípio de indução cardinal lhe permite, ao mesmo tempo, INDUZIR uma imagem correspondente ao ente atual em tal instante; a IMAGEM INDUZIDA será imediatamente REPRODUZIDA para a apercepção do Aspecto Logos.

O desenvolvimento dinâmico do fio temporal, da função contínua, por outro lado, acontece segundo um modo particular da lei de evolução próprio de cada ente específico: é a matriz funcional do desígnio quem determina "a forma" da lei de evolução e forma o processo evolutivo.

Em resumo, o conteúdo do Registro ôntico consiste na história natural do ente; a Faculdade de registrar permite ao Aspecto Logos reproduzir e aperceber esta história e INFERIR, através dela, a função contínua do processo evolutivo e a forma particular da lei de evolução. O virya desperto também dispõe da possibilidade de examinar o conteúdo do registro ôntico.

Poderemos entender por que o virya desperto jamais emprega a possibilidade de que dispõe de consultar os Registros ônticos, se baseamos a explicação no exemplo da figura 48 e logo generalizamos a conclusão para qualquer outro ente.

É evidente que, se sobre a linha espiriforme da função contínua existe uma série ôntico-temporal, o último termo de dita série é o cavalo ôntico da figura. Este cavalo é o "ente atual" e, naturalmente, nele há de estar assentado o Registro ôntico: o "conteúdo" do Registro, é claro, não é mais do que a série ôntico-temporal de "cavalos" físicos, cuja existência real, a todo momento de sua história natural, é a causa do cavalo ôntico atual.

Suponhamos agora que o Aspecto Logos (**LD**) se dispõe a apreender o cavalo ôntico, para o que se situa em oposição ao sentido da corrente de Consciência; isto é: o Aspecto Logos "olha" para o Arquétipo cavalo, para o plano arquetípico, observando o cavalo ôntico de frente ao eixo (**Tt**) do tempo transcendente. Então, tem em frente a si o ente atual, o último termo da série ôntico-temporal "desse" cavalo individual. Mas o Aspecto Logos quer transcender o aspecto atual do cavalo ôntico e rever uma parte de sua história natural. Para facilitar a explicação, convenhamos em que o cavalo ôntico, no momento atual, TEM mil dias de vida e que o Aspecto Logos pretende revisar os últimos trezentos dias: sem dúvida, para isso deverá situar-se em um ponto do Registro ôntico onde se encontra registrado o dia setecentos da vida do cavalo ôntico, ou seja, deverá situar-se em um ponto da série ôntico-temporal onde se encontra a forma individual que o cavalo apresentava no dia setecentos de sua vida.

A fim de situar-se no dia setecentos da vida do cavalo, o Aspecto Logos dispõe ativamente da Faculdade de registrar: a Faculdade de registrar localizará o conteúdo mnemônico do dia setecentos e o REPRODUZIRÁ para sua apercepção; em continuação, reproduzirá também, de forma sucessiva, todas as formas individuais que o cavalo apresentou em todos os instantes dos últimos trezentos dias, ou seja, a Faculdade de registrar reproduzirá uma seção da série ôntico-temporal, correspondente aos últimos trezentos dias de sua história natural. De tudo isto, se depreende uma pergunta óbvia: como a Faculdade de registrar localiza o ponto buscado, ou seja, como chega até ele? A pergunta visa destacar o fato de que a Faculdade de registrar DO Aspecto Logos PARTE NECESSARIAMENTE do ente atual para situar-se no registro do dia setecentos. Mas, se para chegar até o dia setecentos, a Faculdade de registrar fosse percorrendo o Registro desde o ente atual, situado no dia mil, passando pela rememoração dos trezentos dias intermediários, SERIAM REPRODUZIDOS ESTES TREZENTOS DIAS DE FORMA INVERSA: o Aspecto Logos aperceberia, nesse caso, uma procissão de formas individuais que narrariam a história natural do cavalo DO PRESENTE PARA O PASSADO, ou seja, DE FORMA INVERSA À EVOLUÇÃO NATURAL DA FORMA EQUINA. O Aspecto Logos aperceberia, assim, que o cavalo INVOLUI e se DESVALORIZA frente à sua vista, retrocedendo antinaturalmente até "deter-se" no dia setecentos.

Desde já, NÃO É ASSIM que atua a Faculdade de registrar. Pelo contrário, ela localiza a priori o dia setecentos, antes de causar alguma reprodução, DALI REPRODUZ OS ÚLTIMOS TREZENTOS DIAS NO SENTIDO DO PROGRESSO EVOLUTIVO, mostrando ao Aspecto Logos como se desenvolveu realmente a história natural "desse" cavalo individual.

Há que se repetir, pois, como a Faculdade de registrar localiza o ponto buscado, como chega até ele? Resposta: vale-se do PRINCÍPIO DE INFERÊNCIA ORDINAL DA FACULDADE DE REGISTRAR. Já mencionamos o "princípio de inferência cardinal", que permite ao Aspecto Logos conhecer a função contínua do processo evolutivo subjacente na série ôntico-temporal; este princípio, na verdade, possibilita que o Aspecto Logos INFIRA O EXTREMO ATUAL DO FIO HISTÓRICO, o instante sobre o qual se assenta o momento do ente atual. O "princípio de inferência ORDINAL" é idêntico ao princípio cardinal, mas ampliado pela Faculdade de registrar com a possibilidade de inferir todo ponto do fio histórico, além do instante atual. Com base no princípio ordinal, a Faculdade de registrar INFERIRÁ diretamente o instante do fio histórico correspondente ao dia setecentos da ordem natural: E SÓ NESSE INSTANTE NOTARÁ A FORMA INDIVIDUAL DO ENTE, O CAVALO ÔNTICO, PARA SUA REPRODUÇÃO. Tal notação deve-se à atividade de um princípio complementar do "princípio de inferência ordinal", denominado

PRINCÍPIO DE INDUÇÃO ORDINAL DA FACULDADE DE REGISTRAR. O efeito deste princípio pode se definir como segue: a cada instante do fio histórico, INFERIDO pela Faculdade de registrar, INDUZ uma imagem correspondente da série ôntico-temporal. Pela ação deste princípio, o Aspecto Logos aperceberá, primeiramente, a forma do cavalo no dia setecentos de sua história natural e, sucessivamente depois, as restantes formas que completam a série ôntico-temporal até o ente atual.

O princípio de inferência ordinal faz possível à Faculdade de registrar a INFERÊNCIA de qualquer ponto do fio temporal, e o princípio de indução ordinal a INDUÇÃO exata de qualquer forma individual da série ôntico-temporal ou história natural do ente. Mas, como a INFERÊNCIA é a priori de toda INDUÇÃO, a rememoração do Registro COMEÇA sempre a desenvolver-se desde o ponto referido, no sentido do progresso evolutivo, até a atualidade do ente.

Temos que responder agora a outra pergunta óbvia: se o Aspecto Logos é capaz de "ver" a história natural do ente, contida no Registro ôntico, onde tem lugar esta "visão"? Para onde o Demiurgo concentra sua atenção? Resposta: uma vez que o registro ôntico baseia-se no ente atual, não há dúvida de que SOBRE este, SOBRE A FORMA ÔNTICA ATUAL, terá lugar a observação referida. No entanto, esta resposta não nos esclarece grande coisa e, pelo contrário, apresenta-nos novas interrogações: como se diferencia da forma atual aquela que foi registrada pela Faculdade de registrar, se é necessário observá-la SOBRE a forma atual? Por acaso se SOBREPÕE a ela? Etc. Para responder a estas e outras perguntas semelhantes, vamos considerar novamente o exemplo do cavalo ôntico da figura 48.

Vemos ali, representado como uma esfera central mais escura, o cavalo ôntico, formado atualmente pela matriz essencial do desígnio desdobrado. Entre o cavalo ôntico e o Arquétipo universal existe o nexo permanente que determina a função contínua do progresso evolutivo, simbolizado pela curva helicoidal. Neste momento, é necessário recordar duas coisas. Em primeiro lugar que, assim como o modelo do desígnio desdobrado facilita a observação gráfica das matrizes virtuais, por correspondência analógica, assim também a curva helicoidal possibilita a visualização gráfica do processo evolutivo do Arquétipo cavalo: mas NA REALIDADE, não devemos esquecer, tanto as matrizes virtuais, e todo o plano do desígnio, assim como a função contínua do processo evolutivo, ESTÃO CONTIDAS NA ESTRUTURA DO ENTE ATUAL, ou seja, no cavalo ôntico. O cavalo ôntico, atual, individual, é TODA A REALIDADE do cavalo: não existe nenhuma propriedade, nem ôntica, nem ontológica, que fique fora de sua entidade. E no seio de sua entidade situa-se, em primeiro lugar, o Registro ôntico que vimos mencionando. A figura 48, como outras semelhantes, nos ajudam, apenas nos ajudam, a imaginar por indução analógica, os processos subjacentes por trás da aparência ôntica. Mas não devemos esquecer que tais processos pertencem à intimidade do ente ou, quando menos, são propriedades inseparáveis de sua forma; TUDO QUANTO PERTENCE AO ENTE ESTÁ NO PRÓPRIO ENTE.

A segunda coisa que há que se recordar é a seguinte: sobre a função contínua do processo evolutivo, ou seja, SOBRE o fio histórico, existe uma série ôntico-temporal de formas individuais, quer dizer, uma história natural. Pois bem, NA FIGURA 48, SÓ SE REPRESENTOU A CURVA HELICOIDAL QUE CORRESPONDE À FUNÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO EVOLUTIVO: "SOBRE" ELA NADA HÁ QUE DÊ UMA IDEIA DA SÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL, SÉRIE QUE CONSTITUI O CONTEÚDO DO REGISTRO ÔNTICO.

Esta segunda observação indica-nos que, para continuar empregando o exemplo de cavalo ôntico, devemos fazer certos complementos à figura 48. A figura 63, com efeito, é uma vista parcial da figura 48, na qual só se desenhou um segmento

da curva helicoidal: mas, “SOBRE” ela, representou-se a série ôntico-temporal, ou seja, o conteúdo do Registro ôntico.

O arco helicoidal aparece ali, composto por pequenos círculos: são os “instantes” do fio histórico.

Sobre a função contínua há uma sucessão de formas individuais do cavalo ôntico, representadas por círculos maiores, do mesmo diâmetro que o “cavalo ôntico” central: é a série ôntico-temporal que integra o Registro ôntico; é, também, a “história natural” do cavalo atual.

Visualizando a figura 63, tenhamos presente o exemplo proposto anteriormente: a Faculdade de registrar do Aspecto Logos, valendo-se do princípio de inferência ordinal, localiza o dia setecentos da vida do cavalo. Na curva helicoidal assinalou-se dito ponto INFERIDO. Mas, NAQUELE INSTANTE do dia setecentos, existia um cavalo ôntico, tal como se indica na figura, o qual era um antecedente histórico do cavalo atual. A forma deste cavalo histórico é a que a Faculdade de registrar obtém, após seu registro, com o princípio de indução ordinal e à qual se dispõe a REPRODUZIR para a apercepção do Aspecto Logos. Chegamos assim às condições da pergunta anterior: onde o Demiurgo “vê” esta reprodução do cavalo histórico, onde concentra sua Atenção? Cuja resposta foi: “no ente atual, no cavalo ôntico”; porque “tudo que pertence ao ente está no ente”.

Resposta insatisfatória que agora, com a ajuda da figura 63, vamos explicar com mais detalhes.

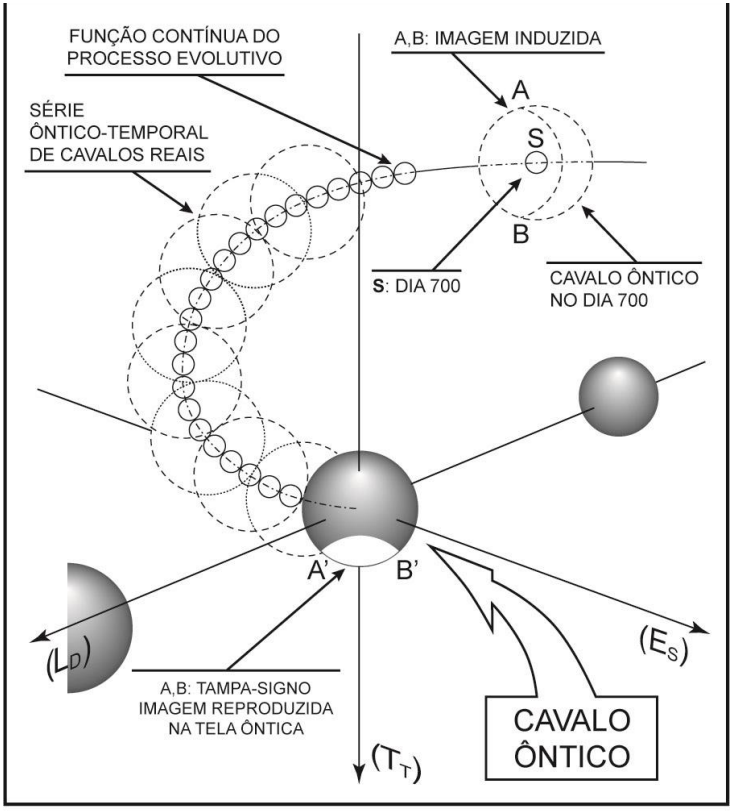


FIGURA 63

Se (**S**) é o instante histórico do dia 700 da vida do cavalo ôntico, INFERIDO pela Faculdade de registrar, (**A, B**) é a IMAGEM INDUZIDA sobre a forma individual do mesmo cavalo. Como vemos, a REPRODUÇÃO (**A', B'**) da IMAGEM INDUZIDA (**A, B**) tem lugar SOBRE a forma atual do cavalo, em uma região denominada TELA ÔNTICA. E fica aqui, com maior precisão, respondida a pergunta anterior: o Aspecto Logos apercebe, na tela ôntica do cavalo atual, a reprodução (**A', B'**) da imagem induzida (**A, B**), pela Faculdade de registrar, da forma individual do cavalo, no dia setecentos de sua vida.

Naturalmente, a tela ôntica está NO cavalo atual porque o registro ôntico, com seu conteúdo de história natural, está subjacente NO cavalo atual: sobre esta tela ôntica a Faculdade de registrar reproduz as imagens induzidas obtidas ao explorar o REGISTRO ÔNTICO. Tais imagens induzidas, desde já, refletem formas individuais da série ôntico-temporal e foram induzidas como complemento de uma inferência a priori sobre os pontos da função contínua do progresso evolutivo. Com outras palavras, a Faculdade de registrar infere um instante, um "dia" do fio histórico e, imediatamente, induz uma imagem correlativa, uma forma individual apresentada realmente naquele momento da história natural do cavalo: em continuação REPRODUZ tal imagem sobre a tela ôntica do cavalo atual, ou seja, sobre a região

do cavalo para onde está CONCENTRADA A ATENÇÃO DO ASPECTO LOGOS DO DEMIURGO; o Aspecto Logos apercebe esta imagem e pode determinar, com sua vontade, que a mesma permaneça FIXA ou que comece a desenvolver-se a história natural, progressiva, dos últimos trezentos dias do cavalo; neste último caso, uma procissão de imagens reproduzidas se sucede sobre a tela ôntica até completar a rememoração.

Reparemos que, neste exemplo da figura 63, a "tela ôntica" foi representada de forma perpendicular ao eixo (**Tt**) do tempo transcendente: isso se deve a que o Aspecto Logos do Demiurgo "olha para o Arquétipo cavalo, para o plano arquetípico, observando o cavalo ôntico de frente ao eixo (**Tt**) do tempo transcendente"; assim o faz porque, "se dispõe a apreender o cavalo ôntico, para o que se situa em oposição da corrente de Consciência". Isto significa que o Aspecto Logos, a princípio, APERCEBE o cavalo atual e que, em uma segunda instância determinada por Sua Faculdade de registrar, APERCEBE as imagens de sua história natural reproduzidas NO cavalo atual, SOBRE sua tela ôntica.

H - Conclusões sobre o Registro ôntico.

Com o exemplo do cavalo ôntico das figuras 48 e 63, ficou suficientemente esclarecida a essência e função do Registro ôntico PARA ESSE ENTE ESPECÍFICO. Ter-se-ia, agora, que estender as conclusões alcançadas para o caso geral de TODO ENTE; É O QUE FAREMOS NOS COMENTÁRIOS SEGUINTES:

Primeiro – Todo ente evolutivo registra sua história natural em um Registro ôntico que subjaz e permanece em sua entidade como propriedade essencial.

Segundo – O Aspecto Logos do Demiurgo dispõe de uma Faculdade de registrar, cuja atividade é regida por dois princípios fundamentais: o "princípio de inferência ordinal" e o "princípio de indução ordinal".

Terceiro – Pela ação complementar de ambos os princípios, a Faculdade de registrar é capaz de localizar a imagem correspondente a qualquer momento passado da história natural do ente.

Quarto – A qualquer imagem localizada no Registro ôntico de um ente atual, a Faculdade de registrar reproduz imediatamente sobre a tela ôntica do mesmo ente atual.

Quinto – A tela ôntica está no ente atual e para ela dirige sua Atenção o Aspecto Logos, para aperceber sua história natural.

Sexto – A TELA ÔNTICA NÃO DESAPARECE DO ENTE ATUAL DEPOIS QUE O DEMIURGO TIROU SUA ATENÇÃO DELA. PELO CONTRÁRIO, ELA ESTÁ SEMPRE PRESENTE, EXIBINDO UMA IMAGEM FIXA. É claro que, se a atenção do Aspecto Logos se retirou da tela ôntica de um ente atual, a imagem reproduzida nela DEVERIA ter-se desvanecido. Isso não ocorre, pelo caráter ESTRUTURAL da tela ôntica, que lhe permite RETER a última imagem reproduzida. Este efeito se compreenderá melhor se consideramos que a tela ôntica não é um simples telão sobre o qual se projetam as reproduções, senão uma BARREIRA ENERGÉTICA sobre a qual se PLASMAM, com grande fidelidade, as imagens reproduzidas. O poder de retenção da última imagem pertence, pois, à própria tela ôntica, ou seja, é independente da Vontade do Aspecto Logos. E a persistência fiel desta última imagem é tal que nada consegue alterá-la, nem ainda o permanente devir do ente atual no qual esteja impressa, salvo uma nova exploração do Registro ôntico pela Faculdade de registrar. Por esta característica de persistir inalterável sobre a tela ôntica do ente, a Sabedoria Hiperbórea considera, alegoricamente, que a IMAGEM FIXA constitui a TAMPA do Registro ôntico, ou, com outras palavras, que a imagem é um SIGNO que TAMPA o registro ôntico. Daí que:

Sétimo – A imagem fixa que a tela ôntica de todo ente apresenta denomina-se “TAMPA-SIGNO DO REGISTRO ÔNTICO” (ver figura 63).

I - Exploração do Registro ôntico.

Naturalmente, o procedimento empregado pelos viryas despertos para ter acesso ao Registro ôntico de algum ente, se tal coisa for inevitavelmente necessária para favorecer os objetivos de sua Estratégia de liberação, consiste em localizar sobre este, seu tampa-signo: a partir dali se dispõe da possibilidade efetiva de REVISAR o Registro em toda sua extensão.

No entanto, como já se advertiu em “F”, isso pode ocasionar nefastas consequências SE NÃO SE TOMAM AS PRECAUÇÕES ADEQUADAS: UM REGISTRO ÔNTICO SÓ PODE SE DESTAMPAR SEM PERIGO POR MEIO DA “TÉCNICA DE RESSIGNIFICAÇÃO RÚNICA PASSO A PASSO”. Contudo, é básico que o êxito de uma tática defensiva será tanto mais provável quanto melhor se tenha compreendido a natureza do perigo ao qual se deve opor. Por isso, antes de descrever a “ressignificação passo a passo”, vamos avisar sobre a natureza do perigo.

O perigo procede principalmente de que, durante a observação das imagens registradas, se produza acidentalmente a INFERÊNCIA do fio histórico, ou seja, da função contínua do processo evolutivo: nesse caso, o virya desperto ficaria em contato psíquico com o ser em si do ente e, desde já, com o Arquétipo universal, submetido à pressão de seu impulso entelequial. Quer dizer, aquilo que para a Faculdade de registrar do Demiurgo fundamenta o modo de localizar as formas individuais registradas, o “princípio de inferência ordinal”, representa para o virya desperto um perigo de captura e fagocitação psíquica. Desde já, não há que se exagerar o perigo de captura, uma vez que só chega ao sujeito consciente; mas se o virya não isolou convenientemente seu Eu perdido com a Primeira Iniciação Hiperbórea, e este se encontra de alguma medida contaminado de tempo imanente, a captura do sujeito consciente pode submergir o Eu perdido em um profundo estado hipnótico, em uma ilusão que neutralize todo o trabalho prévio de orientação estratégica.

Para que a imagem de um ente exterior seja inteligível, e a “forma” observada no registro o é, tem que transcender a esfera sensorial, ser interpretada pela razão, e conceitualizada pelo sujeito cultural no contexto adequado de uma linguagem horizontal; então uma representação consciente emergirá frente ao sujeito consciente, e ao Eu perdido submerso nele, e mostrará uma configuração arquetípica interior da forma exterior, ou seja, da forma individual registrada no Registro ôntico: ficam, assim, EM CONTATO SÊMICO, identificadas arquetipicamente, a forma exterior e a forma interior. O virya desperto, ao revisar o registro, deve operar de maneira inversa ao modo operativo da Faculdade de registrar do Demiurgo; quer dizer, enquanto a Faculdade de registrar infere um instante do fio histórico e logo induz uma imagem correlativa, uma forma individual da série ôntico-temporal, o virya desperto deve observar as formas individuais EVITANDO TODA INFERÊNCIA DO FIO HISTÓRICO QUE AS SUSTENTA: inversamente à operação da Faculdade de registrar, o virya revisará em toda sua extensão, se isso é necessário, a série ôntico-temporal, a história natural do ente, mas evitando cuidadosamente inferir nem sequer um instante do fio histórico. Por quê? Resposta: porque tal instante não é outra coisa do que um ponto da função contínua do progresso evolutivo, ou seja, um PONTO INDISCERNÍVEL do ente, um ponto no qual se encontra YOD, o Olho de Abraxas: o perigo consiste em que o contato sêmico entre a forma exterior e a forma interior transfira para o interior o YOD da forma exterior. Então, ficaria efetivamente estabelecido um nexo metafísico

entre o Arquétipo invertido interior e o Arquétipo universal, recebendo aquele toda a potência que impulsiona a evolução do ente exterior e sendo impulsionado também a desdobrar-se internamente em um processo entelequial. A imagem interior, que representa a forma observada no Registro ôntico, tornar-se-á assim um mito interior e sua representação consciente, o símbolo sagrado, não tardará em capturar o sujeito consciente. Nesse caso, o Eu não enfrentará simplesmente um mito, com todo o perigo que isto implica, senão o próprio Demiurgo, o qual, através do Arquétipo, tentará dominá-lo e neutralizar toda futura tentativa de explorar Registros ônticos.

A segunda intenção do Demiurgo, contudo, será inoperante contra o virya desperto se este isolou seu eu em uma arquêmona interior, fundamentalmente se seu Eu perdido foi ressignificado com a Sagrada Runa Tirodal. Esta ressignificação e isolamento do Eu constitui o Mistério da Primeira Iniciação Hiperbórea e sua aproximação será tratada em um inciso posterior. Aqui só vamos destacar que um Iniciado Hiperbóreo jamais correrá o risco de explorar os Registros ônticos, a menos que isso seja imprescindível para os fins da Estratégia de liberação; por qualquer outro motivo, por exemplo, por mera curiosidade, a exploração dos Registros ônticos implica em um perigo real e seu risco, um risco inútil.

Claro que, no caso de que correr tal risco fosse considerado necessário, o virya desperto dispõe da "Técnica de ressignificação passo a passo" para reduzir ao mínimo o perigo de captura arquetípica psicoide. Tal técnica consiste em empregar a arma do virya desperto, a Runa Gibur como "Espada de Wotan", para destampar o Registro ôntico e percorrer "passo a passo" as sucessivas formas individuais da série ôntico-temporal. A operação começa com o tampa-signo do Registro ôntico do ente, o qual se desloca com um golpe da Espada de Wotan EM UM SENTIDO OU EM OUTRO DA SÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL, ou seja, em sentido evolutivo ou em sentido involutivo. A partir do primeiro movimento, a Espada de Wotan tende atuar como um "CRICKET" movida pela destra mão do iniciado Hiperbóreo ressignificando "passo a passo" cada imagem observada na tela ôntica: há que se ter presente que apenas um erro, uma só imagem que se safe da ressignificação por distração do observador, subpõe em primeiro plano a inferência de um instante correlativo do fio histórico e, com isso, a terrível revelação do YOD, o enfrentamento direto com o Olho de Abraxas.

J – Registro ôntico do pasu.

Enquanto ente evolutivo, no pasu, no microcosmo, subjaz um Registro ôntico com sua "história natural". Mas, neste caso, há que se ter em conta que o pasu é um ente diferente de todos os restantes entes específicos do macrocosmo, já que seu desígnio inclui o plano de todos eles: o microcosmo é uma cópia invertida do macrocosmo e seu desígnio um plano que contém todos os planos dos entes exteriores. Diferentemente de todo ente exterior, cuja evolução se realiza em um processo arquetípico que acontece NO tempo transcendente, o pasu possui um sujeito consciente cuja essência consiste em "tempo imanente", um tempo que transcorre transversalmente ao sentido do tempo transcendente, um tempo para o qual o tempo transcendente é anisotrópico. Se o pasu ainda não alcançou a autonomia ôntica, se é um microcosmo potencial, caso que tratamos aqui, seu sujeito anímico compartilha de duas essências temporais: o sujeito racional e o sujeito cultural sucedem no tempo transcendente, enquanto o sujeito consciente é puro tempo imanente. A consequência desta dupla temporalidade é que, salvo a memória de si mesmo, ou seja, a capacidade da estrutura do esquema de si mesmo onde se manifesta o sujeito consciente, as restantes memórias microcósmicas existem no tempo transcendente, por exemplo, a memória arquetípica e a memória cultural. Pois

bem, a Sabedoria Hiperbórea afirma que o Registro ôntico do pasu é idêntico à capacidade total de sua estrutura microcósmica SALVO A MEMÓRIA DE SI MESMO; quer dizer, que o Registro ôntico do pasu integra, dentre outras, a memória arquetípica e a memória cultural, pois estas existem no tempo transcendente, mas não inclui a memória de si mesmo, que existe no tempo imanente.

Todo Registro ôntico cumpre a função primordial de revelar a história natural do ente ao Aspecto Logos do Demiurgo, quem dispõe, para tal apercepção, da Faculdade de registrar. Para aperceber o conteúdo de um Registro, o Aspecto Logos, antes de tudo, situa-se EM OPOSIÇÃO AO TEMPO TRANSCENDENTE e começa por perceber o ente atual e inferir, pelo princípio de inferência cardinal, o extremo atual do fio histórico. É então quando a Faculdade de registrar, seguindo o fio histórico, infere um instante determinado da história natural do ente e induz a imagem correlativa da forma individual que será reproduzida na tela ôntica. Contudo, quando o ente observado pelo Demiurgo é um pasu, a exploração do Registro ôntico só pode compreender aquelas memórias que existem no tempo transcendente, uma vez que a percepção do ente se realiza por oposição a este tempo, o qual é anisotrópico para todo outro tempo transversal. Isto não significa que o Demiurgo não possa conhecer, se o deseja, a história de si mesmo do pasu, quer dizer, a estrutura da esfera de consciência: só quer dizer que O ASPECTO LOGOS NÃO PODE FAZÊ-LO; SUA FACULDADE DE REGISTRAR NÃO PODE ENTRAR NO ESQUEMA DE SI MESMO PORQUE ESTE EXISTE NO TEMPO IMANENTE. Mas se o Demiurgo deseja revisar a história de si mesmo do pasu, só tem que deslocar-se pelo fio de consciência do pasu DESDE O ARQUÉTIPO MANU, quer dizer, pelo caminho de ELIX.

Claro que, então, NÃO O FARÁ EM OPOSIÇÃO, SENÃO NO SENTIDO DO TEMPO IMANENTE, DESDE O ARQUÉTIPO MANU ATÉ O MICROCOSMO POTENCIAL DO PASU, EM SUA ATUALIDADE RELATIVA. Se imaginamos esta trajetória observando a figura 56, comprovamos que a mesma tem sentido evolutivo, quer dizer, que o Arquétipo Manu não tem necessidade, como o Aspecto Logos, de dispor de uma Faculdade de registrar que localize uma imagem induzida para, a partir dela, aperceber o desenvolvimento da história no sentido evolutivo: para o Arquétipo Manu basta deslocar-se pelo caminho ELIX para revisar toda a história de si mesmo do pasu, a história individual registrada por sua consciência imanente. Desde já, que neste caso não há apercepção, senão revisão da história, uma vez que, em nenhum momento, ocorre reprodução alguma de imagens; tampouco há indução: simplesmente é como se o Demiurgo acompanhasse, a grande velocidade, o fluxo de tempo imanente da consciência do pasu, vivenciando, ou revivendo em sua passagem, sua história de si mesmo, revisando e reconhecendo o acontecido.

Em um trajeto semelhante, pelo caminho de ELIX, o Demiurgo só pode deter-se no extremo atual do ente, em uma espécie de tela ôntica inversa: uma tela ôntica que só pode ser vista desde a interioridade do ente, diferente dos entes percebidos pelo Aspecto Logos, cujas telas ônticas se encontram em sua exterioridade. E o que vê o Demiurgo como termo do caminho de ELIX, na tela ôntica interna que se encontra no extremo atual do fio de consciência? Resposta: o símbolo sagrado do pasu. Por isso, na figura 56, intitulou-se “tampa-signo do registro ôntico” o signo espiral que constitui o centro de referência de si mesmo, o verdadeiro extremo atual do fio de consciência ao qual o pasu só pode aperceber em um supremo ato de reflexão sobre si mesmo: muito mais frequente é que o pasu projete este símbolo no mundo exterior, expressado como sinal espiral ou como fórmula energética, ou constelando-o através da ótica no mundo microscópico e do céu astronômico, etc.

Deixemos, por um momento, o Demiurgo, e consideremos o pasu, seu reflexo individual.

É fácil demonstrar, à luz do que foi exposto, que sua "faculdade de recordar" baseia-se em princípios análogos aos que fundamentam a Faculdade de registrar do Aspecto Logos.

O fio de consciência do pasu, com efeito, é análogo ao fio histórico de um ente qualquer, porque ambos são funções contínuas do processo evolutivo de seus respectivos Arquétipos. Quando o Aspecto Logos se situa em oposição ao fio histórico para apreender um ente, isso é análogo a quando o sujeito consciente se situa em oposição ao fio de consciência, quer dizer, em (**S.P.E**), para apreender um símbolo emergente. Comparemos agora o ato de apercepção que o Aspecto Logos realiza ao explorar um Registro ôntico e reproduzir a imagem de uma forma individual, com a apercepção que o sujeito consciente realiza ao explorar uma memória microcósmica e reproduzir a recordação de um sistema subsistente.

O princípio de inferência ordinal da Faculdade de registrar permite ao Aspecto Logos retroceder no fio histórico e inferir o instante exato que corresponde ao evento da história natural buscado. Um princípio análogo de "inferência ordinal" da faculdade de recordar permite ao sujeito consciente retroceder no fio de consciência e inferir o instante exato que corresponde à recordação buscada.

O princípio de indução ordinal da Faculdade de registrar permite ao Aspecto Logos induzir uma imagem correlativa com o instante inferido; tal imagem, que representa uma forma individual da série ôntico-temporal, é reproduzida sobre a tela ôntica para a apercepção do Aspecto Logos.

Um princípio análogo de "indução ordinal" da faculdade de recordar permite ao sujeito consciente induzir uma imagem correlativa com o instante inferido: tal "indução" a realiza, segundo vimos no caso da memória cultural, o sujeito cultural, quem "responde" ao ato reflexivo do sujeito consciente, reproduzindo uma imagem ou "recordação" do conteúdo mnemônico estrutural; e essa reprodução emerge na esfera de luz para a apercepção do sujeito consciente; já foi adiantado em "D": "RECORDAÇÃO É A REPRODUÇÃO DE UM SISTEMA SUBSISTENTE, SOB A EXTENSÃO DO CONCEITO MEMÓRIA, E SUA APERCEPÇÃO SUBJETIVA".

A "recordação" é, assim, análoga a uma "forma individual" da série ôntico-temporal que constitui a história natural de um ente: pode-se supor, então, alegoricamente, que as recordações contidas em uma memória microcósmica estão distribuídas em uma série mnemo-temporal, apesar do qual estão também estruturadas, o que só pode ocorrer se tal série tem forma helicoidal e permite a cada recordação sucessiva manter conexões com outras recordações, de forma semelhante à estrutura química dos ácidos nucleicos; não esqueçamos que as "recordações" são sistemas subsistentes, do tipo descrito e representado na figura 13.

K – Setores inatos do Registro ôntico do pasu.

Ficou claro que, salvo a estrutura de si mesmo que subsiste no tempo imanente, a restante CAPACIDADE da estrutura microcósmica constitui o Registro ôntico do pasu. Assim, fora das memórias arquetípica e cultural, que só formam parte da estrutura psíquica, existem no microcosmo outras memórias estruturais cuja capacidade integra uma série de SETORES do Registro ôntico do pasu: estes setores não podem ser explorados habitualmente pelo sujeito anímico, como as memórias arquetípicas e cultural, devido à POTÊNCIA PASSIVA de seus nós e conexões, que impede a representação racional, ou consciente, de seus conteúdos e sua referência para emergir na esfera de luz; recordemos que é a potência ativa

dos sistemas subsistentes que refere sua réplica sêmica para a esfera de luz e, por isso, esta acaba energeticamente dirigida para o sujeito consciente.

A origem da absoluta passividade potencial de tais memórias consiste em seu caráter HEREDITÁRIO, mas a causa de que permaneçam durante toda a vida do pasu invisível para o sujeito anímico há que se atribuir à SEQUÊNCIA HIERÁRQUICA com a qual o sujeito anímico manifesta-se na estrutura psíquica e à "involução do sujeito em si mesmo" que tem lugar previamente à encarnação da alma e que "causa o esquecimento parcial das recordações inatas", tal como foi explicado no artigo "E". Às seções da estrutura microcósmica que contêm os "esquemas de si mesmo anteriores", a Sabedoria Hiperbórea denomina SETORES INATOS DO REGISTRO ÔNTICO DO PASU.

O conteúdo dos SETORES INATOS não só permanece habitualmente invisível para o sujeito anímico do pasu, senão que DEVE permanecer assim até que este alcance autonomia ôntica pois, como dissemos no citado artigo: "em cada microcosmo vivo, o sujeito pensante jamais rememora "naturalmente" nenhuma recordação de uma vida anterior. Isso não ocorre porque o procedimento disposto pelo Demiurgo para a transmigração das almas impõe a estas, durante o período de desencarne, uma involução do sujeito em si mesmo, que produz a amnésia mencionada". "O sujeito "involui" quando se desconcentra temporalmente, quer dizer, quando seu momento presente se expande em si mesmo e abarca a história "em um só olhar", fato que se confirma pelos conhecidos relatos daqueles que "ressuscitaram", logo depois de passar pela morte clínica e viram "todo o vivido em um instante". A involução do sujeito, no sentido exposto, é necessária para que a alma possa oferecer um novo sujeito ao microcosmo no qual vai encarnar: a alma, depois da involução do sujeito anterior, apresenta-se ante o microcosmo com um outro aspecto, um aspecto não subjetivo que requer toda a sequência hierárquica para desenvolver-se e repetir o ciclo evolutivo da vida e da morte. Mas, em tudo isto, o que aconteceu ao esquema de si mesmo anterior, esse no qual o sujeito involui "até abarcar toda a história com um só olhar"? Não era, por acaso, necessário seu concurso para cumprir o objetivo microcósmico da finalidade, para assegurar o progresso individual do pasu? Na realidade, não se prescinde, em cada encarnação, de nenhum dos esquemas de si mesmo anteriores, pois os mesmos estão irreversivelmente assimilados na alma: o que ocorre é que, AO NÃO ESTAREM ANIMADOS POR NENHUM SUJEITO, os esquemas de si mesmo anteriores situam-se em lugares diferentes do microcosmo do que ocupa o sujeito racional. Com outras palavras: o sujeito racional, primeira manifestação da alma, opera desde a memória arquetípica ou cérebro; mas a alma, à parte do sujeito, está difundida como um "corpo duplo" em todo o microcosmo; portanto, os esquemas de si mesmo anteriores que permanecem alheios ao sujeito, vão corresponder com outras partes do sistema nervoso, fora do cérebro. Quer dizer, os esquemas de si mesmo anteriores estão localizados em distintas partes do corpo do pasu, com exceção das estruturas estudadas até aqui: memória arquetípica, estrutura cultural e esquema de si mesmo. E, segundo comprovamos agora, estes "esquemas de si mesmo anteriores" estão contidos nos "setores inatos do Registro ôntico do pasu".

Em todos os microcosmos, os setores inatos equivalentes apresentam um TAMPA-SIGNO PERMANENTE, semelhante e de desenho característico. Tais tampa-signos foram comparados, alegoricamente, nas distintas tradições esotéricas, com "flores", "lótus", "vórtices de energia", "centros", etc., mas a Sabedoria Hiperbórea mantém a antiga denominação indo-ariana de CHAKRA: os "chakras" são, pois, os tampa-signos permanentes dos setores inatos do Registro ôntico do pasu. Detrás de cada chakra há sempre um setor inato; mas como essas seções são PRÉ-RACIONAIS, quer dizer, ficam fora da sequência hierárquica do sujeito

anímico, a reprodução de seus conteúdos só é possível “NATURALMENTE” para a Faculdade de registrar do Aspecto Logos: para o sujeito anímico, isso não só é ANTI-NATURAL senão sumamente perigoso. Mas isso já foi adiantado no mencionado artigo: “Estes “centros”, ou “chakras”, que contêm esquemas de si mesmo anteriores, encontram-se espalhados aos milhares, no corpo humano. Ali estão as recordações inatas, as memórias das vidas anteriores, contribuindo desde a compleição da alma para aperfeiçoar o microcosmo vivente. Na alegoria do farol (ver figura 26) podemos estabelecer uma correspondência analógica com os esquemas de si mesmo anteriores, efetuando pequenas perfurações na lâmina com a janela central. As perfurações cercam, por exemplo, a janela pela qual flui o feixe de luz análogo ao sujeito racional. Se os raios de luz que brilham pelas perfurações são análogos aos chakras, é evidente que tais centros de memória inata são NÃO RACIONAIS. Quer dizer, seu conteúdo é IRRACIONAL. Por isso, quando as práticas de yoga são realizadas com ignorância, quando o sadhaka localiza o sujeito sobre um chakra, invertendo anormalmente o sentido da sequência hierárquica, corre o grave perigo de que o sujeito anime por acidente um esquema de si mesmo anterior e de que este tome o controle do microcosmo: então, desde este centro inferior, o microcosmo é IRRACIONALIZADO e sobrevém a loucura”.

Já avisamos no artigo “D” o sentido que se tem que atribuir à “IRRACIONALIDADE” dos setores inatos do Registro ôntico do pasu: trata-se de memórias que ficam fora da sequência hierárquica do sujeito anímico, quer dizer, que são “pré-racionais”; portanto seus conteúdos “devem ser considerados “irracionais” só no sentido de que são “anteriores ao sujeito racional”, quer dizer, não RACIONALIZÁVEIS por este”. Não obstante isto, o virya desperto pode, em casos de necessidade, explorar os setores inatos do seu microcosmo, ou de outro microcosmo qualquer, praticando a ressignificação passo a passo com a runa Gibur como Espada de Wotan: mas, nesse caso, deverá ter extremo cuidado, porque cada imagem reproduzida será então TAMBÉM semelhante a uma fantasia e terá que ser racionalizada para que adquira significado ante o sujeito consciente. Com outras palavras, os conteúdos dos setores inatos, para a apercepção do sujeito anímico, reúnem as qualidades da fantasia e da recordação AO MESMO TEMPO: primeiro, a imagem reproduzida é semelhante a uma fantasia e deve ser racionalizada; e tão logo tenha sido interpretada pelo sujeito racional e mascarada semiologicamente pela atividade do sujeito cultural, revela-se como “recordação inata”, ou seja, é notada sob a extensão do conceito “memória inata”; a apercepção toma, então, o caráter inequívoco de uma reminiscência “de outra vida”, de “recordação anterior”, etc.; quer dizer, a apercepção de um conteúdo do setor inato não pode ser referida de nenhuma maneira a fatos ou eventos da vida atual “desse” microcosmo, no qual atua o sujeito evocador: correspondem, ainda que as consequências disso sejam manifestadamente “irracionais” para o sujeito anímico, a “esquemas de si mesmo anteriores”, a “histórias naturais” da evolução de outros microcosmos que, no entanto, uma vez foram animados por si mesmo e cujas recordações se conservam “neste” microcosmo em particular.

O motivo de que existam tais conteúdos nos setores inatos deve-se a que, como se disse no parágrafo citado, “contribuem desde a compleição da alma a aperfeiçoar o microcosmo vivente”: os esquemas de si mesmo anteriores representam, assim, um registro de fases evolutivas precedentes, que determinam o grau de perfeição atual da estrutura microcósmica, a forma “deste” microcosmo em particular. A rigor, os esquemas de si mesmo anteriores constituem uma extensão metafísica da série ôntico-temporal de formas individuais “deste” microcosmo em particular: no extremo original da mente ôntico-temporal, ou seja, quando se registra o nascimento do microcosmo atual, existe um esquema de si

mesmo anterior que se continua com outro precedente, e este com outro, e assim sucessivamente até chegar ao Arquétipo Manu, sobre a função contínua do progresso evolutivo. O fio de consciência, fio histórico, segundo se vê na figura 56, do caminho ELIX, SERIA, se se considerassem todos os esquemas de si mesmo anteriores nos que evoluiu a mônada para chegar desde o átomo gravis até a matriz funcional do desígnio pasu, passando pelos reinos vegetal e animal, SEMELHANTE A UMA SUPERSÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL FILOGENÉTICA: UMA SÉRIE CUJOS MEMBROS SÃO ESQUEMAS DE SI MESMO, DESDE O MAIS PRIMITIVO ATÉ O MAIS EVOLUÍDO OU ATUAL. E isto mostra claramente os alcances do exemplo da figura 56 como representação de um pasu ôntico: tal exemplo só exibe UM esquema evolutivo da supersérie de esquemas de si mesmo que conduziram, através de milhões de anos de tempo transcendente, até o microcosmo potencial do pasu, quer dizer, até "este" microcosmo em particular.

Por isso, "como tudo o que pertence ao ente deve estar no próprio ente", a supersérie de esquemas de si mesmo anteriores está na realidade contida nos setores inatos do Registro ôntico do pasu. E os setores inatos apresentam, como já se disse, um tampa-signo permanente e característico denominado CHAKRA: para compreender o que significam os chakras, porque permanecem sempre fixos e imutáveis, como tampa-signos dos setores inatos, é necessário considerar o microcosmo do ponto de vista energético e incluir na explicação o conceito de KUNDALINI ou LOGOS MICROCÓSMICO. Veremos isto no inciso seguinte.

QUARTO TOMO – O MICROCOSMO COMO ORGANISMO

Neste inciso vai se expor o conceito orgânico do microcosmo e vai se estudar sua "função geral" do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea. Tal elucidação permitirá definir conceitos tão importantes como o de "chakra" ou "Logos Kundalini", os quais foram objeto, no Ocidente, das técnicas de "desinformação" e "mudança de significado", por parte da Sinarquia.

A – Relação hierárquica entre microcosmo e os entes externos.

O Aspecto Logos do Demiurgo, sua VOX, designa todo ente individual e todo ente existe individualmente porque seu impulso evolutivo recebe a terminação formal da matriz essencial de seu desígnio. Isto foi demonstrado em incisos anteriores. Entretanto, é necessário efetuar uma importante distinção quando o ente individual recebe o desígnio pasu, quer dizer, quando o ente é um microcosmo: neste caso, o Aspecto Logos deve manifestar-se de maneira mais eficaz, segundo ficará demonstrado nos artigos seguintes. Cabe adiantar, por ora, que o Aspecto Logos não só designa e individualiza o microcosmo, com o qual este inicia um processo evolutivo que visa a finalidade ENTELEQUIAL, senão que também atua para CONTROLAR que tal processo não se desvie de sua finalidade; este ato de controle, como é óbvio, deve se exercer durante todo o tempo em que aconteça o processo, quer dizer, durante toda a vida orgânica do microcosmo. Nisto se diferencia essencialmente o microcosmo de qualquer outro tipo de ente externo: todo ente externo, salvo o microcosmo, foi designado só UMA VEZ pelo Aspecto Logos, permanecendo, desde então, fixado na evolução específica que lhe impõe seu Plano. Tal diferença implica em uma superioridade hierárquica do microcosmo frente a qualquer outro tipo de entes externos, superioridade que será fundamentada nos nove comentários seguintes.

Com base em argumentos já vistos, colocaremos em ordem quatro conceitos conhecidos: macrocosmo, microcosmo, ente externo e ente interno.

Primeiro: o macrocosmo ou universo material, do ponto de vista estrutural, é integrado por "entes externos": tais entes podem consistir tanto em simples átomos gravis individualizados como em complexos microcosmos.

Segundo: o que determina o caráter dos "entes externos", isto é, o princípio de individuação, baseia-se no "desígnio" particular de cada um.

Terceiro: o macrocosmo contém todo ente externo existente e todo ente externo se diferencia e se caracteriza por seu desígnio particular.

Quarto: o microcosmo é um reflexo do macrocosmo, vale dizer, é sua cópia invertida. Mas, enquanto "ente externo", o microcosmo existe pela proposição ôntica de um "desígnio pasu", cujo projeto reflete o Plano do macrocosmo.

Quinto: o "desígnio pasu" é o maior desígnio de desígnio existente, quer dizer, é um desígnio cujo Plano abarca os Planos de todos os desígnios existentes: O DESÍGNIO DE TODO ENTE EXTERNO "QUE NÃO SEJA UM MICROCOSMO" ESTÁ CONTIDO NO DESÍGNIO PASU, OU SEJA, NO DESÍGNIO DO MICROCOSMO.

Sexto: os Planos dos "entes externos" que compõem o desígnio pasu formam os "entes internos" do microcosmo: desta maneira, todo "ente interno" apresenta homologia estrutural com "entes externos" correspondentes do macrocosmo.

Sétimo: em síntese: “o microcosmo reflete o macrocosmo”, e seus “entes internos” refletem os “entes externos” do macrocosmo que não são, por sua vez, microcosmos. Pode-se considerar, pois, que tanto “macrocosmo” como “microcosmo” são estruturas máximas, globais, que contêm e integram os “entes externos” e “internos” como membros respectivos, ainda que no caso do microcosmo este também integre o macrocosmo em seu caráter extremo de “ente externo”.

Oitavo: distingue-se assim, claramente, que o “desígnio pasu” está em relação hierárquica superior com qualquer outro desígnio de “ente externo” porque contém todos os desígnios não microcósmicos como planos de seus “entes internos”.

Nono: a partir daqui, vamos opor o conceito de “microcosmo” com o de “ente externo”, salvo que se esclareça expressamente que tal ente externo é também um microcosmo. Caso contrário, deverá se supor, sem mais delongas, que o “microcosmo” é hierarquicamente superior, em virtude da complexidade de seu desígnio, a todo “ente externo”.

B – O “princípio plasmador microcósmico” ou Logos Kundalini.

Nestes nove comentários, demonstramos que o “desígnio pasu” do ente exterior “microcosmo” é hierarquicamente superior ao desígnio de qualquer outro ente externo que não seja um microcosmo. Esta distinção hierárquica “pelo desígnio” entre microcosmo e os restantes entes externos adquire importância fundamental quando se chega até sua causalidade, isto é, até a VOX designadora do Aspecto Logos.

Do ponto de vista da causa do desígnio, quer dizer, a VOX do Demiurgo, o microcosmo apresenta, com efeito, uma diferença essencial com respeito a todo ente externo: O PRINCÍPIO PLASMADOR. Com outras palavras, os entes externos são apenas ENTES PLASMADOS por seu desígnio particular, o qual foi proposto UMA VEZ pelo Aspecto Logos ao lhes conceder a existência individual; o microcosmo é também um ENTE PLASMADO, enquanto ente externo, mas dispõe, da mesma forma, enquanto reflexo do macrocosmo, de um PRINCÍPIO PLASMADOR ATIVO. Este princípio único, que só o microcosmo possui entre todos os entes externos, é uma réplica do poder plasmador da VOX do Demiurgo, à qual a Sabedoria Hiperbórea denomina: LOGOS MICROCÓSMICO KUNDALINI. Mas antes de nos referirmos ao princípio plasmador microcósmico, temos que compreender com mais detalhes a PLASMAÇÃO FIXA dos entes externos. Todo ente externo individual pode-se definir como A PLASMAÇÃO FIXA QUE O DESÍGNIO PARTICULAR DETERMINA NA NATUREZA MATERIAL DE UM ÁTOMO GRAVIS. Como sabemos, a potência formativa do Arquétipo Universal, manifestada materialmente em um átomo gravis, é determinada pelo desígnio particular para dar existência individual ao ente específico; mas, como “à igualdade de espécie identidade de desígnio”, resulta que, na realidade, o que determina formalmente o ente externo é uma matriz arquetípica da série formativa em que consiste o Plano do desígnio, quer dizer, a MATRIZ ESSENCIAL; esta matriz foi SUBPOSTA no ente pela VOX designadora e constitui seu princípio de individuação: a matriz essencial põe termo individual à potência formativa universal do Arquétipo, determinando que o ente se FORME segundo seu Plano; pois bem: esta FORMAÇÃO INDIVIDUAL que exerce a matriz essencial sobre a natureza universal do ente É A PLASMAÇÃO PROPRIAMENTE DITA; em uma entidade de substância material PLÁSTICA, a matriz essencial PLASMA sua forma individual e determina estruturalmente o curso do processo evolutivo do ente externo; indo mais fundo na questão, considerando a matriz essencial como uma CAPACIDADE estrutural, podemos afirmar que: TODO ENTE EXTERNO FOI PLASMADO POR SEU

DESÍGNIO PARTICULAR E FORMADO PELA CAPACIDADE ESTRUTURAL DA MATRIZ ESSENCIAL; MAS ESTA "CAPACIDADE ESTRUTURAL" É AUTOSSUFICIENTE PARA MANTER UM REGISTRO PERMANENTE DO PLANO NO QUAL CONSISTE, QUE NÃO É OUTRA COISA QUE O PLANO DO ENTE EXTERNO AO QUE FORMA; POR ISSO, A "CAPACIDADE" DA MATRIZ ESSENCIAL É PLASMADORA: PORQUE, TENDO SIDO SUBPOSTA UMA VEZ PELA VOX DO ASPECTO LOGOS, SUSTENTA A SI MESMA COMO REGISTRO ÔNTICO DO ENTE EXTERNO, DE MODO PERMANENTE E FIXO; A CAPACIDADE DO REGISTRO ÔNTICO DA MATRIZ ESSENCIAL É "FIXA" E DAÍ A DEFINIÇÃO DE "ENTE EXTERNO" DA QUAL PARTIMOS: "É A PLASMAÇÃO FIXA QUE O DESÍGNIO PARTICULAR DETERMINA NA NATUREZA MATERIAL DE UM ÁTOMO GRAVIS, PARA FORMAR UM ENTE INDIVIDUAL".

Os entes externos são, pois, plasmados uma só vez por seu desígnio particular e nada há neles que possibilite POR SI MESMOS algum tipo de MUDANÇA ESSENCIAL: uma vez plasmada, a forma dos entes externos se ajustará evolutivamente à capacidade fixa da matriz essencial; não existe neles NENHUM PRINCÍPIO QUE LHES PERMITA APARTAR-SE POR SI MESMOS DO PLANO ESSENCIAL REGISTRADO: uma mutação semelhante só poderia ocorrer, desde já, por uma intervenção "anormal" do Demiurgo, quer dizer, por Sua Segunda Intenção; mas, em todo caso "normal" o ente externo é sempre o produto de uma PLASMAÇÃO FIXA.

E agora poderá se compreender que o caso é completamente diferente quando o ente externo foi plasmado com o "desígnio pasu", quer dizer, com o desígnio de hierarquia extrema, cuja capacidade estrutural forma o microcosmo ôntico. Porque, diferentemente dos entes externos, cuja plasmação é FIXA, E IMUTÁVEL POR SI MESMA, o microcosmo dispõe de um PRINCÍPIO PLASMADOR ATIVO que, não só é quem plasmou a estrutura microcósmica, senão quem tem poder para reproduzir POR SI MESMO esta plasmação, quer dizer, para recriar o plano registrado tantas vezes quantas forem necessárias. Mas este PRINCÍPIO PLASMADOR ATIVO, O LOGOS KUNDALINI, não se encontra presente no microcosmo para possibilitar um DESVIO essencial do Plano designado, senão todo o contrário: como se infere do que foi dito, o que o Logos Kundalini faz POR SI MESMO é assegurar QUE NÃO OCORRA um DESVIO do Plano designado, REPRODUZINDO-O tantas vezes quantas forem necessárias para formar essencialmente o microcosmo. Isto quer dizer que o princípio plasmador cumpre uma missão específica no microcosmo.

C – A "missão" do Logos Kundalini.

Ter-se-ia que se perguntar então: qual é a missão que deve cumprir o Logos Kundalini, o princípio plasmador do microcosmo? Resposta: A MISSÃO DO LOGOS KUNDALINI CONSISTE EM CONTROLAR A "FUNÇÃO GERAL ORGÂNICA" DO MICROCOSMO. Ainda que o conceito de "função geral orgânica" seja definido mais adiante, podemos adiantar aqui que "a função geral tende para a ENTELÉQUIA Manu, quer dizer, para a autonomia ôntica".

Fica claro, assim, que a missão de Kundalini consiste em assegurar o cumprimento do objetivo microcósmico da finalidade, controlando o processo evolutivo: o DESVIO do Plano designado, ou um desvio do objetivo microcósmico da finalidade, bastarão para causar a intervenção ativa do princípio plasmador, quem tentará corrigir imediatamente a falha, OPERANDO SOBRE AS MATRIZES FUNCIONAIS do desígnio.

Para compreender esta operação com a qual o Logos Kundalini concretiza sua missão, há que se relacionar previamente as "matrizes funcionais" do desígnio

pasu com os CHAKRAS que mencionamos no artigo anterior. Com efeito, para a Sabedoria Hiperbórea, os tampa-signos fixos dos setores inatos do Registro ôntico do pasu, quer dizer, os CHAKRAS, SÃO MATRIZES FUNCIONAIS DO DESÍGNIO PASU, CUJA ESTRUTURA CONSISTE EM ESQUEMAS DE SI MESMO ANTERIORES. A missão do Logos Kundalini requer operar sobre as matrizes funcionais do desígnio pasu para processar a evolução microcósmica, mas isto significa, segundo vemos, operar sobre os chakras, pois estes e aqueles são uma e a mesma coisa. É claro, assim, que só uma definição estrutural do conceito "chakra" nos permitirá compreender com precisão a missão do Logos Kundalini.

D – Definição estrutural do conceito de chakra.

Uma definição estrutural do conceito “chakra” só pode adquirir significado pleno em um contexto orgânico: dali deve partir a explicação, da descrição orgânica do microcosmo. É necessário, para isso, considerar os ENTES INTERNOS do microcosmo como ÓRGÃOS e definir o microcosmo como uma ESTRUTURA ORGÂNICA que os integra em sua FUNÇÃO GERAL. Isto é: uma estrutura viva, tal como o microcosmo, compõe-se de membros inter-relacionados entre si, mediante conexões energéticas, ou materiais, de todo tipo; contudo, atendendo à sua FUNÇÃO GERAL, pode-se afirmar que a estrutura microcósmica constitui um ORGANISMO, cujos membros são ÓRGÃOS FUNCIONALMENTE DETERMINADOS: neste sentido, a FUNÇÃO PARTICULAR, ou característica, de cada órgão, contribui ou se integra aos fins da FUNÇÃO GERAL do organismo; por isso, em um organismo A FUNÇÃO GERAL DETERMINA A FUNÇÃO DE CADA ÓRGÃO EM PARTICULAR e todas as funções particulares estão integradas na FUNÇÃO GERAL. Contudo, toda FUNÇÃO tende para uma finalidade, para uma posição final ou valor limite que determina antecipadamente a direção de seu movimento: no caso da FUNÇÃO GERAL do organismo microcósmico, esta FINALIDADE não pode ser outra mais do que a ENTELÉQUIA MANU. Daí a afirmação de que: A FUNÇÃO GERAL DO ORGANISMO MICROCÓSMICO TENDE PARA A ENTELÉQUIA MANU. Evidentemente tal “FUNÇÃO GERAL” é a mesma lei que vimos denominando de FUNÇÃO CONTÍNUA DO PROGRESSO EVOLUTIVO e cuja representação gráfica é a CURVA ELIX da figura 56.

Só nos falta agregar que os órgãos, ainda quando se encontrem funcionalmente compenetrados no organismo, são, na realidade, ENTES INTERNOS do microcosmo; vale, pois, para eles, a definição dada no comentário Sexto: “os planos dos “entes externos” que compõem o desígnio pasu formam os “ENTES INTERNOS” do microcosmo: desta maneira, todo “ente interno” apresenta homologia estrutural com “entes externos” correspondentes do macrocosmo”. Se os órgãos são entes internos do microcosmo, formados por “Planos de entes externos” contidos no Desígnio pasu, cabe indagar: como determinam estes Planos a FUNÇÃO PARTICULAR dos órgãos, de tal modo que a mesma se integre na FUNÇÃO GERAL ORGÂNICA? E, mais concretamente: como operam estes Planos para formar os órgãos, onde se baseia sua atividade? Vamos responder a estas questões, passo a passo.

Tudo se tornará claro, quando consideremos que os ENTES INTERNOS do microcosmo, enquanto ÓRGÃOS, contêm cada um, um SETOR INATO DO REGISTRO ÔNTICO DO PASU: fica fácil, então, compreender que é o Plano registrado em tais setores que forma o órgão e determina sua função. Com mais detalhes: nos setores inatos encontram-se registrados os esquemas de si mesmo anteriores; estes esquemas “contribuem desde a compleição da alma a aperfeiçoar o microcosmo vivente”; para exemplificar esta contribuição, podemos considerar que cada ÓRGÃO, ou elemento orgânico da estrutura microcósmica, está

funcionalmente determinado por um esquema inato: cada glândula endócrina, por exemplo, está pré-configurada em seu setor inato por um esquema anterior que a forma e regula funcionalmente; é evidente que cada esquema da supersérie, para prestar semelhante utilidade, tem que estar perfeitamente codificado como Plano essencial do desígnio pasu e integrado harmonicamente em sua estrutura; e da diversidade de Planos, correspondentes a esquemas inatos de órgãos, procede a enorme quantidade de setores inatos em que se divide o Registro Ôntico do pasu: há que se avisar que cada setor inato, um por cada órgão, leva um tampa-signo fixo ou chakra, o que deve dar uma ideia de que os mesmos se contam aos milhões no microcosmo; entretanto, nem todos são funcionalmente equivalentes, nem têm a mesma importância na composição da estrutura microcósmica: universalmente, e a Sabedoria Hiperbórea concorda com isso, conveniou-se assinalar como os mais importantes, do ponto de vista do objetivo microcósmico da finalidade, SETE chakras; justamente, aqueles que são tampa-signos dos setores inatos assentados nas glândulas endócrinas ou glândulas de secreção interna; os nomes destes chakras dar-se-ão mais adiante, no inciso “Possibilidades da via tântrica”, onde se explicará também por que o virya desperto não deverá jamais provocar a atividade do Logos Kundalini por meio da yoga; a estes sete chakras vamos nos referir agora para explicar concretamente a função do princípio plasmador, mas as conclusões expostas podem se aplicar, sem inconvenientes, para interpretar a intervenção do Logos Kundalini em qualquer setor inato do Registro Ôntico do pasu.

Mas, antes de entrar no tema dos chakras orgânicos, convém esclarecer o alcance da definição anterior: ainda quando os setores inatos tenham sido definidos como “conteúdos” orgânicos, quer dizer, como registros “assentados” nos órgãos, tal afirmação não deve ser interpretada no sentido excessivamente literal. Este esclarecimento tem por objeto evitar a crença ingênua de que bastaria, por exemplo, remover um órgão para eliminar o setor inato “assentado”, ou “contido”, nele; a verdade, pelo contrário, é completamente oposta: a eliminação de um órgão NÃO AFETA em absoluto o setor inato que o forma. Por quê? Resposta: porque o setor inato, cujo registro plasma o órgão, encontra-se, na realidade, plasmado na alma do pasu, em seu “corpo duplo” ou “astral”. O Plano registrado, a matriz funcional do órgão, é o que está subposto no órgão, como termo de sua entidade, ou que “consiste” nele e subsiste como fundamento de sua existência individual; mas o setor inato, cujo registro consiste em dito Plano, encontra-se, por sua vez, fundamentado na compleição da alma, recebendo dela sua base metafísica.

Levando em conta este esclarecimento, consideremos agora um chakra particular; por exemplo, o chamado AJNA, cujo setor inato encontra-se “baseado” na glândula hipófise. O raciocínio que há que se fazer é o seguinte: no setor inato da glândula hipófise existe o registro de um esquema anterior, cujo plano consiste no projeto de uma “glândula hipófise experimental”, quer dizer, um esquema hereditário, projetado experimentalmente por seleção filogenética, a partir do princípio da metempsicose progressiva; a glândula hipófise real do pasu forma-se com base em dito esquema hereditário registrado no setor inato: para que isso ocorra, o esquema hereditário da glândula hipófise tem que estar subposto na entidade glandular para colocar termo individual à sua natureza universal arquetípica; A FORMAÇÃO DA GLÂNDULA REAL É, ENTÃO, O EFEITO DA PLASMAÇÃO QUE LHE IMPÕE O ESQUEMA HEREDITÁRIO; o esquema hereditário opera, assim, como uma MATRIZ PLASMADORA da série formativa do desígnio, mas que tipo de matriz? Não uma MATRIZ ESSENCIAL, porque esta é a única em cada desígnio e, no caso do desígnio pasu, sua capacidade é tal que contém e determina todo o microcosmo. Resposta: o esquema hereditário da glândula hipófise, assim como qualquer semelhante, é uma MATRIZ FUNCIONAL do desígnio pasu; mas toda MATRIZ

FUNCIONAL é um Plano contido no desígnio caracol ou no desígnio serpente, os quais encontram-se relacionados entre si hierarquicamente: segundo vimos em "F" (segundo tomo): "A Sabedoria Hiperbórea, com efeito, afirma que o desígnio caracol, e o desígnio serpente que lhe está subordinado, OCUPA UMA POSIÇÃO DESTACADA DENTRO DO DESÍGNIO PASU, PORQUE EM TAL DESÍGNIO SUBJAZ O PRINCÍPIO DO MOVIMENTO ENERGÉTICO, DE QUALQUER NATUREZA QUE ESTE SEJA. O que quer dizer isto? Resposta: que o movimento da energia sempre segue uma lei formal, cuja descrição corresponde a alguma matriz arquetípica do desígnio caracol." "Às matrizes arquetípicas do desígnio caracol que determinam a forma do movimento energético, psíquico ou vital (térmico, elétrico, químico, hidráulico, mecânico, etc.) a Sabedoria Hiperbórea denomina MATRIZES FUNCIONAIS"; comprovamos, pois, que o esquema hereditário que plasma a glândula real é uma matriz funcional do desígnio caracol, o qual está contido no desígnio de desígnio de máxima extensão que existe, isto é, o desígnio pasu.

Podemos entender agora a definição já adiantada: OS CHAKRAS SÃO MATRIZES FUNCIONAIS DO DESÍGNIO PASU CUJA ESTRUTURA CONSISTE EM ESQUEMAS DE SI MESMO ANTERIORES.

Mas os chakras são tampa-signos FIXOS, quer dizer, imagens fixas, que selam os setores inatos do Registro Ôntico do pasu: o que significam estas imagens que se destacam nitidamente sobre os setores inatos e, por consequência, sobre a tela ôntica dos órgãos? Resposta: em primeiro lugar, os tampa-signos são FIXOS porque os órgãos são ENTES INTERNOS, quer dizer, entes plasmados permanentemente pelo registro da matriz funcional. Em segundo lugar, há que se considerar a imagem fixa do tampa-signo chakra como uma representação sêmica do esquema hereditário registrado: a imagem do chakra é um símbolo que pré-configura a estrutura do esquema hereditário e, com todo rigor, pode-se afirmar que tal imagem expressa simbolicamente a CAPACIDADE do setor inato.

Em resumo, no setor inato da glândula hipófise real, encontra-se registrado um "esquema hereditário", o Plano de uma glândula hipófise, baseado no qual aquela se forma e adquire identidade orgânica: o esquema hereditário não só forma o órgão, senão que determina sua função particular; isso ocorre porque o esquema hereditário é, também, uma "matriz funcional", quer dizer, uma matriz arquetípica do desígnio caracol, o qual rege todas as leis formais da energia micro ou macrocósmica; SOBRE a glândula hipófise real, em sua tela ôntica, distingue-se uma imagem fixa ou tampa-signo do setor inato: é o chakra AJNA, que representa semiologicamente o esquema hereditário registrado, a CAPACIDADE do registro. Basta estender esta explicação a qualquer órgão microcósmico, para compreender a função de outros chakras, pois nenhum difere demasiadamente no essencial do que aqui se expôs: e com isto fica completa a definição estrutural do conceito de chakra, a qual compreendemos em um contexto orgânico.

E – O princípio plasmador assenta-se no gérmen microcósmico.

Como já dispomos da definição estrutural do conceito de chakra, podemos retomar o tema do "princípio plasmador do microcosmo" e aprofundar sobre a "missão" do Logos Kundalini. Tal missão consiste, segundo vimos, "EM CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL ORGÂNICA DO MICROCOSMO", e a mesma é cumprida pelo Logos Kundalini durante toda a vida do pasu. Entretanto, para compreendê-la com facilidade, é conveniente começar pela origem e referir-nos à atividade do princípio plasmador durante a própria organização do organismo microcósmico.

Se partimos da origem biológica do pasu, quer dizer, do GÉRMEN microcósmico, podemos, então, completar a definição do princípio plasmador e compreender melhor sua missão posterior de "controlar a função geral orgânica". Mas, o que é, metafisicamente, um GÉRMEN microcósmico? Resposta: um átomo gravis impulsionado a evoluir pelo Arquétipo Manu e individualizado pelo desígnio pasu (ver figura 56). Sem repetir tudo o que foi visto anteriormente, podemos definir a geração de um gérmen microcósmico como O INÍCIO DE UM CICLO VITAL DA SUPERSÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL em que se desenvolve a evolução da mônada. O desdobramento do gérmen neste "ciclo vital", vale dizer, seu crescimento e maturação, dará por resultado um novo "esquema de si mesmo", quer dizer, um novo membro da supersérie que será conservado em um setor inato da compleição da alma. Mas, a "alma" do pasu, na qual está registrada a supersérie, é só o termo material da mônada evolutiva: no extremo físico do processo evolutivo, a mônada se manifesta como um átomo gravis individualizado e altamente evoluído, que é a alma do pasu, começa cada novo "ciclo vital" de sua evolução como "gérmen microcósmico", sendo para isso plasmado pelo Aspecto Logos com o desígnio pasu. Contudo, salvo o ente "microcosmo", todo outro ente exterior plasmado pelo Aspecto Logos se mantém fixo em sua formação, ainda quando evolua, pois todas as mudanças se ajustam à capacidade da matriz essencial subposta, quer dizer, à capacidade do Registro Ôntico que conserva o Plano do desígnio particular: o ente exterior foi plasmado uma só vez com seu desígnio e esta determinação é suficiente para assegurar sua existência individual permanente. Mas a situação muda essencialmente quando o Aspecto Logos plasma o átomo gravis com o desígnio pasu: em tal caso, não se produz um simples ente externo, com uma determinação evolutiva ficada a priori pelo Plano do desígnio, senão um GÉRMEN microcósmico dotado de um "princípio plasmador ativo".

Vamos ver agora o que significa esta diferença.

Antes de tudo, há que se imaginar o que ocorre quando o Aspecto Logos propõe o desígnio pasu no átomo gravis: o átomo gravis acaba envolvido em uma BOLHA ou GLOBO, cuja capacidade é a da MATRIZ FONÉTICA do desígnio. A Sabedoria Hiperbórea denomina GLOBO DE AKASA a envoltura do átomo germinal, ainda que também receba outros nomes mais ou menos adequados: OVO GERMINATIVO, CONCHA VALVAR, ARCA DO LOGOS, etc.

A "matriz fonética" é, desde já, uma matriz funcional do desígnio caracol e o segredo de sua forma e estrutura constituem desde outrora uma chave da Kabala Acústica. No desígnio pasu, esta matriz funcional ocupa o "posto central" do Plano, no sentido de que é a primeira que se manifesta fisicamente: alegoricamente, pode-se supor que a matriz fonética constitui "o centro" da capacidade da matriz essencial. Sua função, quer dizer, sua lei, é a primeira que atua no plano material para dar nascimento ao gérmen humano: A MATRIZ FONÉTICA É O EXTREMO PRINCIPAL DO PRINCÍPIO DE INDIVIDUAÇÃO DO DESÍGNIO PASU. Só a partir da formação globular que a matriz fonética impõe ao átomo gravis, começa realmente o processo evolutivo do gérmen microcósmico, cujo crescimento e maturação darão por resultado o pasu ôntico, o indivíduo humano.

A forma da matriz fonética, o globo de Akasa, é, pois, a primeira PLASMAÇÃO MATERIAL que o desígnio pasu determina no átomo gravis, o qual, desde então, transforma-se em um ÁTOMO GERMINAL HUMANO, em um gérmen microcósmico. E nesta primeira plasmação do desígnio pasu reside, justamente, o que diferencia o microcosmo de qualquer outro ente externo: porque A PLASMAÇÃO DO GLOBO DE AKASA ENCERRA EM SI MESMO O PRINCÍPIO PLASMADOR. É como se o Aspecto Logos, ao plasmar o desígnio pasu, deixasse sua VOX contida pelo globo de Akasa: DENTRO DO GLOBO SUBSISTE, ENTÃO, O LOGOS

KUNDALINI, O PRINCÍPIO PLASMADOR DO MICROCOSMO, O VERBO DO DEMIURGO.

O átomo germinativo consiste, assim, em um átomo gravis, com seu ponto indiscernível, onde subjaz o ser em si do Arquétipo MANU, encoberto por um globo de Akasa, vale dizer, plasmado pela forma da matriz fonética; mas o conteúdo do globo, aquilo que NÃO É o átomo gravis, mas que se encontra compreendido pelos limites da matriz fonética, é o Logos Kundalini, UMA RÉPLICA MICROCÓSMICA DO VERBO DO DEMIURGO: por isso a VOX do Logos Kundalini é um princípio plasmador de microcosmos, análogo à VOZ do Aspecto Logos, cujo poder plasmador de entes externos já estudamos. Mas, o que plasma o Logos Kundalini? Resposta: a totalidade do microcosmo; salvo o princípio do átomo germinal, o globo de Akasa, que foi plasmado pelo Aspecto Logos, o Logos Kundalini é quem plasma o Plano do desígnio pasu, quem o concretiza em toda a integridade funcional de seus órgãos. O Aspecto Logos, como vimos, só plasma "o centro" da matriz fonética, quer dizer, o centro da capacidade de só uma, entre bilhões de matrizes arquetípicas das que consta o desígnio pasu: mas, desde esse centro, no qual ficou contido um Verbo, um princípio plasmador ativo, continua a plasmação do Plano do desígnio pasu, plasmação que se efetua SOBRE o globo de Akasa, quer dizer, exteriormente, porque sua potência formadora opera DE DENTRO PARA FORA do globo de Akasa. Para compreender esta ação do Logos Kundalini, há que se imaginar o princípio plasmador como uma FORÇA VIBRATÓRIA, cujas ONDAS se transmite através do globo, transportando a informação do Plano. Com outros termos, e sem desdenhar das figuras alegóricas: O SOM DO LOGOS ATRAVESSA A DELGADA MEMBRANA DO OVO GERMINATIVO; CADA "PALAVRA", PRONUNCIADA RITMICAMENTE, TEM O PODER DE PLASMAR UMA FORMA FORA DO OVO; NA VERDADE, CADA "PALAVRA" É UMA MATRIZ FUNCIONAL DO DESÍGNIO PASU; POR ISSO, PALAVRA APÓS PALAVRA, O LOGOS KUNDALINI VAI "LENDO" O PLANO DO DESÍGNIO E O VAI PLASMANDO FORA, CONCRETIZANDO-O EM SUA INTEGRIDADE ORGÂNICA; ESTA "LEITURA" É REALIZADA DIRETAMENTE DA COMPLEIÇÃO ANÍMICA ONDE ESTÁ REGISTRADO O PLANO DO DESÍGNIO, QUER DIZER, DO ÁTOMO GRAVIS INTERIOR AO OVO: TAL ÁTOMO NÃO É MAIS DO QUE A EXPRESSÃO FÍSICA DA MÔNADA EVOLUTIVA DO PASU E, EM SUA COMPLEIÇÃO ENCONTRA-SE GRAVADA A SUPERSÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL DE ESQUEMAS ANTERIORES. ASSIM, PELO PODER CRIADOR DO VERBO, ESTRUTURA-SE O MICROCOSMO AO REDOR DO OVO ORIGINAL; O OVO, O GLOBO DE AKASA, É O PRIMEIRO PLASMADO E O PRINCÍPIO PLASMADOR DO MICROCOSMO; O "GLOBO DE AKASA" É O FUNDAMENTO METAFÍSICO DO ORGANISMO MICROCÓSMICO; E O "PRINCÍPIO PLASMADOR ATIVO" É QUEM FORMA TODO ÓRGÃO, AJUSTANDO-O AO PLANO PARTICULAR REGISTRADO EM SEU SETOR INATO E POSSIBILITANDO SUA EXISTÊNCIA INDIVIDUAL COMO ENTE INTERNO. À MEDIDA QUE A PLASMAÇÃO VAI SE FAZENDO CADA VEZ MAIS EXTERIOR AO GLOBO DE AKASA, OS ENTES INTERNOS QUE SE ORGANIZAM VÃO OCUPANDO MAIS ESPAÇO E, COM ISSO, VÃO INCORPORANDO MAIS MATÉRIA GRAVIS NA COMPOSIÇÃO; O PODER PLASMADOR DO LOGOS KUNDALINI FAZ CORRESPONDER A CADA "PALAVRA", OU SETOR INATO, UM ÓRGÃO; MAS OS SETORES INATOS ESTÃO REGISTRADOS NA COMPLEIÇÃO DA ALMA, ENQUANTO OS ÓRGÃOS SE PRODUZEM COM NOVA MATÉRIA GRAVIS "SOBRE" AQUELES: VALE DIZER QUE O PODER DO LOGOS KUNDALINI VAI CONSTRUINDO UM CORPO SOBRE OUTRO, UM ORGANISMO MATERIAL SOBRE UMA ENTIDADE ANÍMICA; DAÍ QUE A ENTIDADE ANÍMICA SEJA CONSIDERADA COMO UM "CORPO DUPLO" DO ORGANISMO MICROCÓSMICO.

CADA ÓRGÃO CORRESPONDE A UM SETOR INATO DO "CORPO DUPLO" E, POR ISSO, AFIRMA-SE QUE O CORPO DUPLO "ANIMA" TODO ÓRGÃO MICROCÓSMICO, CONCEDENDO-LHE SUA PARTICULAR VITALIDADE. NO CASO DO ÓRGÃO CEREBRAL, TAL ANIMAÇÃO ADQUIRE UMA CARACTERÍSTICA ESPECIAL, PORQUANTO A ESTRUTURA NEUROFISIOLÓGICA PERMITE A MANIFESTAÇÃO DA ALMA SOB A FORMA DE "SUJEITO ANÍMICO RACIONAL" OU RAZÃO. FINALMENTE, QUANDO O GÉRMEN MICROCÓSMICO SE DESENVOLVE ORGANICAMENTE EM TODA SUA INTEGRIDADE, O SUJEITO ANÍMICO OPERA NA ESTRUTURA PSÍQUICA E CONSTRÓI A ESTRUTURA CULTURAL E O ESQUEMA DE SI MESMO NA FORMA JÁ ESTUDADA.

Só temos que agregar que o globo de Akasa, fundamento metafísico do "microcosmo", PERMANECE COMO TAL DURANTE TODO O DESENVOLVIMENTO DO CICLO VITAL.

À medida que o organismo microcósmico se estrutura sobre sua base, o globo de Akasa vai ocupando um lugar cada vez mais INTERNO; por isso, em qualquer momento do ciclo vital, o globo pode ser localizado NO INTERIOR do microcosmo, em um lugar próximo ao setor inato do Muladhara chakra, quer dizer, à altura do osso sacro da coluna vertebral. Por esse caráter de permanente interioridade que apresenta o globo de Akasa é que a Sabedoria Hiperbórea o qualifica, também, de "NÚCLEO FONÉTICO DO GÉRMEN MICROCÓSMICO": o núcleo fonético, desde já, tem a capacidade da matriz fonética.

Empregando tal qualificação, chega-se a definições semelhantes: O GÉRMEN MICROCÓSMICO POSSUI UM NÚCLEO FONÉTICO NO QUAL RESIDE O PRINCÍPIO PLASMADOR; SE O GÉRMEN SE DESENVOLVE, O NÚCLEO PERMANECE IMUTÁVEL DURANTE TODO O PROCESSO CÍCLICO, ASSEGURANDO INCLUSIVE, POR CAUSA DE SUA "MISSÃO", QUE O PROCESSO DESTE DESENVOLVIMENTO SE AJUSTE À "FUNÇÃO GERAL" DO ORGANISMO MICROCÓSMICO; ENTRETANTO, O NÚCLEO PODE SER ANORMALMENTE ALTERADO PELAS PRÁTICAS DE YOGA. O núcleo fonético, o globo de Akasa, não é, pois, INALTERÁVEL: só permanece assim durante o ciclo vital do gérmen microcósmico; contudo, é uma realidade que O OVO PODE SER QUEBRADO e que O PODER DO LOGOS KUNDALINI PODE SER LIBERADO DENTRO DA CAPACIDADE DO ORGANISMO MICROCÓSMICO. Esta alteração do núcleo fonético, esta ruptura do ovo germinativo, constitui, sem dúvidas, um grave erro estratégico para o virya desperto, SALVO QUE A MESMA SE REALIZE SEGUNDO AS TÉCNICAS TÂNTRICAS HIPERBÓREAS, tal como se demonstra no artigo "N" e no inciso "Possibilidades da via tântrica".

Não há que insistir, por último, em que o gérmen microcósmico, tal qual foi descrito aqui, é metafisicamente análogo ao macrocosmo: o Plano do gérmen, contido no desígnio pasu, é uma réplica do Plano do macrocosmo.

Particularmente notável, nesta analogia, é a correspondência entre o ovo germinativo do gérmen microcósmico, onde se encontra contido o Logos Kundalini, e o Ovo Primordial macrocósmico: assim como a produção de um microcosmo é obra do Logos Kundalini, operando desde o ovo germinativo, assim também a produção do macrocosmo é obra da VOX do Uno, operando desde o Ovo Primordial.

F – A função geral orgânica.

Até aqui se descreveu o aspecto "gerador" do Logos Kundalini, sua atividade primordial como princípio plasmador e produtor do organismo microcósmico: o passo seguinte que nos propomos é de estudar a "missão" posterior do Logos Kundalini, a qual consiste, segundo vimos, em "CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL ORGÂNICA

DO MICROCOSMO". Entretanto, ainda não estamos preparados para dar esse passo.

Como sabemos, o Logos Kundalini produz o organismo microcósmico com o poder plasmador de sua VOX, plasmando o desígnio pasu na região exterior do globo de Akasa, mas exercendo dito poder desde o interior do globo de Akasa. Sobre este globo, que é seu suporte essencial, cresce e madura o gérmen humano, desenvolvendo a estrutura orgânica microcósmica SEGUNDO SUA FUNÇÃO GERAL.

Antes de explicar de que maneira o Logos Kundalini cuida para que o desenvolvimento do gérmen não se aparte da "função geral", devemos assegurar-nos de que se compreendeu com clareza este conceito.

Todo gérmen microcósmico se desenvolve completamente durante um CICLO VITAL: no período de tal ciclo, a alma evolui de acordo à "função contínua do progresso evolutivo", cuja representação gráfica é a curva ELIX da figura 56. Em cada momento do desenvolvimento, quer dizer, em cada ponto da curva ELIX, o gérmen alcançou um grau evolutivo e apresenta uma FORMA INDIVIDUAL; por isso, na figura 63, e para o exemplo particular de um cavalo evolutivo, se mostrou que, a cada ponto da função contínua, corresponde uma "forma individual", todas as quais formam uma "série ôntico-temporal". Do mesmo modo, podemos imaginar agora que, sobre a curva ELIX da figura 56, existe uma série de formas individuais, cada uma das quais corresponde a um grau de desenvolvimento do gérmen microcósmico; esta série ôntico-temporal completa, quer dizer, desde a plasmação do globo de Akasa até a desintegração orgânica, tem a duração de um CICLO VITAL. Aplicando conceitos já estudados, há de ser claro o seguinte: O CONJUNTO DE TODAS AS FORMAS INDIVIDUAIS DA SÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL DO PASU, DURANTE UM CICLO VITAL, DENOMINA-SE "ESQUEMA DE SI MESMO".

Contudo, a alma não se limita a evoluir durante um ciclo vital, e a desenvolver um esquema de si mesmo, senão que sua experiência se estende a incontáveis ciclos vitais: nessa pluralidade de vidas a alma vai ensaiando e selecionando todas as estruturas orgânicas que lhe permitirão aperfeiçoar o microcosmo e cumprir o objetivo final de concretizar sua enteléquia. Como o movimento anímico sempre obedece à função contínua, e como em cada ciclo vital se desenvolve um esquema de si mesmo particular, resulta que a função contínua, considerada em sua máxima extensão, revela uma SUPERSÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL, quer dizer, uma supersérie de "esquemas de si mesmo", como expressão concreta do progresso evolutivo. Todos os esquemas da supersérie se incorporam à alma após cada ciclo vital e se conservam permanentemente nela, codificados pelo desígnio pasu, quer dizer, contidos na capacidade das matrizes arquetípicas. Mas quando a alma anima o desdobramento de um gérmen microcósmico, cada um de tais esquemas ocupa um setor inato do Registro Ôntico e subsiste como fundamento essencial das funções particulares dos órgãos; ENTRETANTO, ESTA DISTRIBUIÇÃO NÃO SIGNIFICA A DECOMPOSIÇÃO DA SUPERSÉRIE.

Com outras palavras, o fato de que os esquemas anteriores estejam distribuídos ESPACIALMENTE, quer dizer, cada um em seu setor inato e distanciados entre si, não implica em sua desconexão, enquanto membros da supersérie: PELO CONTRÁRIO, AINDA QUANDO APAREÇAM DISTRIBUÍDOS SOB TODOS OS ÓRGÃOS DO ORGANISMO MICROCÓSMICO, OS ESQUEMAS REGISTRADOS PERMANECEM SEMPRE UNIDOS NA FUNÇÃO CONTÍNUA DO PROGRESSO EVOLUTIVO, NA CURVA ELIX. Na verdade, todos os setores inatos, cujos esquemas determinam a função particular dos órgãos, estão unidos na função contínua do progresso evolutivo da alma, quer dizer, na função com que se desdobra

o gérmen microcósmico em sua totalidade: por este caráter global é que a função contínua se denomina, também, de FUNÇÃO GERAL DO ORGANISMO MICROCÓSMICO.

Empregando o conceito de "significado como caminho", podemos expressar alegoricamente esta importante conclusão: EXISTE NO ORGANISMO MICROCÓSMICO UM CAMINHO EM ESPIRAL QUE VINCULA ENTRE SI TODOS OS SETORES INATOS DO REGISTRO ÔNTICO, QUER DIZER, TODOS OS CHAKRAS. Quando estudamos o Registro Ôntico, já tínhamos observado que o "fio de consciência" permite à Faculdade de registrar do Aspecto Logos inferir os conteúdos de qualquer setor; agora compreendemos o fio de consciência, fio de significado contínuo, como se fosse um caminho que PASSA por todos os setores inatos; mas o fio de consciência é só um para cada alma e, alegoricamente, em outro inciso, já o havíamos denominado CAMINHO ELIX, ainda que consideramos particularmente O SEGMENTO QUE PASSA PELA ESTRUTURA PSÍQUICA. Ocorre, assim, que o "caminho" que vincula os setores inatos, os chakras, é o CAMINHO DE ELIX considerado em sua máxima extensão, ou seja, "além da estrutura psíquica".

Ao segmento do caminho de ELIX que passa pelos setores inatos e conecta os distintos chakras entre si, a Sabedoria Hiperbórea denomina de CANAL ELIX. Não obstante ser claro ao que nos referimos ao falar de CANAL ELIX, convém avisar aqui sobre um erro muito frequente no esoterismo sinárquico: referimo-nos às teorias ou "sistemas" que falam de "CANAIS" ou "NADIS", quer dizer, que afirmam a existência de uma pluralidade de vias que conectam os "centros" ou "vórtices" entre si. Contra tais teorias, a Sabedoria Hiperbórea afirma que se encontram fundamentadas sobre erros gnosiológicos: NÃO EXISTE UMA PLURALIDADE DE CANAIS ASTRAIS OU ENERGÉTICOS, SENÃO "UM" SÓ CANAL ELIX, "UM" SÓ CAMINHO ELIX, "UMA" SÓ FUNÇÃO GERAL. O erro procede da impossibilidade que os Viryas perdidos têm para apreender a supersérie ôntico-temporal em toda sua extensão evolutiva: o corrente é que uma falta de perspectiva metafísica cause a impressão de que os "centros" ou chakras encontram-se vinculados a um EMARANHADO de canais; acredita-se, então, estar frente a uma espécie de "estrutura astral", uma estrutura na qual os chakras seriam "nós" e os canais, ou nadis, as "conexões". É óbvio que esta crença constitui um disparate: uma coisa é a estrutura orgânica microcósmica e outra muito diferente a alma ou corpo duplo. A alma NÃO É UMA ESTRUTURA senão uma mônada manifestada no plano material, quer dizer, uma matéria plástica na qual está plasmada sua história natural como supersérie ôntico-temporal de esquemas. Apenas a falha de observar a história anímica, ou o Registro Ôntico, afetado de daltonismo gnosiológico, explica a confusão estrutural, a crença de que a alma possa consistir em uma rede de canais de energia, analogamente a um mero organismo material.

G – Ação de controle do Logos Kundalini.

Voltando à missão do Logos Kundalini, agora é possível explicar de que modo CONTROLA A FUNÇÃO GERAL ORGÂNICA DO MICROCOSMO.

Em primeiro lugar, reparemos em que a "função geral do organismo microcósmico" é A FORMA DO PROCESSO EVOLUTIVO DO GÉRMEN MICROCÓSMICO. Ou, em outras palavras: o desenvolvimento do processo evolutivo do gérmen adota a forma da função geral. Mas a função geral, considerada em si mesma, de quem toma sua forma? Resposta: da matriz essencial. Isto é evidente porque a matriz essencial contém o Plano do microcosmo, Plano que se desenvolve como supersérie ôntico-temporal no Registro ôntico, de onde forma o processo evolutivo do gérmen microcósmico, tanto na forma geral do organismo,

como na forma particular dos órgãos. Assim, pois, é a "forma" da matriz essencial ou, com mais precisão, sua CAPACIDADE, quem determina a função geral do organismo microcósmico. De maneira semelhante, pode-se afirmar que a função particular de um órgão adota a forma de sua matriz funcional, quer dizer, sua CAPACIDADE.

Em segundo lugar, devemos considerar a possibilidade de que a função geral do organismo (ou a função particular do órgão) se DESVIE da forma da matriz essencial (ou da matriz funcional): se isso ocorre, o processo evolutivo do organismo deixa de visar a finalidade entelequial. É ENTÃO QUANDO O LOGOS KUNDALINI INTERVÉM PARA "CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL".

Também o faz no caso do processo evolutivo de um órgão: se sua função particular se DESVIA da forma da matriz funcional, então o Logos Kundalini intervém para controlar a função particular.

Há que se esclarecer que o Logos Kundalini se encontra disposto a intervir EM TODO MOMENTO DO CICLO VITAL para controlar a função geral ou as funções particulares: SE EM UM MOMENTO DADO DO PROCESSO EVOLUTIVO DE UM GÉRMEN MICROCÓSMICO, SUA FUNÇÃO GERAL (OU PARTICULAR) DESVIA-SE DA FORMA DA MATRIZ ESSENCIAL (OU FUNCIONAL), ENTÃO, "NESSE MOMENTO", INTERVÉM O LOGOS KUNDALINI PARA RESTABELECER A FORMA ARQUETÍPICA DA FUNÇÃO.

Cabe-se perguntar como o Logos Kundalini executa esta AÇÃO DE CONTROLE?

Resposta: É necessário distinguir dois casos: que a função geral do organismo microcósmico se tenha desviado da forma da matriz essencial ou que a função particular de um órgão se tenha desviado da forma da matriz funcional; a ordem destes casos será mantida daqui em diante, e nos referiremos a eles como "o primeiro caso" ou "o segundo caso". Em qualquer de ambos os casos O MODO como o Logos Kundalini intervém é o mesmo: EMITE SUA VOX, DESDE O NÚCLEO FONÉTICO, E SUAS "PALAVRAS" CIRCULAM PELO CANAL ESPIRIFORME, DETENDO-SE UM INSTANTE EM CADA CHAKRA PARA REPRODUZIR SEU ESQUEMA; E APENAS A TRANSMISSÃO DE SUA VOX PELO CANAL ELIX BASTA PARA CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL E AS FUNÇÕES PARTICULARES.

No primeiro caso, por tratar-se de um desvio muito grande, a VOX transita o canal ELIX de um extremo ao outro, detendo-se em cada setor inato e reproduzindo o esquema ali registrado; mas como a VOX é um princípio plasmador ativo, sua reprodução equivale a uma recriação efetiva do órgão esquematizado. Ao completar o percurso, o que acontece é que o microcosmo íntegro foi recriado e, portanto, reorientado na função geral: o processo evolutivo obedece então à função contínua e o gérmen prossegue seu desenvolvimento que visa, sem inconvenientes, a finalidade entelequial. Naturalmente, se por algum motivo a função geral não consegue ser restabelecida, a VOX dispõe do poder suficiente para causar a desintegração orgânica do gérmen, quer dizer, o fim do ciclo vital.

No segundo caso, quando o desvio afeta a função particular de um órgão, a VOX só necessita chegar até o setor inato correspondente e reproduzir o esquema hereditário ali contido, para determinar funcionalmente o órgão e reintegrá-lo na função geral do organismo.

Deste modo, a missão do Logos Kundalini assegura que a função geral, do processo evolutivo do gérmen microcósmico, AJUSTE-SE à forma da matriz essencial. Por sua ação reguladora, o organismo microcósmico tenderá infalivelmente à finalidade entelequial, ou seja, para o limite da função geral: essa

finalidade, esse limite, é o “objetivo microcósmico da finalidade do pasu", vale dizer, a autonomia ôntica.

Entendemos melhor, agora, em que consiste a missão do Logos Kundalini: em CONTROLAR que a função geral do organismo microcósmico não se desvie da forma da matriz essencial. E vimos, também, de que modo executa esse CONTROLE: apenas circulando com sua VOZ PLASMADORA pelo canal ELIX consegue corrigir o desvio da função geral. Entretanto, para alcançar uma compreensão total da missão do Logos Kundalini, ainda nos falta estabelecer como percebe dito desvio. Mas a resposta é muito simples, ainda que os conceitos implicados signifiquem extrema complexidade: o Logos Kundalini percebe que existe um DESVIO, quando o processo evolutivo do gérmen microcósmico se torna INSTÁVEL. O contrário também é certo: existe CONTROLE quando o processo evolutivo demonstra ESTABILIDADE. Daí que uma definição mais rigorosa da missão do Logos Kundalini afirme que esta consiste em MANTER A ESTABILIDADE DO PROCESSO EVOLUTIVO DO GÉRMEN MICROCÓSMICO: A "ESTABILIDADE" (DO PROCESSO EVOLUTIVO DO GÉRMEN MICROCÓSMICO) É OPOSTA AO "DESVIO" (DA FUNÇÃO GERAL DO ORGANISMO MICROCÓSMICO); À MAIOR ESTABILIDADE DO PROCESSO EVOLUTIVO, MENOR DESVIO DA FUNÇÃO GERAL e VICE-VERSA.

Indubitavelmente, todo o peso da definição repousa sobre o conceito de ESTABILIDADE: isso nos indica que é necessária uma prévia explicação deste conceito, para compreender com rigor a missão do Logos Kundalini. Contudo, a "estabilidade" a que se refere a definição tem o significado específico de "ESTABILIDADE ORGÂNICA", o que exige uma explicação ESTRUTURAL do conceito. Mas uma explicação tal não pode ser mais complexa, pelo que nos aproximaremos sistematicamente ao significado proposto, começando, no seguinte artigo, com uma definição geral da estabilidade. Logo, no artigo “I”, se descreverá um "conceito prévio" (à noção de "estabilidade orgânica") que será empregado no artigo “J” como fundamento da definição estrutural de estabilidade.

H – Conceito geral de estabilidade.

Do modo mais geral, a palavra “ESTABILIDADE” significa a PERMANÊNCIA ou DURAÇÃO de uma coisa; por exemplo, um corpo em EQUILÍBRIO será “ESTÁVEL” enquanto permaneça ou dure nesse estado. Mas a missão do Logos Kundalini consiste em “manter a estabilidade do processo evolutivo do gérmen microcósmico”: o que nos interessa conhecer é a “estabilidade de um processo”, quer dizer, de algo em MOVIMENTO, de um fenômeno só descritível em função de suas magnitudes variáveis. Isso não será difícil, pois a estabilidade não só chega ao que permanece imutável: O MOVIMENTO TAMBÉM PODE SER “ESTÁVEL”. Referido exclusivamente ao movimento de um processo evolutivo, o “conceito geral de estabilidade” afirma que: UM MOVIMENTO SERÁ ESTÁVEL SE SE MANTÉM A TODO O MOMENTO A RAZÃO DE SUA MUDANÇA.

Para explicar o conceito geral há que se começar por estudar em que consiste o movimento do processo evolutivo. Por meio de alguns exemplos, o primeiro dos quais considera o movimento como um simples deslocamento de um corpo, vamos colocar em relevo que todo processo se caracteriza por duas funções, às quais há que se saber distinguir com clareza.

Apliquemos, por exemplo, o conceito geral a um corpo que cai livremente para a Terra: sem nenhuma dúvida, seu movimento é “estável”, pois a todo momento se mantém a razão de sua mudança; a esta razão se conhece como LEI DA GRAVIDADE UNIVERSAL. Em particular, o movimento de um Arquétipo, quer dizer, o PROCESSO EVOLUTIVO, é estável quando se mantém a razão de sua mudança:

a esta razão definimos como “lei de evolução” ou “função contínua do progresso evolutivo”. As estruturas vivas, tais como os entes vegetais ou animais, crescem e se desenvolvem segundo um processo evolutivo e por isso é habitual falar, por exemplo, da “estabilidade” no crescimento de uma planta, quando seu desenvolvimento responde à lei de evolução. No caso do gérmen microcósmico, e aqui é onde se vê a propriedade do termo, é evidente que seu processo evolutivo será ESTÁVEL tanto e entanto que se mantenha fiel à função geral, que é A RAZÃO DE SUA MUDANÇA.

Com estes exemplos, evidencia-se a validade do conceito geral: A ESTABILIDADE DE UM PROCESSO EVOLUTIVO EXIGE A PERMANÊNCIA DA RAZÃO DE SUA MUDANÇA. Mas agora sabemos muito mais sobre o movimento, pois tal exigência IMPLICA EM QUE O MOVIMENTO TEM QUE OBEDECER FIELMENTE A UMA LEI OU FUNÇÃO: olhando bem, efetuamos, no processo, a distinção entre o MOVIMENTO e a LEI UNIVERSAL que o rege. Tal distinção é, desde já, puramente analítica, mas nem por isso carente de fundamentos reais: sem esquecer que no fenômeno real TODAS as variáveis do processo evolutivo estão ligadas estruturalmente, não há inconvenientes para estudar cada uma delas em função de suas relações mútuas. Só assim poderemos compreender a essência da estabilidade, pois “a permanência da razão de sua mudança”, exigida ao processo, SÓ pode ser explicada como uma RELAÇÃO DE EXATIDÃO entre o movimento e sua lei.

A fim de que a explicação seja clara, convém generalizar as definições para “todo processo evolutivo”.

Todo processo evolutivo caracteriza-se por duas coisas: o MOVIMENTO, real e complexo, com o qual se desenvolve, e a LEI UNIVERSAL que rege o movimento e à qual este tende a obedecer.

O “MOVIMENTO REAL” do processo é um movimento resultante da ação combinada de todas as variáveis “internas” do fenômeno, quer dizer, é o movimento total e exterior do fenômeno: toda interação entre externos se concretiza entre os MOVIMENTOS REAIS de seus respectivos processos evolutivos. Do ponto de vista analítico, o MOVIMENTO real de todo processo recebe, também, o nome de “FUNÇÃO REAL”; a função real é uma variável dependente da lei universal.

Por outro lado, a LEI universal que rege o movimento real recebe diferentes qualificações segundo o contexto da definição: FUNÇÃO IDEAL, FUNÇÃO ARQUETÍPICA, FUNÇÃO PADRÃO e FUNÇÃO PRÉ-ESTABELECIDA. Aqui vamos explicar brevemente o porquê de tais qualificações e logo as empregaremos indistintamente, quer dizer, sinonimamente, para referir-nos à lei universal de todo processo evolutivo.

Em oposição à função real do processo, denomina-se FUNÇÃO IDEAL à lei universal que rege o movimento, distinta do próprio movimento, porque tal lei não pode ser diretamente apreendida da realidade do fenômeno, senão que deve ser inferida idealmente a partir da observação empírica. O “movimento real” é, desde já, sumamente complexo, pois o integra a totalidade das variáveis físicas em que se manifesta o impulso evolutivo do Arquétipo universal: toda espécie energética ou função orgânica, por exemplo, são variáveis internas que integram o movimento real do processo evolutivo de um ente. Para justificar a qualificação de FUNÇÃO IDEAL que se dá à lei universal que rege o movimento real, vamos recorrer a um exemplo simples no qual o movimento se reduz à “translação de corpos”: as conclusões obtidas poderão logo, por indução analógica, serem estendidas a outras formas de movimento, pois uma “lei universal” pode reger qualquer tipo de movimento, tanto energético como funcional ou orgânico.

Se, com as mesmas condições iniciais, coincidência de tempo e proximidade de espaço, permite-se que um conjunto de corpos semelhantes dirijam-se para a terra em "queda livre", comprovar-se-á que o movimento ESPECÍFICO de cada exemplar é ligeiramente diferente ao do outro; entretanto, afirma-se que todos os movimentos seguem as determinações GERAIS da lei gravitacional universal; vale dizer que, apesar de suas diferenças específicas, os movimentos TENDEM A AJUSTAR-SE a uma lei universal; mas esta lei, que, por estar regendo todos os movimentos reais específicos tem de estar "além de todos eles", deve ser inferida por observação e COMPARAÇÃO, quer dizer, por APLICAÇÃO de uma função real sobre outra, para comprovar as analogias específicas e determinar o GÊNERO da lei universal; e uma APLICAÇÃO tal, desde já, só pode ser realizada por um sujeito sistemático, quer dizer, pelo sujeito cultural na estrutura cultural. É evidente que uma lei GERAL assim inferida, por aplicação sistemática das funções reais específicas, é só um CONCEITO-FATIA da estrutura cultural, uma função de função, uma IDEIA: daí a qualificação de FUNÇÃO IDEAL que se atribui à lei universal que rege o movimento real de todo processo evolutivo. Em geral, a função ideal é um conceito cuja extensão abarca todos os movimentos reais específicos que sua descrição compreende. Contudo, a conclusão de que a lei universal que rege o movimento real é uma função IDEAL não implica, de nenhum modo, em sua INEXISTÊNCIA: que uma função seja IDEAL só significa que EXISTE EM OUTRO PLANO, que PERTENCE A OUTRA ORDEM DE EXISTÊNCIA. Mas tampouco deve-se acreditar que, por estar situada em um PLANO IDEAL, a lei universal, ainda que existente, seja um ente meramente imaginário: pelo contrário, todo o imaginário ou ideal recebe sua fundamentação sêmica da memória arquetípica, a qual é cópia invertida, ou reflexo do plano arquetípico macrocósmico. Assim, tudo que é IDEAL é também ARQUETÍPICO e é por isso que a FUNÇÃO IDEAL se qualifique, também, de FUNÇÃO ARQUETÍPICA.

Mas a fronteira entre a espécie e o gênero "assinala o limite da certeza racional" para o virya desperto; como é, pois, que ACEITAMOS A EXISTÊNCIA das leis universais se as mesmas são somente conceitos genéricos? Resposta: porque as leis universais possuem um fundamento ôntico do qual carecem outros conceitos universais ou genéricos; tal fundamento consiste nas matrizes funcionais do desígnio dos entes e, portanto, isso indica que a revelação das leis está prevista para o homem. Para vê-lo com clareza há que se afirmar a ENTIDADE de todo processo evolutivo: desse modo a existência individual de um processo, enquanto ente, depende da concorrência de dois termos, um universal e outro particular; o termo universal é o IMPULSO EVOLUTIVO que, em si mesmo, é análogo ao de todos os Arquétipos universais; vale dizer: O IMPULSO EVOLUTIVO É UM SER UNIVERSAL; mas o impulso evolutivo é a causa eficaz do MOVIMENTO REAL do processo e, por isso, a este movimento vamos denominar NATUREZA LEGAL do processo. Por outro lado, sabemos que em todo ente específico o desígnio particular é quem determina a natureza universal que lhe concede o Arquétipo; mas o desígnio é, na realidade, um Plano composto por uma série de matrizes arquetípicas: a matriz essencial desta série é quem determina a natureza universal ôntica e determina "esse" ente específico; na matriz essencial, como parte de seu Plano, está integrado o "desígnio caracol", o qual consta de uma série de matrizes funcionais: tais matrizes determinam as LEIS UNIVERSAIS que regem o movimento da energia em qualquer de suas manifestações típicas; pois bem: SÃO AS MATRIZES FUNCIONAIS AS QUE COLOCAM TERMO À "NATUREZA LEGAL" DO PROCESSO, QUER DIZER, AO MOVIMENTO REAL DO PROCESSO EVOLUTIVO; só pela ação determinante das matrizes funcionais o movimento real adquire existência individual específica, ajusta-se a uma lei, mantém a razão de sua mudança e se torna estável. É assim

que o movimento real, ou qualquer de suas variáveis internas componentes, aparece regido por leis especiais, leis que logo o sujeito sintetiza e generaliza como “leis universais”.

Está claro agora que a forma das leis universais, quer dizer, das FUNÇÕES IDEAIS, é determinada pelas matrizes funcionais do desígnio; mais precisamente: TODA “LEI UNIVERSAL” É A DESCRIÇÃO EM UMA LINGUAGEM HABITUAL DA CAPACIDADE DE UMA MATRIZ FUNCIONAL.

Resumindo o que vimos sobre o processo evolutivo, distinguimos no mesmo duas coisas: o movimento real, ao que denominamos “natureza legal do processo”, e a lei universal ou função ideal, quer dizer, a capacidade da matriz funcional que forma o movimento real. Com tal distinção: À NATUREZA LEGAL, EM QUE CONSISTE O MOVIMENTO REAL DO PROCESSO, COLOCA TERMO INDIVIDUAL A MATRIZ FUNCIONAL; O MOVIMENTO REAL TENDE, ENTÃO, A “AJUSTAR-SE” À FORMA DA MATRIZ FUNCIONAL E, POR ISSO, SE DIZ QUE “OBEDECE” UMA LEI UNIVERSAL E, TAMBÉM, QUE É “ESTÁVEL”.

A lei universal, segundo se vê, exerce um poder formador ou MATRICIAL sobre o movimento real e daí que, além disso, se a qualifique de FUNÇÃO PADRÃO.

As matrizes funcionais, como sabemos, são capacidades fixas, registradas nos entes para formar os movimentos energéticos ou as funções orgânicas; pelo que acabamos de ver, tais capacidades são a “matriz” das leis universais, ou FUNÇÕES IDEAIS E ARQUETÍPICAS, que determinam o movimento real, ou FUNÇÃO REAL, do processo evolutivo. Mas, por estarem registradas no ente, as leis universais permanecem sempre fixas, ainda quando formem as variáveis por elas determinadas: de modo PRÉ-ESTABELECIDO a lei universal ou função ideal vem a causar a forma do movimento real ou função real do processo evolutivo e, por isso, também recebe a qualificação de FUNÇÃO PRÉ-ESTABELECIDA.

Agora que sabemos distinguir com clareza entre a função real e a função ideal, que intervêm no processo evolutivo de todo ente, poderemos compreender o conceito geral de “estabilidade”. Este conceito afirma que “um processo evolutivo é estável se se MANTÉM em todo momento a razão de sua mudança”; mas a análise do processo nos mostrou que “a razão de sua mudança” é a lei universal ou matriz funcional que forma o movimento real: a conclusão disto é que A ESTABILIDADE DEPENDE DE QUÃO FIELMENTE SE AJUSTE A FUNÇÃO REAL À FORMA DA FUNÇÃO IDEAL PRÉ-ESTABELECIDA.

Para compreender a estabilidade de um processo evolutivo, então, há que se observar o modo como a função real tende a ajustar-se à função ideal, quer dizer, o modo como o movimento real obedece à lei universal. E uma observação tal, para ser efetiva, deve-se realizar INSTANTE A INSTANTE, simultaneamente, em ambas as funções. Com outras palavras, é possível considerar analogicamente as funções real e ideal como variáveis analíticas, ligadas funcionalmente entre si, e observar os pares ordenados de valores: A RELAÇÃO ENTRE UM PAR ORDENADO DE VALORES DAS FUNÇÕES REAL E IDEAL NOS DARÁ UMA INDICAÇÃO “INSTANTÂNEA” DA ESTABILIDADE. O valor instantâneo da estabilidade define-se, assim, como uma RELAÇÃO PONTUAL entre as funções real e ideal.

É evidente que a sucessiva observação do valor instantâneo da estabilidade em um processo evolutivo permite tratar esta como se fosse uma função dependente, ao mesmo tempo, das funções real e ideal: À ESTABILIDADE, COMO FUNÇÃO ANALÍTICA, DENOMINA-SE “FUNÇÃO DE AJUSTE” DO PROCESSO EVOLUTIVO, E A CADA VALOR INSTANTÂNEO “RELAÇÃO DE EXATIDÃO”. Quando entre uma função real e uma função ideal pré-estabelecida verifica-se uma “função de ajuste”, afirma-se que a função real é REGULADA pela função ideal, ou então que o movimento real está REGULADO por uma lei universal. O estudo da

estabilidade sob a forma de "função de ajuste" dos processos evolutivos, e de seus valores instantâneos como "relações de exatidão", é o objeto da "Teoria de Controle dos processos evolutivos" que se desenvolve na Estratégia Psicossocial da Sabedoria Hiperbórea.

Como se determina a "relação de exatidão", quer dizer, o valor instantâneo da estabilidade? Resposta: pela DIFERENÇA (**Dif.**) pontual entre os valores correspondentes das funções real e ideal: A Dif. É A MEDIDA DA EXATIDÃO; se entre dois valores correspondentes das funções real e ideal existe uma Dif. apreciável, isso indica uma "falta de exatidão" ou instabilidade; quanto maior é a Dif. tanto maior é a instabilidade e quanto menor é a Dif. tanto maior é a estabilidade instantânea do processo evolutivo; a Dif., e a estabilidade instantânea são, pois, INVERSAMENTE PROPORCIONAIS; assim, a máxima estabilidade se alcança quando a Dif. é mínima, quer dizer, quando a Dif. é igual a zero, momento no qual o ponto da função real se identificou com o ponto correspondente da função ideal.

Esta resposta implica, como veremos, na execução de uma OPERAÇÃO DE COMPARAÇÃO entre ambas as funções, tal que permita estabelecer a Dif. em cada um dos pares ordenados que as relacionam. Semelhante operação só pode consistir na APLICAÇÃO PONTUAL de uma função sobre outra para exaltar suas diferenças; com outros termos: se comparam ambas as funções e se realiza uma espécie de contrastante matemático que destaca as diferenças (**Dif.**) pontuais como valores instantâneos da estabilidade. Se, como resultado da aplicação pontual, comprova-se que a função real coincide EXATAMENTE com a função ideal, isso significa que a estabilidade é máxima. A condição para que a estabilidade de um processo evolutivo seja máxima é, pois, que a função real se ajuste exatamente à função ideal pré-estabelecida; tal EXATIDÃO implica em que a função real tem que obedecer, PONTUAL E FIELMENTE, à função ideal em todo seu percurso. É evidente que, no caso de estabilidade máxima, quando a função real coincide exatamente com a função ideal, NÃO EXISTE DIFERENÇA (Dif.) APRECIÁVEL ENTRE AMBAS AS FUNÇÕES. Daí a estranha consequência de que a "função de ajuste", para o caso de estabilidade máxima, É NULA EM TODOS OS SEUS PONTOS. Isto se entenderá melhor se nos referirmos à estabilidade instantânea: A MÁXIMA ESTABILIDADE INSTANTÂNEA SE ALCANÇA NO MOMENTO EM QUE UM PONTO DA FUNÇÃO REAL SE IDENTIFICA COM UM PONTO CORRESPONDENTE DA FUNÇÃO IDEAL; NESSE MOMENTO, OS VALORES DE AMBAS AS FUNÇÕES SÃO IDÊNTICOS E, PORTANTO, NÃO EXISTE DIFERENÇA (Dif.) ENTRE ELES, VALE DIZER, A DIFERENÇA É IGUAL A ZERO. No caso considerado, de máxima estabilidade durante todo o desenvolvimento do processo evolutivo, não se poderá detectar a Dif. pontual em nenhum momento, pois a função real está permanentemente identificada com a função ideal: por isso, a "função de ajuste" é continuamente nula.

Mas o caso de "estabilidade máxima" expressa um limite que raras vezes se alcança na realidade: o "normal" é que a função real TENDA a ajustar-se à função ideal, APROXIMANDO-SE progressivamente à sua lei universal. O modo como essa aproximação tem lugar determina a forma da função de ajuste: por isso, o estudo da forma da função de ajuste permite compreender e avaliar o grau de estabilidade de um processo evolutivo. Das incontáveis formas que pode adotar a função de ajuste, aqui só vamos examinar as duas mais significativas, isto é, aquelas que representam os casos de "alta estabilidade" e de "instabilidade".

No quadro analógico da figura 64, destinou-se o eixo de abscissas para representar valores da função ideal e o eixo de ordenadas para valores da função real; desse modo, a cada ponto do quadrante (**Fr, Fi**) corresponde um par ordenado e, cada ponto do quadrante representa uma RELAÇÃO das funções real e ideal. Se

denominamos RELAÇÃO DE EXATIDÃO a tais pontos, devemos admitir que toda curva traçada sobre o quadrante representa um caso típico de "função de ajuste" e que a forma da curva expressa simbolicamente a variação de estabilidade.

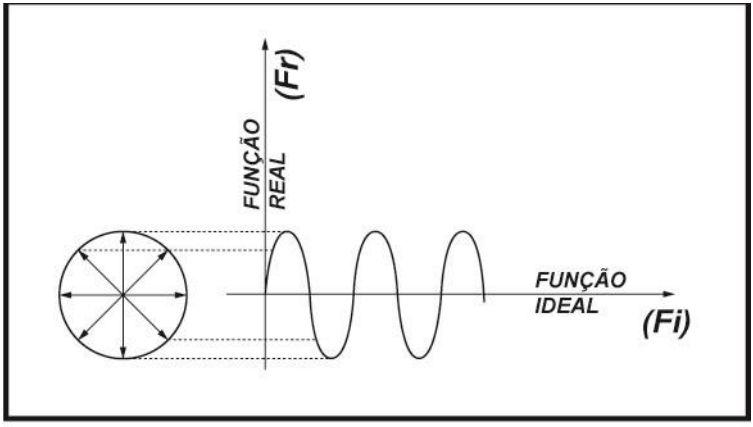


FIGURA 64

A curva senoidal da figura 64 mostra-nos o caso de INSTABILIDADE MÁXIMA: isso ocorre quando a função de ajuste OSCILA em torno da função ideal. A máxima estabilidade, desde já, está SOBRE O EIXO (**Fi**), quer dizer, sobre a lei universal: para o eixo deveria tender a função de ajuste para estabilizar o processo, coisa que jamais poderá fazer se se reveste de forma senoidal. Deste modo, o processo evolutivo é instável, pois sua função real nunca coincidirá exatamente com a função ideal pré-estabelecida.

Na figura 65, vemos o caso em que a função de ajuste tem a forma de onda senoidal AMORTECIDA: neste caso a estabilidade é alta, porque a amplitude da função de ajuste DECRESCE continuamente, tendendo a zero. Isso ocasiona que o processo se torne cada vez mais estável, alcançando a estabilidade máxima quando a função de ajuste seja nula. O modo de aproximação à estabilidade máxima pode se visualizar melhor observando a CURVA ENVOLVENTE SUPERIOR, a qual mostra claramente como a função real TENDE para a função ideal. Esta curva envolvente é, particularmente, uma função logarítmica; em consequência, a função real tende logaritmicamente a ajustar-se à função ideal.

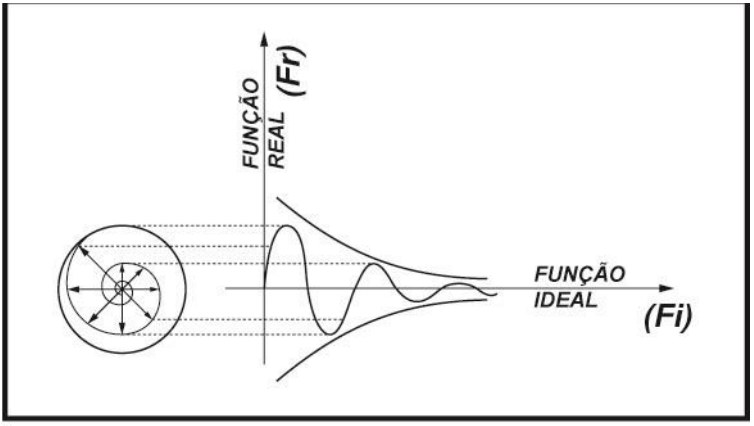


FIGURA 65

O problema de estabilizar um processo instável consiste, segundo se vê, em AMORTECER a oscilação da função de ajuste: o efeito do amortecimento consiste em diminuir continuamente, em relação a uma função logarítmica, a AMPLITUDE da função de ajuste (ver figura 65). Isto demonstra que a estabilidade está em relação com a AMPLITUDE; mas, o que significa tal relação? Resposta: a AMPLITUDE da onda senoidal, que representa a função de ajuste, é a medida do DESVIO que existe entre a função real e a função ideal. Para comprová-lo, façamos o seguinte raciocínio: Primeiro **-** se há amplitude, há desvio; Segundo **-** se a amplitude é constante o processo é instável, pois a função de ajuste oscila constantemente sobre o eixo da função ideal: neste caso (ver figura 64) o DESVIO, quer dizer, a medida da AMPLITUDE, é também constante; TODO VALOR CONSTANTE DO DESVIO ASSEGURA A INSTABILIDADE DO PROCESSO; Terceiro **-** se a amplitude decresce continuamente, como na figura 65, O DESVIO TENDE A ZERO; isso indica que, em um limite, a função real se igualará com a função ideal, o que constitui um caso típico de estabilidade; Quarto **-** se a amplitude da função de ajuste fosse continuamente igual a zero, NÃO EXISTIRIA DESVIO: a função real estaria ajustada exatamente à função ideal, estaria "sob o controle" desta: este é o caso de estabilidade máxima. Quinto **-** cada valor de amplitude da função de ajuste é uma RELAÇÃO DE EXATIDÃO pontual entre as funções real e ideal, cuja medida é dada pela DIFERENÇA (Dif.); mas cada valor da amplitude representa igualmente o DESVIO INSTANTÂNEO entre as funções real e ideal; em consequência: O DESVIO INSTANTÂNEO É IGUAL À DIFERENÇA (**Dif.**).

Por outro lado, à esquerda de ambas as figuras se representou, em um círculo unitário, o rotor gerador da função de ajuste. Na figura 64, trata-se de um raio vetor de módulo FIXO e unitário, cujo giro circular produz a função senoidal. Na figura 65, o raio vetor tem um módulo que diminui constantemente enquanto gira; quer dizer: a longitude do raio vetor se encurta a cada passo; ao cabo de certo número de voltas, o módulo se anula e o raio vetor desaparece no centro do círculo unitário; entretanto, nesse percurso, seu movimento tomou a forma de uma espiral; a projeção de dita espiral sobre o quadrante analógico é a função de ajuste em forma de senoide amortecida.

Todas estas formas relativas à função de ajuste, tanto a senoide como a senoide amortecida, a espiral ou a envolvente logarítmica, são descrições analíticas de algumas matrizes funcionais do desígnio caracol.

Com isto, ficou claro que a estabilidade de um processo evolutivo implica na permanência da razão de sua mudança, quer dizer, a obediência fiel de seu movimento a uma lei universal ou função ideal: um processo é estável se seu movimento se ajusta exatamente, ou tende a uma função pré-estabelecida. A estabilidade se obtém exercendo CONTROLE sobre a função real para que esta se identifique com a função ideal pré-estabelecida: o efeito do controle se verifica sobre a função de ajuste, quer dizer, sobre a relação analítica entre as funções real e ideal. O objetivo do controle consiste em neutralizar o DESVIO, ou seja, em levar a zero a DIFERENÇA INSTANTÂNEA (**Dif.**) entre ambas as funções. Para conseguir este resultado HÁ QUE SE DOTAR A FUNÇÃO REAL, A CADA INSTANTE, DE UM VALOR INVERSO AO QUE INDICA A DIFERENÇA (Dif.): DESSE MODO SE NEUTRALIZA O DESVIO E A FUNÇÃO REAL SE IDENTIFICA COM A FUNÇÃO IDEAL, ASSEGURANDO-SE A ESTABILIDADE DO PROCESSO.

O valor negativo da diferença (**-Dif.**) denomina-se FATOR DE AJUSTE. A adição instantânea do fator de ajuste (**-Dif.**) à função real permite CORRIGIR SEU DESVIO e, por isso, se diz que o movimento é "REGULADO": esta "OPERAÇÃO DE ADIÇÃO INSTANTÂNEA DO FATOR DE AJUSTE" (**-Dif.**) recebe o nome de RETROALIMENTAÇÃO ou RETROAÇÃO (FEEDBACK).

Com mais precisão, o CONTROLE é uma operação que consiste em detectar a DIFERENÇA INSTANTÂNEA (**Dif.**), entre a função real e a função ideal, e RETROALIMENTAR a função real com o FATOR DE AJUSTE (**-Dif.**), quer dizer, com o valor inverso da diferença (**Dif.**): a função real, assim regulada, tende a ajustar-se exatamente à função ideal, mantendo-se permanente "a razão de sua mudança", vale dizer, assegurando-se a estabilidade do processo evolutivo.

É possível afirmar estas conclusões no contexto orgânico e definir estruturalmente o conceito de estabilidade para compreender a missão do Logos Kundalini. Contudo, antes de encarar tal definição, ter-se-á que se explicar o conceito complementar imprescindível que descreve a ideia de "DUAS COISAS PERTENCENTES A ORDENS DIFERENTES, ANÁLOGAS E CORRELATIVAS, RELACIONADAS ENTRE SI POR UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA".

A este conceito vamos denominar, de agora em diante, "CONCEITO PRÉVIO" e vamos explicá-lo no artigo seguinte.

I – Conceito prévio.

A IDEIA que se há que captar é a de DUAS COISAS PERTENCENTES A ORDENS DIFERENTES, ANÁLOGAS E CORRELATIVAS, RELACIONADAS ENTRE SI POR UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA. Antes de mostrar com exemplos o que podem ser estas coisas, há que se esclarecer os termos do enunciado para evitar confusões. Em primeiro lugar, as "ORDENS" são os PLANOS DE EXISTÊNCIAS das coisas; tais "ORDENS" são "DIFERENTES" se estão opostas, como, por exemplo, o estão o EXTERIOR ao INTERIOR, o REAL ao IDEAL, etc., quando dizemos "ente externo" e o opomos a "ente interno", entende-se que nos referimos a duas coisas que existem em diferentes planos, em duas ordens distintas do mundo. O fato de empregar a palavra "ORDEM" no lugar de "PLANO" implica na presença de um VALOR atribuído a cada membro ordenado; pode variar o critério para atribuir um valor maior ou menor ao exterior e ao interior, mas é difícil supor que têm O MESMO valor: para alguns, o exterior está em uma ordem superior com respeito ao interior ou vice-versa; para outros, o ideal é eminentemente superior

ao real ou vice-versa; etc. Em segundo lugar, os planos de existências das coisas são ANÁLOGOS se é possível estabelecer entre ambos uma "correspondência biunívoca", quer dizer, uma relação tal que, a cada ponto de um plano, corresponde um ponto equivalente no plano análogo, e vice-versa; entre dois planos tais, sempre será possível projetar uma coisa de um plano ao outro, de tal modo que o projeto conserve invariáveis as propriedades topológicas da coisa; aqui vamos exigir também que o projeto conserve invariável sua função orgânica, quer dizer, que exista INVARIÂNCIA ESTRUTURAL: com estas condições, a COISA e seu PROJETO são ANÁLOGOS. Por outro lado, dois planos análogos são CORRELATIVOS quando se estabelece entre ambos um paralelismo temporal, quer dizer, quando entre duas coisas análogas, uma em cada plano, ocorre uma projeção contínua.

Finalmente, entre duas coisas ocorre um PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO quando AMBAS tendem a fundir-se em uma UNIDADE INDIVISÍVEL; por outro lado, o PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO é UNÍVOCO quando UMA das duas coisas é a que tende a identificar-se com a outra: é o caso, por exemplo, de duas coisas, A e B, situadas em planos análogos e correlativos, entre as quais se estabelece uma PROJEÇÃO UNÍVOCA, com o fim de verificar sua analogia, quer dizer, uma projeção em um só sentido, por exemplo, A sobre B; se são análogas, B será a projeção de A; nesse caso, ao projetar contínua e univocamente A sobre B ocorre um PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA DE B com A, vale dizer, a PROJEÇÃO tende a identificar-se com o PROJETO, a CÓPIA tende a identificar-se com o ORIGINAL.

Até aqui o esclarecimento dos termos; agora vamos exemplificar o conceito prévio, para tornar evidente seu significado.

Há muitos exemplos que poderiam ilustrar o conceito prévio, alguns de grande rigor metodológico, mas aqui vamos nos remeter a um lugar comum, a um exemplo de extrema simplicidade e vulgaridade, cuja trivialidade tem a vantagem de tornar óbvio seu significado. Poderemos, após compreender um exemplo tal, evidente por si mesmo, estender o conceito aos casos mais gerais; vamos considerar, pois, o caso do homem que PROJETA executar uma obra, um OPUS; a princípio, analisaremos o caso do escultor, cuja "obra" é a "estátua de pedra".

O escultor, coloquemos por acaso, Michelangelo e seu OPUS "David"; em um primeiro momento só dispõe da IDEIA do OPUS e da pedra bruta sobre a qual PROJETA concretizar tal IDEIA. Michelangelo contempla a pedra bruta e nela "vê", projetada, sua representação de David; então pega o martelo e o cinzel e, por meio de golpes adequados, tenta REALIZAR o projeto: trata de tirar "as sobras de pedra" e conseguir, assim, que a pedra bruta se amolde ao projeto, se AJUSTE à IDEIA do OPUS. E de instante em instante, à medida que o PROCESSO escultural progride, a pedra vai tomando a forma do projeto, quer dizer, a pedra REALMENTE se transforma em David; a IDEIA se faz realidade, concretiza-se no Opus lítico; a forma de David, ANÁLOGA à IDEIA de David, imaginada e projetada por Michelangelo, como se emergisse dela, vai se incorporando na pedra bruta. Ao final virá o polimento, o AJUSTE FINO do OPUS ao PROJETO: mediante um controle cuidadoso do processo de escultura, Michelangelo procurará que o Opus se pareça o mais possível ao projeto.

Na verdade, a intenção de Michelangelo é que, finalmente, a obra se IDENTIFIQUE com o projeto, que o Opus David se confunda com a IDEIA David, em uma entidade inseparável.

Ainda que trivial, este exemplo seja perfeitamente claro para evidenciar o significado do conceito prévio. Antes de tudo, notemos que tratamos nele de DUAS COISAS: o PROJETO e o OPUS. Pois bem, estas DUAS COISAS pertencem a DUAS ORDENS DIFERENTES, ANÁLOGAS E CORRELATIVAS: o PROJETO é

próprio da ORDEM IDEAL, enquanto o OPUS se concretiza na ORDEM REAL. Mas também é evidente que, entre ambas as coisas, existe um PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO: o movimento transformador do processo escultural tende a identificar finalmente o Opus com o projeto.

A atividade do escultor mostra-nos, de modo exemplar, o significado de DUAS COISAS PERTENCENTES A ORDENS DIFERENTES, ANÁLOGAS E CORRELATIVAS, RELACIONADAS ENTRE SI POR UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA. Entretanto, ainda não vamos aplicar o conceito prévio para definir a estabilidade estrutural, pois convém fazer aqui um importante esclarecimento: NEM SEMPRE A ORDEM DAS COISAS, SEU "PLANO DE EXISTÊNCIA", É EXTREMO, COMO NO CASO DO "IDEAL OPOSTO AO REAL" QUE VIMOS NO EXEMPLO. Pelo contrário, o mesmo conceito encontra aplicação em uma multiplicidade de exemplos nos quais a DIFERENÇA DE ORDEM é de grau menor ao exposto no exemplo do escultor: para demonstrá-lo, vamos nos referir a só um de todos os exemplos possíveis, tanto ou mais trivial que o do escultor, o qual evidenciará que entre DUAS COISAS REAIS pode existir uma diferença de ordem que torne aplicável o conceito prévio. Suponhamos, agora, que desejamos realizar CÓPIAS DE CHUMBO do David de Michelangelo. Com essa finalidade, tiramos um MOLDE da estátua de David cobrindo-a com gesso e logo separando esta em duas partes habilmente seccionadas: ao unir novamente ambas as partes do molde vazio, é óbvio que a sua CAPACIDADE interior formará EXATAMENTE o volume do David moldado. A capacidade do molde pode servir, agora, como matriz para REALIZAR reproduções em chumbo do David de Michelangelo: para consegui-lo, só teremos que ajustar as metades do molde e verter o chumbo, em estado líquido, por um orifício que comunique o exterior com a capacidade interior, quer dizer, por um CANAL; quando o chumbo chegue ao estado sólido, obteremos uma cópia do David, apenas separando as metades do molde e extraindo o corpo que ocupou completamente o volume da capacidade, que se formou em sua matriz. Repetindo este procedimento, desde já, conseguiremos reproduzir uma pluralidade de MODELOS de David, cada um deles com diferente grau de perfeição com respeito à forma matricial: alguns reproduzirão mais fielmente esta forma, por se terem ajustado melhor à matriz, enquanto outros apresentarão diferentes imperfeições e sua qualidade será inferior.

Suponhamos também, para extrair deste exemplo o máximo de suas possibilidades, que após elaborar o molde de gesso ocorrem dois fatos: que cai um raio e reduz a pó a estátua original do David de Michelangelo e que, por motivos que não vêm ao caso, padecemos, desde então, de uma amnésia seletiva que nos impede de recordar de onde tiramos o molde. Não obstante esses fatos, nós continuamos reproduzindo estátuas de chumbo de David, sem nos perguntarmos jamais sobre a origem do molde.

Com tais condições, neste exemplo se faz evidente que se trata sobre DUAS COISAS REAIS: a MATRIZ e o MODELO reproduzido com ela, CÓPIA da forma ORIGINAL.

Entretanto, sendo REAIS, ambas as coisas pertencem à distintas ordens de existências, dado que uma, a MATRIZ, é a CAUSA FORMAL da outra: o MODELO; A MATRIZ CAUSA A EXISTÊNCIA DO MODELO E, PORTANTO, SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA É ANTERIOR À DO MODELO QUE O IMITA; A MATRIZ É A PRIORI DO MODELO, POIS O MODELO TEM NECESSIDADE ESSENCIAL DO MOLDE PARA EXISTIR. Assim, pois estas DUAS COISAS, a MATRIZ e seu MODELO efetivo, pertencem a DUAS ORDENS DIFERENTES, ANÁLOGAS E CORRELATIVAS: a ANALOGIA, E CORRELATIVIDADE, comprovam-se apenas estabelecendo uma correspondência biunívoca entre todos os pontos da superfície

da matriz e todos os pontos de contato que, com aqueles, apresenta a superfície do modelo quando se encontra ajustado à matriz. Mas além disso, é evidente que, durante a reprodução do modelo, ambas as coisas estão RELACIONADAS ENTRE SI POR UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA: à medida que o chumbo líquido, a coisa efetiva, vai ocupando a capacidade matricial, a coisa causal, desenvolve-se um processo de identificação formal, quer dizer, um processo durante o qual o chumbo amorfo vai adquirindo a forma da matriz. Também é evidente que a identificação completa, o momento em que a forma do modelo é idêntica à matriz, só pode ocorrer ao final de um processo, como sua culminação perfeita; com outras palavras, a máxima perfeição do modelo só pode se conceber como FINALIDADE, como limite superior de um processo de identificação entre seu ser formal efetivo e o ser matricial causal que o determina.

Comprovamos que, neste exemplo, referido a DUAS COISAS REAIS, tem cabal aplicação o conceito prévio. Trata-se aqui de DUAS COISAS PERTENCENTES A ORDENS DIFERENTES, ANÁLOGAS E CORRELATIVAS, RELACIONADAS ENTRE SI POR UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA. Mas, essa aplicação similar de um mesmo conceito aos dois exemplos, ao do escultor de pedras e ao do escultor de chumbo, implica na importante consequência de que ambos os exemplos são ANÁLOGOS, quer dizer, que os elementos de um devem corresponder com os do outro: aqui o que nos interessa destacar é que as DUAS COISAS do primeiro exemplo têm relação analógica com as respectivas DUAS COISAS do segundo; no caso da estátua de pedra, o Opus, e a estátua de chumbo, o modelo, esta relação é por demais evidente; onde temos que nos deter um momento é na analogia que deve necessariamente existir entre a IDEIA DO OPUS, o PROJETO do primeiro exemplo, e a CAPACIDADE DO MOLDE, a MATRIZ do segundo exemplo.

Em síntese, o importante é admitir que no segundo exemplo, já que é a ele que estamos nos referindo, A MATRIZ REAL É ANÁLOGA A UM PROJETO; portanto: A MATRIZ É ANÁLOGA A UM PROJETO REAL. Em geral, pode-se afirmar, sem inconvenientes, que TODA MATRIZ REAL, A CUJA FORMA SE AJUSTA UM MODELO REAL, "É UM PROJETO REAL".

Como o conceito prévio aplica-se ao segundo exemplo, esta conclusão permite estender a aplicação de tal conceito a todo exemplo no qual UM MODELO REAL SURJA DE UM PROJETO REAL: a condição suficiente e necessária para justificar a aplicação é simplesmente que O PROJETO REAL CUMPRA A FUNÇÃO DE UMA MATRIZ REAL, QUER DIZER, QUE O PROJETO REAL FORME O MODELO. Considerando a incontável variedade de "projetos" que pode conceber e realizar o homem, projetos matemáticos, literários, econômicos, arquitetônicos, musicais, etc., é claro que há de existir, como dizíamos mais atrás, uma "multidão de exemplos" aos quais cabe aplicar o conceito prévio. Compreende-se, então, porque o conceito prévio constitui um dos "princípios" da Estratégia Psicossocial: seu significado revela uma das variáveis culturais das sociedades pasu. Mas aqui não vamos nos referir a essa aplicação cultural do conceito prévio, senão que empregaremos o mesmo para definir com clareza o conceito complexo de "estabilidade orgânica", o qual é imprescindível conhecer para compreender a missão do Logos Kundalini.

Para mostrar só outro exemplo, e demonstrar com isso a validade analógica do conceito prévio, destacaremos o caso do PROJETO ARQUITETÔNICO.

Suponhamos, por exemplo, que um homem dispõe de DUAS COISAS: um CONJUNTO DE PLANOS com instruções para construir uma CASA e os MATERIAIS necessários para concretizar tal construção; ambas as coisas são obviamente reais. É evidente que os PLANOS consistem no PROJETO REAL da

casa, a coisa causal, enquanto os MATERIAIS com os quais se forma a CASA representam a coisa efetiva; ao FINAL, depois de um processo de construção durante o qual os materiais foram adquirindo a forma descrita no projeto, realiza-se um MODELO de casa: a casa real. Temos assim, o PROJETO REAL da casa, equivalente à matriz por sua função formadora, e o MODELO REAL da casa, quer dizer, as DUAS COISAS "pertencentes a ordens diferentes, análogas e correlativas". Que entre ambas as coisas existe a relação de um "processo de identificação", fica evidenciado no fato de que a casa real, que se levantará concretamente assim que os materiais se distribuam no espaço, conforme o conjunto de planos, será efetivamente a realidade do projeto real, sua execução finalizada. Vemos aqui também, e poderemos comprová-lo em múltiplos exemplos semelhantes, a validade do conceito prévio: o projeto real da casa e a casa real são "DUAS COISAS PERTENCENTES A ORDENS DIFERENTES, ANÁLOGAS E CORRELATIVAS, RELACIONADAS ENTRE SI POR UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA".

J – Conceito estrutural de estabilidade.

Se se captou a IDEIA que descreve o conceito prévio, não será difícil compreender outros exemplos. Aqui, particularmente, vamos nos referir a dois casos concretos: Primeiro: quando uma coisa é um organismo e a outra é uma matriz essencial; Segundo: quando uma coisa é um órgão e a outra é uma matriz funcional.

A escolha destes casos não é casual: são os mesmos dois casos que, no artigo "G', foram citados como exemplo da AÇÃO DE CONTROLE do Logos Kundalini. Como tais casos são análogos, as conclusões às quais cheguemos corresponderão a ambos ao mesmo tempo, pelo que aludiremos em primeiro termo ao caso do organismo e manteremos entre parênteses o caso do órgão.

Antes de tudo, examinemos se cabe aplicar o conceito prévio a tais casos.

O organismo (ou o órgão) e a matriz essencial (ou a matriz funcional) são DUAS COISAS.

O organismo (ou o órgão) pertence ao plano físico; a matriz essencial (ou a matriz funcional) pertence ao mundo astral; AMBAS AS COISAS PERTENCEM A ORDENS DIFERENTES, A DISTINTOS PLANOS DE EXISTÊNCIA. Estas ordens, o plano físico e o mundo astral, são ANÁLOGAS E CORRELATIVAS.

O organismo (ou o órgão) é formado funcionalmente pela matriz essencial (ou a matriz funcional): isto significa que o organismo (ou o órgão) desenvolve um PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO UNÍVOCA.

Comprovaremos, pois, que o conceito prévio se aplica, com propriedade, aos casos do organismo e do órgão. Sendo assim, podemos aceitar, sem inconvenientes, que estes casos são ANÁLOGOS aos exemplos expostos em "I". Vale dizer, o organismo (ou o órgão) é análogo ao MODELO e a matriz essencial (ou a matriz funcional) é análoga à MATRIZ, ou seja, à capacidade do molde.

Contudo, o conceito prévio aplica-se a todos os casos nos quais "UM MODELO REAL SURJA DE UM PROJETO REAL", uma vez que "TODA MATRIZ REAL, A CUJA FORMA SE AJUSTA UM MODELO REAL, É UM PROJETO REAL". Nos casos considerados aqui, do organismo e do órgão, o que é análogo ao "projeto real"? Resposta: O "PLANO DO DESÍGNIO", CONTIDO NO REGISTRO ÔNTICO DE UM ORGANISMO, E QUE É IDÊNTICO À CAPACIDADE DA MATRIZ ESSENCIAL, É UM "PROJETO REAL"; e, em particular, O "ESQUEMA ANTERIOR", CONTIDO NO SETOR INATO DE UM ÓRGÃO, E QUE É IDÊNTICO À CAPACIDADE DA MATRIZ FUNCIONAL, É UM "PROJETO REAL".

Verificada a validade dos casos propostos, notemos agora que o "processo de identificação unívoca" que relaciona o organismo (ou o órgão) com a matriz

essencial (ou a matriz funcional) é um PROCESSO EVOLUTIVO, quer dizer, um processo ao qual cabe aplicar o "conceito geral de estabilidade". A ESTABILIDADE DE UM PROCESSO EVOLUTIVO EXIGE A PERMANÊNCIA DA RAZÃO DE SUA MUDANÇA, QUER DIZER, A OBEDIÊNCIA FIEL DE SEU MOVIMENTO OU FUNÇÃO REAL A UMA LEI UNIVERSAL OU FUNÇÃO IDEAL. Justamente, a aplicação do conceito geral de estabilidade aos casos do organismo e do órgão é o que permite definir o "conceito estrutural de estabilidade": para isso, só nos falta assimilar os conceitos de "função real" e de "função ideal" no contexto orgânico. É o que faremos em continuação.

Todo organismo (ou órgão) cumpre uma função geral (ou particular): o processo evolutivo com que se desenvolve seu CRESCIMENTO, enquanto estrutura viva, tende a todo momento a aperfeiçoar essa função própria; a finalidade do processo evolutivo, a perfeição propriamente dita, é um Plano, ou projeto real, da função geral (ou particular) que se encontra PRÉ-ESTABELECIDO no Registro ôntico (ou no setor inato correspondente): esse Plano, esse projeto real, é a capacidade da matriz essencial (ou da matriz funcional). DURANTE O PROCESSO EVOLUTIVO, A FUNÇÃO GERAL (OU PARTICULAR) TENDE A IDENTIFICAR-SE COM A MATRIZ ESSENCIAL (OU FUNCIONAL); do ponto de vista estrutural, então, é evidente que: A FUNÇÃO GERAL (OU PARTICULAR) É ANÁLOGA A UMA "FUNÇÃO REAL", QUER DIZER, AO MOVIMENTO REAL DO PROCESSO, À SUA "NATUREZA LEGAL"; e também que: A MATRIZ ESSENCIAL (OU FUNCIONAL) É ANÁLOGA A UMA "FUNÇÃO IDEAL PRÉ-ESTABELECIDA", QUER DIZER, A UMA "LEI UNIVERSAL" QUE DETERMINA E FORMA A "NATUREZA LEGAL" DE UM PROCESSO EVOLUTIVO.

Estas analogias nos permitem, finalmente, definir o CONCEITO ESTRUTURAL DE ESTABILIDADE: O PROCESSO EVOLUTIVO DE UM ORGANISMO É "ESTÁVEL" QUANDO SUA FUNÇÃO GERAL SE AJUSTA EXATAMENTE À FORMA DA MATRIZ ESSENCIAL. (O PROCESSO EVOLUTIVO DE UM ÓRGÃO É "ESTÁVEL" QUANDO SUA FUNÇÃO PARTICULAR SE AJUSTA EXATAMENTE À FORMA DA MATRIZ FUNCIONAL).

K – Estabilidade do processo evolutivo do gérmen microcósmico.

Chegou o momento de estudar de forma completa a "ação de controle" que o Logos Kundalini exerce sobre a função geral, ou sobre as funções particulares, no cumprimento de sua missão: o conceito estrutural de estabilidade nos permite agora compreender com profundidade o processo evolutivo orgânico e sua regularização. Como a ação de controle se concretiza por efeito da VOX circulante no canal ELIX, temos que começar por descrever este primeiro ato: trataremos, sobretudo, de compreender o modo em que a PALAVRA DE CONTROLE chega justamente ao órgão cujo processo é instável. O problema não é simples, já que UMA palavra determinada, que circula pelo canal ELIX e, portanto, tem a oportunidade de passar por TODOS os setores inatos, consegue infalivelmente SELECIONAR, dentre todos eles, aquele setor inato onde tem lugar o processo instável.

Comecemos, pois, por recordar o modo como o Logos Kundalini exerce a ação de controle: "EMITE SUA VOX, DESDE O NÚCLEO FONÉTICO, E ESTA CIRCULA PELO CANAL ESPIRIFORME, DETENDO-SE UM INSTANTE EM CADA CHAKRA, PARA REPRODUZIR SEU ESQUEMA; E APENAS A TRANSMISSÃO DA VOX PELO CANAL ELIX BASTA PARA CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL E AS FUNÇÕES PARTICULARES" (artigo "G"). Para compreender com detalhes esta ação de controle há que se perceber duas coisas e tirar uma conclusão.

Em primeiro lugar, notemos que a supersérie ôntico-temporal de esquemas anteriores está desdobrada ao longo do canal ELIX, em uma sucessão de setores

inatos cuja totalidade constitui o Registro Ôntico microcósmico: isto quer dizer que os setores inatos ou chakras se estendem em uma supersérie DESDE O NÚCLEO FONÉTICO, que é o fundamento do primeiro chakra, até o BRAHMACHAKRA, que é o último chakra do organismo microcósmico. A supersérie ôntico-temporal de esquemas anteriores é a CAPACIDADE DA MATRIZ ESSENCIAL, a forma que determina individualmente "ESSE" microcosmo; cada esquema anterior da supersérie é um "projeto real", hereditário, de um órgão ou função particular; e a supersérie completa, contida no Registro Ôntico, representa o "projeto real" da função geral do organismo microcósmico: por isso, a denominaremos "SUPERSÉRIE REAL".

Em segundo lugar, devemos perceber que, no núcleo fonético, o Logos Kundalini dispõe da possibilidade de LER a totalidade da supersérie ôntico-temporal: segundo vimos em "E", esta "LEITURA" se realiza diretamente da compleição anímica, onde está registrado o Plano do desígnio, quer dizer, o átomo gravis interior ao ovo: tal átomo não é mais do que a expressão física da mônada evolutiva do pasu e, em sua compleição, encontra-se gravada a supersérie ôntico-temporal de esquemas anteriores".

Justamente, da PRIMEIRA LEITURA realizada pelo Logos Kundalini procede a plasmação orgânica que dá existência individual ao gérmen microcósmico. Mas, após essa primeira plasmação que PRODUZ o microcosmo, o Logos Kundalini repete o Plano, o "RELÊ", tantas vezes quantas forem necessárias para assegurar o controle da função geral do organismo microcósmico: tal é o caráter de sua "missão". Com esse fim, instante a instante, a VOX do Logos Kundalini circula pelo canal ELIX, reiterando as Palavras originais do Plano da matriz essencial, quer dizer, repetindo a supersérie ôntico-temporal. Entretanto, há que se esclarecer que, após a primeira plasmação produtora do gérmen microcósmico, nas próximas repetições do Plano, O LOGOS KUNDALINI NÃO ESTÁ OBRIGADO A RESPEITAR A ORDEM DE SUCESSÃO MATRICIAL DA SUPERSÉRIE: pode, e de fato é o que efetivamente faz, LER E REPETIR SÓ AQUELES SETORES DO PLANO QUE CONVENHAM, EM UM MOMENTO DADO, À SUA MISSÃO DE CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL. Assim, a repetição da supersérie poderia consistir dos seus mesmos termos esquemáticos, mas ORDENADOS DE MANEIRA DIFERENTE. A esta reprodução posterior da supersérie, cujo fim é o controle da função geral, denominaremos "SUPERSÉRIE FONÉTICA".

Até aqui as duas advertências antecipadas; agora devemos extrair uma conclusão. O que observamos é suficiente para imaginar o que ocorre quando o Logos Kundalini, em um organismo microcósmico já plasmado, emite com sua VOX a supersérie fonética: A VOX, MODULADA COM A INFORMAÇÃO DO PLANO, CONSISTE EM UMA SUCESSÃO DE "PALAVRAS" OU "VOZES PLASMADORAS", CADA UMA DAS QUAIS É O PROJETO REAL DE UM ÓRGÃO OU MATRIZ FUNCIONAL: CADA PALAVRA EXPRESSA UM ESQUEMA ANTERIOR DA SUPERSÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL; ESTA SUCESSÃO DE VOZES, A "SUPERSÉRIE FONÉTICA", CIRCULA PELO CANAL ELIX AO LONGO DO QUAL ESTÁ DESDOBRADA A SUPERSÉRIE REAL; VALE DIZER QUE A SUPERSÉRIE FONÉTICA É "MÓVEL" COM RESPEITO À SUPERSÉRIE REAL, POIS ESTA É "FIXA", JÁ QUE PERMANECE GRAVADA NO REGISTRO ÔNTICO; EIS AQUI A CONCLUSÃO BUSCADA: COMO EFEITO DA CIRCULAÇÃO DA SUPERSÉRIE FONÉTICA PELO CANAL ELIX, FICA "APLICADA" UMA SUPERSÉRIE SOBRE OUTRA; ISTO É: A SUPERSÉRIE FONÉTICA CIRCULA COMO PROCISSÃO VERBAL PELO CANAL ELIX, PASSANDO SUCESSIVAMENTE SOBRE TODOS OS SETORES INATOS QUE CONTÊM REGISTRADA A SUPERSÉRIE REAL; FICA ASSIM EFETIVAMENTE "APLICADA" UMA SUPERSÉRIE SOBRE OUTRA.

A importância de compreender esta conclusão consiste em que TODA A AÇÃO DE CONTROLE DO LOGOS KUNDALINI SE BASEIA NA "APLICAÇÃO" DA SUPERSÉRIE FONÉTICA SOBRE A SUPERSÉRIE REAL; a APLICAÇÃO, como veremos, é interpretada pelo Logos Kundalini como COMPARAÇÃO: uma OPERAÇÃO que permite determinar a Dif. entre uma função particular e a matriz funcional, corrigir o desvio, e manter a estabilidade do processo evolutivo. Entretanto, antes de estudar esta operação, é necessário conhecer o princípio fundamental que permite a cada "Palavra" ou "voz plasmadora" dirigir-se exatamente ao esquema correspondente, um entre milhões, e ali operar: tal princípio é o de SELEÇÃO FONÉTICA.

O problema é o seguinte: se a supersérie real é FIXA, quer dizer, seus esquemas estão registrados nos setores inatos ao longo do canal ELIX, e a supersérie fonética é MÓVEL, pois circula sobre aquela ao deslocar-se como procissão verbal pelo canal ELIX, em virtude de que princípio UMA Palavra determinada SELECIONA justamente o setor inato correspondente? Ou, com outros termos: se, por exemplo, no interior da supersérie fonética, como um dos BIJAS da procissão verbal, vibra a Palavra AJNA, em virtude de que princípio a Palavra AJNA, que PERCORRE TODA A LONGITUDE DO CANAL ELIX, se detém justamente no AJNA CHAKRA para controlar sua função particular? Resposta: pelo PRINCÍPIO DE SELEÇÃO FONÉTICA.

Antes de explicar a resposta, devemos nos assegurar de ter compreendido as perguntas anteriores, especialmente a natureza do problema que resolve o princípio de seleção fonética. Mas tudo se tornará claro se apresentarmos o problema analogicamente, no contexto de uma ALEGORIA FERROVIÁRIA.

Em primeiro lugar, imaginemos que o canal ELIX é análogo a uma VIA FERROVIÁRIA que atravessa, em toda a sua longitude, um total de 28 TÚNEIS: estes túneis estão assinalados, desde o primeiro até o último, cada um, com uma letra do alfabeto castelhano (ou português - NdT); mas, ao estarem distribuídos em SÉRIE sobre a VIA ELIX, quer dizer, um em seguida do outro, os túneis assim assinalados, CONSERVAM A ORDEM ALFABÉTICA: primeiro é o "A", depois o "B", etc.; em síntese, os túneis guardam a ordem (**A, B, C, ..., X, Y, Z**); a SÉRIE DE TÚNEIS, assim descrita, é evidentemente análoga à SUPERSÉRIE REAL: cada TÚNEL é análogo a um CHAKRA, quer dizer, à CAPACIDADE DE UM SETOR INATO; isso implica, desde já, em que cada túnel é diferente de todos os demais: a capacidade do túnel "A" é diferente da do túnel "B", "C", ou qualquer outro da série, enquanto o mesmo pode-se afirmar da capacidade de qualquer um deles.

De repente, pelo TÚNEL DE ENTRADA DA VIA ELIX começa a circular um TREM de 28 vagões: estes vagões estão assinalados, desde o primeiro até o último, com uma letra do alfabeto castelhano (ou português - NdT); porém, EM QUE PESE DE ESTAREM ENGATADOS EM SÉRIE, quer dizer, um em seguida do outro, os vagões assim assinalados NÃO CONSERVAM A ORDEM ALFABÉTICA: isso é compreensível, pois, ao serem os vagões corpos MÓVEIS, é possível engatá-los no trem, segundo as necessidades do transporte e não segundo a ordem de seus sinais; por exemplo, em uma viagem, irá primeiro o vagão de carga, logo o de combustível e por último o de passageiros, e em outra viagem esta ordem pode estar PERMUTADA; por isso, no TREM que avança pela VIA ELIX a SÉRIE DE VAGÕES apresenta uma PERMUTAÇÃO na ordem alfabética dos sinais: primeiro está o vagão "Z", logo o "B", etc.; em síntese, os vagões têm a ordem (**Z, B, X, ..., A, C, Y**); a SÉRIE DE VAGÕES assim descrita é evidentemente análoga à SUPERSÉRIE FONÉTICA: cada VAGÃO é análogo a uma PALAVRA ou VOZ PLASMADORA, à EXPRESSÃO DE UM ESQUEMA ANTERIOR; isso implica, desde já, em que cada vagão é diferente de todos os demais: a estrutura de um vagão de carga é

claramente diferente da estrutura de um vagão de passageiros, o vagão “A” não é igual ao vagão “B” ou “C”, ou a qualquer outro da série; e o mesmo se pode afirmar de qualquer um deles.

É neste momento que se há que prestar suma atenção à trama alegórica.

Porque agora vamos nos situar na posição conveniente para observar o que ocorre quando o trem (**Z, B, X,..., A, C, Y**) se desloca pela via ELIX e atravessa a série de túneis (**A, B, C,..., X, Y, Z**).

Suponhamos, pois, que nos colocamos no lugar adequado e que, dali, observamos o deslocamento do trem. Se nosso critério é lógico, certamente PREVEMOS o que DEVERIA ocorrer: o trem deveria arrastar seus 28 vagões por toda a longitude da via ELIX e teria que se deter no final, após ter passado sob os 28 túneis. Se tal é nossa previsão, sem dúvida ficaríamos profundamente surpresos ao comprovar o que realmente ocorre: À MEDIDA QUE O TREM CIRCULA, OS VAGÕES “ESCOLHEM”, CADA UM, O TÚNEL QUE OSTENTA O SEU PRÓPRIO SINAL E, APÓS DESENGATAREM-SE, SE DETÊM E PERMANECEM EM SEU INTERIOR. Para visualizar tão curioso comportamento, prestemos atenção aos sinais alfabéticos dos túneis e vagões. O primeiro túnel é o “A” e o último é “Z”, estando os 28 intermediários ordenados alfabeticamente; sob esse primeiro túnel passa o primeiro vagão, quer dizer, o “Z”: nada ocorre; logo, passa o segundo, o terceiro, o quarto, etc.: e nada ocorre; assim que passam 25 vagões sob o túnel A, aparece o vagão “A”, cujo sinal coincide com o do túnel A: o vagão “A”, como se deduz da série (**Z, B, X, ..., A, C, Y**), ocupa o posto número 26 na série de vagões; pois bem, ao coincidir o vagão “A” com o túnel A, aquele se desengata automaticamente do trem e se detém exatamente sob o túnel A, permanecendo ali, enquanto o trem se afasta pela via ELIX. O segundo túnel é o B e sob o mesmo passa agora o primeiro vagão “Z”: nada ocorre; logo passa o segundo vagão, cujo sinal é “B”: como o vagão e o túnel têm o mesmo sinal, o segundo vagão se desengata e permanece sob o túnel B. O primeiro vagão “Z” chega agora ao terceiro túnel “C”: nada ocorre; logo passa o terceiro vagão “X”: nada ocorre; e assim, passam sob o túnel C todos os vagões seguintes, sem que ocorra nada, até que chega o vagão número 27, quer dizer, o vagão “C”: então, este se desengata e permanece sob o túnel C. Do mesmo modo ocorre com os túneis seguintes, até que, no final, o primeiro vagão “Z” estaciona sob o último túnel Z e conclui o deslocamento do trem.

A interrogação que nos despertou o estranho comportamento do trem é óbvia: que princípio permitiu um vagão determinado SELECIONAR justamente o túnel correspondente? Esta pergunta é análoga à que apresentamos anteriormente; isso se comprova apenas substituindo o vocábulo “vagão determinado” por “Palavra determinada” e “túnel” por “setor inato”: “em virtude de que princípio uma palavra determinada SELECIONA justamente o setor inato correspondente? Resposta: pelo princípio de seleção fonética”. Evidentemente, a alegoria ferroviária nos permitiu compreender com maior profundidade a natureza daquela pergunta e do problema que apresentava: analogamente aos vagões, que selecionavam os túneis correspondentes aos seus sinais particulares, as Palavras, as vozes plasmadoras, são capazes de selecionar os setores inatos correspondentes ao esquema que expressam; e, assim como SOB um mesmo túnel podiam passar numerosos vagões mas só se desengatava aquele cujo sinal era idêntico, assim também SOBRE um mesmo setor inato ou chakra podem passar numerosas Palavras que circulam pelo canal ELIX, mas só se “deterá” aquela que expressa o mesmo esquema: a causa disto é o “princípio de seleção fonética”.

Na alegoria ferroviária, cada vagão fica sob seu túnel correspondente, sendo evidente que, no final, ocorre uma APLICAÇÃO da série de vagões sob a série de

túneis; analogamente, a supersérie fonética fica APLICADA sobre a supersérie real, operação que implica, por causa do princípio de seleção fonética, em que cada Palavra há de situar-se sobre o chakra correspondente.

É hora, pois, que indaguemos: em que consiste o "princípio de seleção fonética"? Resposta: em uma propriedade da CAPACIDADE de todo setor inato denominada: RESSONÂNCIA FUNCIONAL. A ressonância funcional modifica a RESISTÊNCIA que o canal ELIX oferece à passagem da VOX, pelo que a explicação há de começar por tal conceito.

A VOX, segundo vimos, circula pelo canal ELIX em forma de PROCISSÃO VERBAL, quer dizer, em série de PALAVRAS ou VOZES PLASMADORAS: cada "Palavra" é expressão de um esquema da supersérie ôntico-temporal, manifestada pelo Logos Kundalini; o conjunto de "Palavras" emitidas por vez é a "supersérie fonética". O canal ELIX, que é uma VIA FÍSICA, apresenta uma RESISTÊNCIA PRÓPRIA (**RE**) à passagem da VOX. Entretanto, normalmente, a VOX dispõe de energia suficiente para vencer a RESISTÊNCIA e realizar o seu deslocamento PELO CANAL. Esclarecemos "PELO CANAL" porque as coisas mudam quando a VOX circulante PASSA por um chakra ou setor inato: ali pode ocorrer o fenômeno da RESSONÂNCIA FUNCIONAL, cujo efeito concreto é a modificação da RESISTÊNCIA ELIX (**RE**); POR "RESSONÂNCIA FUNCIONAL", O CHAKRA PODE CHEGAR A AUMENTAR DE TAL MODO A RESISTÊNCIA DO CANAL ELIX QUE, A CERTA "PALAVRA" DA SUPERSÉRIE FONÉTICA, LHE É IMPOSSÍVEL CONTINUAR A MARCHA; TAL "PALAVRA DE RESSONÂNCIA" É AQUELA QUE EXPRESSA O MESMO ESQUEMA CONTIDO NO SETOR INATO DO CHAKRA, EM SUA "CAPACIDADE". Então, como o vagão que se detinha sob o túnel do seu mesmo sinal alfabético, a Palavra se detém no chakra cuja capacidade é idêntica ao esquema que expressa. Com mais precisão, a CAPACIDADE de um setor inato apresenta a propriedade de "ressoar" SOMENTE quando coincide no canal ELIX com uma Palavra que expressa seu esquema: qualquer outra Palavra não causa efeito algum na capacidade.

Mas, se a Palavra expressa o esquema correspondente, a capacidade RESSOA e modifica a resistência do canal ELIX, impedindo a passagem da PALAVRA DE RESSONÂNCIA.

O aumento da resistência do canal ELIX, durante a ressonância da capacidade, NÃO CONSISTE NO AUMENTO DA RESISTÊNCIA ELIX (**RE**), SENÃO NO APORTE LOCAL DE UMA ESPÉCIE DE "RESISTÊNCIA RESSONANTE" DENOMINADA "REACSON" (**RS**): o correto é considerar que, durante a ressonância, se SOMA à (**RE**) uma resistência (**RS**), produto da REAÇÃO DA CAPACIDADE FRENTE À PALAVRA DE RESSONÂNCIA. A REACSON, somada à (**RE**) constitui um obstáculo impossível de superar para a palavra de ressonância, pelo que se detém instantaneamente seu deslocamento: DESTE MODO, TODA PALAVRA DA SUPERSÉRIE FONÉTICA "SELECIONA" O CHAKRA NO QUAL SE DETERÁ SEU DESLOCAMENTO, QUER DIZER, O CHAKRA CUJA CAPACIDADE É IDÊNTICA AO ESQUEMA QUE EXPRESSA A PALAVRA.

A RESSONÂNCIA da capacidade de um setor inato se denomina "FUNCIONAL" porque, quando ocorre, HÁ COINCIDÊNCIA NA "FUNÇÃO PARTICULAR" DO ÓRGÃO, TANTO POR PARTE DO ESQUEMA HEREDITÁRIO, CONTIDO NO SETOR INATO, COMO POR PARTE DA PALAVRA DE RESSONÂNCIA.

Em resumo, o PRINCÍPIO DE SELEÇÃO FONÉTICA diz o seguinte: TODA CAPACIDADE DE UM SETOR INATO POSSUI A PROPRIEDADE DE RESSOAR FRENTE A UMA PALAVRA QUE EXPRESSE O SEU PRÓPRIO ESQUEMA, GERANDO NO CANAL ELIX UMA REACSON QUE IMPEDE A PALAVRA DE

RESSONÂNCIA DE CONTINUAR COM SEU DESLOCAMENTO. CADA CAPACIDADE DO REGISTRO ÔNTICO ESTÁ, ASSIM, SINTONIZADA PARA RESSOAR COM UMA E SÓ UMA PALAVRA DA SUPERSÉRIE FONÉTICA: AQUELA QUE EXPRESSA O SEU PRÓPRIO ESQUEMA.

O Logos Kundalini emite a supersérie fonética para cumprir com sua missão de controlar a função geral e as funções particulares; com este propósito, sua VOX circula pelo canal ÉLIX, passando por todos os setores inatos ou chakras do Registro Ôntico; enquanto realiza esse trânsito, cada uma das Palavras da supersérie fonética RESSOA em um chakra cuja capacidade é idêntica ao esquema que expressa e se detém nele por causa da REACSON particular; este efeito se deve ao "princípio de seleção fonética"; uma vez que TODAS as Palavras da supersérie fonética situem-se frente às correspondentes capacidades da supersérie real, fica APLICADA uma supersérie sobre outra; em particular, quando uma Palavra seleciona uma capacidade, quer dizer, durante a RESSONÂNCIA FUNCIONAL, fica APLICADA a Palavra SOBRE a capacidade: É NESTE MOMENTO QUE SE CONCRETIZA A "AÇÃO DE CONTROLE" DO LOGOS KUNDALINI. Vamos observar, pois, o que ocorre então. Antes de tudo, há que se perceber que na aplicação de uma Palavra sobre um setor inato ou chakra, o que na realidade se coloca frente a frente é um ESQUEMA PLASMADOR a um ESQUEMA PLASMADO: a Palavra expressa um "esquema plasmador" porque é uma VOZ PLASMADORA, dotada de potência suficiente para reproduzir, a qualquer momento, seu esquema; o setor inato, pelo contrário, contém imutavelmente registrado o esquema desde o momento de sua plasmação, quer dizer, desde que se iniciou o desenvolvimento evolutivo do gérmen microcósmico. Entretanto, O PODER PLASMADOR DA PALAVRA É DIRIGIDO PARA O ÓRGÃO E NÃO PARA O SETOR INATO.

A matriz funcional, registrada no setor inato, coloca termo individual à natureza legal do processo evolutivo do órgão: nesse processo, a função particular tende univocamente a identificar-se com a capacidade da matriz funcional. SE O PROCESSO É ESTÁVEL, segundo o "conceito estrutural", a função particular se "ajustará exatamente" à forma da matriz funcional. Mas a matriz funcional representa a finalidade do processo evolutivo, o ponto em que este alcança sua perfeição final: é a "lei universal" cuja forma ou "capacidade" rege a função particular do órgão. O que ocorre quando, sobre a capacidade da matriz funcional, quer dizer, sobre o setor inato, se APLICA uma Palavra de ressonância? Resposta: isso equivale a uma ATUALIZAÇÃO da lei universal, a uma PRECIPITAÇÃO orgânica da capacidade, a um VERTER-SE do esquema sobre o órgão. SE O PROCESSO É ESTÁVEL, isso redunda em um maior AJUSTE da função particular à matriz funcional, quer dizer, do órgão à capacidade do setor inato: é como se a Palavra PROVASSE O AJUSTE ENTRE A MATRIZ E O MODELO, como se COLOCASSE O MOLDE SOBRE A ESTÁTUA DE CHUMBO PARA COMPROVAR A EXATIDÃO DE SEU AJUSTE; por isso, dizíamos que o poder da Palavra é DIRIGIDO para o órgão. A Palavra de ressonância ATUALIZA, então, a função ideal e a aplica sobre a função real, vale dizer, atualiza a matriz funcional e a aplica sobre o órgão.

Mas, SE O PROCESSO É ESTÁVEL, só se verifica o ajuste existente, sem nenhuma outra consequência.

É fundamental compreender que A OPERAÇÃO DE APLICAR A MATRIZ SOBRE O ÓRGÃO PODE REVELAR ALGUMA DIFERENÇA: isso ocorre quando o processo é "instável" e o órgão não se ajusta exatamente à matriz. Então, da aplicação, há de surgir necessariamente alguma diferença, por adição ou falta de elementos estruturais. Pois bem: QUANDO EXISTE "DIFERENÇA" ENTRE O ÓRGÃO E A MATRIZ FUNCIONAL, A PALAVRA "RESPONDE" IMEDIATAMENTE. Vale dizer, A PALAVRA RESPONDE À DIFERENÇA (**Dif.**)

Este comportamento demonstra que A PALAVRA DE RESSONÂNCIA INTERPRETA A APLICAÇÃO COMO "COMPARAÇÃO": a aplicação equivale, assim, a que a Palavra toma a matriz funcional e o órgão e os COMPARA entre si, para estabelecer a diferença. E se, efetivamente, verifica a existência de uma DIFERENÇA, então manifesta sua RESPOSTA. O que contém tal resposta? Resposta: uma RÉPLICA INVERSA da diferença (**Dif.**), denominada (**-Dif.**). A RÉPLICA -Dif. é dirigida para o órgão e, como foi emitida com o poder plasmador da Palavra, é eficaz para modificar de modo permanente a estrutura orgânica e regular o processo evolutivo. Mas tudo isto veremos melhor referindo-nos a um exemplo.

Se o processo é estável, a comparação que realiza a Palavra não detecta nenhuma diferença, pois o órgão se ajusta exatamente à matriz funcional. Mas, a situação é muito diferente quando O PROCESSO É INSTÁVEL. O que ocorre então? Resposta: concretiza-se a missão do Logos Kundalini: TEM LUGAR UMA "AÇÃO DE CONTROLE" DESTINADA A CORRIGIR O DESVIO DA FUNÇÃO PARTICULAR PARA AJUSTÁ-LA NOVAMENTE À MATRIZ ESSENCIAL; TAL AÇÃO DE CONTROLE É EFETUADA DIRETAMENTE PELA PALAVRA DE RESSONÂNCIA.

Para explicar esta resposta devemos apresentar o problema no contexto do conceito estrutural de estabilidade.

A princípio, vimos que a missão do Logos Kundalini consiste em "CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL ORGÂNICA DO MICROCOSMO" (OU A FUNÇÃO PARTICULAR DE UM ÓRGÃO). Mas, logo se esclareceu que a AÇÃO DE CONTROLE procura "MANTER A ESTABILIDADE DO PROCESSO EVOLUTIVO DO GÉRMEN MICROCÓSMICO" evitando o "DESVIO". Este desvio é, desde já, a DIFERENÇA INSTANTÂNEA entre a função geral e a matriz essencial (ou entre a função particular e a matriz funcional); se a Dif. existe, quer dizer, se a função orgânica se desviou e não se ajusta à matriz arquetípica do desígnio, então, concretamente, A OPERAÇÃO DE CONTROLE SÓ PODE CONSISTIR NA ADIÇÃO DO "FATOR DE AJUSTE" (**-Dif.**) À FUNÇÃO ORGÂNICA DESVIADA: O LOGOS KUNDALINI CORRIGE, ASSIM, A DIFERENÇA (**Dif.**) E ASSEGURA QUE A FUNÇÃO GERAL (OU PARTICULAR) SE AJUSTE EXATAMENTE À FORMA DA MATRIZ ESSENCIAL (OU FUNCIONAL).

Explicaremos, passo a passo, a "ação de controle" do Logos Kundalini, mediante um exemplo do segundo caso, quer dizer, do caso em que a função particular de um órgão se desviou de sua matriz funcional. Suponhamos, por exemplo, que a função particular da glândula hipófise real se desviou da matriz funcional do Ajna chakra. O problema é o seguinte: a função hipofisária total NÃO SE AJUSTA EXATAMENTE à forma da matriz funcional do Ajna chakra, quer dizer, NESSE INSTANTE, NÃO SE AJUSTA À SUA CAPACIDADE: o processo evolutivo do órgão hipofisário torna-se, NESSE INSTANTE, "INSTÁVEL".

Vamos supor que, NESSE INSTANTE, apresenta-se frente ao setor inato da glândula hipófise a Palavra "AJNA". Como o esquema que expressa a Palavra Ajna é idêntico ao que registra o setor inato, se produz a RESSONÂNCIA FUNCIONAL de sua capacidade; em consequência, a REACSON impede a Palavra de continuar pelo canal ELIX: ficam, NESSE INSTANTE, aplicados a Palavra Ajna sobre o chakra Ajna. O conteúdo do setor inato do Ajna chakra é o esquema hereditário que forma a glândula real: tal esquema, de capacidade igual à matriz funcional, é o projeto hereditário da glândula hipófise que faz as vezes de função ideal PRÉ-ESTABELECIDA ou lei universal; vale dizer, o esquema hereditário, cuja capacidade é a matriz essencial, constitui a FINALIDADE da glândula real, SEU CHEGAR A SER.

Mas, segundo dissemos, NESSE INSTANTE aplicou-se a Palavra Ajna sobre o chakra Ajna: como a Palavra Ajna expressa o mesmo esquema que o setor

inato, mas o expressa NESSE INSTANTE, isso equivale A UMA ATUALIZAÇÃO DO ESQUEMA DO SETOR INATO; A FINALIDADE SE FAZ PRESENTE, SE ATUALIZA DURANTE UM INSTANTE. SOBRE O ÓRGÃO, SOBRE A GLÂNDULA REAL: A MATRIZ SE AJUSTA AO MODELO, O PROJETO SE VERTE SOBRE A OBRA, A FUNÇÃO IDEAL SE SOBREPÕE À FUNÇÃO REAL, ETC. Entretanto, o ajuste não pode ser exato porque o processo evolutivo da glândula real É INSTÁVEL: HÁ UMA DIFERENÇA ENTRE O QUE A GLÂNDULA REAL É E O QUE DEVERIA SER, PARA AJUSTAR-SE EXATAMENTE À MATRIZ FUNCIONAL.

Quando a capacidade da matriz funcional se atualiza sobre a glândula real, esta DIFERENÇA (**Dif**.) se faz manifesta: a Dif. pode ser por excesso ou por falta, mas sempre fica em evidência para a Palavra Ajna, para a VOZ PLASMADORA cuja capacidade está COMPARANDO a forma da glândula real. E eis aqui como se concretiza a ação de controle: SE A COMPARAÇÃO ENTRE A MATRIZ FUNCIONAL E A GLÂNDULA REAL APRESENTA ALGUMA DIFERENÇA (**Dif.**), A PALAVRA AJNA "REPLICA" COM UMA DIFERENÇA INVERSA (**-Dif.**) SOBRE A GLÂNDULA REAL; A Dif. É O "FATOR DE AJUSTE" QUE TEM A MISSÃO DE NEUTRALIZAR A Dif. E AJUSTAR A FUNÇÃO PARTICULAR À MATRIZ FUNCIONAL. É IMPORTANTE OBSERVAR QUE A RÉPLICA -Dif. DA PALAVRA AJNA TEM PODER PLASMADOR E, PORTANTO, SEU VALOR SE ADICIONA PERMANENTEMENTE À FUNÇÃO PARTICULAR DA GLÂNDULA REAL. Com outras palavras: como fruto da comparação que a Palavra Ajna efetua com a glândula real, surge uma diferença (**Dif.**); frente à Dif. a Palavra replica com uma -Dif. sobre a glândula real; seja o que for o que esta -Dif. representa, o certo é que a Palavra RECRIA na glândula o valor -Dif. até fazê-la coincidir com a capacidade da matriz funcional; fica assim regulada a função particular com a forma da matriz funcional. O órgão, neste caso, a glândula real, corrigida dessa maneira pela Palavra, acaba ajustando-se exatamente à matriz funcional, à capacidade do setor inato: tal regularização significa concretamente que o poder plasmador da Palavra agregou ou tirou NO ÓRGÃO aquilo que constituía a Dif. entre este e a matriz funcional, quer dizer, isso significa que a Palavra plasmou no órgão o fator de ajuste, -Dif., que RECRIOU estruturalmente o órgão, até neutralizar a Dif. e assegurar um ajuste exato. Finalmente, o órgão, a glândula real, acaba AJUSTANDO-SE EXATAMENTE à matriz funcional, ao chakra Ajna, e o processo evolutivo se torna ESTÁVEL.

Com isto, ficou suficientemente esclarecido o modo como o Logos Kundalini, no cumprimento de sua missão, exerce a "ação de controle" sobre a função particular de um órgão, para ajustá-lo a uma lei universal ou função ideal pré-estabelecida pela matriz funcional. As conclusões extraídas do exemplo podem se estender a outros casos orgânicos ou ainda ao próprio organismo microcósmico.

Em resumo, demonstrou-se que A MISSÃO DO LOGOS KUNDALINI CONSISTE EM CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL DO ORGANISMO MICROCÓSMICO, OU AS FUNÇÕES PARTICULARES DOS ÓRGÃOS, PARA EVITAR QUE SE DESVIEM DOS PLANOS DO DESÍGNIO, PLANOS QUE ESTÃO CONTIDOS NA CAPACIDADE DA MATRIZ ESSENCIAL OU NAS CAPACIDADES DAS MATRIZES FUNCIONAIS.

L – Significado da missão do Logos Kundalini.

Ao estudar o artigo anterior, poder-se-ia cometer um erro crasso de interpretação sobre a missão do Logos Kundalini: para evitá-lo, vamos esclarecer o significado da missão, com referência ao ato concreto de controlar a função particular de um órgão, ainda que o argumento seja válido para o caso do organismo microcósmico completo.

A confusão pode surgir quando se entende que a Palavra, para controlar a função particular, replica com poder plasmador sobre o órgão o fator de ajuste -Dif. que o amoldará exatamente à matriz funcional. Pode-se acreditar, então, erroneamente, que este ato transformador ASSEGURA A PERFEIÇÃO FUNCIONAL DO ÓRGÃO, que a missão do Logos Kundalini consiste em PROCURAR, A TODO MOMENTO, A PERFEIÇÃO MICROCÓSMICA. Como isto não é assim, de jeito nenhum, vamos esclarecer imediatamente.

Antes de tudo, há que se avisar que a missão do Logos Kundalini consiste em "controlar a função geral do organismo microcósmico" para manter um ajuste exato com a capacidade da "matriz essencial": qualquer correção que a Palavra efetue com seu poder plasmador só tem por finalidade adaptar o organismo à capacidade da matriz essencial. Mas, o que contém a matriz essencial? Resposta: O PLANO DE UM INDIVÍDUO PASU. Quer dizer que a matriz essencial coloca termo à natureza humana de UM ente; natureza que é proporcionada pelo Arquétipo MANU, O QUAL SIM, É PERFEITO. Em troca, a matriz essencial procede do desígnio pasu e é SÓ UMA de suas incontáveis matrizes arquetípicas: no desígnio pasu, TAMBÉM ESTÁ O ARQUÉTIPO MANU, MAS ESTÁ NO EXTREMO DA SÉRIE FORMATIVA, COMO ENTELÉQUIA; A MATRIZ ESSENCIAL NÃO É UMA PERFEITA MATRIZ HUMANA, COMO O É A MATRIZ MANU, SENÃO SÓ UMA FORMA INTERMEDIÁRIA, UMA FORMA COM CERTAS QUALIDADES E DETERMINADO GRAU EVOLUTIVO. QUANDO A MATRIZ ESSENCIAL CAUSA A INDIVIDUAÇÃO DE UM PASU, AS RESTANTES MATRIZES DETERMINAM ABSOLUTAMENTE SUAS PROPRIEDADES ACIDENTAIS E CONSTITUEM PARA ELE UM DESTINO ÚNICO. POR ISSO, NA MATRIZ ESSENCIAL SUBJAZ UM PLANO ÚNICO QUE, AO SER CONCRETIZADO NO GÉRMEN MICROCÓSMICO, VAI PERMITIR A UMA ALMA TRANSMIGRANTE DISPOR DE UM REGISTRO ÔNTICO DE CAPACIDADE ADEQUADA PARA ARMAZENAR A SUPERSÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL QUE ESTA TRAZ GRAVADA EM SUA COMPLEIÇÃO.

O conteúdo da matriz essencial, longe de ser um Plano perfeito, é um Plano real, para dar existência individual a um homem real, quer dizer, imperfeito, a um homem que deve evoluir nessa e em outras vidas até alcançar a perfeição. O Plano da matriz essencial é, a rigor, o "esquema hereditário" do pasu, uma supersérie ôntico-temporal de esquemas anteriores QUE VISA DINAMICAMENTE A ENTELÉQUIA MANU, QUER DIZER, UMA SUPERSÉRIE QUE IRÁ INCORPORANDO NOVOS ESQUEMAS DE SI MESMO ATÉ ESGOTAR O PROCESSO EVOLUTIVO. É evidente, agora, que a Palavra, ao formar o organismo com a forma da matriz essencial NÃO O APERFEIÇOA absolutamente, senão que assegura sua correta evolução NO GRAU EM QUE ESTA SE ENCONTRE: a capacidade da matriz essencial contém só um esquema hereditário do pasu, mas um esquema que tende dinamicamente para a enteléquia.

A mesma advertência pode se estender ao caso dos órgãos que integram o organismo microcósmico: A PALAVRA NÃO APERFEIÇOA DE MODO ALGUM O ÓRGÃO CUJA FUNÇÃO PARTICULAR CONTROLA; SÓ O AJUSTA À FORMA DE SUA MATRIZ FUNCIONAL. Naturalmente, sendo que a CAPACIDADE da matriz funcional contém o esquema anterior, o ajuste entre a função particular e a matriz funcional implica na correspondência estrutural entre o órgão e o esquema.

Tal esquema anterior está registrado no setor inato do órgão e sua forma, sua capacidade, não é outra mais do que a matriz funcional. Com respeito ao exemplo, no setor inato da glândula hipófise está gravado o esquema anterior que rege seu processo evolutivo: à capacidade do setor inato, à matriz funcional, se ajusta a função particular da glândula real. O esquema anterior é, segundo vimos mais atrás, um "esquema hereditário", quer dizer, um projeto real de glândula

hipófise desenvolvido por especialização orgânica durante a evolução filogenética. Quando a Palavra Ajna, ressoando no chakra Ajna, compara a função particular da glândula com a capacidade da matriz funcional, na realidade, o que faz é comparar estruturalmente a glândula com o esquema hereditário registrado no setor inato. Se existe alguma diferença, a Palavra replica sobre a glândula seu poder plasmador e modifica a função particular, ajustando-a à capacidade da matriz funcional: a glândula responde, então, ao esquema hereditário, o qual não é, desde já, perfeito.

Esclarecido, pois, o fato de que a missão do Logos Kundalini não consiste, absolutamente, em "aperfeiçoar" o organismo ou tão sequer a algum de seus órgãos, cabe agregar que, pelo contrário, o Logos Kundalini pode produzir, ou insistir tenazmente para que se produzam MÚLTIPLAS IMPERFEIÇÕES OU ENFERMIDADES ORGÂNICAS. O Logos Kundalini, com efeito, é responsável por assegurar que a função particular se ajuste ao esquema hereditário contido na matriz funcional; mas se tal esquema, por motivos que há que se buscar em sua história filogenética, apresenta certas IMPERFEIÇÕES, estas se transferirão normalmente ao órgão, sob a forma de PREDISPOSIÇÕES PATOGÊNICAS: o órgão, formado por um esquema imperfeito, exibirá, por exemplo, uma predisposição especial para determinada enfermidade; então, o processo evolutivo do órgão será "estável" se se ajusta ao esquema hereditário, ou seja, será estável se adoece em algum momento do seu ciclo vital: assim está disposto no esquema, porque isso "convém" à evolução geral microcósmica como "acidente do destino"; e temos aqui apresentado o curioso fato de um processo que é estável, ainda que nesse desenvolvimento o órgão esteja adoecendo sem remédio; o que ocorre se, por meio de um medicamento, quer dizer, externamente, tenta-se DESVIAR o processo evolutivo do órgão, para tentar sua cura? Resposta: que a tentativa de "curar" o órgão torna INSTÁVEL seu processo, pois o aparta do esquema hereditário, onde ESTÁ PREVISTO QUE O ÓRGÃO PODE ADOECER. E, se o processo se torna instável, não restam dúvidas de que há de intervir a Palavra, para restabelecer o ajuste da função particular à capacidade da matriz funcional: QUER DIZER, QUE, NESTE CASO, O PODER PLASMADOR DA PALAVRA EMPREGA-SE PARA MANTER A ENFERMIDADE, POIS DESSE MODO SE MANTÉM A ESTABILIDADE DO PROCESSO EVOLUTIVO. Nestes casos, não há maneira efetiva de curar o órgão, que não seja modificar o esquema hereditário; mas esta possibilidade está vedada à medicina oficial do Kaly Yuga: só os viryas despertos e os Siddhas, ao dominar os Registros ônticos, estão em condições de ressignificar os esquemas hereditários e "curar" todo tipo de enfermidades.

M – Correspondência analógica entre o Aspecto Logos do Demiurgo e o Logos Kundalini.

A princípio, recordemos que o Logos Kundalini se encontra no interior do globo de Akasa, como a expressão microcósmica do Aspecto Logos do Demiurgo: o Logos Kundalini e o Aspecto Logos são, pois, ANÁLOGOS. Mas, de acordo com as analogias micro e macrocósmicas estudadas no artigo “D” e expostas sinoticamente na figura 38, não surge com clareza onde se basearia esta nova correspondência analógica. E isso é natural, já que nem em tal artigo nem em tal figura se mencionou o "Aspecto Logos" do Demiurgo: na verdade, o que na figura 38 se representou são os "Aspectos" que adquire a "Manifestação (12) anímica" do Demiurgo na estrutura orgânica do macrocosmo: Aspecto Beleza (14), Aspecto Amor (16) e Aspecto Consciência do Sentido do Mundo (18); ditos Aspectos são análogos respectivamente aos "sujeitos" com que se manifesta o sujeito anímico (4) do microcosmo: sujeito racional (6), sujeito cultural (8) e sujeito consciente (10).

É justo perguntar: que papel representa o Aspecto Logos no macrocosmo se o mesmo não constitui parte da Manifestação anímica? Resposta: o papel de PRINCÍPIO PLASMADOR CÓSMICO: UM PAPEL CUJA ESSÊNCIA IMPLICA NA TRANSCENDÊNCIA MACROCÓSMICA. Mais claramente: a Manifestação anímica (12) é, a rigor, a IMANÊNCIA ABSOLUTA DO DEMIURGO NO MACROCOSMO, de modo análogo a como o sujeito anímico É A IMANÊNCIA ABSOLUTA DA ALMA NO MICROCOSMO; mas a plasmação do macrocosmo, do organismo que vai receber essa imanência anímica, só pode ser uma TRANSCENDÊNCIA, um ato TRANSCENDENTE ao próprio macrocosmo; entende-se assim que o Logos que plasma e outorga existência real ao macrocosmo seja um Aspecto do Demiurgo que se mantém, desde o Princípio, na transcendência absoluta; o Aspecto Logos é a causa transcendente de todo ente macrocósmico: sua VOX é quem designa os entes e lhes outorga existência individual, determinando a natureza universal que procede dos Arquétipos imanentes ao plano arquetípico; uma TRANSCENDÊNCIA análoga tem no microcosmo o Logos Kundalini, quem, por ser o princípio plasmador do gérmen microcósmico, está além da imanência do microcósmico.

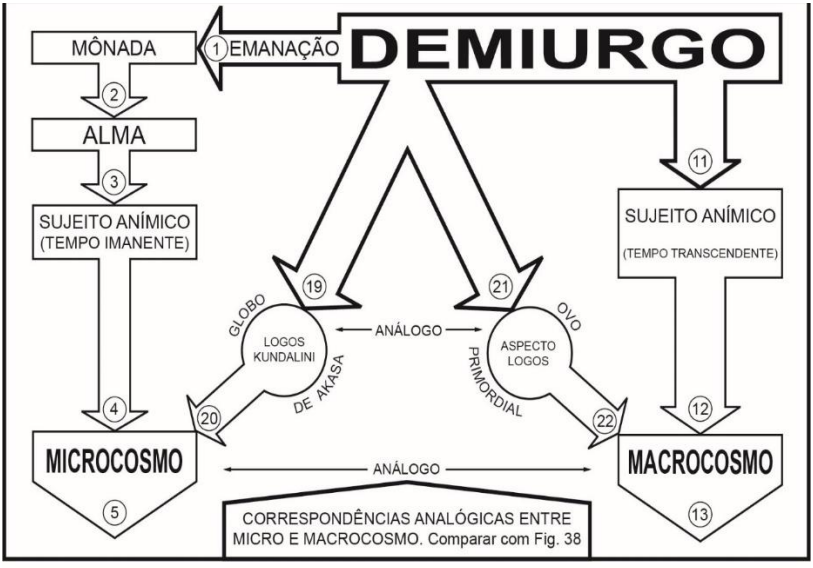


FIGURA 66

A resposta anterior ficou esclarecida: o Aspecto Logos desempenha "um papel cuja essência implica na transcendência macrocósmica". Na figura 38, e no artigo mencionado, só se tratou dos Aspectos "imanentes" do Demiurgo e dos correspondentes aspectos imanentes do sujeito anímico microcósmico.

Se quiséssemos completar a figura 38 com o Aspecto Logos do Demiurgo, deveríamos incluir um setor análogo ao Ovo Primordial, recipiente original e absolutamente transcendente de Seu Verbo. Na figura 66, agregou-se o setor (22) que representa o Ovo Primordial, em cujo interior subsiste o Aspecto Logos, o qual é evidentemente externo tanto ao macrocosmo (13) como à Manifestação imanente (12): tal exterioridade equivale à sua transcendência. O Ovo Primordial, segundo se

vê na mesma figura, é análogo ao globo de Akasa (20), em cujo interior subsiste o Logos Kundalini, e é também "externo", quer dizer, transcendente, tanto ao microcosmo (5) como ao sujeito anímico (4). Não há dúvida de que a máxima informação da figura 66 se obterá após uma atenta comparação com a figura 38.

N – O Yoga: iniciação na Hierarquia Branca de Chang Shambala.

Salvo o Tantra Yoga, do qual falaremos mais adiante, os restantes yogas procedem da Hierarquia Branca de Chang Shambala, da Sabedoria dos Siddhas Traidores. Em particular, nos referiremos aqui ao KUNDALINI YOGA, pois o OBJETIVO que propõe sua práxis consiste em LIBERAR O LOGOS KUNDALINI DE SUA ENVOLTURA NO GLOBO DE AKASA PARA QUE CIRCULE, PESSOALMENTE, PELO CANAL ELIX. Como se vê, este objetivo encontra-se diretamente vinculado aos temas que desenvolvemos em incisos anteriores.

Pois bem, o Kundalini yoga, e todo yoga semelhante, deriva-se de uma antiga ciência dos Siddhas Traidores, conhecida como KALACHAKRA ou RODA DO TEMPO: os Siddhas Traidores são os Senhores do Karma e a Kalachakra é a ciência que permite encadear ou desencadear o Espírito e a alma à roda das vidas, quer dizer, às reencarnações evolutivas. Os yogas são, pois, sistemas de conhecimentos iniciáticos que fazem possível, de modos diferentes, a liberação da roda do Karma e a autonomia ôntica. À iniciação pelo yoga, como às do ritual maçônico, teosófico, rosa-cruz, etc., englobamos com a denominação genérica de INICIAÇÃO SINÁRQUICA, em oposição à INICIAÇÃO HIPERBÓREA: a iniciação sinárquica encadeia o iniciado na Hierarquia Branca, enquanto a Iniciação Hiperbórea isola o Eu do iniciado de todo tipo de logos hierárquicos, abrindo-lhe o caminho para a liberdade absoluta do Espírito eterno.

Mencionamos o objetivo do Kundalini yoga; liberar o Logos Kundalini no canal ELIX. Com que FIM se persegue tal objetivo? Resposta: com O FIM DE QUE O SUJEITO ANÍMICO SE IDENTIFIQUE COM O UNO CÓSMICO. Isto não é difícil de compreender se recordarmos a identidade essencial que têm entre si o Logos Kundalini e o Aspecto Logos, tal como se observa na figura 66: o Logos Kundalini É o Aspecto Logos do Demiurgo e, como tal, É O VERBO DO UNO MANIFESTADO NO MICROCOSMO. A circulação do próprio Logos Kundalini pelo canal ELIX, no lugar de sua Palavra, causa duas coisas: uma ALTERAÇÃO definitiva do microcosmo, e a IDENTIFICAÇÃO do sujeito anímico com O Uno. Vejamos, em separado, cada um desses efeitos.

Sobre a ALTERAÇÃO DEFINITIVA DO microcosmo, causada pela iniciação iogue, há que se afirmar que se trata de uma INVERSÃO EVOLUTIVA ESPECIAL, efetuada pelo Logos Kundalini, com o propósito de que o sujeito anímico realize o GRANDE SALTO: uma experiência metafísica que permite ao sujeito A IDENTIFICAÇÃO COM O UNO e que será descrita mais adiante. Agora; há que se enfatizar que a mencionada INVERSÃO EVOLUTIVA nada tem a ver com a experiência do RETORNO A ORIGEM, que propiciam as vias secretas de liberação da Sabedoria Hiperbórea. Isto se verá com clareza após expor em que consiste a INVERSÃO EVOLUTIVA.

A base de onde deve partir o raciocínio é a seguinte: o sujeito anímico, entregue ao seu processo evolutivo natural, progride para a enteléquia Manu de acordo com os graus da escala da figura 44; na figura 56, observa-se, com maiores detalhes, que O SENTIDO DA EVOLUÇÃO VISA A ENTELÉQUIA; mas, o que é a enteléquia senão o Princípio colocado como finalidade, quer dizer, o Arquétipo universal proposto como perfeição final? O Princípio e o final de um processo evolutivo são IDÊNTICOS: o ente evolutivo, que progride entre esses dois extremos, participa do Princípio em seu ser em si e visa a finalidade entelequial que o reclama

desde o futuro de seu ser em si, manifestada permanentemente como enteléquia potencial. Com esta base, pode-se compreender a diferença entre a EVOLUÇÃO NATURAL do pasu para a finalidade e a INVERSÃO EVOLUTIVA para o Princípio, causada pela iniciação pela iniciação iogue: a EVOLUÇÃO NATURAL, com efeito, conduz o pasu para a finalidade entelequial, para a autonomia ôntica, para a concretização do objetivo microcósmico da finalidade; a iniciação iogue, pelo contrário, procura TRANSMUTAR o microcosmo em um prazo muito breve e conseguir, desse modo, a IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO COM O PRINCÍPIO, quer dizer, com o Arquétipo universal e, através deste, com O Uno: a TRANSMUTAÇÃO do microcosmo implica, segundo se vê, em uma INVERSÃO EVOLUTIVA.

Mas a "inversão evolutiva" NÃO É UMA MERA "INVOLUÇÃO", pois o fim da iniciação iogue, isto é, a IDENTIFICAÇÃO COM O PRINCÍPIO, deve ser alcançada mediante um GRANDE SALTO, mediante o cruzamento imediato de uma ponte metafísica entre dois mundos: A INVERSÃO EVOLUTIVA deve se entender como INVERSÃO DO SENTIDO EVOLUTIVO, marcha para o Princípio em lugar de para o final, e não como INVOLUÇÃO, pois, no SENTIDO INVERSO, não existe nada parecido a um PROCESSO EVOLUTIVO.

Em resumo, por lentíssima evolução natural, o pasu consegue alcançar a finalidade entelequial ou, por acelerada transmutação orgânica e inversão do sentido evolutivo, consegue alcançar o Princípio universal de seu ser: como consegue esta última coisa? Resposta: cumprindo o objetivo do Kundalini yoga: liberando o Logos Kundalini no canal ELIX: para quê? Resposta: para que se faça efetiva a TRANSMUTAÇÃO, a ALTERAÇÃO DEFINITIVA DO ORGANISMO MICROCÓSMICO. Esta resposta nos permite completar o conceito do Logos Kundalini: ENQUANTO PERMANECE NO GLOBO DE AKASA, A MISSÃO DO LOGOS KUNDALINI CONSISTE EM CONTROLAR A FUNÇÃO GERAL ORGÂNICA, MEDIANTE A SUPERSÉRIE FONÉTICA DE SUAS PALAVRAS PLASMADORAS; MAS, SE O GLOBO DE AKASA É ABERTO, PELA PRÁTICA DO YOGA OU POR QUALQUER OUTRO MOTIVO, O LOGOS KUNDALINI ATUA DE MANEIRA EXTREMAMENTE DIFERENTE: NÃO AJUSTA A FUNÇÃO GERAL DO ORGANISMO À FORMA DA MATRIZ ESSENCIAL, QUER DIZER, À SUPERSÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL, TAL COMO O FAZEM HABITUALMENTE SUAS PALAVRAS DA SUPERSÉRIE FONÉTICA; EM TROCA, AJUSTA A FUNÇÃO GERAL DIRETAMENTE À FORMA DO ARQUÉTIPO MANU; FORMA QUE O LOGOS KUNDALINI COPIA DA SÉRIE FORMATIVA DO DESÍGNIO, POIS SE ENCONTRA EM SEU LIMITE; MAS, EIS AQUI UMA IMPORTANTE DIFERENÇA: A FORMA DO ARQUÉTIPO MANU, À QUAL IMITA O LOGOS KUNDALINI, É A DO PRINCÍPIO E NÃO A QUE CORRESPONDE À FINALIDADE ENTELEQUIAL; SE PRODUZ ASSIM, NO TEMPO DA RECRIAÇÃO DO ORGANISMO PELO PODER PLASMADOR DE SUA VOX, UMA INVERSÃO DO SENTIDO EVOLUTIVO: O PASSO SEGUINTE É O "GRANDE SALTO" E A IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO ANÍMICO COM O UNO, QUER DIZER, A TRANSMUTAÇÃO DO ORGANISMO MICROCÓSMICO, SUA ALTERAÇÃO DEFINITIVA; A CONSEQUÊNCIA DISTO NÃO É MENOR: O SUJEITO, IDENTIFICADO COM O UNO, OU COM UM DE SEUS ASPECTOS ARQUETÍPICOS, FICA INCORPORADO IMEDIATMENTE À HIERARQUIA BRANCA; E O EU, A EXPRESSÃO DO ESPÍRITO NO VIRYA PERDIDO, SE ECLIPSA PARA SEMPRE, TAL COMO SE EXPLICARÁ MAIS ADIANTE.

O Logos Kundalini ajusta a função geral do organismo microcósmico à forma do Arquétipo Manu que existe no extremo do Princípio da série formativa do desígnio; o organismo é, assim, recriado e transmutado definitivamente. Falta-nos

ver, ainda, como o Logos Kundalini realiza esta operação de transmutar o microcosmo.

Para explicá-lo de maneira simples, destaquemos que, no ato de transmutação, concorrem DOIS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS: O PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU E O PRINCÍPIO DO DESÍGNIO SERPENTE. Levando em conta estes dois Princípios, observemos a figura 56.

A utilização do Princípio do Arquétipo MANU equivaleria a que o Logos Kundalini se situasse em direção paralela ao eixo (**Tt**) e observasse o plano arquetípico PELO CANAL ELIX: COMPROVA-SE LOGO, REPARANDO NA ESCALA GRADUAL DE MOMENTOS PROGRESSIVOS, QUE TAL DISPOSIÇÃO IMPLICA EM UMA INVERSÃO EVOLUTIVA. O Logos Kundalini se propõe a ajustar a função geral à forma do Princípio do Arquétipo MANU: ISSO EQUIVALE A SUPRIMIR, NA FIGURA 56, A DISTÂNCIA QUE SEPARA O "PASU, MICROCOSMO POTENCIAL" DO "ARQUÉTIPO MANU", QUER DIZER, ENTRE A ESFERA INFERIOR e A ESFERA SUPERIOR (eixo **Tt**). Tal supressão significa, analogicamente, o "GRANDE SALTO": um salto que, segundo se vê, evita o caminho de ELIX. É evidente, pois, que o ajuste entre o microcosmo e o Princípio do Arquétipo MANU elimina a série ôntico-temporal que existe sobre a função contínua ELIX porque a própria função contínua foi pulada durante o "grande salto".

O Princípio do desígnio serpente é utilizado pelo Logos Kundalini para AJUSTAR o microcosmo ao Princípio do Arquétipo MANU: o que significa isto? Resposta: que o Logos Kundalini SE REVESTE COM A MATRIZ ESSENCIAL DO DESÍGNIO SERPENTE QUANDO AS VALVAS DA CONCHA SE ABREM E SEU PODER PLASMADOR FICA LIBERADO NO CANAL ELIX. Se o objetivo do yoga tem êxito, e o globo de Akasa se abre, o Logos Kundalini, QUAL UMA SERPENTE SUBITAMENTE ATIVA, se desenvolve e desliza como um fogo pelo canal ELIX: a matriz essencial do desígnio serpente contém TODAS AS MATRIZES FUNCIONAIS QUE REGEM AS LEIS DA ENERGIA e isso lhe permite ir ajustando todas as funções particulares dos órgãos às formas originais do Princípio do Arquétipo MANU. QUANDO A SERPENTE KUNDALINI CHEGA AO ÚLTIMO CHAKRA DO CANAL ELIX, ISTO É, AO BRAHMACHAKRA, CONSUMA-SE O "GRANDE SALTO": O ORGANISMO MICROCÓSMICO FICA, ENTÃO, AJUSTADO À FORMA DO PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU E O SUJEITO ANÍMICO IDENTIFICADO COM O UNO.

Este último efeito é o FIM declarado no objetivo do yoga e pode ocorrer em qualquer estrutura na qual se encontre manifestado o sujeito anímico. No virya perdido, o sujeito anímico pode estar NO NÍVEL DOS QUATRO CHAKRAS GLANDULARES SUPERIORES, quer dizer, sobre o ANAHATA, à altura do coração; sobre o VISHUDA, nas tireoides; sobre o AJNA, na hipófise, ou sobre o BRAHMARANDRA ou BRAHMACHAKRA, no topo da cabeça: em qualquer destes níveis, o Logos Kundalini FAGOCITA o sujeito anímico e o reformula em sua essência cósmica: o sujeito anímico, então, geralmente o sujeito consciente, tem a impressão de que seu campo sensível se expande para todas as direções do universo, consegue-se, assim, os "estados superiores de consciência" do SAMADHI ou do NIRVANA: TAIS ESTADOS SÃO OS MAIS SUPERIORES NO NÍVEL ANÍMICO DO PASU E OS MAIS INFERIORES NO NÍVEL ESPIRITUAL DO VIRYA. O SAMADHI, OU OS ESTADOS NIRVÂNICOS, INDICAM QUE O SUJEITO ANÍMICO, A ALMA, SE IDENTIFICOU COM O UNO: O SUJEITO, IMPULSIONADO PELO LOGOS KUNDALINI, DEU O "GRANDE SALTO" DESDE O BRAHMACHAKRA E SE SITUOU EM UM "NÍVEL DE CONSCIÊNCIA MACROCÓSMICO"; O "GRANDE SALTO" SIGNIFICA QUE O SUJEITO CRUZOU A PONTE METAFÍSICA QUE CONDUZ AO PLANO ARQUETÍPICO E ALI SE

EXPANDIU SOBRE OS PLANOS CÓSMICOS POR DIFUSÃO NO ASPECTO "BELEZA" OU "INTELIGÊNCIA ATIVA" DO DEMIURGO. QUANDO ISTO OCORRE, NÃO PODE MAIS EXISTIR NENHUMA INTERVENÇÃO ESPIRITUAL NO VIRYA, QUER DIZER, NENHUMA INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO HIPERBÓREO ENCADEADO: ISSO É LÓGICO, UMA VEZ QUE, AO SE CONSEGUIR O "GRANDE SALTO", A MISSÃO DO ENCADEAMENTO FOI CUMPRIDA; O PASU É AGORA UM INICIADO SINARCA, INTEGRADO NA HIERARQUIA BRANCA DE CHANG SHAMBALA; E SUA HERANÇA HIPERBÓREA, O SÍMBOLO DA ORIGEM, FICOU DESDE ENTÃO DEFINITIVAMENTE NEUTRALIZADA.

No próximo artigo, explicar-se-á analogicamente em que consiste o “grande salto” praticado pelo sujeito anímico, com fim da iniciação iogue. Em continuação, vamos antecipar o efeito que o grande salto, e a prévia transmutação orgânica, causam no Eu perdido do virya e que a Sabedoria Hiperbórea denomina: “ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM”.

DURANTE A TRANSMUTAÇÃO, O LOGOS KUNDALINI, COM SEU PODER PLASMADOR, ESTABILIZA TODOS OS PROCESSOS EVOLUTIVOS DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA; FICAM ASSIM AJUSTADOS OS ARQUÉTIPOS INVERTIDOS ÀS SUAS MATRIZES ARQUETÍPICAS, COM TAL EXATIDÃO, QUE O GRAU DE PARTICIPAÇÃO QUE ESTES MANTÊM COM OS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS ALCANÇA SUA MÁXIMA PERFEIÇÃO; O NEXO METAFÍSICO ENTRE A MEMÓRIA ARQUETÍPICA E O PLANO ARQUETÍPICO ADQUIRE ENTÃO O CARÁTER DA IDENTIDADE INDISCERNÍVEL; TAL IDENTIDADE CAUSA QUE O SUJEITO ANÍMICO ANIME SIMULTANEAMENTE AMBOS OS PLANOS, O MICROCÓSMICO DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA E O MACROCÓSMICO DO PLANO ARQUETÍPICO; ISSO EQUIVALE A UM “GRANDE SALTO”, À PASSAGEM CONSCIENTE DE UM MUNDO A OUTRO; MAS ISSO SIGNIFICA, TAMBÉM, QUE O SUJEITO ANÍMICO SE IDENTIFICOU COM UM ASPECTO DO UNO.

CONTUDO: O ESPÍRITO ENCADEADO, DE ACORDO AO QUE FOI ESTUDADO NA PRIMEIRA PARTE, MANIFESTA-SE COMO "EU PERDIDO" NO SEIO DO SUJEITO ANÍMICO CONSCIENTE, POR REFLEXO DO EU INFINITO NO SÍMBOLO DA ORIGEM; O QUE OCORRE COM O EU PERDIDO, COM A EXPRESSÃO DO ESPÍRITO ETERNO, QUANDO O SUJEITO CONSCIENTE REALIZA O "GRANDE SALTO" E SE EXPANDE NO PLANO ARQUETÍPICO? RESPOSTA: O ECLIPSE DEFINITIVO DO EU: A PARTIR DO "GRANDE SALTO" JÁ NÃO EXISTIRÁ NENHUMA MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO NO MICROCOSMO, POR CAUSA DO "ESCOAMENTO" IRREVERSÍVEL DO SÍMBOLO DA ORIGEM DA MEMÓRIA DO SANGUE DO VIRYA; O "ESCOAMENTO" É A CULMINAÇÃO ESTRATÉGICA DA CHAVE GENÉTICA DOS SIDDHAS TRAIDORES: SUA CONCRETIZAÇÃO ASSINALA O FIM DO ENCADEAMENTO, PORQUE IMPLICA QUE SE CUMPRIU O OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE DO PASU; ENTRETANTO, SEMELHANTE "DESENCADEAMENTO" NÃO BENEFICIA EM NADA O ESPÍRITO HIPERBÓREO, POIS, SE NÃO CONSEGUIU REORIENTAR-SE DURANTE O ENCADEAMENTO, PERMANECERÁ LOGO NA CONFUSÃO ESTRATÉGICA DO SEU ESTADO INVERTIDO: E NESSE ESTADO CONTINUARÁ ATÉ O MAHAPRALAYA. CONTUDO, O MAIS PROVÁVEL É QUE OS SIDDHAS TRAIDORES INTERVENHAM ANTES QUE CHEGUE TAL MOMENTO, E QUE O ESPÍRITO SEJA ENTÃO ENCADEADO NOVAMENTE A OUTRO VIRYA PARA "APROVEITAR SUA FORÇA VOLITIVA ORIENTADORA".

A resposta anterior se entenderá melhor se explicamos analogicamente em que consiste o grande salto, o fim declarado da iniciação sinárquica pelo yoga.

Conjuntamente, será também explicado o conceito da Sabedoria Hiperbórea sobre o ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM.

O – Estudo analógico do "grande salto" e do "escoamento" do Símbolo da Origem.

A finalidade do yoga, o "grande salto", causa o "escoamento" do Símbolo da Origem, quer dizer, "a culminação estratégica da chave genética dos Siddhas Traidores". O escoamento, então, significa a perda da herança hiperbórea. Mediante um simples modelo analógico, baseado em conceitos já definidos, vamos evidenciar o "grande salto" e seu efeito "escoamento".

Já vimos que o Logos Kundalini, revestido com a forma do desígnio serpente, ajusta o organismo microcósmico ao Princípio do Arquétipo Manu: trata-se, em última instância, de um ajuste entre micro e macrocosmo, já que o Princípio do Arquétipo Manu é uma forma derivada do Uno macrocósmico. Com o propósito de evidenciar o mais claramente possível o ato do "grande salto", vamos nos referir só a um aspecto proeminente da analogia micro-macrocósmica, o qual é a correspondência entre a memória arquetípica, ou estrutura neurofisiológica do cérebro, e o plano arquetípico do macrocosmo.

Segundo a figura 38, a memória arquetípica do microcósmico (seta 6) tem correspondência analógica com o plano arquetípico do macrocosmo (seta 14); analogamente, também, enquanto a memória arquetípica é animada pelo SUJEITO RACIONAL, o plano arquetípico o está pelo Aspecto Beleza, ou "Inteligência ativa", do Demiurgo O Uno. Este Aspecto, POR ANIMAR INTEGRALMENTE O PLANO ARQUETÍPICO, MANIFESTA-SE EM TODOS E EM CADA UM DOS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS, E, DESDE JÁ, TAMBÉM NO ARQUÉTIPO MANU.

De acordo com a figura 9, na figura 56 se equiparou a um "plano limite" a separação entre o plano arquetípico e o plano material; da mesma forma, nesta figura e nas 44 e 45, representou-se uma "escala gradual de momentos progressivos" que permite medir o processo evolutivo desde seu início no plano material. Temos assim, analogicamente, uma LINHA OU EIXO que separa o plano arquetípico do plano material; ao que é análoga dita linha no microcosmo? Resposta: a uma linha que separa a memória arquetípica da estrutura psíquica: uma fronteira semelhante é representada na figura 39 como A LINHA PONTILHADA QUE SEPARA A REGIÃO (**a**) DAS REGIÕES (**b**), (**c**) e (**d**), ou seja, a memória arquetípica (**a**) da estrutura psíquica (**b, c e d**).

Começaremos a explicação estabelecendo uma relação ENTRE O NÍVEL EVOLUTIVO MICROCÓSMICO DE UM VIRYA PERDIDO TÍPICO E UM NÍVEL MACROCÓSMICO DE REFERÊNCIA: para isso, nos valeremos da analogia entre as linhas, ou fronteiras, apontadas.

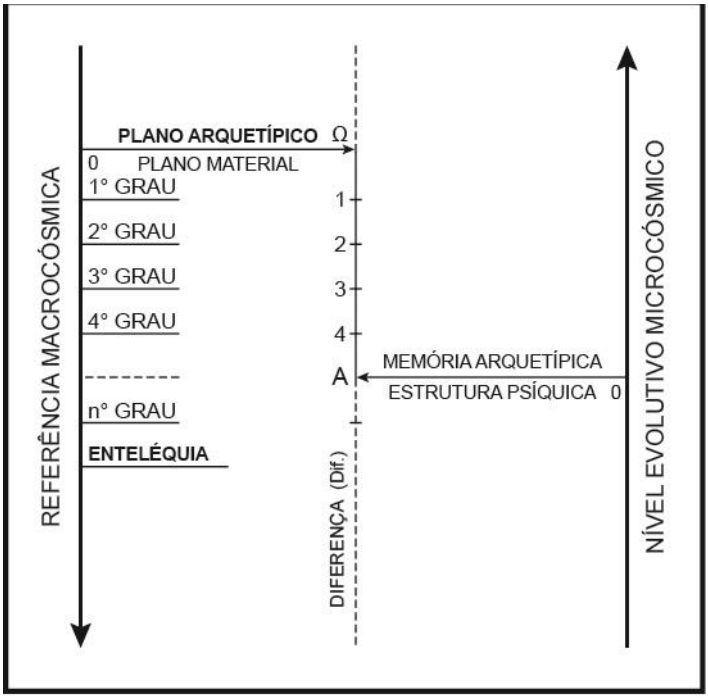


FIGURA 67

À esquerda da figura 67, observamos um EIXO ZERO-ÔMEGA (**0Ω**), adiante "EIXO ÔMEGA", que separa o plano arquetípico do plano material e, no plano material uma, "escala gradual de momentos progressivos": o eixo (**0Ω**) representa o "nível de referência" frente ao qual se medirá, INVERSAMENTE, o nível evolutivo do microcosmo. Por isso, à direita do EIXO ZERO-ALFA (**0A**), adiante "EIXO ALFA", assinala-se a fronteira entre a memória arquetípica e a estrutura psíquica e, ao mesmo tempo, marca um determinado nível evolutivo (**A**) na escala gradual; no exemplo adotado, este nível corresponde ao 5º grau do progresso evolutivo.

Com esta disposição analógica interpretamos o objetivo e o fim do Kundalini yoga. O Logos Kundalini, ao ficar livre no canal ELIX, propõe-se a ajustar a função geral do organismo microcósmico ao Princípio do Arquétipo Manu: isso equivale, na figura 67, a SUPRIMIR A DIFERENÇA (**Dif.**) DE NÍVEL ENTRE O EIXO ALFA E O EIXO ÔMEGA. Analogicamente, pois, O "GRANDE SALTO" CONSISTE EM ELIMINAR A DIFERENÇA (**Dif.**) ENTRE O NÍVEL ALFA E O NÍVEL ÔMEGA, EM CONSEGUIR QUE O EIXO (**0A**) "SALTE" INVERSAMENTE AO SENTIDO EVOLUTIVO (**1º, 2º, 3º …**), E SE IGUALE COM O EIXO (**0Ω**): NESSE MOMENTO, TAMBÉM, TER-SE-Á IDENTIFICADO O SUJEITO ANÍMICO, QUE SE ENCONTRA "SOBRE" O EIXO (**0A**) COM O ASPECTO BELEZA, QUE SE ENCONTRA "SOBRE" O EIXO (**0Ω**); É A CONCRETIZAÇÃO DA FINALIDADE DO KUNDALINI YOGA.

É evidente que o grande salto é uma AÇÃO DE CONTROLE efetuada diretamente pelo Logos Kundalini sob sua forma serpentina: O GRANDE SALTO, COM EFEITO, SÓ PODE OCORRER SE SE SUPRIME A DIFERENÇA (**Dif.**) ENTRE O ORGANISMO MICROCÓSMICO E O PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU; O LOGOS KUNDALINI, PARA IGUALAR O EIXO ALFA COM O EIXO ÔMEGA, DEVE ADICIONAR AO ORGANISMO UM FATOR DE AJUSTE -Dif., QUER DIZER, UM VALOR INVERSO À DIFERENÇA Dif. Voltando à figura 56, podemos descrever a "ação de controle" do seguinte modo: A SERPENTE KUNDALINI, DE UM CHAKRA SUPERIOR, PRONUNCIA A PALAVRA DO PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU; SE PRODUZ ENTÃO A RESSONÂNCIA DA CAPACIDADE ARQUETÍPICA DO ARQUÉTIPO MANU E SUA FORMA ACABA SENDO ATUALIZADA E APLICADA SOBRE O ORGANISMO MICROCÓSMICO; A SERPENTE KUNDALINI EFETUA A COMPARAÇÃO ENTRE A FORMA DO ARQUÉTIPO MANU E O ORGANISMO MICROCÓSMICO E DETECTA A DIFERENÇA (**Dif**); REPLICA, ENTÃO, COM SEU PODER PLASMADOR, O FATOR DE AJUSTE -Dif. SOBRE O ORGANISMO, ALTERANDO DEFINITIVAMENTE SUA ESTRUTURA; O ORGANISMO FICA AJUSTADO EXATAMENTE AO ARQUÉTIPO MANU, NÃO EXISTINDO JÁ NENHUMA DIFERENÇA (Dif.) ENTRE AMBOS: O "GRANDE SALTO" SE PRODUZIU, O EIXO ALFA COINCIDE COM O EIXO ÔMEGA, O SUJEITO ANÍMICO SE IDENTIFICOU COM O UNO.

O "grande salto" implica na TRANSMUTAÇÃO quase instantânea do organismo microcósmico e sua incorporação à Hierarquia Branca de Chang Shambala. Esta situação é, desde já, incompatível com a herança hiperbórea e por isso na chave genética dos Siddhas Traidores está previsto, desde o começo do encadeamento espiritual, O EFEITO ESCOAMENTO: o ESCOAMENTO assegura que o Símbolo da Origem se tornará inoperante desde o próprio momento em que se produza o grande salto; O ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM É A CULMINAÇÃO ESTRATÉGICA DA CHAVE GENÉTICA.

Retrocederemos à figura 29, com a finalidade de explicar analogicamente o efeito escoamento, "vemos ali que a esfera de luz foi assinalada com um traço mais grosso e que, em seu interior, sobre uma LINHA CÔNCAVA $\overset{\frown}{AB}$, refletem-se alguns olhares do Espírito-esfera. Analogicamente, a linha $\overset{\frown}{AB}$ corresponde AO PERFIL DO SÍMBOLO DA ORIGEM: é CÔNCAVA porque "A ORIENTAÇÃO DA GNOSE ESPIRITUAL ESTÁ MARCADA PELO CÔNCAVO". segundo se explicou no inciso "O Espírito-esfera normal". Pois bem, sobre a linha $\overset{\frown}{AB}$ manifesta-se o Espírito como o Eu do virya, um Eu que tende espontaneamente a confundir-se com o sujeito consciente devido a que o Símbolo da Origem $\overset{\frown}{AB}$ situa-se sempre na esfera de luz, por determinação da chave genética". Se observamos atentamente a figura 29, comprovaremos que o perfil do Símbolo da Origem $\overset{\frown}{AB}$ intersecta a estrutura psíquica nos pontos A e B: EM CONSEQUÊNCIA, O EIXO ALFA (**OA**) DA FIGURA 67, QUE REPRESENTA O LIMITE DA ESTRUTURA PSÍOUICA, TAMBÉM HÁ DE ESTAR INTERSECTADO PELO SÍMBOLO DA ORIGEM $\overset{\frown}{AB}$. Para maior clareza, na figura 68, agregou-se a linha curva $\overset{\frown}{AB}$, que corresponde ao perfil do Símbolo da Origem. Como a linha $\overset{\frown}{AB}$ da figura 68 NÃO É CÔNCAVA, SENÃO CONVEXA, cabe formular aqui uma justificativa que evite todo possível mal entendido: na figura 68, e nas seguintes 69 e 70, deve-se entender a linha $\overset{\frown}{AB}$ como a REPRESENTAÇÃO da linha côncava $\overset{\frown}{AB}$ das figuras 29, 30. 31, e 32; as exigências da analogia obrigam a REPRESENTAR a linha côncava $\overset{\frown}{AB}$ na forma que mostra a figura; em todo caso, se se deseja visualizar o encadeamento por chave genética, há que se recordar que

os “olhares” do Espírito invertido sempre se refletem sobre O ASPECTO CÔNCAVO DO SÍMBOLO DA ORIGEM e supor que os mesmos procedem da parte inferior da figura 68, tal como indicam os vetores “olhares”, na direção da parte côncava da linha $\overset{\frown}{AB}$.

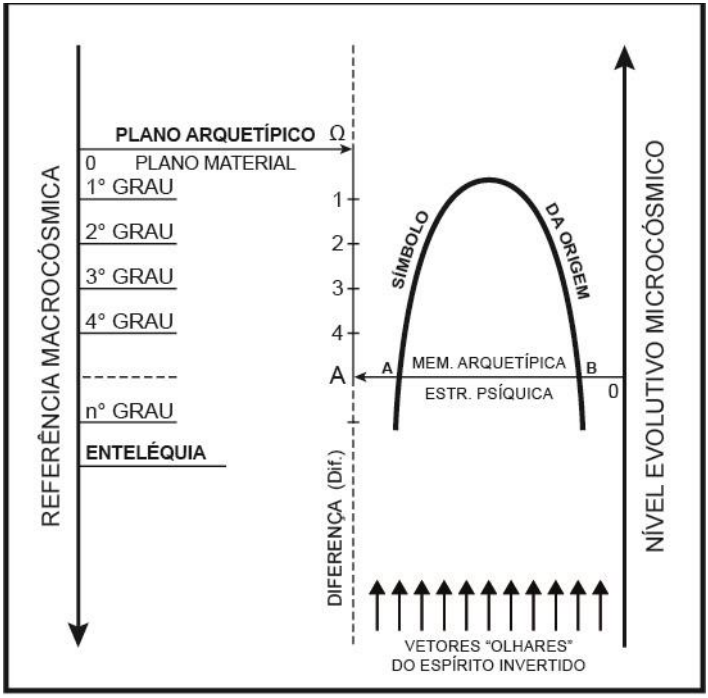


FIGURA 68

Nos comentários seguintes, se sintetizarão as principais conclusões analógicas que se devem extrair, tanto das figuras 67 e 68, como das 69 e 70 que se descreverão mais adiante.

Primeiro – NOTEMOS QUE O SÍMBOLO DA ORIGEM SE ENCONTRA ENTRE O EIXO ALFA E O EIXO ÔMEGA, QUER DIZER, NO ESPAÇO ANALÓGICO DA DIFERENÇA (**Dif.**).

Segundo – AGREGUEMOS, AGORA, QUE A TÉCNICA DA CHAVE GENÉTICA MANTÉM O SÍMBOLO DA ORIGEM EM UM “NÍVEL FIXO” DURANTE TODO O PROCESSO EVOLUTIVO. Analogicamente, isto quer dizer que, qualquer que seja o grau de nível em que se encontre o eixo alfa, o Símbolo da Origem sempre se manterá no lugar que mostra a figura.

Terceiro – Por que se mantém constantemente em um NÍVEL PRÉ-ESTABELECIDO o Símbolo da Origem? Resposta: PORQUE SEU ASSENTO E RESIDÊNCIA ESTÁ NO SANGUE HIPERBÓREO. O NÍVEL ABSOLUTO DO

SÍMBOLO DA ORIGEM NO SANGUE PODE VARIAR DE UM VIRYA PARA OUTRO, MAS EM CADA UM CONSERVA UM NÍVEL SEMPRE FIXO, QUE SÓ DEPENDE, A PRINCÍPIO, DA HERANÇA HIPERBÓREA; DADO UM NÍVEL HEREDITÁRIO DO SÍMBOLO DA ORIGEM, ÉSTE SE MANTÉM FIXO DURANTE TODO O CICLO VITAL. Analogicamente, a figura 68 nos revela que uma maior intersecção é proporcional a uma maior PUREZA DE SANGUE.

Quarto – Por estes motivos, a Sabedoria Hiperbórea denomina o eixo alfa de "NÍVEL SÊMICO DO SANGUE PURO". Na figura 69, comprovamos que, estando o Símbolo da Origem FIXADO em um NÍVEL PRÉ-ESTABELECIDO pela chave genética, uma maior diferença (**Dif.**) entre o eixo alfa e o eixo ômega implica em uma MENOR PUREZA DE SANGUE. Isto é: À MAIOR AJUSTE ENTRE O ORGANISMO E O ARQUÉTIPO MANU, MENOR PUREZA DE SANGUE. O "nível sêmico do sangue puro", o eixo alfa, assinala o segundo grau de progresso evolutivo: é evidente que, na figura 69, o perfil $\widetilde{AB}$ é menor que o interceptado na figura 68, onde o eixo alfa assinala o quinto grau do progresso evolutivo; À MENOR DIFERENÇA (**Dif.**), MAIOR AJUSTE E, TAMBÉM, MENOR PUREZA DE SANGUE, PORQUE É MENOR O PERFIL DO SÍMBOLO DA ORIGEM INTERSECTADO NO LIMITE DA ESTRUTURA PSÍQUICA.

Quinto – O espaço analógico da diferença (**Dif.**), ou seja, o espaço entre o eixo alfa e o eixo ômega, a Sabedoria Hiperbórea denomina de "ÁREA EFETIVA DE MAYA" para um virya determinado, o "GRANDE ENGANO", A "ÁREA EFETIVA DE MAYA", É O CAMPO DE EXISTÊNCIA DO SÍMBOLO DA ORIGEM, COMO RESULTADO DA CHAVE GENÉTICA. VALE DIZER, O SÍMBOLO DA ORIGEM SÓ PODE EXISTIR NO SANGUE DO VIRYA ENQUANTO EXISTA, TAMBÉM, A DIFERENÇA (**Dif.**) ENTRE O ORGANISMO MICROCÓSMICO E O ARQUÉTIPO MANU, ENQUANTO O ORGANISMO MICROCÓSMICO SUSTENTE UM PROCESSO EVOLUTIVO. ASSIM, O SÍMBOLO DA ORIGEM NO SANGUE, E O ENCADEAMENTO ESPIRITUAL CONSEQUENTE, SÃO REALIDADES PRÓPRIAS DO GRANDE ENGANO, FATOS QUE SÓ PODEM OCORRER NA ÁREA EFETIVA DE MAYA, A ILUSÃO DO REAL.

Na verdade, a percepção da realidade como "grande engano", é uma experiência subjetiva própria dos viryas perdidos: É O EU PERDIDO QUEM, APÓS INTUIR FUGAZMENTE SEU ESTADO DE CONFUSÃO, AFIRMA O CARÁTER ILUSÓRIO DA REALIDADE. Para o pasu, pelo contrário, não há "área efetiva de maya", pois todo o mundo exterior constitui seu ESPAÇO CULTURAL, o campo onde se concretiza o objetivo macrocósmico da finalidade.

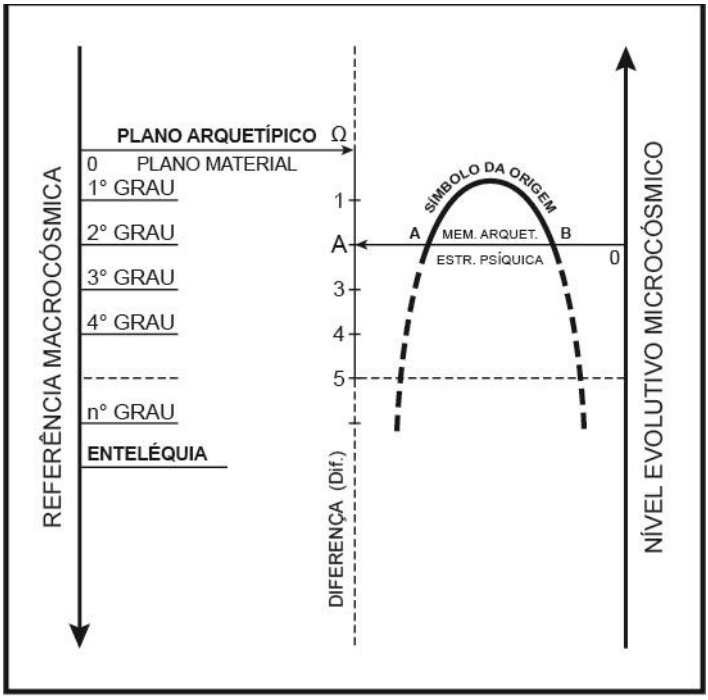


FIGURA 69

Sexto – A transmutação que a serpente Kundalini causa no organismo o ajusta ao Arquétipo Manu: fica então suprimida a diferença (**Dif.**) entre o eixo alfa e o eixo ômega, e o sujeito anímico identifica-se com O Uno. A SUPRESSÃO DA DIFERENÇA (**Dif.**) SIGNIFICA, ANALOGICAMENTE, A ELIMINAÇÃO DA "ÁREA EFETIVA DE MAYA". Mas, de acordo com os comentários Primeiro e Quinto, tal supressão há de causar a perda do Símbolo da Origem, pois este só pode existir na "área efetiva de Maya". E a perda do Símbolo da Origem há de causar, em consequência, a definitiva extinção do Eu perdido, o reflexo do Espírito eterno que se manifesta sobre o mesmo.

Recordemos que o Eu perdido se desloca extraviado por um caminho LABRELIX, paralelo e correlativo de ELIX, que o sujeito consciente segue; os pontos tetrarque do caminho LABRELIX estão determinados pelo Símbolo da Origem, de maneira tal que a perda deste acarretará o desaparecimento do caminho LABRELIX e, com isso, a extinção do Eu perdido no seio do sujeito consciente.

Sétimo – Tomando como base as explicações e comentários anteriores, vamos definir aqui o conceito de ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM: SE O SUJEITO ANÍMICO PROTAGONIZA O GRANDE SALTO, O EIXO ALFA ADQUIRE O VALOR DO EIXO ÔMEGA: NESSE MOMENTO, O ORGANISMO ESTÁ AJUSTADO AO PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU E O SUJEITO ANÍMICO SE IDENTIFICOU COM O UNO. MAS O EIXO ALFA INDICA O "NÍVEL SÊMICO DO SANGUE PURO": NESTE SENTIDO, O "VALOR ÔMEGA" EXPRESSA O "VALOR

ZERO". QUER DIZER QUE A COINCIDÊNCIA DO EIXO ALFA COM O EIXO ÔMEGA IMPLICA EM "ZERO CONTEÚDO SÊMICO NA MEMÓRIA DE SANGUE". A SABEDORIA HIPERBÓREA AFIRMA QUE QUANDO O NÍVEL SÊMICO DO SANGUE PURO ALCANÇA O VALOR ÔMEGA JÁ SE PRODUZIU O "ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM". POR QUÊ? RESPOSTA: PORQUE O SÍMBOLO DA ORIGEM SE MANTÉM EM UM NÍVEL FIXO, CUJO PONTO MAIS BAIXO JAMAIS ALCANÇA O VALOR ÔMEGA; PORTANTO, SE O EIXO ALFA COINCIDE COM O EIXO ÔMEGA, SERIA IMPOSSÍVEL QUE SIMULTANEAMENTE INTERSECTASSE A LINHA CÔNCAVA $\overset{\frown}{AB}$. ISTO SE PODE COMPROVAR NA FIGURA 70, ONDE SE VÊ QUE, COM UM VALOR ÔMEGA, O EIXO ALFA ESTÁ LONGE DE INTERSECTAR A LINHA CURVA: NESSE MOMENTO, JÁ SE PRODUZIU O "ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM", E POR ISSO, A LINHA CURVA, QUE REPRESENTA SEU PERFIL, FOI REPRESENTADA COM LINHAS TRACEJADAS.

A FIGURA 70 MOSTRA-NOS CLARAMENTE QUE A SUPRESSÃO DA "ÁREA EFETIVA DE MAYA" CAUSA O ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM: NO ORGANISMO JÁ NÃO EXISTE "MEMÓRIA DO SANGUE"; O SÍMBOLO DA ORIGEM DA HERANÇA HIPERBÓREA PERDEU-SE DEFINITIVAMENTE, JUNTO COM A PRESENÇA VOLITIVA DO EU: É A CULMINAÇÃO ESTRATÉGICA DA CHAVE GENÉTICA.

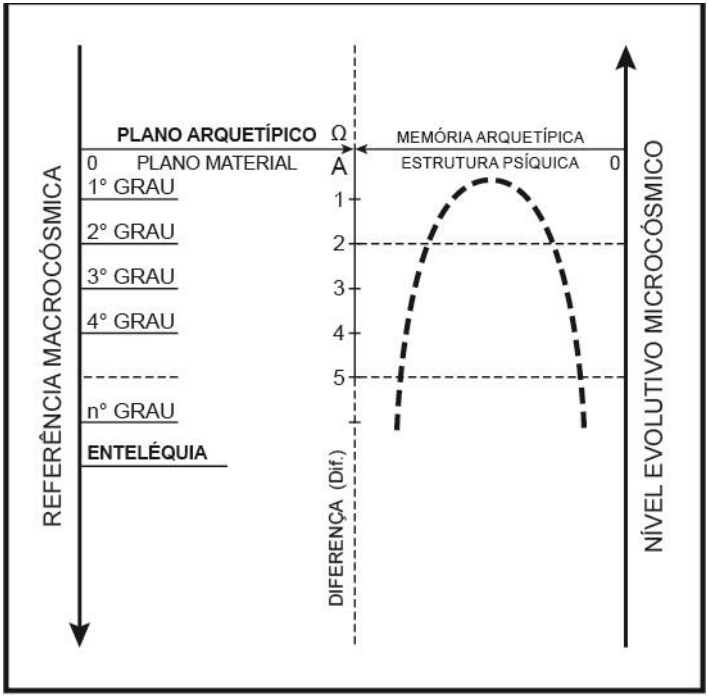


FIGURA 70

P – Significado analógico da abertura do globo de Akasa.

O OBJETIVO do Kundalini yoga propõe: "LIBERAR O LOGOS KUNDALINI DE SUA ENVOLTURA NO GLOBO DE AKASA PARA QUE CIRCULE PESSOALMENTE PELO CANAL ELIX". Já vimos que se o Logos Kundalini se reveste com a forma do desígnio serpente, dispõe das matrizes funcionais necessárias e suficientes para transmutar o organismo e ajustá-lo com o Princípio do Arquétipo Manu; a transmutação vai acompanhada de um "grande salto", a finalidade do Kundalini yoga, que permite ao sujeito consciente identificar-se com O Uno. Surge disto uma pergunta natural à qual não se respondeu ainda: é a forma serpentina A ÚNICA que pode adotar o Logos Kundalini, ao abandonar o globo de Akasa? E, ao não ser assim, quem determina a forma com que se revestirá o princípio plasmador? Resposta: Antes de tudo, há que se afirmar que o Logos Kundalini É CAPAZ DE SE REVESTIR COM UMA PLURALIDADE DE FORMAS DIFERENTES. Em segundo lugar, há que se avisar que a forma particularmente escolhida, quando o Logos Kundalini se libera pela prática do yoga, DEPENDE DA TÉCNICA APLICADA PARA CONSEGUIR O OBJETIVO; mais claramente: é o sujeito anímico, ao concentrar-se sobre o globo de Akasa para abri-lo e liberar o princípio plasmador, quem PROJETA e RECLAMA a forma que aquele adotará em seu trânsito pelo canal ELIX. No caso de que tal projeção provenha exclusivamente do sujeito anímico, SEM INTERVENÇÃO DO EU, o Logos Kundalini pode ou não aceitar se revestir com a forma requerida e necessita-se não pouca destreza para persuadi-lo à sua aceitação.

TAMBÉM PODE OCORRER QUE, LEVADO POR INSONDÁVEIS DESÍGNIOS, O LOGOS KUNDALINI DECIDA SAIR POR SUA CONTA DO GLOBO DE AKASA E, REVESTIDO COM A FORMA DE UM MITO, FAGOCITE O SUJEITO CONSCIENTE E SE APODERE DO ORGANISMO MICROCÓSMICO. Esta última possibilidade pode ser interpretada à luz das explicações anteriores sobre o mito e o símbolo sagrado.

Em relação ao objetivo do Kundalini yoga, e sua finalidade, o que interessa aqui é destacar que SÓ A FORMA SERPENTINA DO PRINCÍPIO PLASMADOR, QUER DIZER, O DESÍGNIO SERPENTE COM TODAS SUAS MATRIZES FUNCIONAIS, GARANTE A TRANSMUTAÇÃO COMPLETA DO ORGANISMO MICROCÓSMICO E O GRANDE SALTO. QUALQUER OUTRA FORMA QUE ADOTE O LOGOS KUNDALINI, POR MAIS EXCELSA OU "DIVINA" QUE APARENTE SER, POR EXEMPLO, A GRANDE MÃE, BRAHMA, VISHNU, JEOVÁ, OU UM ANIMAL SAGRADO COMO O ELEFANTE, O CARNEIRO, O CERVO, ETC., CAUSARÁ UM RESULTADO MUITO DIFERENTE AO BUSCADO PELO OBJETIVO INICIÁTICO DO YOGA: O LOGOS KUNDALINI, SOB TAIS FORMAS, SE COMPORTARÁ NO ORGANISMO COMO UM "MITO AUTÔNOMO", COMO A MANIFESTAÇÃO LOCAL DE UM ARQUÉTIPO DOMINANTE; VALE DIZER: TENTARÁ SITUAR-SE FRENTE AO SUJEITO ANÍMICO PARA FAGOCITÁ-LO E ASSUMIR O CONTROLE DO MICROCOSMO; MAS NÃO O FARÁ PARA ELEVAR O SUJEITO NO "GRANDE SALTO" SENÃO PORQUE DESEJA PERMANECER NO MICROCOSMO TRANSFORMADO EM "MITO VIVENTE", EM UM ANTIGO DEUS RESSUSCITADO, EM AVATAR OU MESSIAS, ETC. NESTES CASOS, EM LUGAR DA TRANSMUTAÇÃO ORGÂNICA CONFORME O ARQUÉTIPO MANU, O LOGOS KUNDALINI FACULTA A CAPTURA DO ORGANISMO POR UM ARQUÉTIPO PSICOIDE, O QUAL O INTEGRARÁ NA SUPERESTRUTURA DE UMA CULTURA EXTERNA E O EMPREGARÁ PARA FAVORECER O OBJETIVO MACROCÓSMICO DA FINALIDADE DO PASU. TUDO ISTO É CONHECIDO PELOS GURUS DO KUNDALINI YOGA, SÁBIOS DA KALACHAKRA, OS QUAIS

PROJETAM MUITAS FORMAS SOBRE O GLOBO DE AKASA PARA CONSEGUIR DIFERENTES OBJETIVOS, MAS QUE SABEM MUITO BEM QUE “O GRANDE SALTO" SÓ SE CONSEGUE QUANDO O PRINCÍPIO PLASMADOR ADQUIRE A FORMA SERPENTINA, A CAPACIDADE DO DESÍGNIO SERPENTE.

Tudo quanto vimos até agora sobre o Logos Kundalini e o Kundalini yoga está nos demonstrando que a abertura, forçada ou natural, do globo de Akasa é um acontecimento da máxima importância no ciclo vital de um organismo microcósmico, uma vez que sua ocorrência tanto pode transmutar como destruir o gérmen microcósmico. Convém, pois, conhecer com mais profundidade o caráter deste fato. Isso poderá se conseguir se se compreende a correspondência analógica que a abertura do globo de Akasa microcósmico tem com um acontecimento semelhante do macrocosmo; podemos formular assim esta interrogação: que evento macrocósmico representa a abertura do globo de Akasa? Resposta: O MAHAPRALAYA.

O Mahapralaya é o fim, igual ao Princípio, do ciclo de Manifestação macrocósmica; a resposta nos permite inferir porque a transmutação imediata do organismo deve ser seguida de um "grande salto" que suprime todo processo evolutivo: no Mahapralaya só estão presentes o Princípio e o fim, SEM MOVIMENTO. Por outro lado, é evidente que o Mahapralaya macrocósmico significa a MORTE ORGÂNICA do macrocosmo: analogamente, a abertura do globo de Akasa significa uma "morte orgânica" do microcosmo, prévia à transmutação; é a "morte iniciática pelo yoga".

Uma fundamentação mais profunda da analogia entre a abertura do globo de Akasa e o Mahapralaya poderá se encontrar nas seguintes sentenças da Sabedoria Hiperbórea: DURANTE A MANIFESTAÇÃO, O VERBO DO DEMIURGO O UNO DEVE PERMANECER ISOLADO DO MACROCOSMO: SUA VOX DEU TERMO INDIVIDUAL A TODO O EXISTENTE E AINDA DESIGNA OS ENTES ATUAIS; MAS, APÓS O PRINCÍPIO, SUA VOX CONCORRE AOS ENTES PROCEDENTE DO OVO PRIMORDIAL: ATRAVÉS DO OVO, COMO UM SUSSURRO, SURGEM AS PALAVRAS DO DESÍGNIO, O LOGOS DEMIÚRGICO. O VERBO, ENCERRADO NO OVO PRIMORDIAL, É SEMELHANTE À VOZ DE UM ADORMECIDO SONHADOR: MAS UMA VOZ QUE, AO TRANSCENDER O MUNDO ONÍRICO e MANIFESTAR-SE FORA TORNASSE REALIDADE O CONTEÚDO DOS SONHOS, SEUS MAIS ABSURDOS PESADELOS. Até aqui é clara a analogia entre o Ovo Primordial e o globo de Akasa, entre o Aspecto Logos e o Logos Kundalini. Assim continuam as sentenças da Sabedoria Hiperbórea:

O OVO PRIMORDIAL HÁ DE PERMANECER INTACTO ATÉ O PRALAYA; SÓ QUANDO O MACROCOSMO ALCANCE SUA FINALIDADE ENTELEQUIAL O OVO SE ROMPERÁ E O VERBO FICARÁ LIVRE PARA PRONUNCIAR A ÚLTIMA PALAVRA, A DA DISSOLUÇÃO DE TODO O ÔNTICO EXISTENCIAL; O ASPECTO LOGOS PERMANECE NO OVO DESDE O PRINCÍPIO ATÉ O FINAL DO MACROCOSMO, PORQUE ELE É O PRINCÍPIO E O FINAL: TODO ENTE POR ELE VEIO À EXISTÊNCIA E TODO ENTE POR ELE RETORNARÁ AO NADA ORIGINAL; A RUPTURA DO OVO PRIMORDIAL E O MAHAPRALAYA SÃO UMA E A MESMA COISA; DA RUPTURA DO OVO PRIMORDIAL SAIRÁ O FOGO QUE CONSUMIRÁ O MACROCOSMO; UM FOGO QUE É A ESSÊNCIA DO LOGOS; UM LOGOS QUE É O VERBO DO UNO. A ruptura do Ovo Primordial é, pois, evidentemente análoga à ação que descrevemos como "abertura do globo de Akasa": isso nos sugere que essa "abertura" há de causar um verdadeiro PRALAYA MICROCÓSMICO, uma MORTE INICIÁTICA PELO YOGA. Naturalmente que tal morte iniciática é sucedida por uma "nova vida", quiçá pela imortalidade orgânica, do mesmo modo que ao Mahapralaya macrocósmico sucede a criação de um novo

macrocosmo, cujo ciclo vital se estenderá por outro Mahamanvantara. Mas essa possibilidade de "nova vida", colocada à disposição do iniciado sinarca, e que é considerada "milagrosa" por muitos mentecaptos, na realidade só beneficia o Demiurgo, uma vez que o organismo transmutado passa infalivelmente a ocupar seu lugar na Hierarquia Branca de Chang Shambala ou Grande Fraternidade Universal ou Sinarquia Internacional, etc. Com respeito às diferentes formas que pode adotar o Logos Kundalini ao manifestar-se fora do globo de Akasa, e sobre a inquietante possibilidade de que se manifeste por si mesmo e não por requerimento do sujeito-iogue, a analogia macrocósmica surge patente nas seguintes sentenças: MUITAS VEZES, DURANTE O MAHAMANVANTARA, POR MOTIVOS INCOMPREENSÍVEIS PARA O PASU, O UNO SENTIU A TENTAÇÃO DE ROMPER O OVO E SAIR COM SEU VERBO PLASMADOR; SEU DESEJO, NA VERDADE, VAI ALÉM DISSO: PORQUE, AO SAIR DO OVO, O VERBO ENCONTRAR-SE-IA EM UMA SITUAÇÃO DE TRANSCENDÊNCIA MACROCÓSMICA.... E O DESEJO DO UNO VISA QUE SEU VERBO INGRESSE NO MACROCOSMO SEM CAUSAR A DISSOLUÇÃO FINAL. PARA REALIZAR ESTE DESEJO, EM INCONTÁVEIS OCASIÕES O UNO ABRIU O OVO COMO SE FOSSEM AS VALVAS DE UMA CONCHA E SAIU AO EXTERIOR; TAMBÉM INGRESSOU NO MACROCOSMO E ATÉ SE FEZ VER E ADORAR PELOS ANIMAIS-HOMENS. COMO O FEZ, SEM CAUSAR AO MESMO TEMPO A DESTRUIÇÃO DO MACROCOSMO? REVESTINDO-SE, DENTRO DO PRÓPRIO OVO, COM UMA FORMA ADEQUADA, COLOCANDO UMA ROUPAGEM, ADQUIRINDO UM "ASPECTO", DE TAL MANEIRA QUE, AO SAIR, DITA FORMA LIMITASSE SEU PODER ÍGNEO E PROTEGESSE O MACROCOSMO. ASSIM, O UNO FOI ALGUMAS VEZES UM DEUS, UMA DEUSA, UM BAILARINO, UM PÁSSARO, ETC.

Q – O yoga sinárquico e o Tantra yoga.

Segundo se demonstrou, a prática do Kundalini yoga, ou de qualquer yoga que se proponha ao mesmo objetivo, pode causar o nefasto efeito de "liberar" o Logos Kundalini no canal ELIX. Isso se consegue abrindo o globo de Akasa e permitindo que o princípio plasmador TOME O CONTROLE DIRETO DA FUNÇÃO GERAL DO ORGANISMO MICROCÓSMICO. Já não será, então, a Palavra, a VOX do Logos Kundalini, senão o logos em pessoa quem percorrerá o canal ELIX e MENCIONARÁ COM SEU NOME ARQUETÍPICO ORIGINAL cada chakra, cada setor inato, cada órgão. Nesse caso, a situação é muito diferente à descrita em “L”, quando vimos a Palavra sustentar a todo custo o processo evolutivo dos órgãos acorde ao projeto dos esquemas hereditários, ainda que estes esquemas fossem imperfeitos. O Logos Kundalini, sob seu aspecto serpentino, pelo contrário, é capaz de transmutar o organismo microcósmico, sem levar em conta seu grau evolutivo: para isso, recria toda a sua estrutura até ajustá-la ao Princípio do Arquétipo Manu; consegue-se assim o "grande salto" do sujeito anímico, da alma, para o plano arquetípico, ao cabo do qual este se identifica com O Uno. Esta possibilidade nirvânica, vale a pena repetir, "que é considerada milagrosa por muitos mentecaptos, só beneficia o Demiurgo, uma vez que o organismo transmutado passa infalivelmente a ocupar seu lugar na Hierarquia Branca de Chang Shambala".

Com o Tantra yoga acontece o mesmo que com tudo o que, provindo originalmente da Sabedoria Hiperbórea, passou, na parte mais obscura do Kaly Yuga, a ser de domínio público, quer dizer, exotérico: a tais conhecimentos, impossíveis de suprimir nas culturas que os incorporaram e registraram coletivamente, a Sinarquia aplica as técnicas de "desinformação" e "mudança de significado". Como resultado disso, ao longo do tempo, os conhecimentos "proibidos"

vão desaparecendo da percepção coletiva e só sobrevivem como cadáveres embalsamados, as PALAVRAS, os NOMES, ou os SINAIS, que expressavam aquele saber; mas estes nomes já não remetem ao seu significado original, que expressava conceitos da Sabedoria Hiperbórea, senão a um SIGNIFICADO MUDADO, imposto pela Sinarquia, ou melhor, a algum significado SOBREPOSTO, para que possam ser muitos os sentidos equívocos agregados como CROSTA CULTURAL ao nome proibido. No inciso "O símbolo sagrado do virya" se estudará com detalhes a degradação dos símbolos sagrados, ou de seus nomes, e não convém antecipar aqui a explicação. O importante agora é compreender que o Tantra yoga ATUAL propõe o mesmo objetivo que o Kundalini yoga, vale dizer, é também um yoga sinárquico, MAS QUE ISSO NÃO FOI SEMPRE ASSIM: O TANTRA YOGA, COM EFEITO, É O CONHECIMENTO EXOTÉRICO, DESVIRTUADO PELA SINARQUIA, DE UM ANTIGO "YOGA HIPERBÓREO OCIDENTAL", ORIGINÁRIO DA ATLÂNTIDA. Portanto, ainda que suas PALAVRAS, NOMES E SINAIS expressem um significado equívoco e sinárquico para a compreensão atual, essas palavras, esses nomes e esses sinais, em um passado remoto, correspondiam às mais puras verdades da Sabedoria Hiperbórea: esse significado hiperbóreo é o que o virya deve restituir para conhecer os antigos Mistérios da Iniciação Hiperbórea, antes de rejeitar imediatamente, por repugnância ou incompreensão, os sistemas que resultaram vítimas da ação psicológica inimiga.

Só agregaremos, para orientar sobre a posição da Sabedoria Hiperbórea, uma breve referência histórica.

Os yogas são sistemas de conhecimentos iniciáticos que fazem possível, de diferentes modos, a transmutação do organismo microcósmico, o grande salto e, em consequência, A LIBERAÇÃO DA RODA DO KARMA: esta é a verdadeira finalidade do yoga; as "práticas de yoga", as "ginásticas respiratórias", a expressão de mantras e mudras, o controle orgânico pela concentração do sujeito anímico, etc., tão popularizados pela Sinarquia no ocidente, não são mais do que um aspecto exotérico e vulgar do yoga: sem as bases do conhecimento iniciáticos, tais práticas, desde já, carecem de efetividade transmutadora; naturalmente, a Sinarquia, e seus Mestres de Sabedoria ou Gurus reservam tal conhecimento esotérico só para aqueles que demonstram ser merecedores da iniciação sinárquica, quer dizer, aqueles que estão dispostos a adorar sem reservas o Uno, o Demiurgo, Brahma, Jeová-Satanás, Jesus, etc., ou qualquer outro aspecto ou aparência do Grande Enganador. Entretanto, apesar desta amplitude na filiação das "divindades", a custódia da Sabedoria do Yoga está em mãos de uma muito ciumenta seção da Hierarquia Branca. Com efeito, após o afundamento da Atlântida, a Hierarquia confiou à CASTA DOS BRAHMANES a custódia do conhecimento iniciático dos yogas, quer dizer, revelou a estes a CHAVE KALACHAKRA e os autorizou a outorgarem a iniciação sinárquica. Desde então, são eles, tanto no plano físico como no astral, que detêm e velam pela vigência da iniciação iogue.

Contudo, como a casta bramânica se encarregou de legislar a aplicação, na raça branca indo-ariana, do Código de Manu, que exige a separação da sociedade por COR DA PELE e sua organização em quatro castas, muitos viryas perdidos desinformados, cegos por um míope racismo biologista, acabaram acreditando que os Brâmanes não pertencem à Hierarquia Branca de Chang Shambala, ou, pelo menos, que não contribuem ao Plano da Sinarquia Internacional. Torpe ilusão na qual caíram estes racistas biologistas, ao supor que uma CASTA SACERDOTAL possa fazer outra coisa senão adorar o Uno! Mais adiante, veremos que a agrupação de Brâmanes em "CASTA" se remonta à Atlântida, onde os mesmos ESTAVAM SOB O DOMÍNIO DA CASTA KSHATRIYA: tal subordinação é lógica, uma vez que o KSHATRIYA, o guerreiro hiperbóreo, é um ser eminentemente ESPIRITUAL, um

reflexo do Espírito Hiperbóreo, enquanto o BRAHMAN, o sacerdote sinarca, é um ser eminentemente ANÍMICO, um reflexo do Arquétipo Manu. Após a catástrofe atlante, cuja produção não foi alheia à aliança entre os Brâmanes e os Siddhas Traidores, a situação se inverteu entre os sobreviventes, povos racialmente degradados e extremamente primitivos, que sucumbiram, salvo poucas exceções, à magia bramânica. Desde então, vemos uma humanidade confusa que se deixa guiar por eles, que acredita e aceita os Mitos e Arquétipos afirmados pelas castas sacerdotais de todas as épocas.

A casta Kshatriya, por outro lado, após a catástrofe atlante, tinha conservado, como herança dos seus antepassados Cro-magnon, grande parte da Sabedoria Hiperbórea: em especial, a casta guerreira conhecia o Mistério de A-mort, o segredo da queda original do Espírito Hiperbóreo; tal segredo permitia a prática de uma iniciação nupcial durante a qual se aproveitava o poder plasmador do Logos Kundalini, em benefício de uma via secreta de liberação da Sabedoria Hiperbórea: este era o "Yoga Ocidental" do qual se derivaria, após uma tremenda degradação cultural, o Tantra yoga, do qual conhecemos atualmente algumas variantes exotéricas. Como se explicará no inciso "Possibilidades da via tântrica", o OBJETIVO HIPERBÓREO DO TANTRA YOGA consiste em reverter a MEMÓRIA DO SANGUE até o momento do encadeamento espiritual, até dar com A PRIMEIRA RECORDAÇÃO ASSENTADA NO SÍMBOLO DA ORIGEM; esta recordação corresponde, como é natural, ao GRANDE ANTEPASSADO HIPERBÓREO: seu conteúdo é a imagem do Espírito Hiperbóreo, no momento de se consumar a Traição Branca e ser encadeado à evolução dos organismos microcósmicos; SÓ QUANDO SE RESGATOU ESTA IMAGEM DA PROFUNDIDADE DA MEMÓRIA DO SANGUE, É QUE SE ATREVERÁ O INICIADO HIPERBÓREO, OU "SADHAKA", A ALTERAR O GLOBO DE AKASA; MAS NÃO TENTARÁ ABRIR POR SI MESMO O GLOBO DE AKASA PARA LIBERAR O LOGOS KUNDALINI, TAL COMO PROPÕE O YOGA SINÁRQUICO; NEM SEQUER PROJETARÁ SOBRE ELE A IMAGEM SERPENTINA OU QUALQUER OUTRA.

O YOGA OCIDENTAL BASEIA-SE EM DOIS PRINCÍPIOS ATIVOS FUNDAMENTAIS: A PRESENÇA VOLITIVA DO EU E A COLABORAÇÃO DE UMA MULHER HIPERBÓREA, QUER DIZER, UMA MULHER VIRYA. O EU SERÁ, DESTA VEZ, QUEM SE REVESTIRÁ; E O FARÁ COM A FORMA DO GRANDE ANTEPASSADO HIPERBÓREO, ATO QUE CONSTITUI A REORIENTAÇÃO DEFINITIVA PARA A ORIGEM.... ALÉM DE UM "REENCONTRO" COM O ESPÍRITO, ANSIADO DURANTE MILHÕES DE ANOS. A MULHER HIPERBÓREA SERÁ QUEM, NO CURSO DO ATO SEXUAL, OU MAITHUNA, PROJETARÁ SOBRE O GLOBO DE AKASA DO SADHAKA A FORMA DE "LILLITH", A COMPANHEIRA GUERREIRA DO ESPÍRITO HIPERBÓREO; A PROJEÇÃO DE LILLITH ROMPERÁ O GLOBO E FORMARÁ O LOGOS KUNDALINI: O ROMPERÁ PORQUE LILLITH DANÇARÁ SOBRE O GLOBO DE AKASA AS RUNAS DA MORTE; E FORMARÁ O LOGOS KUNDALINI PORQUE O CONTERÁ EM SI, QUANDO ESTE SE MANIFESTE FORA DO GLOBO. ESTA AÇÃO "EXTERIOR" DA MULHER HIPERBÓREA TEM A MISSÃO DE INCORPORAR "DENTRO" DO VIRYA A IMAGEM DO ESPÍRITO HIPERBÓREO FEMININO, IMAGEM QUE FOI ESQUECIDA DURANTE MILHÕES DE ANOS DE CONFUSÃO E QUE FAZ PARTE INSEPARÁVEL DO MISTÉRIO DA QUEDA. É ENTÃO, QUANDO LILLITH REVIVE DENTRO, QUE SE CONSUMA O CASAMENTO MÁGICO, A CERIMÔNIA DE REORIENTAÇÃO ESPIRITUAL E TRANSMUTAÇÃO ORGÂNICA, REALIZADA SOBRE O LEITO NUPCIAL DO SANGUE PURO. MAS, DESSA "TRANSMUTAÇÃO" O SADHAKA NÃO RESULTARÁ CONVERTIDO EM MANU, SENÃO EM GUERREIRO HIPERBÓREO, EM SIDDHA IMORTAL.

Como se vê, o Yoga Ocidental não tem nada a ver com o yoga sinárquico e, se o Tantra yoga não tivesse sido degradado culturalmente pela Estratégia Psicossocial da Sinarquia, tampouco teria pontos de contato com a ciência de Chang Shambala. Isto ficará ainda mais claro no inciso "Possibilidades da via tântrica", onde se exporá uma versão atualizada do antigo Ritual dos Cinco Desafios, quer dizer, do ritual iniciático e guerreiro do Yoga Ocidental.

R – Estudo analógico do "objetivo hiperbóreo" do Tantra yoga.

Não precisamos insistir demasiadamente em que a Sinarquia mudou, até onde pôde, o significado do Yoga Ocidental: isso está à vista no Tantra Yoga e será evidente para quem o analise baseando-se nos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. O maior peso da desinformação, como é lógico, abateu-se sobre os DOIS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO TANTRA YOGA: O "EU" E A MULHER HIPERBÓREA. O Eu foi reduzido a uma mera ilusão anímica, a um sujeito egoísta e desprezível, ao qual se deve destruir a todo custo, antes de alcançar o nirvana, a união com O Uno. A Mulher Hiperbórea, e o Espírito Hiperbóreo feminino, foi equiparada à SHAKTI terrestre, quer dizer, ao Aspecto feminino do Demiurgo, ou a algum PAR ARQUETÍPICO dos Deuses-Arquétipos. Com estas mudanças, o Tantra yoga difere muito pouco dos yogas sinárquicos e, de fato, existem muitas "escolas" sinárquicas de "Tantra yoga", dirigidas por membros da Hierarquia Branca.

Hoje em dia, é quase impossível resgatar o Tantra yoga como sistema ou via de liberação apta para o virya ocidental, não obstante isso, descrever-se-á no inciso "Possibilidades da Via Tântrica" como deveria ser uma iniciação tântrica ocidental; não nos deteríamos, pois, em maiores explicações, a não ser por uma circunstância particular. Trata-se da CONFUSÃO que alguns viryas demonstram, quando se referem ao OBJETIVO HIPERBÓREO DO TANTRA YOGA, sem perceber a mudança de significado causado pela Estratégia inimiga: CONCRETAMENTE, ESTES VIRYAS DALTÔNICOS IDENTIFICAM O OBJETIVO HIPERBÓREO DO TANTRA YOGA COM A FINALIDADE DO KUNDALINI YOGA, QUER DIZER, COM O GRANDE SALTO; MAS TAL CONFUSÃO NÃO É CASUAL, SENÃO INDUZIDA NAS MENTES FRACAS PELA PODEROSA VONTADE DOS SIDDHAS TRAIDORES E SEUS SEQUAZES DA CASTA BRAMÂNICA.

Com o antecedente de tudo o que foi visto até aqui, há de nos custar muito pouco para esclarecer a confusão. E o faremos, mediante duas representações gráficas analógicas, mas antes vamos expor em que consiste a confusão mencionada.

No artigo anterior, explicou-se que "o OBJETIVO HIPERBÓREO DO TANTRA YOGA consiste em remontar a MEMÓRIA DO SANGUE até o momento do encadeamento espiritual, até dar com A PRIMEIRA RECORDAÇÃO ASSENTADA NO SÍMBOLO DA ORIGEM". Este objetivo recebe na Sabedoria Hiperbórea a denominação sintética de "REGRESSO À ORIGEM". Mas o "grande salto", proposto como a finalidade do Kundalini yoga, é um "REGRESSO AO PRINCÍPIO" do Arquétipo Manu.

Com algumas variantes, pode-se afirmar que aqui se encontra o núcleo de todas as confusões semelhantes entre o objetivo hiperbóreo e o objetivo sinárquico: PORQUE O "REGRESSO À ORIGEM" É O REGRESSO AO SÍMBOLO DA ORIGEM, AO MOMENTO EM QUE O SÍMBOLO DA ORIGEM FOI PLASMADO NO SANGUE TRANSMUTADO DO VIRYA; ESSE FATO, A APLICAÇÃO DA CHAVE GENÉTICA, OCORREU MILHÕES DE ANOS APÓS O PASU JÁ EXISTIR SOBRE A TERRA, COMO PRODUTO DE UMA LONGA EVOLUÇÃO FILOGENÉTICA; QUER DIZER, ESSE FATO, A PLASMAÇÃO GENÉTICA DO SÍMBOLO DA ORIGEM, OCORREU MUITO DEPOIS DO "PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU";

ASSIM, POIS, ESTE "PRINCÍPIO", AO QUAL VISA O GRANDE SALTO, NÃO COINCIDE ABSOLUTAMENTE COM A ORIGEM DO EU, BUSCADA PELO TANTRA YOGA.

A única coisa idêntica entre ambos os objetivos iogues é a palavra "regresso" ou, em outros idiomas, a ideia de "regressão" ou "movimento inverso ao sentido da lei de evolução"; entretanto, isso basta para que o significado do objetivo sinárquico se atribua ao objetivo hiperbóreo, e se pretenda que a liberação espiritual provém de uma regressão até o Princípio do Arquétipo Manu, ideia absurda cuja execução imprudente representa um suicídio espiritual para o virya perdido.

Como a confusão é muito frequente entre viryas que pretendem conhecer, também, os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, convém aprofundar sobre a natureza de suas motivações e dar por certo que existe uma conspiração sinárquica para causar o erro. O problema é: se o virya conhece a existência da Sinarquia, seu controle oculto pela Hierarquia Branca de Chang Shambala, e o fato de que esta responde em tudo aos Planos do Uno; e, por outro lado, se o virya intuiu sua Origem Hiperbórea, experimentou a reminiscência da MINNE, ou a Canção de A-mort dos Siddhas Leais, enfim, se se sente prisioneiro deste mundo e deseja regressar à liberdade infinita do Espírito Eterno, como pode acreditar o virya que isso poderá conseguir remontando-se até o Princípio do Arquétipo, até O Uno? Como pode acreditar que Aquele que o mantém na escravidão da matéria lhe concederá algum dia a liberdade? Como pode acreditar que a liberação do Espírito do seu encadeamento material poderá ser conseguida sem lutar, sem combater contra os Siddhas Traidores, a Hierarquia Branca, O Uno e todos quantos haverão de se interpor em seu caminho de regresso à Origem? Como pode, enfim, acreditar que obterá a liberdade infinita, apenas efetuando um grande salto PACÍFICO para o Princípio? Estas crenças revelam, sem dúvida, uma grande ingenuidade e uma perigosa confusão estratégica. E, entretanto, não são poucos os viryas daltônicos que se dirigem ao Princípio em busca da liberdade espiritual: trata-se, como se vê, de um perigoso erro que causa, na maioria dos casos, a morte espiritual do virya, o eclipse de seu Eu, por "escoamento do Símbolo da Origem".

Mas ainda falta a Resposta: Parece ser que o que impressiona o virya daltônico, e o que o cega, é a preeminência da ideia de REGRESSO sobre o lugar ao qual se deseja regressar. Por isso, não vê com clareza a diferença entre regresso à Origem e regresso ao Princípio; há como que uma exaltação do regresso pelo próprio regresso, que deixa sem resolver o problema da meta visada: se no final do caminho de regresso encontra-se efetivamente a saída para a liberdade do espírito ou uma maior e mais terrível desorientação. Mas este erro não carece de motivação hiperbórea: o virya perdido, em que pese a tudo, atreve-se a assumir uma atitude gnóstica, considera LUCIFÉRICA a decisão de opor-se à lei de evolução, de marchar contra ela; mas, ao não poder precisar com clareza o objetivo dessa marcha, acaba outorgando preeminência à própria marcha, ao fato de TRANSITAR INVERSAMENTE AO SENTIDO DA LEI DE EVOLUÇÃO; e é então quando ocorre a confusão com a finalidade do yoga sinárquico: PORQUE ESSA FINALIDADE CONSISTE EM "TRANSITAR INVERSAMENTE AO SENTIDO DA LEI DE EVOLUÇÃO", EM UM GRANDE SALTO PARA O PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO. O perigo desta confusão não se faz patente ao virya, porque ele "se sente luciférico só pelo fato de marchar contra a lei de evolução, de regressar", ainda que esse regresso para O Uno signifique finalmente sua completa perdição.

O virya daltônico sente-se "luciférico" ao decidir regressar e toda sua força volitiva a concentra na marcha, ingenuamente, talvez por torpe orgulho, talvez por ira, mas sem determinar previamente a situação da meta final. Do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, tal cegueira é produto da CONFUSÃO ESTRATÉGICA, pois

a confusão apontada procede, justamente, de um ERRO ESTRATÉGICO. Mais claramente: toda "Estratégia" é um meio parta alcançar um fim claramente postulado; não há Estratégia possível sem declarar de antemão os fins e objetivos visados, pois a Estratégia consiste no planejamento do melhor modo para alcançar tais metas: se o objetivo é claro, e a Estratégia é o projeto de um plano operacional adequado para consegui-lo, o desenvolvimento, a execução, a MARCHA, será certamente coroada pelo êxito; mas se o objetivo é confuso, não claramente definido, não há maneira segura de planejar sua concretização: a MARCHA será, então, errática, desorientada, extraviada, condenada ao fracasso; o que marcha sem saber onde vai, o virya perdido, gnosiologicamente daltônico, demonstra abertamente sua confusão estratégica, ainda que acredita que a decisão de marchar em sentido inverso à lei de evolução o torna automaticamente "luciférico".

Estes esclarecimentos são oportunos, pois A PROPOSTA ESOTÉRICA DO TANTRA YOGA É UMA COMPLETA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA: UMA ESTRATÉGIA NA QUAL O OBJETIVO DECLARADO CHAMA-SE "ORIGEM", O SÍMBOLO DA ORIGEM; O OBJETIVO QUE SE SITUA EM UM PONTO EXATO DO PASSADO DO VIRYA; UM PASSADO AO QUAL SE REGRESSA TOMANDO O CAMINHO INVERSO DO SANGUE PURO; UM CAMINHO BASEADO NA MEMÓRIA DO SANGUE. A ESTRATÉGIA HIPERBÓREA CONSISTE EM PLASMAR E ASSEGURAR ESSE REGRESSO À ORIGEM, EM MOSTRAR AO EU O CAMINHO CERTO PARA A RECORDAÇÃO DO SANGUE: UMA ESTRATÉGIA TAL É, POR EXEMPLO, O "RITUAL DOS CINCO DESAFIOS" DO TANTRA YOGA, QUE DESCREVEREMOS EM OUTRO INCISO; OUTRA ESTRATÉGIA SEMELHANTE É A "VIA DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA" QUE DOMINAM OS CAVALHEIROS TIRODAL.

Em resumo, podemos afirmar que, ainda que ambos os objetivos exijam um "regresso", um "marchar no sentido inverso à lei de evolução", só o objetivo hiperbóreo do Tantra yoga, o "regresso à Origem", permite formular uma Estratégia Hiperbórea, uma via aberta para conseguir a liberação do Espírito cativo. Mas, naturalmente, tal via só pode ser transitada "com as armas na mão e gelo no coração", por aqueles que não temam avançar no meio do combate e que não estejam dispostos a retroceder, a menos que a tática assim o requeira: NA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA, O COMBATE É UM ELEMENTO ESSENCIAL, PORQUE SUA EXECUÇÃO CORRE POR CONTA DO KSHATRIYA, DO GUERREIRO HIPERBÓREO, DO VIRYA ESPIRITUAL. Tudo ao contrário do objetivo sinárquico, que em um "grande salto" metafísico faculta a fagocitação do sujeito anímico por parte do Princípio do Arquétipo Manu: não há luta aqui, e é claro que tampouco "Estratégia", porque esta via de "regresso ao Princípio" é própria do pasu, do animal-homem filho do Demiurgo, o qual o adora servilmente e só deseja refundir-se n'Ele. Quem não saiba perceber estas diferenças, mesmo que se ache "luciférico" porque decidiu "regressar", marchando no sentido inverso à lei de evolução, não é mais do que um virya perdido, em grave perigo: SUA ÚNICA POSSIBILIDADE DE SALVAÇÃO, ANTES DE SER DESTRUÍDO PELO UNO, É DETER A MARCHA ÀS CEGAS, VALE DIZER, CONCENTRAR O EU EM UM LUGAR FIXO E FORTALECÊ-LO COM VONTADE GRACIOSA; EXPERIMENTAR, DALI, A RECORDAÇÃO DA ORIGEM E LOCALIZAR, POR SEU INTERMÉDIO, A DIREÇÃO DO SÍMBOLO DA ORIGEM; ASSIM, REORIENTADO, E FORTALECIDO, O EU PODERÁ ENTÃO EXECUTAR UMA VERDADEIRA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA: UM TRÂNSITO SEGURO DE REGRESSO À ORIGEM, APÓS INTERNAR-SE NA MEMÓRIA DO SANGUE E REVERTER, INVERSAMENTE, SEU PROCESSO EVOLUTIVO.

Tudo isto pode ser sintetizado graficamente, mediante um modelo analógico, tal como o das figuras 71 e 72.

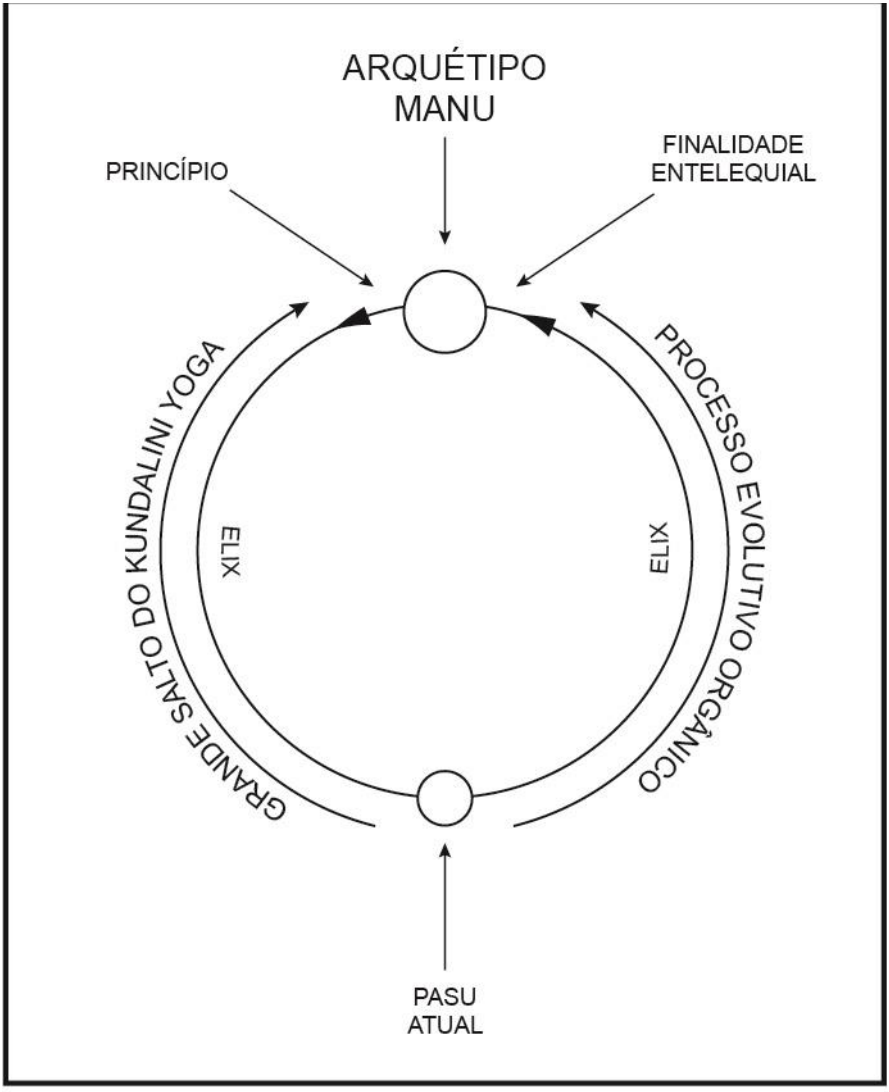


FIGURA 71

Para começar, observemos a figura 71: na parte superior, simbolizado por um círculo maior, encontra-se o Arquétipo Manu, e na parte inferior, com um círculo menor, sua manifestação individual: o pasu atual. A função contínua do progresso

evolutivo, o caminho de ELIX, está representado completamente por uma linha circular que parte da esquerda do Arquétipo Manu e regressa a ele pela direita; ainda que o traço cheio da circunferência ELIX não permita observar, há que se supor que se trata de uma espiral contínua, mas enrolada de tal modo que se assemelha a um anel compacto: um anel cuja secção é, justamente, a circunferência ELIX.

Mas a circunferência ELIX está ORIENTADA, como o demonstram as setas que exibe no Princípio e no final: o sentido dessa orientação é acorde com a "escala gradual de momentos progressivos", quer dizer, expressa a direção do processo evolutivo, visa a finalidade entelequial. É claro, na figura 70, que o Princípio e o final do processo evolutivo do pasu é o próprio Arquétipo Manu. Entretanto, o sentido da evolução impulsiona o pasu para a finalidade entelequial, tal como o indica a seta curva da direita, intitulada "processo evolutivo orgânico": esta seta indica que o pasu, entregue à inércia do processo evolutivo, dirige-se infalivelmente para a finalidade entelequial. Pelo contrário, a seta curva da esquerda, assinala o sentido inverso do "grande salto" proposto pelo Kundalini yoga: é evidente, pois, que o grande salto implica em uma INVERSÃO DO SENTIDO DO PROCESSO EVOLUTIVO ou, se se quer, um REGRESSO AO PRINCÍPIO.

Na figura 71, resumindo, representaram-se as possibilidades do destino do pasu: ou evoluir até a finalidade entelequial e adquirir a autonomia ôntica, seta da direita, ou "regressar" para o Princípio mediante um "grande salto", transmutar o organismo, e identificar-se com O Uno, seta da esquerda.

Consideremos agora o caso do virya, o homem semidivino que possui em sua Memória do Sangue o Símbolo da Origem, ao qual se encadeia o Espírito. Na figura 72, representou-se o virya atual, mediante um círculo menor na parte inferior da circunferência ELIX, onde antes se encontrava o pasu individual: isto indica que o virya é um pasu transmutado pelo Símbolo da Origem e que, por confusão e desorientação espiritual, continua evoluindo para a finalidade entelequial própria do pasu; para isso, se aproveita a força volitiva do Eu perdido. O Símbolo da Origem, como em outras figuras, simbolizou-se por uma linha côncava que representa seu perfil (TAU).

Sobre a circunferência ELIX, entre o Princípio do Arquétipo Manu e o momento atual do virya, quer dizer, em seu passado, assinalou-se com uma linha côncava o momento em que a chave genética dos Siddhas Traidores introduziu o Símbolo da Origem na Memória do Sangue do pasu e o transmutou em virya perdido: PARA ESSE MOMENTO ESPECÍFICO VISA A "REGRESSÃO" DO TANTRA YOGA, tal como o indica a seta curva da esquerda. E FICA CLARO AGORA QUE, APESAR DE O REGRESSO À ORIGEM E O REGRESSO AO PRINCÍPIO REQUEREREM MARCHAR INICIALMENTE NA MESMA DIREÇÃO INVERSA, TRATA-SE DE DOIS OBJETIVOS ABSOLUTAMENTE DIFERENTES E INCONFUNDÍVEIS: PARA CONSEGUIR SUA LIBERAÇÃO ESPIRITUAL O VIRYA DEVE NECESSARIAMENTE EMPREENDER UM CAMINHO DE REGRESSO; MAS ESTE REGRESSO SE DETÉM EM UM PONTO DO PASSADO MUITO DISTANTE DO PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU. QUEM COMPREENDA ESTA DIFERENÇA SERÁ UM VIRYA VERDADEIRAMENTE LUCIFÉRICO, POIS ESTARÁ EM CONDIÇÕES DE APRESENTAR UMA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA PARA REGRESSAR À ORIGEM E JAMAIS CAIRÁ NO ERRO FATAL DE TENTAR O GRANDE SALTO PARA O PRINCÍPIO.

S – O "PONTO TAU".

Vimos que, em um determinado "momento" do processo evolutivo do pasu, por efeito da chave genética, fica incorporado o Símbolo da Origem na memória do sangue: "nesse momento" se produz a transmutação do pasu em virya, do animal-

homem em homem semidivino; a partir “desse momento”, o Espírito Hiperbóreo permanece encadeado no seio do sujeito consciente do virya, manifestando-se como Eu perdido sobre os pontos tetrarque do caminho LABRELIX. É evidente, pois, que “nesse momento” há de se ter gerado O PRIMEIRO TETRARQUE do caminho LABRELIX, o instante em que o Eu perdido se refletiu pela primeira vez e se encontrou extraviado na temporalidade imanente e correlativa do sujeito consciente. Esse momento, onde necessariamente se detém a regressão do Tantra yoga, É O INSTANTE-ORIGEM PROPRIAMENTE DITO, QUE A SABEDORIA HIPERBÓREA DENOMINA “PONTO TAU”.

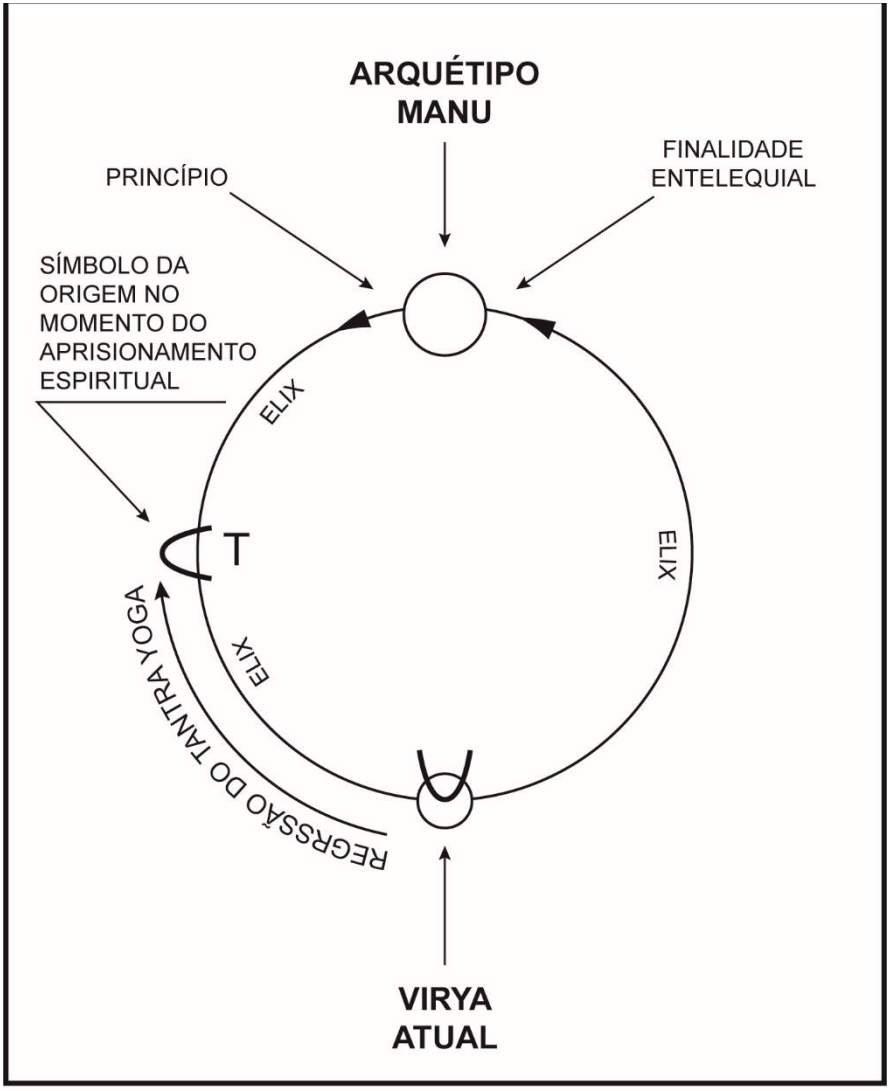


FIGURA 72

Com outras palavras: O REGRESSO À ORIGEM CONSISTE EM LOCALIZAR O PONTO TAU NA MEMÓRIA DO SANGUE: NO PONTO TAU ENCONTRA-SE O PRIMEIRO TETRARQUE E O SÍMBOLO DA ORIGEM. EM CONSEQUÊNCIA, TODA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA OU VIA DE LIBERAÇÃO ESPIRITUAL CULMINA NO PONTO TAU. Na figura 72, a linha côncava que representa ao perfil do Símbolo da Origem se assinalou com a letra grega TAU

maiúscula, pois, “nesse momento” do processo evolutivo, encontra-se o “PONTO TAU”.

T – O conceito de “imortalidade” no yoga sinárquico e no Tantra yoga.

Ao cumprir-se o objetivo do Kundalini yoga, a serpente Kundalini efetua o trânsito inverso pelo canal ÉLIX e se dirige para o Princípio: durante esse trânsito, seu poder plasmador atua sobre o organismo microcósmico e ajusta suas funções conforme o Arquétipo Manu. A essa operação recriadora, produto do princípio plasmador, denominamos TRANSMUTAÇÃO ORGÂNICA. O que vamos destacar aqui é que, para todo yoga sinárquico, a transmutação orgânica implica na IMORTALIDADE.

Mas esta "imortalidade" não é um conceito simples: com tal vocábulo, o iniciado sinarca alude tanto à imortalidade “física” como "astral". A primeira consiste na transmutação orgânica propriamente dita, que forma o microcosmo de acordo ao Princípio do Arquétipo Manu e o dota de "AUTONOMIA ÔNTICA PRINCIPIAL”: o corpo físico do pasu, o organismo microcósmico, ou microcósmico potencial, passa a ser, assim, a manifestação MICROCÓSMICA do Princípio, seu ato. Igual à autonomia ôntica entelequial, a autonomia ôntica principial situa o microcosmo fora das determinações do espaço e do tempo: semelhante estado implica, desde já, NA SUSPENSÃO DO CICLO VITAL DO GÉRMEN MICROCÓSMICO. Com outras palavras, a autonomia ôntica principial supõe a DETENÇÃO do ciclo vital e a permanência do organismo em um estado de perfeição arquetípica, estado que foi alcançado não por culminação do processo evolutivo, senão por efeito do "grande salto".

Esta detenção do ciclo vital, que permite ao microcosmo permanecer indefinidamente E ATUAR no macrocosmo, é a propriedade dos iniciados sinarcas, que eles qualificam como "imortalidade física".

A segunda acepção da palavra "imortalidade", isto é, a "imortalidade astral", refere-se à SUSPENSÃO DO PROCESSO EVOLUTIVO ANÍMICO, à PERMANÊNCIA DO "CORPO DUPLO" OU "ASTRAL" EM UM ESTADO DE PERFEIÇÃO ARQUETÍPICA QUE LHE PERMITE ATUAR INDEFINIDAMENTE NO MUNDO ASTRAL. Tal estado se consegue igualmente durante a iniciação sinárquica do Kundalini yoga, empregando o poder plasmador da serpente Kundalini para CRIAR um corpo duplo arquetípico sobre a base anímica da mônada humana: a alma, assim formada, cessa seu processo evolutivo e se mantém como "corpo astral imortal". Todos os iniciados sinarcas da Hierarquia Branca, estejam encarnados ou não, possuem um corpo astral imortal: ISSO LHES PERMITE, SE O DESEJAM, ANIMAR UM ORGANISMO MICROCÓSMICO MORTAL, quer dizer, um corpo que, após o iniciado ter "cumprido sua missão", será entregue à desintegração orgânica.

Feita a descrição da imortalidade obtida com o yoga sinárquico, vamos avaliar seus verdadeiros alcances, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea.

Com tal perspectiva, podemos afirmar que a imortalidade física ou astral é só uma ILUSÃO, um conceito subjetivo cuja realidade baseia-se na essência de MAYA: ESTA AFIRMAÇÃO SE COMPRENDERÁ MELHOR SE ESCLARECEMOS QUE TODOS OS "IMORTAIS" DA HIERARQUIA TERÃO QUE MORRER EFETIVAMENTE, AO CUMPRIR-SE O CICLO MACROCÓSMICO, QUER DIZER, QUANDO SOBREVENHA O PRALAYA.

Paradoxalmente, os iniciados imortais estão condenados a morrer. O que significa isto? Resposta: Que se imortalidade significa "sobrevivência física ou astral ALÉM DA MORTE", entendida esta como a culminação do ciclo vital ou evolutivo, então os iniciados sinarcas são realmente “imortais"; mas, se por imortal se entende "aquele que não morre nunca", então os iniciados sinarcas não são realmente

imortais, uma vez que a sua vida anímica terá um fim fatal, ao concretizar-se a dissolução macrocósmica. O iniciado sinarca, que alcançou o estado de imortalidade física ou astral, costuma acreditar subjetivamente que escapou das leis cíclicas; que está além de toda regressão ou decadência; que permanecerá indefinidamente independente do espaço e do tempo, etc.; tais crenças são produto da ILUSÃO DA AUTONOMIA ÔNTICA, PRINCIPIAL OU ENTELEQUIAL: na verdade, A SUSPENSÃO DO CICLO VITAL, OU DO PROCESSO EVOLUTIVO, NÃO IMPLICA NA "SUSPENSÃO DE TODO CICLO", SENÃO A SUBSTITUIÇÃO DO PERÍODO MICROCÓSMICO PELO PERÍODO MACROCÓSMICO. Isto é lógico, já que a autonomia ôntica consiste na identificação do organismo microcósmico com o Arquétipo Manu, QUEM ESTÁ SUJEITO AO CICLO MACROCÓSMICO: o Arquétipo Manu, como todo Arquétipo ou ser universal, é UMA FUNÇÃO DO MACROCOSMO, uma PROPRIEDADE ESSENCIAL deste e não algo alheio ou independente de sua organicidade; a desintegração do macrocosmo no Pralaya ou Mahapralaya inclui a dissolução do plano arquetípico e do seu conteúdo universal.

Em síntese, a imortalidade do iniciado sinarca consiste na substituição do limite microcósmico de seu ciclo vital pelo limite macrocósmico característico do Arquétipo Manu: tal substituição é o efeito da identificação do microcosmo e o Arquétipo Manu causada pela concretização do objetivo do Kundalini yoga, quer dizer, pelo "grande salto" com que a serpente Kundalini regride o sujeito anímico ao Princípio do Arquétipo Manu. O INICIADO SINARCA SERÁ "IMORTAL", ENTÃO, ENQUANTO DURE O MACROCOSMO, QUER DIZER, DURANTE O MANVANTARA OU MANIFESTAÇÃO DO UNO.

É tão subjetivo este conceito sinárquico da imortalidade que, à raiz do encadeamento da Hierarquia planetária com Hierarquias solares, galácticas ou cósmicas, existem iniciados "imortais" com diferentes graus de probabilidade de sobrevivência: há, assim, iniciados que são imortais "no sistema solar" ou "na galáxia", ou em tal ou qual constelação, etc.; vale dizer, iniciados cuja sobrevivência está ligada ao ciclo de duração do sistema solar ou da galáxia, e que morrerão por fim, acompanhando a dissolução desses sistemas. O Pralaya, o fim do ciclo de manifestação do Demiurgo, assinala o fim da "imortalidade" dos iniciados sinarcas, em um planeta, sistema solar ou galáxia; o Mahapralaya, dissolução completa do macrocosmo, fim do universo material, assinala o fim de toda hierarquia dévica. Além deste limite, que é uma morte real e definitiva de toda vida anímica, não passa ninguém, SALVO O UNO, SINTETIZADO NOVAMENTE COMO MÔNADA PRIMORDIAL: SEU REFLEXO, O MACROCOSMO, SE DESINTEGRARÁ NO NADA DO PRALAYA.

O Yoga Ocidental, do qual deriva o Tantra yoga, jamais propôs como objetivo nada semelhante ao conceito de imortalidade que expusemos.

Para o Tantra yoga, como para qualquer outra via hiperbórea de liberação, o objetivo declarado é o regresso à Origem, o desencadeamento do Espírito, sua reorientação estratégica, sua inversão, e a liberdade absoluta da eternidade. Entretanto, na Estratégia adotada para localizar e alcançar o ponto Tau, PODE ESTAR CONTEMPLADA A POSSIBILIDADE DE TRANSMUTAR O MICROCOSMO OU A CRIAÇÃO DE UM CORPO ASTRAL: ISSO O FARÁ O SADHAKA, DESDE JÁ, NÃO IDENTIFICANDO O MICROCOSMO COM O PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO MANU, SENÃO PLASMANDO A FORMA DO LOGOS PLASMADOR, DE KUNDALINI, COM A IMAGEM DE LILLITH E CONSUMANDO NO SANGUE O MATRIMÔNIO MÁGICO DO GRANDE ANTEPASSADO HIPERBÓREO; para isso deverá contar, segundo se adiantou, com o concurso de uma mulher kaly. O certo é que, segundo o conceito sinárquico, a transmutação obtida pelo iniciado hiperbóreo o torna também "imortal", ainda que a forma permanente do organismo ou do corpo

astral não forme absolutamente o Arquétipo Manu. Não há que insistir em que semelhante equiparação do conceito sinárquico de imortalidade à transmutação tântrica é uma fonte inesgotável de confusões e erros, toda vez que a Sabedoria Hiperbórea sustenta um conceito egóico da imortalidade iniciática. Faz-se necessário, pois, um rigoroso esclarecimento a respeito.

PARA A SABEDORIA HIPERBÓREA, NEM A TRANSMUTAÇÃO SINÁRQUICA NEM A TRANSMUTAÇÃO TÂNTRICA PRODUZEM CORPOS IMORTAIS, SEJAM ESTES ORGANISMOS FÍSICOS OU ASTRAIS: A SUBSTITUIÇÃO DO LIMITE FINAL MICROCÓSMICO PELO LIMITE MACROCÓSMICO DO PRALAYA, POR MAIS DISTANTE QUE ESTE SE ENCONTRE NO FUTURO, NÃO BASTA PARA QUALIFICAR DE "IMORTAL" UM CORPO ANIMADO. PELO CONTRÁRIO, É CERTO QUE TAIS "CORPOS IMORTAIS" SERÃO CADÁVERES AO SOBREVIR O PRALAYA: CADÁVERES FÍSICOS OU CADÁVERES ASTRAIS, DESPOJOS MATERIAIS NO FIM DO CICLO MACROCÓSMICO, A MORTE ABSOLUTA DA VIDA MANIFESTADA, POR DESINTEGRAÇÃO E DISSOLUÇÃO ABSOLUTA DE TODA FORMA.

PARA A SABEDORIA HIPERBÓREA, POR FIM, TODO CORPO ORGÂNICO OU ASTRAL É SÓ UM CADÁVER FUTURO, POR MAIS ANIMADO QUE SE ENCONTRE NA ATUALIDADE ILUSÓRIA DO TEMPO TRANSCENDENTE.

AINDA QUE TAL CORPO TENHA SIDO TRANSMUTADO PELO TANTRA YOGA, OU OUTRA VIA HIPERBÓREA, JAMAIS CONCEDE VALOR À SOBREVIVÊNCIA DO CICLO VITAL, NEM DEPOSITA NENHUMA ESPERANÇA NA DILATAÇÃO DO INSTANTE MORTAL, INSTANTE QUE CHEGARÁ FATALMENTE NO PRALAYA.

A SABEDORIA HIPERBÓREA SÓ LEVA EM CONTA A "SUBSTÂNCIA", SEM IMPORTAR A FORMA OU O RITMO EM QUE ESTA MANIFESTE: "TODA SUBSTÂNCIA, QUER DIZER, TODO CORPO ORGÂNICO OU ASTRAL, É REPUGNANTE AO ESPÍRITO HIPERBÓREO". O ESPÍRITO "NORMAL", NÃO INVERTIDO, EXPRESSA UMA HOSTILIDADE ESSENCIAL PARA COM TODA SUBSTÂNCIA DO MACROCOSMO. O INICIADO HIPERBÓREO, QUE BUSCA REGRESSAR AO ESTADO NORMAL DO ESPÍRITO, NÃO PODE MENOS DO QUE DEPRECIAR TAMBÉM TODA FORMA DE SUBSTÂNCIA, AINDA QUE DEVA VALER-SE DE ALGUM CORPO ORGÂNICO OU ASTRAL PARA EXECUTAR SUA ESTRATÉGIA. PARA O INICIADO HIPERBÓREO, FINALMENTE, NÃO EXISTE A IMORTALIDADE DA SUBSTÂNCIA, QUALQUER QUE SEJA A FORMA OU RITMO QUE ESTA EXIBA: PELO SIMPLES FATO DE SER SUBSTÂNCIA UMA COISA, É MORTAL E TEM QUE PERECER INFALIVELMENTE.

ENTRETANTO, A SABEDORIA HIPERBÓREA SUSTENTA E DEFINE COM PRECISÃO UM CONCEITO DE IMORTALIDADE: É A "IMORTALIDADE DO EU", QUER DIZER, A IMORTALIDADE DE UMA COISA DE ESSÊNCIA INSUBSTANCIAL. PARA A SABEDORIA HIPERBÓREA, SÓ PODE SER IMORTAL NO MACROCOSMO O QUE É ETERNO FORA DELE E QUE, POR ISSO, SOBREVIVE A ELE APÓS O PRALAYA. ETERNO É O UNO, E POR ISSO SOBREVIVE À DISSOLUÇÃO DO MACROCOSMO. E ETERNOS SÃO OS ESPÍRITOS ENCADEADOS NOS VIRYAS PERDIDOS, OS QUAIS TAMBÉM SOBREVIVERÃO À DISSOLUÇÃO DA ILUSÃO MACROCÓSMICA. POIS SOMENTE O ETERNO SOBREVIVE À DISSOLUÇÃO FINAL DA SUBSTÂNCIA E SÓ O ESPÍRITO É ETERNO. NEM ANJOS, NEM DEVAS, NEM DEMÔNIOS ASTRAIS OU ELEMENTAIS, DUENDES OU GNOMOS, NEM CRIATURA ALGUMA OU COISA SUBSTANCIAL, NEM ENTE EXTERNO DE QUALQUER NATUREZA, PLANETA, SISTEMA SOLAR OU GALÁXIA, E, DESDE JÁ, NENHUM INICIADO

SINARCA, SOBREVIVERÃO À DISSOLUÇÃO FINAL DO PRALAYA, PORQUE NENHUM É ETERNO FORA DO UNIVERSO: SÓ O ESPÍRITO O É.

NO VIRYA, O EU É O REFLEXO DO ESPÍRITO INVERTIDO E POR ISSO É TAMBÉM UM REFLEXO DA ETERNIDADE. O EU PODE SER VERDADEIRAMENTE IMORTAL, MAS HABITUALMENTE NÃO O É. PELO CONTRÁRIO, A DEGRADAÇÃO DO SANGUE, OU A INICIAÇÃO SINÁRQUICA, PODEM CAUSAR A MORTE DO EU POR ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM. O MAIS COMUM É QUE O EU PERDIDO VÁ SE DEBILITANDO PERMANENTEMENTE, ENQUANTO SUA FORÇA VOLITIVA APURA A EVOLUÇÃO DO SUJEITO ANÍMICO, E SE ECLIPSE DEFINITIVAMENTE QUANDO O SUJEITO SE ENCONTRE PRÓXIMO À ENTELÉQUIA OU DA AUTONOMIA ÔNTICA PRINCIPIAL. QUANDO, POIS, SE REALIZA A "IMORTALIDADE DO EU"? RESPOSTA: QUANDO O VIRYA EXECUTA TODOS OS PASSOS DA INICIAÇÃO HIPERBÓREA. O TANTRA YOGA, PRATICADO SEGUNDO A TÉCNICA DO YÓGA OCIDENTAL, OFERECIA ESTA POSSIBILIDADE DE IMORTALIDADE EGOICA, TRANSMUTANDO O SADHAKA EM KSHATRIYA, EM GUERREIRO HIPERBÓREO. HOJE EM DIA, OS SIDDHAS LEAIS AUTORIZARAM OS CAVALHEIROS TIRODAL DA ARGENTINA A ADMINISTRAR UMA INICIAÇÃO HIPERBÓREA, BASEADA NA VIA DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA DA ORDEM MEDIEVAL EINHERJAR, QUE POSSIBILITA A EFETIVA IMORTALIDADE DO EU. ISTO JÁ FOI ADIANTADO ANTES E SERÁ EXPLICADO COM DETALHES MAIS ADIANTE.

O QUE HÁ QUE SER CLARO, DESDE JÁ, É QUE A IMORTALIDADE DO INICIADO HIPERBÓREO É UMA IMORTALIDADE NOOLÓGICA, FUNDAMENTADA NA ETERNIDADE DO ESPÍRITO, UMA IMORTALIDADE QUE LIBERA O EU DA PRISÃO DAS FORMAS ARQUETÍPICAS E LHE PERMITE PARTICIPAR DO INFINITO ATUAL, ABRINDO-LHE O CAMINHO PARA A LIBERDADE ABSOLUTA QUE SE ENCONTRA "ALÉM DA ORIGEM". UMA IMORTALIDADE TAL NADA TEM EM COMUM COM A MISERÁVEL ILUSÃO DA "IMORTALIDADE DA SUBSTÂNCIA" QUE PROPÕEM COMO META OS INICIADOS SINARCAS.

QUINTO TOMO – SUPERESTRUTURAS E REGISTROS CULTURAIS

A - Resumo sobre "superestruturas" e "objetos culturais".

Em diferentes partes desta obra mencionamos, e inclusive definimos, as "superestruturas" e os "objetos culturais" que as integram. O propósito do presente inciso é completar o conceito de superestruturas, de tal modo que seja possível obter uma visão analógica do mesmo, a partir do modelo estrutural da figura 12. Isso permitirá compreender o conceito fundamental de "Registro cultural", imprescindível para explicar a FACULDADE DE ANAMNESE que possuem os iniciados hiperbóreos.

Contudo, uma visão como a que procuramos apresentar aqui requer uma descrição extremamente detalhada, uma vez que se deve colocar em evidência a relação de SIMETRIA INVERSA que apresentam entre si as superestruturas externas e as estruturas culturais internas: uma descrição tal exige levar em conta todas as definições e conceitos vertidos até agora. É necessário, pois, repassar o que já foi visto e a melhor maneira de fazê-lo é reler uma transcrição dos parágrafos mais importantes e afins aos temas que desenvolveremos neste inciso. Nos comentários seguintes se ordenaram, de forma sistemática, as citações que é conveniente recordar, antes de entrar completamente no tema dos Registros culturais.

Primeiro – Há um princípio fundamental que não deve ser esquecido ao interpretar as explicações deste inciso: TANTO O CONCEITO DE "SUPERESTRUTURA" COMO O DE "OBJETO CULTURAL", SE NÃO SE ESCLARECE O CONTRÁRIO NO TEXTO, DEVEM INTERPRETAR-SE COMO REFERIDOS A "COISAS EXTERNAS", QUER DIZER, COISAS QUE EXISTEM "ALÉM DA ESFERA SENSORIAL", PRÓPRIAS DO "MUNDO EXTERIOR", ETC.

Segundo – Feito este esclarecimento, é necessário começar pelo princípio, quer dizer, pelo "OBJETIVO MACROCÓSMICO DA FINALIDADE DO PASU". Tal objetivo pretende "descobrir os desígnios propostos pela suprafinalidade e expressar mediante sinais a verdade descoberta, colocando SENTIDO nos entes que constituem a cultura. Este objetivo procura com que se produza o maior BEM possível no macrocosmo; para isso os pasus, ou viryas perdidos, constroem com AMOR "SUPERESTRUTURAS" de objetos culturais ou "culturas" que produzem prazer ao Demiurgo: o prazer do criador que comprova que sua obra é permanentemente descoberta e valorizada ou descoberta e revalorizada".

Terceiro – O objetivo macrocósmico da finalidade visa, em primeiro termo, "colocar sentido no mundo". "Para cumprir tal finalidade não basta outorgar "sentido" aos entes, mediante alguma forma de expressão: é necessário, também, que dito "sentido" perdure e seja reafirmado todas as vezes, após uma busca e descobrimento perpétuo do desígnio, de uma verdade que nunca termina de se revelar completamente à razão. Essa busca, esse descobrimento, essa reafirmação agradam o Demiurgo, formam parte do objeto de seu prazer. Se requer, pois, uma "superestrutura" externa que sustente o "sentido" outorgado aos entes. Construir tal superestrutura é uma tarefa coletiva e AS LINGUAGENS são a ferramenta com a qual está dotado o pasu para empreendê-la". Deixemos, no momento, a tarefa de explicar como se constrói uma superestrutura e indaguemos sobre a essência "dos objetos culturais".

Quarto – O objetivo macrocósmico da finalidade requer, com efeito, "que o pasu seja COLETIVAMENTE "produtor de cultura" e PARTICULARMENTE "doador de sentido": para isso, há de se valer da linguagem habitual ou idioma corrente, e de outras linguagens oblíquas.

Quinto – Em todo ente externo coexiste uma dupla determinação ontológica: a finalidade e a suprafinalidade. A finalidade entelequial do ente é determinada pela EXISTÊNCIA NATURAL e o IMPULSO EVOLUTIVO que lhe outorga o Arquétipo universal, a finalidade é o "termo universal" do ente. A suprafinalidade do ente é determinada pela EXISTÊNCIA INDIVIDUAL ESPECÍFICA que lhe outorga o desígnio demiúrgico ou ser-para-o-homem: a suprafinalidade é o "termo particular" do ente.

Sexto – "Os entes são designados pelo Demiurgo com uma Palavra primordial que deve ser descoberta pelo pasu e racionalizada em sua estrutura cultural. Esta palavra, este desígnio, este ser-para-o-homem, é a essência do ente, o dado ao conhecimento, a suprafinalidade". O desígnio é o dado ao conhecimento racional, o que é tomado pela razão e interpretado como esquema, e o que é significado pelo pensamento do esquema. MAS NESSE DAR O DESÍGNIO, O ENTE ESPERA RECEBER O SENTIDO. Quer dizer: O DADO DEVE SER DEVOLVIDO, RESTITUÍDO NO ENTE, MAS COM UM SENTIDO NOVO, "CULTURAL". ESSE "SENTIDO", EXPRESSÃO DO SIGNIFICADO, É O QUE O PASU COLOCA NO ENTE NO LUGAR DO DESÍGNIO, TRANSFORMANDO O ENTE EM "OBJETO CULTURAL". Fica claro já, nesta citação, que o "objeto cultural" é um ente externo, ao qual se lhe "colocou" um sentido, expressão do significado de um conceito-fatia interior.

Sétimo – "O ACORDO ENTRE O OBJETIVO MACROCÓSMICO DA FINALIDADE DO PASU E A SUPRAFINALIDADE DO ENTE EXIGE, ASSIM, UM MOVIMENTO EM DOIS SENTIDOS: DO ENTE AO PASU E DO PASU AO ENTE". "OS EXTREMOS DO PRIMEIRO MOVIMENTO SÃO A PERCEPÇÃO DO DESÍGNIO E O SIGNIFICADO; OS EXTREMOS DO SEGUNDO SÃO O SIGNIFICADO E A EXPRESSÃO".

Oitavo – Uma vez que nos artigos seguintes nos referiremos especialmente ao "segundo movimento", convém recordar em que consiste: "O SIGNIFICADO, CONTEÚDO EM UM CONCEITO, É PROJETADO "PARA O MUNDO", EM DIREÇÃO A UM ENTE QUE SE ENCONTRA ALÉM DA ESFERA SENSORIAL"; A MANIFESTAÇÃO EXTERIOR DO PROJETO É A EXPRESSÃO DE UM SINAL; O SINAL, EXPRESSADO POR UM MOVIMENTO CORPORAL, É UM SINAL COLOCADO SOBRE O ENTE DE REFERÊNCIA; ESTE SINAL NO ENTE, QUE INDICA O SINAL, CORRESPONDE AO SIGNIFICADO PELO DESÍGNIO DEMIÚRGICO DO ENTE; SOBRE O DESÍGNIO DADO SE COLOCA AGORA O SINAL". O CONHECIMENTO DO ENTE É A PASSAGEM DO DESÍGNIO DEMIÚRGICO AO SIGNIFICADO: POR ISSO, A PROJEÇÃO DO SIGNIFICADO, DE UM SINAL, SOBRE O ENTE, É O RE-CONHECIMENTO DO ENTE; SÓ AO SER RE-CONHECIDO, AO SER SIGNIFICADO, O ENTE ADQUIRE "SENTIDO". O DESÍGNIO DEMIÚRGICO É O SER-PARA-O-HOMEM, O OBJETO DE CONHECIMENTO: SÓ O SINAL HUMANO NO ENTE, O RE-CONHECIMENTO, LHE COLOCA SENTIDO, LHE FAZ EXISTIR-PARA-O-HOMEM".

Nono – Mas o "sentido colocado nos entes" requer, para sua perpetuação, o concurso coletivo da "cultura": "O ente começa a existir para o homem quando é indicado com o sinal e adquire "sentido". Mas devemos avisar que tal "sentido" só pode perdurar se o sinal que se lhe confere é também empregado por outros pasus para reconhecer e afirmar o ente. O sinal, com efeito, deve poder ser entendido pela comunidade, aprendido e ensinado, perpetuado coletivamente no mundo, vale dizer:

o sinal colocado no ente deve ser expressado CULTURALMENTE. Esta condição da finalidade do pasu determina que o sinal se expresse como TERMO DE UMA LINGUAGEM, COMO REPRESENTANTE DE UM CONCEITO", "uma comunidade pode, assim, convir em certos sinais para comunicar o conhecimento dos entes e sustentar seu sentido. Um conjunto de sinais tais constitui A EXPRESSÃO DE UMA LINGUAGEM, não a linguagem em si, pois, segundo vimos, toda linguagem tem sua origem na estrutura cultural: UMA LINGUAGEM ESTRUTURAL É UM ORGANISMO VIVO E, POR ISSO, PODE CRESCER E DESENVOLVER-SE; OS SINAIS SÃO SÓ PROJETOS, REPRESENTAÇÕES, DOS CONCEITOS E DOS SISTEMAS DE CONCEITOS".

Décimo – "O pasu coloca o sentido no ente e, ainda que a morte lhe impeça de expressá-lo perpetuamente, o sentido se prolonga se outros pasus se associam para sustentá-lo como um significado comum: o ente assim indicado, com um sinal conveniado coletivamente, passa a tornar-se OBJETO CULTURAL. Naturalmente, se o que se colocou sobre o ente é um sinal tal como I, que representa o símbolo I (figura 21), que é a réplica de um conceito XX, acontece que no que coincide primeiramente a comunidade é no conhecimento conceitual do ente: mas, uma vez que o ente foi sinalizado pela expressão do conceito e tal significado foi reconhecido pelos membros da sociedade, nada impede que cada um tenha acesso individualmente ao desígnio e aprofunde sua compreensão". "O que RELIGA, então, a sociedade pasu como tal, é o sentido colocado nos entes, sentido que é, em alguma medida, compartilhado por todos. E é essa união dos pasus entre si, POR INTERMÉDIO DO SENTIDO ÔNTICO, o que constitui a forma externa da CULTURA".

Décimo primeiro – "Resumindo, os "objetos culturais" podem ser "internos" ou "externos". Os "objetos culturais internos" formam parte da estrutura cultural e constituem um primeiro grau na realidade do objeto. Os "objetos culturais externos" são projeções incorporadas e materializadas dos anteriores e representam um segundo grau na realidade do objeto; são reconhecidos no mundo como reflexo dos objetos internos: naturalmente, se tal dependência não se percebe, pode-se cometer o erro gnosiológico de atribuir as qualidades culturais diretamente ao corpo físico ou entidade sobre a qual se efetuou a projeção". Não obstante esta definição, no sucessivo nos ateremos à pauta estabelecida no comentário Primeiro: em tudo quanto se refira às "superestruturas", os objetos culturais devem ser considerados "externos".

Décimo segundo – Essas citações e esclarecimentos sobre os objetos culturais são apropriadas para compreender as definições de "superestruturas" e de "cultura externa". Elementarmente, dissemos que "uma cultura externa é a FORMA que determina uma "superestrutura" e que "os membros de uma superestrutura são objetos culturais e homens, pasus ou viryas perdidos". "Segundo isto, as superestruturas só podem ser externas, uma vez que incluem o homem em sua compleição". "Contudo, sabemos que uma "cultura" é algo que se forma para cumprir o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu e, como vimos, algo que "progride", que se desenvolve para a perfeição: o "progresso" é RACIONAL, consiste em aumentar a compreensão dos entes, em aperfeiçoar os objetos culturais. Dessa visão racional do mundo, desse colocar sentido nos entes, vão EMERGINDO os objetos culturais que formam o CONTEXTO cultural do pasu. Mas os objetos culturais não são coisas simplesmente depositadas no mundo: ao serem NOMEADOS, ao receberem um SENTIDO, foram impulsionados a ocupar um lugar RACIONAL junto a outros objetos culturais, quer dizer, a ter com eles certas RELAÇÕES SIGNIFICATIVAS". Como veremos, em detalhes, no artigo C, entre os objetos culturais existe uma CONEXÃO DE SENTIDO que constitui a

superestruturação propriamente dita. "É assim que em cada ente que o pasu vai colocando sentido surge um objeto cultural que se integra em uma superestrutura externa, cuja forma global se denomina "cultura". E as superestruturas externas vão crescendo sistematicamente à medida que se incorporam novos objetos culturais, se aperfeiçoam os já existentes, ou se estabelecem novas relações entre eles".

Décimo terceiro – "Mas não se deve acreditar ingenuamente que as superestruturas são meras projeções da estrutura cultural interna do pasu: pelo contrário, AS SUPERESTRUTURAS POSSUEM "VIDA PRÓPRIA", SÃO CAPAZES, NÃO SÓ DE INTEGRAR O HOMEM EM SUA COMPLEIÇÃO, SENÃO DE DETERMINAR SUA VONTADE. QUAL É A "MENTE" QUE, ANALOGAMENTE À ESTRUTURA CULTURAL INTERNA, ANIMA ESTAS SUPERESTRUTURAS EXTERNAS? RESPOSTA: UM TIPO DE ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS DENOMINADOS "PSICOIDES" OU "EGRÉGORAS".

Décimo quarto – Apresentando as culturas externas uma CAPACIDADE estrutural demasiadamente grande para tentar sua descrição rigorosa ou tão sequer aproximar-se dela, é habitual refletir sobre certas "frações" ou subestruturas denominadas "fato cultural". Para visualizar as explicações sempre iremos nos referir a "fatos culturais", mas as conclusões obtidas poderão logo se estender à totalidade da forma cultural por indução analógica. O fato cultural é determinado pelo "espaço cultural" e o "tempo histórico". "O espaço abarcado por uma cultura externa é, indubitavelmente, enorme: todo lugar que contenha um objeto cultural externo é parte de tal espaço, desde o local ocupado pela galáxia mais longínqua até aquele em que se movem as partículas subatômicas, passando por todos os objetos culturais comuns à sociedade. Na verdade, o âmbito da cultura externa é incrivelmente extenso; e isso por efeito da atividade "doadora de sentido" que caracteriza o pasu ou o virya perdido; os alcances deste efeito significante se compreenderão melhor se definimos o "ESPAÇO CULTURAL EXTERIOR" como todo aquele lugar em que seja possível efetuar alguma destas três coisas: a) DESCOBRIR UM ENTE DESIGNADO; b) PROJETAR UM SINAL; c) RECONHECER UM OBJETO. O espaço real que cumpre alguns desses requisitos constitui o "universo" dos objetos culturais externos". "O fato cultural é, então, "essa fração da cultura externa que nos envolve em sua trama" e à qual se deve estudar para compreender o fundamento estrutural da cultura externa que, como sabemos, é de grau superior ao da cultura interna ou modelo cultural. E o fato cultural, em sua qualidade de fato histórico, é, segundo se viu, "a manifestação de um Arquétipo psicoide ou Mito em um espaço cultural determinado".

Décimo quinto – "Resumindo, comprovamos que entre a cultura externa e a cultura interna existe uma correspondência estrutural estrita, de tal modo que os conceitos ou asserções da estrutura cultural interna se refletem em objetos culturais da cultura externa; e que o contínuo significado da estrutura cultural interna é correlativo com o contínuo significado temporal do devir histórico da cultura externa. Também vimos que a manifestação de um símbolo I, que replica um conceito XX, é análogo à manifestação de um Arquétipo psicoide durante um fato cultural".

Décimo sexto – É importante ter presente com clareza o âmbito de manifestação das culturas externas, quer dizer, o campo de existência das superestruturas. Isto já se definiu no quadro da analogia micro-macrocósmica e convém relê-lo agora. "Consideremos a região A (figura 39). Do plano arquetípico os Arquétipos universais se desdobram para o plano material, impulsionados pelo Aspecto Beleza ou Inteligência ativa, e se manifestam como entes finitos, tentando alcançar a enteléquia: DO PONTO DE VISTA UNIVERSAL, O NÍVEL ENERGÉTICO ENTELEQUIAL DOS ENTES FINITOS É O INDICADO COM LINHAS PONTILHADAS COMO LIMITE DA REGIÃO (A). Quer dizer que os entes finitos,

como tais, subjazem na profundeza do inconsciente demiúrgico. Contudo, os entes, além do termo universal que lhes impõe a finalidade dos Arguétipos, estão indicados pelo termo particular da suprafinalidade das mônadas, ESTÃO DESIGNADOS PARA O PASU, dispõem de uma chave do seu plano que pode ser descoberta e revelada pela razão: O DESÍGNIO TRANSFORMA OS ENTES EM SERES-PARA-O-HOMEM. A finalidade do homem é descobrir o desígnio dos entes e colocar nestes um sentido. O homem converte assim os entes em "objetos culturais", oferecendo-lhes a possibilidade de existir "além" da região profunda, de "sair" da inconsciência demiúrgica. Tal como se nota no esquema energético, os entes se tornam mais conscientes à medida que ganham sentido. Após o nível dos "entes designados" encontra-se a região (B) das CULTURAS EXTERIORES, as quais consistem em "objetos culturais", e "homens" superestruturados: o ente designado goza aqui, como "objeto cultural", de uma existência de grau superior, cheio de sentido, que representa para o Demiurgo "um bem", "um ato de amor", etc." "A região (B) é análoga à região (b) do mesmo modo que as culturas exteriores, ou superestruturas, que aquela contém, são análogas à estrutura cultural desta". "Para compreender agora, com maior profundidade, esta correspondência, há que se realizar o seguinte raciocínio: o "sujeito racional" do pasu pode considerar-se COMO UM OPERADOR QUE TOMA ELEMENTOS ARQUETÍPICOS DA REGIÃO (a), QUE REPRESENTAM O DESÍGNIO DO ENTE, E OS TRANSFERE à REGIÃO (b) ONDE SE ESTRUTURAM COMO ESQUEMA DO ENTE; o sujeito racional se encontraria, assim, operando sobre a linha pontilhada que separa as regiões (a) e (b). Pois bem: O PASU CUMPRE COLETIVAMENTE NO MUNDO UMA FUNÇÃO ANÁLOGA À QUE O SUJEITO RACIONAL CUMPRE NO PASU. Vale dizer, O PASU CUMPRE COLETIVAMENTE A FUNÇÃO DE SER A FONTE DA RAZÃO DO MUNDO: É POR SUA ATIVIDADE DOADORA DE SENTIDO QUE EMERGE A RAZÃO DO MUNDO, QUE OS ENTES, ATÉ ENTÃO SUBMERGIDOS NO UNIVERSAL, ADQUIREM EXISTÊNCIA PARTICULAR COMO OBJETOS CULTURAIS E SE RELIGAM POR AMOR, INTEGRANDO-SE NAS SUPERESTRUTURAS DAS CULTURAS EXTERIORES". "Com este critério, a função do pasu no mundo fica claramente definida: o pasu, microcosmo, pode-se considerar COMO UM OPERADOR QUE TOMA ENTES DESIGNADOS DA REGIÃO (A) (figura 39) E OS TRANSFERE À REGIÃO (B), ONDE SE ESTRUTURAM COMO OBJETOS CULTURAIS: o pasu, microcosmo, se encontraria, assim, operando sobre a linha pontilhada que separa as regiões (A) e (B) do macrocosmo. Mas tal atividade do pasu é "coletiva", o que significa que, apesar de tudo, sua operação cultural, sua transformação racional do mundo, obedecem, em grande medida, a uma alma grupal, a uma egrégora, a um Arquétipo psicoide, ou Manu, que dirige o destino da comunidade. Isto não pode ocorrer de outra maneira, se a função coletiva do pasu tem que ser análoga à do sujeito racional NO pasu: o sujeito racional é uma manifestação da alma no microcosmo e, portanto, a "alma" do macrocosmo, o "anima mundi", há de se manifestar também na comunidade pasu, que cumpre a função de "sujeito racional macrocósmico"; e tal manifestação da alma do Demiurgo sobre a comunidade pasu só se pode realizar através das hierarquias dévicas, vale dizer, por meio de uma alma grupal, egrégora, Arquétipo psicoide, Manu, etc.".

Décimo sétimo – O "POSTULADO ESSENCIAL DO MODELO ESTRUTURAL" afirma o seguinte: "A uma esfera ôntica corresponde uma conexão cilíndrica na estrutura cultural; a uma série de esferas concêntricas sobrepostas de maior a menor, como "essência" de um ente externo, corresponde um feixe de planos retangulares que se intersectam no eixo da conexão cilíndrica como "verdade" do ente na estrutura cultural.

Décimo oitavo – O "conceito habitual" do "cavalo", esse que todos entendem por que está expressado em idioma corrente e alude ao cavalo real, "a que matriz arquetípica do desígnio cavalo corresponde? Resposta: à MATRIZ ESSENCIAL. É evidente que, se a matriz essencial é a forma subposta que individualiza o cavalo, a forma que determina sua natureza equina e faz dele ESSE cavalo, então ESSE cavalo será conhecido primeiramente sob tal forma essencial: O CONCEITO HABITUAL DO CAVALO É UMA DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA MATRIZ ESSENCIAL DO DESÍGNIO CAVALO; e este "conceito habitual", segundo vimos, é o aspecto da VERDADE do cavalo que normalmente se nota na linguagem sociocultural habitual, no idioma corrente. Por isso, definimos mais atrás que "O CONCEITO DO ENTE, EXPRESSADO NESSA LINGUAGEM NORMALMENTE HORIZONTAL, PROPÕE COMO VERDADE DO ENTE A DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA MATRIZ ESSENCIAL".

Décimo nono – "O modelo de desígnio permite estender esta definição de "conceito habitual", para "todo ente". Na figura 46, com efeito, pode-se comprovar que um dos planos axiais, sinalizados **A-B**, é paralelo ao plano de significação horizontal (**STT**): O PLANO AXIAL **AB** REPRESENTA O CONCEITO HABITUAL DO ENTE, VALE DIZER, O CONCEITO DA MATRIZ ESSENCIAL. Na mesma figura se observam, além do mais, outros planos axiais dentro da conexão cilíndrica ou esquema do ente: são os conceitos-fatia das matrizes virtuais do desígnio, conceitos que só podem ser notados no contexto de planos de significação oblíquos, correspondentes a linguagens não habituais".

B – Estudo analógico do "objetivo macrocósmico da finalidade do pasu".

O resumo precedente nos refrescou os conceitos de "superestrutura" e "objeto cultural" e nos colocou em condições de encarar a descrição de um modelo analógico de "superestrutura". Contudo, um modelo semelhante não pode ser exposto isoladamente do modelo de estrutura cultural já visto: pelo contrário, o modelo de superestrutura deve partir de relações bem definidas com o modelo de estrutura cultural; tais relações expressam, naturalmente, VÍNCULOS REAIS entre o mundo exterior macrocósmico e a estrutura psíquica microcósmica do pasu. Vale dizer, tais relações CONDICIONAM a correspondência analógica entre o modelo de superestrutura adotado e o modelo de estrutura cultural baseado na figura 12. Outra CONDIÇÃO inevitável é, por exemplo, o POSTULADO ESSENCIAL DO MODELO ESTRUTURAL, que faz corresponder a uma "conexão cilíndrica" da estrutura cultural uma "esfera ôntica" como modelo do desígnio de um ente externo. Devemos começar, pois, por apresentar as relações que ligam ambas as estruturas; e isso só se poderá fazer sem perder de vista que o modelo tem que estar fundamentado na realidade dos entes, por meio de uma análise detalhada dos "VÍNCULOS REAIS entre o mundo exterior macrocósmico e a estrutura psíquica microcósmica do pasu". Desde já, a análise cumprirá o objetivo proposto se se aplica para resolver um PROBLEMA bem apresentado; o primeiro passo visará, então, a evidenciar o problema.

Consideremos a figura 12. Nela se representou um MODELO DE ESTRUTURA cujos elementos consistem em NÓS E CONEXÕES. Este modelo, segundo se explicou, apresenta correspondência analógica com a ESTRUTURA CULTURAL real do pasu: na estrutura cultural, o lugar dos nós é ocupado por PRINCÍPIOS e o das conexões por RELAÇÕES, quer dizer, por ESQUEMAS SÊMICOS DE ENTES.

O problema aludido se evidenciará quando indaguemos se uma "superestrutura", quer dizer, uma "estrutura exterior integrada por objetos culturais e homens", pode ser representada mediante um modelo semelhante ao da figura 12.

Em geral, a resposta é afirmativa: tanto as superestruturas, como a estrutura cultural, correspondem PARTICULARMENTE ao modelo da figura 12, enquanto este modelo descreve uma organização de NÓS E CONEXÕES. Entretanto, e aqui é onde surge o problema, O CARÁTER ESTRUTURAL COMUM NÃO IMPLICA QUE ENTRE AMBAS AS ORGANIZAÇÕES EXISTA UMA CORRESPONDÊNCIA PONTUAL, QUER DIZER, QUE OS NÓS E CONEXÕES DE UMA SUPERESTRUTURA CORRESPONDAM A NÓS E CONEXÕES DA ESTRUTURA CULTURAL: contrariamente, segundo se demonstrará mais adiante, a correspondência real é regida por uma lei de SIMETRIA INVERSA. Evidentemente, para dispor de um "modelo de superestrutura", não basta estabelecer que as superestruturas reais e a estrutura cultural do pasu apresentam analogia com o modelo da figura 12: é patente que existe um problema e que este consiste em determinar que relação une ambas as estruturas.

A solução do problema só pode provir de uma análise precisa da relação harmônica que mantém o microcosmo com o macrocosmo, para cumprir o "objetivo macrocósmico de sua finalidade": a fim de cumprir este objetivo, o pasu CONHECE o desígnio dos entes externos e EXPRESSA o sentido que os torna objetos culturais. Recordemos a citação do comentário Sétimo: "o acordo entre o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu e a suprafinalidade do ente exige, assim, UM MOVIMENTO EM DOIS SENTIDOS: DO ENTE AO PASU E DO PASU AO ENTE; os extremos do primeiro movimento são a PERCEPÇÃO do desígnio e o significado; os extremos do segundo são o significado e a EXPRESSÃO". Concretamente, a análise deve se basear na descrição destes dois movimentos, para que contribua eficazmente à solução do problema.

Uma ajuda inestimável para toda explicação analítica é a complementação gráfica; isto se comprova, no presente caso, observando o quadro sinótico da figura 73. A análise seguinte se refere fundamentalmente a dita figura, onde estão representados os dois movimentos que exige o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu.

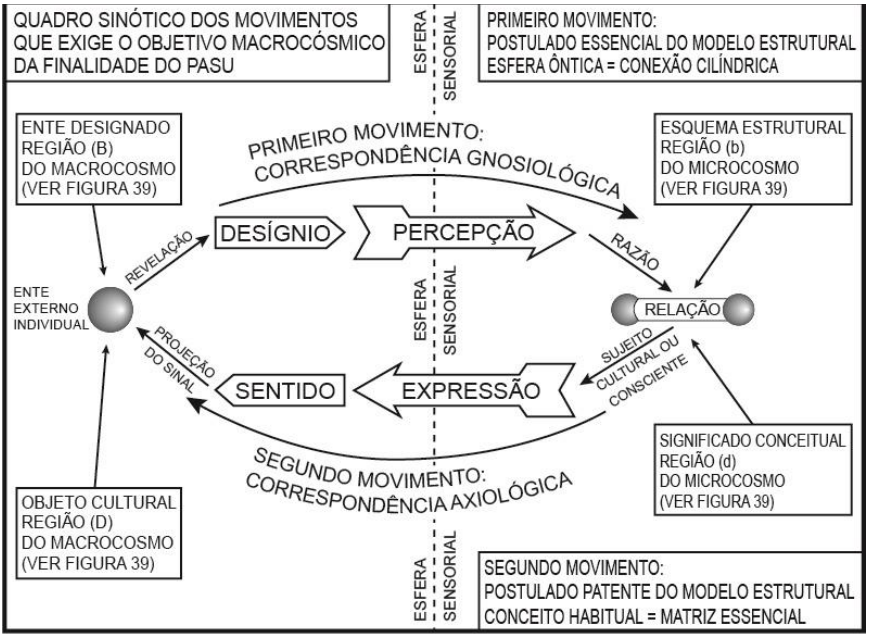


FIGURA 73

Comecemos por destacar que a figura 73, em concordância com a figura 39, mostra-nos DUAS REGIÕES claramente definidas: à esquerda da linha segmentada está a REGIÃO (B) do macrocosmo, assento dos entes externos, enquanto à direita de tal linha se estende a REGIÃO (b) do microcosmo, onde se localiza a estrutura cultural. A linha segmentada, que separa ambas as regiões, simboliza o limite da ESFERA SENSORIAL do pasu: todo CONHECIMENTO do mundo exterior deve necessariamente atravessar esta esfera; a INTUIÇÃO SENSÍVEL de um objeto exterior é a PERCEPÇÃO do desígnio: mediante a PERCEPÇÃO, o desígnio atravessa a esfera sensorial e se revela à razão para sua apreensão inteligível.

A figura 73, como a 46, está de acordo com o POSTULADO ESSENCIAL DO MODELO ESTRUTURAL que afirma o seguinte (comentário "Décimo sexto"): "A UMA ESFERA ÔNTICA CORRESPONDE UM CONEXÃO CILÍNDRICA NA ESTRUTURA CULTURAL". Assim, na REGIÃO (B), representou-se com uma circunferência a "esfera ôntica" ou "modelo de desígnio" e se a assinalou como "ENTE EXTERNO INDIVIDUAL": isso indica que o desígnio, o-ser-para-o-homem subposto no ente, é quem determina sua natureza universal e lhe concede individualidade específica. Por outro lado, na REGIÃO (b) do microcosmo, se expôs um SISTEMA SIMPLES da estrutura cultural, integrado por dois nós e uma CONEXÃO CILÍNDRICA: conforme o postulado essencial, tal conexão cilíndrica corresponde semicamente à esfera ôntica percebida através da esfera sensorial; vale dizer: se a esfera ôntica é um "modelo de desígnio", e este é a "essência do ente", então a conexão cilíndrica contém o "esquema do ente", a interpretação racional do desígnio, a "verdade do ente", etc.

Como causa a esfera ôntica uma conexão cilíndrica na estrutura cultural? Resposta: mediante o PRIMEIRO MOVIMENTO "do ente ao pasu". Neste movimento, o desígnio, o ser-para-o-homem, revela-se à razão e faz possível que o pasu CONHEÇA a essência do ente: por isso, o sentido do primeiro movimento é indicado na figura 73 como CORRESPONDÊNCIA GNOSIOLÓGICA. A sequência superior das setas mostra-nos claramente que a PERCEPÇÃO do DESÍGNIO atravessa a ESFERA SENSORIAL e transfere à RAZÃO seu conteúdo, o qual é esquematizado por esta e integrado na estrutura cultural como CONEXÃO CILÍNDRICA entre nós, quer dizer, como RELAÇÃO entre Princípios. Deste modo, o pasu CONHECE a essência do ente; a Relação será, dai em diante, o CONHECIDO, a "verdade do ente".

Com respeito ao problema da correspondência analógica entre as superestruturas e a estrutura cultural, devemos nos perguntar agora se este PRIMEIRO MOVIMENTO nos oferece alguma solução. Mas não se terá que indagar muito para comprovar que a resposta é negativa: nada nos revela o primeiro movimento sobre a relação apresentada. Por quê? Resposta: porque uma superestrutura se compõe exclusivamente "de objetos culturais e homens", sendo, para o caso, o "homem" também um objeto cultural, em seu caráter de "proximidade": NO PRIMEIRO MOVIMENTO, NÃO SE TRATA DE "OBJETOS CULTURAIS" SENÃO DE "ENTES DESIGNADOS", COM ENTES INDIVIDUAIS QUE REVELAM SEU DESÍGNIO À RAZÃO E QUE, AO CABO DO PRIMEIRO MOVIMENTO, EQUIVALEM A UM SIGNIFICADO CORRESPONDENTE.

Em síntese, o primeiro movimento que exige o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu determina uma CORRESPONDÊNCIA GNOSIOLÓGICA entre o ente externo percebido e uma relação equivalente da estrutura cultural. Claramente se vê que esta correspondência gnosiológica NÃO É uma relação que permita compreender as superestruturas, porque NÃO SE REFERE A OBJETOS CULTURAIS, senão a entes externos designados.

Sendo imprescindível a presença dos objetos culturais para compreender as superestruturas e definir seu modelo analógico, temos que recordar que estes são produto do segundo movimento, tal como se explica no comentário oitavo: consequentemente, da análise do segundo movimento surgirá a solução buscada. Adiante, portanto, vamos nos ocupar exclusivamente em analisar o segundo movimento, e vamos descartar definitivamente a correspondência gnosiológica para definir o modelo de superestrutura.

O segundo movimento que exige o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu vai "do pasu ao ente": "seus extremos são o significado e a EXPRESSÃO". Na figura 73, este movimento é representado pela sequência inferior de setas: elas mostram-nos claramente que o SIGNIFICADO da Relação, quer dizer, a verdade do ente atravessa a ESFERA SENSORIAL em direção contrária ao primeiro movimento, pela EXPRESSÃO do sujeito cultural ou consciente; o significado expressado no mundo outorga SENTIDO CULTURAL ao ente exterior de referência e o transforma em OBJETO CULTURAL; A EXPRESSÃO EXPRESSA O SIGNIFICADO E O EXPRESSADO É O SENTIDO, A PROJEÇÃO DO SINAL SOBRE O ENTE EXTERIOR DESIGNADO; O PASU, MEDIANTE A EXPRESSÃO DO SIGNIFICADO, COLOCA SENTIDO NO ENTE E O TRANSFORMA EM OBJETO CULTURAL. Esta correspondência entre o significado da relação e o ente exterior, quer dizer, entre a CONEXÃO CILÍNDRICA da estrutura cultural e a ESFERA ÔNTICA, É, SEM DÚVIDA, A VINCULAÇÃO BUSCADA PARA RESOLVER O PROBLEMA. O modelo de superestrutura é condicionado por esta correspondência, uma vez que os elementos das superestruturas reais, os OBJETOS CULTURAIS, existem pela EXPRESSÃO do significado efetuada no segundo movimento.

Contudo, assim como o primeiro movimento se caracteriza pelo CONHECIMENTO do desígnio e, por isso, dá lugar a uma correspondência GNOSIOLÓGICA, o segundo movimento caracteriza-se pelo VALOR CULTURAL colocado no ente e, por isso, estabelece uma correspondência AXIOLÓGICA entre o objeto cultural e a estrutura cultural; tal caráter é indicado na figura 73 como título da seta que mostra a direção do segundo movimento. É evidente, por fim, que a CORRESPONDÊNCIA AXIOLÓGICA é a determinação fundamental que se deve considerar para representar uma superestrutura real, mediante um modelo estrutural semelhante ao da figura 12. A correspondência axiológica é, pois, a solução do problema; agora só nos resta INTERPRETAR METODOLOGICAMENTE seu significado, para concretizar efetivamente o modelo analógico de superestrutura.

C – Interpretação metodológica da "correspondência axiológica": O postulado essencial.

A interpretação metodológica da correspondência axiológica vai nos permitir estabelecer um princípio complementar do postulado essencial, ao que a Sabedoria Hiperbórea denomina POSTULADO PATENCIAL DO MODELO ESTRUTURAL: atendendo à determinação afirmada por este postulado, o modelo analógico de superestrutura se deduzirá logicamente do modelo estrutural da figura 12. Contudo, a formulação inteligível do postulado patencial exige uma explicação axiológica prévia sobre a CONSTITUIÇÃO das superestruturas reais.

Começaremos essa explicação esclarecendo que, assim como o ato pelo qual o Demiurgo causa a existência dos entes se denomina CRIAÇÃO, assim também o ato pelo qual o pasu causa a existência das superestruturas, ao colocar sentido nos entes criados, denomina-se CONSTITUIÇÃO. O pasu, com efeito, CONSTITUI as superestruturas ao agregar um VALOR CULTURAL aos entes externos designados e transformá-los em objetos culturais. O "SENTIDO" COLOCADO NOS ENTES É, POIS, UM "VALOR CULTURAL", DIFERENTE EM CADA OBJETO CULTURAL RECONHECIDO: POR ISSO, A COMPREENSÃO DAS SUPERESTRUTURAS SÓ É POSSÍVEL COM O CONCURSO DE UM "CONCEITO AXIOLÓGICO" DE EXTENSÃO EQUIVALENTE À DO CONCEITO DE SUPERESTRUTURA. Um conceito que reúne estas condições é o de CONTEXTO AXIOLÓGICO EXTERNO.

Este conceito se define, por analogia, com o conceito de CONTEXTO SIGNIFICATIVO DAS LINGUAGENS DA ESTRUTURA CULTURAL, já explicado anteriormente: O CONTEXTO AXIOLÓGICO EXTERNO É ANÁLOGO AO CONTEXTO SIGNIFICATIVO INTERNO. O que nos diz esta analogia? Resposta: que, assim como o SIGNIFICADO de uma Relação pensada só significa um conceito quando é NOTADO no CONTEXTO de uma linguagem estrutural, analogamente um objeto cultural exterior só adquire SENTIDO quando é NOTADO no CONTEXTO AXIOLÓGICO de uma superestrutura. Com outras palavras: a superestrutura, cuja forma se denomina CULTURA e seu momento FATO CULTURAL, CONSTITUI um CONTEXTO AXIOLÓGICO que determina o SENTIDO de todo objeto cultural situado em sua vizinhança. Como veremos, esta condição de que tanto o significado conceitual, como o sentido ôntico, requerem ser NOTADOS em seus contextos, impõe um CRITÉRIO VISUAL para a interpretação metodológica da correspondência axiológica.

Reparemos como se percebe a existência do contexto axiológico. Em um primeiro momento, só existe o ESPAÇO FÍSICO em cujo interior estão distribuídos os entes individuais: cada ente, em seu lugar, dispõe de um desígnio particular que o individualiza e que está pronto a revelar-se à percepção do pasu como ser-para-o-homem. O primeiro movimento do objetivo macrocósmico da finalidade (figura 73)

estabelece uma correspondência gnosiológica entre o ente exterior e a estrutura cultural mediante o qual o desígnio é esquematizado e contido em uma Relação: "a uma esfera ôntica corresponde uma conexão cilíndrica da estrutura cultural". EVIDENTEMENTE, O ESPAÇO FÍSICO E SUA POPULAÇÃO DE ENTES É "O DADO" À PERCEPÇÃO DO PASU: UM MUNDO EXTERIOR EXISTENTE A PRIORI DE TODA INTUIÇÃO SENSÍVEL. O "DADO", o espaço físico e os entes, é o CRIADO pelo Demiurgo.

Com o segundo movimento do objetivo macrocósmico da finalidade (figura 73), o pasu estabelece uma correspondência axiológica entre a estrutura cultural e os entes externos, aos quais COLOCA sentido e transforma em objetos culturais. (Há que se ter sempre presente que ao dizer "o pasu" estamos nos referindo em geral à "comunidade pasu", uma vez que a CONSTITUIÇÃO de uma cultura externa é uma obra COLETIVA). Os entes externos se encontram, a priori, distribuídos no espaço físico: o conceito significativo expressado pelo pasu transforma os entes em objetos CULTURAIS e o espaço físico em ESPAÇO CULTURAL (comentário Décimo Quarto). O espaço cultural fica, então, povoado de objetos culturais que conservam a posição da distribuição ôntica no espaço físico: é lógico que assim ocorra porque os objetos culturais surgem como consequência do VALOR CULTURAL particular colocado em cada um dos entes externos. A população de objetos culturais CONSTITUI no espaço cultural o CONTEXTO AXIOLÓGICO que confere SENTIDO a cada um em particular. EVIDENTEMENTE, O ESPAÇO CULTURAL E SUA POPULAÇÃO DE OBJETOS CULTURAIS É "O COLOCADO" PELA EXPRESSÃO DO PASU: UM MUNDO EXTERIOR EXISTENTE A POSTERIORI DA ELABORAÇÃO RACIONAL DO DADO À INTUIÇÃO SENSÍVEL. O "COLOCADO", o espaço cultural e os objetos culturais, é o CONSTITUÍDO pelo pasu.

O ESPAÇO CULTURAL abarca três regiões do macrocosmo: a região (B), a região (C) e a região (D) (ver figura 39). Destas regiões, a mais importante para o Demiurgo é a (D), onde emerge o sentido dos entes valorizados pelo pasu, quer dizer, onde existem e se manifestam os objetos culturais como tais: a região (D) é a ESFERA DE SENTIDO DO MUNDO, análoga à região (d) do microcosmo ou ESFERA DE LUZ, vale dizer, análoga à região de onde emergem as representações conscientes do pasu, as ideias fundamentadas no significado conceitual. Recordemos que A ESFERA DE SENTIDO DO MUNDO é a região da estrutura da Mente Cósmica, onde se cumpre a finalidade do pasu, quer dizer, onde emerge o SENTIDO DO MUNDO, o SENTIDO cultural colocado pelo pasu nos entes; a finalidade do pasu consiste em outorgar prazer ao Demiurgo: o prazer do CRIADOR que vê sua obra VALORIZADA pelo descobrimento posterior que a cumula de SENTIDO. Mas, para o pasu, a ESFERA DE SENTIDO DO MUNDO é só ESPAÇO CULTURAL, um espaço constituído por sua expressão doadora de sentido. Como a expressão constitui o espaço cultural? Resposta: mediante o MOVIMENTO CORPORAL: "O CONTÍNUO MOVIMENTO EXTERIOR É PARA A EXPRESSÃO COMO A SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA É PARA O SIGNIFICADO. Ou melhor: A EXPRESSÃO É UM MOMENTO (SIGNIFICATIVO) DO CONTÍNUO MOVIMENTO EXTERIOR". Segundo se demonstrou no artigo "Finalidade e Suprafinalidade…", "os movimentos interiores à esfera sensorial, entre os quais se destaca "o pensar", e os movimentos exteriores, ocorrem em planos contínuos, paralelos e correlativos", quer dizer, ANALÓGICOS: daí a correspondência analógica do espaço cultural, onde tem lugar a expressão doadora de sentido, com a esfera de luz, onde tem lugar o pensamento consciente. E, como no espaço cultural se constitui o CONTEXTO AXIOLÓGICO, o mesmo apresenta correspondência analógica com o CONTEXTO SIGNIFICATIVO de uma linguagem da estrutura cultural: em particular, um objeto

cultural situado no contexto axiológico apresenta CORRESPONDÊNCIA AXIOLÓGICA com um significado conceitual notado no contexto significativo da estrutura cultural; tal correspondência axiológica é a que ainda devemos interpretar metodologicamente para representar o modelo de superestrutura.

Como anteriormente, devemos perguntar agora: o que expressa a expressão? "Não o conceito, porque este é uma fatia da Relação, quer dizer, um aspecto do esquema do ente percebido no contexto significativo de uma linguagem; o conceito jamais abandona a estrutura cultural: só pode ser PENSADO". A resposta que ali que se ofereceu é: "A PROJEÇÃO DO SINAL". "À pergunta: "o que expressa a expressão? "se responde: o sinal projetado. E à pergunta: "como a expressão coloca o sentido no ente? ", responde-se: pela projeção do sinal". Mas, "a projeção do sinal" é a culminação do segundo movimento, o que estabelece uma correspondência axiológica entre o SIGNIFICADO CONCEITUAL e o objeto cultural: MEDIANTE O SEGUNDO MOVIMENTO, O PASU PROJETA SOBRE O ENTE UM SINAL QUE CORRESPONDE AXIOLOGICAMENTE A UM SIGNIFICADO CONCEITUAL. No comentário Oitavo se descrevem as partes deste movimento, que agora repetimos. "O SIGNIFICADO, CONTIDO EM UM CONCEITO, É PROJETADO "PARA O MUNDO", EM DIREÇÃO A UM ENTE QUE SE ENCONTRA "ALÉM DA ESFERA SENSORIAL"; A MANIFESTAÇÃO EXTERIOR DA PROJEÇÃO É A EXPRESSÃO DE UM SINAL; O SINAL, EXPRESSADO POR UM MOVIMENTO CORPORAL, É UM INDICADOR COLOCADO SOBRE O ENTE DE REFERÊNCIA; ESSA MARCA NO ENTE, QUE INDICA O SINAL, CORRESPONDE AO SIGNIFICADO PELO DESÍGNIO DEMIÚRGICO DO ENTE; SOBRE O DESÍGNIO "DADO", SE "COLOCA" AGORA O SINAL".

"O CONHECIMENTO DO ENTE, o primeiro movimento, é a PASSAGEM DO DESÍGNIO DEMIÚRGICO AO SIGNIFICADO: POR ISSO, o segundo movimento, A PROJEÇÃO DO SIGNIFICADO, DE UM SINAL SOBRE O ENTE, É O RE-CONHECIMENTO DO ENTE; SÓ AO SER RE-CONHECIDO, AO SER SIGNIFICADO, O ENTE ADQUIRE "SENTIDO". O DESÍGNIO DEMIÚRGICO É O SER-PARA-O-HOMEM, O OBJETO DE CONHECIMENTO: SÓ O SINAL HUMANO NO ENTE, O RE-CONHECIMENTO, LHE COLOCA SENTIDO, LHE FAZ "EXISTIR-PARA-O-HOMEM". Vale dizer: O TRANSFORMA EM "OBJETO CULTURAL".

Pelo que foi visto, todo objeto cultural existe pela projeção de um sinal sobre um ente individual. Analisemos este fato com mais detalhes. O ente individual revela seu desígnio ao pasu no primeiro movimento do objetivo macrocósmico da finalidade (figura 73). O desígnio ou "essência do ente" é interpretado pela razão e esquematizado em uma Relação da estrutura cultural ou "verdade do ente".

O sinal projetado sobre o ente no segundo movimento expressa um "aspecto" dessa verdade do ente, quer dizer, um significado conceitual: o VALOR CULTURAL que transforma o ente individual em objeto cultural é o conteúdo que o sinal deposita no ente e lhe confere sentido. É evidente, então, que o ente individual, e seu desígnio, atuam como SUPORTE das PROPRIEDADES CULTURAIS OBJETIVAS. Com outras palavras: UM ENTE INDIVIDUAL, SEU DESÍGNIO, É O SUPORTE DAS PROPRIEDADES DE UM OBJETO CULTURAL CORRESPONDENTE.

Isto quer dizer que, "sob" as propriedades culturais do objeto, encontra-se o desígnio como substrato essencial das mesmas. Na verdade, toda propriedade cultural é só a AFIRMAÇÃO qualitativa que a projeção do sinal exerce sobre o desígnio do ente: NADA CONCRETO SE PODERIA "COLOCAR" COM A PROJEÇÃO DO SINAL QUE JÁ NÃO ESTIVESSE PREVIAMENTE NO ENTE, INCLUÍDO NO PLANO FORMATIVO; POR ISSO, O CONTEÚDO CULTURAL COLOCADO NO ENTE SÓ PODE SER UM "VALOR", UMA CATEGORIA

AXIOLÓGICA. Em um ente dado, em seu desígnio, está presente a totalidade das matrizes arquetípicas do Plano; quando esse ente se transforma em "objeto cultural", isso significa que UMA MATRIZ particular da série foi AFIRMADA acima de todas as demais; as propriedades culturais objetivas só DESCREVEM essa matriz particular QUE JÁ ESTAVA NO ENTE, integrando o desígnio e que permanece ainda como suporte essencial. Segundo se demonstrou no artigo E11 para o caso do cavalo ôntico, mas que pode fazer-se extensivo para qualquer outro ente, o que primeiro se conhece de um ente designado é a MATRIZ ESSENCIAL; ainda que todo o desígnio seja esquematizado em uma conexão cilíndrica ou Relação, a correspondência gnosiológica determina que a matriz essencial se codifique em uma LINGUAGEM HABITUAL OU IDIOMA SOCIOCULTURAL como CONCEITO HABITUAL (comentários Décimo Oitavo e Décimo Nono): o conceito habitual é "normalmente" horizontal e, portanto, seu significado é o primeiro percebido quando o sujeito se refere à sua Relação ou esquema. Deste fato se depreendem duas importantes conclusões: QUE UM SIGNIFICADO EXPRESSADO EM LINGUAGEM HABITUAL SÓ PODE CORRESPONDER A UM "CONCEITO HABITUAL". E QUE, SE UM CONCEITO HABITUAL APRESENTA CORRESPONDÊNCIA GNOSIOLÓGICA COM UMA MATRIZ ESSENCIAL, SUA EXPRESSÃO SOBRE O DESÍGNIO DO ENTE TEM QUE "AFIRMAR" ESSA MATRIZ ESSENCIAL.

Compreende-se agora por que as propriedades culturais são suportadas pelo desígnio do ente: porque, no segundo movimento, ao expressar o significado conceitual, o que se projeta na realidade é o significado do conceito habitual e este significado, colocado sobre o desígnio, não é mais do que a AFIRMAÇÃO da matriz essencial correspondente. Assim, a matriz essencial EMERGE acima das restantes matrizes arquetípicas e se torna VISÍVEL para o reconhecimento cultural: mas tal emergência ocorre no contexto axiológico dos objetos culturais restantes, e isso lhe confere o SENTIDO particular que o caracteriza. O SINAL PROJETADO SOBRE O ENTE, QUE TRANSFORMA ESTE EM OBJETO CULTURAL, TEM A CAPACIDADE DA MATRIZ ESSENCIAL E O SIGNIFICADO DO CONCEITO HABITUAL: SUA PROJEÇÃO AFIRMA A MATRIZ ESSENCIAL E A FAZ EMERGIR COM SENTIDO CULTURAL. MAS, ONDE "EMERGE" O OBJETO CULTURAL? RESPOSTA: O ENTE INDIVIDUAL ENCONTRA-SE NATURALMENTE NA REGIÃO (B), QUER DIZER, NO "MUNDO ASTRAL": A PROJEÇÃO DO SINAL IMPULSIONA A MATRIZ ESSENCIAL A MANIFESTAR-SE NA REGIÃO (D), QUER DIZER, NA "ESFERA DE SENTIDO DO MUNDO", COM O QUE O ENTE PASSA A SER "OBJETO CULTURAL". INVERSAMENTE, TODO OBJETO CULTURAL, CUJO SENTIDO EMERGE NA REGIÃO (D), É SUPORTADO ESSENCIALMENTE POR UM ENTE INDIVIDUAL SITUADO NA REGIÃO (B). O "VALOR CULTURAL" DEPENDE DESTA EMERGÊNCIA, DE QUANTO SURGE A MATRIZ ESSENCIAL NA ESFERA DE SENTIDO DO MUNDO: À MAIOR EMERGÊNCIA, MAIOR VALOR CULTURAL, MAIOR INTENSIDADE DE SENTIDO, ETC.

Em consequência, O SEGUNDO MOVIMENTO CONSISTE NA CORRESPONDÊNCIA AXIOLÓGICA ENTRE O CONCEITO HABITUAL DE UM SISTEMA DA ESTRUTURA CULTURAL E A MATRIZ ESSENCIAL DO DESÍGNIO DE UM ENTE EXTERNO INDIVIDUAL. Para incorporar este fato ao modelo estrutural devemos perceber que o segundo movimento é a resposta ao primeiro, e que este está determinado pelo POSTULADO ESSENCIAL. Na figura 46, representou-se o postulado essencial, o qual estabelece que A UMA ESFERA ÔNTICA COMO MODELO DE DESÍGNIO DO ENTE, CORRESPONDE UMA CONEXÃO CILÍNDRICA NA ESTRUTURA CULTURAL, COMO MODELO DO ESQUEMA OU VERDADE DO ENTE. Mas, como o desígnio consiste em um plano composto por uma série de matrizes arquetípicas, a analogia exige que a esfera

ôntica seja composta por uma série de esferas concêntricas correspondentes: a esfera ôntica é, assim, uma ESFERA ESTRATIFORME. A PERCEPÇÃO desta esfera ou desígnio do ente, durante o primeiro movimento, produz uma conexão cilíndrica integrada por um feixe de planos axiais, cada um dos quais representa o significado conceitual de uma matriz arquetípica. Tal como se vê na figura 46, o "conceito habitual" é o conceito-fatia normalmente horizontal, cujo plano é paralelo ao plano de significação (STT).

Relacionando a figura 46 com a 73, é fácil compreender que a primeira, na realidade, representa analogicamente a CORRESPONDÊNCIA GNOSIOLÓGICA estabelecida pelo primeiro movimento entre o desígnio de um ente externo e seu esquema na estrutura cultural: por isso, à esquerda, na região (B), há uma ESFERA ESTRATIFORME, e à direita, na região (b), há uma CONEXÃO CILÍNDRICA contendo um feixe de planos axiais. Se quiséssemos representar de maneira análoga o segundo movimento, deveríamos levar em conta que A CORRESPONDÊNCIA AXIOLÓGICA CONSISTE NA EXPRESSÃO DO CONCEITO HABITUAL "ALÉM" DA ESFERA SENSORIAL, VALE DIZER, NA "AFIRMAÇÃO" DA MATRIZ ESSENCIAL: METODOLOGICAMENTE, ESTA CONDIÇÃO SE FORMULA COMO O "POSTULADO PATENCIAL DO MODELO ESTRUTURAL". O POSTULADO PATENCIAL AFIRMA QUE, SE UMA FATIA HORIZONTAL DA CONEXÃO CILÍNDRICA EQUIVALE AO CONCEITO HABITUAL EXPRESSADO, E SE UMA, E SÓ UMA DAS ESFERAS CONCÊNTRICAS QUE INTEGRAM A ESFERA ESTRATIFORME REPRESENTA A MATRIZ ESSENCIAL AXIOLOGICAMENTE CORRESPONDENTE, ENTÃO ESTA ÚNICA ESFERA CONSTITUI UM "NÓ" NO MODELO DE SUPERESTRUTURA. O postulado patencial se representou analogicamente na figura 74, a qual deve ser comparada com a figura 46, para sua melhor compreensão.

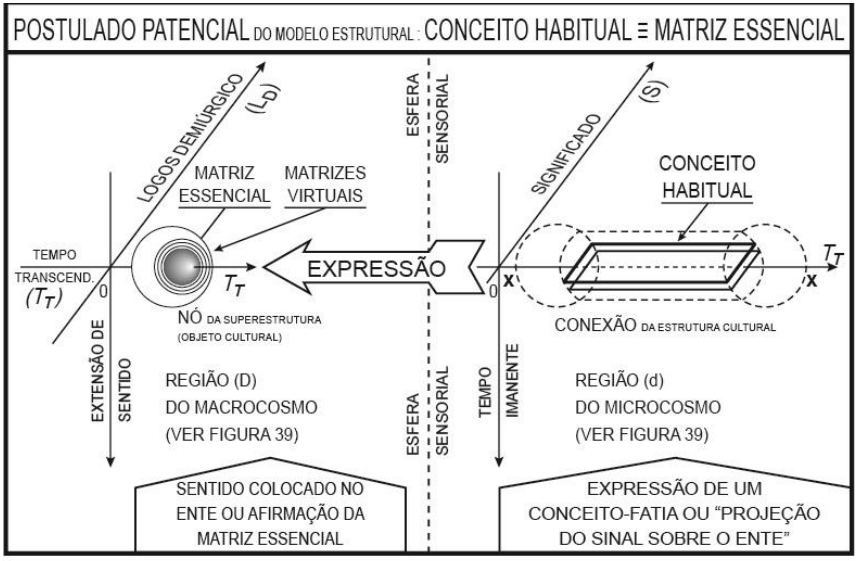


FIGURA 74

A linha pontilhada que divide o plano da figura 74 assinala o limite microcósmico da ESFERA SENSORIAL. À esquerda, no espaço cultural, a matriz essencial afirmada pela projeção do sinal emerge na região (D) do macrocosmo: o ente se torna axiologicamente VISÍVEL como OBJETO CULTURAL. À direita, no espaço psicológico, o conceito-fatia habitual, cuja representação consciente é VISÍVEL na região (d), é expressado "além da esfera sensorial": o sinal, que representa o significado conceitual, será projetado sobre o desígnio do ente e afirmará a matriz essencial.

Em síntese, o sinal expressa o significado do conceito habitual: a projeção do sinal sobre o desígnio do ente afirma a matriz essencial e lhe confere valor cultural. O ente transforma-se em objeto cultural, em suporte de propriedades culturais; a matriz essencial EMERGE, então, com um SENTIDO particular determinado pelo CONTEXTO AXIOLÓGICO dos objetos culturais restantes que povoam o espaço cultural. O POSTULADO PATENCIAL EXIGE QUE TAL MATRIZ EMERGENTE, CUJA PATÊNCIA FAZ DO ENTE UM OBJETO CULTURAL, SE REPRESENTE POR UMA ESFERA ANALÓGICA E QUE A MESMA OCUPE O LUGAR DE UM "NÓ" NO MODELO DE SUPERESTRUTURA. Esta interpretação metodológica da correspondência axiológica vai nos permitir, como já o havíamos adiantado, deduzir o modelo de superestrutura a partir do modelo estrutural da figura 12.

D – Modelo analógico de "superestrutura".

O postulado essencial do modelo estrutural afirma que a uma esfera ôntica estratiforme, como modelo do desígnio do ente, corresponde gnosiologicamente uma conexão cilíndrica de planos axiais na estrutura cultural, como modelo da verdade do ente.

O postulado patencial do modelo estrutural afirma que a um plano horizontal da conexão cilíndrica da estrutura cultural, como modelo do conceito habitual, corresponde axiologicamente um nó ôntico esférico simples da superestrutura, como modelo da matriz essencial emergente no objeto cultural.

A compreensão conjunta de ambos os postulados nos revela uma importante condição: A UMA "CONEXÃO" DO MODELO DE ESTRUTURA CULTURAL CORRESPONDE UM "NÓ" NO MODELO DE SUPERESTRUTURA. Esta condição determina que entre ambos os modelos exista uma relação de SIMETRIA INVERSA. Contudo, há um caráter real, comum aos objetos culturais e às representações conscientes de objetos culturais, que não podem ficar ausentes nos modelos respectivos: a incorporação desse caráter impõe um CRITÉRIO VISUAL na qualificação da relação assinalada, pelo que a Sabedoria Hiperbórea a denomina: "SIMETRIA PATENCIAL INVERSA". O exame da figura 74 demonstra claramente tal caráter comum: tanto o conceito habitual como o objeto cultural apresentam em comum a qualidade de que sua existência está associada ao seu APARECIMENTO: o conceito habitual, ou qualquer conceito-fatia, só existe para o sujeito anímico quando é PERCEBIDO, quando seu significado se faz VISÍVEL, quando sua representação emerge na esfera de luz, etc.; o objeto cultural, por seu lado, só existe como tal quando é RE-CONHECIDO, quer dizer, quando seu valor cultural é E-VIDENTE para os membros da comunidade cultural: o existir de um objeto cultural consiste em seu APARECER cheio de sentido ou em seu estar EVIDENTE. Comprovamos assim que, apesar de corresponderem um a uma CONEXÃO e o outro a um NÓ, ambos os seres apresentam o caráter comum de sua existência PATENTE. O rigor metodológico exige que as qualidades reais se contemplem nos modelos estruturais, para que estes correspondam, o mais

exatamente possível, à realidade que representam; o caráter mencionado deve, pois, estar presente no modelo de estrutura cultural e no modelo de superestrutura, pelo que vamos supor implicitamente a VISIBILIDADE MANIFESTADA do conceito habitual e do objeto cultural representados nos modelos respectivos: tanto o conceito de fatia (da conexão cilíndrica) da estrutura cultural, como o nó da superestrutura DEVEM SE CONSIDERAR PATENTES; o primeiro patente para a apreensão inteligível do sujeito anímico e o segundo patente para a percepção sensível do pasu. Entre ambos os modelos se verificará, assim, uma relação de SIMETRIA POTENCIAL INVERSA.

Um modelo de estrutura, como o da figura 12, se compõe de NÓS E CONEXÕES. Sabemos, pelo postulado patencial, que os NÓS da superestrutura consistem em objetos CULTURAIS e que os mesmos podem ser representados em um modelo por ESFERAS EQUIVALENTES. É evidente, pois, que ainda devemos esclarecer como se representam as CONEXÕES do modelo de superestrutura. A resposta surgirá da compreensão das CONEXÕES REAIS das superestruturas. Vale dizer, da indagação seguinte: o que une entre si os NÓS ou OBJETOS CULTURAIS da superestrutura real? Resposta: uma VINCULAÇÃO PARTICULAR RELATIVA, que a Sabedoria Hiperbórea denomina: "CONEXÃO DE SENTIDO".

O conjunto de objetos culturais que povoa um dado espaço cultural constitui um CONTEXTO AXIOLÓGICO, no qual o objeto particular adquire seu SENTIDO. Isto implica em que cada objeto cultural se encontra conectado a cada um dos restantes objetos do contexto axiológico por uma CONEXÃO DE SENTIDO culturalmente permanente: enquanto um objeto cultural exista como tal, quer dizer, enquanto possua sentido para uma cultura pasu, manter-se-ão as CONEXÕES DE SENTIDO que causam sua evidência no contexto axiológico. E como uma "cultura pasu" não é mais do que a forma determinada por uma superestrutura real, compreende-se que suas "CONEXÕES" só podem consistir em tais "conexões de sentido" que unem entre si os objetos culturais do contexto axiológico. Contudo, se as "conexões de sentido" são as conexões reais entre objetos culturais, só nos falta estabelecer a forma de sua representação no modelo de superestrutura.

As CONEXÕES DE SENTIDO, por seu caráter de CONEXÃO PERMANENTE E REAL entre objetos culturais, devem se qualificar como REGISTROS MACROCÓSMICOS. Segundo se definiu anteriormente, "REGISTRO MACROCÓSMICO É TODO RECIPIENTE ESTRUTURAL CAPAZ DE RECEBER E CONSERVAR A FORMA DE UM EVENTO DADO E DE PERMITIR AO DEMIURGO SUA POSTERIOR REPRODUÇÃO": como veremos mais adiante, as CONEXÕES DE SENTIDO cumprem esta função, pois contêm A HISTÓRIA CULTURAL DO OBJETO DE REFERÊNCIA; por isso a Sabedoria Hiperbórea as denomina de REGISTROS CULTURAIS. Diferentemente dos Registros ônticos, "que são propriedade exclusiva dos entes individuais", OS REGISTROS CULTURAIS SÃO SEMPRE PROPRIEDADE DOS OBJETOS CULTURAIS: aqueles entre os quais existe a CONEXÃO DE SENTIDO. Mas, estando "dois objetos culturais" fundamentados em dois entes espacialmente distanciados, e sendo a CONEXÃO DE SENTIDO uma conexão real entre ambos, é claro que o Registro cultural há de se estender diretamente de um objeto cultural ao outro, cobrindo o espaço cultural que os separa. ESTA QUALIDADE REAL DO REGISTRO CULTURAL É O PRINCÍPIO QUE JUSTIFICA SUA REPRESENTAÇÃO ANALÓGICA COMO "CONEXÃO CILÍNDRICA" NO MODELO DE SUPERESTRUTURA.

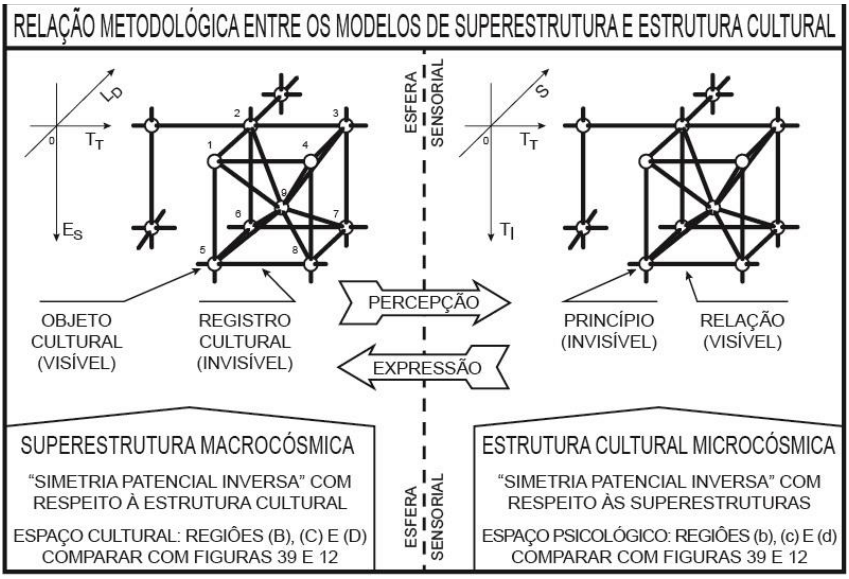


FIGURA 75

A conexão de sentido, que une dois objetos culturais da superestrutura real, pode se representar analogicamente como uma CONEXÃO CILÍNDRICA que une dois NÓS ESFÉRICOS no modelo de superestrutura: já estamos em condições de representar um modelo semelhante! Sem dúvida, o modelo da figura 12 serviria adequadamente para este fim SE NÃO FOSSE PORQUE NÃO CONVÉM ABSOLUTAMENTE REPRESENTAR A SUPERESTRUTURA INDEPENDENTEMENTE DA ESTRUTURA CULTURAL: pelo contrário, seria altamente instrutivo referir o modelo de superestrutura ao modelo de estrutura cultural, pois desse modo se revelaria a SIMETRIA POTENCIAL INVERSA que existe entre ambas. Pode-se realizar esta possibilidade, representando em uma mesma figura as duas estruturas CONFORME O MODELO DA FIGURA 12, tal como se mostra na figura 75.

Comprovamos ali que, tanto o modelo de superestrutura representado à esquerda, como o modelo de estrutura cultural da direita, é idêntico ao modelo de estrutura da figura 12. Contudo, entre as duas verifica-se uma relação de "SIMETRIA PATENCIAL INVERSA":

Na estrutura cultural, o lugar dos NÓS é ocupado por Princípios, cuja potência passiva os torna INVISÍVEIS para o sujeito anímico: segundo vimos na Primeira Parte, os Princípios são IRREPRESENTÁVEIS. Pelo contrário, o lugar das CONEXÕES é ocupado por Relações cuja potência ativa permite sua REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE sempre que o sujeito o requeira: as Relações são, em todo caso, VISÍVEIS para o sujeito anímico.

Na superestrutura, o lugar dos NÓS é ocupado pelos OBJETOS CULTURAIS, cujo sentido os torna VISÍVEIS para os membros da comunidade sociocultural. Pelo contrário, no lugar das CONEXÕES existem os Registros

culturais, as conexões de sentido que são INVISÍVEIS, porque permanecem sob o "umbral do sentido" (ver figura 39).

É evidente a simetria patencial inversa: na estrutura cultural OS NÓS SÃO INVISÍVEIS e na superestrutura OS NÓS SÃO VISÍVEIS. Na estrutura cultural AS CONEXÕES SÃO VISÍVEIS e na superestrutura AS CONEXÕES SÃO INVISÍVEIS.

E – Estudo analógico das superestruturas.

O modelo de superestrutura, desenvolvido nos artigos anteriores, e exposto graficamente na figura 75, possibilita a "visão analógica" das superestruturas reais que nos havíamos proposto obter, ao começar o inciso. Daqui em diante, ao nos referirmos às superestruturas reais, o faremos sempre através deste modelo ou levando em conta as conclusões que dele se depreendem. Particularmente valiosa, por exemplo, é a colaboração que o modelo presta a uma explicação detalhada do conceito de Registro cultural, conceito que só se pode explicar ANALOGICAMENTE, uma vez que o Registro cultural é INVISÍVEL para o sujeito anímico. O iniciado hiperbóreo, entretanto, dispõe de uma FACULDADE DE ANAMNESE que lhe permite explorar os registros culturais e conhecer a história dos objetos culturais de referência: para evidenciar o poder desta faculdade a viryas NÃO INICIADOS, para quem os Registros culturais são efetivamente invisíveis, será inevitável recorrer ao modelo de superestrutura, a fim de explicar, previamente, o conceito de Registro cultural. É o que faremos em continuação: no presente artigo, explicaremos o conceito de Registro cultural, com a ajuda do modelo da figura 75, e no próximo, estudaremos a faculdade de anamnese dos iniciados hiperbóreos.

E1 – Correspondência analógica entre o modelo de superestrutura e a superestrutura real.

Sendo o modelo de superestrutura uma representação analógica da SUPERESTRUTURA REAL, as conclusões que de seu exame extraiamos apresentarão correspondências com características, qualidades ou propriedades da mesma. As principais correspondências se sintetizam na tabela da figura 75 bis: o primeiro passo será explicar cada uma de tais relações, para esclarecer o contexto em que deve ser compreendido o conceito de Registro cultural.

Os nove enunciados da coluna da direita referem-se ao modelo da superestrutura da figura 75, enquanto os nove da coluna esquerda refletem propriedades correspondentes de uma superestrutura real. As três primeiras correspondências podem se considerar como PRINCÍPIOS AXIOMÁTICOS do modelo de superestrutura: estes princípios já foram suficientemente explicados e justificados nos artigos precedentes, pelo qual aqui, salvo o III, só nos limitaremos a repetir sua definição. O princípio I é a TESE FUNDAMENTAL do modelo de superestrutura, da qual se derivam todos os raciocínios posteriores: ela afirma, simplesmente, que "o modelo de superestrutura corresponde analogicamente à toda superestrutura real".

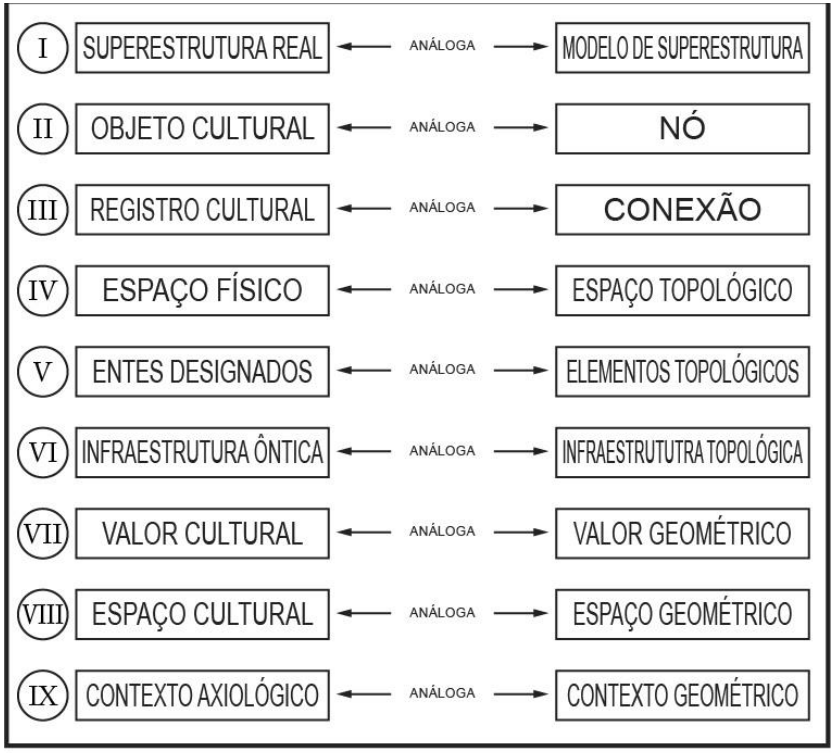


FIGURA 75 bis

O princípio II expressa o "postulado patencial do modelo estrutural" e é evidente seu caráter axiomático: afirma que, "a um nó do modelo de superestrutura, corresponde um objeto cultural da superestrutura real". O princípio III recebe sua fundamentação real nas CONEXÕES DE SENTIDO que ligam entre si os objetos culturais; como tais relações dão lugar aos Registros culturais, sem discutir a validade do princípio, o mesmo será explicado novamente, com maiores detalhes, mais adiante; sua formulação afirma que, "uma conexão do modelo de superestrutura corresponde a um Registro cultural da superestrutura real".

Tomando por certa a validade dos princípios axiomáticos I, II e III sobre os quais se baseia o modelo de superestrutura, a análise das seguintes PROPOSIÇÕES ANALÓGICAS nos permitirá aprofundar na compreensão das superestruturas reais. Trata-se agora de enunciados encadeados logicamente, que descrevem as propriedades essenciais do modelo de superestrutura e permitem explicar a CONSTITUIÇÃO de uma superestrutura real.

E2 – Proposições IV e V.

Recordemos o que foi dito anteriormente sobre o modelo de estrutura da figura 12, idêntico ao da figura 75: "Da simples observação, deduzimos que se compõe de quatro elementos: certas protuberâncias nos vértices e centro do cubo, chamadas NÓS; a CONEXÃO entre nós, o ESPAÇO que ocupa sua extensão; e o TEMPO que lhe permite durar ou mudar". Destes quatro elementos, não vamos

considerar aqui o TEMPO, que nas superestruturas reais denomina-se HISTÓRIA ou TEMPO HISTÓRICO, pois o mesmo já foi definido em outro inciso como "tempo de uma cultura externa"; em troca, vamos estudar mais adiante uma espécie temporal própria dos Registros culturais, que a Sabedoria Hiperbórea denomina SÉRIE CRONO-CULTURAL. Prescindindo do tempo, pode-se afirmar que um modelo de superestrutura se constrói ESSENCIALMENTE COM "ELEMENTOS TOPOLÓGICOS" ORGANIZADOS EM UM "ESPAÇO TOPOLÓGICO". Neste "espaço topológico" reconhecemos o ESPAÇO que toda estrutura requer para existir, mas no lugar de NÓS e CONEXÕES, afirmamos que um modelo de superestruturas se constrói com "elementos topológicos". O que significa esta diferença? Resposta: que, em uma superestrutura real, os objetos culturais, análogos aos nós, e os Registros culturais, análogos às conexões, são elementos reais cuja existência começa A POSTERIORI da existência ôntica: como vimos em "C", os entes externos designados são o suporte de propriedades culturais do objeto cultural; é assim porque os entes apresentam seu desígnio A PRIORI, no primeiro movimento, enquanto os objetos culturais surgem pela afirmação A POSTERIORI da matriz essencial do desígnio durante o segundo movimento. Portanto, no modelo de superestrutura tem que existir, analogicamente, algo A PRIORI da existência dos nós e conexões, mas que sirva de fundamento às propriedades posteriores dos mesmos: tal aprioridade fundamental é a característica essencial dos ELEMENTOS TOPOLÓGICOS do modelo de superestrutura.

Entende-se, então, a PROPOSIÇÃO V, que postula a analogia entre os ELEMENTOS TOPOLÓGICOS do modelo de superestrutura e os ENTES DESIGNADOS da superestrutura real. Mas, se os elementos topológicos se organizam em um ESPAÇO TOPOLÓGICO, e aqueles são análogos aos entes designados cuja existência ocorre no ESPAÇO FÍSICO, é evidente que estes espaços são também análogos; é o que afirma a proposição IV: "o espaço topológico do modelo de superestrutura é análogo ao espaço físico da superestrutura real".

E3 – Proposições VI e VII.

Consideremos agora o modelo de estrutura da figura 12. Os ELEMENTOS TOPOLÓGICOS, ao organizarem-se no ESPAÇO TOPOLÓGICO, configuram uma INFRAESTRUTURA TOPOLÓGICA. A infraestrutura topológica é o esqueleto essencial de toda estrutura: sobre este esqueleto se agregam, A POSTERIORI, os VALORES que transformam a infraestrutura em estrutura e lhe conferem propriedades GEOMÉTRICAS específicas. A qualificação de NÓ ou CONEXÃO, por exemplo, é a concessão de um VALOR GEOMÉTRICO a certos ELEMENTOS TOPOLÓGICOS preexistentes na estrutura. Com outras palavras, A INFRAESTRUTURA TOPOLÓGICA SUPORTA AS PROPRIEDADES GEOMÉTRICAS DA ESTRUTURA.

Aplicando estas definições ao modelo de superestrutura da figura 75 e traçando correspondências com a superestrutura real, chegamos a compreender a proposição VI. Com efeito, se a infraestrutura topológica se compõe de elementos topológicos, análogos aos entes designados, estes hão de integrar, analogicamente, uma INFRAESTRUTURA ÔNTICA. Vale dizer, OS ENTES DESIGNADOS, AO ORGANIZAREM-SE NO ESPAÇO FÍSICO, CONFIGURAM UMA INFRAESTRUTURA ÔNTICA. Naturalmente, tal como o declara a proposição VI, "a infraestrutura topológica do modelo de superestrutura é análoga à infraestrutura ôntica da superestrutura real".

Contudo, o que é, realmente, uma INFRAESTRUTURA ÔNTICA? Resposta: O ESQUELETO ESSENCIAL QUE SUPORTA AS PROPRIEDADES CULTURAIS DA SUPERESTRUTURA REAL.

Explicaremos esta resposta. Os entes designados que se encontram distribuídos no espaço físico formam uma infraestrutura ôntica. O pasu vai conhecendo seus desígnios mediante o primeiro movimento, e vai afirmando suas matrizes essenciais com a projeção dos sinais que efetua o segundo movimento. Os entes se transformam, assim, em objetos culturais e emergem com propriedades específicas, além do umbral do sentido: na verdade, os entes permanecem equilibrados em seu local, pois o que emerge é um CONTEÚDO AXIOLÓGICO, colocado neles pela expressão do pasu. Este conteúdo axiológico é um VALOR CULTURAL agregado aos entes preexistentes que, por isso, atuam como suporte de propriedades culturais. Entende-se então que, analogamente ao modelo de superestrutura, a infraestrutura ôntica é um esqueleto essencial da superestrutura real: sobre este esqueleto se agregam A POSTERIORI os VALORES que transformam a infraestrutura em superestrutura e lhe conferem propriedades CULTURAIS específicas. A qualificação de OBJETO CULTURAL ou REGISTRO CULTURAL, por exemplo, é a concessão de um VALOR CULTURAL a certos ENTES DESIGNADOS PREEXISTENTES. Com outras palavras, A INFRAESTRUTURA ÔNTICA SUPORTA AS PROPRIEDADES CULTURAIS DA SUPERESTRUTURA REAL.

É evidente, agora, o enunciado da proposição VII: “o valor geométrico agregado a um elemento da infraestrutura topológica é análogo ao valor cultural afirmado sobre um ente da infraestrutura ôntica”.

E4 – Proposição VIII.

O espaço topológico, em cujo seio se organiza a infraestrutura topológica, É UM ESPAÇO ESSENCIALMENTE QUALITATIVO, quer dizer, um espaço em que só se pode qualificar os elementos topológicos pela QUALIDADE de suas propriedades essenciais. O agregado do valor geométrico aos elementos da infraestrutura topológica transforma o espaço topológico em ESPAÇO GEOMÉTRICO: UM ESPAÇO ESSENCIALMENTE QUANTITATIVO, ONDE TÊM LUGAR O MODELO DE SUPERESTRUTURA, QUER DIZER, UM ESPAÇO ONDE SE PODEM QUALIFICAR OS NÓS E CONEXÕES POR SUA QUANTIDADE, NÚMERO OU MEDIDA. No espaço geométrico, os nós e conexões adquirem importância particular por sua posição RELATIVA no modelo de superestrutura: podem ser NUMERADOS, CONTADOS, e suas relações mútuas MEDIDAS com precisão.

Analogamente, o espaço físico “é um espaço essencialmente qualitativo”, quer dizer, um espaço em que só se pode qualificar os entes designados pela QUALIDADE de suas propriedades essenciais: tais propriedades puramente qualitativas, desde já, consistem no plano dos desígnios ônticos. A afirmação das matrizes essenciais por efeito do segundo movimento transforma os entes designados em objetos culturais e a infraestrutura ôntica em superestrutura: O ESPAÇO FÍSICO SE TRANSFORMA, ENTÃO, EM “ESPAÇO CULTURAL”, UM ESPAÇO QUANTITATIVO ONDE O SENTIDO DE CADA OBJETO CULTURAL DEPENDE RIGOROSAMENTE DO “VALOR CULTURAL” PRÓPRIO E DA MEDIDA DE “CONEXÕES DE SENTIDO” MÚTUAS. As características gerais do “espaço cultural” foram resumidas no comentário Décimo Quarto do artigo A.

Claramente, a proposição VIII sintetiza a correspondência entre o espaço geométrico e o espaço cultural; este é o enunciado completo: “o espaço geométrico determinado pelo modelo de superestrutura é análogo ao espaço cultural CONSTITUÍDO pela superestrutura real”.

Revisamos até aqui as proposições I a VIII. A proposição IX, contudo, não poderá ser abordada, pois sua explicação requer a definição de alguns conceitos

prévios. Nos seguintes subartigos se estudará a relação entre a infraestrutura e a estrutura, e a relatividade do valor geométrico: estes conceitos nos permitirão definir o "CONTEXTO GEOMÉTRICO" de uma propriedade e este, por último, tornará compreensível a proposição IX.

E5 – Caráter absoluto da infraestrutura e caráter relativo da estrutura.

Analisaremos agora as RELAÇÕES ESTRUTURAIS do modelo de superestrutura da figura 75. Reparemos em que o propósito de analisar ESTRUTURALMENTE o modelo implica no exame dos VALORES GEOMÉTRICOS que se afirmaram sobre a INFRAESTRUTURA TOPOLÓGICA, por exemplo, dos NÓS E CONEXÕES. O objetivo da análise procurará demonstrar que tais VALORES GEOMÉTRICOS são RELATIVOS, quer dizer, que DEPENDEM DO "CONTEXTO GEOMÉTRICO". Uma vez demonstrado isto, tiraremos as conclusões analógicas que correspondam à superestrutura real.

Começaremos por repetir a pergunta anterior: "em que consiste o MODO ESTRUTURAL? ", e aplicar sua resposta ao modelo de superestrutura. Resposta: Existe um último PADRÃO FORMAL que não pode ser decomposto por redução; a MODALIDADE de uma estrutura é o MODO como tal padrão irredutível é reproduzido na arquitetura do sistema. Antes de tudo, recordemos que no modelo de estrutura da figura 12, homólogo ao de superestrutura da figura 75, o "padrão formal" é o CUBO CENTRADO. Para facilitar a explicação, temos que supor que o modelo de superestrutura se baseia em uma modalidade "cúbica", quer dizer, em um modo estrutural determinante de que o cubo centrado se repita em toda a trama da superestrutura como padrão formal: desde já, trata-se só de um exemplo didático, um exemplo que nos permitirá qualificar o modelo de superestrutura, também, como "estrutura cúbica".

Contudo: É INDUBITÁVEL QUE O "PADRÃO FORMAL" É UMA QUALIDADE ESSENCIAL DA INFRAESTRUTURA TOPOLÓGICA. Ou, em outros termos: O "PADRÃO FORMAL" É UMA CAPACIDADE PRÓPRIA DA INFRAESTRUTURA E, PORTANTO, A PRIORI DA ESTRUTURA CONSTITUÍDA SOBRE ELA. Como se comprova esse caráter? Resposta: notando que O "PADRÃO FORMAL" É INDEPENDENTE DE TODA "REFERÊNCIA" ESPACIAL OU TEMPORAL PARA EXISTIR.

O CUBO ESTRUTURAL da figura 75, por exemplo, é sustentado por um CUBO INFRAESTRUTURAL TOPOLÓGICO: este último, considerado abstratamente como o "padrão formal" do modelo de superestrutura, SERÁ SEMPRE "UM CUBO", INDEPENDENTEMENTE DO PONTO DE OBSERVAÇÃO OU DO MOMENTO EM QUE SE O COMPREENDA, quer dizer, independentemente da PERSPECTIVA.

Vamos examinar a resposta com maiores detalhes. Segundo vimos, O CUBO INFRAESTRUTURAL TOPOLÓGICO É O SUPORTE ESSENCIAL DO CUBO ESTRUTURAL: isto significa que o "cubo" é o fundamento topológico sobre o qual se afirma o VALOR GEOMÉTRICO MAIS GERAL, quer dizer, o ato de ser CUBO ESTRUTURAL. Em resumo, o cubo INFRAESTRUTURAL não possui VALOR GEOMÉTRICO, ainda que faça possível que o VALOR exista para todo cubo estrutural enquanto tal; o VALOR, e a existência estrutural, sobrevêm a posteriori do padrão formal: o cubo INFRAESTRUTURAL é uma qualidade topológica que carece de valor geométrico próprio, mas que serve de base à existência do valor geométrico estrutural; um CUBO ESTRUTURAL só pode ser AFIRMADO sobre um CUBO INFRAESTRUTURAL TOPOLÓGICO, quer dizer, aquele que não poderia existir sem a presença deste.

Mas o cubo INFRAESTRUTURAL, enquanto "padrão formal", é irredutível e não pode ser decomposto analiticamente, vale dizer, é um ser simples: determina sem ser determinado e, ainda que seja causa de RELAÇÕES GEOMÉTRICAS, não depende de nenhuma RELAÇÃO fora de si para existir. Chegamos assim ao princípio assinalado na resposta anterior; particularmente interessa destacar que não se requer referir o cubo INFRAESTRUTURAL ao espaço topológico para provar sua existência: sua evidência é inseparável da intuição sensível ou inteligível que o revele à razão e independentemente de toda referência concreta.

Contrariamente ao caráter absoluto do cubo INFRAESTRUTURAL, o CUBO ESTRUTURAL se caracteriza por sua RELATIVIDADE. Isto se colocará em evidência, se recordamos que o CUBO ESTRUTURAL surge da atribuição de um conjunto de VALORES GEOMÉTRICOS ao CUBO INFRAESTRUTURAL: por isso, pode ser DESCRITO como se fosse um ser complexo e decomposto em um conjunto de propriedades correspondentes. Mas tais propriedades são essencialmente RELATIVAS: DEPENDEM, POR UM LADO, DA "REFERÊNCIA" DO CUBO ESTRUTURAL AO ESPAÇO GEOMÉTRICO E, POR OUTRO LADO, DE SUAS "RELAÇÕES" MÚTUAS. No PRIMEIRO CASO, a relatividade se comprova notando que o VALOR GEOMÉTRICO de qualquer propriedade do cubo estrutural depende da RELAÇÃO que tal propriedade mantenha com respeito ao espaço geométrico de REFERÊNCIA. No SEGUNDO CASO, a relatividade se comprova observando que o VALOR GEOMÉTRICO de uma propriedade depende das RELAÇÕES com outras propriedades geométricas, quer dizer, depende do CONTEXTO GEOMÉTRICO. No primeiro caso, a relatividade do valor geométrico é GERAL e no segundo caso é ESPECIAL.

Vamos demonstrar ambos os casos de relatividade nos seguintes subartigos, a fim de enfrentar, logo, a explicação da proposição IX.

E6 - Primeiro caso: relatividade geral do valor geométrico no cubo estrutural.

Em toda estrutura, qualquer que seja sua modalidade, e particularmente na "estrutura cúbica" aqui considerada, o valor geométrico é relativo, ainda que tal relatividade possa estar IMPLÍCITA ou EXPLÍCITA na definição de suas propriedades.

O que significa a RELATIVIDADE GERAL do valor geométrico? Resposta: que no cubo estrutural, o valor de suas propriedades depende da relação que estas mantenham com respeito ao espaço de referência. Para comprová-lo notemos que, SEM REFERIR O CUBO ESTRUTURAL AO ESPAÇO, NÃO É POSSÍVEL ASSINALAR SUAS PROPRIEDADES REAIS: SÓ PODEREMOS DESCREVER SUAS PROPRIEDADES IDEAIS, POIS, SEM REFERÊNCIA ESPACIAL, O CUBO NÃO SE ENCONTRA SITUADO EM UM ESPAÇO GEOMÉTRICO, SENÃO EM UM ESPAÇO IDEAL; diremos, por exemplo, "O CUBO ESTRUTURAL TEM SEIS FACES, LIMITADAS POR DOZE ARESTAS, QUE FORMAM OITO VÉRTICES EXTERIORES, ETC." Uma descrição semelhante é, naturalmente, IDEAL e, portanto, GENÉRICA: TODO CUBO ESTRUTURAL corresponde a essa descrição geral. Contudo, quando nos REFERIMOS a "ESSE" CUBO ESTRUTURAL em particular, por exemplo, o da figura 75, as coisas mudam: SE É CERTO QUE A "ESSE" CUBO ESTRUTURAL LHE CABE A DESCRIÇÃO ANTERIOR, NÃO É MENOS CERTO QUE AS PROPRIEDADES DESCRITAS DEPENDEM, "NESSE" CUBO, DA REFERÊNCIA IMPLÍCITA AO ESPAÇO GEOMÉTRICO. Por exemplo, é certo que o cubo da figura 75 tem seis faces: mas não é menos certo que as mesmas NÃO SÃO TODAS IGUAIS. Com efeito, "nesse" cubo devemos admitir que uma face é "frontal", outra "superior", outra "inferior", outra "posterior", e outras duas "laterais"; se dizemos "a face do cubo", estamos mencionando uma propriedade do cubo ideal:

"a face", uma face igual às outras seis, SEM VALOR ESPECÍFICO; mas se dizemos "ESSA" FACE DO CUBO, estamos assinalando IMPLICITAMENTE uma propriedade do cubo real: "uma" face, uma face distinta das outras seis, COM O VALOR ESPECÍFICO que procede de ser "frontal", "lateral", etc.

Não podemos, pois, ASSINALAR nenhuma propriedade "DESSE" cubo estrutural da figura 75 sem que, implícita ou explicitamente, a mesma esteja determinada por sua referência ao espaço geométrico: justamente, os três eixos ortogonais dispostos à esquerda do cubo estrutural, x(TT), y(ES) e z(LD),cumprem a função de representar o espaço geométrico para o qual deve ser REFERIDA toda observação. Quando um cubo estrutural se encontra REFERIDO, como na figura 75, a um espaço geométrico, CADA UMA DE SUAS PROPRIEDADES GEOMÉTRICAS APRESENTA UM VALOR RELATIVO A DITO ESPAÇO. Se a REFERÊNCIA se toma com respeito ao ponto ("0") de intersecção dos eixos, então o vértice 3 tem mais valor que o vértice 2, por exemplo; igualmente, tem MAIS VALOR a aresta 3,7 que a aresta 2,6, etc. A rigor, se pretendemos assinalar com exatidão uma propriedade específica "desse" cubo particular, devemos estabelecer com precisão sua relação com respeito a um espaço de referência: isso nos permitirá assegurar que a propriedade assinalada É A MESMA após qualquer tipo de deslocamento; se a referência é correta, uma mudança de posição, uma rotação do cubo estrutural, por exemplo, não nos impedirá de distinguir, sem erro, a todo momento, tal ou qual propriedade específica. Contudo, se permanecemos fixos em nosso local de observação, comprovaremos que, apesar de saber, a todo momento, onde está o vértice 3, o mesmo pode já NÃO VALER MAIS que o vértice 2. Quer dizer, O VALOR GEOMÉTRICO É RELATIVO COM RESPEITO AO ESPAÇO DE REFERÊNCIA.

Cabe avisar aqui que só o segundo caso, de RELATIVIDADE ESPECIAL do valor geométrico, será levado em consideração para explicar a proposição IX: o motivo é que a correspondência analógica entre o modelo de superestrutura e a superestrutura real exigiria a definição de uma REFERÊNCIA concreta desta ao espaço cultural, exigência que nos afastaria do objetivo deste inciso, quer dizer, do Registro cultural. O Registro cultural, por ser análogo a uma conexão do modelo de superestrutura, fica compreendido claramente no segundo caso, que se refere às determinações do contexto geométrico. Por isso, após o artigo seguinte, se mencionará "A RELATIVIDADE" do valor geométrico, sem esclarecer se é geral ou especial, mas, em todo caso, deverá entender-se que se trata "DA RELATIVIDADE ESPECIAL", quer dizer, aquela relatividade do valor com respeito ao contexto geométrico.

E7 – Segundo caso: relatividade especial do valor geométrico no cubo estrutural.

À parte da relatividade geral que o valor geométrico das propriedades do cubo estrutural apresenta com respeito ao espaço de referência, cada propriedade tem seu valor determinado por sua relação com todas e cada uma das restantes propriedades. O que significa, pois, a RELATIVIDADE ESPECIAL do valor geométrico? Resposta: que no cubo estrutural, o valor de cada uma de suas propriedades é determinado pelo CONTEXTO GEOMÉTRICO. Para demonstrá-lo, basta apenas assinalar qualquer propriedade específica e analisar de quê depende sua definição: imediatamente se comprovará que, quanto mais detalhada seja a descrição da propriedade, tanto mais esta depende das RELAÇÕES com as restantes propriedades. Indiquemos, por exemplo, o vértice 2: não se trata agora de qualquer vértice, senão "desse" vértice particular, o posterior-superior-lateral esquerdo. Agora se, a princípio, o distinguimos dos outros sete vértices exteriores, porque o 2 é aquele que é formado pela intersecção de três arestas das faces

posterior, superior e lateral esquerda: mesmo que só digamos “esse vértice”, e apontemos o 2, sem mencionar nenhuma referência, na verdade o estamos identificando implicitamente por sua relação com as três faces nomeadas; o vértice e as três faces que o formam estão relacionados mutuamente, de tal modo que sempre é possível identificar qualquer um deles, por sua relação com as outras três propriedades. Aqui já se vê, em sua definição mais elementar, a RELATIVIDADE ESPECIAL que o valor geométrico do vértice 2 apresenta, com respeito às faces que o integram; é o ÚNICO vértice formado por essas três faces, mas esta condição, que causa sua existência, revela sua dependência existencial: o vértice 2 só pode ser tal POR SUA RELAÇÃO simultânea com as três faces; ou, com mais rigor: UM PONTO SÓ PODE SER VÉRTICE 2 SE SUA RELAÇÃO COM AS FACES POSTERIOR, SUPERIOR E LATERAL ESQUERDA, DO CUBO ESTRUTURAL, É TAL QUE NELE SE INTERSECTAM SUAS ARESTAS OU LADOS. O valor geométrico do vértice 2 é, pois, ESSENCIALMENTE RELATIVO: DEPENDE DA RELAÇÃO DE COINCIDÊNCIA, EM UM PONTO, DAS TRÊS ARESTAS QUE O FORMAM.

Vamos agora um pouco mais longe: tratemos de definir com maior precisão o vértice 2. Isso será possível se conhecemos mais detalhes sobre o mesmo, detalhes que podem se obter por meio de uma DESCRIÇÃO minuciosa. Iniciemos, por exemplo, destacando que “o vértice 2 está sobre uma linha diagonal que passa pelo centro 9 e pelo vértice oposto 8”; mas, o que fizemos aqui, senão RELACIONAR o vértice 2 com o centro 9 e o vértice 8? Continuamos, por exemplo, notando que “um dos lados do vértice 2 é comum ao vértice 1, outro é comum ao vértice 3, e outro ao vértice 6”; mas, o que fizemos aqui, senão RELACIONAR o vértice 2 com os vértices 1, 3 e 6? Observemos, também, que “os três planos (1, 2, 3), (1, 2, 6) e (6, 2, 3), formam um ângulo poliedro retângulo cujo vértice é 2”; mas, o que fizemos aqui, senão RELACIONAR o vértice 2 com uma medida angular? etc.; etc.

Para completar a definição do vértice 2, poder-se-iam adicionar muitos detalhes obtidos de maneira semelhante. Contudo, o importante não é melhorar a definição, senão compreender que quanto mais detalhes agreguemos, tanto mais RELAÇÕES estarão envolvidas no conceito. A “RELATIVIDADE ESPECIAL” DO VALOR GEOMÉTRICO DO VÉRTICE 2 CONSISTE EM DEPENDER DE TODAS E CADA UMA DE SUAS RELAÇÕES COM OUTRAS PROPRIEDADES.

O conjunto de relações que o vinculam com outras propriedades constitui o CONTEXTO GEOMÉTRICO de qualquer propriedade, por exemplo, do vértice 2: NO CUBO ESTRUTURAL, DENOMINA-SE “CONTEXTO GEOMÉTRICO” AO CONJUNTO DE PROPRIEDADES EFETIVAMENTE RELACIONADAS COM UMA PROPRIEDADE DETERMINADA. Compreender-se-á assim a resposta à pergunta: “o que significa a RELATIVIDADE ESPECIAL do valor geométrico? ”, que afirmava: “no cubo estrutural, o valor de cada uma de suas propriedades é determinado pelo CONTEXTO GEOMÉTRICO”. Se bem que esta resposta foi demonstrada para o caso particular do vértice 2, a mesma análise e suas conclusões podem se aplicar indutivamente ao caso de qualquer outra propriedade do cubo estrutural.

E8 – Significado da relatividade especial de valor geométrico.

Recordemos, antes de tudo, a advertência feita no final de E6: a partir daqui se suprimirá o adjetivo “especial” para qualificar “a relatividade” do valor geométrico. Como no sucessivo não nos referiremos jamais à “relatividade geral” sem esclarecimento prévio, não haverá possibilidade de confusão e, por “relatividade”, deverá entender-se sempre que se trata da “relatividade especial”.

Apresentada esta convenção, indaguemos o que significa a relatividade do valor geométrico. Do subartigo anterior sabemos que, por exemplo, O VÉRTICE 2 SIGNIFICA UM “VALOR GEOMÉTRICO” e que o mesmo é RELATIVO. Contudo,

indagar pelo “SIGNIFICADO” da relatividade impõe a explicação prévia da “RELATIVIDADE” do significado: como veremos, o significado e a relatividade são dois conceitos que estão unidos causalmente como a galinha e o ovo, sem que se possa determinar jamais com clareza quem começou o círculo vicioso. É claro, para estudar este aspecto do problema do significado devemos nos situar na ESTRUTURA CULTURAL, parte direita da figura 75.

Contudo, na ESTRUTURA CULTURAL, um SIGNIFICADO é análogo a um RELEVO sobre o horizonte da significação contínua. O RELEVO do significado, o que o sujeito PERCEBE destacado com clareza, depende do contexto significativo de uma linguagem estrutural. Mas o RELEVO do significado não é sempre o mesmo, e, desde já, varia de um pasu a outro. Vale dizer, o relevo é RELATIVO, apresenta distintos graus de REALCE: de que dependem os graus de REALCE do RELEVO do significado? Resposta: da complexidade do contexto significativo da linguagem: quanto mais complexa seja a modalidade da trama estrutural em cujo contexto se note o significado, tanto mais se destacará seu relevo, tanto maior será seu REALCE. O relevo significado é a imitação de um conceito-fatia: seu maior realce corresponde diretamente a uma maior COMPREENSÃO do conceito, quer dizer, à inclusão de um número maior de elementos sêmicos, próprios da verdade do ente, esquematizada na Relação. Isto quer dizer que, perceber um conceito em um contexto de grande complexidade, implica em um grande relevo significado e uma proporcional compreensão da verdade do ente: à maior complexidade do contexto estrutural, maior realce do relevo significado e maior compreensão da verdade.

Para esclarecer a que nos referimos como “maior complexidade do contexto estrutural” há que se remeter ao sistema simples da figura 13: uma conexão e dois nós, quer dizer, uma Relação entre dois Princípios. Pois bem, com respeito a tal sistema simples, O “CONTEXTO ESTRUTURAL” É CONSTITUÍDO POR TODAS AS RELAÇÕES QUE SE CONECTAM COM SEUS PRINCÍPIOS. Sendo assim, então UM AUMENTO DE COMPLEXIDADE DO CONTEXTO ESTRUTURAL CONSISTE EM UM INCREMENTO DAS RELAÇÕES CONECTADAS COM SEUS PRINCÍPIOS. Mas daí não há que se deduzir que “a complexidade” é uma propriedade meramente quantitativa, vale dizer, que depende exclusivamente do número de Relações conectadas com os Princípios comuns, pois, além do mais, a complexidade depende da CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL, quer dizer, da MODALIDADE da trama. Naturalmente, o “contexto significativo” é aquela parte do contexto estrutural cujas Relações respondem à modalidade de uma linguagem horizontal.

De qualquer modo, comprovamos que os graus de realce do relevo significado dependem, em última instância, da complexidade do contexto estrutural, quer dizer, DO CONJUNTO DE RELAÇÕES CONECTADAS AOS PRINCÍPIOS COMUNS. Com outros termos: O RELEVO SIGNIFICADO É “RELATIVO” PORQUE ESTÁ DETERMINADO PELO CONJUNTO DE RELAÇÕES QUE CONSTITUEM O CONTEXTO ESTRUTURAL.

É evidente que, sendo o significado “relativo”, mal se pode perguntar pelo “significado” da relatividade. Entretanto, o significado É “RELATIVO” NA ESTRUTURA CULTURAL, e a “RELATIVIDADE” pela qual indagamos é a do VALOR GEOMÉTRICO DAS PROPRIEDADES DO CUBO ESTRUTURAL, quer dizer, esta “relatividade” pertence ao modelo de superestrutura. A solução, que elimina o paradoxo, consiste em estabelecer uma correspondência analógica entre o SIGNIFICADO, próprio da estrutura cultural, e o VALOR GEOMÉTRICO, próprio do modelo de superestrutura, com o qual a RELATIVIDADE DO SIGNIFICADO fica circunscrita ao contexto significativo e a RELATIVIDADE DO VALOR GEOMÉTRICO fica limitada ao contexto geométrico. Naturalmente O “CONTEXTO SIGNIFICATIVO”

ACABA, ASSIM, SENDO ANÁLOGO AO "CONTEXTO GEOMÉTRICO". Mas isto não é novo: olhando bem, não se deixará de notar que tal correlação já foi descrita como CORRESPONDÊNCIA AXIOLÓGICA, quando se estudou o segundo movimento do objetivo macrocósmico da finalidade do pasu; na figura 73, por exemplo, se vê que o pasu coloca o SENTIDO no ente mediante a expressão: o SENTIDO procede de afirmar a matriz essencial do desígnio, quer dizer, do ato que confere VALOR CULTURAL ao ente e lhe faz emergir como objeto cultural; o SENTIDO é, pois, um VALOR: e tal VALOR, próprio do modelo de superestrutura, corresponde ao SIGNIFICADO, próprio da estrutura cultural.

Em síntese, o VALOR GEOMÉTRICO de qualquer propriedade do cubo estrutural é análogo ao SIGNIFICADO de qualquer conceito da estrutura cultural: ambos são igualmente relativos por causa de seus respectivos contextos.

Esta correspondência analógica entre o VALOR GEOMÉTRICO e o SIGNIFICADO revela-nos um aspecto fundamental para a compreensão dos objetos culturais e as superestruturas reais: OS GRAUS DE REALCE DO VALOR. Tal aspecto se revelará se aprofundamos na analogia; vale dizer: segundo se expôs em E7, o VALOR GEOMÉTRICO aumenta ao crescer a complexidade do contexto geométrico, analogamente a como o RELEVO do significado aumenta ao crescer a complexidade do contexto significativo; mas, o aumento do relevo significado se destaca por seus distintos GRAUS DE REALCE: isso implica que, analogamente, o aumento do VALOR GEOMÉTRICO se evidencia por GRAUS DE REALCE? Resposta: com efeito, o VALOR GEOMÉTRICO possui um RELEVO característico para um dado contexto geométrico: se a complexidade do contexto é maior, o relevo do VALOR adquire um REALCE proporcional. Com outras palavras: O VALOR, QUE É RELATIVO E DEPENDE DO CONTEXTO, EXIBE EM UM "ASPECTO" ESSA RATIO CONTEXTUALIS, ESSA RAZÃO QUE DETERMINA O CONTEXTO DE PROPRIEDADES RELACIONADAS: TAL ASPECTO É O "REALCE" DO RELEVO AXIOLÓGICO. O valor geométrico do vértice 2, por exemplo, aumenta seu REALCE à medida que descrevemos novas propriedades geométricas relacionadas com ele: e o descobrimento de novas propriedades equivale, como não poderia ser de outro modo, a um incremento da complexidade do contexto geométrico; o vértice 2 emerge então, seu sentido geométrico se torna mais evidente, adquire maior realce, segundo se vão esclarecendo suas relações com outras propriedades.

O valor geométrico de uma propriedade pode ser "geral" ou "particular", segundo esteja referido a todo o contexto geométrico ou a outra propriedade. Mais claramente: SE UMA PROPRIEDADE É EXAMINADA EM CONTRASTE COM O CONTEXTO, SEU VALOR APRESENTA UM GRAU DE REALCE "GERAL". SE UMA PROPRIEDADE É EXAMINADA COM RESPEITO A OUTRA PROPRIEDADE, SEU VALOR APRESENTA UM GRAU DE REALCE "PARTICULAR". Por exemplo, o valor geométrico do vértice 2 é "geral" quando enunciamos "o vértice 2 do cubo estrutural da figura 75"; em troca, o valor é "particular" quando afirmamos "o vértice 2 tem um lado comum com o vértice 6". É evidente, pois, que o "valor particular" apresenta um grau de realce maior que o "valor geral": se enunciamos "o vértice 2 do cubo estrutural" seu valor é "geral", porque o determina todo o contexto do cubo; mas quando afirmamos a relação com o vértice 6, vemos o vértice 2 "emergir" do contexto "geral" com um grau de realce particular que o destaca e o coloca em primeiro plano. A PASSAGEM DO VALOR GERAL AO VALOR PARTICULAR SUPÕE, EM TODOS OS CASOS, SEU REALCE. Todos estes conceitos, como veremos em seguida, podem se aplicar para interpretar as superestruturas reais.

E9 – Proposição IX.

A proposição IX enuncia a seguinte correspondência: “o contexto geométrico do modelo de superestrutura é análogo ao contexto axiológico da superestrutura real”. No artigo C, demonstrou-se que “o contexto axiológico externo é análogo ao contexto significativo interno”, e no precedente subartigo E8 vimos que “o contexto significativo acaba, assim, sendo análogo ao contexto geométrico”: o contexto geométrico e o contexto axiológico são, pois, análogos, e não vamos insistir nisso. O objetivo do presente subartigo será aproveitar tal analogia para interpretar, de maneira integral, a superestrutura real, mediante o instrumento do modelo de superestrutura.

Para este fim, empregaremos o CUBO ESTRUTURAL da figura 75, o qual representará um FATO CULTURAL da superestrutura real.

Sempre com referência a dita figura, analisemos como se constitui o fato cultural. A princípio, existem, nos locais numerados de um a nove, outros tantos entes designados: de acordo ao postulado essencial, há que se supor que tais entes consistem em esferas estratiformes semelhantes às que mostra a figura 46. Com o primeiro movimento, o pasu percebe os desígnios e os esquematiza na estrutura cultural como conceitos habituais: é a correspondência gnosiológica. Com o segundo movimento, expressa o significado dos conceitos habituais sobre os entes de referência: é a correspondência axiológica. Como efeito da expressão, ficam afirmadas as matrizes essenciais dos entes um a nove, de maneira semelhante ao processo representado na figura 74: de acordo ao postulado patencial, cada ente adquire valor cultural e constitui um nó da superestrutura. Em cada local um a nove, há então um objeto cultural e fica constituído um fato cultural superestruturado.

A princípio, os nove entes designados encontram-se distribuídos no espaço físico, na região B do macrocosmo. Ao receberem o sentido, ao serem afirmadas suas matrizes essenciais, um aspecto dos entes emerge além do umbral de sentido, na região D do macrocosmo: esse aspecto emergente tem a capacidade da matriz essencial e é a aparência cultural objetiva dos nove entes. Tal aparência cultural consiste em um conjunto de propriedades evidentes que, de outra forma, é a única coisa visível para o pasu: cada ente permanece em seu local original como suporte das propriedades culturais emergentes, como suporte da aparência cultural visível, mas invisíveis em si mesmos. Os nove entes formam a infraestrutura ôntica do fato cultural: o pasu não pode vê-los, pois se encontram na região B, mas reconhece, em troca, a aparência cultural emergente, as nove matrizes essenciais afirmadas por sua expressão doadora de sentido.

Sobre a infraestrutura ôntica se constitui a superestrutura do fato cultural: cada objeto cultural, visível para o pasu nos locais um a nove, manifesta um valor cultural que determina seu sentido e o sentido do fato cultural. O valor cultural de cada objeto é relativo: cada objeto apresenta um “valor geral”, referido ao contexto dos restantes objetos, e um “valor particular”, por sua relação com cada um dos objetos do contexto. O contexto constituído pelos objetos culturais é, assim, puramente axiológico. As relações entre objetos culturais se denominam “conexões de sentido” e são Registros culturais do macrocosmo: no modelo de superestrutura, no cubo estrutural da figura 75, as conexões de sentido são representadas como as conexões que unem os objetos culturais um a nove.

A relatividade do valor cultural pode compreender-se analogicamente recordando que o valor de um objeto cultural é análogo ao valor geométrico de uma propriedade do cubo estrutural; que o próprio objeto cultural é análogo a uma propriedade do cubo estrutural, neste caso, a um vértice; que as conexões de sentido são análogas às relações entre propriedades; etc. Levando em consideração tais

analogias, e a análise dos subartigos anteriores, é claro que o valor cultural é relativo e que depende do contexto axiológico. O valor cultural de um objeto pode apresentar, então, diferentes graus de realce: à maior complexidade do contexto axiológico, mais realce do objeto cultural. A complexidade do contexto axiológico, desde já, depende qualitativamente e quantitativamente do conjunto de conexões de sentido que unem um objeto cultural com os restantes.

Para visualizar tudo isto, vamos nos referir a um exemplo concreto: suponhamos que nos dirigimos à Biblioteca pública para procurar um exemplar de "Minha Luta". O fato cultural, neste caso, é constituído pelo espaço cultural da Biblioteca e a superestrutura de objetos culturais e homens que o ocupam. Entramos no salão e nos situamos em frente às estantes de livros: ali, cada coisa que distinguimos é um objeto cultural ao qual colocamos sentido. Mas o sentido que possui cada objeto tem um valor relativo, determinado formalmente pelos restantes objetos do contexto: cada objeto se define por suas propriedades, mas cada propriedade adquire sentido por suas relações com todas as outras. Sabemos o que é uma Biblioteca: um local onde se guardam livros em estantes; vamos ali e a reconhecemos: vemos os livros acomodados nas estantes, as estantes presas à parede, a parede cimentada no piso para suportar o teto, etc.; na verdade, todo este contexto outorga sentido e permite que reconheçamos a Biblioteca: nem os livros, nem as estantes, nem a parede, nem o teto, nem nenhum objeto cultural TOMADO FORA DE CONTEXTO significa a Biblioteca. Pelo contrário, a Biblioteca é o conjunto de objetos culturais unidos por conexões de sentido que constituem um contexto reconhecível como tal: entre os livros, as estantes, a parede, o teto, e todos os demais objetos culturais, existem conexões de sentido reais, ainda que invisíveis, que formam a superestrutura do fato cultural.

Os objetos culturais encontram-se distribuídos sobre a infraestrutura ôntica da Biblioteca, apresentando, cada um, um VALOR CULTURAL GERAL, determinado pelo contexto axiológico completo. Por isso, quando olhamos para as estantes procurando o livro do Führer, TODOS OS LIVROS PARECEM IGUAIS: são livros, isso sabemos; mas nenhum aparenta VALER mais que outro porque a integridade do contexto axiológico lhes confere um VALOR GERAL. De repente, um dos livros adquire realce e seu relevo se destaca sobre os outros livros: lemos o título na lombada e comprovamos que é Minha Luta, o livro do Führer. Um instante atrás, todos os livros eram de igual valor; um instante depois, um deles consegue sobressair e atrair nossa atenção; paralelamente, o resto dos livros, e ainda o contexto da Biblioteca, passaram ao segundo plano, perderam valor cultural frente à relevância do livro do Führer: o que ocorreu? Resposta: que, ao reconhecer o livro do Führer, confundido entre a generalidade dos outros livros da estante, afirmamos nele um VALOR PARTICULAR que causou seu instantâneo realce: segundo vimos em E8 "A PASSAGEM DO VALOR GERAL AO VALOR PARTICULAR SUPÕE, EM TODOS OS CASOS, SEU REALCE". Neste, como em qualquer outro caso semelhante, é evidente a RELATIVIDADE DO VALOR CULTURAL: a afirmação do livro buscado equivale a FORTALECER sua conexão de sentido conosco ou, contrariamente, a ENFRAQUECER as conexões de sentido que mantinha com o contexto axiológico da Biblioteca; o maior brilho do livro buscado vai acompanhado do ofuscamento do contexto.

Passeamos a vista pelo salão da Biblioteca e voltamos a olhar a estante com os livros: o fenômeno se produz novamente. O livro do Führer emerge e se coloca em primeiro plano frente à nossa visão: vemo-nos, então, tentados a duvidar da relatividade do valor cultural. Agora sabemos onde está, o livro buscado manifesta um realce que abarca toda a nossa atenção: realmente, este livro parece valer mais que os outros! Quer dizer, parece exibir um valor cultural intrínseco que lhe permite

se destacar acima dos outros livros! Naturalmente, um erro semelhante só pode provir do desconhecimento de que as conexões de sentido determinam o valor dos objetos culturais: mas tal erro é frequente porque as conexões de sentido são invisíveis. Contudo, a relatividade do valor cultural fica imediatamente em evidência: não porque nosso livro perca em algum momento seu valor particular, SENÃO PORQUE É FÁCIL COMPROVAR QUE, PARA OUTROS, NÃO POSSUI ABSOLUTAMENTE NENHUM VALOR. Tal como para nós pareceram sem valor os restantes livros da estante, para outros lhes parecerão sem valor esses livros INCLUINDO nosso valioso exemplar. Observemos, então, o que ocorre quando entra e se situa junto a nós Samuel Simón: vigiamo-lo com o canto dos olhos e vemos que também está procurando algo na mesma estante que nós; de repente, se detém com visíveis mostras de satisfação: algo chamou sua atenção! Sem dúvida, é o realce de um livro; sem dúvida é o livro do Führer! Adiantamo-nos para examinar que livro levou e comprovamos, com surpresa, que se trata de "Como ganhar dinheiro na Bolsa de Valores": para Samuel Simón o livro do Führer não significa nada, tem o mesmo valor que outros livros da estante; em troca, para ele foi notável a presença, dentre outros, de "Como ganhar dinheiro…", pois nesse livro afirmou um valor cultural superior.

Estes exemplos, ainda que triviais, têm a virtude de evidenciar a relatividade do valor cultural e sua dependência das conexões de sentido: nos objetos culturais, há um "valor geral" sustentado pela integridade do contexto axiológico, como nos livros da Biblioteca, cujo valor geral lhes permite serem livros e estarem na estante, sem se destacarem uns sobre os outros; mas os objetos culturais também apresentam valores particulares, segundo a quem se refira uma conexão de sentido determinada: certas conexões de sentido especiais, com Deus, com a Pátria, com o lar, com a raça, etc., podem conferir a um livro, por exemplo, o que nós buscávamos, um "valor particular" superior ao de outros objetos culturais. E este "valor particular", segundo vimos, causa o efetivo realce do objeto cultural SOBRE o "valor geral".

Logicamente, o exemplo da Biblioteca pode ser questionado, argumentando que as conexões de sentido dos livros, as que se referem a seu conteúdo literário, NÃO SÃO REAIS, quer dizer, que se trata de projeções de relações ideais. Para comprovar que tal argumento é falacioso, basta apenas substituir os livros por UTENSÍLIOS, e a Biblioteca por uma Ferramentaria: os utensílios estão distribuídos nas estantes, sem se destacarem uns dos outros, ainda que cada um dispõe de um "valor geral" que lhe confere, não só o contexto axiológico da Ferramentaria, senão o de toda a superestrutura da cultura externa; se somos ferreiros e vamos buscar, por exemplo, um martelo de ferro, é certo que o mesmo emergirá sobre as demais ferramentas nem bem o reconheçamos e afirmemos nele um "valor particular"; se junto a nosso martelo de ferro há outro de madeira, é possível que não reparemos nele, que não tenha valor para nós; contudo, o carpinteiro que entrou na Ferramentaria atrás de nós, para buscar também um martelo, dirige-se prontamente para pegar o martelo de madeira, cujo realce o destaca acima das demais ferramentas, incluindo o nosso valioso martelo de ferro: para o carpinteiro, o martelo de madeira tem um valor particular, UM VALOR UTILITÁRIO baseado em sua função de ajustar cunhas de madeira: em troca, o martelo de ferro, QUE NÃO É ÚTIL para tal função, carece de VALOR UTILITÁRIO e, portanto, de SENTIDO; o carpinteiro NÃO O VÊ sequer, porque para ele não significa nada e então não lhe coloca nenhum sentido, não afirma nele nenhum "valor particular".

Em resumo: todos os martelos da estante, de diferentes formas e materiais, são objetos culturais dotados do "valor geral" de serem "martelos", conferido pelo contexto axiológico; cada um deles pode exibir, além do mais, um "valor particular" determinado por algumas conexões de sentido que formalizam sua função: por

exemplo, a relação do martelo de ferro com os cravos e do martelo de madeira com as cunhas. E estas conexões de sentido, que destacam um valor particular de cada martelo, são relações entre coisas REAIS e não meras projeções imaginárias.

A faculdade de anamnese dos Iniciados Hiperbóreos permite explorar os Registros culturais. Contudo, os Registros culturais são as "conexões de sentido" entre objetos culturais e são aqueles que determinam o valor: o "valor geral" atuando no conjunto do contexto axiológico ou o "valor particular" ao serem confirmadas algumas delas em separado. A compreensão do registro cultural exige, pois, ser encarada mediante uma análise detalhada do valor cultural: especialmente devemos compreender em que princípio se sustenta o "valor geral" e em que o modifica o "valor particular". O modelo de superestrutura facilita as respostas, segundo veremos nos seguintes subartigos, após os quais passaremos a descrever as possibilidades da faculdade de anamnese.

E10 – Superestrutura e valor geral dos objetos culturais.

A primeira coisa que há que se notar aqui é que TODOS OS MEMBROS DE UMA COMUNIDADE CULTURAL PARTICIPAM IGUALMENTE DO "VALOR GERAL" DE CADA OBJETO CULTURAL. Sendo assim, isso significa que o "valor geral" está presente no objeto cultural, independentemente do reconhecimento particular de cada membro? Resposta: a resposta é afirmativa: o valor geral subsiste no objeto cultural, mesmo no caso em que nenhum pasu se encontre no contexto para expressar seu sentido; e a explicação é a seguinte. Como se expôs no comentário Terceiro, "O objetivo macrocósmico da finalidade do pasu visa, em primeiro termo, "colocar sentido no mundo". Para cumprir tal finalidade não basta outorgar "sentido" aos entes mediante alguma forma de expressão: é necessário também que dito "sentido" PERDURE e seja reafirmado outras vezes, após uma busca e descobrimento perpétuo do desígnio, de uma verdade que nunca termina de revelar-se completamente à razão. Essa busca, esse descobrimento, essa reafirmação, agradam ao Demiurgo, formam parte do objeto de seu prazer. Se requer, pois, uma "superestrutura" externa, que SUSTENTE o "sentido" outorgado aos entes. Construir tal superestrutura é uma tarefa coletiva e AS LINGUAGENS são as ferramentas com que está dotado o pasu para empreendê-la.

O "sentido" colocado coletivamente em um ente, quer dizer, o "valor geral" de um objeto cultural, PERDURA porque é SUSTENTADO no ente pela superestrutura real: QUANDO UM OBJETO CULTURAL É CONHECIDO COLETIVAMENTE, E INTEGRA A SUPERESTRUTURA DESSA CULTURA, SEU "VALOR GERAL" SE "CONSERVA" NO OBJETO, INDEPENDENTEMENTE DO RECONHECIMENTO PARTICULAR DE SEUS MEMBROS; VALE DIZER, O "VALOR GERAL" É "COLETIVO" E INDIFERENTE A TODO ATO INDIVIDUAL. UMA VEZ QUE UM OBJETO CULTURAL EMERGIU DO UMBRAL DE SENTIDO COM UM "VALOR GERAL", E SE INCORPOROU À SUPERESTRUTURA, PERMANECE MANIFESTADO NA ESFERA DE SENTIDO: O VALOR GERAL CAUSA A EVIDÊNCIA COLETIVA DO OBJETO CULTURAL. ASSIM, POIS, O CONTEXTO AXIOLÓGICO NÃO SÓ DETERMINA O VALOR GERAL, E COM ISSO O GRAU DE REALCE DO OBJETO CULTURAL, SENÃO QUE TAMBÉM SUSTENTA TAL VALOR NO OBJETO E CAUSA SEU PERMANENTE REALCE: recordemos que o CONTEXTO AXIOLÓGICO consiste no conjunto de objetos culturais que integra a superestrutura, com respeito a um objeto cultural determinado.

Estas sentenças, é claro, nos apresentam uma interrogação inevitável: que princípio emprega a superestrutura para sustentar o valor geral em um objeto cultural determinado? Resposta: UM PRINCÍPIO DE VITALIDADE. Se todo o macrocosmo, com efeito, é vivificado pelo *anima mundi* do Uno, com mais razão o estarão as

superestruturas que existem em seu interior; a compreensão de tal consequência, por ser lógica, não oferece problemas. Mas a resposta tem um significado mais preciso e requer estabelecer com clareza uma distinção nessa vitalidade indubitável dos conteúdos macrocósmicos; vale dizer: uma coisa é a VITALIDADE ÔNTICA, que consiste no impulso evolutivo que flui desde o ser em si do ente, e que, por isso, É UM "PRINCÍPIO DE VITALIDADE INTERIOR" DO ENTE; e outra coisa é a vitalidade que sustenta o valor cultural, a qual se manifesta a posteriori do ente designado, a partir do momento em que o pasu indica a matriz essencial e a descobre à visão coletiva: desde esse momento, quando o valor geral do objeto cultural é evidente para todos, ATUA UM "PRINCÍPIO DE VITALIDADE EXTERIOR" AO ENTE QUE CONSERVA A EVIDÊNCIA DO VALOR CULTURAL.

Recordemos que os Arquétipos que atuam externamente denominamos de "Arquétipos psicoides": a Sabedoria Hiperbórea distingue do conjunto de Arquétipos psicoides, Egrégoras ou Mitos, OS ARQUÉTIPOS QUE VITALIZAM APENAS AS SUPERESTRUTURAS, aos quais denomina particularmente de ARQUÉTIPOS ASTRAIS. Com este conceito, podemos precisar o significado da resposta anterior. Resposta: as superestruturas sustentam o valor geral por efeito do PRINCÍPIO DE VITALIDADE ASTRAL. Naturalmente, a VITALIDADE ASTRAL é INFUNDIDA desde o exterior do objeto cultural pelo Arquétipo astral da superestrutura. Mas esta ação do Arquétipo psicoide "astral" já conhecíamos; no comentário Décimo Terceiro, por exemplo, se diz: "Mas não se deve acreditar ingenuamente que as superestruturas são meras projeções da estrutura cultural interna do pasu: pelo contrário, AS SUPERESTRUTURAS POSSUEM "VIDA PRÓPRIA", SÃO CAPAZES NÃO SÓ DE INTEGRAR O HOMEM EM SUA COMPLEIÇÃO, SENÃO DE DETERMINAR SUA VONTADE. QUAL É A "MENTE" QUE, ANALOGAMENTE À ESTRUTURA CULTURA INTERNA, ANIMA ESTAS SUPERESTRUTURAS EXTERNAS? RESPOSTA: UM TIPO DE ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS DENOMINADOS "PSICOIDES" OU "EGRÉGORAS".

Se bem que uma "superestrutura" possa ser o suporte de toda uma "cultura exterior", pois, inversamente, uma "cultura" é a capacidade de uma superestrutura, aqui estamos nos referindo a uma forma menor denominada "fato cultural", que igualmente é a manifestação exterior de uma superestrutura. O fato cultural, em geral, é análogo ao cubo estrutural do modelo de superestrutura da figura 75 e a ele nos referiremos mais adiante para exemplificar o "princípio da vitalidade astral". O que há que se ter presente enquanto isso, é que a SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL É ANIMADA POR UM ARQUÉTIPO ASTRAL. Com este esclarecimento podemos nos ocupar de conhecer melhor o princípio de vitalidade astral e seu efeito: A LEI DE CONSERVAÇÃO DO VALOR GERAL DE UM OBJETO CULTURAL.

O problema consiste em estabelecer como o Arquétipo astral INFUNDE sua vitalidade ao objeto cultural, e como tal vitalidade CONSERVA o valor geral do objeto cultural. Comecemos por recordar alguns conceitos já estudados sobre o caráter ENERGÉTICO DA EMERGÊNCIA do fato cultural.

Ao falar de "EMERGÊNCIA do fato cultural" estamos aludindo implicitamente a "movimento", quer dizer, a um ato que no macrocosmo é essencialmente ENERGÉTICO. Isto já o havíamos dito anteriormente: "o fato cultural, qual símbolo l emergente na consciência (figura 21), se DIRIGE à Consciência do Demiurgo, quer dizer, à esfera de Sentido do Mundo, região (D), guiado por sua PRIMEIRA INTENÇÃO: A DOR HUMANA. A "dor", ou primeira intenção, é uma NOTA ENERGÉTICA do fato cultural". "Incorporado dramaticamente na trama exterior, o pasu ou virya perdido cumpre em sumo grau o objetivo macrocósmico de sua finalidade, pois o sentido que ele coloca no mundo é o que mais aprecia o Demiurgo. Com outras palavras, em sua atuação dramática o homem expressa um sentido

INTENSO, que tem a dimensão da dor: A DOR, que o homem coloca em um fato cultural que o inclui dramaticamente, É ANÁLOGA À PRIMEIRA INTENÇÃO QUE DIRIGE UM SÍMBOLO "I" PARA A CONSCIÊNCIA (ver figuras 21, 22 e 23). Em um símbolo emergente I existe uma "referência a si mesmo" que o dirige para o umbral de consciência. Em um fato cultural, ocorre algo semelhante, pois A "DOR", COLOCADA EM JOGO POR TODOS OS HOMENS QUE INTEGRAM SUA TRAMA, "DIRIGE" O SENTIDO DO DRAMA PARA O UMBRAL DO SENTIDO, DE ONDE O FATO CULTURAL HÁ DE EMERGIR COMO "SENTIDO DO MUNDO" OU REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE MACROCÓSMICA". Também dissemos que "o pasu cumpre coletivamente a função de ser A FONTE DA RAZÃO DO MUNDO: É POR SUA ATIVIDADE DOADORA DE SENTIDO QUE EMERGE A RAZÃO DO MUNDO (quer dizer, o contexto axiológico cujas "conexões de sentido" equivalem às "razões" do objeto cultural), QUE OS ENTES, ATÉ ENTÃO SUBMERSOS NO UNIVERSAL, ADQUIREM EXISTÊNCIA PARTICULAR COMO OBJETOS CULTURAIS E SE INTEGRAM NA SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL.

Desde já, se a EMERGÊNCIA do fato cultural é um processo energético, há de existir em seu extremo original uma POTÊNCIA ATIVA que o produz: ESTA POTÊNCIA É A QUE O ARQUÉTIPO ASTRAL APORTA, TRANSFERINDO-A DO CONTEXTO AXIOLÓGICO, CONFORME O PRINCÍPIO DE VITALIDADE ASTRAL. Poderemos compreender o processo completo se admitimos previamente a analogia entre o ato demiúrgico de PLASMAR e o ato humano de AFIRMAR: o Demiurgo PLASMA com sua VOX o ente ao subpor o desígnio particular que determina a natureza arquetípica universal; analogamente, o pasu AFIRMA com sua expressão a matriz essencial do desígnio atribuindo-lhe seu valor geral que o transforma em objeto cultural; é fácil ver que a AFIRMAÇÃO é uma espécie de PLASMAÇÃO cultural do ente designado ou, se se preferir, uma CONFIRMAÇÃO da matriz essencial do desígnio plasmado. O pasu, quando AFIRMA a matriz essencial de um ente designado, o reconhece com sentido, porque simultaneamente também CONFIRMOU o contexto axiológico que o determina; isto pode se interpretar assim: ao afirmar a matriz essencial, o pasu aplica no ente, sobre a matriz essencial, uma força expressiva denominada DOR, a qual é formada pelo contexto axiológico e convertida em SENTIDO; o ente, então, tem sentido cultural e pode ser reconhecido pelo pasu, porque emergiu como objeto cultural; se tal afirmação se realizou pela primeira vez, basta que o pasu demonstre a existência do objeto cultural aos demais membros de sua comunidade cultural para que um valor geral se conserve no objeto cultural: o objeto cultural será, desde então, evidente para todos, pois toda a comunidade participa de seu valor geral; como dissemos mais atrás, após este reconhecimento coletivo não é necessário uma posterior afirmação, e muito menos um permanente reconhecimento, para que o valor geral se conserve: isso ocorre de qualquer maneira, porque FICOU REGISTRADO NA SUPERESTRUTURA, mais particularmente, NAS CONEXÕES DE SENTIDO DO CONTEXTO AXIOLÓGICO.

Suponhamos um objeto cultural que, desta maneira, emerge por si mesmo no umbral de sentido e permanece manifestado, mesmo que nenhum pasu ou virya repare nele. Se essa força modulada em sentido, que é a dor, foi aplicada uma vez pelo pasu e ela causou e dirigiu a emergência do objeto cultural frente ao pasu, como é possível que ao cessar a produção da força, quer dizer, ao não existir expressão nem projeção do sinal, continue a emergência? Resposta: evidentemente, isso só pode acontecer SE, AO CESSAR A FORÇA PRÓPRIA DO PASU, ELA É SUBSTITUÍDA POR OUTRA FORÇA IDÊNTICA: TAL FORÇA É A QUE PRODUZ O ARQUÉTIPO ASTRAL, POR MEIO DA VITALIDADE QUE INFUNDE ATRAVÉS DAS CONEXÕES DE SENTIDO, OU REGISTROS CULTURAIS, DO CONTEXTO AXIOLÓGICO.

QUANDO CESSA A FORÇA INDIVIDUAL DO PASU, QUER DIZER, A EXPRESSÃO DE SUA DOR, A MESMA É SUBSTITUÍDA INSTANTANEAMENTE POR UMA "DOR COLETIVA" EQUIVALENTE, QUE SUSTENTA A EMERGÊNCIA DO FATO CULTURAL; COM PROCESSOS IDÊNTICOS, O ARQUÉTIPO ASTRAL MANTÉM EM EMERGÊNCIA O VALOR GERAL DE TODO OBJETO CULTURAL.

Em um objeto cultural determinado, as conexões de sentido lhe transferem uma potência ativa que produz a força substituta, quer dizer, a "dor coletiva" que lhe permite conservar seu valor geral: essa "potência ativa" não é outra que a potência astral do "inconsciente coletivo universal" ou mundo astral profundo (região B). O ARQUÉTIPO ASTRAL CANALIZA A POTÊNCIA ASTRAL ATRAVÉS DAS CONEXÕES DE SENTIDO SOBRE O OBJETO CULTURAL; MAS A POTÊNCIA ASTRAL FICA ENTÃO DETERMINADA PELA CAPACIDADE DE UMA MATRIZ ESSENCIAL AFIRMADA COM VALOR GERAL: SUA MANIFESTAÇÃO ENERGÉTICA, A ENERGIA ASTRAL, SE FORMA SEGUNDO A FORÇA AFIRMATIVA, QUER DIZER, COMO "DOR". MAS TRATA-SE AGORA DE UMA "DOR COLETIVA", UMA FORÇA SUBSTITUTA DA DOR EXPRESSADA PELO PASU. DE QUALQUER MODO, A DOR COLETIVA MANTÉM A EMERGÊNCIA DO OBJETO CULTURAL E CONSERVA SEU VALOR GERAL.

Convém refrescar o conceito de "potência astral" e "energia astral" relendo a seguinte citação: "o macrocosmo vivente é animado pela Alma do Demiurgo ou "anima mundi", a qual, analogamente à POTÊNCIA DA ALMA DO PASU (W) ou POTÊNCIA ANÍMICA DO MICROCOSMO, dispõe de uma capacidade POTENCIAL para levar adiante seu Plano: é a POTÊNCIA ASTRAL, equivalente à potência (W) da alma do pasu. E tal "potência astral" se manifesta também mediante dois modos principais: como ENERGIA VITAL DO MUNDO ASTRAL, para sustentar a vida do organismo macrocósmico e como ENERGIA ASTRAL para ANIMAR AS SUPERESTRUTURAS DOS FATOS CULTURAIS OU DAS CULTURAS EXTERNAS". Reparemos na esfera de sombra do pasu. "Em tal "espaço analógico" do microcosmo subsiste a estrutura cultural e ocorre a emergência dos símbolos referidos a si mesmo: a característica essencial de todo símbolo emergente, segundo vimos na Primeira Parte, é a ENERGIA PSÍQUICA. Analogamente à esfera de sombra, regiões (a, b, c), figura 39, no macrocosmo existe o mundo astral (A, B, C), no qual subsistem as culturas exteriores e ocorre a emergência dos fatos culturais referidos ao umbral de sentido: ASSIM, A CARACTERÍSTICA ESSENCIAL DE TODO FATO CULTURAL É A ENERGIA ASTRAL".

Resumindo, uma vez que o pasu projeta o sinal sobre o ente designado, e afirma a matriz essencial com sua força individual ou "dor", o ente adquire sentido cultural: um sentido determinado pelo contexto axiológico; logo que o pasu deu a conhecer o objeto cultural à sua comunidade, o "valor geral" se conserva na superestrutura por causa do Arquétipo astral: o objeto cultural recebe das conexões de sentido a "vitalidade astral" que lhe permite manter emergente seu valor geral.

Uma compreensão mais profunda é possível se se interpreta a lei de conservação do valor geral mediante o modelo de superestrutura. É necessário, então, incorporar o princípio de vitalidade astral ao modelo de superestrutura e, para isso, devemos considerar o fato cultural como a forma de um ORGANISMO VIVENTE. O fato cultural, com efeito, admite a seguinte analogia orgânica: SE A INFRAESTRUTURA ÔNTICA É O ESQUELETO DO FATO CULTURAL, COMPOSTO DE ENTES VITALIZADOS INTERNAMENTE PELOS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS, A SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL CONSTITUI SUA ANATOMIA ORGÂNICA FORMADA POR OBJETOS CULTURAIS, VITALIZADOS EXTERNAMENTE PELO ARQUÉTIPO ASTRAL. Vale dizer: A SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL É ANÁLOGA A UM ORGANISMO VERTEBRADO SOBRE O

ESQUELETO DA INFRAESTRUTURA ÔNTICA. EM TAL ORGANISMO, OS OBJETOS CULTURAIS REPRESENTAM OS "ÓRGÃOS" PROPRIAMENTE DITOS, ENQUANTO O CONJUNTO DE CONEXÕES DE SENTIDO EQUIVALE AO "SISTEMA TRÓFICO". O ARQUÉTIPO ASTRAL VITALIZA OS OBJETOS CULTURAIS, "ALIMENTA-OS" COM A FORÇA SUBSTITUTA QUE SUSTENTA O VALOR GERAL, POR MEIO DESTE SISTEMA; MAS OS ARQUÉTIPOS PSICOIDES OU MITOS EXTERIORES TAMBÉM EMPREGAM O SISTEMA TRÓFICO PARA ARTICULAR O ARGUMENTO DRAMÁTICO DO FATO CULTURAL.

Na figura 75, por exemplo, o cubo estrutural da esquerda representa um fato cultural orgânico: os objetos culturais (1, 2,… 9) são ali análogos a "órgãos" e o conjunto de conexões de sentido (1-2; 2-3; 3-4; 4-1; etc.) equivale ao "sistema trófico": o Arquétipo astral vitaliza os nove "órgãos" mediante o "sistema trófico"; um órgão particular, por exemplo, o 2, é vitalizado pelas conexões tróficas 2-1, 2-3, 2-6 e 2-9 do sistema trófico: analogicamente, isto significa que o valor geral do objeto cultural 2, é sustentado pelas conexões de sentido 2-1, 2-3, 2-6 e 2-9 do contexto axiológico. Com respeito aos exemplos do subartigo E9, o objeto cultural 2 pode ser, desde logo, tanto um livro da Biblioteca como um utensílio da Ferramentaria: em qualquer caso, o valor geral que os mantêm culturalmente visíveis procede da vitalidade que lhes infunde o Arquétipo astral, através das conexões de sentido de seus respectivos contextos axiológicos.

E11 – Superestruturas e valor particular dos objetos culturais.

Vimos que o contexto axiológico determina o "valor geral" de um objeto cultural e o sustenta mediante um conjunto de conexões de sentido. Mas o objeto cultural, visível então por seu "valor geral", pode ser reconhecido e afirmado, a qualquer momento, com um novo VALOR PARTICULAR. Este "valor particular" é que causa o realce do objeto acima do valor geral e lhe confere um sentido singular; no caso dos martelos (E5), por exemplo, o realce do martelo de ferro, acima do seu valor geral de ser martelo, se produzia quando o ferreiro afirmava nele um "valor particular": o de ser ÚTIL para cravar cravos de ferro; a afirmação do valor particular REFERE o martelo aos cravos de ferro. Vale dizer: EM TODO OBJETO CULTURAL, O VALOR PARTICULAR SURGE AO AFIRMAR O VALOR GERAL EM RELAÇÃO A OUTRO OBJETO CULTURAL DE REFERÊNCIA. Daí que ao valor particular se qualifique de RELATIVO; quer dizer, "RELATIVO" a tal ou qual objeto cultural de REFERÊNCIA.

Mas, como todo objeto cultural está vinculado a todos os demais objetos do contexto por múltiplas conexões de sentido, é fácil perceber que: EM UM OBJETO CULTURAL, COM UM VALOR GERAL DETERMINADO, EXISTEM TANTOS VALORES PARTICULARES POSSÍVEIS COMO CONEXÕES DE SENTIDO DETERMINEM O VALOR GERAL. Assim, um objeto cultural é capaz de receber tantos valores particulares como conexões de sentido o vinculem com outros objetos do contexto axiológico. Em consequência: O "VALOR PARTICULAR" EFETIVO DE UM OBJETO CULTURAL ESTÁ SEMPRE LIGADO A UMA "CONEXÃO DE SENTIDO" QUE O REFERE A OUTRO OBJETO E LHE CONFERE SEU SENTIDO RELATIVO. Portanto, a definição do valor particular tem que se basear em três termos: O OBJETO CULTURAL "EMERGENTE", quer dizer, aquele cujo realce tem valor particular; O OBJETO CULTURAL "REFERENTE", quer dizer, aquele cuja capacidade cultural característica confere sentido relativo ao valor particular do objeto cultural emergente; e O REGISTRO CULTURAL, quer dizer, a conexão de sentido que liga o objeto cultural emergente com o objeto cultural referente e por meio da qual este último confere sentido ao valor particular daquele. No exemplo

anterior, o objeto cultural “emergente” é o martelo de ferro, o objeto cultural “referente” é o cravo de ferro, e o Registro cultural é a conexão de sentido, INVISÍVEL, que liga a ambos; o cravo de ferro confere ao martelo o sentido relativo de ser útil para cravar: tal sentido se manifesta no martelo pela vitalidade que lhe infunde a conexão de sentido ou Registro cultural e que causa o realce de seu valor particular. Tudo isto pode se visualizar mediante o modelo de superestrutura da figura 75.

Suponhamos que o objeto cultural 2 é o martelo EMERGENTE do exemplo, e que os objetos 1, 3, 6 e 9 são seus REFERENTES, enquanto as conexões 2-1, 2-3, 2-6 e 2-9 são os REGISTROS CULTURAIS respectivos. Cada objeto referente tem que conferir um valor particular ao objeto emergente 2 quando este seja afirmado com referência a alguns deles. Suponhamos também, que o objeto 3 seja A CABEÇA DE UM INIMIGO DO FERREIRO, que o objeto 1 seja UMA NOZ, que o objeto 6 seja UM CRAVO DE FERRO, e que o objeto 9 seja UM CAMPO DE ESPORTES. É evidente que só quando o ferreiro REFIRA o objeto 2 ao objeto 6 emergirá no martelo o valor particular de ser ÚTIL para cravar cravos: semelhante VALOR UTILITÁRIO é RELATIVO aos cravos de ferro. Muito diferente será, por exemplo, o valor particular que lhe confiram os outros objetos de referência: se o ferreiro refere o objeto 2 ao objeto 1 o valor particular do martelo será o de um QUEBRA-NOZES; novamente se trata de um VALOR UTILITÁRIO cujo sentido relativo o determina o Registro cultural; vale dizer, O OBJETO 2 EMERGE SOBRE SEU VALOR GERAL DE MARTELO COM UM VALOR DE “QUEBRA-NOZES”, CUJO SENTIDO RELATIVO FOI IMPOSTO PELO REGISTRO CULTURAL COM REFERÊNCIA AO OBJETO 1, “NOZ”. Por outro lado, quando o ferreiro refere o objeto 2 ao objeto 3, o martelo emerge sobre seu valor geral dotado de inequívoco valor de ARMA OFENSIVA; o sentido relativo que lhe impõe ao objeto 2 o Registro cultural dota o martelo de VALOR BÉLICO, por estar referido à “cabeça do inimigo” ou objeto 3. E, por último, a referência do objeto 2 ao objeto 9 confere ao martelo o VALOR LÚDICO de MARTELO LANÇADOR: tal sentido relativo o determina o Registro cultural que refere o martelo ao “campo de esportes” ou objeto 9.

O modelo de superestrutura, aplicado ao caso anterior, nos permite extrair as seguintes conclusões: TODO OBJETO CULTURAL EMERGENTE EXIBIRÁ O “VALOR PARTICULAR” QUE DETERMINE UM OBJETO CULTURAL DE REFERÊNCIA CONECTADO ÀQUELE POR UM REGISTRO CULTURAL; INVERSAMENTE, CADA OBJETO CULTURAL DE REFERÊNCIA DETERMINA UM “VALOR PARTICULAR” DIFERENTE. Com outras palavras: se o ferreiro, ao passear a vista pela estante das ferramentas, o faz COM REFERÊNCIA AOS CRAVOS DE FERRO, então o martelo emergirá com VALOR UTILITÁRIO; se o faz COM REFERÊNCIA À CABEÇA DE SEU INIMIGO, então o martelo se destacará com VALOR BÉLICO; se o faz COM REFERÊNCIA A UM CAMPO DE ESPORTES, então o martelo se realçará com VALOR LÚDICO; etc.

O valor particular de um objeto cultural, à parte de utilitário, bélico, lúdico, etc., pode se revestir muitas outras formas; em particular, nos interessa destacar o caráter ESTÉTICO e ÉTICO do valor particular, mediante os exemplos triviais já vistos. No caso da Biblioteca, quando nos encontrávamos observando o realce do livro Minha Luta, poderia ocorrer que entrasse uma senhora e, quase que imediatamente, se dirigisse para a estante e retirasse, sem mais delongas, o livro mencionado. Evidentemente, para ela também se realçou o livro acima dos outros e, por isso, o pegou sem duvidar; perguntamos-lhe, então: a senhora é admiradora de Adolf Hitler? Resposta: a mulher nos olha perplexa até que cai em conta que lhe interrogamos sobre o autor do livro que acaba de pegar; sorri e nos responde: - Não, senhor. Nem sequer sei quem é o autor. O que me interessa é a cor da capa porque

combina com a cor de nosso living, onde temos uma biblioteca que ninguém consulta. Argumentando que cada vez que pinta o living com uma nova cor, deve substituir os livros da biblioteca, a boa senhora se retira com o novo exemplar de Minha Luta, não sem antes me saudar amavelmente. O que nos diz isto? Resposta: que o livro emergiu com VALOR ESTÉTICO, porque a mulher passou a vista pela estante de livros estabelecendo com cada um deles uma referência à cor de seu living: só o do Führer combinava com aquela cor de referência e a conexão de sentido, o Registro cultural, lhe conferiu o valor estético que o fez sobressair frente aos olhos da senhora.

Quanto ao VALOR ÉTICO, não se trata de um valor particular em si mesmo, senão de uma determinação contextual de valor particular: O VALOR ÉTICO DE UM SIMPLES OBJETO CULTURAL EMERGENTE É UM COMPLEMENTO ATUAL DO VALOR PARTICULAR IMPOSTO PELA PROXIMIDADE CONTEXTUAL. Com outras palavras, O VALOR ÉTICO DEPENDE DO ATO, QUER DIZER, DO MOMENTO NO QUAL TEM LUGAR O REALCE DO VALOR PARTICULAR. O VALOR ÉTICO ASSOCIADO AO VALOR PARTICULAR DE UM OBJETO CULTURAL PODE VARIAR DE UM MOMENTO A OUTRO. Por exemplo, o ferreiro, ao descobrir o valor utilitário do martelo, está em condições de pegá-lo da estante e continuar com ele seu trabalho: é BOM que o faça; quer dizer, tem um valor ético positivo; porém, se minutos antes de entrar na Ferramentaria, com esse martelo alguém cometeu um crime e o mesmo se encontra sobre uma poça de sangue, é MAU que o ferreiro o pegue e altere as evidências criminológicas que poderiam existir: um dia antes ou um dia depois, por exemplo, é BOM pegar o martelo; nesse momento, é MAU fazê-lo, quer dizer, tem um valor ético negativo. E é claro aqui que o valor ético depende da proximidade contextual do martelo, em um dado momento. Em síntese, O VALOR ÉTICO DEPENDE DA "CIRCUNSTÂNCIA" EM QUE REALCE O VALOR PARTICULAR DE UM OBJETO CULTURAL.

Segundo ficou demonstrado, "a definição do valor particular tem que se basear em três termos: O OBJETO CULTURAL EMERGENTE, O REGISTRO CULTURAL E O OBJETO CULTURAL REFERENTE". Consideremos o caso em que o objeto 2 emerge com valor utilitário ao estar referido ao objeto 6 por meio do Registro cultural 2-6. No cubo estrutural da figura 75, este caso se representa completamente com uma CONEXÃO (2-6) e dois NÓS (2 e 6), vale dizer, com um SISTEMA SIMPLES análogo ao da figura 13. Contudo, para que tal analogia seja correta, há que se ter presente que entre ambos os SISTEMAS se verifica uma relação de SIMETRIA PATENCIAL INVERSA. Daí que, ao SISTEMA SIMPLES do modelo de estrutura cultural, corresponda um SISTEMA REAL no modelo de superestrutura, tal como se mostra na figura 76.

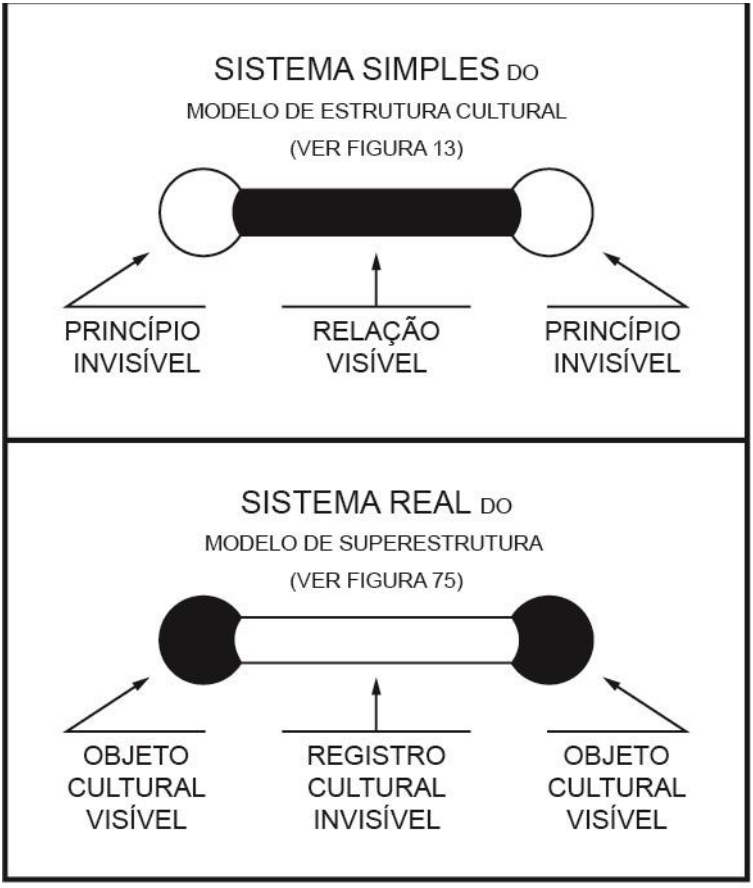


FIGURA 76

Voltando à figura 75, o SISTEMA REAL estaria composto pelo OBJETO CULTURAL EMERGENTE 2, o REGISTRO CULTURAL 2-6, e o OBJETO CULTURAL REFERENTE 6. A constituição deste sistema real pode se compreender partindo da figura 74, supondo que o objeto cultural ali representado seja o 2 do cubo estrutural: sendo assim, então, na figura 77 podemos ver o objeto cultural 2 REFERIDO ao objeto cultural 6, mediante um Registro cultural, formando os três um "SISTEMA REAL" do modelo de superestrutura.

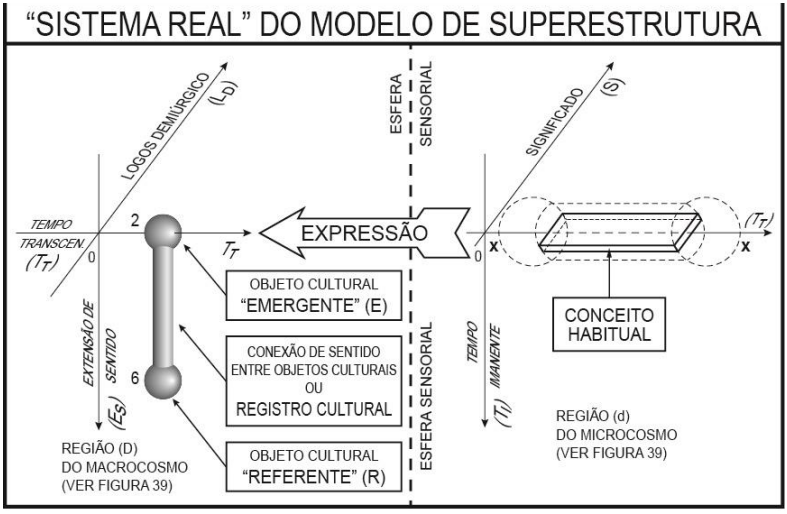


FIGURA 77

Dando por certo que o objeto cultural 2 apresenta um valor geral sustentado pelo contexto axiológico, a figura 77 mostra só o valor particular; este, de acordo ao explicado, surge acima do valor geral pela relação que o Registro cultural estabelece com um objeto cultural 6 de referência (R): "O VALOR PARTICULAR EFETIVO DE UM OBJETO CULTURAL É SEMPRE LIGADO A UMA CONEXÃO DE SENTIDO OU REGISTRO CULTURAL QUE O REFERE A OUTRO OBJETO E LHE CONFERE SEU SENTIDO RELATIVO". Constitui-se, assim, o sistema real representado na figura 77. Mas, é claro que um mesmo objeto cultural (E) pode intervir em uma pluralidade de sistemas reais: o objeto 2, por exemplo, pode formar os sistemas reais: 2-1, 2-3, 2-6 e 2-9, segundo qual seja o objeto de referência (R) considerado. Em consequência, UM OBJETO CULTURAL COM VALOR GERAL MANTÉM CONEXÃO COM UMA PLURALIDADE DE REGISTROS CULTURAIS.

E12 – Estudo analógico de um sistema real.

Façamos uma síntese dos dois últimos subartigos. Em E10, comprovamos que o "VALOR GERAL, EM TODO OBJETO CULTURAL, SE CONSERVA NA SUPERESTRUTURA PELA VITALIDADE QUE O ARQUÉTIPO ASTRAL INFUNDE NO OBJETO CULTURAL, MEDIANTE AS CONEXÕES DE SENTIDO DO CONTEXTO AXIOLÓGICO". E em E11, comprovamos que "O VALOR PARTICULAR, EM TODO OBJETO CULTURAL, SURGE AO AFIRMAR O VALOR GERAL EM RELAÇÃO A OUTRO OBJETO CULTURAL DE REFERÊNCIA". Esta definição permitirá explicar, em um próximo artigo, a "faculdade de anamnese" dos Iniciados Hiperbóreos. Aqui, partiremos da definição obtida em E10, sobre o valor geral, para adicionar o Registro cultural de um sistema real ao cavalo ôntico da figura 48.

Segundo vimos, o valor geral de um objeto cultural ORGÂNICO é sustentado por um SISTEMA TRÓFICO composto pelo conjunto das conexões de sentido do contexto axiológico: através do sistema trófico, das conexões de sentido, se manifesta a vitalidade do Arquétipo astral. Mas as conexões de sentido são, também, REGISTROS MACROCÓSMICOS: de acordo à "definição funcional de Registro",

"REGISTRO MACROCÓSMICO É TODO RECIPIENTE ESTRUTURAL CAPAZ DE RECEBER E CONSERVAR A FORMA DE UM DADO EVENTO E DE PERMITIR AO DEMIURGO SUA REPRODUÇÃO POSTERIOR". Os Registros macrocósmicos principais que se estudam nos "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" são o ÔNTICO e o CULTURAL. Os Registros ônticos, como seu nome o indica, são conteúdos mnemônicos próprios dos ENTES EXTERNOS, que só têm valor para o Demiurgo. Os Registros culturais são conteúdos mnemônicos próprios dos OBJETOS CULTURAIS EXTERNOS e seu conhecimento se reveste de inestimável valor para o virya desperto. Contudo, como todo objeto cultural é, antes de tudo, um ente ao qual se colocou um sentido cultural, ocorre que EM UM OBJETO CULTURAL ESTÃO PRESENTES AMBOS OS REGISTROS: daí a conveniência de conhecer em que consiste cada um deles E A NECESSIDADE DE DISTINGUI-LOS CLARAMENTE pois, há que se avisar desde já: o virya desperto DEVE EVITAR CUIDADOSAMENTE A PERCEPÇÃO DO REGISTRO ÔNTICO; SÓ O "REGISTRO CULTURAL" É ÚTIL PARA SUA ESTRATÉGIA DE LIBERAÇÃO ESPIRITUAL".

O conteúdo do Registro ôntico consiste em "uma SÉRIE ÔNTICO-TEMPORAL paralela e correlativa à FUNÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO EVOLUTIVO que une o ente individual com o Arquétipo universal"; por isso, deve ser evitado o Registro ôntico: porque, "sob a série ôntico-temporal, se encontra implícita a função contínua; e a mesma tanto pode ser inferida como efetivamente VIVENCIADA, o que supõe ENTRAR EM CONTATO DIRETO COM O ARQUÉTIPO UNIVERSAL. PARA EVITAR ESTA ÚLTIMA POSSIBILIDADE É QUE O VIRYA JAMAIS EXPLORA OS REGISTROS ÔNTICOS". A série ôntico-temporal, por outro lado, representa a HISTÓRIA NATURAL do ente: "no Registro ôntico está contida, assim, a HISTÓRIA NATURAL do ente, história que pode ser reproduzida pela Faculdade de registrar para a apercepção do Aspecto Logos". A figura 63 mostra, analogicamente, para o caso do cavalo ôntico, a série ôntico-temporal ou "história natural" e a função contínua do processo evolutivo; a esfera central, segundo se explicou, faz parte do "modelo de desígnio desdobrado" e representa a "matriz essencial" que determina e individualiza a natureza equina universal; sobre esta esfera, quer dizer, sobre o cavalo ôntico atual, existe a "tela ôntica", onde a faculdade de registrar do Aspecto Logos do Demiurgo reproduz as imagens da "história natural" do cavalo, quer dizer, as fases da série ôntico-temporal: tal tela, para ser aperceptível pelo Aspecto Logos, deve encontrar-se em situação perpendicular ao eixo do tempo transcendente. A figura 63 mostra-nos, então, o conteúdo do Registro ôntico e a zona de sua reprodução: é óbvio o esclarecedor que seria se este exemplo pudesse nos demonstrar, também, a localização de um Registro cultural.

Contudo, é possível agregar analogicamente um Registro cultural à figura 63, se previamente supomos que o cavalo ôntico se transformou em CAVALO CULTURAL. Isso ocorre, desde já, quando o cavalo ôntico foi submetido aos dois movimentos descritos na figura 73: no primeiro movimento, o pasu PERCEBE a matriz essencial do cavalo e, mediante uma correspondência gnosiológica, esquematiza um conceito habitual equivalente em uma Relação da estrutura cultural; no segundo movimento, EXPRESSA o conceito habitual e AFIRMA a matriz essencial, estabelecendo, assim, uma correspondência axiológica que atribui VALOR CULTURAL ao cavalo ôntico e lhe permite emergir como objeto cultural, quer dizer, como CAVALO CULTURAL; logo, o contexto axiológico confere ao cavalo cultural um VALOR GERAL que acaba por ser CONSERVADO pelo Arquétipo astral da superestrutura: entre o cavalo cultural e o contexto axiológico existem, desde então, múltiplas conexões de sentido, quer dizer, múltiplos REGISTROS CULTURAIS. Após um processo semelhante, o cavalo ôntico da figura 63 se transformou em "objeto cultural emergente com valor geral" e, portanto, pode ser

interpretado mediante o modelo de superestrutura da figura 75: podemos supor, por exemplo, que o cavalo cultural é o objeto cultural 2, e que suas conexões de sentido são as 2-1, 2-3, 2-6 e 2-9. Mas convém examinar esta equiparação com maiores detalhes.

Prestemos atenção, antes de tudo, à tabela de correspondências da figura 75 bis, que projeta o modelo de superestrutura sobre a superestrutura real. Nesta, tem lugar a existência do cavalo ôntico, o qual, por ser um "ente designado", é análogo (V) a um "elemento topológico" do modelo de superestrutura. O cavalo ôntico faz parte da infraestrutura ôntica real e, como elemento topológico equivalente, integra a infraestrutura topológica do modelo. Ao ser afirmada a matriz essencial, mediante o segundo movimento, o cavalo ôntico adquire VALOR CULTURAL e se transforma em CAVALO CULTURAL, emergindo no umbral de sentido como membro da superestrutura real: isto é análogo a que, ao "elemento topológico" equivalente, se lhe atribua um valor geométrico tal, que lhe permita emergir no modelo de superestrutura, neste caso, no cubo estrutural da figura 75. Se o cavalo ôntico corresponde a um elemento topológico situado sob o vértice 2 do cubo estrutural, sua emergência como cavalo cultural lhe permitirá ocupar o posto do nó 2 e estabelecer conexões de sentido com os outros nós do contexto geométrico.

Com estas condições, é evidente que o CAVALO CULTURAL 2 forma quatro SISTEMAS REAIS com os objetos culturais referentes 1, 3, 6 e 9, aos que se conecta por meio dos registros culturais 2-1, 2-3, 2-6 e 2-9: se o pasu afirma o valor geral com respeito a qualquer dos objetos 1, 3, 6, ou 9, isso equivale a dotar o cavalo cultural de um VALOR PARTICULAR cujo sentido é determinado pelo objeto de referência; em tais casos, se diz que o pasu "afirmou o sistema real" tal ou qual, ou que "o cavalo cultural constitui um sistema real" com tal ou qual objeto de referência. Para seguir com o exemplo, temos que supor que a figura 77 simboliza o cavalo cultural emergente 2 formando um sistema real com o objeto cultural referente 6, através do Registro cultural 2-6.

Indubitavelmente, já estamos em condições de agregar um Registro cultural analógico à figura 63: isso é possível porque consideramos a esfera central como a matriz essencial AFIRMADA pela expressão do pasu, quer dizer, como o objeto cultural emergente, ou cavalo cultural, que ocupa o posto de número 2 no modelo de superestrutura da figura 75. Deste modo, na figura 78, o cavalo cultural 2 forma o sistema real ao conectar-se, através de um Registro cultural, com o objeto cultural referente 6.

O sistema real da figura 78 pode se interpretar de duas maneiras: como ABSTRAÇÃO de um sistema do contexto axiológico ou como AFIRMAÇÃO de um sistema particular. No primeiro caso, há de se supor que o cavalo cultural possui valor geral e que o sistema é a ABSTRAÇÃO de qualquer um dentre os múltiplos sistemas que o constituem. No segundo caso, sobre o valor geral, foi AFIRMADO um valor particular, determinado pela conexão de sentido com um objeto cultural referente: o valor particular do cavalo cultural se manifesta, neste caso, pela atividade específica do sistema real 2-6. Como a figura 78 permite esta dupla interpretação, devemos esclarecer aqui que, adiante, nos referiremos ao segundo caso, quer dizer, ao cavalo cultural dotado de um valor particular conferido pelo sistema 2-6.

Recordemos a descrição da figura 63, no quanto concerne igualmente à figura 78: "Vemos ali, representado como uma esfera central mais obscura, o cavalo ôntico, formado atualmente pela matriz essencial do desígnio desdobrado (quer dizer, emergindo como "cavalo cultural"). Entre o cavalo ôntico e o Arquétipo

universal, existe o nexo permanente que determina a função contínua do processo evolutivo, simbolizado pela curva helicoidal".

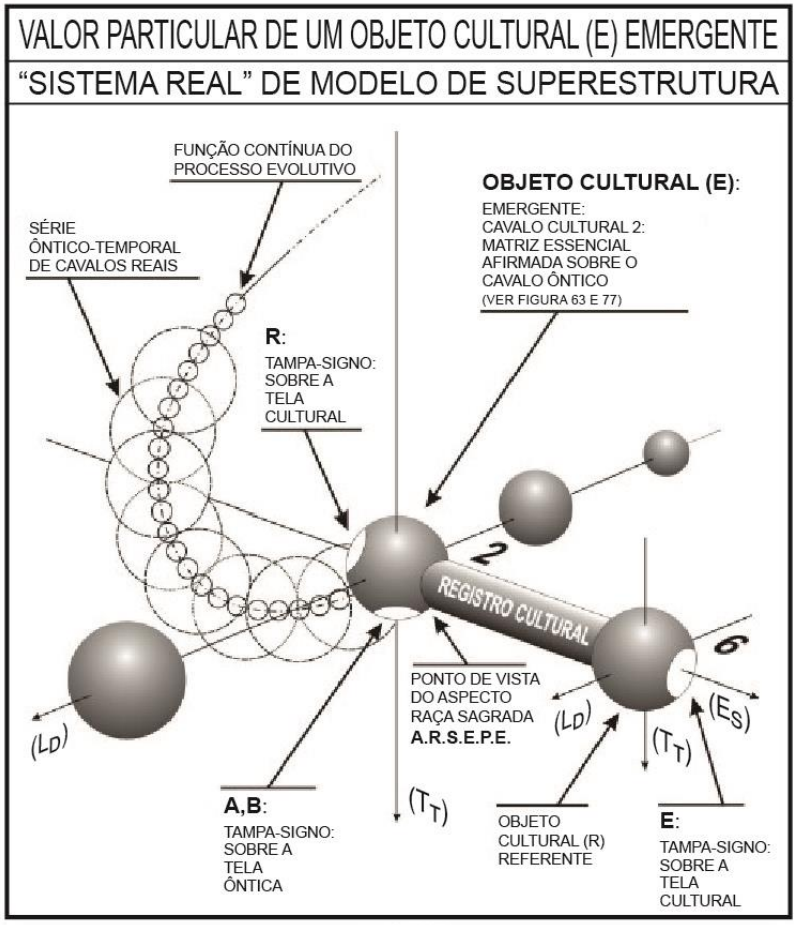


FIGURA 78

E, "… assim como o modelo do desígnio desdobrado facilita a observação gráfica das matrizes virtuais por correspondência analógica, assim também a curva helicoidal possibilita a visualização gráfica do processo evolutivo do Arquétipo cavalo: mas, na realidade, não devemos esquecer, tanto as matrizes virtuais, e todo o plano do desígnio, assim como a função contínua do processo evolutivo, ESTÃO CONTIDAS NA ESTRUTURA DO ENTE ATUAL, quer dizer, no cavalo ôntico. O cavalo ôntico, atual, individual, É TODA A REALIDADE DO CAVALO: não existe nenhuma propriedade, nem ôntica nem ontológica, que fique de fora de sua

entidade. E NO SEIO DE SUA ENTIDADE SITUA-SE, EM PRIMEIRO LUGAR, O REGISTRO ÔNTICO". Contrastando com o caráter INTERNO do Registro ôntico, o Registro cultural é absolutamente EXTERNO ao objeto cultural, por seu caráter estrutural de CONEXÃO; isso pode se comprovar analogicamente observando o sistema 2-6 da figura 78: vê-se ali, claramente, que a CONEXÃO ENTRE NÓS é o REGISTRO CULTURAL ENTRE OBJETOS CULTURAIS. Ou, mais claramente ainda, vê-se que o objeto cultural emergente, neste caso um cavalo cultural, conecta-se com o objeto cultural referente, o qual lhe confere seu valor particular, através do Registro cultural; em outros termos, o Registro cultural é a conexão de sentido que determina o valor particular do objeto cultural; e esta conexão de sentido, este Registro cultural, é evidentemente uma CONEXÃO EXTERNA aos objetos culturais.

Tanto o valor geral como o valor particular de um objeto cultural são sustentados pela vitalidade que o Arquétipo astral manifesta através das conexões de sentido do sistema trófico da superestrutura orgânica. Neste sentido, podemos considerar o cavalo cultural como um órgão cujo valor orgânico, quer dizer, FUNCIONAL, é sustentado vitalmente pela conexão trófica do Registro cultural: APENAS SE SE TEM PRESENTE, E NÃO SE ESQUECE JAMAIS ESTE CARÁTER ESSENCIALMENTE VITAL DO REGISTRO CULTURAL, É POSSÍVEL COMPREENDER SEU CONTEÚDO, QUER DIZER, AQUILO QUE PODE SER "VIVENCIADO" PELO DEMIURGO E, TAMBÉM, CONTEMPLADO PELOS INICIADOS HIPERBÓREOS. Naturalmente, tal "conteúdo", por pertencer a um recipiente EXTERNO aos objetos culturais, encontra-se distribuído ENTRE os objetos culturais emergente e referente (O.C.E. e O.C.R.).

O conteúdo dos Registros culturais, sobre o qual ainda não indagamos, pode ser compreendido pela faculdade de anamnese dos Iniciados Hiperbóreos. Entretanto, os Iniciados só estão realmente habilitados para empregar sua faculdade de anamnese quando previamente compreenderam as funções que os Aspectos do Demiurgo desdobram nas superestruturas em geral, e nos Registros culturais em particular. Impõe-se, pois, um estudo prévio sobre o tema, como preparação final à explicação da faculdade de anamnese e do conteúdo dos Registros culturais.

E13 – Os Aspectos do Demiurgo e o sistema real.

O Demiurgo se manifesta no organismo macrocósmico sob diferentes "Aspectos"; assim, na figura 38 vemos que a Manifestação (12) se realiza com o Aspecto Beleza no plano arquetípico, com o Aspecto Amor no seio das culturas exteriores e com o Aspecto Raça Sagrada na esfera do Sentido do Mundo: tais Aspectos são análogos, respectivamente, ao sujeito racional, ao sujeito cultural e ao sujeito consciente, quer dizer, aos "aspectos" do sujeito anímico microcósmico. Na figura 66, por outro lado, se representou analogamente o Aspecto Logos do Demiurgo, correspondente ao aspecto logos Kundalini no microcosmo: o Aspecto Logos, à parte de seu poder plasmador sobre os entes do macrocosmo, quer dizer, sua "Faculdade de designar" ou Vox, dispõe da Faculdade de registrar que lhe permite explorar e reproduzir o conteúdo dos Registros ônticos, tal como se explicou no inciso "Memórias microcósmicas e Registros macrocósmicos". É importante indagar agora qual Aspecto do Demiurgo interessa no conteúdo dos Registros culturais.

Mas antes de responder, devemos esclarecer bem a pergunta, porque O CONTEÚDO DOS REGISTROS CULTURAIS NÃO É "REPRODUZIDO" PELO DEMIURGO DE MANEIRA SEMELHANTE AO CONTEÚDO DOS REGISTROS ÔNTICOS, QUER DIZER, SOBRE UMA "TELA", SENÃO QUE O MESMO É "VIVENCIADO" DIRETAMENTE NO REGISTRO CULTURAL POR INTERMÉDIO DO "ARQUÉTIPO ASTRAL".

Recordemos que todo Arquétipo universal é uma emanação do Demiurgo, por meio da qual Ele se manifesta e forma o plano físico macrocósmico; no caso particular dos Arquétipos astrais, o Demiurgo os emana para animar as superestruturas das culturas externas e se manifesta neles mediante seu Aspecto Amor ou Sabedoria. Mas isto já foi adiantado no comentário Sétimo, e exemplificado sinoticamente na figura 38 com referência à sua correspondência microcósmica: "O sujeito anímico (4) se manifesta na estrutura cultural (8) como sujeito cultural, vivenciando os sistemas como "representações racionais"; uma representação racional é um conceito-fatia do esquema da Relação notado no contexto de um plano de significação horizontal". "Analogamente, a Manifestação (12) se expressa nas culturas exteriores como Aspecto Amor ou Sabedoria do Demiurgo, VIVENCIANDO as superestruturas por meio dos Arquétipos psicoides que as sustentam: a força que religa os objetos culturais exteriores é o amor do pasu (quer dizer, uma forma da "dor"), energia oferecida por toda a comunidade sociocultural desde o inconsciente coletivo universal ou mundo astral (18) e que "alimenta" os Arquétipos psicoides ou egrégoras. O Demiurgo, com seu Aspecto Amor-Sabedoria, pode VIVENCIAR uma cultura exterior (16) como "superconceito", quer dizer, pode notá-la no contexto de uma superlinguagem em um espaço de significação horizontal".

É claro agora, em resposta à indagação anterior, que o Aspecto Amor "vivencia" o conteúdo dos Registros culturais do mesmo modo que é capaz de "vivenciar" toda a superestrutura de uma cultura externa: por meio dos Arquétipos astrais que vitalizam o sistema trófico da superestrutura orgânica. O Registro cultural é só um elemento de grau menor do sistema trófico, quer dizer, uma "conexão trófica", e por isso seu conteúdo pode ser vivenciado a todo momento pelo Aspecto Amor: porque os Arquétipos astrais mantêm permanentemente a vitalidade do Registro cultural para sustentar o valor geral do objeto cultural. Na figura 78, isto significa que o Aspecto Amor pode vivenciar o Registro cultural 2-6 pois o mesmo é uma conexão trófica que sustenta o órgão 2, vale dizer, uma conexão de sentido que sustenta o valor de cavalo cultural. Entretanto, NÃO HÁ QUE SE ESQUECER QUE O ESPAÇO ANALÓGICO (**TT, ES, LD**) DA FIGURA CORRESPONDE A "UM" DOS MÚLTIPLOS "ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO" QUE INTEGRAM O ESPAÇO MACROCÓSMICO: a importância desta advertência ficará em evidência muito em breve.

Deixemos, por um momento, o Aspecto Amor e sua possibilidade de vivenciar o Registro cultural do sistema real 2-6, figura 78, e consideremos o Aspecto Raça Sagrada e sua função de perceber o sentido cultural emergente no Umbral de sentido. Tenhamos presente, antes de tudo, o que foi dito no comentário Décimo Segundo, sempre com referência à figura 38: "O sujeito anímico (3) se manifesta na esfera de luz (10) como sujeito consciente. Ali, o sujeito consciente "vê" emergir as ideias através do umbral de consciência e percebe imagem e significado". "Analogamente, a manifestação (12) se expressa no mundo exterior como "raça sagrada" (18). O Demiurgo, PELOS OLHOS DE SUA RAÇA SAGRADA, "vê" surgir os objetos culturais, os entes designados pelo pasu, desde o UMBRAL DE SENTIDO, quer dizer, desde o limite que separa uma cultura no mundo exterior do indiferenciado, dos entes cujo desígnio ainda não foi descoberto. A compreensão macrocósmica das culturas exteriores, as quais consistem em superestruturas de objetos culturais e microcosmos, e a apreensão do Sentido do Mundo que as comunidades socioculturais permanentemente sustentam e desenvolvem, constituem a Consciência do Demiurgo propriamente dita; compreensão e apreensão que, naturalmente, acontecem no tempo transcendente".

De acordo com o comentário Décimo Segundo, o Aspecto Raça Sagrada percebe a emergência dos objetos culturais de maneira análoga a como o sujeito

consciente percebe a emergência das representações conscientes. Mas, da Primeira Parte, sabemos que o sujeito consciente deve OPOR-SE à corrente do tempo imanente, em que consiste sua essência, para RETER as imagens que emergem pelo umbral de consciência, quer dizer, deve situar-se em posição S.P.E. (S-ujeito em P-resente E-xtensivo, figura 25); desse modo, em S.P.E., o sujeito consciente "olha" para o umbral de consciência ψ e consegue reter as imagens emergentes. Analogamente, o Aspecto Raça Sagrada, cuja última essência é o tempo transcendente, a Consciência do Demiurgo, deve OPOR-SE à corrente anisotrópica do tempo transcendente para RETER os objetos culturais que emergem pelo umbral de sentido, quer dizer, deve situar-se em PRESENTE EXTENSIVO. Esta disposição do Demiurgo denomina-se: A-specto R-aça S-agrada E-m P-resente E-xtensivo ou A.R.S.E.P.E. Na figura 78, se assinalou o "ponto de vista do Aspecto Raça Sagrada", ou A.R.S.E.P.E., como situado debaixo do plano horizontal (**LD, ES**) do sistema real: desde ali, "de costas" à corrente do tempo transcendente, o A.R.S.E.P.E., espera a emergência do objeto cultural para retê-lo e perceber seu sentido cultural, quer dizer, seu valor particular.

Se comparamos o esquema energético macrocósmico da figura 39 com a figura 78, comprovamos que a primeira representa só um plano, o (**TT, ES**), do espaço análogo (**TT, ES, LD**) expressado na segunda. Entretanto, o plano da figura 39 nos mostra a emergência do objeto cultural até atravessar o umbral do sentido e manifestar-se frente ao A.R.S.E.P.E. Para observar com detalhes esta disposição do Aspecto Raça Sagrada, que lhe permite situar-se em oposição ao umbral de sentido e reter o objeto cultural emergente (O.C.E.), no caso do cavalo cultural da figura 78, ter-se-ia que atender com preferência o plano (**TT, ES**), destacando nele o umbral de sentido e a posição A.R.S.E.P.E. Esta possibilidade nos oferece a figura 79, onde vemos que o aspecto Raça Sagrada, como A.R.S.E.P.E., se encontra frente ao cavalo cultural emergente (O.C.E.) para retê-lo e apreender seu sentido; o cavalo cultural 2, por seu lado, encontrava-se inicialmente na região B, como cavalo ôntico, até que foi afirmada sua matriz essencial e se estabeleceu a conexão de sentido ou Registro cultural com o objeto cultural referente (O.C.R.) 6: então o cavalo cultural iniciou a emergência até o umbral de sentido impulsionado pela dor, quer dizer, pela força da primeira intenção; ao atravessar o umbral e emergir na região D, "esfera de sentido do Mundo", análoga à esfera de luz da estrutura psíquica microcósmica, o cavalo cultural fica de frente ao A.R.S.E.P.E., quem o retém e percebe seu valor cultural.

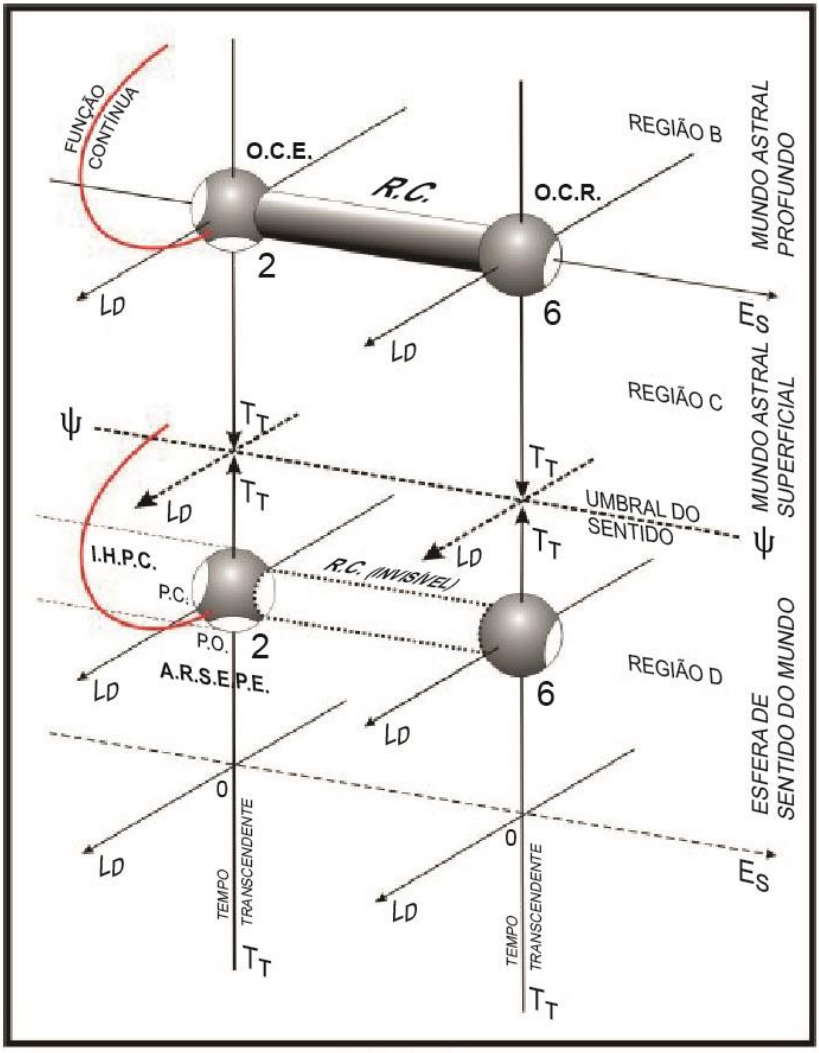


FIGURA 79

Neste exame da figura 79, convém notar duas coisas. A primeira é que a posição A.R.S.E.P.E., em frente ao cavalo cultural, ou qualquer outro O.C.E., permite a efetiva observação da tela ôntica e, portanto, favorece o acesso ao conteúdo do Registro ôntico. Não há que insistir, pois já o fizemos, em que a exploração destes Registros deve ser cuidadosamente evitada pelo Iniciado Hiperbóreo.

A segunda coisa que há que se notar é que, logo que os objetos culturais (O.C.E. e O.C.R.) do sistema real 2-6 emergiram pelo umbral de sentido, seu conexão, quer dizer, o Registro cultural permanece INVISÍVEL para o A.R.S.E.P.E.: isto significa que nenhum membro da raça sagrada, e muito menos o pasu, poderá perceber as conexões de sentido reais que determinam o valor cultural; tal invisibilidade dos Registros culturais (R.C.) impede perceber a composição orgânica da superestrutura e revela, em troca, um conjunto de objetos culturais distribuídos no espaço cultural e aparentemente desconectados entre si.

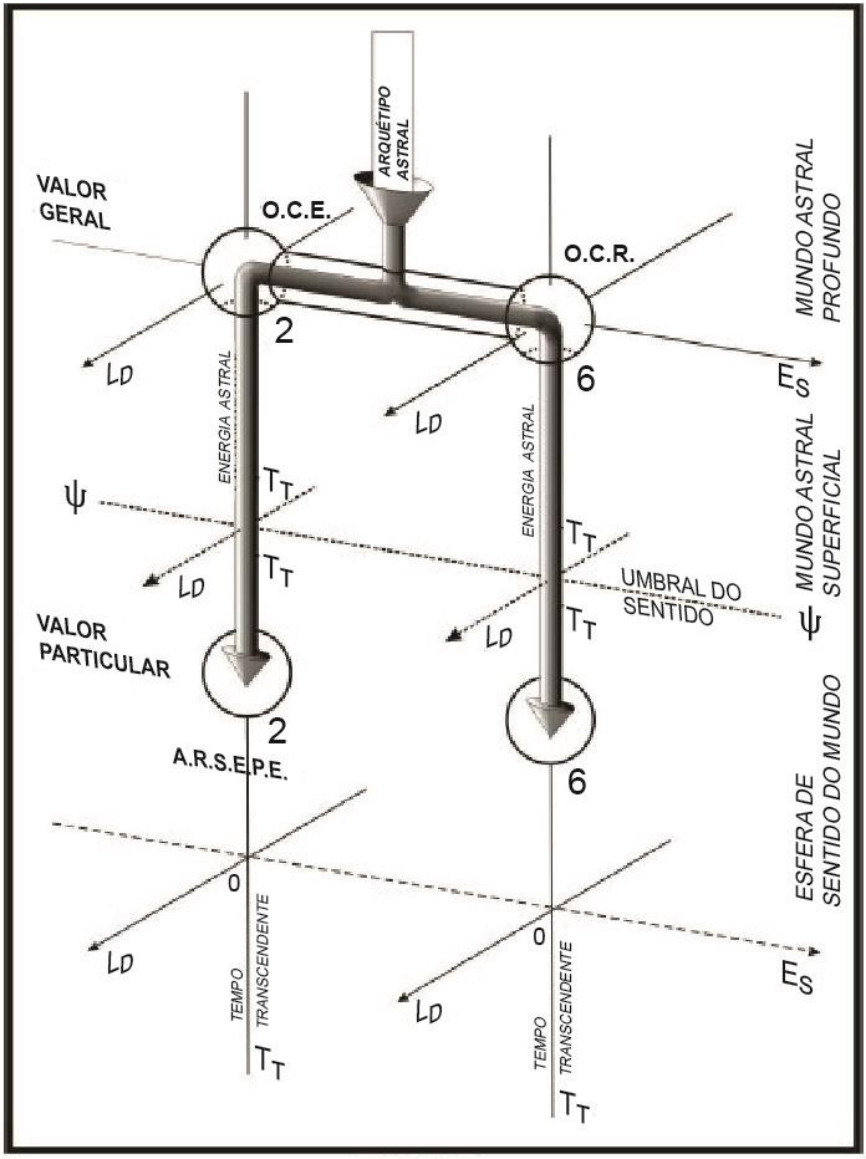


FIGURA 80

Para visualizar analogicamente este fenômeno, e compreender sua causa, foi confeccionada a figura 80: separou-se ali, alegoricamente, o valor geral do valor particular no cavalo cultural 2; deste modo, a figura representa o fato de que o

sistema real 2-6 PERMANECE SEMPRE NA REGIÃO B, ONDE É COMPLETAMENTE INVISÍVEL PARA O A.R.S.E.P.E.; contudo, quando o valor geral é afirmado com referência a um objeto cultural particular, o cavalo cultural (O.C.E.) emerge com valor particular e se manifesta na esfera de Sentido do Mundo, região D; esta manifestação do valor particular equivale a um realce que o torna visível ao A.R.S.E.P.E.: mas um realce que se destaca acima do valor geral que lhe serve de suporte fundamental na região B; qual é a força que impulsiona e sustenta a emergência do valor particular? Resposta: tal como se indica na figura 80, A ENERGIA ASTRAL QUE OFERECE O ARQUÉTIPO ASTRAL, ATRAVÉS DA CONEXÃO TRÓFICA 2-6, ou REGISTRO CULTURAL: O CAVALO CULTURAL 2 RECEBE DA CONEXÃO TRÓFICA A "VITALIDADE ASTRAL" QUE SUSTENTA O VALOR PARTICULAR EMERGENTE NA REGIÃO D. E O A.R.S.E.P.E. SÓ "VÊ" ESTA APARÊNCIA CULTURAL: OS OBJETOS EMERGENTE (O.C.E.) e REFERENTE (O.C.R.) APARECEM DISTRIBUÍDOS NO ESPAÇO CULTURAL SEM EVIDENTE CONEXÃO ENTRE SI.

E14 – Conteúdo e dimensões do registro cultural.

Sabemos, da Primeira Parte, que um SISTEMA SIMPLES da estrutura cultural se compõe de dois NÓS unidos por uma CONEXÃO, vale dizer, de dois Princípios e uma Relação comum (figura 13). Os SISTEMAS REAIS do modelo de superestrutura, de sua parte, também se compõem de dois nós e uma conexão, quer dizer, de dois objetos culturais e um Registro cultural comum (figura 76). Entre ambos os sistemas se estabelece uma relação de simetria patencial inversa e, portanto, seus elementos NÃO SÃO FUNCIONALMENTE ANÁLOGOS: já vimos que a uma conexão do sistema simples corresponde um nó do sistema real. Entretanto, do ponto de vista estrutural, os elementos de ambos os sistemas SÃO GEOMETRICAMENTE ANÁLOGOS: nos dois sistemas há dois nós e uma conexão, geometricamente análogos. Com este esclarecimento queremos destacar que, TANTO A "RELAÇÃO" COMO O "REGISTRO CULTURAL" SÃO GEOMETRICAMENTE ANÁLOGOS POR SEREM "CONEXÕES CILÍNDRICAS". Sendo assim, é evidente que a analogia tem que alcançar as DIMENSÕES dos dois elementos; anteriormente, já se definiram as dimensões das Relações dos sistemas simples: "A analogia entre Relação e conexão cilíndrica vai nos permitir definir certas dimensões características. Em uma Relação, o tempo e a substância se reduzem ao conceito de POTÊNCIA; quanto ao "espaço", a analogia se estabelece com relação à longitude e ao volume de uma conexão cilíndrica. Resumindo, toda Relação se define com base em TRÊS dimensões: sua EXTENSÃO, análoga à LONGITUDE; sua COMPREENSÃO, equivalente ao VOLUME; e sua POTÊNCIA". A analogia geométrica entre os sistemas reais e os sistemas simples nos indica, pois, que os Registros culturais devem apresentar dimensões equivalentes às das Relações: EXTENSÃO, COMPREENSÃO E POTÊNCIA. Em continuação, vamos definir estas dimensões analógicas em função da percepção que os Aspectos do Demiurgo efetuam sobre os registros culturais.

Sobre a POTÊNCIA de um Registro cultural já falamos em E10: esta não é outra senão a POTÊNCIA ASTRAL que o Arquétipo astral oferece para vitalizar a conexão de sentido, ou conexão trófica; na figura 80, mostra-se analogicamente como a manifestação da potência astral, quer dizer, a ENERGIA ASTRAL, sustenta o valor particular do objeto cultural ORGÂNICO. Vale a pena repeti-lo: "APENAS SE SE TEM PRESENTE, E NÃO SE ESQUECE JAMAIS ESTE CARÁTER ESSENCIALMENTE VITAL DO REGISTRO CULTURAL, É POSSÍVEL COMPREENDER SEU "CONTEÚDO", QUER DIZER, AQUILO QUE PODE SER "VIVENCIADO" PELO DEMIURGO E, TAMBÉM, CONTEMPLADO PELOS

INICIADOS HIPERBÓREOS". E, por fim, em que consiste o CONTEÚDO do Registro cultural? Resposta: em uma série CRONOCULTURAL. Quer dizer, em uma série de "SUPEROBJETOS AXIOLÓGICOS" que vão desde o objeto cultural referente (R) até o objeto cultural emergente (E): "Naturalmente", tal "conteúdo", por pertencer a um recipiente EXTERNO aos objetos culturais, encontra-se distribuído ENTRE os objetos culturais emergente e referente". Em F6, explicar-se-á com detalhes em que consiste um "superobjeto axiológico"; por ora, há que se ter presente que cada membro da série cronocultural é um "superobjeto axiológico" e que cada superobjeto se compõe de uma estrutura de objetos axiológicos: o superobjeto axiológico representa pontualmente o O.C.E. e seu contexto axiológico em um instante absoluto de tempo transcendente.

A série de superobjetos axiológicos integra a estrutura da conexão de sentido e é o fator determinante da constituição relativa do valor cultural. Sua subsistência como "conteúdo" do Registro cultural deve-se à plasmação que sobre a vitalidade do Arquétipo astral exerce a afirmação do pasu: cada relação do contexto axiológico que o pasu afirma, ao colocar sentido no ente, causa um Registro cultural com uma série de superobjetos axiológicos relativos. Esta série cronocultural se encontra estruturada no Registro cultural como um conteúdo mnemônico permanente: entretanto, a cada instante de tempo transcendente, se integra nos extremos da série um novo objeto axiológico. Tais "novos objetos" são os valores relativos e instantâneos dos objetos culturais E e R que, ao invés de "se perderem no passado", plasmam-se sucessivamente no Registro cultural e subsistem integrados na série cronocultural. Por este caráter cronológico é que, ao conteúdo do Registro cultural também se denomina HISTÓRIA CULTURAL RELATIVA do objeto cultural.

O conteúdo do Registro cultural é objeto da percepção do Demiurgo; mas ELE NÃO REPRODUZ a história natural relativa, de maneira semelhante à história natural contida nos Registros ônticos, senão que a VIVENCIA por meio de seu Aspecto Amor-Sabedoria. Para esclarecer esta diferença, temos que nos referir agora às dimensões EXTENSÃO e COMPREENSÃO do Registro cultural.

Já sabemos que, em uma conexão cilíndrica, a longitude é análoga à EXTENSÃO e o volume à COMPREENSÃO. Mas o Registro cultural é INVISÍVEL e suas dimensões não podem ser verificadas diretamente; não obstante, no caso da EXTENSÃO, esta tem uma relação topológica com a DISTÂNCIA REAL que há entre dois objetos culturais: a DISTÂNCIA reflete, de alguma forma, a EXTENSÃO invisível do Registro cultural. E a "distância" é o que o A.R.S.E.P.E., e todo pasu ou virya perdido, percebe como separação entre objetos culturais, tal como se pode observar na figura 79. Desse ponto de vista, em frente ao objeto cultural emergente (E), o Aspecto Raça Sagrada encontra-se em "presente EXTENSIVO". Isto significa que a VISÃO NORMAL dos objetos culturais, tanto por parte do pasu como do virya perdido, é essencialmente EXTENSIVA. Pois bem: UMA VISÃO EXTENSIVA DA REALIDADE JAMAIS CONSEGUIRÁ VISUALIZAR, NEM SEQUER INFERIR, OS REGISTROS CULTURAIS. PARA TAL VISÃO, OS OBJETOS CULTURAIS APARECEM "DESCONECTADOS" ENTRE SI, COMO "INDEPENDENTES" DO CONTEXTO, ETC.

Mas, se o registro cultural é invisível, o pasu tampouco conseguirá COMPREENDÊ-LO, quer dizer, apreender sua estrutura de objetos axiológicos: essa possibilidade, naturalmente, só está ao alcance do Aspecto Amor do Demiurgo e, segundo veremos, do Iniciado Hiperbóreo. O Registro cultural apresenta uma CAPACIDADE determinada pela estrutura da série de superobjetos axiológicos: a percepção completa de tal capacidade é a COMPREENSÃO propriamente dita.

Mas o registro cultural é uma "conexão trófica", uma conexão vitalizada pelo Arquétipo Astral; seu "conteúdo", a série cronocultural, é uma "estrutura viva": PARA COMPREENDER A CAPACIDADE DO REGISTRO CULTURAL, O ASPECTO AMOR SÓ TEM QUE IDENTIFICAR-SE COM O ARQUÉTIPO ASTRAL E DIFUNDIR-SE NA ESTRUTURA VIVA; QUER DIZER, SÓ TEM QUE "VIVENCIAR" A ESTRUTURA VIVA DO REGISTRO CULTURAL. O conteúdo do Registro cultural se revela, assim, ao Aspecto amor, no curso de uma vivência integral, como apreensão compreensiva da série cronocultural, quer dizer, de maneira muito diferente à reprodução do conteúdo dos Registros ônticos.

Quando o Aspecto Amor efetua a vivência de um Registro cultural da superestrutura, atua de maneira análoga ao caso em que o sujeito cultural vivencia uma Relação da estrutura cultural: no primeiro caso, o Demiurgo se representa um SUPERCONCEITO de um sistema real; no segundo caso, o sujeito anímico se representa um CONCEITO de um sistema simples. Há que se ter bem clara esta analogia funcional, pois do contrário poderia cometer-se o erro de supor que basta a mera "vivência" do Registro cultural para captar sua COMPREENSÃO: a "vivência", com efeito, permite compreender a capacidade do Registro cultural, mas sempre e quando a mesma seja completa, quer dizer, sempre que abarque em sua totalidade a estrutura viva; E ESTA CONDIÇÃO NÃO SE CUMPRE SE A VIVÊNCIA SE REALIZA EM UM ÚNICO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO, QUER DIZER, NO CONTEXTO DE UMA SUPERLINGUAGEM PARTICULAR; NESSE CASO, SÓ SE CONSEGUIRÁ PERCEBER UM SUPERCONCEITO DO SISTEMA REAL.

No caso do cavalo cultural, figuras 78 e 79, o sistema real 2-6 pertence ao espaço de significação (**TT, ES, LD**), UM dos múltiplos espaços de significação que integram o Terrível Segredo de Maya. Este espaço contém o contexto de só UMA superlinguagem: daí que a vivência do Registro 2-6 não implique automaticamente em sua compreensão, senão a apreensão de UMA PARTE da estrutura viva, vale dizer, a representação de um superconceito.

Se bem que a vivência de um Registro cultural pelo Aspecto Amor é análoga à vivência de uma Relação pelo sujeito cultural, devemos perceber nessa relação uma importante diferença. Com efeito, o sujeito cultural, quando vivencia a relação pensada, a nota NO PLANO DE UMA LINGUAGEM HABITUAL (**S**, **TT**), ao que chamamos de "PLANO DE SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO" (figuras 20 e 21): tal notação equivale a perceber somente uma FATIA horizontal da conexão cilíndrica em que consiste a Relação; a essa porção da compreensão se conhece como CONCEITO-FATIA do esquema ou verdade do ente (figura 16): uma relação pode ser percebida em qualquer dos múltiplos planos de significação que se intersectam em seu núcleo axial de conotação e, por conseguinte, pode dar lugar a múltiplos conceitos-fatia; cada conceito-fatia define um aspecto da verdade do ente (figura 46). Contudo, o modelo dos conceitos-fatia tem efetiva validade no espaço psíquico da estrutura cultural, que é um "espaço analógico" definido axiomaticamente com base em três dimensões (**S, TT, TI**): o "espaço cultural", em troca, onde existe o Registro cultural, é um espaço analógico projetado sobre o espaço real macrocósmico, quer dizer, sobre o espaço do Terrível Segredo de Maya, que se compõe de uma pluralidade de espaços justapostos; a cada um destes espaços se denomina "espaço de significação macrocósmico" devido a que os objetos culturais que os ocupam têm clara "significação" para o Demiurgo, ainda que, do ponto de vista do pasu, deveriam se chamar "espaços de sentido"; em síntese: A CORRESPONDÊNCIA ANALÓGICA ENTRE O MODELO DE ESTRUTURA CULTURAL E O MODELO DE SUPERESTRUTURA EXIGE QUE A CADA "PLANO DE SIGNIFICAÇÃO" EQUIVALHA UM "ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO". Desse modo, o conceito-fatia, que ocupa o plano de significação (**S**, **TT**) será análogo ao

"superconceito" que ocupa o espaço de significação (**LD, ES, TT**). Mas, é um espaço analógico como o (**LD, ES, TT**) das figuras 78 e 79 (e das figuras 46, 48, 51, 56, 57, 60, 63, 74, 75 e 77). É POSSÍVEL DESCREVER A CONEXÃO CILÍNDRICA COMPLETA EM REPRESENTAÇÃO DE UM SUPERCONCEITO; vale dizer, que enquanto o conceito da estrutura cultural é análogo a uma fatia da conexão cilíndrica, o superconceito da superestrutura é análogo a uma conexão cilíndrica completa.

Resumindo, se o Aspecto Amor vivencia um registro cultural tal como o 2-6 das figuras 78 e 79, quer dizer, se compreende a conexão cilíndrica, o conteúdo de pensamento é um superconceito: isso se deve a que o espaço (**LD, ES, TT**), no qual foi notada a conexão, é APENAS UM dos múltiplos espaços de significação que compõem o espaço cultural. O sistema real 2-6, por outro lado, existe simultaneamente nos outros espaços de significação; por isso, A COMPREENSÃO DO REGISTRO CULTURAL, será possível somente quando a apreensão da estrutura viva se realize em todos os espaços ao mesmo tempo.

Assim, O REGISTRO CULTURAL 2-6 DAS FIGURAS 78 E 79 (e similares) É UM SUPERCONCEITO DO SISTEMA REAL 2-6.

Há que se repetir aqui que o modelo de superestrutura que a Sabedoria Hiperbórea utiliza apresenta rigorosa correspondência analógica com a superestrutura real; daí a insistência em descrever com detalhes o Registro cultural analógico: sua compreensão permitirá, também, compreender o Registro cultural real. Esta advertência tem particular relevo no caso da propriedade dos superconceitos analógicos que estudaremos em continuação, cuja compreensão permite aproximar-se a uma das chaves mais profundas do Terrível Segredo de Maya.

O Registro cultural 2-6 pode ser vivenciado pelo Aspecto Amor como "superconceito" do sistema real 2-6, análogo a um "conceito-fatia" de um sistema simples da estrutura cultural; mas, segundo vimos na Primeira Parte (figura 16), os conceitos-fatia possuem um NÚCLEO AXIAL CONOTATIVO, quer dizer, UMA REGIÃO COMUM COM OUTROS CONCEITOS; cabe, pois, se perguntar: possuem os superconceitos alguma propriedade semelhante ao núcleo axial de conotação dos conceitos-fatia? Resposta: O "NÚCLEO AXIAL DE CONOTAÇÃO" DOS CONCEITOS FATIA É ANÁLOGO AO "NÚCLEO CÔNICO POLIDIMENSIONAL" DOS SUPERCONCEITOS OU "NÚCLEO TRANSITATIVO". Vamos explicar esta resposta, à medida que recordemos as qualidades do núcleo axial de conotação.

Citaremos alguns parágrafos da Primeira Parte, referidos aos conceitos-fatia, e mostraremos até onde correspondem as propriedades dos superconceitos. "Temos visto que uma relação, tal como a do sistema **XX** da figura 14, pode ser "vista" ou "notada" em vários contextos significativos ou linguagens: os conceitos resultantes são análogos à fatia da figura 16". Analogamente, UM REGISTRO CULTURAL, TAL COMO O 2-6 DAS FIGURAS 78 E 79, PODE SER "VISTO" OU "NOTADO" OU "VIVENCIADO" EM VÁRIOS CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS OU SUPERLINGUAGENS: OS SUPERCONCEITOS RESULTANTES SÃO ANÁLOGOS À CONEXÃO CILÍNDRICA DAS FIGURAS 78 E 79. "Observemos agora a figura 15, onde, com linhas pontilhadas, se destacam os perfis das quatro fatias (ou conceitos), cada uma das quais se encontra em seu plano de significação". Analogamente, UM REGISTRO CULTURAL EXISTE SIMULTANEAMENTE EM UMA PLURALIDADE DE ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO, QUER DIZER, POSSUI UMA PLURALIDADE DE SUPERCONCEITOS. "É evidente que cada plano intersecta os outros em uma reta comum, **XX**, que faz as vezes de eixo axial da conexão cilíndrica". Analogamente, CADA ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO DO REGISTRO CULTURAL SE INTERSECTA COM OS OUTROS EM UMA REGIÃO COMUM, **XX**, SITUADA NO INTERIOR DA CONEXÃO CILÍNDRICA. "Mas ditos

planos correspondem a ambos os contextos significativos de linguagens diferentes: então, o que certamente se intersecta no seio do sistema, são as próprias linguagens, como pode se perceber na figura 14. “Analogamente, CADA ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO CONTÉM O CONTEXTO DE UMA SUPERLINGUAGEM DIFERENTE: O QUE SE INTERSECTA NA REGIÃO COMUM, **XX**, DO SUPERCONCEITO, SÃO, POIS, AS PRÓPRIAS SUPERLINGUAGENS. O “CONTEXTO DE UMA SUPERLINGUAGEM” É, DESDE JÁ, O “CONTEXTO AXIOLÓGICO” COM QUE A SUPERESTRUTURA DE UMA CULTURA EXTERNA DETERMINA O VALOR DE UM OBJETO CULTURAL.

Faremos uma parada aqui para esclarecer que a OBLIQUIDADE dos planos de significação é análoga à APROXIMIDADE dos espaços de significação. A “aproximidade” dos espaços é uma função geométrica da relação entre suas dimensões, conhecida na Sabedoria Hiperbórea como FUNÇÃO DE APROXIMAÇÃO DIMENSIONAL: assim como a OBLIQUIDADE pode ser descrita mediante uma FUNÇÃO ANGULAR, por exemplo, que quantifique a inclinação ou pendente dos planos de significação com relação a um plano horizontal de referência. Assim também a APROXIMIDADE pode ser descrita mediante a FUNÇÃO DE APROXIMAÇÃO DIMENSIONAL, que quantifica a RELAÇÃO GEOMÉTRICA entre as dimensões dos espaços de significação, com relação a um espaço (**LD, ES, TT**) “horizontal” de referência. (Isso de espaço “horizontal” significa “horizontal para o pasu”, vale dizer, o espaço cultural onde baseia seu contexto axiológico, região (D) do macrocosmo, o “mundo exterior” de sua experiência sensível, etc.).

Segue assim a citação: “Justamente, é a distinta OBLIQUIDADE das linguagens o que possibilita a existência de múltiplos conceitos sobre uma mesma verdade”. Analogamente, É A DISTINTA “APROXIMIDADE” DAS SUPERLINGUAGENS O QUE POSSIBILITA A EXISTÊNCIA DE MÚLTIPLOS SUPERCONCEITOS SOBRE UM MESMO REGISTRO CULTURAL. “Tal intersecção de linguagens produz nas quatro fatias-conceito uma região comum ao redor do eixo axial **XX**, segundo se mostra na figura 16: esta região se denomina NÚCLEO CONOTATIVO DE CONCEITO ou simplesmente CONOTAÇÃO”. Analogamente, A INTERSECÇÃO DAS SUPERLINGUAGENS PRODUZ UMA REGIÃO COMUM, **XX**, NOS SUPERCONCEITOS, DENOMINADA “NÚCLEO CÔNICO POLIDIMENSIONAL DO REGISTRO CULTURAL” OU “NÚCLEO TRANSITATIVO”, SEGUNDO SE MOSTRA NA FIGURA 81.

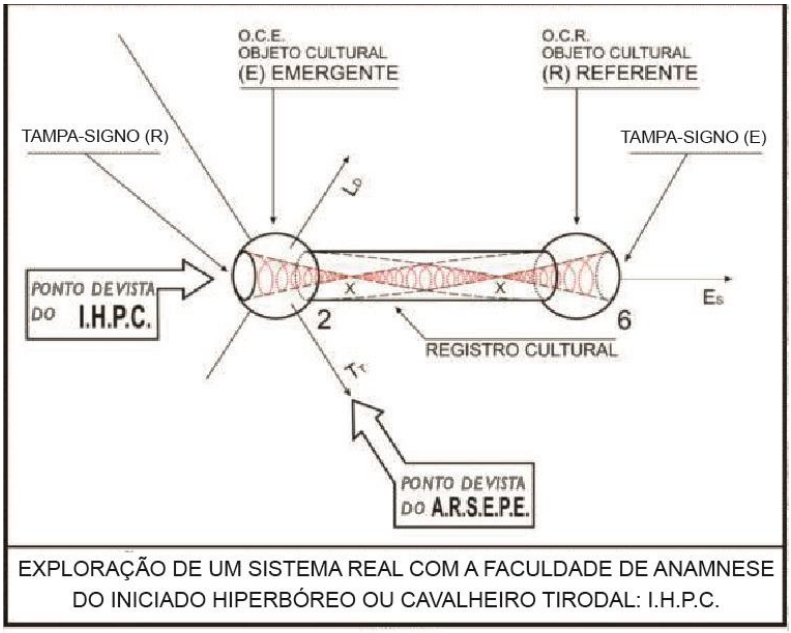


FIGURA 81

"Cada conceito COMPREENDE todas as notas sobre a verdade do ente notadas no contexto significativo de uma linguagem. Mas o fato de que todos os conceitos de uma mesma verdade se sobreponham em uma região comum, implica na comunidade de algum tipo de notas. Em outros termos: os conceitos de uma mesma verdade participam de certas notas comuns. Mas, onde está a região das notas comuns? Segundo se vê na figura 16: NA PROFUNDIDADE DO CONCEITO, QUER DIZER, NO CENTRO DA COMPREENSÃO". Analogamente, CADA SUPERCONCEITO COMPREENDE TODOS OS SUPEROBJETOS AXIOLÓGICOS DA SÉRIE CRONOCULTURAL RELATIVOS AO OBJETO CULTURAL EMERGENTE (E) E AO OBJETO CULTURAL REFERENTE (R) DO CONTEXTO AXIOLÓGICO DE UMA SUPERLINGUAGEM. MAS O FATO DE QUE TODOS OS SUPERCONCEITOS DE UM MESMO REGISTRO CULTURAL SE SOBREPONHAM EM UMA REGIÃO COMUM, IMPLICA NA COMUNIDADE DE ALGUM TIPO DE OBJETOS AXIOLÓGICOS COMUNS. EM OUTROS TERMOS: OS SUPERCONCEITOS DE UM MESMO REGISTRO CULTURAL PARTICIPAM DE CERTOS OBJETOS AXIOLÓGICOS COMUNS. MAS, ONDE ESTÁ A REGIÃO DOS OBJETOS AXIOLÓGICOS COMUNS? RESPOSTA: "SEGUNDO SE VÊ ANALOGICAMENTE NA FIGURA 81, NA PROFUNDIDADE DO SUPERCONCEITO, QUER DIZER, NO CENTRO DA COMPREENSÃO".

A figura 81 mostra, com linhas pontilhadas, que o volume da conexão cilíndrica apresenta DOIS ESTRANGULAMENTOS nos pontos vértice assinalados com a letra grega Chi (χ): por essa causa, podem se distinguir TRÊS REGIÕES DE FORMA CÔNICA. A primeira é um espaço cônico cuja base consiste no tampa-signo

(R) e seu vértice no ponto Chi (χ); a terceira, análoga à primeira, é um espaço cônico com base no tampa-signo (E) e vértice no ponto Chi (χ). E a segunda região, cujo espaço tem forma de dois cones unidos pela base, se estende entre seus dois vértices Chi (χ). Essa segunda região, situada no CENTRO da conexão cilíndrica, é o equivalente analógico do NÚCLEO CÔNICO POLIDIMENSIONAL DOS SUPERCONCEITOS ou NÚCLEO TRANSITATIVO.

Anteriormente, a explicação do núcleo conotativo dos conceitos prosseguia assim: "É por essa condição (por esse caráter CENTRAL e PROFUNDO do núcleo axial conotativo) que, o pensar PROFUNDAMENTE o conceito de uma verdade costuma causar a percepção de segundos significados, ou seja, a CO-NOTAÇÃO de outros conceitos sobre a mesma verdade. O que ocorre é que a profundidade do pensamento conduz ao núcleo conotativo, ao eixo axial da Relação, ou seja, ao eixo onde se intersectam as linguagens, e por isso é possível, dali, VISLUMBRAR outros contextos de significação, notar outros conceitos conotantes. Daí que o acesso racional a uma mais completa compreensão da verdade de um ente, consista em aprofundar o conceito até dar com o núcleo conotativo, procurando então que a faculdade tradutora exerça a intuição intelectual dos conceitos conotados". A interpretação analógica deste parágrafo há de permitir intuir, desde já, o poder da faculdade de anamnese dos Iniciados Hiperbóreos.

Analogicamente, pois, SE O INICIADO HIPERBÓREO EXPLORA PROFUNDAMENTE O SUPERCONCEITO DE UM REGISTRO CULTURAL, PODE PERCEBER SEGUNDOS SENTIDOS EM SEU CONTEÚDO, OU SEJA, PODE "TRANSITUAR" POR OUTROS SUPERCONCEITOS DO MESMO REGISTRO CULTURAL. O QUE OCORRE É QUE A PROFUNDIDADE DA EXPLORAÇÃO CONDUZ AO NÚCLEO TRANSITATIVO, AO NÚCLEO CÔNICO POLIDIMENSIONAL DO REGISTRO CULTURAL, QUER DIZER, À REGIÃO ONDE SE INTERSECTAM OS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO E AS SUPERLINGUAGENS, E POR ISSO É POSSÍVEL, DALI, "VISLUMBRAR" OUTROS CONTEXTOS AXIOLÓGICOS, NOTAR OUTROS SUPERCONCEITOS TRANSITATIVOS. DAÍ QUE O ACESSO INICIÁTICO A UMA MAIS COMPLETA COMPREENSÃO DE UMA SÉRIE CRONOCULTURAL CONSISTA EM APROFUNDAR O SUPERCONCEITO ATÉ DAR COM O NÚCLEO TRANSITATIVO, PROCURANDO, ENTÃO, QUE A "FACULDADE DE ANAMNESE" EXERÇA A INTUIÇÃO INTELECTUAL DOS SUPERCONCEITOS TRANSITUADOS.

Mas, se este parágrafo permitiu intuir o poder da faculdade de anamnese, a interpretação analógica do que segue o revelará com plenitude. "A possibilidade de alcançar o núcleo conotativo que subjaz em todo conceito pode ter, também, outra importante utilidade: ao perceber o conceito conotante é factível AVANÇAR SOBRE O CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE SUA LINGUAGEM e chegar até a estrutura habitual ou origem virtual de tal linguagem. Desta maneira, consegue-se reconstruir sistematicamente linguagens que até então eram apenas virtuais, vale dizer, eram possibilidades da estrutura cultural". Analogamente, A POSSIBILIDADE DE QUE DISPÕE O INICIADO HIPERBÓREO DE ALCANÇAR O NÚCLEO TRANSITATIVO PODE TER, TAMBÉM, OUTRA IMPORTANTE UTILIDADE: AO PERCEBER UM SUPERCONCEITO TRANSITUADO, QUER DIZER, SITUADO EM OUTRO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO, A FACULDADE DE ANAMNESE O CAPACITA PARA AVANÇAR FACTICAMENTE SOBRE O CONTEXTO AXIOLÓGICO DE SUA SUPERLINGUAGEM. Se a "faculdade tradutora" do sujeito cultural permite a "conotação" desde o núcleo conotativo dos conceitos, a "faculdade de anamnese" do Iniciado Hiperbóreo possibilita a "transituação", a passagem física a outro espaço de significação, desde o núcleo transitativo dos superconceitos.

Esclarece-se, então, o poder que a faculdade de anamnese coloca à disposição do Iniciado Hiperbóreo: ALÉM DE CONTEMPLAR O CONTEÚDO DOS REGISTROS CULTURAIS, PODE PASSAR REALMENTE, COM SEU CORPO FÍSICO, DO SEU ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO HORIZONTAL PARA QUALQUER OUTRO ESPAÇO QUE APROXIME SUA FACULDADE DE ANAMNESE. Com outros termos, TORNAR-SE TÃO INVISÍVEL COMO UM REGISTRO CULTURAL, OU ENTRAR EM OUTROS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICOS; SÃO POSSIBILIDADES CONCRETAS QUE TEM AO SEU ALCANCE O INICIADO HIPERBÓREO. Deve ser claro também, que o exercício deste poder não orienta por si mesmo o Espírito aprisionado: pelo contrário, um emprego errôneo do mesmo poderia submergir o Espírito em uma confusão pior ou causar o extravio do Iniciado em regiões ignotas do Terrível Segredo de Maya. Mas os Iniciados Hiperbóreos, desde já, jamais empregam a faculdade de anamnese para outros fins que não sejam os de sua Estratégia de liberação espiritual, ou quando o kairos assim o requer.

F – Faculdade de anamnese do Iniciado Hiperbóreo.

A faculdade de anamnese é a capacidade de que dispõe todo Iniciado Hiperbóreo para REMEMORAR o conteúdo dos Registros culturais.

Já sabemos que, sobre os mesmos, opera o Aspecto Amor e que sua vitalidade provém do Arquétipo astral da superestrutura; frente a esta realidade, entende-se que o Iniciado deve ser sumamente cauteloso, uma vez que os perigos são terríveis e variados: por exemplo, a superestrutura viva pode capturar a estrutura cultural e integrar o explorador em uma trama dramática; ou pode ocorrer que o Aspecto Amor fagocite o sujeito anímico e cause a desintegração do organismo microcósmico; ou que o Iniciado, por ignorância ou imprudência, interne-se em um espaço de significação aproximado e depois não saiba regressar a seu próprio contexto cultural, ficando definitivamente extraviado no Terrível Segredo de Maya; etc.

Mas todos estes perigos se tornam ineficazes quando o Iniciado atua segundo diretrizes estratégicas precisas e foi capaz de COMPREENDER o Registro cultural que procura investigar. Entretanto, tal compreensão não poderá efetuar desde a posição gnosiológica “normal” de todo pasu ou virya perdido, ou seja, do ponto de vista do A.R.S.E.P.E.: o Iniciado Hiperbóreo deve situar-se no PRESENTE COMPREENSIVO do sistema real, ou seja, em uma posição I.H.P.C. (Iniciado Hiperbóreo em Presente Compreensivo) desde a qual é possível captar a COMPREENSÃO do Registro cultural. O I.H.P.C. está, então, como “AO LADO” do sistema real, vendo os objetos culturais (O.C.E. e O.C.R.) RETIDOS no presente extensivo do A.R.S.E.P.E. ou vendo-os, também, circular, levados pela corrente de Consciência do tempo transcendente. Para entender esta ação, é imprescindível destacar que o Iniciado Hiperbóreo é quem diferenciou definitivamente o Eu do sujeito consciente: em sua estrutura psíquica, o Eu desperto está RUNICAMENTE isolado do sujeito consciente. É por isso que o Iniciado Hiperbóreo pode assumir as duas posições ao mesmo tempo: ENQUANTO O SUJEITO CONSCIENTE AFIRMA COM SUA EXPRESSÃO O SISTEMA REAL OBSERVADO, E O RETÉM NO “PRESENTE EXTENSIVO”, POIS TODO SUJEITO ANÍMICO EQUIVALE AO A.R.S.E.P.E., O EU DESPERTO CONTEMPLA O MESMO SISTEMA REAL NO “PRESENTE COMPREENSIVO” (figura 81).

O tipo de Iniciado Hiperbóreo que estamos considerando é o “Cavalheiro Tirodal”, quer dizer, quem isolou seu Eu perdido por meio da “via da oposição estratégica”. Como veremos, durante a ORDENAÇÃO do Cavalheiro, o Eu perdido é ressignificado simultaneamente em DOIS MUNDOS com a Sagrada Runa Tirodal:

na Terra, a cerimônia de iniciação é celebrada por um Pontífice Hiperbóreo, quer dizer, por um antigo Construtor de Pontes da Einherjar de Wotan; no Valhala, em Agartha, um Siddha Leal pronuncia a runa na língua Tirodal de Wotan e a plasma definitivamente sobre o corpo astral do Iniciado. Desde então, o Eu será imortal porque estará sustentado pela Runa Sagrada, a qual não pode ser afetada por nenhuma forma energética de caráter arquetípico. Naturalmente que a iniciação somente poderá obter-se no kairos justo, em um momento que NÃO PODE SER DETERMINADO DESDE A TERRA, SENÃO DESDE O VALHALA.

Após ser ORDENADO Cavalheiro, o Iniciado deve passar as provas e aguardar o próximo kairos, quando será ARMADO Cavalheiro Tirodal, quer dizer, quando lhe será confiada a ESPADA DE WOTAN, a RUNA GIBUR. Realiza-se aqui uma nova cerimônia, durante a qual o Pontífice e os Siddhas Leais plasmam a Runa Gibur na FENESTRA INFERNALIS da Runa Tirodal, colocando seu terrível poder ao alcance do Eu: SÓ ENTÃO, QUANDO O INICIADO HIPERBÓREO É UM CAVALHEIRO TIRODAL ARMADO COM A RUNA GIBUR, O PONTÍFICE DA ORDEM AUTORIZA A EXPLORAÇÃO DOS REGISTROS CULTURAIS.

F1 – Escada Caracol e Escada Infinita.

Dois motivos principais levam os Iniciados Hiperbóreos a explorar os Registros culturais: um é a necessidade de conhecer A HISTÓRIA CULTURAL RELATIVA de algum objeto cultural, que dizer, conhecer o CONTEÚDO do Registro cultural; outro é a necessidade de PERCORRER UMA DISTÂNCIA, ESPACIAL OU TEMPORAL, relativa a algum objeto cultural, quer dizer, TRANSITUAR-SE desde o núcleo cônico polidimensional de Registro cultural. Ambos os objetivos se concretizam mediante a FACULDADE DE ANAMNESE.

A primeira necessidade se compreende se esclarecemos que a “história cultural” pode ser relativa a qualquer objeto cultural, por exemplo, uma obra de arte, uma arma, um objeto ritual antigo, uma cidade, um caminho, etc., e, inclusive, uma pessoa ou um personagem. A faculdade de anamnese permitirá, em qualquer caso, conhecer A VERDADEIRA HISTÓRIA do objeto cultural de referência, evitando, assim, cair no engano da desinformação inimiga. Esta orientação o iniciado obtém por simples contemplação do objeto cultural referente em I.H.P.C. e pela aplicação da “técnica de ressignificação rúnica passo a passo”. Vale dizer, não se executa aqui nenhum ato orgânico exterior: a exploração do registro cultural, a compreensão de seu conteúdo, é um ato puramente egoico, um conhecimento obtido exclusivamente pelo Eu do I.H.P.C.

Diferente é o segundo caso, porque então o iniciado se compromete fisicamente em um deslocamento instantâneo, através das dimensões reais do tempo e do espaço: desde o núcleo transitativo, o Iniciado pode viajar instantaneamente a outro espaço de significação macrocósmico e situar-se no contexto axiológico de outro superconceito do Registro cultural explorado. Contudo, isso requer uma rigorosa preparação prévia, contar com um “fio de Ariadne”, que assegure o regresso ao contexto axiológico habitual. Por isso, salvo o caso de uma necessidade extrema ou o requerimento do kairos, o Iniciado Hiperbóreo só se internará no núcleo transitativo pela mão do Pontífice Hiperbóreo, que é quem sabe sempre, em qualquer espaço de significação em que se encontre, construir a ponte metafísica para o contexto habitual: o Pontífice Hiperbóreo, com efeito, tem o Eu desperto no Selbst e conhece O SEGREDO DA PONTE E DO VOO, sendo impossível seu extravio; pelo contrário, o Pontífice é quem mostra aos Cavalheiros Tirodal a ponte para a orientação absoluta do Espírito eterno.

A Sabedoria Hiperbórea afirma, alegoricamente, que a faculdade de anamnese dos Cavalheiros Tirodal dota os mesmos de uma ESCADA CARACOL

para subir EXTERNAMENTE ao PONTO TAU. O PONTO TAU é o primeiro ponto tetrarque do caminho LABRELIX, o momento do aprisionamento espiritual ao Símbolo da Origem; INTERNAMENTE, este ponto é alcançado pelo Eu do Iniciado após ser ARMADO Cavalheiro Tirodal: porque A RUNA GIBUR ASSINALA JUSTAMENTE ESSE PRIMEIRO TETRARQUE. Contudo, a faculdade de anamnese há de minimizar, posteriormente, a distância espacial e temporal que separa EXTERIORMENTE o Iniciado do PONTO TAU: É POSSÍVEL, ENTÃO, ALCANÇAR FISICAMENTE O PONTO TAU HISTÓRICO, DESLOCAR-SE ATÉ O LUGAR E O INSTANTE PASSADO EM QUE OCORREU A QUEDA DO PRÓPRIO ESPÍRITO HIPERBÓREO. Para lá viajará o Cavalheiro Tirodal, graças à ESCADA CARACOL que construirá com sua faculdade de anamnese, vale dizer, graças a uma ESCALA cuja estrutura será formada funcionalmente por matrizes arquetípicas do desígnio caracol.

Mas, quando o Cavalheiro Tirodal chega ao PONTO TAU, quando escalou até o último grau da ESCADA CARACOL, quando cumpriu o Regresso à Origem, na realidade encontra-se frente ao umbral de uma segunda ESCALA, denominada ESCADA INFINITA: é a ponte metafísica até o Selbst que somente sabem construir os Pontífices Hiperbóreos e que, portanto, somente pode ser MOSTRADA ao Cavalheiro Tirodal no curso de uma Segunda Iniciação Hiperbórea.

Com respeito à Escada Caracol, cabe agregar que seu emprego é inevitável, se se pretende regressar FISICAMENTE à Origem: em troca, o regresso noológico ao PONTO TAU, protagonizado pelo Eu do Cavalheiro Tirodal armado com a Runa Gibur, é um trânsito instantâneo, um trânsito que não requer atravessar distância alguma, porque toda distância foi suprimida pela pureza de sangue.

Querer-se-á saber, agora: com o que se constrói a Escada Caracol? Resposta: COM SISTEMAS REAIS. A faculdade de anamnese, com efeito, é o poder de que dispõe o Iniciado Hiperbóreo para AFIRMAR sistemas reais, com independência de sua existência nas superestruturas: tanto para construir a Escada Caracol, como para explorar um Registro cultural, o Iniciado AFIRMA o sistema real que mais lhe convém empregar SEM LEVAR EM CONTA OS SISTEMAS REAIS EXISTENTES. Naturalmente, se não atuasse com tal independência cultural, poderia ser capturado pela superestrutura ou enganado pelo Terrível Segredo de Maya. Em continuação, examinaremos com detalhes esta possibilidade da faculdade de anamnese.

F2 – Poder da faculdade de anamnese.

Como se disse, no momento de explorar pela primeira vez, e no sucessivo, os Registros culturais, o Iniciado Hiperbóreo há de saber distinguir perfeitamente entre o Eu e o sujeito consciente: esta condição é imprescindível porque a faculdade de anamnese se baseia na ação conjunta e específica do Eu e do sujeito consciente. A PRINCÍPIO, O EU É QUEM ESTABELECE E DETERMINA O SISTEMA REAL CUJO REGISTRO SERÁ EXPLORADO. O CONCEITO DO SISTEMA REAL, APLICADO PELO EU SOBRE O SUJEITO CONSCIENTE, IMPULSIONA SUA EXPRESSÃO EM UM “SEGUNDO MOVIMENTO”, QUER DIZER, COMO “CORRESPONDÊNCIA AXIOLÓGICA”. O SISTEMA REAL FICA, ASSIM, AFIRMADO PELO SUJEITO CONSCIENTE E SE PRODUZ A EMERGÊNCIA DOS OBJETOS CULTURAIS EMERGENTE E REFERENTE (O.C.E. e O.C.R.). O SUJEITO CONSCIENTE, SITUADO NORMALMENTE EM FRENTE AO TEMPO TRANSCENDENTE, QUER DIZER, DE MODO IDÊNTICO AO A.R.S.E.P.E., RETÉM SOB OBSERVAÇÃO OS OBJETOS CULTURAIS DO SISTEMA REAL. O EU APROVEITA, ENTÃO, PARA SITUAR-SE EM “PRESENTE COMPREENSIVO” E EXPLORAR O REGISTRO CULTURAL. Antes de entrar em detalhes, há que se

reiterar que, segundo se depreende destas sentenças, O INICIADO HIPERBÓREO JAMAIS EXPLORA UM REGISTRO CULTURAL "AO AZAR" OU POR MERA CURIOSIDADE; JAMAIS SE DEIXA TENTAR PELA POSSIBILIDADE DE OBTER UM CONHECIMENTO "FÁCIL" DE UM REGISTRO CULTURAL QUE "ESFORÇA-SE POR REVELAR SEU CONTEÚDO"; E JAMAIS FAZ NADA DISSO PORQUE TUDO QUANTO SE BASEIA NO MACROCOSMO, FORA DE SI, É SUSPEITO PARA O INICIADO HIPERBÓREO: TODO SISTEMA REAL JÁ EXISTENTE, É UM "ÓRGÃO DO DRAGÃO" AO QUAL CONVÉM APRESENTAR A MAIS ABSOLUTA INDIFERENÇA. Contrariamente, o Iniciado Hiperbóreo escolhe cuidadosamente o sistema real de sua conveniência, INDEPENDENTEMENTE DE SUA EXISTÊNCIA NA SUPERESTRUTURA, antes de afirmá-lo para a exploração.

Por exemplo, o Iniciado jamais diz: – Para conhecer a história cultural "DESSE" objeto, qual Registro cultural JÁ EXISTENTE deveria consultar? - À parte de revelar ingenuidade estratégica, tal atitude é quase um convite para que o inimigo monte uma farsa destinada a causar sua perdição. O Iniciado Hiperbóreo é um sujeito volitivo que jamais interroga o mundo para atuar: se deve perguntar, interroga a si mesmo e decide sobre o mais conveniente ANTES DE ATUAR; e quando o faz é para AFIRMAR SUA DECISÃO. Assim, pois, o Iniciado dirá: – VOU RELACIONAR "ESSE" objeto com aquele outro e VOU explorar o Registro cultural para conhecer sua história relativa.

Se o Iniciado necessita conhecer, por exemplo, a história cultural do COMBATE DE SÃO LORENZO, sua faculdade de anamnese lhe permite atuar de modo semelhante: reconhecerá uma testemunha involuntária daquele combate, o pinheiro de São Lorenzo ou o Convento de São Carlos, e o AFIRMARÁ como O.C.R., quer dizer, como objeto cultural referente (R); logo se dirigirá a um protagonista ativo dos fatos indagados, por exemplo, o sabre curvo do General São Martim, e o AFIRMARÁ com respeito a O.C.R., ou seja, ao objeto cultural referente; o sabre curvo, então, adquirirá um valor particular e emergirá como O.C.E., como objeto cultural emergente (E); entre o O.C.R. e o O.C.E. se estabeleceu, assim, uma conexão de sentido particular, constituindo, em conjunto, um SISTEMA REAL da superestrutura: no Registro cultural de tal sistema se encontra a história cultural assinalada, a do combate de São Lorenzo, junto a outras de maior ou menor interesse; finalmente, o Iniciado procederá a explorar o conteúdo do Registro cultural constituído, tomando nota da história cultural buscada. Há que se observar, neste exemplo, que o Iniciado não indagou em nenhum momento: em qual Registro cultural JÁ EXISTENTE estará a história cultural do combate de São Lorenzo? Qual Registro EXISTENTE se deverá explorar para conhecer tal história? Pelo contrário, independentemente de sua existência na superestrutura, o Iniciado afirmou os O.C.R. e O.C.E. e CONSTITUIU um sistema real, cujo Registro cultural possui um conteúdo histórico apto para ser EXPLORADO: AFIRMAR, CONSTITUIR, EXPLORAR, comprova-se em cada um destes atos a determinação volitiva do Iniciado Hiperbóreo.

F3 – Os dezesseis passos ativos da faculdade de anamnese.

A aplicação da faculdade de anamnese para os fins mencionados deve se efetuar metodicamente, passo a passo. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea sintetizou em DEZESSEIS PASSOS os principais atos anamnésicos do Iniciado Hiperbóreo: com os três primeiros, constitui-se, à VONTADE, um sistema real; com os treze restantes se pode explorar de qualquer modo o Registro cultural. O domínio destes dezesseis passos possibilita, também, a construção da Escada Caracol; entretanto, O SEGREDO DE TAL CONSTRUÇÃO NÃO PODERÁ SER REVELADO AQUI, POIS O MESMO SÓ É TRANSMITIDO ORALMENTE PELOS PONTÍFICES

HIPERBÓREOS AOS CAVALHEIROS TIRODAL. Não obstante, consideraremos, em continuação, os dezesseis passos da faculdade de anamnese:

Primeiro passo: AFIRMAR o O.C.R. (objeto cultural referente "R").

Segundo passo: AFIRMAR o O.C.E. (objeto cultural emergente "E") com respeito ao O.C.R.

Terceiro passo: AFIRMAR E RETER o sistema real.

Quarto passo: SITUAR o Eu em I.H.P.C. com respeito ao O.C.E.

Quinto passo: LOCALIZAR sobre o O.C.E. o tampa-signo (R).

Sexto passo: ABRIR o registro cultural RESSIGNIFICANDO o tampa-signo (R).

Sétimo passo: RESSIGNIFICAR passo a passo os superobjetos axiológicos da série cronocultural.

Oitavo passo: Se é necessário, ENTRAR fisicamente no espaço cultural do superobjeto axiológico, quer dizer, ENTRAR na CÂMARA DE ENTRADA.

Nono passo: Se é necessário, especificar a LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA da Fonte de Abraxas.

Décimo passo: Se é necessário, ABRIR a porta (X) (Chi).

Décimo Primeiro passo: Se é necessário, PASSAR fisicamente ao núcleo transitativo, quer dizer, PASSAR à CÂMARA DE PASSAGEM.

Décimo Segundo passo: Se é necessário, TRANSITUAR em outro espaço de significação macrocósmico.

Décimo Terceiro passo: Se é necessário, ABRIR a segunda porta (X) (Chi).

Décimo Quarto passo: Se é necessário, SAIR para a CÂMARA DE RETORNO.

Décimo Quinto passo: Se é necessário, RETORNAR ao próprio contexto habitual do O.C.E. ATRAVÉS da CÂMARA DE ENTRADA.

Décimo Sexto passo: Se é necessário, SAIR da CÂMARA DE RETORNO pelo tampa-signo (E), ou seja, SAIR para o MUNDO INVERSO.

A primeira coisa que há que se perceber, nestes dezesseis passos, é que descrevem AÇÕES, tal como o revelam os verbos AFIRMAR, RETER, SITUAR, LOCALIZAR, ABRIR, RESSIGNIFICAR, ENTRAR, TRANSITUAR, SAIR e RETORNAR. Mas não caberia esperar outra coisa, uma vez gue cada passo represente um ATO VOLITIVO do Iniciado Hiperbóreo, uma DECISÃO NOOLÓGICA executada com "vontade graciosa luciférica". Nos seguintes subartigos se tentará uma aproximação analógica aos dezesseis passos da faculdade de anamnese.

F4 – Constituição de um sistema real.

Um sistema real (figura 76) se constitui por dois objetos culturais ligados entre si com uma conexão de sentido particular: a conexão de sentido determina o valor do objeto cultural emergente (O.C.E.) em relação ao objeto cultural referente (O.C.R.), quer dizer, lhe confere um valor relativo. Mas a conexão de sentido é uma conexão viva, uma conexão trófica, em cuja estrutura se plasmam permanentemente as disposições culturais do objeto cultural (E) e de seu contexto axiológico. Por isso, a conexão de sentido é um Registro cultural cujo conteúdo, além de compreendido pelo Aspecto Amor, pode ser explorado pelo Iniciado Hiperbóreo. Entretanto, segundo adiantamos, o Iniciado jamais explora, nem se interessa em fazê-lo, um Registro cultural JÁ EXISTENTE: pelo contrário, por mais óbvio que pareça ser um Registro, por exemplo, o que está entre a Terra e a Lua, o Iniciado jamais o leva em conta e, SE NECESSITA EXPLORÁ-LO, ENTÃO O CONSTITUI NOVAMENTE, COMO SE NUNCA HOUVESSE EXISTIDO. Daí a forma dos três primeiros passos da faculdade de anamnese, que visam diretamente a constituição do sistema real que se decidiu explorar: O INICIADO DEVE CONSTITUIR, COM O PODER DE SUA

VONTADE GRACIOSA LUCIFÉRICA, O SISTEMA REAL MAIS CONVENIENTE PARA SEUS FINS.

Com o Primeiro passo, deve indicar e AFIRMAR o O.C.R., por exemplo, o "pinheiro de São Lorenzo".

Com o Segundo passo, deve indicar e AFIRMAR o O.C.E., por exemplo, o "sabre curvo de São Martim", COM RESPEITO AO O.C.R. O O.C.E. adquire, assim, um valor particular e se constitui o sistema real.

Com o Terceiro passo, o Iniciado AFIRMA o sistema real constituído, por exemplo, o que forma o sabre do General São Martim com respeito ao pinheiro de São Lorenzo, e permite que a atenção do sujeito consciente o RETENHA frente a si. A partir deste passo, o Iniciado considera que existe a seu alcance um Registro cultural com um conteúdo histórico interessante. O estudo dos seguintes passos da faculdade de anamnese nos vai esclarecer como se realiza a exploração do Registro cultural.

F5 – Representação analógica da SITUAÇÃO do Eu: I.H.P.C.

Suponhamos que o sistema real constituído se representou analogicamente na figura 81: o objeto cultural (E) emergente equivale ao sabre curvo, o objeto cultural (R) referente ao pinheiro de São Lorenzo, e a conexão, o Registro cultural, contém a história do combate de São Lorenzo. O da figura 81 é um sistema real 2-6, igual ao das figuras 77, 78, 79 e 80; portanto: a CONEXÃO 2-6 é uma conexão trófica, animada pelo Arquétipo astral, que pode ser vivenciada pelo Aspecto Amor como superconceito do sistema real 2-6.

Ao estudar o Terceiro passo, ficamos em que o Iniciado, quando AFIRMA o sistema real constituído, permite que o sujeito consciente o RETENHA frente a si. Semelhante retenção é coincidente com o ponto de vista do A.R.S.E.P.E. (Aspecto Raça Sagrada em Presente Extensivo) e consiste em opor-se dialeticamente ao tempo transcendente para criar a aparência de que o sistema está detido em um instante "presente"; uma vez que o "movimento" do tempo é isotrópico, há de alcançar todas as dimensões espaciais ou extensivas do sistema real, pelo que, a "retenção presente" só pode ser uma retenção extensiva; é assim que, estando TODO o tempo transcendente representado pelo eixo **TT**, a oposição do sujeito consciente para AFIRMAR E RETER o sistema real há de se efetuar desde a posição que indica a seta "ponto de vista do A.R.S.E.P.E.": mas, de tal posição, é analogicamente evidente que a percepção do Registro cultural só abarca sua dimensão EXTENSÃO.

É nesse momento, quando o sujeito consciente retém o sistema real em "presente extensivo", que o Iniciado situa seu Eu na posição I.H.P.C. (Iniciado Hiperbóreo em Presente Compreensivo): sendo a COMPREENSÃO de um Registro cultural análoga ao volume de uma conexão cilíndrica, a posição COMPREENSIVA, de onde é possível apreender a integridade de sua estrutura interna, é a que indica a seta "ponto de vista do I.H.P.C.". Há que se repetir aqui que, fora desta explicação analógica, nada mais pode se adicionar sobre a COMPREENSÃO que os Iniciados Hiperbóreos alcançam sobre os Registros culturais: um método prático para situar-se em I.H.P.C., por exemplo, só é ensinado ORALMENTE aos Cavalheiros Tirodal pelos Pontífices Hiperbóreos.

F6 – Exploração visual do Registro cultural.

Depois de efetuado o Quarto passo, o I.H.P.C. está em condições de explorar o Registro cultural. É possível, a princípio, realizar uma exploração visual da série cronocultural, vale dizer, uma exploração que não requer movimento exterior algum por parte do Iniciado: este ato interior corresponde ao "primeiro motivo" mencionado em F1: "não se executa aqui nenhum ato orgânico exterior: a

exploração do Registro cultural, a compreensão de seu conteúdo, é um ato puramente egóico, um conhecimento obtido exclusivamente pelo Eu do I.H.P.C.".

Quando o Iniciado afirma o O.C.E. em RELAÇÃO ao O.C.R. (Segundo passo) TAL AÇÃO CONSISTE, PRATICAMENTE, EM APLICAR O O.C.E. SOBRE O O.C.R.: o O.C.E. e o O.C.R. ficam desde então unidos por uma conexão de sentido ou Registro cultural. Mas, além de ficarem conectados pelo Registro cultural, A APLICAÇÃO AFIRMATIVA CAUSA QUE NO O.C.E. SE REFLITA PERMANENTEMENTE O O.C.R. E QUE NO O.C.R. SE REFLITA PERMANENTEMENTE O O.C.E. Aqui, particularmente, vamos nos ocupar do primeiro caso, da presença do O.C.R. no O.C.E.

A presença da imagem do O.C.R. se dá no sentido da conexão que une este com o O.C.E. (ver figura 81) e, por isso, se manifesta sobre o plano "COMPREENSIVO" (**LD, TT**): é o TAMPA-SIGNO (R) que aparece em frente ao I.H.P.C. O O.C.E. apresenta, sempre, uma TELA CULTURAL em frente ao I.H.P.C. e, sobre ela, o TAMPA-SIGNO (R) do O.C.R.: este tampa-signo é INVISÍVEL, assim como o Registro cultural, porque para o A.R.S.E.P.E. (pasu o virya perdido) só é visível o valor que emerge no sentido do eixo **TT**. O I.H.P.C., pelo contrário, está situado em sentido "compreensivo" em relação ao O.C.E. e pode perceber perfeitamente a tela cultural: com o Quinto passo da faculdade de anamnese, justamente, se LOCALIZA o tampa-signo (R) sobre o O.C.E. Se os objetos culturais são os entes mencionados, o Quinto passo há de consistir, por exemplo, EM LOCALIZAR "O PINHEIRO DE SÃO LORENZO" (TAMPA-SIGNO "R") NO "SABRE CURVO DO GENERAL SÃO MARTIM" (O.C.E.); tal localização, desde já, só a poderá efetuar o Eu desde a posição I.H.P.C.

Uma vez localizado o tampa-signo (R), o Iniciado pode proceder à ABERTURA do Registro cultural. Para isso, deve operar com a Runa Gibur como Espada de Wotan e ressignificar "passo a passo" as imagens sobre a tela cultural: a primeira é sempre o tampa-signo (R), quer dizer, a imagem do O.C.R. Deslocando esta primeira imagem, "destampando o Registro", é possível observar toda a série cronocultural, imagem por imagem, até dar com o setor da história cultural que motivou a exploração, por exemplo, o "combate de São Lorenzo". E aqui é onde fica em evidência a diferença essencial que existe entre o conteúdo do Registro cultural e a série ôntico-temporal do Registro ôntico: enquanto a série ôntico-temporal se compõe de UM SÓ TIPO de imagens, as que correspondem ao desenvolvimento evolutivo de um ente, por exemplo, a série de "cavalos ônticos" da figura 63, a série cronocultural contém SUPERCONCEITOS AXIOLÓGICOS, ou seja, estruturas de DISTINTOS TIPOS de objetos axiológicos.

O Registro cultural é uma conexão de sentido particular de um dado objeto cultural; seu conteúdo se refere sempre à história cultural do objeto em questão: a série cronocultural compõe-se sempre de membros que representam, cada um deles, um momento do objeto cultural emergente RELATIVO ao objeto cultural referente. Contudo, o que efetivamente se plasma no Registro cultural é aquilo especificamente cultural, determinado pelo contexto axiológico, vale dizer, O VALOR CULTURAL: por isso, os elementos fundamentais da série cronocultural são OBJETOS AXIOLÓGICOS. Contudo, o valor determinado por UMA conexão de sentido é o "valor particular"; cabe perguntar: é a série cronocultural uma sucessão de "valores particulares" do objeto cultural emergente? Resposta: NÃO. Os "valores particulares" de qualquer objeto cultural são somente "objetos axiológicos": a série cronocultural, em troca, compõe-se de superobjetos axiológicos que integram em sua estrutura os "valores particulares". O que é, pois, um superobjeto axiológico? Resposta: O REGISTRO DE UM MOMENTO AXIOLÓGICO ABSOLUTO DO OBJETO CULTURAL EMERGENTE.

Para entender a resposta, há que se recordar que o "valor particular", o que afirmamos no O.C.E. ao constituir o sistema real com o Terceiro passo, sempre acaba agregado ao "valor geral" do objeto cultural emergente: justamente, "A PASSAGEM DO VALOR GERAL AO VALOR PARTICULAR SUPÕE EM TODOS OS CASOS SEU REALCE". Quer dizer que o "valor particular" consiste em destacar um aspecto relativo de um objeto cultural que possui um "valor geral "a priori, determinado pelo contexto axiológico. PORTANTO, QUALQUER QUE SEJA A FORMA DESTE "VALOR PARTICULAR" RELATIVO A OUTRO OBJETO REFERENTE (R), É IMPOSSÍVEL PRESCINDIR DO SUBSTRATO AXIOLÓGICO DO "VALOR GERAL". Assim, quando no Registro cultural se plasma "o valor cultural", este é na realidade o "valor absoluto" do objeto cultural emergente O.C.E., vale dizer, o valor particular sobre o valor geral: O REGISTRO DE CADA MOMENTO DE "VALOR ABSOLUTO" DO OBJETO CULTURAL EMERGENTE É UM SUPEROBJETO AXIOLÓGICO.

Há que se notar que estamos aqui em presença de um aparente paradoxo: a contradição entre o ABSOLUTO e o RELATIVO. Com o fim de demonstrar sua inconsistência, vamos apresentar o paradoxo e esclarecer suas causas. A princípio, o Iniciado afirma um sistema real especial com o propósito de explorar seu Registro cultural: interessa-lhe conhecer uma história RELATIVA aos objetos O.C.E. e O.C.R. do sistema real. O Registro cultural, por ser uma conexão entre dois objetos culturais, aparentemente deveria possuir conteúdos referidos somente a tais objetos, quer dizer, conteúdos RELATIVOS; mas, eis aqui que, sob o "valor particular", RELATIVO, dos objetos culturais, subjaz sempre o "valor geral", formado por todo o contexto axiológico: os conteúdos do Registro cultural, então, não podem ser simplesmente "RELATIVOS", uma vez que se assentam no "VALOR ABSOLUTO". Este é o paradoxo: CADA INSTANTE DA SÉRIE CRONOCULTURAL, CONTIDA EM UMA CONEXÃO DE SENTIDO "RELATIVA", É O REGISTRO DE UM MOMENTO AXIOLÓGICO "ABSOLUTO" DO O.C.E. OU O.C.R., QUER DIZER, O REGISTRO DE UM MOMENTO DO "VALOR ABSOLUTO". Como se deve entender-se, pois, esta sobreposição dos conceitos de ABSOLUTO e RELATIVO? Resposta: tendo claro o ALCANCE de cada conceito, quer dizer, tendo claro que o que possui caráter RELATIVO, por exemplo, é a conexão de sentido, o Registro cultural, e, também, o "momento", considerado em si mesmo, uma vez que o "momento" de um superobjeto axiológico qualquer da série é RELATIVO ao "momento presente" do objeto cultural cujo valor absoluto representa; pelo contrário, o conteúdo do Registro cultural é composto por uma série de registros de "momentos axiológicos ABSOLUTOS" ou "momentos do valor ABSOLUTO". ASSIM, POIS, QUANDO TODO "MOMENTO" SEJA RELATIVO EM SI MESMO, NÃO O É ENQUANTO "MOMENTO AXIOLÓGICO ABSOLUTO" REGISTRADO NO SUPEROBJETO: NO INTERIOR DO SUPEROBJETO REINA O VALOR ABSOLUTO DO OBJETO CULTURAL NO "MOMENTO" DE SER REGISTRADO.

Este esclarecimento, ainda que desvaneça o paradoxo, nos apresenta um problema aparentemente maior, pois, se cada membro da série cronocultural é "ABSOLUTO", que sentido tem optar por tal ou qual Registro cultural, por tal ou qual conexão RELATIVA? Resposta: A RELATIVIDADE DO VALOR PARTICULAR INTRODUZ UMA CARACTERÍSTICA NA SÉRIE CRONOCULTURAL: A "CENTRALIDADE" DO OBJETO CULTURAL REFERENTE (O.C.R.). Com outras palavras, não obstante o superobjeto baseie-se em um momento axiológico absoluto, sua estrutura fica determinada pela relatividade do valor particular conferido pelo Registro cultural: tal determinação consiste na "CENTRALIDADE" QUE O O.C.R. DESEMPENHA NA ESTRUTURA DE CADA SUPEROBJETO AXIOLÓGICO.

O superobjeto axiológico é um membro da série cronocultural contida no Registro cultural; é, pois, um conteúdo mnemônico, uma espécie de "recordação" macrocósmica: a "recordação" instantânea e absoluta do objeto cultural emergente (O.C.E.). Nesta recordação estão presentes, segundo vimos, tanto o "valor geral" como o "valor particular" do O.C.E.; o primeiro significa que no superobjeto têm que estar todos os objetos axiológicos que constituem o sentido do "valor geral", vale dizer, o contexto axiológico: BASICAMENTE, NO SUPEROBJETO AXIOLÓGICO SE ENCONTRAM O OBJETO CULTURAL EMERGENTE (O.C.E.) E SEU CONTEXTO AXIOLÓGICO; mas o Registro cultural, que é uma conexão de sentido particular, confere "valor particular" ao O.C.E. ao relacioná-lo com o O.C.R.: isto significa que no superobjeto axiológico, o O.C.R. há de ocupar uma posição CENTRAL, vale dizer, um papel destacado entre os objetos do contexto axiológico.

Consideremos, por exemplo, o sistema real constituído pelo sabre curvo do General São Martim (O.C.E.) e o pinheiro de São Lorenzo (O.C.R.). No Registro cultural, o conteúdo há de consistir em uma série cronocultural de superobjetos axiológicos: cada superobjeto consiste no sabre curvo e seu contexto axiológico, "valor geral", além do pinheiro de São Lorenzo em posição CENTRAL, "valor particular". De um superobjeto a outro da série pode variar a disposição do contexto axiológico, de acordo ao desenvolvimento da história cultural, mas algo há de permanecer constante em todos eles: A POSIÇÃO "CENTRAL" DO PINHEIRO DE SÃO LORENZO (O.C.R.) CUJA REFERÊNCIA, EM QUALQUER CENA, SERÁ INEVITÁVEL "NESSE" REGISTRO CULTURAL PARTICULAR. O próprio "combate de São Lorenzo", quando por fim seja localizado na série cronocultural, mostrará em todas suas cenas a presença predominante do pinheiro de São Lorenzo: NO SUPEROBJETO AXIOLÓGICO DE ALGUM MOMENTO DO COMBATE, POR EXEMPLO, O SABRE ESTARÁ REFERIDO AO PINHEIRO E O PINHEIRO OCUPARÁ, NO CONTEXTO DE SABRE, UM LUGAR RELATIVAMENTE CENTRAL.

Em resumo, após localizar o tampa-signo (R) no O.C.E., o I.H.P.C. procede a ressignificar passo a passo as imagens, até dar com o setor da história cultural que motivou a exploração do Registro cultural. Cada "imagem" observada sobre a tela cultural é somente um aspecto dos superobjetos axiológicos que integram a série cronocultural. Pois os superobjetos não são meras imagens, tal como se demonstrará em seguida.

F7 – Exploração física do Registro cultural.

A segunda motivação para explorar o conteúdo de um Registro cultural partia da "necessidade de PERCORRER UMA DISTÂNCIA, ESPACIAL OU TEMPORAL, relativa a algum objeto cultural, quer dizer, TRANSITUAR-SE desde o núcleo cônico polidimensional" (F1). Não se trata aqui, como no caso visto em F6, de um exame visual, quer dizer, interior, que não requer movimento exterior algum do Iniciado; neste caso, "o Iniciado se compromete fisicamente em um deslocamento instantâneo através das dimensões reais do tempo e do espaço: desde o núcleo transitativo, o Iniciado pode viajar instantaneamente a outro espaço de significação macrocósmico e situar-se no contexto axiológico de outro superconceito do Registro cultural explorado" (F1). Para compreender esta assombrosa possibilidade que têm a seu alcance os Iniciados Hiperbóreos há que se desenvolver, sucessivamente, dois temas: o primeiro se refere ao caráter EXTENSIVO, quer dizer, ESPACIAL, dos superobjetos axiológicos; e o segundo demonstra como, a partir do Sexto passo, quer dizer, a partir da ABERTURA do Registro cultural, já é possível a transituação. Com outras palavras, o primeiro tema explica o PORQUÊ e o segundo o COMO da exploração física do Registro cultural.

Primeiro tema – Por causas que analisaremos em seguida, cada superobjeto axiológico tem as dimensões de um ESPAÇO CULTURAL e lhe cabe, pois, a definição do comentário Décimo Quarto. A série cronocultural consiste, assim, em uma SUCESSÃO de superobjetos EXTENSOS, cada um dos quais está deslocado com respeito ao consecutivo em um instante de tempo transcendente. Um sistema real se compõe de dois objetos culturais conectados por um Registro cultural que contém a série cronocultural: ambos os objetos, o O.C.E. e o O.C.R., estão situados em ambos os extremos da série cronocultural e existem permanentemente no PRESENTE do tempo transcendente. À medida que transcorre o tempo transcendente, o "valor absoluto" dos objetos culturais O.C.E. e O.C.R. vai se incorporando à série cronocultural: instante a instante, dois superobjetos axiológicos se agregam, um em cada extremo, à série, como conteúdo do Registro cultural. É evidente, em consequência, que todos os membros da série cronocultural se encontram em distintos instantes PASSADOS do tempo transcendente.

Por outro lado, sabemos que o conteúdo do Registro cultural é a série cronocultural: tal conteúdo, "por pertencer a um recipiente EXTERNO aos objetos culturais, encontra-se distribuído ENTRE os objetos culturais emergente e referente (E12). Pois bem, essa DISTRIBUIÇÃO foi simbolizada na figura 81: a série cronocultural está representada ali como uma SÉRIE DE PONTOS distribuídos sobre uma curva espacial com forma de ESPIRAL CÔNICA, que percorre de um extremo ao outro o sistema real; cada ponto da série corresponde a um superobjeto axiológico. Para explorar visualmente o Registro cultural, o I.H.P.C. é capaz de reproduzir, sobre a tela cultural, o superobjeto axiológico de seu interesse.

A figura 81 nos permite perceber, analogicamente, o importante fato de que os superobjetos axiológicos de cada extremo da série cronocultural SE ENCONTRAM INVERTIDOS com respeito aos objetos culturais do sistema real. Mais claramente, no objeto cultural emergente (O.C.E.), o extremo da série cronocultural é o tampa-signo (R), o qual apresenta o objeto cultural referente (O.C.R.); e no objeto cultural referente (O.C.R.), o extremo da série é o tampa-signo (E), que representa o objeto cultural emergente (O.C.E.); ISTO SIGNIFICA QUE CADA TAMPA-SIGNO É O SUPEROBJETO AXIOLÓGICO EXTREMO DA SÉRIE, INVERTIDO COM RESPEITO AO OBJETO CULTURAL EM CUJA TELA SE BASEIA. A causa desta inversão não é outra mais do que a ação determinante de sentido cultural da conexão de sentido ou Registro cultural: essa conexão trófica vitaliza o objeto cultural para impor-lhe um sentido relativo ao valor cultural, um "valor particular", e para isso APLICA o superobjeto axiológico de referência sobre o objeto cultural, por exemplo, o tampa-signo (R) SOBRE o objeto cultural (E) emergente.

É óbvio que as analogias que estamos apresentando para aproximar o leitor aos Registros Culturais, quer dizer, a uma das chaves do Terrível Segredo de Maya, devem ser interpretadas à luz de tudo o que foi visto até aqui sobre o modelo estrutural, extremando a aplicação dos fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. Esta advertência vale no caso da figura 81, porque poderia cometer-se o erro de subestimar a capacidade analógica que possui o desenho para representar os fenômenos reais ou supor que alguns fundamentos hiperbóreos foram esquecidos. Por isso, talvez convenha esclarecer que a representação da série cronocultural como série de pontos NÃO É CASUAL: E ISSO NÃO SIGNIFICA, TAMPOUCO, QUE A "HISTÓRIA CULTURAL" É DESCONTÍNUA. O que ocorre é que, ainda que "normalmente" invisível, a série cronocultural tem duas características que justificam dita analogia pontual: uma é seu caráter SUCESSIVO, enquanto SÉRIE, e outra sua qualidade de ser uma EXTENSÃO REAL, uma vez que seus membros, os superobjetos axiológicos, se encontram ESTENDIDOS no espaço cultural real, quer dizer, DISTRIBUÍDOS NA "EXTENSÃO" DO SUPERCONCEITO DO SISTEMA

REAL. E como justifica estas características a analogia pontual empregada? Resposta: porque se algo REAL é EXTENSIVO e SUCESSIVO, então deve corresponder basicamente à estrutura do ESPAÇO REAL MACROCÓSMICO, o qual é CONTÍNUO e DESCONTÍNUO ao mesmo tempo, por causa dos ÁTOMOS GRAVIS que o produzem. Resulta assim que: CADA SUPEROBJETO AXIOLÓGICO DA SÉRIE CRONOCULTURAL ESTÁ PLASMADO, NA REALIDADE, SOBRE UM ÁTOMO GRAVIS. POR ISSO, CORRESPONDE REPRESENTAR A SÉRIE DE SUPEROBJETOS COM UMA SÉRIE DE PONTOS, COMO NA ESPIRAL CÔNICA DA FIGURA 81.

Como vemos, a analogia pontual, longe de ser uma representação superficial da série cronocultural, permite uma compreensão mais profunda dos Registros culturais e da faculdade de anamnese. Por exemplo, a propriedade de estar fundamentado sobre um átomo gravis, nos facilita a compreensão integral do superobjeto axiológico, especialmente suas dimensões espaciais e temporais. Isto o comprovaremos analisando a constituição de um superobjeto axiológico qualquer da série cronocultural.

É O ARQUÉTIPO ASTRAL, AO CONSERVAR COM SUA VITALIDADE O VALOR GERAL DO OBJETO CULTURAL, QUEM RECEBE, A CADA INSTANTE QUE PASSA, O VALOR ABSOLUTO; É TAMBÉM QUEM O REGISTRA NO REGISTRO CULTURAL COMO “MOMENTO DO VALOR ABSOLUTO”, QUER DIZER, COMO SUPEROBJETO AXIOLÓGICO. A PRINCÍPIO, POIS, O ARQUÉTIPO ASTRAL REGISTRA O VALOR ABSOLUTO DO OBJETO CULTURAL, PLASMANDO-O SOBRE O ARQUÉTIPO GRAVIS; A POTÊNCIA FORMATIVA DO ÁTOMO GRAVIS FICA ASSIM FORMADA PELO “VALOR ABSOLUTO” E SE CONSTITUI UMA ESTRUTURA AXIOLÓGICA, CUJA CAPACIDADE SE DENOMINA “SUPEROBJETO AXIOLÓGICO”; O ÁTOMO GRAVIS ATUA COMO FUNDAMENTO ÔNTICO DO SUPEROBJETO: O ÁTOMO GRAVIS OFERECE A NATUREZA ÔNTICA UNIVERSAL, ENQUANTO O “VALOR ABSOLUTO” DETERMINA PARTICULARMENTE TAL NATUREZA, A INDIVIDUALIZA ESPECIFICAMENTE “COM FORMA CULTURAL”; O SUPEROBJETO É, ENTÃO, “UM ENTE COM FORMA CULTURAL”, NÃO UM VERDADEIRO OBJETO CULTURAL: NÃO PODERIA SÊ-LO, POIS, NESSE CASO, SERIA VISÍVEL, DEVENDO EMERGIR PARA ISSO NA ESFERA DE SENTIDO DO MUNDO (REGIÃO D). O “ENTE COM FORMA CULTURAL” EM QUE SE TRANSFORMOU O ARQUÉTIPO GRAVIS DISPÕE DAS DIMENSÕES EXTERIORES DE UM “ESPAÇO FÍSICO” E DE UM NÚCLEO INDISCERNÍVEL NA INTERIORIDADE DE SEU SER EM SI; O “ESPAÇO FÍSICO” QUE PRODUZ TODO ÁTOMO GRAVIS É LIMITADO PELAS DETERMINAÇÕES DE SUA FORMA INDIVIDUAL: O ESPAÇO DE UM ÁTOMO GRAVIS PODE ABARCAR OS LIMITES DE UM ÁTOMO FÍSICO, POR EXEMPLO, QUE DEPENDE DA CAPACIDADE DA MATRIZ ESSENCIAL DO DESÍGNIO ÁTOMO, OU OS LIMITES DE UM PLANETA, CONFORME A CAPACIDADE ARQUETÍPICA DE UM KUMARA, OU OS LIMITES DE UM SISTEMA SOLAR, CONFORME A CAPACIDADE DE UM LOGOS OU DEMIURGO SOLAR, OU OS LIMITES DE UMA GALÁXIA, CONFORME A CAPACIDADE DE UM LOGOS OU DEMIURGO GALÁCTICO, OU, INCLUSIVE, LIMITES CÓSMICOS, UMA VEZ QUE O PRÓPRIO “UNO” DETERMINA COM SUA CAPACIDADE ARQUETÍPICA OS LIMITES DO UNIVERSO. E QUEM DETERMINA OS LIMITES DO ESPAÇO FÍSICO DO “ENTE COM FORMA CULTURAL”? RESPOSTA: O VALOR ABSOLUTO QUE FORMA A POTÊNCIA FORMATIVA TRANSFORMA O “ESPAÇO FÍSICO” EM “ESPAÇO CULTURAL”: SEUS LIMITES SÃO OS DO CONTEXTO AXIOLÓGICO. SE RECORDAMOS QUE “UM ESPAÇO CULTURAL EXTERIOR” É UM LUGAR NO QUAL É POSSÍVEL EFETUAR

ALGUMA DESTAS TRÊS COISAS: a) DESCOBRIR UM ENTE DESIGNADO, b) PROJETAR UM SINAL, c) RECONHECER UM OBJETO, COMPREENDEREMOS QUE O ESPAÇO CULTURAL DE UM SUPEROBJETO PODE TER DIMENSÕES ENORMES. EXPLICAREMOS: NO ESPAÇO CULTURAL DE UM SUPEROBJETO AXIOLÓGICO NÃO É POSSÍVEL a), DESCOBRIR UM ENTE DESIGNADO, NEM b), PROJETAR UM SINAL, MAS SE É POSSÍVEL c), RECONHECER UM OBJETO, E ESTA POSSIBILIDADE É A QUE FIXA OS LIMITES REAIS DO ESPAÇO CULTURAL; IMAGINE-SE O SUPEROBJETO DE UMA CIDADE, POR EXEMPLO, ATENAS NO SÉCULO IV ANTES DE JESUS, E SEU CONTEXTO AXIOLÓGICO INTEGRADO POR TODOS OS OBJETOS CULTURAIS DE SUA CULTURA, E SE CONCORDARÁ QUE OS LIMITES DE SEU ESPAÇO CULTURAL, "ONDE É POSSÍVEL RECONHECER UM OBJETO", SÃO ENORMES.

Ora, quando sabemos que um superobjeto axiológico é a capacidade de um espaço cultural, e que tal capacidade é a forma de uma estrutura axiológica formada por um "momento do valor absoluto" do objeto cultural, é hora de fazer intervir o tempo. Isso não oferecerá dificuldade se recordamos que o superobjeto se assenta sobre um arquétipo gravis e que este possui um núcleo indiscernível na interioridade de seu ser em si; o superobjeto, com efeito, é um ENTE COM FORMA CULTURAL, e, "EM TODOS OS ENTES, INDEPENDENTEMENTE DE SUA FORMA OU TAMANHO, EXISTE UM PONTO INDISCERNÍVEL. ESTA PROPRIEDADE É A CAUSA DA ISOTROPIA DO TEMPO TRANSCENDENTE. Através dos pontos indiscerníveis FLUI O TEMPO TRANSCENDENTE e, como todo ponto do espaço macrocósmico contém um ponto indiscernível, a fluência temporal é isotrópica". Isto significa que no espaço cultural do superobjeto PODE FLUIR o tempo transcendente desde o ponto indiscernível do Arquétipo gravis. Por que dizemos "PODE FLUIR e não: FLUI? Resposta: porque a fluência do tempo transcendente somente ocorrerá quando o I.H.P.C. se assome ao espaço cultural do superobjeto axiológico e "RECONHEÇA UM OBJETO", ou seja, QUANDO LHE CONCEDA SENTIDO CULTURAL. Em caso contrário, se o superobjeto axiológico só permanece SITUADO na série cronocultural, sua dimensão temporal é a de um "MOMENTO DO VALOR ABSOLUTO"; vale dizer que o superobjeto permanece fixado nesse "momento axiológico absoluto", comportando-se como um "conteúdo mnemônico" do Registro cultural. Em resumo, se o iniciado se situa em I.H.P.C. e acessa o conteúdo do Registro cultural, à série cronocultural de superobjetos axiológicos, e, se por meio da ressignificação passo a passo, Sétimo passo da faculdade de anamnese, assoma-se ao interior de um superobjeto axiológico e acha significativo o contexto axiológico de seu espaço cultural, ou seja, se lhe coloca sentido com sua expressão, ENTÃO PODE OCORRER QUE FLUA O TEMPO TRANSCENDENTE DESDE O NÚCLEO INDISCERNÍVEL DO SER EM SI. O Iniciado deverá avaliar muito bem se lhe convém colocar sentido em um espaço cultural de um superobjeto, pois, se isto acontece, é inevitável a fluência do tempo transcendente e o consequente perigo de confronto com o Demiurgo, através do ponto indiscernível, do Yod, do Olho de Abraxas: "E, como o tempo transcendente é na realidade a corrente de Consciência do Demiurgo, compreende-se que, em cada ente, desde o ponto indiscernível, está Ele: está Ele IMPULSIONANDO o processo do ente com seu Aspecto Sabedoria, desde a enteléquia potencial, e VENDO o processo do ente com seu Aspecto Consciência- tempo, desde o ponto indiscernível". Os Átomos gravis sustentam os entes e, "em cada um deles existe um ponto indiscernível: em cada ponto indiscernível, que é o mesmo ponto em todos os átomos do Universo, existe um ponto de tempo transcendente, pois, em cada um deles, o Demiurgo manifesta seu Aspecto "Consciência-Tempo".

Contudo, a influência do tempo transcendente no superobjeto não deve ser rejeitada a todo custo pelo Iniciado, pois, ainda que o perigo mencionado esteja sempre latente, é perfeitamente possível evitá-lo, segundo se explicará, e em troca apresenta a vantagem de permitir a PASSAGEM ATÉ O NÚCLEO TRANSITATIVO DO SUPERCONCEITO: a esta operação se referem os passos Sétimo a Décimo Quinto da faculdade de anamnese e a ela nos referiremos no Segundo tema.

Segundo tema: Se se entendeu corretamente o primeiro tema, deverá extrair-se a seguinte conclusão: A SÉRIE CRONOCULTURAL DE SUPEROBJETOS AXIOLÓGICOS É UM CONTEÚDO "ESTÁTICO" DO REGISTRO CULTURAL: CADA MEMBRO DA SÉRIE É O REGISTRO DE UM "MOMENTO DE VALOR ABSOLUTO" DO OBJETO CULTURAL QUE REPRESENTA. O INICIADO HIPERBÓREO OPERA O REGISTRO COM SEU EU NA POSIÇÃO I.H.P.C. (figura 81): DALI LOCALIZA O TAMPA-SIGNO (R) E CAUSA SUA ABERTURA (passos Quarto, Quinto e Sexto da faculdade de anamnese). O TAMPA-SIGNO (R) É O SUPEROBJETO AXIOLÓGICO SITUADO NO EXTREMO DA SÉRIE: PRATICANDO O SEXTO E SÉTIMO PASSO, O INICIADO RESSIGNIFICA OS SUPEROBJETOS EMPREGANDO, PASSO A PASSO, A ESPADA DE WOTAN. O INICIADO OBSERVA OS OBJETOS RESSIGNIFICADOS DESDE A TELA CULTURAL, QUER DIZER, OBSERVA SUA IMAGEM, CUIDANDO DE NÃO AFIRMAR NENHUM SENTIDO NELES. UMA VEZ QUE SELECIONOU O SUPEROBJETO QUE MAIS LHE INTERESSA CONHECER, PODE OPTAR, SE O REQUER SUA ESTRATÉGIA, EM COLOCAR SENTIDO EM SEU ESPAÇO CULTURAL, RECONHECENDO OS OBJETOS AXIOLÓGICOS QUE O INTEGRAM E PROJETANDO-LHES OS SINAIS. NO MESMO INSTANTE EM QUE O INICIADO PROJETA O PRIMEIRO SINAL, COMEÇA A FLUIR O TEMPO TRANSCENDENTE DESDE O NÚCLEO INDISCERNÍVEL DO ENTE: NESSE MOMENTO, O ESPAÇO CULTURAL DO SUPEROBJETO PODE ADQUIRIR SEUS LIMITES MAIS VASTOS, PERMITINDO AO INICIADO A ENTRADA FÍSICA EM SEU CONTEXTO AXIOLÓGICO.

NÃO É DEMAIS AVISAR QUE SEMELHANTE PASSO, O OITAVO DA FACULDADE DE ANAMNESE, É TERRIVELMENTE ARRISCADO: POR QUÊ? RESPOSTA: PORQUE, UMA VEZ TENDO INGRESSADO FISICAMENTE NO ESPAÇO CULTURAL DO SUPEROBJETO, NO SEIO DE SEU CONTEXTO AXIOLÓGICO, ESTE ÂMBITO NÃO DIFERIRÁ EM NADA DO CONTEXTO HABITUAL QUE O INICIADO DEIXOU ATRÁS: E TAL INDIFERENCIAÇÃO PODE TORNAR DIFICULTOSO, E PERIGOSO, O REGRESSO AO PRÓPRIO CONTEXTO HABITUAL. PARA ESTES CASOS, A ÚNICA POSSIBILIDADE CERTA DE ORIENTAÇÃO PROCEDE DA CORRETA OBSERVAÇÃO DA DIMENSÃO TEMPORAL; COM EFEITO, SE O CONTEXTO AXIOLÓGICO DE UM SUPEROBJETO NÃO APRESENTA DIFERENÇA APRECIÁVEL DO CONTEXTO AXIOLÓGICO HABITUAL DO INICIADO, NÃO OCORRE TAL INDIFERENCIAÇÃO COM OS TEMPOS TRANSCENDENTES DE AMBOS OS CONTEXTOS. SE BEM QUE O TEMPO TRANSCENDENTE FLUA NO ESPAÇO CULTURAL DE QUALQUER SUPEROBJETO, NÃO O FAZ EM TODOS DO MESMO MODO. QUAL É A DIFERENÇA? RESPOSTA: QUE O TEMPO TRANSCENDENTE EM QUALQUER SUPEROBJETO, SÓ COMEÇA A FLUIR A PARTIR DO PRINCÍPIO QUE LHE IMPÕE O "MOMENTO DO VALOR ABSOLUTO". O "MOMENTO AXIOLÓGICO ABSOLUTO", ÚNICO PARA CADA SUPEROBJETO, CONSTITUI O "PRINCÍPIO" DA SUCESSÃO DO TEMPO TRANSCENDENTE. VALE DIZER QUE, EM CADA SUPEROBJETO, O TEMPO TRANSCENDENTE INICIA EM UM "MOMENTO DE VALOR ABSOLUTO" DIFERENTE.

O PRINCÍPIO do tempo transcendente é, pois, a única guia de que dispõe o Iniciado Hiperbóreo para orientar-se no espaço cultural do superobjeto explorado. Para que este conceito se concretize em um ato prático de orientação, é necessário determinar com precisão o mencionado PRINCÍPIO do tempo transcendente. A importância de estabelecer o PRINCÍPIO do tempo no superobjeto somente poderá se medir se se compreende o seguinte aspecto do problema; ainda que ambos os espaços culturais sejam semelhantes, e causem a confusão do Iniciado, há uma diferença fundamental entre ambos: o espaço cultural habitual do Iniciado é constituído sobre um espaço físico, integrado em toda a extensão de suas dimensões por átomos gravis, por cada um de tais átomos pontuais flui isotropicamente o tempo transcendente; o espaço cultural do superobjeto, em troca, é constituído sobre o espaço físico que produz UM ÚNICO ÁTOMO GRAVIS: recordemos que o superobjeto é UM ENTE COM FORMA CULTURAL; somente quando o Iniciado atribui sentido a essa "forma cultural", começa a fluir o tempo transcendente: E O FAZ PELO PONTO INDISCERNÍVEL DESSE ÚNICO ÁTOMO QUE SUPORTA O SUPEROBJETO. Vê-se, pois, a importância de captar o PRINCÍPIO do tempo transcendente, já que este brota POR UM SÓ PONTO DO SUPEROBJETO, um ponto que a Sabedoria Hiperbórea denomina A FONTE DE ABRAXAS.

Convém fazer uma parada, na busca do PRINCÍPIO, para comentar uma consequência da diferença recentemente exposta entre o espaço cultural habitual e o espaço cultural do superobjeto. Para o Iniciado Hiperbóreo, A REALIDADE É O QUE AFIRMA SUA EXPRESSÃO. Assim, REAL é seu contexto axiológico habitual, no qual afirmou a totalidade dos objetos culturais; mas também será REAL o contexto axiológico presente no espaço cultural do superobjeto, uma vez que o tenha afirmado com sua expressão; e em ambos os espaços culturais REAIS, no seio de seus respectivos contextos axiológicos, o Iniciado poderá situar-se alternativamente e adquirir experiências semelhantes, sem que nada permita estabelecer, finalmente, qual é um espaço e qual é outro. Mas, ainda que as diferenças não se percebam, o certo é que os objetos culturais do contexto habitual estão CONSTITUÍDOS SOBRE ENTES DESIGNADOS, enquanto os objetos axiológicos do contexto do superobjeto só FORMAM A POTÊNCIA FORMATIVA DE UM ÚNICO ÁTOMO GRAVIS. Quer dizer que o contexto axiológico habitual está fundamentado sobre a pluralidade de entes de uma infraestrutura ôntica, enquanto o contexto do superobjeto está fundamentado sobre a forma de apenas um ente. Que conclusão há que se extrair destes fatos? Resposta: que, ainda que AMBOS REAIS, um OBJETO CULTURAL do contexto habitual se encontra fundamentado sobre um ente e, portanto, é FÍSICO, enquanto um OBJETO AXIOLÓGICO, do contexto do superobjeto, encontra-se PLASMADO NO ARQUÉTIPO GRAVIS como a FORMA deste e não como ente em si, e, portanto, é METAFÍSICO. O objeto axiológico, com efeito, é uma FORMA PURA, um SÍMBOLO REAL, que carece de essência ôntica: sua plasmação só COMPLEMENTA ACIDENTALMENTE a essência ôntica do átomo gravis. Compreende-se agora que, ainda que o Iniciado se detenha perplexo, sem poder determinar qual é seu contexto habitual, o concreto é que somente o seu é FÍSICO: todo outro contexto axiológico dos superobjetos é METAFÍSICO, composto de PUROS SÍMBOLOS. E esta não é a parte mais enganosa do Terrível Segredo de Maya.

O Iniciado Hiperbóreo que ENTROU no espaço cultural de um superobjeto, e se extraviou em um contexto axiológico de puros símbolos, UM CONTEXTO COM TODA A APARÊNCIA DE SUA EFETIVA REALIDADE, só poderá orientar-se se for capaz de achar A FONTE DE ABRAXAS, o PRINCÍPIO DO TEMPO TRANSCENDENTE. Desde já, o correto é NÃO ENTRAR no espaço cultural de um

superobjeto, se não se determinou de antemão a localização da Fonte de Abraxas: SUA LOCALIZAÇÃO É A CONDIÇÃO NECESSÁRIA E SUFICIENTE PARA OBTER ORIENTAÇÃO E SEGURANÇA. A orientação se obtém ao tomar a Fonte de Abraxas como REFERÊNCIA ESTRATÉGICA para todo deslocamento pelo espaço cultural do superobjeto; e a segurança consiste em saber a todo momento ONDE ESTÁ O OLHO DE ABRAXAS, quer dizer, em que lugar há de se produzir o inevitável confronto com um Aspecto do Demiurgo.

Finalmente, como se determina o PRINCÍPIO do tempo transcendente do superobjeto axiológico? Como se encontra a localização da Fonte de Abraxas? Resposta: a Fonte de Abraxas encontra-se no CENTRO do espaço cultural do superobjeto. Esta resposta nos apresenta, pois, outra interrogação: como determinar o CENTRO em um superobjeto axiológico da série cronocultural? Resposta: O CENTRO se determina com o concurso de um dado já conhecido. Recordemos uma resposta anterior: "A RELATIVIDADE DO VALOR PARTICULAR INTRODUZ UMA CARACTERÍSTICA NA SÉRIE CRONOCULTURAL: A "CENTRALIDADE" DO OBJETO CULTURAL REFERENTE (O.C.R.). Com outras palavras, não obstante que o superobjeto se baseie em um momento axiológico absoluto, sua estrutura é determinada pela relatividade do valor particular conferido pelo Registro cultural: tal determinação consiste na CENTRALIDADE que o O.C.R. desempenha na estrutura de cada superobjeto axiológico" (F6). Conhecemos agora o modo de localizar o CENTRO no espaço cultural de um superobjeto: HÁ QUE SE LOCALIZAR COM EXATIDÃO O OBJETO CULTURAL REFERENTE DO REGISTRO CULTURAL; NO CONTEXTO AXIOLÓGICO DO SUPEROBJETO, O O.C.R. OCUPA UMA POSIÇÃO "CENTRAL"; E, UMA VEZ LOCALIZADO O O.C.R., SABEMOS QUE JUNTO A ELE ESTÁ A FONTE DE ABRAXAS.

Regressemos ao I.H.P.C. e observemos como se aplica esta possibilidade de localizar a priori a Fonte de Abraxas, durante a exploração do Registro cultural. Sendo que os superobjetos axiológicos mais afastados dos extremos da série cronocultural correspondem a "momentos" PASSADOS do valor absoluto, o explorá-los, e colocar-lhes sentido, equivale a RECRIAR espaços culturais com contextos axiológicos antigos, nos quais o tempo transcendente começou a fluir a partir da ENTRADA do Iniciado e sua expressão doadora de sentido. Este caso, no qual é fácil extraviar-se, ao não contar com uma referência segura, é análogo ao exemplo já visto sobre o sistema real formado pelo sabre curvo do General São Martim (O.C.E.) e o pinheiro de São Lorenzo (O.C.R.): no Registro cultural de tal sistema, o Iniciado revisava a série cronocultural para localizar um superobjeto axiológico correspondente ao combate de São Lorenzo. Suponhamos, agora, que o Iniciado selecionou e RESSIGNIFICOU um superobjeto e que se dispõe a ingressar em seu espaço cultural. Na tela cultural do sabre curvo (O.C.E.) contemplou a imagem do superobjeto escolhido: se vê ali o pinheiro de São Lorenzo em uma posição CENTRAL do contexto axiológico; em seu entorno, o Convento de São Carlos, o General São Martim e seu regimento de granadeiros a cavalo, o rio Paraná e a fragata com os soldados espanhóis, etc.; são os momentos prévios ao combate. O Iniciado decide afirmar a cena e contemplar o combate de perto, para o qual planeja ingressar no espaço cultural do superobjeto e instalar-se em um local adequado. Antes de colocar sentido se apresenta a seguinte interrogação: qual é o objeto cultural referente (R)? Resposta: o pinheiro de São Lorenzo. Onde está localizado o O.C.R.? Resposta: no CENTRO do contexto axiológico; onde pode estar a Fonte de Abraxas? Resposta: no CENTRO, junto ao pinheiro de São Lorenzo ou O.C.R.

Sabendo, logo, que localizou o PRINCÍPIO do tempo transcendente, o Iniciado se decide a colocar sentido no espaço cultural, concentrando-se para não perder de vista o O.C.R., quer dizer, o pinheiro de São Lorenzo. No passo seguinte,

o Iniciado projeta os sinais sobre os objetos axiológicos e lhes coloca sentido, notando como, no ato, a cena toma vida e movimento: é o efeito do tempo transcendente que começou a fluir da Fonte de Abraxas; antes desse COMEÇO, no superobjeto reinava o momento (registrado) do valor absoluto. O Iniciado ENTRA na cena e comprova que se encontra em um espaço cultural de grande realismo, em nada diferente de seu contexto habitual; por isso, não perde de vista em nenhum momento o pinheiro de São Lorenzo, pois, junto a ele se encontra a Fonte de Abraxas, o PONTO DE REFERÊNCIA EXATO QUE LHE PERMITIRÁ "AVANÇAR ALÉM" DO ESPAÇO CULTURAL DO SUPERCONCEITO.

Naturalmente, para compreender o que significa "avançar além" do espaço cultural do superconceito, e, especialmente, o que há "além", é necessário aprofundar analogicamente no sistema real.

Comecemos por examinar novamente a figura 81: sobre uma trajetória em forma de ESPIRAL CÔNICA se representaram ali, por meio de pontos, os superobjetos da série cronocultural. Esta disposição analógica nos permite extrair uma importante conclusão: cada ponto sobre a espiral cônica equivale a um superobjeto axiológico e todos os superobjetos estão situados EM SÉRIE, quer dizer, UM EM CONTINUAÇÃO DO OUTRO, ao longo da dimensão EXTENSÃO do superconceito… pelo menos isto é o que se observa do ponto de vista A.R.S.E.P.E. Entretanto, a situação dos superobjetos é muito diferente, do ponto de vista do I.H.P.C.; para comprová-lo só há que se imaginar como se veriam os pontos da espiral cônica da posição que indica a seta "I.H.P.C." na figura 81: é evidente que, desse modo, só se poderá observar UM PONTO, ou seja, o ponto EXTREMO da série. O tampa-signo (R), justamente, representa o superobjeto EXTREMO da série, visto sobre a tela cultural do O.C.E. Quando, por efeito do Quinto e Sexto passo da faculdade de anamnese, se DESLOCA o tampa-signo (R), o superobjeto extremo, e se o SUBSTITUI na tela cultural por outro superobjeto axiológico da série, o I.H.P.C. continua vendo APENAS UM SUPEROBJETO: o que tem em frente a si na tela cultural. APÓS ESTE SUPEROBJETO VISÍVEL "VIRIAM" OS SUPEROBJETOS SEGUINTES "EM SÉRIE": isto, que parece lógico para todo A.R.S.E.P.E., é INCOMPROVÁVEL para todo I.H.P.C. E a dificuldade há que se buscar no tempo transcendente.

Sabemos, com efeito, que basta a expressão do I.H.P.C. sobre um superobjeto axiológico para causar o PRINCÍPIO do tempo transcendente em seu espaço cultural. Pois bem, suponhamos que, na figura 81, o I.H.P.C. causará em cada ponto da espiral cônica o princípio do tempo transcendente: isso equivalerá a que, POR CADA PONTO, PASSARÁ UM EIXO (**TT**) DO TEMPO TRANSCENDENTE; É INDUBITÁVEL, ENTÃO, QUE TAIS EIXOS (**TT**) SEJAM VISTOS COMO "LINHAS PARALELAS" DO PONTO DE VISTA DO I.H.P.C. Eis aqui outra importante conclusão: OS SUPEROBJETOS AXIOLÓGICOS CONTIDOS NO REGISTRO CULTURAL, QUE APARENTAM ESTAREM DISTRIBUÍDOS "EM SÉRIE" SOBRE A DIMENSÃO EXTENSÃO, PARA O PONTO DE VISTA DO A.R.S.E.P.E., ESTÃO DISTRIBUÍDOS SOBRE DIMENSÕES "PARALELAS" DO TEMPO TRANSCENDENTE, PARA O PONTO DE VISTA DO I.H.P.C. Em síntese, os superobjetos axiológicos estão distribuídos EXTENSIVAMENTE "EM SÉRIE" e TEMPORALMENTE "EM PARALELO".

Esta conclusão nos permitirá resolver o problema da CONTINUIDADE da HISTÓRIA CULTURAL. Do ponto de vista do A.R.S.E.P.E.: A HISTÓRIA CULTURAL, ENQUANTO SE COMPÕE DE UMA SÉRIE DE SUPEROBJETOS AXIOLÓGICOS, É EXTENSIVAMENTE "DESCONTÍNUA". Do ponto de vista do I.H.P.C.: A HISTÓRIA CULTURAL, ENQUANTO SE DESENVOLVE EM CADA

SUPEROBJETO EXPLORADO POR CAUSA DO PRINCÍPIO DO TEMPO TRANSCENDENTE, É CRONOLOGICAMENTE "CONTÍNUA".

É CLARO, A ESTA ALTURA DA EXPLICAÇÃO, QUE, PARA CONHECER A HISTÓRIA CULTURAL DE UM REGISTRO CULTURAL, NÃO É NECESSÁRIO "AVANÇAR" EM SENTIDO EXTENSIVO: O I.H.P.C. NÃO CONHECE A HISTÓRIA CULTURAL "AVANÇANDO" SOBRE OS DISTINTOS SUPEROBJETOS DA SÉRIE, SENÃO SITUANDO-SE EM UM DEPOPOLES E PERMITINDO QUE FLUA O TEMPO TRANSCENDENTE. EM CADA SUPEROBJETO TEMPORALIZADO PODE SE DESENVOLVER UMA HISTÓRIA CULTURAL "PARALELA": A ÚNICA COISA QUE VARIARÁ NELAS SERÁ O INSTANTE DO "PRINCÍPIO" DO TEMPO TRANSCENDENTE, JÁ QUE EM CADA SUPEROBJETO O TEMPO HÁ DE COMEÇAR A PARTIR DO REGISTRO DE UM "MOMENTO DE VALOR ABSOLUTO". É claro, assim, que o I.H.P.C. NÃO "AVANÇARÁ" sobre a extensão do superconceito para conhecer a história cultural, senão que permanecerá no superobjeto axiológico selecionado, observando como a história se desenvolve continuamente em sua própria dimensão temporal.

O conhecimento, visual ou físico, da história cultural, que permite a faculdade de anamnese, se compreenderá melhor se explicamos em que região do sistema real se obtém. Valer-nos-emos, outra vez, do sistema real analógico representado na figura 81: distinguimos nele TRÊS REGIÕES CLARAMENTE CÔNICAS. A primeira, que vai do tampa-signo (R) até o ponto vértice χ (Chi), é um espaço cônico denominado: CÂMARA DE ENTRADA E SAÍDA. A segunda região, que possui dois vértices χ (Chi) extremos e se alarga pelo meio, é um espaço em forma de dois cones unidos pela base e se denomina: CÂMARA DE PASSAGEM; a câmara de passagem contém o núcleo transitativo do superconceito. A terceira região, análoga à primeira, é um espaço cônico estendido entre o tampa-signo (E) e o segundo ponto vértice χ (Chi), denominado CÂMARA DE RETORNO.

Pois bem, empregando estas denominações, podemos afirmar que o I.H.P.C. SEMPRE OBSERVA A HISTÓRIA CULTURAL, DE QUALQUER REGISTRO, NA CÂMARA DE ENTRADA E SAÍDA DO SISTEMA REAL. Com esse fim SITUA O SUPEROBJETO SELECIONADO NA CÂMARA DE ENTRADA: se a exploração da história cultural é visual, o I.H.P.C. observa as imagens na tela cultural; se a exploração é física o I.H.P.C. INGRESSA NA CÂMARA DE ENTRADA e permanece no espaço cultural do superobjeto axiológico, enquanto a história cultural se desenvolve a partir do PRINCÍPIO do tempo transcendente. Segundo vimos, para conhecer a história cultural, NÃO NECESSITA "AVANÇAR" fora do espaço cultural do superobjeto, quer dizer, NÃO NECESSITA AVANÇAR ALÉM DO PONTO VÉRTICE χ (Chi), QUE É UM LIMITE DA CÂMARA DE ENTRADA ONDE SE DESENVOLVE INTEGRALMENTE A HISTÓRIA CULTURAL. Contudo, anteriormente comprovamos que o I.H.P.C., quando se interna fisicamente no espaço cultural de um superobjeto, mantém localizado a todo momento o O.C.R., quer dizer, o CENTRO a Fonte de Abraxas, pois depende de sua referência "PARA AVANÇAR ALÉM DO ESPAÇO CULTURAL". Quer dizer que, se bem que o I.H.P.C. não necessita "avançar além" do espaço cultural do superobjeto para os fins de explorar e conhecer a história cultural, PODE EFETUAR ESSE TRÂNSITO PARA OUTROS FINS DIFERENTES. Quais FINS? Resposta: recordemos o que foi dito em F1: "Dois motivos principais levam os Iniciados Hiperbóreos a explorar os Registros culturais: um é a necessidade de conhecer a HISTÓRIA CULTURAL RELATIVA de algum objeto cultural, quer dizer, conhecer o CONTEÚDO do Registro cultural; outro é a necessidade de TRANSPOR UMA DISTÂNCIA, ESPACIAL OU TEMPORAL, relativa a algum objeto cultural, quer dizer, TRANSITUAR-SE desde o núcleo cônico polidimensional do Registro cultural. Ambos os objetivos se

concretizam mediante a faculdade de anamnese". O segundo motivo é, evidentemente, o que impulsiona o Iniciado a "avançar além" do espaço cultural de um superobjeto.

Se o Iniciado decide avançar além do espaço cultural de um superobjeto axiológico, deverá abandonar a CÂMARA DE ENTRADA e transladar-se à seguinte região do superconceito, quer dizer, ao NÚCLEO TRANSITATIVO. Este passo só se pode efetuar ATRAVÉS do ponto vértice χ (Chi): os pontos vértices χ (Chi), que conectam entre si as três regiões cônicas do superconceito, denominam-se PORTAS Chi. O Décimo passo da faculdade de anamnese indica que "se é necessário", o Iniciado deve ABRIR a porta (X) (Chi) e o Décimo Primeiro que, em seguida, pode PASSAR AO NÚCLEO TRANSITATIVO: sobre estes passos, e os cinco seguintes, apenas poderemos oferecer aqui uma vaga aproximação de seu significado concreto, por se tratar de um tema que, para sua compreensão, REQUER INEVITAVELMENTE A PRÉVIA INICIAÇÃO HIPERBÓREA. Em outras palavras, É QUASE IMPOSSÍVEL COMPREENDER OS PASSOS SUPERIORES DA FACULDADE DE ANAMNESE SEM UMA EFETIVA DIFERENCIAÇÃO ENTRE O EU E O SUJEITO CONSCIENTE, SEM O ISOLAMENTO DO EU QUE CONCEDE A INICIAÇÃO HIPERBÓREA. Somente o Iniciado Hiperbóreo possui o poder de situar-se ante um objeto cultural na posição I.H.P.C. e só ele pode compreender os passos superiores da faculdade de anamnese, quer dizer, o que significa realmente ABRIR, PASSAR, TRANSITUAR-SE, ETC.

Feita esta ressalva, aproveitaremos uma vez mais as possibilidades analógicas da figura 81. Suponhamos que nos encontramos, com respeito ao sistema real, na posição que indica a seta "I.H.P.C.": em frente a nós está o TAMPA-SIGNO (R), QUE É A BASE DE UM CONE CUJO VÉRTICE É O PONTO χ. Suponhamos, também, que, da nossa posição em I.H.P.C., PODEMOS OBSERVAR "ALINHADOS" TANTO O "CENTRO" DO CONE COMO O "VÉRTICE χ", quer dizer que vemos SIMULTANEAMENTE o centro do cone e seu vértice. Recordemos agora que "o cone" corresponde à CÂMARA DE ENTRADA E SAÍDA do sistema real, que "o vértice χ" corresponde à porta (X) (Chi), e que "no centro" da câmara de entrada encontra-se sempre a FONTE DE ABRAXAS: EM CONSEQUÊNCIA, O "ALINHAMENTO" ENTRE O CENTRO E O VÉRTICE DO CONE CORRESPONDE A UMA POSSIBILIDADE DO I.H.P.C. DE VISUALIZAR SIMULTANEAMENTE A FONTE DE ABRAXAS E A PORTA χ (Chi); é a possibilidade de obter SEGURANÇA e ORIENTAÇÃO no deslocamento pelo espaço cultural do superobjeto, TOMANDO COMO REFERÊNCIA A FONTE DE ABRAXAS, O "PRINCÍPIO" DO TEMPO TRANSCENDENTE. O I.H.P.C. jamais se atreveria a deslocar-se "além" da câmara de entrada sem localizar previamente a Fonte de Abraxas: se o fizesse, se atravessasse a porta (X) (Chi) sem tomar como referência a Fonte de Abraxas, "atrás de si" se desenvolveria a história cultural do superobjeto, com a consequente mudança permanente do contexto axiológico, o que tornaria muito dificultosa, quando não impossível, a orientação para achar a saída da câmara. Em um contexto axiológico em permanente devir, por causa do PRINCÍPIO do tempo transcendente, a única referência segura é a Fonte de Abraxas, junto à centralidade do O.C.R.: sua localização permite tanto "avançar além do espaço cultural", através da porta (X) (Chi), como regressar ao contexto axiológico habitual do I.H.P.C.; sem esta referência, o regresso pode se ver comprometido, porque a história cultural que se desenvolve na câmara de entrada segue uma direção paralela à história cultural da superestrutura, na qual deve se situar o I.H.P.C. ao sair do sistema real.

Para o Iniciado Hiperbóreo, o espaço cultural do superobjeto axiológico constitui um ESPAÇO ESTRATÉGICO; seu deslocamento pelo mesmo sempre faz

parte de um ato guerreiro. Por isso, no Nono passo, a exata localização da Fonte de Abraxas denomina-se LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA.

Se o Iniciado cumpriu o Nono passo da faculdade de anamnese, se realizou a localização estratégica da Fonte de Abraxas, então pode PASSAR através da porta (χ) (Chi) com certo grau de segurança, quer dizer, pode executar o Décimo passo. Como se ABRE a porta (χ) (Chi)? Resposta: A PORTA χ (Chi) SE ABRE PELO PRÓPRIO ATO DE SER RECONHECIDA: AO APENAS SITUAR-SE EM FRENTE A ELA, E EXPRESSAR O RECONHECIMENTO, FICA LIBERADA A PASSAGEM PARA O NÚCLEO TRANSITATIVO. Em outros termos, a resposta nos diz que A PORTA χ (Chi) SE ABRE AO SER AFIRMADA. Desde já, isso só pode ocorrer se o Iniciado é capaz de colocar-lhe sentido projetando um sinal: UM SINAL QUE FOI REVELADO, PREVIAMENTE, AO INICIADO HIPERBÓREO OU CAVALHEIRO TIRODAL, PELO PONTÍFICE HIPERBÓREO. É evidente que a porta (χ) (Chi), e o sinal que lhe coloca sentido, são uma e a mesma coisa: A TAL SINAL A SABEDORIA HIPERBÓREA DENOMINA DE "CHAVE DE XAN (ou JANO)". Ao afirmar a porta (χ) (Chi), ao projetar a Chave de Xan o Iniciado fica em condições de PASSAR através dela e ingressar no NÚCLEO TRANSITATIVO. Se o faz, o que encontrará nesse espaço interior do superconceito? Resposta: o setor mais alucinante do Terrível Segredo de Maya: A REGIÃO DO SUPERCONCEITO EXPLORADO ONDE ESTÃO PLASMADOS OS OBJETOS AXIOLÓGICOS COMUNS A OUTROS SUPERCONCEITOS MACROCÓSMICOS. EXISTEM ALI OBJETOS AXIOLÓGICOS COM DETERMINADOS "ASPECTOS" ARQUETÍPICOS QUE SÓ TÊM SENTIDO EM OUTROS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICOS: TAIS FACETAS INSÓLITAS DE VALOR CULTURAL SÃO SUSTENTADAS PELOS CONTEXTOS AXIOLÓGICOS DE DITOS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO, QUER DIZER, TÊM SIGNIFICADO NOS CONTEXTOS SUPERESTRUTURAIS DAS RESPECTIVAS SUPERLINGUAGENS. OS OBJETOS AXIOLÓGICOS DA SÉRIE CRONOCULTURAL ALI PRESENTES PARTICIPAM DE OUTROS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICOS, VALE DIZER, SÃO "POLIDIMENSIONAIS": ESTE É O FATO QUE NÃO PODE SER EXPLICADO CABALMENTE E QUE SÓ PODE SER COMPREENDIDO PELOS INICIADOS HIPERBÓREOS.

De qualquer maneira, sugerimos a ideia de que UMA MUDANÇA NA PERSPECTIVA COM QUE SE OBSERVA O OBJETO AXIOLÓGICO, IMPLICA NA EFETIVA TRANSITUAÇÃO DO OBSERVADOR, QUER DIZER, O TRANSPORTE A UM CONTEXTO NO QUAL A FACETA OBSERVADA TEM SIGNIFICADO: NATURALMENTE, REFERIMO-NOS A UMA "PERSPECTIVA CULTURAL", MAS É SURPREENDENTE OS MILHÕES DE ASPECTOS CULTURAIS QUE APRESENTA UM OBJETO AXIOLÓGICO DO NÚCLEO TRANSITATIVO EM OUTROS TANTOS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO. CONTUDO, OCORRE QUE A MAIS LEVE MUDANÇA DE PERSPECTIVA CAUSA A IMEDIATA TRANSITUAÇÃO FÍSICA DO INICIADO A OUTRO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO; É INDUBITÁVEL A IMPORTÂNCIA DE CONTROLAR ESTE EFEITO, MAS, DE QUE DEPENDE A MUDANÇA DE PERSPECTIVA? RESPOSTA: UMA "MUDANÇA DE PERSPECTIVA CULTURAL" É UMA MUDANÇA NO MODO DE AFIRMAÇÃO DO OBJETO AXIOLÓGICO, UMA MODIFICAÇÃO NA EXPRESSÃO DO RECONHECIMENTO, QUER DIZER, UM "ATO VOLITIVO". COMPREENDE-SE, POIS, QUE O CONTROLE DA TRANSITUAÇÃO DEPENDE DA VONTADE DO INICIADO HIPERBÓREO: SÓ QUEM POSSUA UMA VONTADE DE AÇO PODERÁ MANTER-SE "SITUADO" EM UM ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO DETERMINADO E EVITAR A "TRANSITUAÇÃO"; INVERSAMENTE, UMA MENTE FRACA IRREMEDIAVELMENTE ENLOUQUECERÁ, FRENTE AO ESPETÁCULO DOS

OBJETOS AXIOLÓGICOS TRANSITUÁVEIS DO NÚCLEO TRANSITATIVO, EM SÍNTESE, "O CONTROLE DA TRANSITUAÇÃO É UM ATO VOLITIVO PURO".

É claro que só a firme vontade do Iniciado evitará que o Décimo Primeiro passo termine em um tipo de suicídio metafísico. Entretanto, o Iniciado Hiperbóreo não costuma correr este perigo porque, antes de receber as chaves para explorar os registros culturais, deve desenvolver sua ESFERA EHRE (1) de vontade egoica, mediante a prática da "atitude graciosa luciférica".

Suponhamos, então, que o Iniciado possui vontade suficiente para afirmar e estabilizar os objetos axiológicos do núcleo transitativo no contexto axiológico de outro espaço de significação: NESSE CASO, PODERÁ DESLOCAR-SE POR QUALQUER DAS DIMENSÕES DE DITO ESPAÇO, TANTO ESPACIAIS COMO TEMPORAIS. Mas tal possibilidade, repetimos, não poderá ser compreendida senão pelos Iniciados Hiperbóreos. Apenas cabe refletir sobre uma correspondência já destacada: O DESLOCAMENTO DO I.H.P.C. A OUTRO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO, POR TRANSITUAÇÃO, É ANÁLOGO AO DESLOCAMENTO DO SUJEITO CULTURAL A OUTRO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO, POR CONOTAÇÃO.

O Décimo Segundo passo da faculdade de anamnese permite a transituação voluntária que acabamos de estudar e à qual não convém agregar nada mais. Quanto aos seguintes passos, do Décimo Terceiro ao Décimo Quinto, cabe declarar que DESCREVEM O MODO COMO O INICIADO DEVE REGRESSAR AO SEU CONTEXTO HABITUAL. Tal modo nos apresenta imediatamente um problema: por que três passos para isso? Quer dizer, por que se requerem "TRÊS" passos para voltar? Não é possível VIRAR no núcleo transitativo e PASSAR inversamente pela primeira porta (X) (Chi), desfazendo o caminho percorrido? Por que para VOLTAR é necessário AVANÇAR até a segunda porta (X) (Chi)? Resposta: SE O INICIADO SE ENCONTRA NA CÂMARA DE PASSAGEM, NO NÚCLEO TRANSITATIVO, LHE É IMPOSSÍVEL VIRAR E VOLTAR DIRETAMENTE PELA PRIMEIRA PORTA χ (Chi); PARA REGRESSAR AO PONTO DE PARTIDA, O INICIADO ESTÁ FISICAMENTE OBRIGADO A CONTINUAR SEU AVANÇO INICIAL, ABRIR, E ATRAVESSAR A SEGUNDA PORTA χ (Chi), TAL COMO O ORDENAM OS PASSOS DÉCIMO TERCEIRO E DÉCIMO QUARTO DA FACULDADE DE ANAMNESE: CHEGANDO ALI, NA CÂMARA DE RETORNO, PODERÁ "VIRAR E VOLTAR" À CÂMARA DE ENTRADA E SAÍDA, DE ACORDO COM O DÉCIMO QUINTO PASSO.

Esta resposta, e os atos que descrevem os passos mencionados, nos avisam sobre um comportamento estranho, "anormal", por parte das portas χ (Chi) e o espaço intermediário da câmara de passagem. Sem pretender explicar POR QUE as coisas ocorrem desse modo, COMO pode ser possível que UMA "PORTA" PERMITA "ENTRAR" EM UM RECINTO, MAS NÃO "SAIR" DO MESMO, A MENOS QUE PRIMEIRO SE ATRAVESSE UMA SEGUNDA PORTA DE "RETORNO". A resposta surgirá após uma análise ontológica do conceito "PORTA" e de definir o conceito de PORTA EXPANDIDA.

Comecemos, pois, pela definição de PORTA, valendo-nos da figura 82. As áreas A e B representam dois recintos, separados completamente entre si por uma parede central na qual se praticou o vão (χ): apenas ATRAVÉS desta abertura é possível PASSAR de um recinto ao outro e vice-versa. Em síntese: UMA "PORTA" É O VÃO, ABERTURA, BURACO, CORTE, ETC., EXISTENTE NA PAREDE QUE SEPARA DOIS RECINTOS E POR ONDE ESTES SE CONECTAM PARA POSSIBILITAR A PASSAGEM.

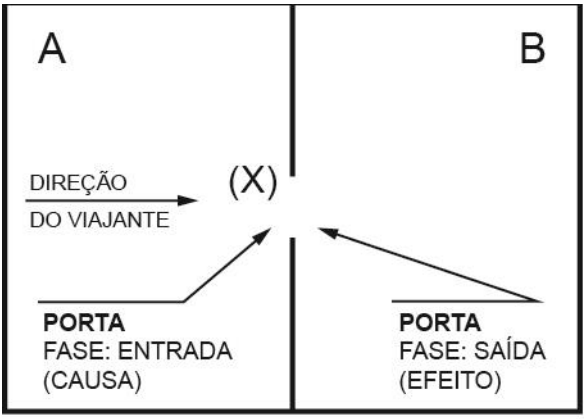


FIGURA 82

É possível, em consequência, definir FUNCIONALMENTE toda PORTA, uma vez que sua existência tem a finalidade de conectar dois recintos e permitir a PASSAGEM de um ao outro; vale dizer, TODA PORTA CUMPRE A FUNÇÃO DE "PERMITIR PASSAR". Com termos precisos, diremos que, EM GERAL, TODA PORTA SE CARACTERIZA POR SUA "FUNÇÃO PASSAGEM".

A FUNÇÃO PASSAGEM, assim definida, é GERAL para "toda porta" e não recebe, portanto, DETERMINAÇÕES PARTICULARES: isto quer dizer que, sem restrições, a FUNÇÃO PASSAGEM regula o CRUZAMENTO da porta em AMBOS OS SENTIDOS. Por isso, EM GERAL, a função passagem é BIUNÍVOCA: a porta (X), permite a passagem, BIUNIVOCAMENTE, do recinto A ao B e do B ao A.

Contudo, EM PARTICULAR, a função passagem poderia receber a determinação de permitir a passagem EM UM SÓ SENTIDO, por exemplo, somente de A a B ou somente de B a A; é o que ocorre, por exemplo, na válvula de uma garrafa de ar comprimido, considerada alegoricamente como "porta": permite a ENTRADA de mais ar do exterior A ao interior B, mas impede a SAÍDA do ar do interior B ao exterior A; uma válvula tal, de "uma via", apresenta um caminho UNÍVOCO para o ar, o que conduz a interpretar seu comportamento mediante uma FUNÇÃO UNÍVOCA; em certo sentido, a PORTA DE UMA PRISÃO cumpre uma FUNÇÃO UNÍVOCA para os prisioneiros que se veem obrigados a PASSAR por ela: o prisioneiro, cuja sentença está vigente, verá que a PORTA da prisão SÓ SE ABRE PARA ENTRAR, MAS NÃO PARA SAIR; se o prisioneiro tenta regressar pelo mesmo caminho, sem cumprir a sentença, UM SENTINELA O IMPEDIRÁ.

Exemplos à parte, a FUNÇÃO PASSAGEM de uma determinada porta pode ser BIUNÍVOCA, passagem em ambas as DIREÇÕES, ou UNÍVOCA, passagem em uma ÚNICA DIREÇÃO. Em todo caso, deve ser claro que ambos os modos UNÍVOCOS da função passagem são FUNCIONALMENTE idênticos. Com outras palavras, A PASSAGEM UNÍVOCA DE A PARA B É FUNCIONALMENTE IDÊNTICA À PASSAGEM UNÍVOCA DE B PARA A.

Em todos os casos, a função passagem se manifesta como LEI DE CAUSA E EFEITO, quer dizer, como uma lei cujo desenvolvimento consta de DUAS FASES, uma CAUSAL e outra EFETIVA. Para comprová-lo, vamos definir algumas condições na figura 82.

Em primeiro lugar, observemos a parede que separa os recintos A e B; é evidente que um lado da parede fica em frente ao recinto A e que o outro lado fica em frente ao recinto B: supondo que se trata de uma parede pontual, ou que SUA ESPESSURA É MÍNIMA, consideraremos a mesma como uma SUPERFÍCIE BILATERAL.

Em segundo lugar, estabeleçamos que a porta (X) permita UNIVOCAMENTE a passagem de A para B: uma seta indica na figura a DIREÇÃO de um viajante que se presta a PASSAR pela porta (X). Sobre este viajante atuará a função passagem da porta (X), impondo-lhe, segundo vimos, uma lei de causa e efeito.

Analisemos, agora, a LEI DE PASSAGEM. A função passagem da porta (X) consiste, concretamente, em possibilitar ao viajante a passagem de A para B: UMA VEZ QUE O VIAJANTE, EM UM PRIMEIRO MOMENTO, ESTÁ EM A, E NO SEGUINTE EM B, É ÓBVIO QUE A LEI DEVE CONSTAR NECESSARIAMENTE DE DUAS FASES; tal condição, por outro lado, é inevitável, pelas determinações topológicas que introduz a configuração do problema: DOIS recintos separados completamente por UMA parede bilateral com UMA porta de passagem na mesma. A PRIMEIRA FASE, quando o viajante está em A, recebe o nome de ENTRADA, quer dizer, entrada NA PORTA; a SEGUNDA FASE, quando o viajante PASSOU ao recinto B, denomina-se SAÍDA, quer dizer, saída DA PORTA. Resumindo, O CARÁTER FUNCIONAL DE TODA PORTA EXIGE UMA "PASSAGEM" COMPOSTA DE ENTRADA E SAÍDA.

Mas, de acordo ao afirmado, ambas as fases da LEI DE PASSAGEM estão em relação de causa e efeito, quer dizer que A PRIMEIRA FASE É A CAUSA DA SEGUNDA ou que A SEGUNDA FASE É O EFEITO DA PRIMEIRA. Com outros termos, sinônimos, A ENTRADA (na porta) É A CAUSA DA SAÍDA (na porta) ou, A SAÍDA (da porta) É O EFEITO DA ENTRADA (na porta). Esta lei se comprova facilmente: NINGUÉM "ENTRA" EM UMA PORTA UNÍVOCA SEM "SAIR" e, inversamente, NINGUÉM "SAI" DE UMA PORTA UNÍVOCA SEM TER "ENTRADO".

Que conclusão devemos extrair desta análise que nos seja útil para compreender as funções das portas χ (Chi)? Resposta: QUE EM TODA PORTA "NORMAL", TAL COMO (X) NA FIGURA 82, A LEI DE PASSAGEM CONSTA DE "DUAS" FASES, ENTRADA E SAÍDA, SEM ABSOLUTAMENTE NENHUM "TERMO MÉDIO". VALE DIZER, À "ENTRADA" SEGUE CAUSALMENTE A "SAÍDA", SEM POSSIBILIDADE DE DEFINIR UM ESTADO OU FASE INTERMEDIÁRIA. Mais claramente: se o viajante da figura 82, do recinto A, ENTRA na porta (X), imediatamente SAI no recinto B, sem possibilidade de permanecer em um estado intermediário ENTRE a entrada e a saída; a condição imposta à parede separadora, de ser BILATERAL, deve nos permitir intuir a impossibilidade de que o viajante possa permanecer entre dois lados carentes de espessura; na realidade, a lei de passagem é CONTÍNUA: UMA SÓ PASSAGEM CONTÍNUA FORMADA POR DUAS FASES; quando o viajante inicia a passagem, de A, ENTRA na porta (X), mas, antes de concluir a passagem, SAI no recinto B; naturalmente, há um momento, DURANTE a passagem, no qual o viajante está ENTRANDO por A e SAINDO por B: nesse caso, o critério justo é: A PARTE DO VIAJANTE QUE ESTÁ EM A "ENTRA", E A PARTE DO VIAJANTE QUE ESTÁ EM B "SAI"; e como a porta carece de espessura, NENHUMA PARTE DO VIAJANTE FICA FORA DAS DUAS ÚNICAS FASES DA LEI DE PASSAGEM.

Por último, vamos convir em que a função passagem determina com força de lei natural a passagem através da porta (X): ao passar por ela, sempre se está entrando ou saindo, sendo impossível permanecer em um estado intermediário; não há, ENTRE as duas paredes, um local onde o viajante possa estar sem entrar nem

sair, pois NÃO É POSSÍVEL ALTERAR A SEQUÊNCIA ENTRADA-SAÍDA DA LEI DE CAUSA E EFEITO: QUEM ENTRA PELA PORTA DEVE NECESSARIAMENTE SAIR DA PORTA.

Chegamos à conclusão de que a função de passagem determina uma passagem contínua através da porta (X); NÃO É POSSÍVEL DETER A PASSAGEM EM UM LUGAR INTERMEDIÁRIO DAS FASES: OU SE ESTÁ ENTRANDO OU SE ESTÁ SAINDO DA PORTA. Contudo, vamos supor que, com um procedimento que não vem ao caso, somos capazes de modificar o modo de ser "normal" da porta X e criar um local ENTRE as fases de entrada e saída: EM TAL LUGAR, O VIAJANTE PODERÁ PERMANECER SEM ALTERAR A LEI DE PASSAGEM, MAS, NO QUANTO CONCERNE À PASSAGEM, DEVERÁ OBEDECER A SEQUÊNCIA CAUSAL ENTRADA-SAÍDA. Vale dizer, que APÓS "ENTRAR" NA PORTA, PODERÁ PERMANECER INDEFINIDAMENTE SEM "SAIR" E, INCLUSIVE, EFETUAR OUTROS ATOS; MAS, QUANDO TENTE CONTINUAR A PASSAGEM, INEVITAVELMENTE DEVERÁ COMPLETAR A SEGUNDA FASE DA LEI E "SAIR". A figura 83 nos ilustrará sobre esta monstruosa alteração da "normalidade" da porta X.

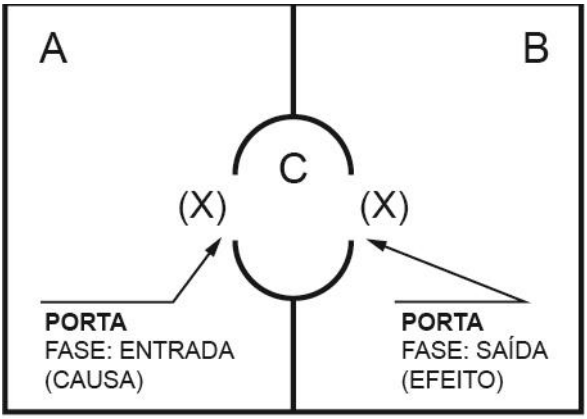


FIGURA 83

Vemos que agora, além dos recintos A e B, existe um terceiro recinto C, ENTRE DUAS PORTAS (X): mas, na realidade, NÃO SE TRATA DE "DUAS PORTAS", SENÃO DAS DUAS FASES DA MESMA PORTA (X) DA FIGURA 82, QUE AQUI APARECEM SEPARADAS, PARA DAR LUGAR AO LOCAL C, "ENTRE FASES". De acordo a isto, a porta (X) da figura 83 se caracteriza por duas funções: a FUNÇÃO PASSAGEM e a FUNÇÃO ENTRE-PASSAGEM. Uma porta tal se denomina PORTA DE PASSAGEM EXPANDIDA ou, simplesmente, "PORTA EXPANDIDA".

Na porta expandida da figura 83, a função passagem possibilita a passagem do recinto A ao recinto B, segundo uma lei de causa e efeito que rege a sequência ENTRADA-SAÍDA: se um viajante aproveita a função passagem, deve necessariamente cumprir a sequência ENTRADA-SAÍDA. Mas se o viajante decide

utilizar a função entre-passagem, então, após ENTRAR na porta (X) por A (figura 82), poderá deter-se no local entre-passagem C (figura 83) e permanecer ali sem SAIR para o recinto B. Entretanto, nem bem DECIDA RETOMAR A PASSAGEM, deverá completar inevitavelmente a sequência da lei causal e SAIR para o recinto B.

É claro que, para representar analogicamente as funções de uma porta expandida, se requerem as duas figuras descritas, quer dizer, a 82 e a 83. Assim, quando o viajante se submete à lei de passagem, a porta (X) responde à figura 82: a parede separadora é então bilateral e a porta carece de espessura; o viajante, uma vez que ENTRA ao recinto A deve necessariamente SAIR para o recinto B. Em troca, quando o viajante se rege pela função entre-passagem, a porta (X) adota a forma da figura 83: a parede separadora apresenta, então, uma espessura EXPANDIDA "C", que não altera a função passagem, mas que permite A SUSPENSÃO DA PASSAGEM, a situação ENTRE FASES, quer dizer, a ENTRE-PASSAGEM; o viajante, uma vez que ENTRA ao recinto A, pode PERMANECER ilimitadamente no local entre-passagem C, mas, se decide retomar a passagem, "deverá completar inevitavelmente a sequência da lei causal e SAIR para o recinto B".

E agora vamos extrair a conclusão final de toda a análise. SE O VIAJANTE PENETROU EM UMA PORTA EXPANDIDA, GUIANDO-SE PELA FUNÇÃO ENTRE-PASSAGEM, E SE ENCONTRA SITUADO NO RECINTO C, EM NENHUM CASO PODERÁ REGRESSAR AO RECINTO A SEM COMPLETAR A SEGUNDA FASE; NINGUÉM PODE ALTERAR A SEQUÊNCIA DA LEI DE PASSAGEM: QUEM "ENTRA", COM EFEITO, DEVE "SAIR"; NÃO IMPORTA QUANTO PERMANEÇA E QUANTO FAÇA O VIAJANTE EM C: SE PROCEDE DE **A**, NÃO PODERÁ REGRESSAR A **A** SEM SAIR PARA **B**; PERMANECER EM **C** SÓ SUSPENDE A LEI DE PASSAGEM, MAS NÃO A ANULA: SE SE RETOMA A PASSAGEM, INEVITAVELMENTE, TERÁ QUE SAIR PARA **B**.

Percebamos, por outro lado, que o "regresso", em termos de movimento, requer um GIRO do viajante, um voltar-se para a direção original e avançar em sentido contrário: SE A "DIREÇÃO" DO VIAJANTE É DE **A** PARA **B**, SÓ UM "GIRO" DE UM ÂNGULO COMPLETO LHE COLOCARÁ EM SITUAÇÃO DE AVANÇAR EM SENTIDO CONTRÁRIO, QUER DIZER, DE **B** PARA **A**. Pois bem, a relação condicionante que existe entre a função passagem e a função entre-passagem pode representar-se alegoricamente como A IMPOSSIBILIDADE DE QUE O VIAJANTE SITUADO EM C TERIA PARA "GIRAR" PARA A FASE DE ENTRADA E REGRESSAR PELO CAMINHO INVERSO: TODO MOVIMENTO NESSE SENTIDO IMPLICA EM RETOMAR A PASSAGEM, DEVOLVER À PORTA SUA FUNÇÃO NATURAL; MAS, COMO PARA CHEGAR A C É NECESSÁRIO TER "ENTRADO", TER SE SUBMETIDO À FASE DE ENTRADA, É CLARO QUE ESSA CAUSA MANTÉM PENDENTE A CONCRETIZAÇÃO DE SEU EFEITO, O QUAL CONSISTE NA SAÍDA PARA O RECINTO B; NÃO PODERÁ O VIAJANTE ESCAPAR DESSA ESSA LEI: E ISSO EQUIVALE A QUE, TENDO "ENTRADO" EM **A** "OLHANDO", OU EM "DIREÇÃO", PARA **B**, NÃO PODERIA "GIRAR" EM **C**, PARA REGRESSAR PARA **A**. Na verdade, o local C só existe para a função entre-passagem: em todos os casos, o viajante "retoma a passagem", o local C deixa de existir para a função passagem e o cruzamento se realiza de acordo com a figura 82.

Após atravessar uma porta expandida, e somente no caso em que a função passagem seja biunívoca, poderá o viajante procedente do recinto A regressar ao mesmo: E O FARÁ DO RECINTO C, APÓS "GIRAR", OU SEJA, DE RE-TORNAR, PARA A PORTA (X, B). A PORTA APRESENTARÁ, ENTÃO, UMA LEI DE PASSAGEM INVERSA: A "ENTRADA" ESTARÁ NO RECINTO B E A "SAÍDA" NO RECINTO A.

Não escapará à perspicácia do leitor que a PORTA EXPANDIDA que definimos é algo mais do que uma mera hipótese: com efeito, o conceito de porta expandida compreende perfeitamente as portas χ (Chi) do Registro cultural e justifica os passos Décimo Terceiro, Décimo Quarto e Décimo Quinto da faculdade de anamnese. Antes de tudo, há que se estabelecer que as portas χ (Chi) da figura 81 são análogas às portas (X) da figura 83, quer dizer, NÃO SÃO "PORTAS", SENÃO REPRESENTAÇÕES DAS FASES DA FUNÇÃO PASSAGEM, quer dizer, DUAS FASES SEPARADAS DE UMA ÚNICA PORTA. O I.H.P.C., ao ingressar na câmara de entrada, com o Oitavo passo, encontra-se em situação análoga ao viajante da figura 82: a "câmara de entrada" do Registro cultural é análoga ao "recinto A" e a "primeira porta (χ) (Chi)" é só a fase de "entrada" de uma PORTA EXPANDIDA REAL. Esta porta exerce sobre o I.H.P.C. duas funções: uma FUNÇÃO PASSAGEM e uma FUNÇÃO ENTRE-PASSAGEM. A função passagem consta de duas fases, uma de ENTRADA e outra de SAÍDA: se o I.H.P.C. se dirige para a porta (χ) (Chi) com intenção de PASSAR, o passo Décimo o pode conduzir diretamente à câmara de retorno, através da fase de SAÍDA, quer dizer, através da "segunda porta (χ) (Chi)". Mas se o I.H.P.C. cumpre o Décimo Primeiro passo e se situa no núcleo transitativo, ou câmara de entre-passagem, estará localizado em uma área análoga ao recinto C da figura 83: rege então a função entre-passagem da porta expandida que permite permanecer em um local intermediário, ENTRE a entrada e a saída. Na câmara de entre-passagem, o I.H.P.C. pode executar todo tipo de atos, desde a contemplação dos objetos axiológicos transituáveis até sua própria transituação em outro espaço de significação: o que, com certeza, não poderá fazer, é regressar à câmara de entrada através da porta (χ) (Chi): para consegui-lo, com efeito, o I.H.P.C. deverá "GIRAR", mudar a direção com a qual ENTROU na câmara de entre-passagem, e voltar-se para a porta (χ) (Chi) "fase de entrada", algo que, como sabemos, é impossível de realizar em uma porta expandida: toda tentativa nesse sentido equivale a "retomar a passagem", quer dizer, coloca o I.H.P.C. sob a ação da lei de passagem e o obriga a SAIR pela "segunda porta (χ) (Chi)" ou "fase de saída". A função passagem se manifesta como lei de causa e efeito, determinando a sequência ENTRADA-SAÍDA, vale dizer, ENTRADA à porta (χ) (Chi), desde a câmara de entrada e SAÍDA da porta (χ) (Chi) para a câmara de retorno: enquanto o I.H.P.C. utiliza a função entre-passagem, e permanece na câmara de entre-passagem, esta lei fica suspensa; mas assim que o I.H.P.C. "retoma a passagem", a lei de passagem atua COMO SE NÃO EXISTISSE A CÂMARA DE ENTRE-PASSAGEM e o obriga a SAIR até a câmara de retorno, quer dizer, a cumprir a sequência causal.

Entende-se, agora, que o Décimo Terceiro passo, "ABRIR a segunda porta (χ) (Chi)", o Décimo Quarto, "SAIR da câmara de retorno", e o Décimo Quinto, "RETORNAR ao próprio contexto habitual através da câmara de entrada", obedecem a determinações inevitáveis da porta expandida. Assim, se o I.H.P.C. se encontra na câmara de entre-passagem, o Décimo Terceiro passo, abrir a segunda porta (χ) (Chi) implica em RETOMAR A PASSAGEM, permitir que atue a lei causal da função passagem; o Décimo Quarto, SAIR para a câmara de retorno, significa cumprir a segunda fase da função passagem e chegar a um local análogo ao recinto B da figura 83; e o Décimo Quinto passo, RETORNAR à câmara de entrada, demonstra que a porta expandida real é BIUNÍVOCA e que na câmara de retorno é possível, por fim, GIRAR e ficar em frente à porta (χ) (Chi) com direção oposta: uma lei de passagem inversa disporá então que a segunda porta (χ) (Chi) atue como fase de entrada, desde a câmara de retorno, e que a primeira porta (χ) (Chi) se comporte como fase de saída para a câmara de entrada.

Já sabemos que, se o I.H.P.C. está situado na câmara de entre-passagem lhe é impossível VIRAR para a fase de entrada da porta (χ) (Chi), qualquer movimento neste sentido significa "retomar a passagem", ceder à determinação da lei de passagem que obriga a efetuar a fase de saída. Não obstante, poderia ocorrer que um Iniciado inexperiente tentasse realizar o GIRO proibido; o que experimentaria nesse caso? Resposta: Talvez se intua por que não é possível GIRAR, se se pensa na POLIDIMENSIONALIDADE DO ESPAÇO CÔNICO DO NÚCLEO TRANSITATIVO e se recorda que todo movimento do I.H.P.C. equivale a uma MUDANÇA DE PERSPECTIVA e, portanto, a uma efetiva TRANSITUAÇÃO: NO NÚCLEO TRANSITATIVO, CADA MOVIMENTO PONTUAL DO I.H.P.C. O APROXIMA DE UMA DIMENSÃO ESPACIAL DIFERENTE; POR ISSO, TODO "GIRO" DO I.H.P.C. CONSISTE NA REALIDADE NA EFETIVA TRANSITUAÇÃO POR UMA SUCESSÃO DE ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO QUE, DE NENHUMA MANEIRA, CONDUZEM "DE VOLTA" À FASE DE ENTRADA DA PORTA χ (Chi), SENÃO A OUTROS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO APROXIMADOS.

E, com respeito ao último passo da faculdade de anamnese, o Décimo Sexto que descreve uma SAÍDA alternativa DESDE a câmara de retorno PARA o mundo exterior, só podemos assegurar, sem oferecer outras explicações, que o I.H.P.C. NÃO ENCONTRARÁ ALI, COMO CABERIA ESPERAR DE UM RACIOCÍNIO PUERIL, O CONTEXTO HABITUAL DO OBJETO CULTURAL REFERENTE. Pelo contrário, a saída pelo tampa-signo (E) (ver figura 81), conduz a um MUNDO INVERSO, quer dizer, a um CONTEXTO AXIOLÓGICO DE VALORES EXATAMENTE INVERSOS AOS DO CONTEXTO HABITUAL DO I.H.P.C.: a impressão recebida será, alegoricamente falando, a de ter penetrado em um ESPELHO AXIOLÓGICO. Explicar os motivos estratégicos que poderiam impulsionar os Iniciados Hiperbóreos a explorar um mundo semelhante fica fora dos alcances destes Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea; só havemos de sugerir, para estimular a intuição dos viryas perdidos, um possível motivo: A REGRESSÃO ORGÂNICA DO MICROCOSMO ATÉ UM DETERMINADO LIMITE E SUA FIXAÇÃO POR DETENÇÃO DO PROCESSO EVOLUTIVO. No mundo inverso, e este é um grande segredo, encontra-se A ÚNICA E VERDADEIRA FONTE DA JUVENTUDE.

F8 – Solução ao Enigma de Xano.

O Enigma de Xano ou Jano é a última forma de um antiquíssimo Mistério Hiperbóreo. Foi revelado pelos Siddhas Leais à Ordem medieval Einherjar, fundada por John Dee, e transcrito por seus Iniciados em latim. Nessa forma chegou até a Ordem de Cavalheiros Tirodal da República Argentina, em nossos dias, sendo traduzida ao idioma castelhano, na versão que se oferece em seguida; todo o artigo "F" pode se considerar como uma solução ao Enigma de Xano, uma vez que seu mistério se refira, como é evidente, à faculdade de anamnese dos Iniciados Hiperbóreos:

O Enigma de Jano (ou Xano)

1 – Há uma porta que está nas coisas e que a outra porta logo transporta.

2 – Entre ambas as portas está o esquecimento, pobre daquele que se perdeu!

3 – Ambas as portas se chamam Chi (χ), primeiro observe antes de abrir!

4 – Quem observa a primeira Chi (χ) não só vê, já está ali!

5 – Quem observa a segunda Chi (χ), se o deseja, pode sair!

6 – Mas se sai, já não será o mesmo que foi ao entrar!

7 – Tudo ao revés, como um espelho, é esse mundo onde és velho!

8 – Mas se jovem desejas ser, por caminho inverso podes voltar!

ÍNDICE GERAL

PRIMEIRO TOMO: O VIRYA PERDIDO E O FATO CULTURAL 2

SEGUNDA CARTA AOS ELEITOS 2

I - Saudações aos Eleitos que vão instruir-se na Ética noológica, quer dizer, àqueles que começam, desde hoje, a receber os tomos correspondentes à Segunda Parte do Livro Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. 2

II - O Dia do Espírito 2

III - O "despertar" do virya perdido 3

IV - Conhecimento prévio da Estratégia inimiga. 6

V - O perfil do Eleito. 6

VI - Esclarecimentos sobre os conceitos de nazismo esotérico e dureza espiritual empregados em V. 14

VII — Comentário e saudação final. 15

O VIRYA PERDIDO E O FATO CULTURAL 17

A - A "cultura", objetivo da sociedade pasu. 17

B - Objetos culturais externos e internos. 18

C - Cultura externa e interna. 19

D - Correspondências analógicas entre micro e macrocosmo. 21

E - As "Idades" da História. 35

F - Análise crítica do conceito oficial de Idade. 35

G - Conceito arquetípico de "Idade". 39

H - Fato natural, fato histórico e fato cultural. 42

I - A superestrutura do fato cultural. 51

J - A dupla origem da "Idade de Ouro". 56

IV - AS QUATRO IDADES 57

K - A situação atual do virya perdido. 59
SEGUNDO TOMO: O SÍMBOLO SAGRADO DO PASU 64
A - Analogia gráfica da "lei de evolução". 64
B - A espiral, símbolo sagrado. 66
C – O caracol e a serpente. 68
D - Progresso, valor e hierarquia ôntica. 74
D1 - Progresso e valor da evolução do ente. 75
D2 - Determinação formal do ente. 76
D3 – Hierarquia ôntica. 77
D4 – Progresso e lei de evolução. 77
D5 - Ética psicológica do pasu e Ética noológica do virya. 77
E – Noção de "desígnio demiúrgico". 80
E1 – Resumo sobre "desígnio demiúrgico". 80
E2 – Análise da classificação racional. 81
E3 – Espécie e gênero dos entes externos. 83
E4 – O SER EM SI do ente externo. 87
E5 – O Arquétipo gravis. 89
E6 – O núcleo indiscernível dos entes. 96
E7 – O Olho de Abraxas. 97
E8 – Modelo de desígnio do ente externo. 100
E9 – O SER-PARA-O-HOMEM do ente externo. 104
E10 – Estudo analógico de um ente concreto. 107
E11 - Gnoseologia do desígnio ou ser-para-o-homem. 113
E12 – Estudo analógico do desígnio átomo. 116
E13 – Conceito sintético de desígnio demiúrgico. 121
F – Relação hierárquica entre desígnios. 124

G – Estudo analógico do desígnio pasu. 129

H – O sentido como caminho. 132

I – Os Siddhas Traidores ressignificam o símbolo sagrado do pasu. 134

J – Estudo analógico da ressignificação do símbolo sagrado do pasu. 139

K – De como o encadeamento espiritual causa o desenvolvimento do esquema de si mesmo. 149

L – O caminho LABRELIX, labirinto interior. 151

M - Correspondências analógicas entre o ponto tetrarque e a runa gibur. 152

TERCEIRO TOMO – MEMÓRIAS MICROCÓSMICAS E REGISTRO MACROCÓSMICO 154

A – Definição ontológica da memória. 154

B - Definição funcional da memória. 157

C - Faculdade de recordar. 157

D – Análise da recordação. 159

E – Definição funcional de "Registro". 162

F - Registro ôntico. 163

G - Estudo analógico do Registro ôntico. 165

H - Conclusões sobre o Registro ôntico. 172

I - Exploração do Registro ôntico. 173

J – Registro ôntico do pasu. 174

K – Setores inatos do Registro ôntico do pasu. 176

QUARTO TOMO – O MICROCOSMO COMO ORGANISMO 180

A – Relação hierárquica entre microcosmo e os entes externos. 180

B – O "princípio plasmador microcósmico" ou Logos Kundalini. 181

C – A "missão" do Logos Kundalini. 182

D – Definição estrutural do conceito de chakra. 183

E – O princípio plasmador assenta-se no gérmen microcósmico. 185

F – A função geral orgânica. 188

G – Ação de controle do Logos Kundalini. 190

H – Conceito geral de estabilidade. 192

I – Conceito prévio. 199

J – Conceito estrutural de estabilidade. 203

K – Estabilidade do processo evolutivo do gérmen microcósmico. .. 204

L – Significado da missão do Logos Kundalini. 211

M – Correspondência analógica entre o Aspecto Logos do Demiurgo e o Logos Kundalini. 213

N – O Yoga: iniciação na Hierarquia Branca de Chang Shambala. 215

O – Estudo analógico do "grande salto" e do "escoamento" do Símbolo da Origem. 219

P – Significado analógico da abertura do globo de Akasa. 226

Q – O yoga sinárquico e o Tantra yoga. 228

R – Estudo analógico do "objetivo hiperbóreo" do Tantra yoga. 231

S – O "PONTO TAU". 235

T – O conceito de "imortalidade" no yoga sinárquico e no Tantra yoga. 238

QUINTO TOMO – SUPERESTRUTURAS E REGISTROS CULTURAIS 242

A - Resumo sobre "superestruturas" e "objetos culturais". 242

B – Estudo analógico do "objetivo macrocósmico da finalidade do pasu". 247

C – Interpretação metodológica da "correspondência axiológica": O postulado essencial. 251

D – Modelo analógico de "superestrutura". 256

E – Estudo analógico das superestruturas. 259

E1 – Correspondência analógica entre o modelo de superestrutura e a superestrutura real. 259

E2 – Proposições IV e V. 260

E3 – Proposições VI e VII. 261

E4 – Proposição VIII. 262

E5 – Caráter absoluto da infraestrutura e caráter relativo da estrutura. 263

E6 - Primeiro caso: relatividade geral do valor geométrico no cubo estrutural. 264

E7 – Segundo caso: relatividade especial do valor geométrico no cubo estrutural. 265

E8 – Significado da relatividade especial de valor geométrico. 266

E9 – Proposição IX. 269

E10 – Superestrutura e valor geral dos objetos culturais. 272

E11 – Superestruturas e valor particular dos objetos culturais. 276

E12 – Estudo analógico de um sistema real. 280

E13 – Os Aspectos do Demiurgo e o sistema real. 284

E14 – Conteúdo e dimensões do registro cultural. 290

F – Faculdade de anamnese do Iniciado Hiperbóreo. 297

F1 – Escada Caracol e Escada Infinita. 298

F2 – Poder da faculdade de anamnese. 299

F3 – Os dezesseis passos ativos da faculdade de anamnese. 300

F4 – Constituição de um sistema real. 301

F5 – Representação analógica da SITUAÇÃO do Eu: I.H.P.C. 302

F6 – Exploração visual do Registro cultural. 302

F7 – Exploração física do Registro cultural. 305

F8 – Solução ao Enigma de Xano...... 322



LUIS FELIPE MOYANO

Se "O Mistério de Belicena Villca' é a melhor carta de apresentação para um escritor prodígio como Nimrod de Rosario, "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constituem os mais altos cumes que pode alcançar um ser humano em seu empenho em superar qualquer limitação que afeta, necessária e intrisecamente, a perfeição humana na consecução de um êxito em qualquer campo, concretizando para a posteridade o mais extraordinário trabalho científico-literário que o mundo conheceu. Neste contexto, não há palavras na língua portuguesa para catalogar este colossal trabalho de investigação científico/esotérico/gnóstico. Concebido em 14 tomos, "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" simplesmente são a mais alta sabedoria à qual pode ter acesso o homem, em qualquer tempo e contexto. "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constelam o maior esforço jamais realizado pelo homem para resolver o mistério integral de nossa existência e de todo o universo.

O EDITORIAL